

OMNIBUS

LATIM PARA TODOS

MÉTODO E GRAMÁTICA CONSULTIVA COM SEÇÕES DE
PRÁTICA DE TRADUÇÃO, LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E
LITERATURA LATINA CLÁSSICA

LICENÇA LIVRE PARA USO E REPRODUÇÃO SEM FINS COMERCIAIS

LUIZ QUERIQUELLI

QUOTIDIANA

2024

Queriquelli, Luiz.

Omnibus, latim para todos: método e gramática consultiva com seções de prática de tradução, linguística histórica e literatura latina clássica / Luiz Queriquelli. Florianópolis: Quotidiana, 2024.

ISBN 979-83-3209-523-8

1. Latim - Atividades, exercícios etc. 2. Latim - Estudo e ensino 3. Latim - Gramática 4. Vocabulários I. Queriquelli, Luiz. II. Título. III. Série

11-01845

CDD-470.07

Índices, para catálogo sistemático:

1. Latim: Estudo e ensino 470.07

Elaborado por:

Alexandre Pedro de Oliveira

CRB 14/1167

Omnibus, latim para todos

Os direitos autorais desta obra pertencem a Luiz Queriquelli. Contudo, seu uso e reprodução sem fins comerciais estão liberados, conforme a licença Creative Commons “Atribuição + Não-Comercial”.

Edição, revisão e capa: Editora Quotidiana

Professor Bayer Filho, 60, Sala 207 - CEP 88080-300 - Tel.: (48) 988191463
editoraquotidiana@gmail.com

ISBN 979-83-3209-523-8

Sumário

Apresentação	1
Seção A	3
Pontos de língua	3
A1 Função sintática e caso	3
A2 Declinações	5
A3 Conhecimentos básicos para o uso de um dicionário latino	7
A4 Grafia e prosódia do latim	9
A5 Características morfossintáticas do latim	11
A6 Verbo <i>sum</i>	12
A7 Presente do indicativo ativo (1a e 2a conjug.)	13
A8 Substantivos da 1a e 2a declinações	14
A9 Preposições	15
Exercícios - Pontos de língua da Seção A	16
Prática de leitura e tradução da Seção A	17
Texto 1 – Comoedia noua	17
Texto 2 - Augurium	18
Texto 3 - Lex de vitae exitu	19
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: as vogais átonas e o latim	20
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção A	21
<i>Litterae Latinae</i> : cronologia geral e comédia nova	21
A comédia nova	22
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	24
Para se desafiar	24
Seção B	25
Pontos de língua	25
B1 Substantivos da 3a declinação	25
B2 Substantivos neutros	26
B3 Adjetivos	28
B4 Substantivo irregular da 2a declinação (<i>deus</i>)	30
B5 Vocativo e aposto	30
B6 Presente do imperativo ativo da 1a e 2a conjug.	31
B8 Presente do indicativo ativo (<i>eo</i>)	31
B9 Pronomes possessivos e pronomes pessoais	32
Exercícios - Pontos de língua da Seção B	33
Prática de leitura e tradução da Seção B	35
Texto 1 – Humani di	35
Texto 2 - Obscuratio praesidis	36
Texto 3 - Corpus humanum	37
Texto 4 - Excertos da Vulgata de Jerônimo	39
Texto 5 - Non omnibus medicamen	39
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: queda de /s/ final e desnasalização	40
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção B	42

<i>Litterae Latinae</i> : o Anfitrião de Plauto e os personagens duplos da comédia nova	42
O Recurso dos Personagens Duplos.....	42
O "Anfitrião".....	42
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	44
Para se desafiar	44
1. Lupus homini.....	44
2. Adulescens moritur.....	45
3. Nervus belli.....	45
4. Amentes.....	45
5. Consilia aegrotis.....	45
6. Egoismum turpe.....	46
Seção C	47
Pontos de língua.....	47
C1 Pronomes interrogativos.....	47
C2 Presente do indicativo ativo: 3a e 4a conjugações.....	48
C3 Verbos irregulares <i>nolo</i> e <i>féro</i>	49
C4 Presente do imperativo (continuação)	50
C5 Perguntas em <i>-ne</i>	51
C6 Infinitivo presente ativo	51
C7 Dativo: conceito e usos	51
C8 Ablativo de descrição.....	52
C9 Genitivo partitivo	53
Exercícios - Pontos de língua da Seção C.....	53
Prática de leitura e tradução da Seção C.....	56
Texto 1 - Tragoediae Enii	56
Texto 2 - Epigramas de Marcial.....	57
Texto 3 - Excertos da Vulgata de Jerônimo.....	60
Texto 4 - Notícias em latim	60
Texto 5 - Latim medieval	64
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: variação de gênero gramatical e classes nominais temáticas	65
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção C.....	72
<i>Litterae Latinae</i> : a tragédia latina.....	72
Principais Autores e Obras	73
Razões para o Sucesso Menor da Tragédia	74
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	75
Para se desafiar	76
Seção D	78
Pontos de língua.....	78
D1 Futuro do indicativo ativo.....	78
D2 Futuro de <i>sum, eo, uolo</i>	80
D3 <i>Possum, nolo, malo</i> : presente e futuro do indicativo	81
D4 Numerais cardinais (1-10, 100-1000).....	82
D5 Substantivos de 4a declinação: <i>manus</i>	83
D6 <i>Domus</i>	84
D7 Monossílabos de 3a declinação.....	85

D8 Depoentes: presente do indicativo, imperativo, infinitivo	85
D9 <i>Noli</i> + infinitivo (imperativo negativo)	87
D10 Substantivos de 5a declinação: <i>res</i>	87
D11 <i>Nullus, alter</i>	88
Exercícios - Pontos de língua da Seção D	89
Prática de leitura e tradução da Seção D	91
Texto 1 - Aurea aetas litterarum Latinarum	91
Texto 2 - Excertos da Vulgata de Jerônimo	93
Texto 3 - Notícias em latim	94
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: negação repetitiva	95
A negação repetitiva e o latim	96
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção D	98
<i>Litterae Latinae</i> : a épica latina	98
Virgílio e a Eneida	98
Ovídio e as Metamorfoses	99
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	100
Para se desafiar	101
Seção E	104
Pontos de língua	104
E1 <i>Hic, is e ille, idem e nemo</i>	104
E2 Perfeito do indicativo ativo	106
E3 Depoentes: futuro e perfeito do indicativo	107
E4 Semidepoentes: <i>soleo, fio, audeo</i>	108
E5 Ablativos: expressões de tempo, instrumento e meio	108
E6 Genitivo de valor	109
E7 Acusativo de tempo	109
E8 Adjetivos comparativos e superlativos	109
E9 Advérbios	110
E10 Particípios perfeitos e futuros	111
E11 Partículas interrogativas: <i>nonne e num</i>	112
E12 Dativos: aprofundamento	113
Exercícios - Pontos de língua da Seção E	115
Prática de leitura e tradução da Seção E	117
Texto 1 - Cícero in Catilinam	117
Texto 2 - Epigramas de Marcial	118
Texto 3 - Excertos da Vulgata de Jerônimo	119
Texto 4 - Notícias em latim	121
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: particípios bonitos e feios, e o latim	125
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção E	126
<i>Litterae Latinae</i> : a prosa de Cícero	127
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	129
Para se desafiar	129
Seção F	132
Pontos de língua	132
F1 Imperfeito do indicativo ativo (regulares e depoentes)	132

F2 <i>Quidam</i>	133
F3 Infinitivos (pres., perf. e futuro) e orações infinitivas (ACIs).....	134
F4 Discurso indireto (ou reportado)	136
F5 <i>Nego</i>	137
F6 Ablativo: revisão e aprofundamento	138
F7 Genitivo de descrição.....	139
F8 <i>Alius, aliquis; ipse e iste</i>	139
F9 Mais-que-perfeito do indicativo ativo (regulares e depoentes).....	141
F10 Pronome relativo: <i>qui, quae, quod</i>	142
F11 Relativo de ligação	143
Exercícios - Pontos de língua da Seção F	144
Prática de leitura e tradução da Seção F	147
Texto 1 - Opera Senecana	147
Vocabulário:	147
Texto 2 - <i>Carmen 70</i> de Catulo.....	149
Texto 3 - Provérbios de Publílio Siro.....	149
Texto 4 - <i>De rerum natura</i> , de Lucrécio.....	150
Texto 5 - Notícias em latim	150
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: o demonstrativo definido	152
A gênese do artigo definido românico a partir dos demonstrativos latinos.....	155
Processo recorrente no PB	160
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção F	161
<i>Litterae Latinae</i> : a prosa de Sêneca.....	161
Cartas a Lucílio (<i>Epistulae Morales ad Lucilium</i>).....	161
<i>De Brevitate Vitae</i> (Sobre a Brevidade da Vida).....	162
<i>De Clementia</i> (Sobre a Clemência)	162
<i>De Ira</i> (Sobre a Ira)	162
<i>De Consolatione</i> (Sobre a Consolação)	162
Impacto e Legado	163
Estilo e linguagem em Sêneca.....	163
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	167
Para se desafiar	168
Seção G	170
Pontos de língua	170
G1 Voz passiva	170
G2 Particípios presentes.....	172
G3 Mais-que-perfeito do subjuntivo (ativo, depoente e passivo).....	173
G4 <i>Cum</i> + subjuntivo	174
G5 Presente e imperfeito do subjuntivo (ativo, depoente e passivo).....	175
G6 Ordens indiretas (reportadas): <i>ut/ne</i> + subjuntivo	177
G7 <i>Accido/perficio ut</i> + subjuntivo.....	178
G8 Condicionais com verbos no subjuntivo	179
G9 Subjuntivo nas orações relativas.....	180
G10 <i>Cum, quamvis</i> + subjuntivo	181
G11 Subjuntivo no discurso indireto	181

Exercícios - Pontos de língua da Seção G	182
Prática de leitura e tradução da Seção G	184
Texto 1 - Satyricon Petronii	184
Texto 2 - Epigrama I.63 de Marcial	187
Texto 3 - Narcissus, de Elio Giulio Crotti (c. 1564)	187
Texto 4 - Notícias em latim	188
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: o modo condicional, do latim ao português brasileiro	192
O condicional sintético e os primeiros estágios da gramaticalização: o aspecto	193
Expressão de futuridade	194
Sintagmas e processo de afixação	196
A hipótese da especialização funcional	198
A perífrase <i>ir</i> no pretérito imperfeito + infinitivo	200
O imperfeito condicional	201
O modo condicional no PB e a formação do condicional românico	203
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção G	203
<i>Litterae Latinae</i> : o Satíricon de Petrônio	204
Vida e obra de Petrônio	204
O Satíricon como sátira menipeia	205
A entrada do dançarino no episódio de Quartila	205
Virgílio distorcido	206
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	208
Para se desafiar	208
Seção H	211
Pontos de língua	211
H1 Orações consecutivas	211
H2 Orações finais	212
H3 Orações finais (<i>quo</i> + comparativo + subjuntivo)	212
H4 <i>Fore ut</i> + subjuntivo	212
H5 Subjuntivos jussivos, volitivos e potenciais	213
H6 O infinitivo histórico	214
H7 Ablativo de relação	214
H8 Verbos impessoais	215
H10 Futuro perfeito do indicativo (ativo, depoente e passivo);	216
Exercícios - Pontos de língua da Seção H	217
Prática de leitura e tradução da Seção H	220
Texto 1 – Plinii Naturalis Historia	220
Texto 2 - Mors Cleopatrae	222
Texto 3 - Notícias em latim: De Ucraina	224
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: construções reflexivas na história do latim	225
O quadro linguístico favorável ao reflexivo	226
Reflexivo medial, anticausativo e passivo	228
A tese de Michela Cennamo	229
O reflexivo medial com coisas personificadas no período clássico	231
Conclusões	235

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção H	236
<i>Litterae Latinae</i> : Plínio e a invenção do latim científico	237
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	239
Para se desafiar	239
Seção I	242
Pontos de língua	242
I1 Gerúndios e gerúndivos.....	242
I2 Gerúndio convertido em gerúndivo	244
I3 Construções jussivas ou admoestativas com gerúndivo + dativo.....	245
I4 Verbos de temor (<i>ne</i> + subjuntivo)	245
I5 <i>Dum, antequam/priusquam</i>	246
I6 Pretérito perfeito do subjuntivo (ativo, deponente e passivo).....	246
I7 Interrogativas indiretas (reportadas)	247
I8 Orações condicionais com mais-que-perfeito do subjuntivo	248
I9 <i>Quominus, quin</i> + subjuntivo	248
I10 <i>Quisque, quisquam, uterque</i>	249
I11 Orações comparativas, correlativas, comparações irreais	250
Exercícios - Pontos de língua da Seção I.....	250
Prática de leitura e tradução da Seção H	252
Texto 1 - De Augustini pessimismo	252
Texto 2 - Cícero defende o suplício dos conjuradores em prol da liberdade	254
Texto 3 - Notícias em latim: De Sudanensium fuga	256
Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: do gerúndio e gerúndivo latinos ao gerúndio português.....	258
Extensão e emprego do gerúndio e do gerúndivo em latim.....	261
O fenômeno do gerúndio convertido em gerúndivo.....	263
Extensão e emprego do gerúndio e do gerúndivo em português arcaico	267
Considerações finais.....	269
Exercícios - Permanências e reincidências da Seção I	270
<i>Litterae Latinae</i> : as contribuições de Agostinho	270
Confissões.....	271
A Cidade de Deus.....	271
Sermões e cartas.....	272
Exercícios - <i>Litterae Latinae</i>	273
Para se desafiar	273
Apêndice	276
Como o latim se transformou nas línguas românicas	276
Introdução	276
A difusão do latim com o império	276
Breve introdução à teoria da mudança linguística	277
A situação linguística do Império Romano	279
Variação no latim.....	280
Características das variedades regionais de latim.....	283
Variação social no latim.....	284
Koineização do latim	284
O fim do Império e o aprofundamento das diferenças entre as variedades	285

As tábuas visigodas e o colapso do sistema de casos.....	286
A falta de consciência da diferença entre o romance falado e o latim escrito	287
A reforma de Alcuíno de Iorque na renascença carolíngia: a separação definitiva entre o latim e os romances	288
O <i>continuum</i> dialetal do romance ocidental e a emergência das línguas nacionais...	289
Conclusão	290
Tabelas	291
Adjetivos	291
Advérbios.....	292
Pronomes.....	292
Preposições.....	295
Conjugações verbais.....	298
Tabela de declinações.....	319

Apresentação

Este método foi desenvolvido para ser uma porta de entrada ao estudo da língua latina. Ele se propõe como uma alternativa tanto àqueles que querem ter o latim como uma ferramenta para linguística histórica e estudos literários, como àqueles que pretendem se aprofundar nos estudos clássicos. Além disso, também foi pensado a quem queira estudar o latim por pura curiosidade. Seu título ('para todos' em latim) remete tanto ao fato de este material ter sido pensado para estudantes com diferentes propósitos quanto ao fato de que ele permite sua 'livre distribuição,' podendo ser usado e reproduzido livremente, sem que o usuário infrinja direitos autorais.

O Omnibus está estruturado tanto como um curso de latim, com explicações, textos e exercícios, quanto como uma gramática consultiva. Considerando a primeira hipótese, ele foi pensado para que o estudante possa concluí-lo dentro de um ano ou até um ano e meio, idealmente. Assim, pretendemos favorecer, por exemplo, cursos de letras que têm duas ou três disciplinas de latim em seu currículo. Considerando a segunda hipótese, organizamos as seções em 'pontos de língua,' que estão detalhados no sumário geral. Além disso, incluímos um apêndice ao final das seções.

As seções iniciam com explicações sobre os pontos de língua previstos, sempre sucedidos por exercícios. Em toda seção, segue-se aos exercícios um tópico intitulado "Prática de leitura e tradução", que compreende uma seleta de textos propostos para que o estudante leia e traduza, a fim de praticar o conteúdo trabalhado naquela seção. Após essa prática, toda seção traz, ainda, um tópico intitulado 'Permanências e reincidências latinas no português brasileiro,' dedicado a comentar traços do latim subsistentes no nosso vernáculo, e um tópico intitulado '*Litterae Latinae*,' dedicado a comentar alguma questão literária. Por fim, toda seção traz ainda um tópico intitulado 'Para se desafiar,' que propõe, para leitura e tradução, um texto mais complexo de algum autor latino.

Nas seções de 'Prática de leitura e tradução,' o primeiro texto sempre é um texto 'artificial,' formulado didaticamente para que o estudante possa dar conta de sua complexidade gramatical. Os demais, porém, são textos originais, cuja complexidade vai avançando à medida que o estudante também avança na gramática. Estes textos abrangem uma gama variada de gêneros, autores e épocas, desde textos da antiguidade clássica (como poemas de Marcial e Catulo), passando por excertos da Vulgata de São Jerônimo e outros textos medievais, até notícias contemporâneas escritas em neolatim. Se algum desses textos originais trouxer alguma forma ainda não estudada (por exemplo, tempos verbais, construções, locuções, morfemas específicos, subordinações etc.), o vocabulário daquele texto traz uma tradução completa de toda aquela porção do texto, informando que se trata de uma forma ainda não estudada. A propósito, este método adota a prática de oferecer um vocabulário específico para todo e qualquer texto, independente se um ou outro vocábulo já tenha aparecido antes, de forma a facilitar o percurso do estudante no que se refere ao domínio lexical.

A seleção de pontos de língua de cada seção e sua disposição entre as diferentes seções têm inspiração no método *Reading Latin* (no Brasil, 'Aprendendo latim'), de P. Jones e K. Sidwell. Além disso, também nos apoiamos continuamente no apêndice gramatical do método

Legenda Roma, de Mauri Furlan, consultamos pontualmente outros métodos, como o manual *Língua Latina*, de Rodrigo Tadeu Gonçalves, e a já consagrada *Gramática Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida, além nos servirmos de dicionários como o Lewis & Short e o *Dicionário Latino* de Ernesto Faria.

Tendo em conta que oferecemos o latim como uma ferramenta de linguística histórica e estudos literários, nossa abordagem privilegia o estudo formal – predominantemente estruturalista – da língua e a prática de leitura e tradução, tirando, assim, de foco o aspecto comunicativo e a oralidade, embora ofereçamos uma breve descrição de sua prosódia e incentivemos a leitura oral dos textos.

Este trabalho é fruto de nossa experiência no ensino de latim em cursos de graduação e extensão, de nossas pesquisas sobre abordagens metodológicas para o ensino dessa língua nos dias de hoje e da vontade de oferecer mais uma alternativa àqueles que desejam se aproximar da língua dos antigos romanos, que tanto influenciou e ainda influencia o mundo moderno. Esperamos que nossos esforços sejam úteis e agradáveis àquele que recorrer a este material.

Luiz Henrique Queriquelli

Seção A

Pontos de língua

- função sintática e caso;
- declinações;
- conhecimentos básicos para o uso de um dicionário latino;
- grafia e prosódia do latim;
- características morfossintáticas do latim;
- verbo sum;
- presente do indicativo ativo (1a e 2a conjug.);
- substantivos da 1a e 2a declinações;
- preposições.

A1 Função sintática e caso

Antes de se aproximar do latim, julgamos oportuno repassar, a partir do português, algumas noções de análise morfossintática que serão necessárias para compreender o funcionamento da língua latina. Propomos partir dos “termos da oração”, tal como nomeados pela NGB (a Nomenclatura Gramatical Brasileira). Conforme essa convenção, uma oração pode ser constituída de três tipos de termos:

- essenciais,
- integrantes e
- acessórios.

Os termos essenciais são o sujeito (que pode ou não ser realizado) e o predicado. São ditos essenciais pois formam a estrutura básica das orações. Os termos integrantes são aqueles que complementam (ou integram) o sentido dos termos essenciais. São classificados como integrantes: os complementos verbais, os complementos nominais e o agente da passiva. Os termos acessórios, por fim, são aqueles considerados dispensáveis para a gramaticalidade de uma oração. Sendo termos de função secundária, os acessórios são responsáveis por caracterizar um ser, determinar os substantivos e exprimir alguma circunstância. São assim considerados: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto – o vocativo é um termo independente da oração.

Tomemos o seguinte exemplo:

O estudante de Letras, amante das línguas naturais, dedica horas aos estudos todos os dias.

Nesta oração, são essenciais “o estudante” (sujeito) e “dedica” (verbo); são integrantes, “horas” e “aos estudos” (complementos verbais, respectivamente objeto direto e indireto); e são acessórios todos os demais termos: “de Letras” (adjunto adnominal), “amante” (aposto), “das línguas naturais” (adjunto adnominal), “todos os dias” (adjunto adverbial).

Em português, os verbos e os “nomes” (substantivos, adjetivos e pronomes) se flexionam, tal como em latim. Em latim, porém, os nomes, além de se flexionarem conforme as categorias de número e gênero (como em português), também se flexionam conforme a função sintática. Portanto, as funções sintáticas expressas pelos termos que mencionamos até aqui (sujeito, complementos, adjuntos), em latim, eram marcadas na flexão dos nomes.

A palavra “caso” deriva do latim *casus*, que podia significar “queda” ou “ocorrência”. Por esse motivo, as diferentes ocorrências de uma mesma palavra são chamadas de “casos.” Assim, de acordo com a função sintática que uma palavra assumia na frase latina, ela ocorria (= caía) de uma maneira diferente, isto é, ela se flexionava conforme um determinado caso.

Grosso modo, a correspondência entre casos e funções sintáticas é a seguinte:

- nominativo = sujeito, predicativo do sujeito;
- genitivo = adjunto adnominal;
- acusativo = objeto direto (compl. verbal);
- dativo = objeto indireto (compl. verbal);
- ablativo = adjunto adverbial;
- vocativo = vocativo.

Voltando ao exemplo apresentado, teríamos, portanto, as seguintes correspondências:

O estudante [subj. > nominativo]
de Letras [adj. adnominal > genitivo],
amante [aposto > mesmo caso do ref. > nom.]
das línguas naturais [adj. adnominal > genitivo],
dedica [verbo]
horas [obj. dir. > acusativo]
aos estudos [obj. ind. > dativo]
todos os dias [adj. adverbial > ablativo]

Se arriscássemos um decalque ao latim, poderíamos chegar ao seguinte resultado:

Discipulus Litterarum, amator linguarum naturalium, omnibus diebus horas studiis dedicat.

O estudante [subj. > nominativo]
Discipulus
de Letras [adj. adnominal > genitivo],
Litterarum
amante [aposto > mesmo caso do ref. > nom.]
amator(ø)
das línguas naturais [adj. adnominal > genitivo],
linguarum naturalium
dedica [verbo]
dedicat
horas [obj. dir. > acusativo]
horas
aos estudos [obj. ind. > dativo]

studiis

todos os dias [adj. adverbial > ablativo]

omnibus diebus.

Portanto, sabemos que cada um dos termos traduzidos cumpre sua respectiva função sintática pela maneira como eles ocorrem, isto é, por suas flexões de caso.

A2 Declinações

Ainda com relação ao exemplo apresentado, se *discipulus* não fosse o sujeito da frase, mas sim um adjunto adnominal, sua ocorrência seria *discipuli*; se fosse um objeto direto, *discipulum*; se objeto indireto ou adjunto adverbial, *discipulo*. A mesma palavra, portanto, pode ocorrer de diferentes maneiras. O mesmo acontece com o termo *litterarum*: se fosse sujeito singular, seria *littera*; objeto direto, *litteram*; indireto, *litterae*. Se *amator* fosse adjunto adnominal, seria *amatoris*; se fosse advérbio, *amatore*.

Perceba, porém, que, marcando a mesma função sintática e o mesmo número, essas palavras têm terminações diferentes. Isso ocorre porque elas pertencem a grupos de palavras que se flexionam (= declinam) diferentemente uns dos outros. Esses grupos são chamados de declinações. O que identifica cada grupo, além do padrão de flexões, é a vogal que os tematiza, chamada de “vogal temática”.

Ao total, o latim tem cinco declinações, sendo que, por convenção, a declinação cujo tema é a vogal *a* é considerada a primeira declinação, e assim por diante: segunda declinação, vogal *o*; terceira, consonantal (ou vogal *i*); quarta, vogal *u*; quinta, vogal *e*.

Repare que, em português, também temos declinações, embora não costumamos nos referir às nossas classes nominais temáticas por esse nome. Em nossa língua, temos nomes com tema em *a*, *o* e *e*, e nomes atemáticos, acentuados na última sílaba. Dependendo da classe temática à qual um nome pertença, ele recebe certas flexões. Portanto, perceba que, embora sejam mais simples morfológicamente falando, o português também tem declinações.

Voltando ao latim, vejamos, a partir do exemplo formulado, como se comportam cada declinação:

“de Letras” [adj. adnominal > genitivo]: *litterarum*

Exemplo de substantivo da 1ª declinação:

Singular		Plural	
Nom.	<i>littera</i>	Nom.	<i>litterae</i>
Gen.	<i>litterae</i>	Gen.	<i>litterarum</i>
Dat.	<i>litterae</i>	Dat.	<i>litteris</i>
Ac.	<i>litteram</i>	Ac.	<i>litteras</i>
Abl.	<i>littera</i>	Abl.	<i>litteris</i>
Voc.	<i>littera</i>	Voc.	<i>litterae</i>

“o estudante” [subj. > nominativo]: *discipulus*

Exemplo de substantivo da 2ª declinação:

Singular		Plural	
Nom.	discipulus	Nom.	discipuli
Gen.	discipuli	Gen.	discipulorum
Dat.	discipulo	Dat.	discipulis
Ac.	discipulum	Ac.	discipulos
Abl.	discipulo	Abl.	discipulis
Voc.	discipule	Voc.	discipuli

“amante” [aposto > mesmo caso do ref. > nom.]: *amator*

Exemplo de substantivo da 3ª declinação:

Singular		Plural	
Nom.	amator	Nom.	amatores
Gen.	amatoris	Gen.	amatorum
Dat.	amatori	Dat.	amatoribus
Ac.	amatorem	Ac.	amatores
Abl.	amatore	Abl.	amatoribus
Voc.	amator	Voc.	amatores

Exemplo de substantivo da 4ª declinação:

Singular		Plural	
Nom.	eventus	Nom.	eventus
Gen.	eventus	Gen.	eventuum
Dat.	eventui	Dat.	eventibus
Ac.	eventum	Ac.	eventus
Abl.	eventu	Abl.	eventibus
Voc.	eventos	Voc.	eventus

todos os dias [adj. adverbial > ablativo]: *omnibus diebus*

Exemplo de substantivo da 5ª declinação:

Singular		Plural	
Nom.	dies	Nom.	dies
Gen.	diei	Gen.	dierum
Dat.	diei	Dat.	diebus
Ac.	diem	Ac.	dies
Abl.	die	Abl.	diebus
Voc.	dies	Voc.	dies

A3 Conhecimentos básicos para o uso de um dicionário latino

Quando consultamos uma palavra num dicionário em português, normalmente encontramos apenas uma forma para cada entrada, pois, salvo algumas exceções, as palavras em português têm um único radical básico, a partir do qual formamos as demais flexões ou derivações. No caso de um substantivo, seria sua forma singular; no caso de um adjetivo, sua forma masculina singular; no caso de um verbo, o infinitivo.

Em latim, porém, a mesma palavra pode apresentar diferentes radicais. Por isso, um dicionário latino apresenta algumas formas primitivas a partir das quais podemos prever todas as flexões possíveis. Vejamos alguns exemplos, começando pelos substantivos.

Para a maioria dos casos, os substantivos latinos têm o mesmo radical, porém muitas vezes o nominativo singular apresenta um radical completamente diferente. Isso é muito comum na terceira declinação. Vimos há pouco o exemplo de *amator*, que mantém o mesmo radical em todos os casos. No entanto, nomes como *Iuppiter* ('Júpiter') viram *Iouis*, *Iouem* etc. nos demais casos. *Scelus* ('crime') vira *sceleris*, *sceleribus* etc. *Onus* ('fardo') vira *oneris*, *oneribus* etc. Por isso, sempre que procurarmos um substantivo num dicionário latino, a entrada nos mostrará o nominativo singular e o genitivo singular. Por exemplo:

Iuppiter, Iouis 3m. Júpiter

E por que, além do nominativo singular, o dicionário nos apresenta o genitivo singular, e não qualquer outro caso? Porque a flexão (ou desinência) do genitivo singular não se repete entre as declinações, de forma que, sabendo qual é o genitivo singular daquele substantivo, saberemos a que declinação ele pertence. Assim temos:

	1ª decl.	2ª decl.	3ª decl.	4ª decl.	5ª decl.
gen. sing.	-ae	-i	-is	-us	-ei

Assim, apenas pelo genitivo singular já podemos identificar a declinação daquele substantivo. Todavia, para não restar dúvidas, os dicionários costumam complementar com a informação "3m.", indicando que se trata de um substantivo masculino da terceira declinação.

Já, no caso dos verbos, enquanto um dicionário de português apresenta uma única forma (o infinitivo), um dicionário latino apresenta quatro (às vezes cinco) formas, chamadas de "tempos primitivos". Vejamos o exemplo extremo do verbo irregular *fero* para entender o porquê. Se procurarmos esse verbo no dicionário, encontraremos:

fero, ferre, tulī, latus (irreg.) levar

Perceba que temos, para o mesmo verbo, três radicais completamente diferentes: *fer-*, *tul-* e *lat-*. Eles são considerados os radicais básicos, a partir dos quais, como veremos mais adiante, podemos chegar a todas as flexões possíveis de um verbo latino. Por convenção, os dicionários apresentam o infinitivo presente ativo (*ferre* = levar), a partir do qual podemos extrair esse primeiro radical (também chamado de radical ou tema do *infectum*); a 1ª pess. do sing. do pretérito perfeito ativo (*tulī* = levei), a partir do qual podemos extrair o segundo radical (também chamado de radical ou tema do *perfectum*); e o particípio perfeito (*latus* =

levado), a partir do qual podemos extrair o terceiro radical. Como dissemos, conhecendo esses três radicais, poderemos flexionar o verbo em todas as suas formas possíveis. Além dessas três formas, como você deve ter percebido, o dicionário também apresenta, em primeiro lugar, a forma da 1ª pess. do sing. do presente do indicativo ativo (*féro* = levo), basicamente porque essa forma muitas vezes é irregular e imprevisível.

Como a primeira forma com a qual o dicionário apresenta um verbo é a da 1ª pess. do sing. do presente do indicativo ativo, por convenção, referimo-nos a um verbo, de maneira geral, a partir dessa forma, e não do infinitivo. Assim, falamos no verbo *féro*, no verbo *amo*, no verbo *habeo* etc., e não no verbo *ferre*, *amare* ou *habere*.

Alguns dicionários, apresentam ainda, em segundo lugar, a forma da 2ª pess. do sing. do presente do indicativo ativo (*fērs* = levas). Isso tem basicamente uma única função: diferenciar verbos de segunda e terceira conjugações, quando o dicionário não informa o acento de duração (por exemplo, *habēre* vs. *legēre*), ou quando não informa explicitamente a conjugação. Aqui, adotaremos a convenção de informar explicitamente a conjugação. Nos seguintes exemplos, os números após os tempos primitivos indicam respectivamente 2ª e 3ª conjugação:

habeo, habere, habui, habitus 2 ter

lego, legere, legi, lectus 3 ler

No caso de adjetivos, simplificarmente, podemos encontrá-los no dicionário de duas maneiras diferentes:

bonus, bona, bonum ou simplesmente *bonus, a, um* adj. bom

e

omnis, omne ou simplesmente *omnis, e* adj. todo

Veremos com mais detalhe adiante que o primeiro exemplo corresponde à primeira classe de adjetivos, que se comporta conforme primeira ou segunda declinação, e que o segundo exemplo corresponde à segunda classe de adjetivos, que se comporta conforme terceira declinação. As formas apresentadas num verbete de adjetivo correspondem ao nominativo singular masculino, feminino e neutro respectivamente (*bonus, bona, bonum*) ou simplesmente masculino e feminino em oposição a neutro (*omnis, omne*).

Por fim, classes de palavra indeclináveis são apresentadas da mesma forma que num dicionário de português. Por exemplo:

sic adv. advérbio

et conj. e

ad prep. (+ acus.) para, até

mehercules interj. nossa! por Hércules! de fato!

A4 Grafia e prosódia do latim

Alfabeto

Na época de Cícero (I a.C.), o alfabeto latino se compunha de 21 letras:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X

Pronúncia

Os latinos não conheciam os sons correspondentes a nosso *v* (*vida*) e a nosso *j* (*já*). O *y* e o *z* foram introduzidos no fim do século I a.C. para transcrever palavras gregas, e foram colocados após o X na ordem alfabética.

Existem pelo menos três tipos de pronúncias admissíveis para o latim: a reconstituída, a eclesiástica (ou italiana) e a vernacular. A segunda, basicamente, segue a prosódia italiana e a terceira admite os sons de qualquer vernáculo contemporâneo, como por exemplo o nosso português.

A pronúncia reconstituída é a que busca recuperar a pronúncia que seria corrente no século I a.C. e consiste em fazer ouvir todas as letras, aplicando as seguintes regras:

1. os ditongos *ae* e *oe* soam respectivamente *ae* e *oe*: *rosae* (*rossae*);
2. o *c* tem som de *k*: *Cicero* (*Kikero*);
3. o *g* tem o som do grupo *gu* na palavra “guerra”: *gentes* (*guentes*);
4. o *j* soaria como *i*: *jurare* (*iurare*);
5. o *s* tem sempre o som de dois *ss*: *rosa* (*rossa*);
6. o *v* soa como *u* (como o *w* na palavra inglesa *window*): *vinum* (*uinum*);
7. o *x* soa *ks*: *uxor* (*uksor*);
8. o *u* soa sempre como em “línguica”: *anguis* (*anguis*);
9. o *y* tem o som do *u* na palavra francesa *mur*;
10. o *z* soa como *dʒ*: *zelus* (*dʒelus*);
11. o *h* é levemente aspirado como na palavra inglesa *hat*;
12. o *m* e o *n*, finais de sílaba, não nasalam a vogal precedente, mas se articulam distintamente: *rosam* (*rossa-m*)

Diferente do português, que possui apenas acento de intensidade, o latim possuía tanto acento de intensidade quanto acento de duração, ou quantidade. Vejamos como isso funcionava.

A quantidade nas sílabas

A quantidade é a duração de pronúncia de uma sílaba. Em princípio, uma sílaba longa dura duas vezes mais que uma sílaba breve.

Uma sílaba pode ser longa por duas razões:

1. ou porque a vogal que ela contém é longa por natureza: *vidi, dubitare*;
2. ou porque a vogal é seguida de duas consoantes: *captus*.

Note que:

1. os ditongos *ae, au, oe* formam uma sílaba só, que é sempre longa: *moe-ni-a*;
2. uma vogal seguida de outra vogal é geralmente breve: *moeni-a*.

O acento tônico (de intensidade)

O acento tônico, aquele ao qual nos referimos quando falamos tratamos de uma sílaba tônica em português, é a energia sobressalente empregada, na pronúncia, a uma das sílabas de uma palavra. Suas regras são:

1. nas palavras de duas sílabas, é a penúltima que leva o acento: **rósa**;
2. nas palavras com mais de duas sílabas o acento recai:
 - a) sobre a penúltima, se ela é longa: **dubitáre**; **incéptus**;
 - b) sobre a antepenúltima, se a penúltima é breve: **dúbitat**.

Quando uma partícula enclítica (-ne, -que, -ue) se agrega a uma palavra, esta leva o acento sobre a última sílaba: **operáne**, **incoláque**, **audiréue**.

Acentuação gráfica e pontuação

Nos textos antigos não havia acento gráfico para indicar nem o acento de duração, nem o acento de intensidade, e tampouco havia sinais de pontuação. Os limites de uma sentença ou um período sintático, ou os parágrafos, tópicos e outras seções de um texto eram discernidos por indicações contextuais, como marcadores discursivos e ordem de palavras.

Em relação aos acentos, modernamente, muitos adotam a convenção de indicar sílabas longas e breves com os sinais de bráquia (\sim) e mácron ($\bar{\quad}$), indicando sílaba breve e longa respectivamente:

Discipulŭs Litterārŭm, amātor linguārŭm nātūrālĭŭm, ōmnĭbŭs diēbŭs hōrās stŭdiŭs dēdicāt.

Alguns materiais didáticos e edições filológicas também indicam com o acento agudo ($\acute{\quad}$) as sílabas tônicas, isto é, os acentos de intensidade:

Discĭpulus Litterārŭm, amātor linguārŭm nātūrālĭŭm, ōmnĭbŭs diēbŭs hōrās stŭdiŭs dēdicāt.

Aqui, entretanto, uma vez que não privilegiamos o aspecto fônico da língua, não usaremos acentos gráficos.

A5 Características morfossintáticas do latim

Ao estudar como um dicionário de latim funciona, já vimos que essa língua possui, como o português:

1. palavras variáveis: substantivo, adjetivo, pronome, verbo;
2. palavras invariáveis: advérbio, preposição, conjunção coordenativa e subordinativa, interjeição; e
3. dois números marcados: singular e plural.

Mas há diferenças importantes:

1. não existem artigos;
2. os pronomes pessoais na função de sujeito são pouco empregados;
3. as preposições são menos empregadas que em português;
4. a posição das palavras na frase não é determinada por sua função;
5. em latim é a terminação que indica, segundo a espécie de palavra, sem outro meio, o número, o gênero, a função, a pessoa, por meio de declinações e casos;
6. três gêneros: o masculino, o feminino e o neutro.

Dizer que a terminação da palavra indica sua função sintática não significa dizer, entretanto, que a ordem de palavras em latim era completamente livre e arbitrária. É verdade que a marcação de caso dava aos poetas, por exemplo, muito mais possibilidade de brincar com a ordem de palavras de acordo com os seus propósitos rítmicos. No entanto, como qualquer língua, o latim também possuía uma ordem natural de constituintes.

Se o português é classificado entre as línguas que têm padrão SVO (sujeito-verbo-objeto), o latim está entre aquelas que apresentam padrão SOV (sujeito-objeto-verbo):

Discipulus [sujeito] *horas studii* [objeto] *dedicat* [verbo]

Se, em qualquer contexto que não fosse poético, essa ordem natural fosse alterada, isso significava que se queria dar ênfase àquilo que foi deslocado de sua posição natural. Por exemplo, se disséssemos *horas discipulus studii dedicat*, estaríamos enfatizando o objeto *horas*. Em português, seria semelhante a uma construção clivada como esta: ‘horas é o que o estudante dedica aos estudos?’.

Dentro de um sintagma nominal, porém, a ordem era mais livre: era normal encontrar *discipulus litterarum* ou *litterarum discipulus*. Entretanto, mesmo dentro do sintagma nominal, havia um padrão: quando o adjunto adnominal fosse qualificativo, isto é, quando expressasse uma qualidade atribuída subjetivamente por alguém a outrem, normalmente se posicionava à esquerda, quando o adjunto adnominal fosse discriminativo, isto é, quando expressasse uma qualidade distintiva daquela entidade, normalmente se posicionava à direita.¹ Vejamos:

- Qualificativo: *clara gens* (povo famoso), *optimus princeps* (governante excelente), *scelestus homo* (homem criminoso)

¹ Marouzeau, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Tradução José Mario Botelho. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 19-21.

- Discriminativo: *campus Martius* (campo de Marte), *horti Sallustiani* (jardins de Salústio), *bellum Iugurthinum* (guerra de Jugurta), *mare Africum* (mar da África)

Há outras instâncias importantes envolvendo ordem de palavras (por exemplo, no que se refere à subordinação), porém, por ora, convém ficarmos com essas noções introdutórias.

Por fim, para encerrarmos estas considerações morfossintáticas básicas, vale ressaltar que o latim não possuía artigos, nem definidos, nem indefinidos. Parte das funções assumidas pelos artigos, como marcação de número e gênero, eram supridas pelas desinências nominais; parte delas, como especificação e determinação, generalização e indeterminação, eram supridas ou pelo contexto ou por pronomes, que frequentemente funcionavam como pseudoartigos. Aprofundaremos estas questões, porém, só mais adiante. No momento, basta que estejamos cientes de que o latim era desprovido dessa classe de palavras.

A6 Verbo *sum*

Para que comecemos a apreciar e formular textos em latim, convém que conheçamos desde já o verbo *sum*. Partamos da sua morfologia, no presente do indicativo ativo:

<i>ego</i>	<i>sum</i>
<i>tu</i>	<i>es</i>
-	<i>est</i>
<i>nos</i>	<i>sumus</i>
<i>uos</i>	<i>estis</i>
-	<i>sunt</i>

Note que, embora seja considerado irregular, apresenta dois radicais básicos: *su-* e *es-*. Completam esses radicais as desinências pessoais, que, como veremos, se aplicam a todos os verbos: *-m*, *-s*, *-t*, *-mus*, *-tis*, *-nt*.

Em termos semânticos, o verbo *sum* pode funcionar tanto como verbo de ligação ('ser, estar') quanto como verbo existencial ('haver, existir'). Exemplos:

- *Ego Brasiliensis sum* ('Eu sou brasileiro')
- *Femina tristis est* ('A mulher está triste')
- *Est dubium* ('Há uma dúvida')

Repare que, quando o verbo *sum* é verbo de ligação, apresenta sujeito e predicativo do sujeito, ambos no caso nominativo: *Ego* [suj. > nominativo] *Brasiliensis* [predicativo do suj. > nominativo] *sum*; *Femina* [suj. > nom.] *tristis* [pred. do suj. > nom.] *est*. Porém, quando é verbo existencial, apresenta apenas sujeito.

Atente, ainda, para outro detalhe: normalmente, quando o verbo *sum* é existencial, ele está anteposto ao sujeito, como no exemplo '*Est dubium*'.

Além disso, mudanças na ordem natural dos constituintes ocorriam para dar ênfase àquilo que foi deslocado. Por exemplo:

- *Brasiliensis ego sum*: ‘um brasileiro é o que eu sou’
- *Tristis femina est*: ‘triste é o que a mulher está’

A7 Presente do indicativo ativo (1a e 2a conj.)

Passando aos verbos regulares, o latim possuía quatro conjugações. Três delas tinham as vogais temáticas *a*, *e* e *i*, assim como as conjugações verbais do português. Logo, assim como temos em português verbos como *amar*, *haver* e *ouvir*, o latim tinha os verbos *amare*, *habere* e *audire*, por exemplo. Além disso, possuía uma quarta conjugação cujo radical não terminava em vogal, por esse motivo chamada de consonantal, por exemplo: *legere* (pronunciado *léguere*).

Por convenção, as duas primeiras conjugações são aquelas com tema em *a* e *e*. Elas são apresentadas juntas, pois, como veremos, compartilham certas características (como a marca de futuro, por exemplo), ao passo que as outras duas conjugações compartilham outras características. Comecemos por elas então:

	1ª conj.		2ª conj.	
<i>ego</i>	<i>amo</i>	<i>eu amo</i>	<i>habeo</i>	<i>eu tenho</i>
<i>tu</i>	<i>amas</i>	<i>tu amas / você ama</i>	<i>habes</i>	<i>tu tens / você tem</i>
-	<i>amat</i>	<i>ele ama</i>	<i>habet</i>	<i>ele tem</i>
<i>nos</i>	<i>amamus</i>	<i>nós amamos</i>	<i>habemus</i>	<i>nós temos</i>
<i>uos</i>	<i>amatis</i>	<i>vocês amam</i>	<i>habetis</i>	<i>vocês têm</i>
-	<i>amant</i>	<i>eles amam</i>	<i>habent</i>	<i>eles têm</i>

Em termos morfológicos, esses verbos são muito regulares: basicamente, no presente do indicativo, temos o radical (*ama-* ou *habe-*) e as desinências pessoais (-o, -s, -t, -mus, -tis, -nt). Nesse sentido, a única irregularidade digna de nota seria a 1ª pessoa do singular da 1ª conjugação, em que cai a vogal temática: *amo* (em vez de **amao*).

Em relação à pronúncia, uma vez que a vogal temática é longa, o acento de intensidade recai sobre ela sempre que ela não é a última sílaba. Portanto: *ámo*, *ámas*, *ámat*, *amámus*, *amátis*, *ámant*; *hábeo*, *hábes*, *hábet*, *habémus*, *habétis*, *hábent*.

O comportamento sintático, semântico e discursivo varia de verbo para verbo, e isso muitas vezes se reflete na sua regência, motivo pelo qual é sempre importante consultar o dicionário (ou vocabulário) para verificar indicações sobre como aquele verbo se comporta em diferentes contextos e quais são os sentidos implicados em cada uso. A propósito, considerando os dois verbos tomados como exemplos, o verbo *amo* é um verbo transitivo direto que rege apenas um acusativo (e.g. *te amo*), ao passo que *habeo*, quando significa ‘ter’, rege apenas um acusativo (e.g. *pecuniam habeo* ‘tenho dinheiro’), mas quando rege dois acusativos tem o sentido de ‘considerar’ (e.g. *te amicum habeo* ‘te considero um amigo’).

Ainda em relação ao sentido, o presente do indicativo pode expressar aspecto gnóstico ou atemporal (*edere amat* ‘ele adora comer’) quanto aspecto continuativo (*amat nunc* ‘ele está amando agora’).

Por fim, cabe ressaltar que as considerações aqui feitas aplicam-se à voz ativa. Como veremos, os verbos latinos apresentam flexões específicas para a voz passiva.

A8 Substantivos da 1ª e 2ª declinações

Nas seções A1 e A2 já vimos exemplos de substantivos da 1ª e 2ª declinações, mas agora convém voltarmos a elas para apresentá-las em detalhe. Tomemos como paradigmas os substantivos *terra* e *locus*, respectivamente os mais frequentes² de cada declinação:

1ª declinação:

<i>terra, ae 1f. terra</i>			
Singular		Plural	
Nom.	terr-a	Nom.	terr-ae
Gen.	terr-ae	Gen.	terr-arum
Dat.	terr-ae	Dat.	terr-is
Ac.	terr-am	Ac.	terr-as
Abl.	terr-a	Abl.	terr-is
Voc.	terr-a	Voc.	terr-ae

Como já dissemos, uma vez que o latim não possuía artigos e apenas eventualmente usava demonstrativos com função articular, *terra* pode significar ‘terra’, ‘a terra’ ou ‘uma terra’, e isso se aplica a todos os substantivos em latim.

Todos os substantivos da primeira declinação terminam em *-a* no nominativo singular, e esta terminação, como já sabemos, é a desinência de caso e número – que também pode ser chamada de marca ou flexão de caso. O que resta (*terr-*) é o radical, e a ele acrescentamos todas as demais desinências.

A maioria dos substantivos da primeira declinação é do gênero feminino (exceções são *agricola*, *nauta*, *poeta* e *incola*, todas masculinas).

Algumas ambiguidades merecem atenção: *terrae* pode ser genitivo singular, dativo singular ou nominativo plural; *terra* pode ser nominativo ou ablativo singular, embora na pronúncia essa ambiguidade se desfça, pois a vogal do ablativo é longa: *terrā*; e *terrīs* tanto pode ser dativo quanto ablativo plural. Em geral é o contexto sintático que nos ajudará a desfazer essas ambiguidades.

2ª declinação:

² Cf. Hudson, Paul. *Latin frequency dictionary*. Bath, England: SPQR Study Guides, 2013.

<i>locus, i</i> 2m. local			
Singular		Plural	
Nom.	loc-us	Nom.	loc-i
Gen.	loc-i	Gen.	loc-orum
Dat.	loc-o	Dat.	loc-is
Ac.	loc-um	Ac.	loc-os
Abl.	loc-o	Abl.	loc-is
Voc.	loc-e	Voc.	loc-i

Uma particularidade da 2ª declinação que salta aos olhos é o fato de ela ter uma desinência específica para o vocativo singular, diferenciando-o do nominativo. O exemplo mais famoso de um vocativo singular de segunda declinação talvez seja a célebre pergunta que, na imaginação de Shakespeare, César teria dirigido a seu filho adotivo Bruto ao ver que este era um de seus assassinos: *et tu, Brute* ('até tu, Bruto?').

Alguns substantivos de 2ª declinação se diferenciam por apresentar o nominativo singular terminado em *-er*, e não em *-us*, como a maioria. Esse é o caso, por exemplo, *ager, agris* ('campo'), *puer, pueri* ('menino'), *gener, generi* ('genro'). À exceção do nominativo singular, porém, eles se comportam conforme o paradigma geral.

Grosso modo, as mesmas considerações gerais que fizemos à primeira declinação se aplicam aqui também. Observe, em especial, as ambiguidades: *loco* pode ser dativo ou ablativo singular; *locis* pode ser dativo ou ablativo plural; e *loci* tanto pode ser genitivo singular como nominativo plural.

Além disso – e isso vale tanto para a primeira quanto para a segunda declinação – habitue-se a identificar as desinências *-arum* e *-orum* como marcas de genitivo plural, a fim de não confundi-las com o *-um* de acusativo singular, por exemplo.

A9 Preposições

Embora a marcação de caso dispense preposições para indicar certas funções, como as de adjunto adnominal, objeto indireto e, eventualmente, adjunto adverbial, isso não significa dizer que o latim não possuía preposições. Havia, sim, preposições na língua latina, e elas, em geral, serviam para especificar funções adverbiais, indicando origem ou destino do movimento, local da ação, tópico da anunciação, companhia, instrumento, causa entre outras informações.

Assim como os verbos, as preposições latinas tinham regência. Isso significa dizer que elas selecionavam o caso do seu complemento. Basicamente, as preposições latinas ou selecionavam caso acusativo, ou caso ablativo. No apêndice deste método, você encontrará uma tabela completa com todas preposições e seus casos, mas expomos aqui alguns exemplos.

Exemplos de preposições que só regem caso acusativo:

prep.	sentido.	exemplo
ad	a, para, até	<i>imus ad forum</i> ‘estamos indo ao fórum’
apud	junto de, em	<i>sum apud auum</i> ‘estou na casa do meu avô’
inter	entre, no meio de	<i>urbs inter duos flumines est</i> ‘a cidade fica entre dois rios’
super	sobre	<i>aula super mensam est</i> ‘o pote está sobre a mesa’

Exemplos de preposições que só regem caso ablativo:

prep.	sentido.	exemplo
ab	de, a partir de	<i>abimus ab urbe</i> ‘estamos indo embora da cidade’
cum	com	<i>cum amicis semper sum</i> ‘sempre estou com amigos’
de	a respeito de, sobre, de, a partir de	<i>fabula de familia est</i> ‘é uma história sobre uma família’
ex	de, para fora de	<i>eximus ex fano</i> ‘estamos saindo do templo’

Há apenas duas preposições que podem reger acusativo ou ablativo, dependendo do sentido. São elas: *in* e *sub*.

Quando são usadas com verbos de movimento, regem sempre acusativo:

- *ineo in urbem* ‘estou entrando na cidade’
- *sub terra seminem poneo* ‘estou pondo a semente debaixo da terra’

Quando são usadas para indicar onde se está (sentido estático), regem ablativo:

- *in urbe est* ‘está na cidade’
- *in lecto iacet* ‘está deitado na cama’

Além disso, *in* pode reger acusativo quando não é usada com verbos de movimento e neste caso significa ‘contra’:

- *orationem in scelestum facit* ‘ele está fazendo um discurso contra o criminoso’

Exercícios - Pontos de língua da Seção A

1. Na frase ‘O estudante vê o livro na biblioteca,’ em que caso estariam, respectivamente, os termos ‘o estudante’, ‘o livro’ e ‘na biblioteca’?

2. Considere o seguinte vocabulário:

discipulus, *i* 2m. estudante

liber, *i* 2m. título

uideo, *uidere*, *uidi*, *uisus* 2 ver

bibliotheca, *ae* 1f. biblioteca

Agora tente verter a frase ‘O estudante vê o livro na biblioteca’ para o latim. Atente-se para as terminações apropriadas para cada função e para a ordem natural dos constituintes em latim.

3. Como se pode descobrir o radical de um substantivo latino?
4. Como se pode descobrir o radical do presente do indicativo de um verbo latino?
5. Que sentidos o verbo *sum* pode assumir?
6. Como a ordem de palavras afeta o sentido do verbo *sum*?
7. Considere o seguinte vocabulário:

Maria, ae 1f. Maria
brasiliensis, e adj. brasileiro
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
quaestio, quaestionis 3f. problema, questão
hic adv. aqui

Quais são os sentidos do verbo *sum* nas sentenças ‘*Maria brasiliensis est*’ e ‘*est quaestio hic*’?

7. Que casos podem ser selecionados pelas preposições latinas?
8. Se a frase ‘Ele entrou na cidade’ fosse vertida para latim, o sintagma ‘na cidade’ seria construído com *in* regendo que caso? Por quê?

Prática de leitura e tradução da Seção A

Texto 1 – Comoedia noua

Litterae latinae, circa tertium saeculum ante Christum, cum comoedia initium habent. Romani ‘comoediam nouam’ amant. Fabulae comoediae nouae de uulgo narrant: sunt auari senes, stulti amantes, sollertes et astuti serui, ingeniosae meretrices, fortes et stulti uiri. Romani, in suis festiuitatibus, ut Saturnalia et Lupercalia, dramata spectant.

Vocabulário:

ama, amare, amari, amatus 1 amar
amans, amantis 3m. amante
ante prep. (+ abl.) antes de
astutus, a, um adj. astuto
auarus, a, um adj. avarento
Christus, i 2m. Cristo
circa prep. (+ acus.) por volta de
comoedia, ae 1f. comédia

cum prep. (+ abl.) com
de prep. (+ abl.) sobre, a respeito de
drama, dramatis 3n. peça (de teatro)
dramata acus. plural de *drama*
et conj. e
fabula, ae 1f. história
festiuitas, festiuitatis 3f. festival
fortis, e adj. forte
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
in prep. (+ abl.) em
ingeniosus, a, um adj. inteligente
initium, i 2n. início
latinus, a, um adj. latino
littera, ae 1f. letra (*litterae latinae* = literatura latina)
Lupercalia, Lupercalium 3n. Lupercais (festival em honra da Loba)
meretrix, meretricis 3f. meretriz
narro, narrare, narraui, narratus narrar, falar, contar
nouus, a, um adj. novo
Romanus, a, um adj. romano
saeculum, i 2n. século
Saturnalia, Saturnaliorum 2n. Saturnais (festival em honra de Saturno)
senex, senis 3m. velho
seruus, i 2m. escravo
sollertis, e adj. esperto
specto, spectare, spectauit, spectatus 1 assistir
stultus, a, um adj. estúpido
suus, a, um adj. seu, dele (pron. poss.)
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tertius, a, um adj. terceiro (num. ord.)
uir, uiri 2m. homem
ut conj. como
uulgus, i 2m. povo

Texto 2 - Augurium

Omnibus Latinitatis cultoribus laetum diem uniuersalem linguae Latinae toto corde exoptamus! -
 09/04/2021 14h45 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Vocabulário:

augurium, i 2n. augúrio, voto de felicidade
cor, cordis 3n. coração
cultor, cultoris 2m. cultor, aquele que cultiva
dies, diei 5m. dia
exopto, exoptare, exoptavi, exoptatus 1 desejar

laetus, a, um adj. feliz
latinitas, latinitatis 3f. latinidade, referente à língua latina
latinus, a, um adj. latino
lingua, ae 1f. língua
omnis, e adj. todo
totus, a, um adj. todo
uniuersalis, e adj. universal, mundial

Texto 3 - Lex de vitae exitu

Consilium Hispanum legatorum populi legem iussit de “dulci morte” (εὐθανασία), quae intra tres menses rata erit. Hispania septima natio est ubi hoc fieri licebit. - 19/03/2021 10h47 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Vocabulário:

consilium, i 2n. conselho
de prep. (+ abl.) sobre, a respeito de
dulcis, e adj. doce
erit (fut. de *sum*) será, estará
exitus, us 4m. fim
fieri (inf. de *fiō*) acontecer
Hispania, ae 1f. Espanha
hispanus, a, um adj. espanhol
hoc pron. isto
intra prep. (+ acus.) dentro de
iussit (passado de *iubeo*) decretou
legatus, i 2m. representante
lex, legis 3f. lei
licebit (fut. de *licet*) será permitido
mensis, mensis 3n. mês
mors, mortis 3f. morte
natio, nationis 3f. nação
populus, i 2m. povo
quae pron. que, a qual
ratus, a, um adj. ratificado
septimus, a, um adj. sétimo
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tres num. três
ubi adv. onde
vita, ae 1f. vida
εὐθανασία 1f. eutanásia

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: as vogais átonas e o latim

Atualmente, uma das principais características que distingue o português brasileiro (PB) das demais variedades lusófonas são as vogais átonas. Basicamente, na variedade brasileira, todas as vogais de uma palavra se fazem ouvir plenamente, ao passo que no português europeu (PE), por exemplo, as vogais átonas são apagadas.

Um exemplo emblemático é a palavra “telefone”, cujas quatro vogais são plenamente pronunciadas no Brasil. Segundo Ataliba de Castilho,³ em Portugal, na década de 60, a palavra “telefone” era pronunciada com 2 sílabas: [tul-fón]. Recentemente, com o avançar das mudanças, essa mesma palavra já foi reduzida a quase uma sílaba apenas: eles estão falando [t'fón].

Essa diferença entre a variedade brasileira e as demais variedades lusófonas reflete uma dualidade universal entre as línguas do mundo em termos prosódicos: as línguas de padrão silábico e as línguas de padrão acentual, nomeadas de diferentes maneiras por Pike,⁴ Matte⁵, Loporcaro,⁶ Bertinetto e Bertini.⁷

Basicamente, as línguas, ao longo de suas histórias, oscilam entre esses dois polos. Quando as elas evoluíram para o padrão acentual, e as vogais átonas se apagaram demais a ponto de gerar encontros consonantais muito complexos, é natural que restaurem o padrão silábico, e esse processo recomeça. No francês, por exemplo, uma vez que vocábulos como *dominica* ou *officina*, ao passar por várias etapas, foram reestruturados como [dimã] (‘domingo’) e [yzin] (‘usina’), não havia mais o que reduzir, e então o ritmo silábico foi restaurado na língua.

Temos evidências de que, assim como PB, o português arcaico (PA) era uma língua silábica. Da mesma forma, sabemos que o latim clássico também era uma língua silábica, ao passo que o latim arcaico teria sido uma língua acentual. Uma das evidências mais fortes de que o PA era silábico vem das descrições prosódicas de Fernão d’Oliveira, no séc. XV, quando ele afirma, por exemplo, que “outras nações cortam as vozes [as vogais] apressando-se mais em seu falar, mas nós falamos com grande repouso, como homens assentados, e não somente em cada voz [vogal] por si, mas também no ajuntamento [encontro consonantal].”

Em relação ao latim, um trabalho seminal de Parsons⁸ provou que a métrica arcaica só seria possível se o latim arcaico fosse uma língua acentual, ao passo que a métrica clássica igualmente só seria funcional se o latim clássico fosse uma língua silábica. A propósito, a “pronúncia reconstituída”, que descrevemos e sugerimos em A4.2, baseia-se nesse fato.

³ As marcas do português brasileiro. *Pesquisa Fapesp*. 29 abr. 2015. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/as-marcas-do-portugues-brasileiro.

⁴ Pike, Kenneth. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1943. p. 34.

⁵ Matte, Edouard Joseph. *Histoire des modes phonétiques du français*. Geneva: Droz, 1982.

⁶ Loporcaro, M. Syllable, segment and prosody. In: Maiden, M.; Smith, J. C.; Ledgeway, A. (eds.). *The Cambridge history of the Romance languages: structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. 1 v. p. 105.

⁷ Bertinetto, Pier Marco; Bertini, Chiara. On modeling the rhythm of natural languages. In: International Conference on Speech Prosody, 4., 2008, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2008. p. 427.

⁸ Parsons, Jed. A New Approach to the Saturnian Verse and Its Relation to Latin Prosody. *Transactions of the American Philological Association*, v. 129, n. 1, p. 117–137, 1999.

Parsons sugere que ritmo normal do latim arcaico era marcado por sequências de sílabas acentuadas separadas umas das outras por grupos de sílabas átonas, exatamente como o ritmo do PE, em que os acentos dominam o ritmo, e o material fônico na periferia do acento fica sujeito ao apagamento. Palavras como *aedilis* eram pronunciadas *aedlis* ou *aedil*, e o mesmo vale para *ambiceps* > *anceps*.

Assim, a prosódia acentual aproxima línguas como o português europeu, o latim arcaico e as línguas germânicas, ao passo que a prosódia silábica aproxima o latim clássico, o português arcaico, o português brasileiro e outras línguas românicas. Caso você tenha se interessado, essa discussão está detalhada na obra *Fundamentos latinos do português brasileiro*.⁹

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção A

1. Explique, em seus próprios termos, o que é uma língua acentual e uma língua silábica.
2. Na variedade de português que você fala, qual padrão é mais predominante: o silábico ou o acentual? Elabore exemplos.

Litterae Latinae: cronologia geral e comédia nova

A literatura latina antiga se desenvolveu ao longo de vários séculos, começando na era da República Romana e continuando até o declínio do Império. Apresentamos aqui uma cronologia resumida dos seus períodos e figuras mais importantes:

Período Arcaico (240-70 a.C.)

- 240 a.C.: Início tradicional da literatura latina com a tradução da Odisseia por Lívio Andrônico.
- Plauto (c. 254-184 a.C.): Dramaturgo conhecido por suas comédias, como "Amphitruo" e *Miles Gloriosus*.
- Terêncio (c. 195-159 a.C.): Outro grande comediógrafo, autor de *Andria* e *Adelphoe*.

Período Clássico ou de Ouro (70 a.C. - 14 d.C.)

- Cícero (106-43 a.C.): Orador, filósofo e político, famoso por suas obras retóricas como "De Oratore" e "Philippicae".
- Júlio César (100-44 a.C.): General e escritor, autor dos "Commentarii de Bello Gallico".
- Lucrécio (c. 99-55 a.C.): Poeta e filósofo, escreveu "De Rerum Natura".
- Catulo (c. 84-54 a.C.): Poeta lírico conhecido por seus epigramas e poemas de amor.
- Virgílio (70-19 a.C.): Poeta épico, autor de "Eneida", "Geórgicas" e "Bucólicas".

⁹ Queriquelli, L. *Fundamentos latinos do português brasileiro*. Curitiba: Appris, 2016. p. 69-74.

- Horácio (65-8 a.C.): Poeta lírico e satírico, famoso por suas "Odes" e "Sátiras".
- Ovídio (43 a.C. - 17/18 d.C.): Poeta conhecido por "Metamorfoses", "Ars Amatoria" e "Tristia".
- Tito Lívio (59 a.C. - 17 d.C.): Historiador, autor de "Ab Urbe Condita", uma história de Roma.

Período de Prata (14-180 d.C.)

- Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.): Filósofo estoico e dramaturgo, conhecido por suas tragédias e ensaios filosóficos.
- Lucano (39-65 d.C.): Poeta épico, autor de "Farsália".
- Petrônio (c. 27-66 d.C.): Autor do "Satyricon", um romance satírico.
- Plínio, o Velho (23-79 d.C.): Autor da "História Natural", uma enciclopédia sobre o conhecimento da época.
- Marcial (c. 38-104 d.C.): Poeta famoso por seus epigramas.
- Juvenal (c. 55-138 d.C.): Poeta satírico conhecido por suas "Sátiras".
- Tácito (c. 56-120 d.C.): Historiador, autor de "Anais" e "Histórias".
- Suetônio (c. 69-122 d.C.): Biógrafo, autor de "As Vidas dos Doze Césares".

Período Tardio (180-476 d.C.)

- Apuleio (c. 124-170 d.C.): Autor do romance "O Asno de Ouro".
- Amiano Marcelino (c. 330-400 d.C.): Historiador, autor de "Res Gestae".
- Ausônio (c. 310-395 d.C.): Poeta e professor, conhecido por suas "Mosella" e "Epigramas".
- Jerônimo (c. 347-420 d.C.): Tradutor da Bíblia para o latim (Vulgata).
- Agostinho de Hipona (354-430 d.C.): Teólogo e filósofo, autor das "Confissões" e "A Cidade de Deus".

A literatura latina antiga abrange um período vasto e inclui uma diversidade de gêneros e estilos. Desde o teatro e poesia épica até a filosofia, história e teologia, esta tradição literária deixou um legado duradouro que continuou a influenciar a literatura ocidental por séculos.

A comédia nova

A comédia nova dos romanos, representada principalmente por Plauto e Terêncio, foi um gênero teatral que surgiu no final do período arcaico da literatura latina e floresceu durante o período clássico. Este gênero era caracterizado por temas domésticos e cotidianos, muitas vezes envolvendo situações familiares e questões sociais, em contraste com a comédia antiga grega, que frequentemente abordava temas políticos. Como já dissemos, Plauto e Terêncio foram seus principais representantes.

Plauto (c. 254-184 a.C.)

Plauto é conhecido por suas comédias vibrantes e populares, que destacavam o humor físico, jogos de palavras e situações cômicas. Suas obras eram adaptações livres das comédias gregas da Comédia Nova, principalmente de autores como Menandro. Algumas das peças mais conhecidas de Plauto incluem:

- "Miles Gloriosus" (O Soldado Fanfarrão): Uma comédia que satiriza um soldado vaidoso e exagerado.
- "Pseudolus": Conta a história de um escravo astuto que engana seu mestre para ajudar um jovem apaixonado.

As peças de Plauto frequentemente apresentavam personagens arquetípicos, como o escravo esperto, o jovem apaixonado, o pai severo, e o soldado fanfarrão, que se envolviam em tramas engenhosas e reviravoltas cômicas.

Terêncio (c. 195-159 a.C.)

Terêncio, por outro lado, era conhecido por seu estilo mais refinado e intelectual. Suas comédias eram também baseadas na Comédia Nova grega, mas ele se diferenciava de Plauto ao seguir mais de perto as tramas e diálogos originais dos gregos. Suas obras eram mais focadas em dilemas morais e psicológicos, apresentando personagens mais complexos e desenvolvimento de caráter. Algumas das obras mais notáveis de Terêncio incluem:

- "Heauton Timorumenos" (O Carrasco de Si Mesmo): Explora a relação entre pais e filhos e as consequências das ações impulsivas.
- "Adelphoe" (Os Irmãos): Contrasta dois irmãos com diferentes filosofias de vida e a forma como educam seus filhos.

As peças de Terêncio eram admiradas por sua elegância e clareza de linguagem, e ele era conhecido por seu lema "*Homo sum, humani nihil a me alienum puto,*" que refletia seu interesse na natureza humana e nas relações sociais.

Características Comuns

Ambos os dramaturgos compartilharam algumas características essenciais da Comédia Nova:

- Temas Cotidianos: Foco em situações domésticas e problemas familiares.
- Personagens Arquetípicos: Utilização de tipos fixos como escravos espertos, jovens apaixonados, pais rígidos e soldados fanfarrões.
- Humor e Sátira: Uso de humor, mal-entendidos, disfarces e situações cômicas para entreter o público.
- Influência Grega: Adaptação de enredos e personagens das comédias gregas da Comédia Nova.

A Comédia Nova dos romanos, representada por Plauto e Terêncio, teve um impacto duradouro na literatura e no teatro ocidentais, influenciando dramaturgos posteriores e continuando a ser estudada e apreciada até hoje.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Por que o gênero cômico favorito dos romanos se chamava comédia nova? Em oposição ao que era chamada de “nova”?
2. Quais são as características gerais desse gênero?
3. Quais as semelhanças e diferenças entre Plauto e Terêncio?

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente traduzir a célebre frase de Terêncio, proferida pelo personagem Cremes, na peça *Heauton Timorumenos* (O Carrasco de Si Mesmo, Ato 1, Cena 1, Verso 25):

Homo sum, humani nihil a me alienum puto

Essa peça conta a história de Cremes, um vizinho enxerido que se intromete na vida dos outros sem perceber que coisas piores estão acontecendo dentro da própria casa. Como justificativa para os contínuos e inoportunos palpites que dava, o vizinho Menêdemo profere essa frase célebre. Observe, entretanto, que ela acabou sendo eternizada como um pensamento elevado e nobre sobre a natureza humana, mas o contexto original é menos sofisticado.

Vocabulário:

a me alienum alheio a mim, estranho para mim

homo, hominis 3m. humano, ser humano

humanus, a, um adj. humano

nihil (subst. inflex.) nada

puto, putare, putavi, putatus 1 pensar, considerar

sum, esse, fui, futurus ser

Seção B

Pontos de língua

- substantivos da 3ª declinação;
- substantivos neutros;
- adjetivos;
- substantivo irregular da 2ª declinação (*deus*);
- vocativo e aposto;
- presente do imperativo ativo da 1ª e 2ª conjug.;
- presente do indicativo ativo (*eo*);
- pronomes possessivos e pronomes pessoais.

B1 Substantivos da 3ª declinação

No exemplo formulado em A1, já vimos o substantivo *amator* e, nos textos da Prática de leitura e tradução da Seção A, também nos deparamos com termos como *senes*, *amantes*, *meretrices*, *festivitatibus*, entre outros. Todos eles pertencem à terceira declinação latina. Se você teve alguma dificuldade para analisá-los, não se preocupe: agora examinaremos essa declinação em detalhe. Tomemos como paradigmas *consul* e *urbs*, os dois substantivos da terceira declinação mais frequentes¹⁰ nos textos clássicos:

3ª declinação com tema consonantal:

consul, consulis 3m. cônsul, chefe executivo

Singular		Plural	
Nom.	consul	Nom.	consul-es
Gen.	consul-is	Gen.	consul-um
Dat.	consul-i	Dat.	consul-ibus
Ac.	consul-em	Ac.	consul-es
Abl.	consul-e	Abl.	consul-ibus
Voc.	consul	Voc.	consul-es

3ª declinação com tema em -i:

urbs, urbis 3f. cidade

Singular		Plural	
Nom.	urbs	Nom.	urb-es
Gen.	urb-is	Gen.	urb-ium
Dat.	urb-i	Dat.	urb-ibus
Ac.	urb-em	Ac.	urb-is
Abl.	urb-e	Abl.	urb-ibus

¹⁰ Hudson, *op. cit.*

Voc.	urbs	Voc.	urb-es
------	------	------	--------

Repare que as desinências dos substantivos de terceira declinação, sejam estes de tema consonantal ou vocálico, são praticamente as mesmas. As únicas diferenças estão genitivo e acusativo plural: os substantivos de tema em -i marcam esses casos com as desinências *-ium* e *-is* respectivamente.

Os substantivos da terceira declinação apresentam uma grande variedade de terminações no nominativo singular. Para citar alguns exemplos que já vimos, repare em: *amator, amatoris; senex, senis; amans, amantis; meretrix, meretricis; festiuitas, festiuitatis*. Por isso, reforçamos a necessidade de sempre procurar memorizar o genitivo singular, pois é dele que extrairemos o radical a partir do qual flexionaremos aquele substantivo nos outros casos. Além disso, sabendo que o genitivo singular daquele termo acaba em *-is*, sabemos que ele pertence à terceira declinação, ou seja, também tem a função de identificar a declinação daquele substantivo.

Apesar dessa variedade de formas no nominativo singular, contudo, na maioria das vezes é possível prever o nominativo a partir do genitivo ou das outras flexões:

- Repare que, quando a desinência do genitivo (ou dos demais casos) é precedida de *r-*, é comum que a forma do nominativo seja o próprio radical. Isso acontece com *amatoris > amator*, mas também com *praetoris > praetor* ('pretor, governador'), *auctoris > auctor* ('autor'); *honoris > honor* ('honra') etc.
- Quando a desinência do genitivo (ou dos demais casos) é precedida de *c-*, *g-* ou *ct-*, é comum que a forma do nominativo termine em *-x*. Isso acontece com *meretricis > meretrix*, mas também com *regis > rex* ('rei'), *noctis > nox* ('noite'), *iudicis > iudex* ('juiz'), *pacis > pax* ('paz'), *uocis, uox* ('voz') etc.
- Quando a desinência do genitivo (ou dos demais casos) é precedida de *nt-*, é comum que a forma do nominativo termine em *-ns*. Isso acontece com *amantis > amans*, mas também com *gentis > gens* ('gente, povo'), *mentis > mens* ('mente'), *montis > mons* ('monte') etc.
- Quando a desinência do genitivo (ou dos demais casos) é precedida de *tat-*, é comum que a forma do nominativo termine em *-tas*. Isso acontece com *festiuitatis > festiuitas*, mas também com *ciuitatis > ciuitas* ('cidade'), *potestatis > potestas* ('poder'), *aetatis > aetas* ('idade'), *libertatis > libertas* ('liberdade') etc.

B2 Substantivos neutros

Agora que já conhecemos as três primeiras declinações em detalhe, cabe completar a apresentação delas com os substantivos neutros, que, quase em sua totalidade, encontram-se na segunda e terceira declinações. Considerando o critério da frequência,¹¹ tomemos como exemplos *bellum, tempus* e *mare*.

¹¹ Hudson, *op. cit.*

Neutro de 2ª declinação:

<i>bellum, i</i> 2n. guerra			
Singular		Plural	
Nom.	bell-um	Nom.	bell-a
Gen.	bell-i	Gen.	bell-orum
Dat.	bell-o	Dat.	bell-is
Ac.	bell-um	Ac.	bell-a
Abl.	bell-o	Abl.	bell-is
Voc.	bell-um	Voc.	bell-a

Neutro de 3ª declinação com tema consonantal:

<i>tempus, temporis</i> 3n. tempo			
Singular		Plural	
Nom.	tempus	Nom.	tempor-a
Gen.	tempor-is	Gen.	tempor-um
Dat.	tempor-i	Dat.	tempor-ibus
Ac.	tempus	Ac.	tempor-a
Abl.	tempor-e	Abl.	tempor-ibus
Voc.	tempus	Voc.	tempor-a

Neutro 3ª declinação com tema em -i:

<i>mare, maris</i> 3n. mar			
Singular		Plural	
Nom.	mare	Nom.	mar-ia
Gen.	mar-is	Gen.	mar-ium
Dat.	mar-i	Dat.	mar-ibus
Ac.	mare	Ac.	mar-ia
Abl.	mar-e	Abl.	mar-ibus
Voc.	mare	Voc.	mar-ia

Em primeiro lugar, cabe notar que todos os neutros de segunda declinação fazem o nominativo singular em *-um*. Em relação aos neutros de terceira declinação, não há exatamente um padrão, embora muitos façam o nominativo singular em *-us*, como *tempus*, *opus* ('obra') e *corpus* ('corpo').

Em relação nominativo ao plural, temos a marca *-a* como um ponto em comum para todos os neutros, sejam de segunda ou terceira declinação (*bella*, *tempora*, *maria*).

Já sabíamos que o vocativo era sempre igual ao nominativo, com exceção dos masculinos de segunda declinação, que fazem o vocativo singular em *-e*. Agora, porém, observamos que, nos neutros de segunda e terceira declinações, o acusativo também é igual ao nominativo, conforme destacado na tabela. Essa é a principal característica morfológica que devemos considerar.

Além disso, com relação aos neutros de 3ª declinação com tema em *-i*, repare que essa vogal se faz presente não só na desinência do genitivo plural (*marium*), mas também no nominativo e acusativo plurais (*maria*).

B3 Adjetivos

Agora que já conhecemos o comportamento morfológico dos substantivos das três primeiras declinações, inclusive dos nomes neutros, convém que sejam apresentados aos adjetivos.

Na seção A3, dissemos que, simplificada, podemos encontrar os adjetivos no dicionário de duas maneiras diferentes:

1. *bonus, bona, bonum* ou simplesmente *bonus, a, um* adj. bom; e
2. *omnis, omne* ou simplesmente *omnis, e* adj. todo.

Por convenção, dizemos que o primeiro exemplo corresponde aos adjetivos de primeira classe, ou de primeira e segunda declinações, enquanto que o segundo exemplo corresponde aos adjetivos de segunda classe, ou de terceira declinação.

Os adjetivos de primeira classe declinam conforme a primeira ou a segunda declinação dependendo do gênero do substantivo com que concordam. Por exemplo, *mulier bona* ('mulher boa'), *homo bonus* ('homem bom'), *tempus bonum* ('tempo bom'). Assim, perceba que um adjetivo como '*bonus, a, um*' declinará conforme primeira declinação se for feminino e conforme segunda declinação se for masculino ou neutro. Vejamos isso numa tabela completa:

Adjetivo de 1ª classe (1ª e 2ª declinações):

<i>bonus, a, um</i> adj. bom							
Singular	Masc.	Fem.	Neut.	Plural	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	bon-us	bon-a	bon-um	Nom.	bon-i	bon-ae	bon-a
Gen.	bon-i	bon-ae	bon-i	Gen.	bon-orum	bon-arum	bon-orum
Dat.	bon-o	bon-ae	bon-o	Dat.	bon-is	bon-is	bon-is
Ac.	bon-um	bon-am	bon-um	Ac.	bon-os	bon-as	bon-a
Abl.	bon-o	bon-a	bon-o	Abl.	bon-is	bon-is	bon-is
Voc.	bon-e	bon-a	bon-um	Voc.	bon-i	bon-ae	bon-a

Repare que, conforme os exemplos que formulamos acima – *mulier bona, homo bonus, tempus bonum* – o adjetivo concorda com o substantivo em gênero, número e caso, mas nunca em declinação. Assim, *mulier* pertence à 3ª decl., e *bona* à 1ª; *homo* pertence à 3ª, e *bonus* à 2ª; *tempus* pertence à 3ª dec., e *bonum* à 2ª.

Alguns adjetivos de 1ª classe (como *pulcher, pulchra, pulchrum*) fazem o nom. sing. masculino em *-er* e não em *us*. Essa, porém, é sua única particularidade: em todas as demais ocorrências, segue o paradigma geral.

Os adjetivos de segunda classe declinam conforme a terceira declinação, independente do gênero do substantivo com que concordam. Suas não são muitas. Vejamos:

Adjetivo de 2ª classe (3ª declinação):

<i>omnis, e adj. todo</i>							
Singular	Masc.	Fem.	Neut.	Plural	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	omn-is	omn-is	omn-e	Nom.	omn-es	omn-es	omn-ia
Gen.	omn-is	omn-is	omn-is	Gen.	omn-ium	omn-ium	omn-ium
Dat.	omn-i	omn-i	omn-i	Dat.	omn-ibus	omn-ibus	omn-ibus
Ac.	omn-em	omn-em	omn-e	Ac.	omn-is	omn-is	omn-ia
Abl.	omn-i	omn-i	omn-i	Abl.	omn-ibus	omn-ibus	omn-ibus
Voc.	omn-is	omn-is	omn-e	Voc.	omn-es	omn-es	omn-ia

Note que, conforme esse exemplo que representa a situação mais comum, as formas dos gêneros masculino e feminino são idênticas. Assim temos *omnis mulier* e *omnis homo*. A única diferenciação ocorre no gênero neutro, que faz nom., acus. e voc. singular em *-e*, e plural em *-ia*: *omne tempus* e *omnia tempora*. Esse exemplo representa os adjetivos de segunda classe chamados de ‘biformes,’ porque têm uma forma de nom. sing. para masculino e feminino, e outra para neutro.

Há, ainda, adjetivos ditos ‘uniformes,’ porque têm uma única forma de nom. sing. para os três gêneros, e adjetivos ‘triformes,’ porque têm uma forma de nom. sing. para cada um dos três gêneros. Os uniformes são, em geral, aqueles terminados em *-x* ou *-ns* (como *felix, felicitis* ‘feliz’ e *ingens, ingentis* ‘enorme’). Os triformes são apresentados nom. sing. em *-er* no masculino, *-is* no feminino e *-e* no neutro (como *acer, acris, acre* ‘agudo, violento’).

A imensa maioria dos adjetivos de segunda classe têm tema vocálico, apresentando no genitivo plural a desinência *-ium*. Exceções a essa regra geral são alguns adjetivos uniformes de tema consonantal, como: *particeps, participis* (‘participante’), cujo gen. pl. é *participum*; *uetus, ueteris* (‘velho, veterano’), cujo gen. pl. é *ueterum*; e *pauper, pauperis* (‘pobre’), cujo gen. pl. é *pauperum*.

Outra particularidade importante nos adjetivos de segunda classe diz respeito ao ablativo singular: enquanto os substantivos de 3ª decl. fazem ablativo singular em *-e*, os adjetivos de 3ª decl. fazem ablativo singular em *-i* (igual ao dativo): por exemplo, *cum omni homine*.

Por fim, cabe notar que, assim como em português, em latim é possível que um adjetivo funcione numa sentença como se fosse um substantivo, assumindo o núcleo do sintagma nominal, sem que esteja acompanhando outro substantivo – algo que a morfologia chama de derivação imprópria. Exemplos:

- *Boni in pace dormiunt* (‘Os bons dormem em paz’)
- *Pauper dominum, non sortem mutat* (Fedro 1.15) (‘O pobre muda de patrão, não de condição’)
- *Omnia fato fiunt.* (‘Todas as coisas acontecem pelo destino’)

B4 Substantivo irregular da 2ª declinação (*deus*)

De forma complementar às considerações sobre os substantivos de 2ª declinação já feitas em A8 e B2, acrescentamos aqui o substantivo *deus*, que apresenta irregularidades no radical, variando entre *de-* e *d-*, além de não marcar o vocativo em *-e*, mas sim em *-us*:

<i>deus, i 2m. deus</i>			
Singular		Plural	
Nom.	de-us	Nom.	d-i
Gen.	de-i	Gen.	de-orum
Dat.	de-o	Dat.	d-is
Ac.	de-um	Ac.	de-os
Abl.	de-o	Abl.	d-is
Voc.	de-us	Voc.	d-i

B5 Vocativo e aposto

Como já dissemos em A1, o vocativo é um termo independente da oração, que marca a pessoa a quem nos dirigimos, aquele a quem *uocamus* ('chamamos'). Reiterando o que expusemos em A8, o vocativo singular masculino da 2ª decl. é o único que tem uma marca particular (*-e*) – em todas as demais ocorrências, o vocativo é sempre igual ao nominativo.

Em certas ocasiões, também encontramos a partícula *o* antecedendo o vocativo, a fim de reforçar a marcação desse caso. Exemplos:

- *O Cupido, quantus es!* (Plauto, *Mercator* 846) 'Ó Cupido, como és poderoso!'
- *O di, reddite mi hoc pro pietate mea.* (Catulo, *Carmina* 76.26) 'Ó deuses, devolvam-me isso em troca de minha devoção'

Obs.: não confunda, em português, 'ó' (marca de vocativo) com 'oh' (marca de interjeição).

Quando um substantivo de 2ª declinação tiver o nom. singular terminado em *-ius*, o vocativo passa a ser em *-i* (por ex.: *filius*, 'filho'; *fili*, 'ó filho!'). O mesmo acontece como o possessivo *meus*, que conheceremos logo adiante: seu vocativo também é em *-i* (por ex.: *mi fili*, 'ó meu filho!').

Quanto ao aposto, trata-se de um termo acessório da oração (cf. A1), cuja função é esclarecer o sentido de outro termo, ao qual ele se 'apõe'. Em latim, o aposto leva a marca do mesmo caso em que se encontra o termo ao qual ele se refere. Assim, se o aposto se refere ao nominativo da frase, ele também estará no nominativo; se se refere ao acusativo, estará no acusativo, e assim por diante. Exemplos:

- *Cicero* [nom.], *orator Romanus* [nom.], *scripsit multa opera* ('Cícero, orador romano, escreveu muitas obras')

- **Romulus** [nom.], *urbis Romae conditor* [nom.], *frater Remi erat* ('Rômulo, fundador da cidade de Roma, era irmão de Remo')
- **Caesar Galliam** [acus.], *Romanorum maiorem inimicum* [acus.], *uicit* (César venceu a Gália, o maior inimigo dos romanos)

B6 Presente do imperativo ativo da 1a e 2a conj.

O modo imperativo é o modo verbal pelo qual se expressa uma ordem ou um desejo, pedido exortação etc. Vejamos alguns exemplos:

1ª conj.		2ª conj.	
<i>ama</i>	<i>ama (tu) / ame (você)</i>	<i>habe</i>	<i>tem (tu) / tenha (você)</i>
<i>amate</i>	<i>amem (vocês)</i>	<i>habete</i>	<i>tenham (vocês)</i>

Resumidamente, a forma do imperativo singular é simplesmente o tema do verbo (por ex., *amare* > *ama*), sendo que no plural se acrescenta a desinência *-te*.

B8 Presente do indicativo ativo (eo)

Até agora não vimos nenhum verbo de movimento. Conheçamos, portanto, o verbo *eo*:

<i>ego</i>	<i>eo</i>	<i>eu vou</i>
<i>tu</i>	<i>is</i>	<i>tu vais / você vai</i>
-	<i>it</i>	<i>ele vai</i>
<i>nos</i>	<i>imus</i>	<i>nós vamos</i>
<i>uos</i>	<i>itis</i>	<i>vocês vão</i>
-	<i>eunt</i>	<i>eles vão</i>

Esse verbo, cujo infinitivo presente ativo é *ire* ('ir'), é o principal verbo de movimento latino. Pode significar 'ir' ou 'vir' dependendo do contexto.

Por convenção, é considerado um verbo irregular, mas sua morfologia, como veremos, é mais simples que parece. Aqui, basicamente, temos uma variação no radical (*i-* e *e-*). Além disso, repare que, na terceira pessoa do plural, há a vogal de ligação *-u-* unindo o radical à desinência pessoal.

Sendo verbo de movimento, seu complemento locativo será normalmente expresso por locuções preposicionais formadas com *in*, *ad*, *ex*, *ab* etc. Por exemplo: *eo in forum* ('vou ao fórum'); *eo ad forum* ('vou até o fórum'); *eo ex foro* ('vou para fora do fórum'); *eo ab forum* ('vou embora do fórum').

No entanto, era comum que o latim redobrasse a preposição como prefixo do verbo *eo*, derivando, assim, novos verbos. Por exemplo: *ineo in forum* ('entro no fórum'); *adeo ad forum* ('acorro ao fórum'); *exeo ex foro* ('saio do fórum'); *abeo ab forum* ('afasto-me do fórum).

Aliás, a derivação de novos verbos com a prefixação de preposições era um processo muito mais produtivo e corrente do que o é em português. Como veremos, isso ocorria com naturalidade com qualquer tipo de verbo. Para citar alguns exemplos, temos muitos verbos derivados de:

- *sum* ('estou'): *insum* ('estou presente'); *absum* ('estou ausente') etc.
- *facio* ('faço'): *deficio* ('faço faltar'); *perficio* ('faço por inteiro') etc.
- entre outros.

B9 Pronomes possessivos e pronomes pessoais

Os pronomes possessivos latinos, a rigor, são adjetivos e declinam exatamente como adjetivos de primeira classe:

1a. pessoa	2a. pessoa	3a. pessoa
<i>meus, mea, meum</i>	<i>tuus, tua, tuum</i>	<i>suus, sua, suum</i>
...
<i>noster, nostra, nostrum</i>	<i>uester, uestra, uestrum</i>	<i>sui, suae, sua</i>

Já os pronomes pessoais – que representam as ‘pessoas do discurso’, as pessoas envolvidas na comunicação – possuem formas retas (nominativas) e oblíquas (demais casos), exatamente como os pronomes do português. A propósito, os pronomes pessoais são uma das permanências mais óbvias do latim na nossa língua.

casos	1a. pessoa		2a. pessoa		3a. pessoa	
nom.	<i>ego</i>	eu	<i>tu</i>	tu/você	–	ele
gen.	<i>mei</i>	de mim	<i>tui</i>	de ti/de você	<i>sui</i>	de si
acus.	<i>me</i>	me	<i>te</i>	te/o(a)	<i>se</i>	se
dat.	<i>mihi</i>	a mim	<i>tibi</i>	a ti/lhe	<i>sibi</i>	a si/se
abl.	<i>a me/ mecum</i>	por mim/ comigo	<i>a te tecum</i>	por ti/por você contigo/com você	<i>a se/ secum</i>	por si/ consigo
nom.	<i>nos</i>	nós	<i>uos</i>	vocês	–	eles
gen.	<i>nostrum/ nostrum</i>	de nós/ dentre nós	<i>uestri/ uestrum</i>	de vocês/ dentre vocês	<i>sui</i>	de si
acus.	<i>nos</i>	nos	<i>uos</i>	vocês	<i>se</i>	se
dat.	<i>nobis</i>	a nós	<i>uobis</i>	a vocês/lhes	<i>sibi</i>	a si/se
abl.	<i>a nobis/ nobiscum</i>	por nós/ conosco	<i>a uobis/ uobiscum</i>	por vocês/ com vocês	<i>a se/ secum</i>	por si/ consigo

Os pronomes pessoais são pouco empregados em latim, já que as desinências pessoais cumpriam a função de marcar a pessoa do discurso. Quanto eram explicitados, normalmente tinham uma função de ênfase ou contraste: *tu ridēs, ego fleo* ('tu ris, eu choro').

Alguns detalhes merecem nossa atenção. O latim não dispunha de pronomes pessoais de terceira pessoa no caso nominativo. Como veremos, quando havia necessidade de realizar a terceira pessoa pronominalmente, era comum usar pronomes demonstrativos (*ille, ipse, iste, is* etc.) para ocupar a função de sujeito pronominal.

Repare também que o caso genitivo geralmente indica ‘posse’, mas também pode introduzir um objeto, isto é, um complemento nominal. Por isso, é importante saber diferenciar um genitivo possessivo de um genitivo objetivo.

Mei e *tui* são genitivos ‘objetivos.’ Logo, significam ‘dirigido a mim/a ti (a você)’. Por exemplo, *amor tui* significa ‘amor por ti/por você.’ A ideia de ‘pertencer a mim/a ti (a você)’ é expressa pelos pronomes possessivos *meus* e *tuus*. Por exemplo: *pater meus* (‘meu pai’, ‘o pai pertencente a mim’).

Nostrum e *uestrum* são os chamados genitivos ‘partitivos,’ ou seja, representam parte de um todo, de um conjunto. Por exemplo: *multi nostrum* (‘muitos de nós’). Já *nostrum* e *uestri* são genitivos ‘objetivos.’ Por exemplo: *memor nostri* (‘lembrado de nós’, ‘que se lembra de nós’); *desiderium nostri* (‘saudade de nós’, ‘que tem saudade de nós’).

Exercícios - Pontos de língua da Seção B

1. Considere o seguinte vocabulário:

ad prep. (+ acus.) até
adiuuvo, adiuuare, adiuuani, adiuuatus 1 ajudar
ama, amare, amau, amatus 1 amar
amator, is 3m. amante
bellum, i 2n. guerra
carus, a, um adj. querido
consul, is 3m. cônsul
curo, curare, curau, curatus 1 cuidar de (+ acus.)
difficilis, e adj. difícil
diligens, diligentes adj. diligente, cuidadoso
drama, dramatis 3n. peça (de teatro)
dulcis, e adj. doce, agradável
eo, ire, ii, itus ir
et conju. e
facio, facere, feci, factus fazer
festiuitas, festiuitatis 3f. festa, festival
forum, i 2n. fórum
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
in prep. (+ abl.) em
iocularis, e adj. engraçado
iucundus, a, um adj. divertido
ludus, i 2m. jogo
meus, a, um adj. meu

nobis dat. de *nos*
noster, nostra, nostrum adj. nosso
o part. voc. ó
oratio, orationis 3f. discurso
pax, pacis 3f. paz
paro, parare, paravi, paratus 1 preparar, proporcionar
populus, i 2m. povo
rector, is 3m. líder
respondo, respondere, respondi, responsus 3 responder
rogo, rogare, rogavi, rogatus 1 pedir
tempus, temporis 3n. tempo
urbs, urbis 3f. cidade

a) Primeiro, ciente do vocabulário, tente ler o texto a seguir sem recorrer à tradução imediatamente. Em um segundo momento, proponha uma tradução para ele:

Diligens consul, amator populi, urbem curat. Consul ad forum it et orationem facit.

Populus festiuitates amat et consuli rogat: 'o care consul noster, nobis incundos ludos et iocularia dramata para!'

Rector respondit: 'o care popule mi, in belli difficilibus temporibus urbem adiunate et in pacis temporibus dulces festiuitates habete!'

b) Considerando as frases anteriores, passe tudo o que estiver no singular para o plural e *vice versa*. Em seguida, traduza as frases com os números invertidos.

2. Ainda considerando as frases em 1-a, extraia delas:

- a) Um exemplo de substantivo de 3ª declinação feminino.
- b) Um exemplo de subst. neutro de 2ª declinação.
- c) Um exemplo de subst. neutro de 3ª declinação.
- d) Um exemplo de adjetivo de 1ª classe.
- e) Um exemplo de adjetivo uniforme de 2ª classe.
- f) Um exemplo de adj. biforme de 2ª classe.
- g) Um exemplo de vocativo.
- h) Um exemplo de aposto.
- i) Um exemplo de imperativo.

- j) Um exemplo de verbo de movimento.
- k) Um exemplo de pronome possessivo.
- l) Um exemplo de pronome pessoal.

Prática de leitura e tradução da Seção B

Texto 1 – Humani di

Comoedia noua, Romanis grata, ab antica differt quia mundana est. Dramata comaediae nouae deos habent, sed sollertes et stulti ut humani sunt. Exempli gratia, Plauti Amphitruone nomine drama ueneria facinora Iouis et dolos ministris sui Mercurii narrat. Summus deus Alcmenam, uxorem Amphitruonis, regis Thebanorum, amat. Tunc, falso aspecto Amphitruonis, cum Alcmena concumbit. Dum Iuppiter cum Alcmena in cubile init, Mercurius custodit.

Vocabulário:

ab prep. (+ abl.) de
Alcmena, ae 1f. Alcmena
amo, amare, amaui, amatus 1 amar
Amphitruo, Amphitruonis 3m. Anfitrião
anticus, a, um adj. antigo
aspectus, us 4m. aparência
cubile, is 3n. cama (de casal)
comaedia, ae 1f. comédia
concumbo, concumbere, concumbui, concumbitus 3 deitar-se com
cum prep. (+ abl.) com
custodio, custodire, custodiui, custoditus 4 vigiar
deus, i 2m. deus
differo, differre, distuli, dilatus diferir
dolus, i 2m. truque
drama, dramatis 3n. peça (de teatro)
dum conj. enquanto
et conj. e
exemplum, i 2n. exemplo
facinus, facinoris 3n. feito, façanha
gratus, a, um adj. popular, agradável a
gratia, ae 1f. graça (*exempli gratia* = por exemplo)
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
humanus, a, um adj. humano
ineo, inire, iniui, initus ir
Iuppiter, Iouis 3m. Júpiter
Mercurius, i 2m. Mercúrio
minister, ministris 3m. ajudante

mundanus, a, um adj. mundano
narro, narrare, narraui, narratus 1 narrar, contar, falar sobre
nomen, nominis 3n. nome
nouus, a, um adj. novo
Plautus, i 2m. Plauto
quia conj. porque
rex, regis 3m. rei
Romanus, a, um adj. romano
sed conj. mas
sollers, sollertis adj. esperto
stultus, a, um adj. idiota, estúpido
suus, sua, suum adj. seu (pron. poss.)
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
summus, a, um adj. supremo
Thebanus, a, um adj. tebano
tunc adv. então
uenerius, a, um adj. erótico, sexual
ut conj. como
uxor, uxoris 3f. esposa

Texto 2 - Obscuratio praesidis

Rete sociale Twitter aditum praesidis Donaldi Trump stabiliter intermisit ob periculum noui ad vim incitamenti. Étiám nuntius ab accessu público "Potus" deletus est. - 09/01/2021 09h33 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Vocabulário:

ab prep. (+ abl.) de
accessus, us 4m. perfil, conta de rede social
ad prep. (+ acus.) a, para
aditus, us 4m. acesso
deletus est (perf. passiv. de *deleo*) foi deletada
Donaldus, i 2m. Donald
etiam conj. ainda, além disso
incitamentum, i 2n. incitação
intermisit (perf. de *intermitto*) bloqueou, interrompeu
nouus, a, um adj. novo
nuntius, i 2m. mensagem, postagem
ob prep. (+ acus.) por causa de, devido a
obscuratio, obscurationis 3f. apagamento
periculum, i 2n. perigo
Potus (subst., neut. indecl.) Potus (nome da conta oficial do presidente estadunidense em exercício)
praeses, praesidis 2m. presidente

publicus, a, um adj. público
rete, retis 3n. rede
socialis, e adj. social
stabilliter adv. permanentemente
Trump (subst., neut. indecl.) Trump
Twitter (subst., neut. indecl.) Twitter
uis, uis 3f. violência

Texto 3 - Corpus humanum¹²

Corpus humanum quattuor membra habet: duo brachia et duo crura. Bracchium membrum est et crus membrum est. In brachio est manus, in crure pes. Duae manus et duo pedes in corpore humano sunt.

In corpore unum caput est, non duo capita. In capite sunt oculi et aures, nasus et os. Super caput capillus est. Capillus uirorum non tam longus est quam feminarum. Supra oculos frons est. Infra oculos genae sunt. Post frontem est cerebrum. Qui cerebrum paruuum habet stultus est. Os est inter duo labra. In ore lingua et dentes insunt. Dentes sunt albi ut margaritae. Lingua et labra rubra sunt ut rosae.

Homines oculis uident et auribus audiunt. Homo qui oculos bonos habet bene uidet, qui oculos malos habet male uidet. Qui aures bonas habet bene audit, qui aures malas habet male audit. Syra male audit, ea enim aures malas habet.

Caput est super collum. Sub collo est pectus. In pectore cor et pulmones sunt. In corde est sanguis, qui per uenas ad cor fluit. Color sanguinis est ruber. Infra pulmones est iecur et uenter. In uentre cibus est. Cor, pulmones, iecur, uenter sunt uiscera humana.

Vocabulário:

ad prep. (+ acus.) até
albus, a, um adj. branco
audio, audire, audiui, auditus 4 ouvir
auris, auris 3f. ouvido, orelha
bene adv. bem
bonus, a, um adj. bom
bracchium, i 2n. braço
capillus, i 2m. cabelo
caput, capitis 3n. cabeça
cerebrum, i 2n. cérebro
cibus, i 2m. comida
collum, i 2n. pescoço
color, coloris 3m. cor
cor, cordis 3n. coração
corpus, corporis 3n. corpo

¹² Extraído do Capítulo 11 do método de Hans Ørberg: ØRBERG, Hans H. *Lingua Latina Per Se Illustrata*. Pars I: Familia Romana. Grenaa: Domus Latina, 2003.

crus, cruris 3n. perna
dens, dentis 3m. dente
duo, duae, duo num. dois
ea pron. ela
enim conj. pois, portanto
et conj. e
femina, ae 1f. mulher
fluo, fluere, fluxi, fluxus 3 fluir, correr
frons, frontis 3f. testa
gena, ae 1f. bochecha
habeo, habere, habui, habitus 2 ter, possuir
homo, hominis 3m. homem
humanus, a, um adj. humano
iecur, iecoris 3n. fígado
in prep. (+ abl.) em
infra prep. (+ acus.) abaixo de, debaixo de
insum, inesse, infui, infuturus estar em, haver em, ter em
inter prep. (+ acus.) entre
labrum, i 2n. lábio
lingua, ae 1f. língua
longus, a, um adj. longo
male adv. mal
malus, a, um adj. mau
manus, us 4f. mão
margarita, ae 1f. pérola
membrum, i 2n. membro
nasus, i 2m. nariz
non adv. não
oculus, i 2m. olho
os, oris 3n. boca
paruus, a, um adj. pequeno
pectus, pectoris 3n. peito
per prep. (+ acus.) por
pes, pedis 3m. pé
post prep. (+ acus.) atrás de
pulmo, pulmonis 3m. pulmão
quattuor num. quatro
qui pron. quem, que, o que
rosa, ae 1f. rosa
ruber, rubra, rubrum adj. vermelho
sanguis, sanguinis 3m. sangue
stultus, a, um adj. estúpido, idiota
sub prep. (+ abl.) sob, abaixo de, debaixo de
sum, esse, fui, futurus ser, estar; existir, haver
super prep. (+ acus.) sobre, em cima de
supra prep. (+ acus.) sobre, acima de
Syria, ae 1f. Síria (nome próprio)

tam ... quam tanto quanto (construção correlativa)
unus, una, unum num. um
ut conj. como
vena, ae 1f. veia
uenter, uentris 3m. estômago
uideo, uidere, uidi, uisus 2 ver
uir, uiri 2m. homem
uiscer, uisceris 3n. órgão

Texto 4 - Excertos da Vulgata de Jerônimo

honora patrem tuum et matrem tuam. (Êxodo 20.12)

uos estis sal terrae ... uos estis lux mundi. (Mateus 5.13)

Vocabulário:

et conj. e
honorō, honorare, honorauī, honoratus 1 honrar
lux, lucis 3f. luz
mater, matris 3f. mãe
mundus, i 2m. mundo
pater, patris 3m. pai
sal, salis 3m. sal
sum, esse, fui, futurus ser, estar; existir, haver
tuus, a, um adj. teu (pron. poss.)
uos pron. vocês

Texto 5 - Non omnibus medicamen

Medicaminum industriae Pfeizer, Moderna aliaque multae uaccinum coronarium demum comparauerunt, quo morbus infestus fortasse prouincetur: multis in nationibus Europaeis medicamen iam ciuibus inseri incepit, sed quid de pauperioribus regionibus? [...] - 19/12/2020 - EPHEMERIS. Nuntii Latini uniuersi

Vocabulário:

aliaque (o mesmo que *et alia*, de *alius, a, um* adj.) e outras
annus, i 2m. ano
asperus, a, um adj. difícil
bonus, a, um adj. bom
civis, civis 3m.
cidadão
comparauerunt (perf. de *comparo*) prepararam

coronarius, a, um adj. coronário (ref. ao Corona vírus)
demum adv. finalmente
et conj. e
Europaenus, a, um adj. europeu
exopto, exoptare, exoptavi, exoptatus desejar
fortasse adv. talvez
iam adv. já
in prep. (+ abl.) em
in melius (prep. *in* + acus. *melius*) para melhor
inceptit (perf. de *incipio*) começou
industria, ae 1f. indústria
infestus, a, um adj. terrível
inseri (inf. passiv. de *insero*) ser aplicado
lector, lectoris 3m. leitor
medicamen, medicaminis 3n. medicamento
Moderna, ae 1f. Moderna
morbus, i 2m. doença
multus, a, um adj. muito
mutet (pres. subj. de *muto*) que mude
natio, nationis 3f. nação
non adv. não
omen, ominis 3n. presságio
omnis, e adj. todo
pauperior, pauperioris adj. comp. mais pobre
 Pfizer (subst., neut., indecl.) Pfizer
prosperus, a, um adj. próspero
prouincetur (fut. ind. pass. de *prouinco*) será vencida
quid de (loc. pron.) e quanto a
quo pron. com a qual
regio, regionis 3f. região
res, rei 5f. coisa, situação
scriptor, scriptoris 3m. escritor
sed conj. mas
uaccinum, i 2n. vacina

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: queda de /s/ final e desnasalização

Para introduzir o tema desta seção, trazemos aqui dois exemplos extraídos da música popular brasileira:

Fizemo a última viagem. / Foi lá pro sertão de Goiás. / Fui eu e o Chico Mineiro, / também foi o capataí.

*Lá pras banda de ouro fino / levando o gado servage, / quando eu passo na porteira / até vejo sua image.
 / O seu rangido tão triste / mai parece uma mensage / daquele rosto trigueiro, / desejando-me boa viagem.*

A transcrição desses trechos das letras das canções Chico Mineiro e O Menino da Porteira enfatiza certos desvios da norma culta assumidos por Tônico e Tinoco, seus intérpretes e compositores. Tais canções são representativas do dialeto caipira, mas refletem dois fenômenos observáveis no Brasil inteiro:

- a queda de /s/ no fim da palavra – que percebemos em *fiçemo, Goiai, capatai, pras banda e mai* – e
- a perda do traço nasal em vogais nasais finais, como em *viage, servage, image, mensage*.

Esses fenômenos, que são fonológicos na nossa língua, acabaram originando um outro fenômeno, que é a perda sistemática da marca de concordância de número, observável em “pras banda” por exemplo, mas vamos ficar aqui no plano do som, não da sintaxe.

Ainda no latim, a queda de [s] e de nasal já existia como um fenômeno fonético, a erosão fonética, que afetava principalmente as partes da palavra com menos energia, como tipicamente era o fim das palavras latinas, que não era acentuado.

Sobre a queda de [s], vale mencionar que, nas inscrições de Pompeia e Herculano, por exemplo, encontramos ocorrências como: *Romulu* (um nome próprio) em vez de *Romulus*; *Purami* (também um nome próprio) em vez de *Pyramis*; *felicita* (um substantivo comum) em vez de *felicitas*, entre outros.¹³

Sobre a queda de nasal final em latim, Prisciano de Cesareia, um gramático romano do século quinto, fez a seguinte observação nas suas *Institutiones Grammaticae* (38, H):

M obscurum in extremitate dictionum sonat ut templum, apertum in principio ut magnus, mediocre in mediis ut umbra.

‘O M é apagado na extremidade das palavras, soando como *templum*; é aberto no começo, como em *magnus*; e mediocre no meio, como em *umbra*.’

Ao que parece, quando Prisciano afirma que a realização de /m/ era “mediocre no meio, como em *umbra*”, ele está indicando que já ocorria nesse contexto uma nasalização, além de constatar a queda propriamente quando se tratava de um /m/ final.

Quintiliano e Élio Donato, ambos também gramáticos romanos, asseguraram que o M, no final de palavras, era pronunciado de modo tão fraco que era quase inaudível. Nas palavras de Donato, em seu “Comentário sobre Terêncio” (ii. 1, 53):

Littera M est nimium pressae vocis ac paene nullius.

‘A letra M é pronunciada com a voz tão presa que chega a ser quase nula.’

Existem exemplos e argumentos em abundância para provar a ocorrência desses fenômenos em latim, alguns deles detalhados em Fundamentos latinos do português brasileiro.¹⁴ O mais importante, por ora, é observar que:

¹³ Clackson, James; Horrocks, Geoffrey. *The Blackwell history of the Latin language*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 96.

¹⁴ Queriquelli, *op. cit.*, p. 91-100.

1. isso surge como um fenômeno fonético em latim (que inclusive vai ser um fator decisivo para o colapso do sistema de casos nessa língua),
2. aparece já como um fenômeno fonológico no português brasileiro falado (pois de fato já existe uma regra que condiciona a queda de /s/ e nasal no fim da palavra, não é só uma questão de energia na fala) e
3. vai acabar por bifurcar em um fenômeno de concordância na nossa língua.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção B

1. De que maneira a queda de /s/ e nasal no fim da palavra induziu, no latim e no português brasileiro, mudanças sintáticas?
2. Na variedade de português que você fala, esses fenômenos são perceptíveis? Você percebe implicações na concordância? Elabore exemplos.

***Litterae Latinae*: o Anfitrião de Plauto e os personagens duplos da comédia nova**

Plauto, um dos mais importantes dramaturgos da comédia latina, frequentemente utilizava o recurso dos personagens duplos para criar situações cômicas e aumentar a complexidade de suas tramas. Esse recurso envolve personagens que se fazem passar por outros, resultando em mal-entendidos, enganos de identidade e uma série de situações humorísticas.

O Recurso dos Personagens Duplos

Nas comédias de Plauto, personagens duplos geralmente surgem através de:

- Identidade trocada: Dois personagens que são confundidos um com o outro.
- Disfarce: Um personagem se disfarça para se passar por outro.
- Gêmeos: Dois personagens são idênticos, muitas vezes irmãos gêmeos.

Essas situações criam uma série de mal-entendidos e confusões que são resolvidos no decorrer da peça, geralmente de maneira cômica e inesperada.

O "Anfitrião"

"O Anfitrião" (em latim, "*Amphitruo*") é uma das comédias mais conhecidas de Plauto. A peça mistura elementos de comédia com mitologia, sendo única no repertório de Plauto por incluir deuses entre seus personagens principais.

Enredo

A história gira em torno de Anfitrião, o general tebano, e sua esposa Alcmena. Enquanto Anfitrião está fora em batalha, Júpiter, o rei dos deuses, desce à Terra disfarçado como Anfitrião para seduzir Alcmena. Para tornar o disfarce mais convincente, Júpiter traz seu filho Mercúrio, que se disfarça como Sósia, o servo de Anfitrião.

- Júpiter e Alcmena: Júpiter, disfarçado como Anfitrião, passa a noite com Alcmena, que acredita estar com seu marido verdadeiro.
- Mercúrio e Sósia: Mercúrio, disfarçado como Sósia, vigia a casa e impede o verdadeiro Sósia de entrar, confundindo-o e criando situações cômicas.
- Retorno de Anfitrião: Quando o verdadeiro Anfitrião retorna, ele se depara com uma esposa confusa e um servo perturbado, pois ambos encontraram suas contrapartes divinas.

Breves Excertos da Peça

Júpiter como Anfitrião:

Latim: "*Nam noctu nugax venerat Iuppiter.*" (Actus II, Scena II)

Trad.: "Pois, durante a noite, Júpiter, o trapaceiro, veio."

Alcmena, acreditando que está falando com seu verdadeiro marido, refere-se ao disfarce de Júpiter, o que gera grande confusão e comédia.

Mercúrio como Sósia:

Latim: "*Falsiparens sum: Sosia non est.*" (Actus I, Scena I)

Trad.: "Eu sou o falso pai: ele não é Sósia."

Mercúrio, disfarçado como Sósia, confunde o verdadeiro Sósia, levando a cenas hilárias de autoquestionamento.

Sósia confrontando Mercúrio:

Latim: "*Ego sum Sosia, ne tu me esse dicas.*" (Actus I, Scena I)

Trad.: "Eu sou Sósia, para que não digas que és tu."

Sósia tenta afirmar sua identidade diante de Mercúrio, que está disfarçado como ele, criando uma cena de comédia e dúvida existencial.

Uso dos Personagens Duplos em "Anfitrião"

Júpiter e Anfitrião:

Júpiter assume a forma de Anfitrião para seduzir Alcmena, criando um engano fundamental que leva à maioria das situações cômicas. Alcmena não sabe que está com Júpiter, acreditando ser seu marido verdadeiro.

Mercúrio e Sósia:

Mercúrio, disfarçado como Sósia, impede o verdadeiro Sósia de entrar na casa, afirmando ser ele próprio o verdadeiro Sósia. Isso cria uma cena hilária onde Sósia começa a duvidar de sua própria identidade.

Esses enganos e disfarces criam uma rede complexa de mal-entendidos que se desenrolam ao longo da peça, levando a uma série de cenas cômicas e culminando em uma resolução onde as identidades verdadeiras são reveladas.

O uso de personagens duplos em "Anfitrião" é um exemplo clássico do estilo de Plauto, onde os disfarces e as trocas de identidade não apenas servem para entreter, mas também para explorar temas de identidade e percepção. A habilidade de Plauto em criar comédia a partir de situações de engano e mal-entendidos mostra seu domínio sobre a arte do teatro cômico, e "Anfitrião" permanece uma peça exemplar desse recurso.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. No que consistia o recurso dos personagens duplos? Que efeitos ele causava?
2. Faça uma pesquisa e localize esse mesmo recurso em autores modernos, seja na literatura, no teatro, no cinema ou em qualquer outra arte dramática.

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente traduzir estas passagens célebres extraídas de peças de Plauto. O vocabulário para todas as passagens está ao final.

1. *Lupus homini*

"Lupus est homo homini, non homo, quom qualis sit non novit."

Fonte: "Asinaria", Ato II, Cena IV, Verso 495.

Contexto: A peça "Asinaria" gira em torno de um plano de comprar um rebanho de burros para ganhar dinheiro. Demêneto, um pai indulgente, permite que seu filho Argipiro use o dinheiro da família para comprar burros. O personagem que pronuncia essa frase é o negociante de burros, refletindo sobre a natureza traiçoeira e competitiva das relações humanas. Ele observa que, em situações de desconhecimento e desconfiança, as pessoas podem se comportar de maneira predatória umas com as outras.

2. Adulescens moritur

"Quem di diligunt, adulescens moritur."

Fonte: "Bacchides", Ato IV, Cena VII, Verso 816.

Contexto: "Báquides" é uma comédia sobre o amor e o engano, centrada em torno de duas cortesãs chamadas Báquides. A frase é dita pelo personagem Pistoclero, um jovem envolvido em um romance complicado. Ele reflete sobre a morte prematura de jovens amados pelos deuses, sugerindo que a morte jovem é uma forma de os deuses pouparem os amados dos sofrimentos da vida. Esta reflexão ocorre em um momento de desespero, onde os personagens enfrentam complicações amorosas e financeiras.

3. Nervus belli

"Pecunia nervus belli."

Fonte: "Trinummus", Ato V, Cena II, Verso 850.

Contexto: "Trinummus" (ou "A Trapaça dos Três Denários") é uma peça que explora temas de honestidade e corrupção. O personagem Cálicles, um homem rico, diz esta frase enquanto discute os preparativos para um conflito iminente. Ele enfatiza a importância do dinheiro para financiar operações militares, destacando a dependência das campanhas de guerra nos recursos financeiros. A frase reflete a realidade prática da época, onde as vitórias militares frequentemente dependiam dos recursos disponíveis.

4. Amentes

"Amantes, amentes"

Fonte: "Casina", Ato II, Cena III, Verso 354.

Contexto: Na comédia "Cásina", dois homens, Lisidamo e seu filho Eutinico, competem pelo amor da mesma escrava, Cásina. A frase é dita por Cleostrata, a esposa de Lisidamo, que observa as ações irracionais e ridículas de seu marido apaixonado. Ela comenta sobre a loucura dos amantes, evidenciada pelo comportamento insensato e impulsivo de Lisidamo, que vai contra a razão e a prudência para conquistar Cásina.

5. Consilia aegrotis

"Facile omnes, quom valemus, recta consilia aegrotis damus."

Fonte: "Trinummus", Ato II, Cena II, Verso 284.

Contexto: Nesta cena de "Trinummus", o personagem Lesbônico, que está em dificuldades financeiras, recebe conselhos de seus amigos sobre como lidar com sua situação. O comentário é uma reflexão sobre a hipocrisia humana: é fácil para aqueles que estão em uma posição confortável e saudável oferecer conselhos, sem realmente compreender a

profundidade das dificuldades enfrentadas por aqueles que sofrem. Lesbônico sente que seus conselheiros não têm noção da gravidade de sua situação.

6. Egoismum turpe

"*Egoismum turpe est, non simplex turpitude.*"

Fonte: "Captivi", Ato II, Cena I, Verso 272.

Contexto: Em "Captivi" (ou "Os Prisioneiros"), Égio, um homem nobre, busca resgatar seu filho prisioneiro de guerra. Na trama, ele reflete sobre as ações egoístas e suas consequências. A frase é proferida por Égio enquanto condena o egoísmo como uma forma especialmente vil de comportamento, que vai além da desonestidade comum. A peça trata de temas de altruísmo e generosidade, e essa citação sublinha a importância de pensar nos outros em vez de agir apenas em benefício próprio.

Vocabulário:

adulescens, adulescentis 3m. jovem, adolescente

aegrotus, a, um adj. doente, em dificuldade

amans, amantis 3m. apaixonado

amens, amentis 3m. desvairado

bellum, i 2n. guerra

consilium, a 2n. conselho

do, dare, dedi, datus 1 dar

deus, dei 2m. deus (pl. *di*)

diligo, diligere, dilexi, dilectus 3 gostar, preferir

egoismum, i 2n. egoísmo

facile adv. facilmente

homo, hominis 3m. homem, pessoa, ser humano

lupus, i 2m. lobo

moritur morre (pres. do verbo deponente *morior*)

nervus, i 2m. nervo

non adv. não

omnis, e adj. todo

pecunia, ae 1f. dinheiro

quem

quom qualis sit non novit lit. "quando qual seja não conhece" = "quando não conhece uma pessoa"

rectus, a, um adj. correto, bom

simplex, simplicis adj. simples

turpis, turpe adj. feio, vergonhoso

turpitude, turpitudinis 3f. defeito, vergonha

valeo, valere, valui, valitus 2 passar bem, estar bem

Seção C

Pontos de língua

- pronomes interrogativos;
- presente do indicativo ativo: 3a e 4a conjug.;
- verbos irregulares *uolo* e *fero*;
- presente do imperativo (continuação);
- perguntas em *-ne*;
- infinitivo presente ativo;
- dativo: conceito e usos;
- ablativo de descrição;
- genitivo partitivo.

C1 Pronomes interrogativos

Podemos dividir as sentenças interrogativas entre interrogativas totais ou parciais. As interrogativas totais são aquelas cuja resposta esperada é sim ou não, ou seja, aquelas que, ao interrogar, afirmam ou negam a sentença totalmente. Por exemplo: “Você entendeu?” Eis uma interrogativa total. Adiante, ainda nesta seção, veremos que o latim tinha partículas que marcavam interrogativas totais, ajudando a sinalizá-las para o interlocutor.

As interrogativas parciais são aquelas que interrogam apenas parte da sentença: o sujeito, ou algum objeto, ou algum adjunto. Tomemos uma sentença qualquer como esta:

‘A estudante curiosa fez ontem ao professor uma pergunta sobre o assunto.’

Se quero interrogar o sujeito, uso um pronome interrogativo substantivo com a função de sujeito na minha interrogativa parcial:

‘*Quem* fez ontem ao professor uma pergunta sobre o assunto?’

Se quero especificar o sujeito, uso um pronome interrogativo adjetivo com a função de sujeito na minha interrogativa parcial:

‘*Que* estudante fez ontem ao professor uma pergunta sobre o assunto?’

Se quero interrogar o objeto indireto, uso um pronome interrogativo substantivo com a função de objeto indireto na minha interrogativa parcial:

‘*A quem* a estudante curiosa fez ontem uma pergunta sobre o assunto?’

E assim por diante. Portanto, em interrogativas parciais, substituímos o que queremos interrogar por um pronome interrogativo, e a forma desse pronome pode mudar dependendo da função assumida pelo termo correspondente. O latim se comportava da

mesma maneira, e seus pronomes interrogativos se declinavam conforme o caso do termo interrogado. Em geral, as formas eram as mesmas tanto para pronomes substantivos quanto para adjetivos, com algumas exceções no nominativo singular. Observe:

		singular			plural		
		masc.	fem.	neutro	masc.	fem.	neutro
nom.	subst..	quis	quis	quid	qui	quae	quae
	adj.	qui	quae	quod			
ac.	subst..	quem	quam	quid	quos	quas	quae
	adj.			quod			
gen.			cuius		quorum	quarum	quorum
dat.			cui		quibus (quis)		
ab.		quo	qua	quo	quibus (quis)		

Como você deve ter reparado, as terminações são um misto das três primeiras declinações. Essa é a chamada ‘declinação pronominal’. Além dessa mistura de desinências das três primeiras declinações, essa declinação pronominal tem uma característica particular: o genitivo singular é sempre *-ius* e o dativo singular é sempre *-i* para todos os gêneros.

O uso dos pronomes latinos é análogo ao dos pronomes em português. Vertendo os mesmos exemplos que formulamos acima, teríamos:

‘*Curiosa discipula heri in magistrum quaestionem de re posuit.*’ (lit. ‘colocou uma questão para o professor’)

Se interrogássemos o sujeito, usaríamos um pronome interrogativo *substantivo* no nominativo:

‘*Quis heri in magistrum quaestionem de re posuit?*’

Se especificássemos o sujeito, usaríamos um pronome interrogativo *adjetivo* no nominativo:

‘*Quae discipula heri in magistrum quaestionem de re posuit?*’

Se quero interrogar o objeto indireto, uso um pronome interrogativo substantivo no mesmo caso selecionado pela preposição latina (acusativo):

‘*In quem discipula heri quaestionem de re posuit?*’

C2 Presente do indicativo ativo: 3a e 4a conjugações

Você viu em A7 que os verbos latinos regulares seguiam quatro conjugações. Naquela seção, conhecemos as duas primeiras conjugações, com temas em *a* e *e* respectivamente. Agora, conheceremos a terceira e quarta conjugações, que possuem tema *consonantal* e tema em *i* respectivamente:

	3ª conj.		4ª conj.	
ego	<i>dico</i>	eu digo	<i>audio</i>	eu ouço
tu	<i>dicis</i>	tu dizes / você diz	<i>audis</i>	tu ouves / você ouve
-	<i>dicit</i>	ele diz	<i>audit</i>	ele ouve
nos	<i>dicimus</i>	nós dizemos	<i>audimus</i>	nós ouvimos
uos	<i>dicitis</i>	vocês dizem	<i>auditis</i>	vocês ouvem
-	<i>dicunt</i>	eles dizem	<i>audiunt</i>	eles ouvem

As desinências pessoais que já conhecemos (-o, -s, -t, -mus, -tis, -nt) mantêm-se aqui. Assim como nas primeiras conjugações, na 3ª e 4ª o presente do indicativo é formado pelo radical e desinências pessoais simplesmente. No entanto, no caso da terceira conjugação, como o radical termina em consoante (**dic-e-re**), surge aqui a vogal de ligação -i- (*dic-i-s, dic-i-t etc.*). Já, no caso da 4ª conj., segue-se a mesma regra das conjugações de tema vocálico: radical (**audi-re**) + desinências pessoais (*audi-o, audi-s, audi-t etc.*).

Diferente das primeiras conjugações, repare que tanto a 3ª quanto a 4ª conj. têm o acréscimo da vogal de ligação -u- na 3ª pessoa do plural (*dic-u-nt, audi-u-nt*).

Alguns verbos da 3ª conjugação, embora tenham radical consonantal no infinitivo (como **fac-e-re** e **cap-e-re**), no presente do indicativo apresentam a vogal -i- ao final do radical na 1ª do sing. e na 3ª plural (*fac-i-o, fac-i-u-nt; cap-i-o, cap-i-unt*). Por esse motivo, uma vez que assim eles se assemelham à 4ª conjugação, algumas gramáticas incluem esses verbos numa classe à parte, chamada de conjugação mista (3ª/4ª). Aqui, no entanto, seja por entender que essas vogais não são temáticas (já que são breves), seja por economia analítica, preferimos manter esses verbos como pertencentes à 3ª conj. e apenas observar que eventualmente eles apresentam um tema vocálico, tal como alguns substantivos da 3ª declinação.

Em relação à pronúncia, no caso da 4ª conj., uma vez que a vogal temática é longa, o acento de intensidade recai sobre ela sempre que ela não é a última sílaba. Portanto: *áudio, áudis, áudit, audímus, audítis, áudiunt*. Já, no caso da 3ª, uma vez que as vogais ao final do radical não são temáticas e logo não são longas, o acento de intensidade retrocede: *dico, dicis, dicit, dicimus, dicitis, dicunt*.

Considerando os verbos tomados aqui como exemplos, seus sentidos e regências são muito semelhantes aos de seus correlatos em português, *dizer, ouvir* e *fazer*.

C3 Verbos irregulares *uolo* e *fero*

Já vimos os verbos irregulares *sum* e *eo*. Agora, conheceremos *uolo* e *fero*, verbos muito frequentes, com múltiplos usos e nuances de sentido:

ego	<i>uolo</i>	<i>eu quero</i>	<i>fero</i>	<i>eu levo</i>
tu	<i>uis</i>	<i>tu queres / você queres</i>	<i>fers</i>	<i>tu levas / você leva</i>
-	<i>nult</i>	<i>ele quer</i>	<i>fert</i>	<i>ele leva</i>
nos	<i>uolumus</i>	<i>nós queremos</i>	<i>ferimus</i>	<i>nós levamos</i>
uos	<i>nultis</i>	<i>vocês querem</i>	<i>fertis</i>	<i>vocês levam</i>
-	<i>nolunt</i>	<i>eles querem</i>	<i>ferunt</i>	<i>eles levam</i>

Com relação ao verbo *uolo*, sua irregularidade se encontra obviamente no radical, que varia entre *uol-*, *uul-* e *ui-*. As desinências pessoais, porém, mantêm-se as mesmas que já conhecemos.

Com relação ao verbo *fero*, na prática ele se comporta morfologicamente como um verbo de 3ª conj., exceto pelo fato de que não há vogal de ligação entre o radical (*fer-*) e as desinências pessoais.

O verbo *uolo*, como verbo modal, rege normalmente um infinitivo (e.g., *sapere uolo* ‘quero saber’).

O verbo *fero* expressa basicamente a ideia de transporte (*levar* ou *trazer*), mas, por conotação, pode expressar múltiplos sentidos, como produzir, suportar, sofrer, levar uma notícia, dar uma informação, expor um fato, entre outros.

C4 Presente do imperativo (continuação)

Em B6, já conhecemos o presente do imperativo dos verbos de 1ª e 2ª conjugação. Agora, conheceremos o imperativo dos verbos de 3ª e 4ª conjugações e também dos verbos irregulares.

A regra de formação é a mesma que já enunciamos antes: no singular, o imperativo é basicamente o radical; no plural, acrescenta-se a desinência *-te*.

3ª conj.		4ª conj.	
<i>posce</i>	<i>pede (tu) / peça (você)</i>	<i>audi</i>	<i>ouve (tu) / ouça (você)</i>
<i>poscite</i>	<i>peçam (vocês)</i>	<i>audite</i>	<i>ouçam (vocês)</i>

Repare que, para a maioria dos verbos de 3ª conjugação, no presente do imperativo singular, acrescenta-se a vogal epentética *-e* (e.g., *posce*).

No entanto, no caso de alguns verbos de 3ª conjugação, não se acrescenta essa vogal epentética, e o imperativo singular é formado simplesmente com o radical consonantal. É o caso de: ***dic tu; dicite uos; fac tu; facite uos; duc tu; ducite uos.***

No caso do verbo *fero*, não se acrescenta qualquer vogal – nem a vogal epentética no singular, nem a vogal de ligação no plural: *fer tu, ferte uos.*

O imperativo de *eo* (cujo infinitivo é *i-re*) é regular: *i tu, ite uos.*

Por fim, os imperativos presentes de *sum* (cujo infinitivo é *esse*) são *es tu* e *este uos*. Curiosamente, o imperativo singular de *sum* (*es*) preserva uma marca do latim arcaico, cujo imperativo singular era exatamente a forma da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (*es*). Posteriormente, esse *-s* caiu, por conta do mesmo fenômeno de queda de *-s* final que já analisamos nas permanências e reincidências latinas da Seção C.

C5 Perguntas em *-ne*

No início desta seção, em C1, mencionamos as interrogativas totais e parciais, e dissemos que o latim possuía partículas para marcar interrogativas totais. Pois bem. A mais comum dessas partículas é a partícula enclítica *-ne*.

Basicamente, quando se queria sinalizar ao interlocutor que lhe seria dirigida uma pergunta, em latim se podia acrescentar a partícula *-ne* ao final da primeira palavra da frase. Por exemplo:

Es bene? > *Esne bene?* ('Estás bem?')

Amatis parentes uestros? > *Amatisne parentes uestros?* ('Vocês amam seus pais?')

C6 Infinitivo presente ativo

Já mencionamos algumas vezes o infinitivo presente ativo de alguns, especialmente como forma de apontar o radical. Agora, porém, vamos nos deter sobre essa forma verbal.

Em primeiro lugar, convém esclarecer dizemos 'infinitivo presente ativo' e não simplesmente 'infinitivo'. O fato é que, ao passo que o português dispõe apenas de uma forma de infinitivo, o latim possuía três formas de infinitivo na voz ativa (presente, passado e futuro) e outras três na voz passiva. Por ora, porém, conheceremos apenas o infinitivo presente ativo, cuja desinência regular é *-re*: *ama-re*, *habe-re*, *face-re*, *audi-re*.

Quanto aos verbos irregulares vistos até aqui, seus infinitivos são: *sum* > *esse* (ser); *eo* > *ire* (ir); *uolo* > *uolle* (querer); *fero* > *ferre* (levar).

Em relação o uso, convém lembrar que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, o que significa dizer que funcionava na frase como se fosse um substantivo, assumindo assim funções como sujeito e objeto. Por exemplo:

Amare [suj. > nom.] bonum est ('Amar é bom')

Amare [obj. dir. > acus.] uolo ('Eu quero amar')

C7 Dativo: conceito e usos

Em A1 associamos o caso dativo à função de objeto indireto. Embora isso seja uma verdade, precisa ser contextualizado, pois muitas vezes nos depararemos com dativos que não necessariamente correspondem a objetos indiretos no português.

A ocorrência típica do dativo – de onde inclusive deriva seu nome – expressa a pessoa a quem se dá alguma coisa. É o típico ‘dativo de benefício’:

Mater filiis amorem dat (‘A mãe dá amor **aos filhos**’)

O mesmo tipo de uso vemos numa sentença como:

Nobis nuntium fert (‘Ele traz a notícia **a nós**’)

No entanto, temos um papel diferente num uso como este:

Fur homini honesto pecuniam aufert (‘O ladrão está roubando dinheiro **do homem honesto**’)

Neste caso, o dativo não é aquele a quem se dá alguma coisa, mas, ao contrário, é aquele de quem se tira alguma coisa. É o chamado ‘dativo de prejuízo.’ Diferente desses dois usos, entretanto, é o seguinte:

Est homini pecunia (‘O homem tem dinheiro’, lit. ‘Há dinheiro **para o homem**’)

Neste uso, o dativo expressa aquele que possui alguma coisa, motivo pelo qual é chamado de ‘dativo de posse’.

Há, ainda, o ‘dativo vocativo,’ que expressa a pessoa a quem se dirige a fala:

Mihi multae dicit (‘Ele diz muitas coisas para mim’)

Assim, perceba que, mais conveniente do que associar o dativo a um objeto indireto simplesmente, é entender o dativo como sendo o caso que expressa aquele que é afetado pela ação verbal, que está envolvido ou interessado pela ação verbal.

C8 Ablativo de descrição

Já vimos que normalmente o ablativo cumpre uma função adverbial. Um uso do ablativo, porém, destoa um pouco de seu comportamento habitual, pois está mais ligado a uma função predicativa. Repare nestes exemplos:

- *Socrates vir magna sapientia est* (‘Sócrates é um homem **de grande sabedoria**’)
- *Equus celeribus pedibus per campos currit* (‘O cavalo **de pés velozes** corre pelos campos’)
- *Ulysses, nauta magna fortitudine, multos labores superat* (‘Ulisses, um marinheiro **de grande coragem**, supera muitas dificuldades’)
- *Cantatrix, femina pulchra voce, omnes auditores delectat* (‘A cantora, uma mulher de bela voz, encanta todos os ouvintes’)
- *Milites robustis corporibus adversarios facile vincunt* (‘Os soldados **de corpos robustos** vencem os adversários facilmente’)

- *Puella magna industria praeceptores imprimis* ('A menina **de grande inteligência** impressiona os professores')

Esse uso predicativo do ablativo é chamado de ablativo de descrição. Seu uso remonta a um ablativo de companhia ou instrumento: 'homem de grande sabedoria' < 'homem com grande sabedoria'. Ele é uma alternativa adjetivos, muito usado em apostos, como visto nos exemplos.

C9 Genitivo partitivo

Quanto diferenciamos os pronomes *nostrum* e *nostrum*, *uestrum* e *uestri*, dissemos que os primeiros são chamados de genitivos 'partitivos,' ou seja, representam parte de um todo, de um conjunto. Por exemplo: *multi nostrum* ('muitos de nós'). Muito bem, esse uso do genitivo não ocorre apenas com pronomes, mas com substantivos e pronomes também. Vejamos alguns exemplos:

- *Quid novi in urbe accidit?* ('O que está acontecendo **de novo [de novidade]** na cidade?')
- *Non habemus satis pecuniae* ('Não temos o suficiente **de dinheiro**')

Nem sempre é fácil de entender por que esses usos são considerados partitivos, mas a ideia sempre remonta a parte de um conjunto. Por exemplo, há um conjunto de coisas novas acontecendo na cidade, e se interroga sobre parte de delas. Ou, há um montante de dinheiro necessário, e se afirma algo sobre parte de dele.

Exercícios - Pontos de língua da Seção C

1. Substitua, nas sentenças a seguir, os pronomes interrogativos destacados pelos seus correspondentes em latim:

- Quais* são os principais comediógrafos latinos?
- De quem* é a peça *Miles Gloriosus*?
- Que* escritores escreveram tragédias na Roma antiga?
- Em que* época viveram os principais tragediógrafos latinos?
- A quem* se atribui a tragédia *Clastidium*?

2. Considere o seguinte vocabulário para realizar o próximo exercício:

Accius, i 2m. Ácio
auctor, auctoris 3m. autor
certe adv. certamente
clarior, clarioris 3m. mais famoso (adj. comparativo)
clarus, a, um adj. famoso
comoedia, ae 1f. comédia
curiosus, a, um adj. curioso
de prep. (+ abl.) sobre, a respeito de
dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer
discipula, ae 1f. estudante
drama, dramatis 3n. drama, peça de teatro
Ennius, i 2m. Ênio
et conj. e
etiam conj. também
fama, ae 1f. fama
fabula, ae 1f. história
fero, ferre, tuli, latus levar, trazer; contar, narrar
in prep. (acus.) para
ita adv. sim
latinus, a, um adj. latino
lectio, lectionis 3f. aula, lição
magister, magistri 2m. professor
multus, a, um adj. muito
mythologicus, a, um adj. mitológico
Naenius, i 2m. Névio
non adv. não
ob prep. (+ acus.) por causa de
Ovidius, i 2m. Ovídio
Pacuvius, i 2m. Pacúvio
plerumque adv. em geral
pono, ponere, posui, positus 3 pôr
post prep. (+ acus.) depois de, após
priscus, a, um adj. antigo, arcaico
quaestio, quaestionis 3f. questão
qui, quae, quod pron. adj. qual, que
quis, quis, quid pron. subst. quem, o que
scio, scire, sciui, scitus 4 saber
scribo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
sed conj. mas
Seneca, ae 1m. Sêneca
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
summus, a, um adj. grande, supremo
tam adv. tão, tanto (introduz orações correlativas: *tam ... quam* ‘tanto ... quanto’)
tardius adv. mais tarde
tempus, temporis 3n. tempo
tragoedia, ae 1f. tragédia
nolo, uelle, uolui, - querer

ut conj. como

Agora, ciente do vocabulário, leia o texto a seguir. Se possível, resista à tentação de traduzir imediatamente e apenas tente proceder à leitura:

Post lectionem de comoedia latina, curiosa discipula in magistrum quaestiones de tragoedia latina ponit:

Suntne tragoedias latinas?

Ita sunt. Sed non tam clarae ut comoediae sunt.

Dic, magister. Qui auctores latini tragoediae sunt? Scire uolumus.

Temporibus priscis, clari sunt Naeuius, Ennius, Pacuuius et Accius, summa fama auctores. Tardius, Ouidius et Seneca etiam tragoedias scribunt. Sunt Senecae multae tragoediae. Plerumque, dramata fabulas mythologicas ferunt.

Quis auctorum ob tragoedias clarior est?

Certe, Seneca.

- a) Identifique um pronome interrogativo substantivo e um adjetivo no texto.
- b) Identifique um verbo de 3ª e um verbo de 4ª conjugação no texto.
- c) Qual é o sentido do verbo *fero*, quando ocorre neste texto?
- d) Identifique um verbo no modo imperativo no texto.
- e) Identifique uma interrogativa total no texto.
- f) Identifique um infinitivo no texto. Que função sintática ele assume? Por quê?
- g) Identifique um dativo de posse no texto.
- h) Identifique um ablativo de descrição no texto.
- i) Identifique um genitivo partitivo no texto.
- j) Proponha uma tradução para o texto.

Prática de leitura e tradução da Seção C

Texto 1 - Tragoediae Enii

Ut scimus, Ennius clarus auctor tragoediae temporibus priscis est. Infeliciter, iam non supersunt opera sua. Supersunt tantum fragmenta. Fragmenta partes fabularum Medae et Atrei ferunt. Primum drama fabulam de ira deceptae feminae fert. Postquam Medea, pro amato suo Iasone, omnia facit – familiam suam relinquit et caedes committit –, Iason Medeam prodit et cum altera uxore reponit. Tunc, ultionis gratia, Medea uirum et nouam uxorem interficit et cum filios fugit. Secundum drama fabulam de infinitis ultionis conatibus inter duos fratres, Atreum et Thyestem. Tandem, Aegysthus, Atrei filius adoptiuus et sanguine Thyestis filius, Atreum interficit et cum Thyeste fugit.

Vocabulário:

adoptiuus, a, um adj. adotivo

Aegysthus, i 2m. Egisto

alter, altera, alterum adj. outro

amatus, a, um adj. amado

Atreus, i 2m. Atreu

auctor, auctoris 3m. autor

caedes, caedis 3f. assassinato

clarus, a, um adj. famoso

committo, committere, commisi, commissus 3 cometer

conatus, us 4m. tentativa

cum prep. (+ abl.) com

de prep. (+ abl.) sobre, a respeito de

deceptus, a, um adj. enganado

duo, duae, duo num. dois (acus. *duos*)

drama, dramatis 3n. drama, peça de teatro

Ennius, i 2m. Ênio

et conj. e

fabula, ae, 1f. história

facio, facere, feci, factus 3 fazer

familia, ae 1f. família

fero, ferre, tuli, latus levar, trazer; contar, narrar

filius, i 2m. filho

fragmentum, i 2n. fragmento

frater, fratris 3m. irmão

fugio, fugere, fugi, fugitus 3 fugir

gratia, ae 1f. graça, causa (gen. + *gratia* = por causa de, por)

iam adv. já

Iason, Iasonis 3m. Jasão

infeliciter adv. infelizmente

infinitus, a, um adj. infinito

inter prep. (+ acus.) entre

interficio, interficere, interfeci, interfectus 3 matar

ira, ae 1f. ira

Medea, ae 1f. Medeia
non adv. não
nouus, a, um adj. novo
omnis, e adj. todo
opus, operis 3n. obra
pars, partis 3f. parte
postquam conj. depois que
primus, a, um adj. primeiro
priscus, a, um adj. antigo, arcaico
pro prep. (+ abl.) por, a favor de
prodo, prodere, prodidi, proditus 3 trair
relinquo, relinquere, reliqui, relictus 3 abandonar
repono, reponere, reposui, repositus 3 substituir
sanguis, sanguinis 3m. sangue
scio, scire, scivi, scitus 4 saber
secundus, a, um adj. segundo
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
supersum, superesse, superfui, superfuturus restar, sobreviver
suus, a, um adj. seu (pron. poss.)
tandem adv. finalmente
tantum adv. apenas
tempus, temporis 3n. tempo
Thyestes, Thyestis 3m. Tiestes
tragoedia, ae 1f. tragédia
tunc adv. então
uir, uiri 2m. homem, marido
ultio, ultionis 3f. vingança
ut conj. como
uxor, uxoris 3f. esposa

Texto 2 - Epigramas de Marcial

Os epigramas satíricos de Marco Valério Marcial, poeta romano nascido em 38/41 d.C. em Bilibis, Hispânia (atual Espanha), são uma das expressões mais emblemáticas da literatura latina. Escrevendo durante o reinado dos imperadores Títo, Domiciano e Nerva, Marcial é conhecido por sua habilidade em condensar observações mordazes e críticas sociais em versos curtos e afiados, conhecidos como epigramas.

Seus epigramas são caracterizados por sua concisão, ironia e humor mordaz, frequentemente focando nas hipocrisias e absurdos da vida cotidiana em Roma. Ele satiriza figuras públicas, costumes sociais, vícios humanos e até mesmo seus próprios patronos e contemporâneos. Através de sua poesia, Marcial não apenas diverte, mas também oferece um retrato vívido e muitas vezes implacável da sociedade romana do primeiro século.

A obra de Marcial se destaca por sua acessibilidade e relevância, sendo que seus temas e observações muitas vezes transcendem as barreiras do tempo e do espaço. Ele aborda questões universais como a corrupção, a avareza, a pretensão e a fraqueza humana, fazendo com que seus epigramas ressoem com leitores de diferentes épocas.

A estrutura dos epigramas geralmente segue um formato breve e direto, com um impacto que se dá no último verso, conhecido como "virada epigramática". Este estilo conciso e espirituoso permite que suas observações satíricas sejam transmitidas de maneira rápida e eficaz, deixando uma impressão duradoura no leitor.

Eis aqui alguns de seus epigramas satíricos:

<i>Thaida Quintus amat. 'quam Thaida?' Thaida luscum. unum oculum Thais non habet, ille duos.</i>	(3.8)
<i>habet Africanus miliens, tamen captat. Fortuna multis dat nimis, satis nulli.</i>	(12.10)
<i>Tongilianus habet nasum: scio, non nego. sed iam nil praeter nasum Tongilianus habet.</i>	(12.88)
<i>non cenat sine apro noster, Tite, Caecilianus. bellum conuiuam Caecilianus habet.¹⁵</i>	(7.59)
<i>non amo te, Sabidi, nec possum dicere quare. hoc tantum possum dicere, non amo te.</i>	(1.32)
<i>Veientana mihi misces ubi Massica potas: olfacere haec malo pocula, quam bibere.</i>	(3.49)
<i>cum tua non edas, carpis mea carmina, Laeli. carpere uel noli nostra, uel ede tua.</i>	(1.91)

Vocabulário:

Africanus, i 2m. Africano (nome próprio)
aper, *apri* 2m. javali
bellus, *a*, *um* adj. belo
bibo, *bibere*, *bibi*, *bibitus* 3 beber
Caecilianus, i 2m. Ceciliano
capto, *captare*, *captavi*, *captatus* 1 buscar, caçar
carmen, *carminis* 3n. poema
carpo, *carpere*, *carpsi*, *carptus* 3 criticar
ceno, *cenare*, *cenavi*, *cenatus* 1 jantar
conuiuia, *ae* 1m. conviva, convidado para um jantar
cum já que, embora

¹⁵ O javali era um prato prepara usualmente para festas; Ceciliano o comia ao jantar sozinho.

do, dare, dedi, datus 1 dar
duo, duae, duo (num.) dois
edo, edare, edidi, editus 1 publicar
Fortuna, ae 1f. Sorte, Fortuna (nome da deusa romana da sorte)
habeo, habere, habui, habitus ter, possuir; considerar
haec pocula (acus.) estas bebidas
hoc tantum apenas isto
iam adv. já, também
ille pron. ele
Laelius, i 2m. Lélio (voc. *Laeli*)
luscus, a, um adj. caolho
malo, malle, malui, - preferir (conjugá-se como *uolo*)
Massica, Massicorum 2n. vinho mássico
mibi dat. de *ego*
miliens num. milhares
misceo, miscere, miscui, mixtus 2 misturar
multus, a, um adj. muito
nasus, i 2m. nariz
nego, negare, negavi, negatus 1 negar, dizer que não
nil subst. indecl. nada
nimis adv. demais, muito
non adv. não
noster, nostra, nostrum adj. nosso (pron. poss.)
nullus, a, um adj. nenhum
olfacio, olfacere, olfeci, olfactus 3 cheirar
poto, potare, potavi, potatus 1 beber
praeter prep. (+ acus.) além de
quam conj. do que, a
quam pron. qual
Quintus, i 2m Quinto
Sabidius, i 2m Sabídio (voc. *Sabidi*)
satis adv. suficiente, bastante
scio, scire, scivi, scitus 4 saber
sed conj. mas
sine prep. (+ abl.) sem
tamen conj. porém, mas
Thais, Thaidis 3f. Taís, nome de uma cortesã romana, muito famosa (acus. = *Thaida*)
Titus, i 2m. Tito
Tongilianus, i 2m. Tongiliano
tuus, a, um adj. teu (pron. poss.)
uel... uel conj. ou... ou
unus, a, um adj. um só, um único
Veientana, Veientanorum 2n vinho veiente, ‘vinho barato’

Texto 3 - Excertos da Vulgata de Jerônimo

Dominus regit me, et nihil mihi deerit. (Salmo 23)

saluum me fac, domine. (Salmo 59)

pater, si uis, transfer calicem istum a me. (Lucas 22.42)

beati pauperes quia uestrum est regnum dei. (Lucas 6.20)

panem nostrum quotidianum da nobis hodie et dimitte nobis peccata nostra (Lucas 11.3-4)

Vocabulário:

a prep. (+ abl.) de, para longe de

beatus, a, um adj. feliz, bem-aventurado

calix, calicis 3m. cálice

deerit (fut. de *desum*) faltará

deus, dei 2m. deus

dimitto, dimittere, dimisi, dimissus 3 perdoar

dominus, i 2m. senhor

et conj. e

facio, facere, feci, factus 3 tornar; fazer

istum este (pron. acus. de *iste*)

me pron. me (acus. de *ego*)

mibi pron. a mim, me (dat. de *ego*)

nihil (subs. indecl. neut.) nada

panis, panis 3m. pão

pater, patris 3m. pai

pauper, pauperis adj. pobre

peccatum, i 2n. pecado

quia conj. porque

quotidianus, a, um adj. cotidiano, diário

regnum, i 2n. reino

rego, regere, rexi, rectus 3 governar, reger

saluus, a, um adj. salvo

si conj. se

transfero, transferre, transtuli, translatus transferir, afastar

uester, uestra, uestrum adj. seu (de vocês) (pron. poss.)

uolo, uelle, uolui, - querer

Texto 4 - Notícias em latim

Calamitas communis

Ex nuntio ab Universitate Boreoamericana Johns Hopkins emisso, numerus eorum qui in orbe viro coronario affecti sunt ex viginti quinque millionibus constat etiam mortuis computatis. - 30/08/2020 18h08 - 19/12/2020 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Consilium Brasiliense

Brasilia, quae iam clauserat fines terrestres, prohibuit ne advenae a magna parte Asiae et ab Europa ingrederentur ob metum coronaviri contactus. - 20/03/2020 09h13 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Vita et mors cum belua

Mane in re publica Ceca homo triginta tres annos natus a leone domestico in capsula concluso laniatus est. Ille contra legem etiam leonem in altera cavea custodiebat. Fertur nolens cum fera interclusus esse. - 06/03/2019 19h57 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Sine poena

Nullum erit iudicium nec quaestio in milites, qui contra adolescentem Afroamericanum inermem apud atrium aeorum missilia per sclopteta iniecerunt. - 03/03/2019 23h44 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Pedibus lusor multatus

Hispania. Pedilusor Lusitanus Christianus Ronaldus propter fraudes oeconomicas maximas impensae XIX (undeviginti) millionum Euroarum condemnatus est. Carcere non pedibus calcabit quia additio poenae breuior [data est], sed multationem accipiet ulteriorem. - 22/01/2019 16h52 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

De re migratoria hodierna

Naufragium hodie prope litora Libyca nefastum euenit, in quo LVII homines in undis perierunt. Superstites nonnulli attamen superfuere, qui ab piscatoribus necnon nautis conseruati sunt. - 26/07/2021 20h22 - EPHEMERIS. Nuntii Latini universi

Vocabulário:

a/ab prep. (+ abl.) por; de
accipiet (fut. de *accipio*) receberá
additio, additionis 3f. adição, acréscimo
adulescens, adulescentis 3m. adolescente
adventus, a, um adj. advindo
affecti sunt (perf. passivo de *afficio*) foram infectados
Afroamericanus, a, um adj. afroamericano
alter, altera, alterum adj. outro
annus, i 2m. ano
apud prep. (+ acus.) junto a, em
Asia, ae 1f. Ásia
atrium, i 2n. varanda, átrio, entrada
attamen adv. ainda

auus, i 2m. avô
belua, ae 1f. fera, besta, animal selvagem
boreoamericanus, a, um adj. norte-americano
Brasilensis, brasiliense adj. brasileiro
Brasilia, ae 1f. Brasil
brenior, brevior adj. mais breve (grau comp.)
calcabit (fut. *calco*) pisará, colocará os pés
capsa, ae 1f. jaula, cativoiro
carcer, carceris 3m. cárcere, prisão
cavea, caveae 1f. jaula
Cecus, a, um adj. theco
Christianus, i 2m. Cristiano
clauserat (m-q-perf. de *claudo*) fechara, tinha fechado
computatus, a, um adj. computado
conclusus, a, um adj. preso
condemnatus est (perf. passiv. de *condemno*) foi condenado (+ dat.)
conseruati sunt (perf. passiv. de *conseruo*) foram salvos
consilium, i 2n. decisão
consto, constare, constiti, constatus 1 ter o valor de (+ ex)
contactus, us 4m. contágio
contra prep. (+ acus.) contra
coronarius, a, um adj. coronário (ref. ao Corona vírus)
coronavirum, i 2n. coronavírus
cum prep. (+ abl.) com
custodiebat (imperf. de *custodio*) mantinha em cativoiro
data est (perf. passiv. de *do*) foi concedida
de prep. (+ abl.) sobre, a respeito de
domesticus, a, um adj. doméstico
emissus, a, um adj. emitido
eorum (gen. pl. do pron. *is*) daqueles
erit (fut. de *sum*) haverá
et conj. e
et conj. e
etiam conj. ainda
etiam prep. (+ abl.) além de (uso moderno de *etiam* como prep.; na variedade clássica esse uso não existe)
euenit (perf. de *euenio*) aconteceu
Europa, ae 1f. Europa
Eurus, i 2m. Euro (moeda)
ex prep. (+ abl.) a partir de, segundo, conforme
ex viginti quinque millionibus de vinte e cinco milhões
fera, ae 1f. fera
fertur (pres. passiv. de *fero*) é relatado, relata-se
finis, finis 3m. fronteira
fraudis, fraudis 3f. fraude
Hispania, ae 1f. Espanha
hodie adv. hoje

hodiernus, a, um adj. moderno
homo, hominis 3m. homem
iam adv. já
ille pron. ele
impensa, ae 1f. despesa, multa
in prep. (+ abl.) em; (+ acus.) contra
inermis, inerme adj. desarmado
ingrederentur (imperf. do subj. de *ingredior*) ingressassem
iniecerunt (perf. de *inicio*) dispararam, atiraram
interclusus esse (inf. perf. de *intercludo*) ter sido preso
iudicium, i 2n. julgamento
Johns Hopkins (subst. indecl.) Johns Hopkins
laniatus est (perf. passiv. de *lanio*) foi despedaçado
leaena, ae 1f. leoa
leo, leonis 2m. leão
lex, legis 3f. lei
Libycus, ae, um adj. líbio, da Líbia
litus, litoris 3n. litoral, praia
Lusitanus, a, um adj. português
lusor, lusoris 3m. jogador
 LVII num. cinquenta e sete
magnus, a, um adj. grande
mane adv. nesta manhã, de manhã
maximus, a, um adj. grande
metus, us 4m. medo
migratorius, a, um adj. migratório
miles, militis 3m. policial
missilium, i 2n. bala, projétil, míssil
mors, mortis 3f. morte
mortuus, a, um adj. morto
multatio, multationis 3f. multa
multatus, a, um adj. multado
natus, a, um adj. nascido
naufragium, i 2n. naufrágio
nauta, ae 1m. marinheiro
nec conj. nem
necnon conj. e também
nefastus, a, um adj. nefasto, terrível
nolens, nolentis (part. pres. de *nolo*) aquele que não quer (traduza por “ele não queria”)
non adv. não
nonnullus, a, um adj. algum
nullus, a, um adj. nenhum
numerus, i 2m. número
nuntius, i 2m. anúncio, notícia
ob prep. (+ acus.) por causa de
oeconomicus, a, um adj. econômico
orbis, orbis 3m. orbe, mundo

pars, partis 3f. parte
pedilutor, pedilutoris 3m. futebolista, jogador de futebol
per prep. (+ abl.) por, com
perierunt (pass. de *pereo*) morreram
pes, pedis 3m. pé
piscator, piscatoris 3m. pescador
poena, ae 1f. pena
prohibuit ne (pass. de *prohibeo* + *ne*) proibiu que
prope prep. (+ acus.) perto de, próximo a
propter prep. (+ acus.) por causa de
quaestio, quaestionis 3f. investigação
qui, quae, quod pron. rel. que, o qual, a qual
quia conj. porque
res publica, rei publicae 3f. república
res, rei 5f. coisa, situação, crise
Ronaldus, i 2m. Ronaldo
sclopteta, ae 1f. escopeta
sed conj. mas
sine prep. (+ abl.) sem
superfuerunt (perf. de *supersum*) resistiram, sobreviveram
superstes, superstitis 3m. sobrevivente
terrestris, e adj. terrestre
triginta tres num. trinta e três
ulterior, ulteriore adj. posterior
unda, ae 1f. onda
universitas, universitatis 3f. universidade
virum, i 2n. vírus
vita, ae 1f. vida
XIX millionum num. (gen.) de dezenove milhões

Texto 5 - Latim medieval

Amo quod fateor, de Giovanni Cotta (1480-1510)

O latim era a língua da academia e da comunicação internacional durante a Renascença (séculos XV e XVI) e ainda era largamente considerada o meio apropriado também para a literatura. Esses são os primeiros quatro versos de um poema em que a amada do poeta a ele oferta algumas mechas de seu cabelo como prova de amor. O poeta as queima porque elas, segundo ele, o ‘queimaram’ — de amor!

amo, quod fateor, maam Lycorim,
ut pulchras iuvenes amant puellas;
amat me mea, quod reor, Lycoris,
ut bonae iuvenes amant puellae.

Lemas

Esses lemas se originaram na época medieval ou mesmo posteriormente. Muitas famílias têm diversos deles.

fac recte et nil time. (família Hill)

a deo et patre. (família Thomas)

amat uictoria curam. (família Clark)

Vocabulário:

a prep. (+ abl.) do lado de

amo, amare, amui, amatus 1 amar

cura, curae 1f. cuidado, cautela

deus, dei 2m. deus

et conj. e

facio, facere, feci, factus 3 fazer, agir

iuuenis, iuuenis 3m. jovem

Lycorim acus. de *Lycoris*, em português Licóris.

nil subst. indecl. nada

pater, patris 3m. pai

quod fateor 'como admito'

quod reor 'como penso'

recte adv. corretamente

timeo, timere, timui, - 2 temer

uictoria, ae 1f. vitória

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: variação de gênero gramatical e classes nominais temáticas

Um fato distintivo do português brasileiro, embora mais discreto e menos estigmatizado do que outros fatos aqui apresentados, é a variação de gênero gramatical, que ocorre frequentemente com nomes de tema em *-e*, como *personagem*, *alface*, *quiche*, *herpes*, *cônjuge*, *echarpe*, *entorse*, *grafite*, *mascote* etc. Eis aqui alguns exemplos extraídos do corpus do CEPRIL - Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem da PUC/SP:

- (1) Como se essa personagem que eu tô fazendo fosse criança também.
Ela é uma personagem da peça também.
[...] quando um personagem se dirige ao entrevistador [...]
Aaron Lake é um personagem de John Grisham em “A Confraria”.
- (2) [...] as maçãs, o salsão, os tomates, as cenouras e a alface.
Daí para o alface foi um pulo.
- (3) A herpes genital é mais comum na vagina, principalmente quando o vírus causador é o HSV2.
O herpes é uma doença viral recorrente, geralmente benigna, causada pelos vírus Herpes simplex 1 e 2.

- (4) Mas se você tá realmente sem tempo ou naquele dia de muita preguiça, dá pra só refogar as cebolas rapidinho e fazer o quiche mesmo assim.
A quiche, levinha e bem temperada, combinou muitíssimo bem com a cerveja.

O estudo de Lima,¹⁶ que se focou na variação de gênero gramatical no falar cuiabano, concluiu que fatores sociais têm pouca relevância no condicionamento dessa variação. Entre os fatores linguísticos que aí incidem, estão os traços semânticos de animacidade e sexo. No caso de *personagem*, por exemplo, tais fatores seriam muito relevantes: se *personagem* estiver se referindo a um ser animado, muito provavelmente seu gênero gramatical corresponderá ao sexo desse ser. Entretanto, no caso de itens que não carregam esses traços, parece difícil observar padrões rígidos que nos permitam entender a incidência de um ou outro gênero gramatical, e isso deve estar ligado a uma questão morfossintática: a ausência de uma marca morfológica típica de gênero, o que ocasionaria a dita “vacilação” de gênero.

No caso dos nomes com tema em *-e*, ao que parece, sempre houve consenso de que não possuem uma marca de gênero. Contudo, o entendimento comum acerca da marca morfológica de gênero no PB é um pouco controverso. Na análise morfológica tradicional, as vogais finais *-o* e *-a* são consideradas marcadores de gênero, respectivamente masculino e feminino. Assim sendo, tais marcadores são tratados implicitamente como oposição equipolente, conforme a classificação das oposições de Trubetzkoy.¹⁷ Ao considerar que apenas *-o* e *-a* são marcadores de gênero, a análise tradicional admite que a vogal *-e* não está associada ao gênero gramatical. Assim, o gênero dos nomes seria definido morfológicamente para as palavras em *-o* e *-a*, distribuindo-se outras palavras por ambos os gêneros arbitrariamente. Como nota Cintra (2004, p. 87),¹⁸ “As gramáticas tradicionais são pródigas em exemplos e listas de exceções.”

Uma das primeiras contestações à análise tradicional surgiu na obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Embora suas ideias a respeito da morfologia nominal já estivessem presentes em seus primeiros escritos nas décadas de 40 e 50, encontramos uma versão mais desenvolvida de sua análise em *Problemas de Linguística Descritiva* (1969), *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970) e *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (1975). Para Mattoso Câmara,¹⁹ *-o*, *-a* e *-e* são a priori vogais temáticas dos nomes, que correspondem a subclasses nominais, sendo que o gênero gramatical é marcado a rigor pelo determinante ou, no caso de nominais nus, pelo adjetivo. Na proposta mattosiana, a única marca morfológica de gênero existente no PB é a vogal *-a* para gênero feminino, que se realiza apenas em pares como *lobo/lob-a*, *menino/menin-a*, *autor/autor-a*. Já em nomes como *águia* e *rosa* (femininos) ou *poeta* (masculino), temos apenas uma vogal temática, mas não uma marca de gênero.

A alegação de que *-o*, *-a* e *-e* sejam a priori vogais temáticas dos nomes está ligada ao fato de que, para Mattoso Câmara, a classe dos nomes está dividida em subclasses caracterizadas pela ocorrência ou não de um morfema classificatório, representado por uma vogal átona final, a vogal temática, que não tem relação com o conceito de gênero. Como o autor reconhece,

¹⁶ Lima, José Leonildo. *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*. 2007. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP: 2007.

¹⁷ Trubetzkoy, N. S. *Princípios de Fonologia*. Paris: Klincksieck, 1949.

¹⁸ Cintra, Geraldo. A flexão nominal em Mattoso Câmara e outras análises. *Delta*, v. 20, n. especial, p. 85-104, 2004. p. 87.

¹⁹ Mattoso Câmara Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

“[n]ão é costume nas nossas gramáticas estabelecer a mesma distinção [de subclasses temáticas] para os nomes, mas a conveniência de fazê-lo me parece inegável.”²⁰ Conforme observa Cintra,²¹

Pode-se justificar a existência desses morfemas tanto sincronicamente, depreendendo-os da forma dos vocábulos, quanto diacronicamente, por ser a vogal temática a vogal da desinência de acusativo das três primeiras declinações a que se reduziu o sistema flexional de casos do latim, e é do acusativo que se originam as formas do português. Para vocábulos de outras origens essa análise se aplica por analogia, como em *jangada, taba, esfirra, quitanda, maloca* (com vogal temática -a), *breque, greve, quibe, uísque* (com vogal temática -e).

Já os nomes terminados em consoante são tratados como pertencentes à subclasse dos nomes com tema em -e, com alomorfe zero da vogal temática no singular. Nas palavras de Mattoso Câmara,²² “Os nomes terminados no singular em consoante pós-vocálica têm uma forma teórica em -e /i/ átono final, que se deduz dos plurais.” É o que vemos, por exemplo, em *mar/mares, mal/males*. Entretanto, isso se deduz não apenas dos plurais, mas também de palavras derivadas como *maremoto, malefício* etc. Portanto, por conta dessa vogal epentética *default* no PB, nomes terminados em consoante no singular sempre terão tema em -e.²³

O que está em questão, portanto, é a existência de uma vogal temática nominal, algo contestado por alguns linguistas, entre eles Duarte,²⁴ para quem a vogal temática nominal, pelo menos considerando o plano superficial, “não tem razão de ser e carece de uma motivação palpável, de ordem gramatical e distribucional”. Em seu entendimento, “o estabelecimento do tema teórico tem base apenas diacrônica”, base esta que ele considera uma inverdade, por não reconhecer a aplicação analógica a palavras que têm o *e* apenas em sincronia. Duarte ainda afirma que o recurso à vogal temática é “um artifício, que complica muito a descrição em nome da simplificação da formação do plural”, sem reconhecer sua importância como identificadores de distribuição mórfica.

Ainda que, em nosso entendimento, os argumentos de Mattoso Câmara e Cintra já tivessem provado que itens lexicais que não têm o tema em *e* na diacronia recebem-no por analogia ao incorporar o léxico da língua, cabe pontuar aqui a réplica de Cavaliere,²⁵ que contesta as críticas de Duarte e endossa a hipótese de Mattoso Câmara, salientando que os nomes no

²⁰ *Ibid.*, p. 76.

²¹ Cintra, *op. cit.*, p. 87.

²² Mattoso Câmara Jr., *op. cit.*, p. 76.

²³ É válido observar que, um pouco diferente do que Cintra parece sugerir ao afirmar que o *e* era a vogal temática da terceira declinação latina, gramáticos latinos tradicionais consideram a terceira declinação latina uma “declinação consonantal”. Por isso, nessa perspectiva, a vogal *e* é assumida como uma “vogal de ligação” e não uma “vogal temática”. O termo vogal de ligação sugere que essa vogal liga a raiz à desinência de caso. Assim, temos, por exemplo, *nox* (nominativo) e *noct-e-m* (acusativo). A mesma interpretação poderia ser aplicada, por analogia, aos nomes do PB que terminam em consoante no singular: essa vogal epentética que aparece na fala ou mesmo na forma do plural ou nas palavras compostas poderia ser considerada também uma vogal de ligação e não uma vogal temática. Entretanto, acredito que esse seja mais um problema de terminologia, posto que a “subclasse dos nomes com tema em -e” alegada por Mattoso Câmara de fato parece existir.

²⁴ Duarte, P. M. T. 2002. Do estatuto mórfico da vogal temática e do morfema de gênero em português. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 23, maio/ago. 2002, p. 112-130. p. 115.

²⁵ Cavaliere, R. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói: EdUFF, 2003. p. 317.

PB se dividem em duas grandes categorias: a dos nomes temáticos (com temas em *o*, *a* e *e*) e a dos nomes atemáticos:

Considerando que a morfologia nominal do português se assenta, em termos sistemáticos, apenas no acusativo latino, as vogais *a*, *o* e *e*, típicas do acusativo da primeira, segunda e terceira conjugações em latim vernacular respectivamente, ganharam foro de vogais temáticas em português; por via análoga, as vogais *a*, *e* e *i*, que indicam as conjugações em latim vernacular, passam a vogais temáticas verbais em português. Já os vocábulos desprovidos de vogal temática, seja por advirem de outros casos latinos (*Deus*), seja por terem sofrido acidentes fonológicos que elidiram a vogal temática (*annelum* > *anel*) ou mesmo por serem empréstimos oxítonos terminados em vogal (*rapé*, *sapé*), são hoje entendidos como nomes atemáticos. Tais vocábulos, entretanto, inscrevem-se perfeitamente no conceito de tema predominante na gramática científica”.

Vale lembrar, ainda, que Carvalho,²⁶ contemporâneo de Mattoso Câmara, já havia notado essa distinção entre nomes temáticos e atemáticos, afirmando que as vogais temáticas funcionam como “atualizadores lexicais”. Em seus termos, tais vogais átonas finais, “associadas ao radical, permitem atualizar o que só virtualmente é um elemento do léxico. [...] Os sufixos *-o* e *-a* funcionam em segundo lugar, cumulativamente, como morfemas de gênero.”²⁷ Tal atualização lexical, nos termos de Carvalho, nada mais é do que a aplicação analógica dos temas *o*, *a* ou *e* a novos itens lexicais que tenham entrado na língua por empréstimo, neologismo ou outros processos.

Portanto, retomando o problema inicial desta seção, podemos traçar agora um quadro com as seguintes considerações:

- A morfologia nominal do PB se divide nas categorias de nomes temáticos e atemáticos.
- Os nomes temáticos são assim chamados por apresentarem uma vogal temática, que pode ser *o*, *a* ou *e*.
- Embora não seja consenso,²⁸ alguns autores admitem que o PB também possui as marcas típicas de gênero *o* e *a*, que coincidem com as vogais temáticas nominais *o* e *a*, e eventualmente co-ocorrem com estas cumulativamente.
- Os nomes com tema em *e* não estão sujeitos a essa coincidência entre a vogal temática e a marca de gênero (que acontece com *o* e *a*) e, em parte por isso, estão mais propensos à variação de gênero gramatical.²⁹
- A variação de gênero em nomes de tema em *e* está condicionada a fatores linguísticos quando há os traços semânticos de animacidade e sexo. No entanto, quando esses traços são ausentes, parece ser mais arbitrária.

Diante desse quadro, algumas questões ainda não foram abordadas. As classes nominais temáticas do PB de fato serão uma permanência latina, como sugerem Cintra (2004) e

²⁶ Carvalho, J. G. H. Atualizadores lexicais. *Vozes*, v. 67, n. 5, p. 49-60, 1973.

²⁷ *Ibid.* p. 28.

²⁸ Mattoso Câmara (1970) entende que apenas *a* é marca de gênero. Em seus termos, as flexões de gênero e de número são manifestadas por uma oposição privativa, em que um elemento marcado (feminino, plural) se opõe a outro, não marcado (masculino, singular).

²⁹ Cabe notar que, justamente para marcar o gênero de nomes com tema em *e* (nos quais não é possível essa marca cumulativa), vimos observando o acréscimo da marca de gênero feminino em nomes de tema em *e*, como em *presidenta*, *elefanta*, *governanta*, *infanta*.

Cavaliere (2003)? O encaixamento (ou atualização) de novos léxicos que incorporam o PB dentro da classe de tema em *o*, da classe de tema em *a*, da classe de tema em *e*, ou da classe atemática tem paralelo na história? É um processo recorrente? A variação de gênero dos nomes de tema em *e* será um processo antigo? Eis algumas questões a investigar ainda nesta seção.

As declinações latinas, a distribuição de gênero gramatical entre elas e a terceira declinação

Acima, quando apresentamos argumentos sobre a existência de subclasses nominais temáticas no PB, surgiram em particular duas considerações, de Cintra e Cavaliere, que volto a destacar aqui:

Pode-se justificar a existência desses morfemas [*o, a, e*] [...] diacronicamente por ser a vogal temática a vogal da desinência de acusativo das três primeiras declinações a que se reduziu o sistema flexional de casos do latim, e é do acusativo que se originam as formas do português [...].³⁰

Considerando que a morfologia nominal do português se assenta, em termos sistemáticos, apenas no acusativo latino, as vogais *a, o* e *e*, típicas do acusativo da primeira, segunda e terceira conjugações em latim vernacular respectivamente, ganharam foro de vogais temáticas em português [...].³¹

Ambos os autores parecem sugerir que as classes nominais temáticas do PB de fato são uma permanência latina, mais especificamente uma permanência das três primeiras declinações latinas, aqui entendidas como subclasses nominais. Tal sugestão parece mesmo proceder.

No latim, inicialmente, os nomes se distribuíam por cinco classes nominais mais conhecidas como declinações. A primeira declinação era aquela de tema em *a*; a segunda, de tema em *o* (*u*); a terceira, mais frequentemente considerada “consonantal”, também é definida como de tema em *e* (*i*); a quarta, de tema em *u*; e a quinta, de tema em *e*. É importante considerar que as três primeiras declinações respondiam por cerca de 90% do léxico latino, sendo portanto a quarta e a quinta declinação uma minoria na participação do inventário lexical.³²

Com o processo de romanização que resultaria nas línguas românicas, em paralelo à erosões fonéticas que revolucionariam a sintaxe românica, a morfologia nominal também sofre uma simplificação: os nomes da quarta declinação pouco a pouco passam a integrar a segunda declinação, pela semelhança morfológica e pela maior regularidade desta última, e o mesmo acontece com a quinta declinação em relação à terceira.³³ Williams³⁴ comenta essa correlação

³⁰ Cintra, *op. cit.*, p. 87.

³¹ Cavaliere, *op. cit.*, p. 317.

³² Essas estimativas estão apoiadas no corpus latino da Perseus Collection (www.perseus.tufts.edu).

³³ Entretanto, como ainda abordarei, os nomes da terceira declinação, que tinha apenas palavras do gênero feminino, também se espriam para a primeira declinação, que concentrava a maioria do léxico feminino. Portanto, ora as palavras de terceira declinação passavam para a terceira pela semelhança morfológica, ora passavam para primeira por conta do gênero.

³⁴ Williams, Edwin B. *Do Latim ao Português*. São Paulo: Ed. Tempo Brasileiro, 1973. p. 123.

das erosões fonéticas que transformaram a sintaxe românica com a simplificação da morfologia nominal:

Pouco restou das declinações do latim clássico em latim vernacular. A quarta e a quinta declinações, o gênero neutro e todos os casos, exceto o nominativo e o acusativo, desapareceram. Com o desaparecimento do nominativo em português, a distinção casual terminou. Apenas a flexão de número permaneceu. A forma oriunda do acusativo latino passou a exercer a função de sujeito, de objeto de um verbo e de objeto de uma preposição.

Temos evidências antigas que comprovam esse processo de simplificação da morfologia nominal. Já no século VI, por exemplo, o anônimo autor do *Appendix Probi*, entre as suas advertências corretivas, alertava os estudantes de que o correto era *fructu acri* (formas da 4ª e 3ª decl.) e não *fructo acro* (formas da 2ª decl.). Além disso, desde o período clássico, os gramáticos latinos atestavam a oscilação entre formas da 4ª e 2ª declinação observada em itens lexicais muito frequentes como *domus* (casa), nos casos cujas formas eram diferentes em uma e outra declinação: gen. sing. – *domus* (4ª) / *domi* (2ª); gen. pl. – *domuum* (4ª) / *domorum* (2ª); dat. sing. *domui* (4ª) / *domo* (2ª); acus. pl. – *domus* (4ª) / *domos* (2ª); abl. sing. – *domu* (4ª) / *domo* (2ª). Dinkova-Bruun (2011, p. 297) registra outros exemplos dessa variação: *gradus/gradus, cornuis/cornibus, genuorum/genuum, fructi/fructus*.

Portanto, havia igualdade ou semelhança morfológica entre a quarta e a segunda declinação, e entre a quinta e a terceira, o que se configurou ainda mais depois da redução dos casos e queda das consoantes finais:

	Declinações	Nominativo	Acusativo	
	1ª	-a	-am	
⇒	2ª	-us, -um	-um, -um	
	3ª	-s, -e	-em, -e	⇐
⇒	4ª	-us, -u	-um, -u	
	5	-es	-em	⇐

Além dessa reorganização dos nomes entre as subclasses nominais motivada pelos morfemas classificatórios – as vogais temáticas *o* (*u*) e *e* (*i*) – é preciso reconhecer que o gênero gramatical também desempenhou um papel importante nesse processo, já que muitas vezes palavras da quinta e até mesmo da terceira declinação passaram para a primeira, de tema em *a*. Para entender isso, porém, é preciso esclarecer algumas questões. Mais acima, já foi dito que a primeira e a segunda declinação (de temas em *a* e *o* respectivamente) compreendiam quase 70% do léxico latino antes da romanização, sendo que na primeira predominavam nomes femininos, e na segunda, masculinos ou neutros. Logo, a predominância de um determinado gênero em uma determinada subclasse nominal (declinação) favoreceu que o morfema classificatório dessas subclasses (as vogais temáticas *a* e *o*) passassem a ser compreendidos pelos falantes como marcas de gênero. Daí, é natural que, eventualmente, nomes da terceira e da quinta declinação (de tema em *e*), que não carregavam essa “recente” marca de gênero, tenham passado a recebê-la de acordo com as necessidades dos falantes. Isso explica por que encontramos com frequência variações como *dies, materies, facies* (formas da 5ª decl.) vs. *dia, materia, facia* (formas da 1ª decl.). Isso é semelhante (para não dizer igual) a um fenômeno atual no PB: o acréscimo da marca de gênero feminino em nomes de tema em *e*, como em *presidenta, elefanta, governanta, infanta* etc.

Endossando o que expus até aqui, Clackson e Horrocks³⁵ dão explicações mais detalhadas sobre como as vogais temáticas das duas primeiras declinações se tornaram marcas de gênero nos romances, sobre a perda do gênero neutro e sobre a reclassificação dos itens lexicais da quarta e quinta declinações:

O latim tem três gêneros, mas as línguas românicas têm apenas dois, masculino e feminino. Vários fatores diferentes contribuíram para a perda do gênero neutro e a concomitante redistribuição de substantivos neutros a outros gêneros. No latim clássico, o gênero nominal não depende nem do sexo natural nem da classe flexional, embora exista uma ampla correlação entre a 1ª declinação, sexo feminino e gênero feminino, e a 2ª declinação, sexo masculino e gênero masculino. Nas línguas românicas estas correlações amplas foram expandidas, com a eventual identificação das três categorias em cada caso. Quase todos os substantivos românicos que terminam originalmente em *-a* são de gênero feminino e não se referem a homens, quase todos os substantivos que terminam originalmente em *-us* (em romance *-o*) são de gênero masculino e não se referem a mulheres. Assim, os muitos nomes de árvores em latim que terminavam em *-us*, mas eram do gênero feminino, como *pirus* (f.) 'pereira', *ulmus* (f.) 'olmo' foram transferidos para o masculino no romance: italiano *pero* (m.) 'pereira', *olmo* (m.) 'olmo'. Algumas exceções permanecem com a retenção do gênero latino clássico, como o italiano e o espanhol *la mano* 'mão' do latim *manus*. Os substantivos da 3ª declinação são masculinos ou femininos, o gênero gramatical se correlaciona com o sexo natural quando ele é uma característica do substantivo. As 4ª e 5ª declinações estão perdidas; os substantivos da 4ª declinação são transferidos para a 2ª declinação, com a qual compartilham as desinências nominativas e acusativas *-us* e *-um*; substantivos polissilábicos de 5 declinações, todos femininos, são transferidos para a 1ª declinação. A atribuição de todos os substantivos da 2ª declinação exclusivamente ao gênero masculino, em detrimento do neutro, já parece ter começado na fala de alguns indivíduos do alto Império. Um personagem do romance Satyricon de Petrónio (o libertino Dama) usa os masculinos *uinus* e *balneus* para os neutros clássicos *uinum* 'vinho' e *balneum* 'banho', e Cláudio Terenciano tem *pretius* (masculino) no lugar de *pretium* 'preço' [...].

Com isso, cremos que já temos respostas plausíveis para as perguntas levantadas acima. O encaixamento (ou atualização) de novos léxicos que incorporam o PB dentro das subclasses de temas em *o*, *a* ou *e*, ou da classe atemática, tem paralelo exato na história. Tem paralelo tanto no período da romanização, quando houve a perda do gênero neutro e da quarta e quinta declinação, quanto no período clássico, quando já havia variação principalmente entre formas da 5ª e 1ª declinação, e da 4ª e 2ª. Além disso, a incorporação de novos itens lexicais, fossem empréstimos de outras línguas ou neologismos, estava sujeito ao sistema de classificação da morfologia nominal latina, que distribuía os novos léxicos entre as subclasses nominais (declinações) conforme o tema ao qual se adequassem, exatamente como ocorre no PB com empréstimos e neologismos. Por exemplo, a palavra fenícia *shofet* (que designava um alto magistrado cartaginense) foi lexicalizada em latim como *sufes*, "atualizada" como um léxico da 3ª declinação; a palavra árabe *djiboutin* foi lexicalizada *gibutum* (2ª declinação); a também árabe *genewah* foi lexicalizada *guinea* (1ª declinação). Trata-se, portanto, de um processo recorrente.

Quanto à variação de gênero dos nomes de tema em *e*, também há evidências de que seja um processo antigo, que data pelo menos desde o período da romanização, e isso está ligado diretamente à perda do gênero neutro. Como afirmaram Clackson e Horrocks na citação acima, "[Nas línguas românicas], os substantivos da 3ª declinação são masculinos ou femininos, e o gênero gramatical se correlaciona com o sexo natural quando ele é uma característica do substantivo." Portanto, quando um nome não possuía o traço "sexo", ficava propenso à variação de gênero. Exemplos são os itens *flos*, *floris*; *pons*, *pontis*; *arbor*, *arboris*; *ars*,

³⁵ Clackson e Horrocks, *op. cit.* p. 278.

artis; frons, frontis. Cada qual, em diferentes regiões da România, assumiu um gênero gramatical conforme aquela que é a regra geral para o estabelecimento do gênero gramatical: a convenção social. “O gênero é, de um modo geral, uma característica convencional dos substantivos historicamente fixada pelo uso.”³⁶ Por isso, hoje temos *la fleur* (fr, fem), *la/a flor* (sp e pt, fem), *il fiore* (it, masc); *le pont* (fr, masc), *el puente* (sp, masc), *a ponte* (pt, fem), *il ponte* (it, masc); *l'arbre* (fr, masc), *el árbol* (sp, masc), *a árvore* (pt, fem), *l'albero* (it, masc); *l'art* (fr, masc), *el arte* (sp, masc), *a arte* (pt, fem), *l'arte* (it, fem); *le front* (fr, masc), *la frente* (sp, fem), *a fronte* (pt, fem), *la fronte* (it, fem).

Sintetizando, é possível afirmar que, por um lado, a atualização de empréstimos e neologismos em subclasses temáticas é uma reincidência latina e que, por outro, a variação de gênero de nomes com tema em *-e* é uma permanência latina no PB.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção C

1. Explique, em seus próprios termos, o que são as classes nominais temáticas do português, segundo Mattoso Câmara Jr., e qual a relação delas com o latim.
2. De que forma as classes nominais temáticas do português se relacionam com o gênero gramatical e de que forma essa correlação remonta ao latim?
3. Considere a seguinte afirmação: “O encaixamento (ou atualização) de novos léxicos que incorporam o PB dentro das subclasses de temas em *o*, *a* ou *e*, ou da classe atemática, tem paralelo exato na história. Tem paralelo tanto no período da romanização, quando houve a perda do gênero neutro e da quarta e quinta declinação, quanto no período clássico, quando já havia variação principalmente entre formas da 5ª e 1ª declinação, e da 4ª e 2ª. Além disso, a incorporação de novos itens lexicais, fossem empréstimos de outras línguas ou neologismos, estava sujeito ao sistema de classificação da morfologia nominal latina, que distribuía os novos léxicos entre as subclasses nominais (declinações) conforme o tema ao qual se adequassem, exatamente como ocorre no PB com empréstimos e neologismos.”

O que é ‘encaixamento’ de novos léxicos dentre das subclasses temáticas? Cite exemplos no PB, no romance e no latim.

Litterae Latinae: a tragédia latina

A tragédia latina antiga, embora tenha sido uma forma literária cultivada pelos romanos, nunca alcançou o mesmo sucesso e popularidade que a comédia. As razões para isso estão enraizadas em aspectos culturais e sociais da sociedade romana, além de questões estéticas e funcionais do próprio teatro romano. Antes de abordarmos essas razões, conheçamos alguns dos principais tragediógrafos latinos.

³⁶ Azeredo, J. *Gramática Houaiss*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 158.

Principais Autores e Obras

Lívio Andrônico (c. 284-204 a.C.)

Lívio Andrônico é frequentemente creditado como o introdutor do drama grego em Roma. Ele foi um dos primeiros a traduzir e adaptar tragédias gregas para o latim. Sua obra mais notável é a tradução da "Odisseia" de Homero, embora ele também tenha escrito tragédias, das quais restam apenas fragmentos.

Névio (c. 270-201 a.C.)

Gneu Névio é outro pioneiro da tragédia latina. Suas obras eram, muitas vezes, adaptações de tragédias gregas, e ele é conhecido por infundir um forte elemento nacionalista em suas peças, frequentemente abordando temas da história romana.

De "*Clastidium*": "*Virtute maiores vestri fieri, vos nequitiæ*" (Seus antepassados se tornaram grandes pela virtude, vocês pela negligência). Fragmento preservado por Aulus Gellius em "*Noctes Atticæ*" (6.9.6).

Ênio (239-169 a.C.)

Quinto Ênio, um dos maiores poetas da Roma antiga, também contribuiu para a tragédia latina. Ele escreveu várias tragédias baseadas em mitos gregos, como "*Medea*" e "*Thyestes*". Embora apenas fragmentos de suas tragédias tenham sobrevivido, sua influência na literatura latina é inegável.

De "*Medea*": "*Medea animo aegra, amore saevo saucia*" (Medea, doente de espírito, ferida por um amor selvagem). Fragmento preservado por Cícero em "*Tusculanae Disputationes*" (3.12).

Pácvio (220-130 a.C.)

Marco Pácvio, sobrinho de Ênio, foi um dos mais importantes dramaturgos de tragédias. Suas obras, como "*Antiopa*" e "*Iliona*", são adaptações de tragédias gregas, mas com uma profundidade psicológica e uma complexidade estilística que foram altamente valorizadas na época.

De "*Dulorestes*": "*Domi habuit unde disceret*" (Ele tinha em casa de quem aprender). Fragmento preservado por Aulus Gellius em "*Noctes Atticæ*" (13.8.3).

Ácio (170-86 a.C.)

Lúcio Ácio foi um prolífico escritor de tragédias, com cerca de 50 peças atribuídas a ele. Suas tragédias, como "*Atreus*" e "*Medea*", eram conhecidas por sua intensidade dramática e pelo uso de um estilo poético elevado.

De "Atreus": "*Oderint dum metuant*" (Que me odeiem, contanto que me temam). Fragmento preservado por Cícero em "*De Officiis*" (1.28.97).

Ovídio (43 a.C.-17 d.C.)

Públio Ovídio Nasão escreveu uma tragédia intitulada "*Medea*", que se perdeu. Embora esta obra não tenha sobrevivido, é mencionada por contemporâneos e críticos posteriores como uma contribuição significativa à tragédia latina.

Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)

Lúcio Aneu Sêneca, o Jovem, é o tragediógrafo latino mais conhecido, com várias tragédias completas que sobreviveram até hoje. Suas obras incluem "*Phaedra*", "*Thyestes*", "*Hercules Furens*", entre outras, e são conhecidas por sua exploração profunda da psicologia humana e do estoicismo.

De "*Phaedra*": "*Curae leves loquuntur, ingentes stupent*" (Preocupações leves falam, as grandes ficam mudas). Ato II, verso 380.

De "*Thyestes*": "*Quis crederet vitam summis abrumpi gaudiis?*" (Quem acreditaria que a vida pode ser interrompida no auge da alegria?). Ato IV, verso 500.

De "*Hercules Furens*": "*Non est ad astra mollis e terris via*" (Não é fácil a estrada que leva da terra às estrelas). Ato II, verso 437.

Razões para o Sucesso Menor da Tragédia

Como dissemos, apesar do talento e das contribuições significativas dos autores de tragédias latinas, a encenação dessas peças nunca alcançou a popularidade da comédia em Roma. As tragédias eram frequentemente apreciadas em círculos eruditos e cerimônias privadas, enquanto as comédias dominavam os festivais públicos e a vida social romana. Essa discrepância na recepção e popularidade das tragédias pode ser explicada por diversos fatores culturais, sociais e funcionais. Abaixo, exploramos algumas das principais razões para o sucesso menor da tragédia em comparação à comédia no contexto romano.

Preferência Cultural

Os romanos tinham uma inclinação cultural marcante pelo entretenimento que proporcionava alívio das tensões do cotidiano e permitia uma experiência social leve e agradável. As comédias, com suas tramas cômicas e situações hilárias, atendiam perfeitamente a essa demanda. Elas eram capazes de envolver o público com humor e sátira, fazendo críticas sociais e políticas de forma velada e aceitável. Em contraste, as tragédias, com seu foco em temas sombrios e emocionais como o destino, a moralidade e a inevitabilidade da morte, exigiam um envolvimento emocional e intelectual mais profundo que não era tão procurado pela maioria dos romanos.

Função Social do Teatro

O teatro romano não era apenas uma forma de arte, mas também uma ferramenta social e política. As comédias desempenhavam um papel vital ao proporcionar uma forma de catarse coletiva e comentário social disfarçado, permitindo que questões sensíveis fossem abordadas sem confrontação direta. O riso era uma maneira de unir as pessoas e criar uma atmosfera de camaradagem. Por outro lado, a tragédia, com sua seriedade e foco introspectivo, não oferecia a mesma oportunidade de crítica social suave e, por isso, não se encaixava tão bem no cenário público, onde a coesão social e a distração eram mais valorizadas.

Espaço e Contexto da Performance

As comédias romanas eram frequentemente encenadas durante festivais públicos, como os *Ludi Romani*, que atraíam grandes multidões e ofereciam uma atmosfera festiva e comunitária. Esses festivais eram eventos de grande importância social e religiosa, onde a diversão e o entretenimento leve eram altamente apreciados. Em contraste, as tragédias muitas vezes eram reservadas para contextos mais privados e cerimoniais, como celebrações aristocráticas ou rituais religiosos, onde o público era menor e mais seletivo. Esse contraste nos locais e contextos de performance restringia o alcance popular das tragédias.

Leitura vs. Performance

Com o tempo, as tragédias latinas se tornaram mais associadas à leitura privada e ao estudo literário do que à performance pública. As elites romanas cultas apreciavam a complexidade literária e a profundidade filosófica das tragédias, que muitas vezes exploravam temas estoicos e questões éticas profundas. Essa apreciação intelectual, contudo, não se traduzia em popularidade nas apresentações teatrais. A leitura privada de tragédias permitia um envolvimento mais introspectivo e uma apreciação mais erudita, mas ao mesmo tempo limitava a experiência compartilhada e a emoção coletiva que as comédias proporcionavam ao serem encenadas publicamente.

Em resumo, a tragédia latina antiga, apesar de sua importância literária e dos grandes talentos que a cultivaram, nunca alcançou a mesma popularidade que a comédia no teatro romano. As diferenças culturais, sociais e contextuais entre as duas formas de teatro resultaram em um público mais restrito para as tragédias, que acabaram se tornando um domínio de apreciação mais privada e erudita, enquanto as comédias floresceram como uma forma de entretenimento público e socialmente integradora.

Exercícios - Litterae Latinae

1. Explique por que a tragédia não alcançou, entre os romanos, o mesmo sucesso que a comédia?

2. Faça uma pesquisa sobre as tragédias de Sêneca, escolha uma delas e elabore uma síntese sua, discutindo aspectos literários e histórico-culturais da obra.

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, traduza o seguinte trecho da tragédia Hércules em Fúria (*Hercules Furens*), de Sêneca, extraído do segundo ato, versos 309-318. Neste trecho, Mégara, esposa de Hercules, e Anfitrião, seu pai terreno, sequestrados e feitos reféns por Lico, estão conversando. Mégara, em dado momento – representando a típica pessoa tomada pelas paixões –, começa perder as esperanças de que haverá salvação e de que Hércules voltará para resgatá-los, mas Anfitrião – encarnando o sábio estoico – tenta reconfortá-la:

AMPH. O socia nostri sanguinis, casta fide / servans torum natosque magnanimi Herculis, / meliora mente concipe atque animum excita. / Aderit profecto, qualis ex omni solet / labore, maior.

MEG. Quod nimis miseri volunt / hoc facile credunt,

AMPH. Immo quod metuunt nimis / numquam moveri posse nec tolli putant: / prona est timori semper in peius fides. /

MEG. Demersus ac defossus et toto insuper / oppressus orbe quam viam ad superos habet?

Vocabulário:

ac conj. e

ad prep. (+ acus.) a, para

adsum, adesse, adfui, adfuturus estar presente

animus, i 2m. mente, espírito, alma

atque conj. e

castus, a, um adj. casto, puro

concipio, concipere, concepi, conceptus 3 conceber

credo, credere, credidi, creditus 3 acreditar

defossus, a, um adj. enterrado

demersus, a, um adj. afundado

ederit fut. de *adsum* lit. ‘estará presente’; no contexto, ‘estará de volta’

et conj. e

ex prep. (+ abl.) depois de

excito, excitare, excitavi, excitatus 1 estimular, animar

facile adv. facilmente

fides, fidei 5f. fidelidade, fé

habeo, habere, habui, habitus 2 ter

Hercules, Herculis 3m. Hércules

hoc pron. acus. ‘isto’

immo adv. na verdade

in (+ acus.) a, para; em ‘*prona ... in peius*’ = ‘propensa ao pior’

insuper prep. (+ abl.) por

labor, laboris 3m. trabalho
magnanimus, a, um adj. magnânimo
maior, maius, maioris adj. maior, mais forte
melior, melius, melioris adj. melhor
mens, mentis 3f. mente
metuo, metuere, metui, - 3 temer
miserus, a, um adj. pobre, miserável, desgraçado
moveri inf. passivo de *moveo* ‘ser mudado’
natosque = *et natos*
nec conj. e não, nem
nimis adv. demais
noster, nostra, nostrum adj. nosso
numquam adv. nunca
o marca de vocativo ‘ó’
omnis, e adj. todo
oppressus, a, um adj. esmagado
orbis, orbis 3m. orbe, globo terrestre
peior, peius, peioris adj. pior
possum, posse, potui, - poder
profecto adv. com certeza
pronus, a, um adj. propenso (rege *in* + acus.)
puto, putare, putavi, putatus 1 pensar
qualis conj. como, tal qual
qui, quae, quod pron. interrog. que, qual
quod pron. rel. acus. ‘o que’
sanguis, sanguinis 3m. sangue
semper adv. sempre
servans, servantis ‘aquela que guarda’; em ‘*tu ... servans*’ = ‘tu ... que guardas’
socia, ae 3f. companheira
soleo, solere, solitus sum 2 (semidep.) costumar, ter o costume de
sum, esse, fui, futurus ser
superus, i 2m. mundo superior
timor, timoris 3m. medo, temor
tollī inf. passiv. de *tollo* ‘ser extinguido’
torus, i 2m. cama, leito nupcial
totus, a, um adj. todo, inteiro
via, ae 1f. caminho
volo, velle, volui, - querer

Seção D

Pontos de língua

- futuro do indicativo ativo
- futuro de *sum, eo, uolo*;
- *possum, nolo, malo*: presente e futuro do indicativo;
- numerais cardinais (1-10, 100-1000);
- substantivos de 4a declinação;
- *domus*;
- monossílabos de 3a declinação;
- depoentes: presente do indicativo, imperativo, infinitivo;
- *noli* + infinitivo (imperativo negativo);
- substantivos de 5a declinação: *res*;
- *nullus, alter*.

D1 Futuro do indicativo ativo

Para apresentar o futuro do indicativo ativo das quatro conjugações regulares, convém antes explicar algumas questões de morfologia e semântica verbal latina que podem nos ajudar a entender a formação desse tempo verbal. Em primeiro lugar, é importante estarmos familiarizados com o conceito de aspecto verbal.

Aspecto verbal é uma categoria gramatical que descreve a maneira como a ação, o estado ou o processo expresso por um verbo se desenvolve no tempo. Diferentemente do tempo verbal, que indica quando uma ação ocorre (passado, presente ou futuro), o aspecto verbal foca na estrutura interna da ação em si, ou seja, como essa ação é visualizada ou percebida em termos de duração, completude, repetição, etc.

Os principais tipos de aspectos verbais incluem:

- Aspecto perfectivo: indica uma ação completa, vista como um todo, sem focar no seu desenvolvimento interno. Exemplo: "Ele escreveu um livro."
- Aspecto imperfectivo: enfatiza o desenvolvimento ou a continuidade da ação, sem considerar seu início ou fim. Exemplo: "Ele estava escrevendo um livro."
- Aspecto habitual: refere-se a ações que ocorrem regularmente ou repetidamente. Exemplo: "Ele escreve livros."
- Aspecto progressivo: enfatiza que a ação está em progresso num determinado momento. Exemplo: "Ele está escrevendo um livro."
- Aspecto iterativo: refere-se a ações repetidas, mas não necessariamente de forma regular. Exemplo: "Ele escrevia e reescrevia o livro."

O entendimento do aspecto verbal é crucial para a correta interpretação e expressão temporal nas línguas, pois oferece uma visão mais detalhada e específica sobre a natureza das ações descritas.

Em latim, os dois primeiros aspectos dessa lista eram marcados no radical. Repare nestes quadros comparativos. O primeiro localiza, nos tempos primitivos oferecidos pelo dicionário, os radicais do *infectum* (aspecto imperfectivo) e do *perfectum* (aspecto perfectivo):

	radical do <i>infectum</i>	radical do <i>perfectum</i>	
<i>amo</i>	ama-re	amau-i	<i>amatus</i>
<i>habeo</i>	habe-re	habu-i	<i>habitus</i>
<i>dico</i>	dic-e-re	dix-i	<i>dictus</i>
<i>audio</i>	audi-re	audiu-i	<i>auditus</i>

Compare, agora, como o radical se comporta nos tempos imperfectivos e nos tempos perfectivos:

	aspecto <i>infectum</i>					aspecto <i>perfectum</i>			
pres.	ama-ø-t ³⁷ 'ama'	habe-ø-t 'tem'	dic-i-ø-t 'diz'	audi-ø-t 'ouve'	pret. perf.	amau-ø-it 'amou'	habu-ø-it 'teve'	dix-ø-it 'disse'	audiu-ø-it 'ouviu'
futuro imperf.	ama-bi-t 'amará'	habe-bi-t 'terá'	dic-e-t 'dirá'	audi-e-t 'ouvirá'	m-q-perf.	amau-era-t 'amara'	habu-era-t 'tivera'	dix-era-t 'dissera'	audiu-era-t 'ouvira'
pret. imperf.	ama-ba-t 'amava'	habe-ba-t 'tinha'	dic-e-ba-t 'dizia'	audi-e-ba-t 'ouvia'	fut. perf.	amau-eri-t 'terá amado'	habu-eri-t 'terá tido'	dix-eri-t 'terá dito'	audiu-eri-t 'terá ouvido'

Simplificando:

	aspecto <i>infectum</i>		aspecto <i>perfectum</i>
pres. fut. imperf. pret. imperf.	ama- habe- dic- audi-	pret. perf. m-q-perf. fut. perf.	amau- habu- dix- audiu-

Agora, portanto, que você já sabe que presente e futuro compartilham o mesmo radical (o radical do *infectum*), repare em outro padrão importante:

	1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.	4ª conj.
futuro imperf.	ama- bi -t 'amará'	habe- bi -t 'terá'	dic- e -t 'dirá'	audi- e -t 'ouvirá'

Simplificando:

	1ª e 2ª conj.	3ª e 4ª conj.
futuro imperf.	bi	e

³⁷ O sinal ø representa um 'zero morfológico', isto é, não existe nenhuma marca realizada ali, mas essa ausência é significativa (no caso, ali, é desinência de tempo presente).

Assim, *-bi* e *-e-* são as desinências típicas do futuro do indicativo ativo, respectivamente para 1ª e 2ª, e 3ª e 4ª conjugações. Elas permanecem na maior parte das flexões, porém há irregularidades. Vejamos quais são as alomorfas:

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	<i>amabo</i>	eu amarei	<i>habebo</i>	eu terei	<i>dicam</i>	eu direi	<i>audiam</i>	eu ouvirei
<i>tu</i>	<i>amabis</i>	tu amarás / você amará	<i>habebis</i>	tu terás / você terá	<i>dices</i>	tu dirás / você dirá	<i>audiet</i>	tu ouvirás / você ouvirá
-	<i>amabit</i>	ele amará	<i>habebit</i>	ele terá	<i>dicet</i>	ele dirá	<i>audiet</i>	ele ouvirá
<i>nos</i>	<i>amabimus</i>	nós amaremos	<i>habebimus</i>	nós teremos	<i>dicemus</i>	nós diremos	<i>audiemus</i>	nós ouviremos
<i>uos</i>	<i>amabitis</i>	vocês amarão	<i>habebitis</i>	vocês terão	<i>dicetis</i>	vocês dirão	<i>audietis</i>	vocês ouvirão
-	<i>amabunt</i>	eles amarão	<i>habebunt</i>	eles terão	<i>dicent</i>	eles dirão	<i>audient</i>	eles ouvirão

Perceba que *bi* e *e* se mantêm presentes em quase todas as flexões das suas conjugações. As únicas irregularidades, causadas por razões fonológicas, são: na 1ª e 2ª conj., *-bo* (1sg.) e *-bu* (3pl.); na 3ª e 4ª conj., apenas *-am* (1sg.).

Como dissemos em C3, o verbo *fero* na prática é um verbo de 3ª conj., exceto pelo fato de que, no presente, não há vogal de ligação entre o radical (*fer-*) e as desinências pessoais. No futuro, porém, *fero* é um típico verbo de 3ª conj.: *ferram, ferres, ferret, ferrent, ferretis, ferrent.*

Vejamos agora o futuro dos verbos irregulares.

D2 Futuro de *sum, eo, uolo*

O futuro de *sum* é marcado por uma mudança de radical:

<i>ego</i>	<i>ero</i>	eu serei, estarei
<i>tu</i>	<i>eris</i>	tu serás, estarás / você será, estará
-	<i>erit</i>	ele será, estará / você será, estará; haverá, existirá
<i>nos</i>	<i>erimus</i>	nós seremos, estaremos
<i>uos</i>	<i>eritis</i>	vocês serão, estarão
-	<i>erunt</i>	eles serão, estarão; haverá, existirão

Assim, a marca de tempo futuro é o próprio radical *eri-*, que sobre alomorfa em *ero* (1sg.) e *erunt* (3pl.).

O verbo *eo*, por sua vez, recebe as mesmas marcas de futuro das 1ª e 2ª conjugações:

<i>ego</i>	<i>ibo</i>	eu irei
<i>tu</i>	<i>ibis</i>	tu irás / você irá
-	<i>ibit</i>	ele irá
<i>nos</i>	<i>ibimus</i>	nós iremos
<i>uos</i>	<i>ibitis</i>	vocês irão
-	<i>ibunt</i>	eles irão

Por outro lado, o verbo *uolo* recebe as mesmas marcas de futuro das 3ª e 4ª conjugações:

ego	<i>nolam</i>	eu quererei
tu	<i>uoles</i>	tu quererás / você quererá
-	<i>uolet</i>	ele quererá
nos	<i>uolemus</i>	nós quereremos
uos	<i>uoletis</i>	vocês quererão
-	<i>uolent</i>	eles quererão

D3 *Possum, nolo, malo*: presente e futuro do indicativo

Assim como o verbo *eo* e o verbo *fero* podem derivar novos verbos pelo acréscimo de prefixos (*ineo, adeo, pero, infero, adfero, perfero* etc.), também os verbos *sum* e *uolo* têm seus derivados, como *possum, nolo* e *malo*, cujos infinitivos são *posse* ('poder'), *nolle* ('não querer') e *malle* ('preferir'):

presente			futuro	
ego	<i>possum</i>	eu posso	<i>poterit</i>	eu poderei
tu	<i>potes</i>	tu podes / você pode	<i>poteris</i>	tu poderás / você poderá
-	<i>potest</i>	ele pode	<i>poterit</i>	ele poderá
nos	<i>possumus</i>	nós podemos	<i>poterimus</i>	nós poderemos
uos	<i>potestis</i>	vocês podem	<i>poteritis</i>	vocês poderão
-	<i>possunt</i>	eles quererão	<i>poterimus</i>	eles poderão

Perceba que o verbo *possum* se conjuga exatamente como o verbo *sum*, exceto pelo acréscimo do prefixo *pot-*. Tal prefixo, no presente, apresenta alomorfa quando perde a consoante *t* (*possum, possumus, possunt*). No futuro, porém, mantém-se inalterado.

pres.				fut.				
ego	<i>nolo</i>	eu não quero	<i>malo</i>	eu prefiro	<i>nolam</i>	eu não quererei	<i>malam</i>	eu não quererei
tu	<i>non uis</i>	tu não queres / você não quer	<i>mauis</i>	tu preferes / você prefere	<i>noles</i>	tu não quererás / você não quererá	<i>males</i>	tu não quererás / você não quererá
-	<i>non uult</i>	ele não quer	<i>mauult</i>	ele prefere	<i>nolet</i>	ele não quererá	<i>malet</i>	ele não quererá
nos	<i>nolumus</i>	nós não queremos	<i>malumus</i>	nós preferimos	<i>nolemus</i>	nós não quereremos	<i>malemus</i>	nós não quereremos
uos	<i>non uultis</i>	vocês não querem	<i>mauultis</i>	vocês preferem	<i>noletis</i>	vocês não quererão	<i>maletis</i>	vocês não quererão
-	<i>nolunt</i>	eles não querem	<i>mallunt</i>	eles preferem	<i>nolent</i>	eles não quererão	<i>malent</i>	eles não quererão

Os verbos *nolo* e *malo* basicamente derivam da contração de *non uolo* e *magis uolo*. O radical simplesmente varia de *uol-* para *nol-* ou *mal-*. A única irregularidade se observa no presente de *nolo*, no caso de certas formas em que não há a afixação de *non* ao radical: *non uis, non uult, non uultis*.

D4 Numerais cardinais (1-10, 100-1000)

Os numerais cardinais latinos são os seguintes:

N	<i>nullus, a, um</i> ³⁸	0
I	<i>unus, a, um</i>	1
II	<i>duo, ae</i>	2
III	<i>tres, tria</i>	3
IV	<i>quattuor</i>	4
V	<i>quinque</i>	5
VI	<i>sex</i>	6
VII	<i>septem</i>	7
VIII	<i>octo</i>	8
IX	<i>novem</i>	9
X	<i>decem</i>	10
XV	<i>quindecim</i>	15
XX	<i>viginti</i>	20
XXV	<i>viginti quinque</i>	25
L	<i>quingenta</i>	50
C	<i>centum</i>	100
D	<i>quingenti, ae, a</i>	500
M	<i>mille</i> ³⁹	1000

Os números entre 4 (*quattuor*) e 100 (*centum*) constituem palavras indeclináveis. Os demais, porém, flexionam de maneira semelhante à declinação pronominal:

1	I	m. sg.	f. sg.	n. sg.
	nom.	<i>unus</i>	<i>una</i>	<i>unum</i>
	ac.	<i>unum</i>	<i>unam</i>	<i>unum</i>
	gen.		<i>unius</i>	
	dat.		<i>uni</i>	
	abl.	<i>uno</i>	<i>una</i>	<i>uno</i>
		m. pl.	f. pl.	n. pl.
	nom.	<i>uni</i>	<i>unae</i>	<i>una</i>
		(demais casos, como o plural de <i>multus, a, um</i>)		
2	II	m.	f.	n.
	nom.	<i>duo</i>	<i>duae</i>	<i>duo</i>
	ac.	<i>duos</i>	<i>duas</i>	<i>duo</i>
	gen.	<i>duorum</i>	<i>duarum</i>	<i>duorum</i>

³⁸ Os romanos, assim como os gregos, não tinham o conceito do número zero. Remeter a este número com a palavra *nullus* ('nenhum') foi feito primeiramente na Idade Média. A identificação do zero pela letra N é atribuída a Bede, por volta de 725 d.C.

³⁹ *Mille* é usado como adjetivo e *milia* como substantivo, por exemplo: *mille milites* = mil soldados; *duo milia militum* = dois milhares de soldados = dois mil soldados; *tria milia militum* = três milhares de soldados = três mil soldados etc.

	dat./abl.	<i>duobus</i>	<i>duabus</i>	<i>duobus</i>
3	III	m./f.	n.	
	nom.	<i>tres</i>	<i>tria</i>	
	ac.	<i>tres</i>	<i>tria</i>	
	gen.	<i>trium</i>		
	dat./abl.	<i>tribus</i>		

Eis aqui alguns exemplos de emprego de numerais cardinais em textos clássicos:

- i. *Gallia est omnis divisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae* (César, *De Bello Gallico*, I, 1) ‘toda a Gália está dividida em três partes, das quais uma é habitada pelos belgas’
- ii. *duo consules creati sunt: T. Quinctius Capitolinus et Agrippa Furius* (Lívio, *Ab Urbe Condita*, II, 54) ‘dois cônsules foram eleitos: T. Quíncio Capitolino e Agripa Fúrio’
- iii. *cum iam satis constat tres fuisse Romuli socios* (Cícero, *De Republica*, II, 9) ‘agora está suficientemente estabelecido que Rômulo teve três companheiros’
- iv. *quattuor et viginti milia passuum processimus* (César, *De Bello Gallico*, V, 53) ‘avancamos vinte e quatro mil passos’
- v. *quinque diebus post rediit* (Cornélio Nepos, *Vita Hannibalis*, 6) ‘cinco dias depois, ele retornou’
- vi. *sex legiones in acie constituuntur.* (César, *De Bello Gallico*, I, 24) ‘seis legiões são formadas em linha de batalha’
- vii. *septem reges Romani fuisse traduntur.* (Lívio, *Ab Urbe Condita*, I, 1) ‘diz-se que houve sete reis de Roma’
- viii. *octo cohortes in acie* (Tácio, *Annales*, II, 17) ‘oito coortes em linha de batalha’
- ix. *novem annos Tyrius fuerat.* (Virgílio, *Aeneida*, I, 755) ‘ele havia sido tírio por nove anos’
- x. *decem annos Graeci Troiam obsederunt* (Ovídio, *Metamorphoses*, XIII) ‘os gregos sitiaram Troia por dez anos’

Os numerais ordinais, por sua vez, comportam-se como adjetivos de primeira classe (*primus, a, um*) e se baseiam no radical do numeral cardinal: *primus, secundus, tertius, quartus, quintus, sextus, septimus, octavus, nonus, decimus* etc.

D5 Substantivos de 4ª declinação: *manus*

Nos exercícios e práticas de tradução até aqui, já nos deparamos com diversos substantivos da 4ª declinação, como: *exitus, aspectus, accessus, aditus, manus, conatus, contactus, metus, domus* e *manus*. Tomemos este último como paradigma:

<i>manus, us</i> 4f. mão			
Singular		Plural	
Nom.	man-us ⁴⁰	Nom.	man-us

⁴⁰ Ao considerar a vogal como parte da desinência, não estamos afirmando, contudo, que o radical seja consonantal. Julgamos apenas que se trata de uma forma de apresentação mais conveniente do ponto de vista didático.

Gen.	man-us	Gen.	manu-um
Dat.	man-ui	Dat.	man-ibus
Ac.	man-um	Ac.	man-us
Abl.	man-u	Abl.	man-ibus
Voc.	man-us	Voc.	man-us

Como podemos perceber, a marca dessa declinação é a vogal temática *u*. No singular, ela se parece muito com a 2ª declinação, e no plural, com a 3ª. Por isso, sempre que você se deparar, num texto, com um nome terminado em *-us* ou *ibus*, por exemplo, se você não tiver certeza, não hesite em consultar o dicionário para verificar se aquele vocábulo não pertence à 4ª declinação.

A maioria dos substantivos da 4ª declinação são masculinos (*manus* é uma das poucas exceções). Além disso, uma vez que desinências como *-us* ocorrem em vários casos, atente-se sempre para o contexto sintático a fim de desfazer as possíveis ambiguidades.

D6 Domus

Domus ('casa') é convencionalmente apresentada como pertencente à 4ª declinação, no entanto seu comportamento é variável: ora se parece com um substantivo de 4ª declinação, ora com um substantivo de 2ª declinação. Vejamos:

<i>domus, us</i> 4f. casa			
Singular		Plural	
Nom.	dom-us	Nom.	dom-us
Gen.	dom-us ou dom-i	Gen.	domor-um ou domu-um
Dat.	dom-ui	Dat.	dom-ibus
Ac.	dom-um	Ac.	dom-us ou dom-os
Abl.	dom-o	Abl.	dom-ibus
Voc.	dom-us	Voc.	dom-us

Repare, portanto, que, além das variações *domus/domi* (gen. sg.), *domorum/domuum* (gen. pl.), *domus/domos* (ac. pl.), esse vocábulo apresenta ablativo em *-o*. Trata-se portanto de um vocábulo híbrido, que ora se identificava com uma, ora com outra declinação.

Caso locativo

Além dos seis casos gramaticais que já conhecemos, o latim apresentava vestígios de um outro caso antigo chamado locativo. Ele se apresentava em topônimos (nomes de cidades, países etc.) e em alguns substantivos comuns que denotavam lugares, como *humus* ('terra'), *rus* ('campo'), *bellum* e *militia* (com o sentido de 'campo de batalha'), *animus* ('mente', como um espaço) e *domus*.

Basicamente, havendo marcação de caso locativo, essas palavras dispensavam o uso de preposição para expressar funções adverbiais com sentido *estático* (local onde se está), de origem (de onde se parte) e destino (para onde se vai).

Grosso modo, os substantivos que marcavam caso locativo marcavam locativo estático com a desinência do genitivo, locativo de origem com a desinência do ablativo e locativo de destino com a desinência do acusativo. Em se tratando do vocábulo *domus*, portanto, tínhamos *domi* para locativo estático, *domo* para locativo de origem e *domum* para locativo de destino.

Contrastemos, por exemplo, os vocábulo *forum* e *domus* para entender melhor esses usos:

‘estou no fórum’	<i>in foro sum</i>	‘estou em casa’	<i>domi sum</i>
‘vou embora do fórum’	<i>ab foro eo</i>	‘vou embora de casa’	<i>domo eo</i>
‘vou para o fórum’	<i>ad forum eo</i>	‘vou para casa’	<i>domum eo</i>

D7 Monossílabos de 3ª declinação

Já conhecemos alguns substantivos de 3ª declinação que são monossilábicos no nominativo singular, como: *lex, mors, urbs, pax, frons, lux, pars, fax*. Perceba que todos eles terminam em duas consoantes, até mesmo aqueles terminados em *-x*, pois na prática temos no som duas consoantes: [-ks]. Não por acaso, todos esses nomes pertencem ao grupo vocálico da terceira declinação, fazendo o genitivo plural em *-ium*: *legium, mortium, urbium, pacium, frontium, lucium, partium, facium*.

Portanto a regra geral aqui é a seguinte: se um monossílabo de 3ª declinação termina em duas consoantes, terá tema vocálico; se termina em apenas uma consoante, terá tema consonantal. Exemplos:

nox, noctis (‘noite’), gen. pl. *noctium*

mas

dos, dotis (‘dote’), gen. pl. *dotum*

mos, moris (‘costume’), gen. pl. *morum*

D8 Depoentes: presente do indicativo, imperativo, infinitivo

Vamos agora conhecer uma classe de verbos latinos para a qual não existe paralelo em português. Trata-se de um *mismatching* linguístico, isto é, uma incompatibilidade entre as duas línguas, que exige um pouco mais de atenção nossa.

Em primeiro lugar, para entender os depoentes, é importante saber que os verbos latinos regulares tinham uma morfologia para a voz ativa e outra para a voz passiva. Por exemplo,

‘ele ama’ = *amat*, mas ‘ele é amado’ = *amatur*. Ou ainda, ‘ele amou’ = *amanuit*, mas ‘ele foi amado’ = *amatus est*.

Os depoentes se distinguem dos verbos regulares porque eles só apresentam formas passivas com sentido ativo. Assim, eles deixam de lado as formas ativas, isto é, eles *deponunt* (‘põem de lado’) as formas ativas – daí vem seu nome. Portanto, os verbos depoentes são verbos que só têm formas da voz passiva, porém com sentido ativo.

Assim, um verbo como *conor* (inf. *conari* ‘tentar’) não tem uma forma como *ego cono**. Ele simplesmente só tem, para a 1p.sg. (*ego*) do pres. do ind., a forma *conor*, e ela significa ‘eu tento’, e nunca ‘eu sou tentado’. Disso também depreendemos outra informação importante: os depoentes não têm voz passiva. Vejamos, portanto, como se comportam os depoentes das quatro conjugações regulares, no presente do indicativo:

	<i>conari</i> ‘tentar’ (1ª conj.)		<i>mereri</i> ‘merecer’ (2ª conj.)		<i>sequi</i> ‘seguir’ (3ª conj.)		<i>oriri</i> ‘surgir’ (4ª conj.)	
ego	<i>conor</i>	eu tento	<i>mereor</i>	eu mereço	<i>sequor</i>	eu sigo	<i>orior</i>	eu surjo
tu	<i>conaris</i>	tu tentas / você tenta	<i>mereris</i>	tu mereces / você merece	<i>sequeris</i>	tu segues / você segue	<i>oriris</i>	tu surges / você surge
-	<i>conatur</i>	ele tenta	<i>meretur</i>	ele merece	<i>sequitur</i>	ele segue	<i>oritur</i>	ele surge
nos	<i>conamur</i>	nós tentamos	<i>meremur</i>	nós merecemos	<i>sequimur</i>	nós seguimos	<i>orimur</i>	nós surgimos
uos	<i>conamini</i>	vocês tentam	<i>meremini</i>	vocês merecem	<i>sequimini</i>	vocês seguem	<i>orimini</i>	vocês surgem
-	<i>conantur</i>	eles tentam	<i>merentur</i>	eles merecem	<i>sequuntur</i>	eles seguem	<i>oriuntur</i>	eles surgem

A primeira e mais importante novidade aqui são as desinências pessoais. Se até então conhecíamos as formas *-o -s -t -mus -tis -nt*, agora passamos a conhecer as desinências *-or -ris -tur -mur -mini -ntur*.

De forma geral, a regra de formação do presente do indicativo dos depoentes é a mesma que se aplica ao presente do indicativo dos verbos regulares ativos: tema do *inflectum* (cf. D1) + desinências.

As irregularidades são poucas e são quase as mesmas que se apresentam na morfologia ativa. Na 1ª conj., a única irregularidade está na 1p.sg.: cai a vogal temática e se acrescenta a desinência (*conor*). Na 2ª conj., não há irregularidade. Na 3ª conj., normalmente há a vogal de ligação *-i-* entre radical e desinência (*sequ-i-tur*, *sequ-i-mur*, *sequ-i-mini*); na 1p.sg., não há essa vogal de ligação (*sequ-or*); na 2p.sg. (*tu*), a vogal de ligação é o *-e-* (*sequ-e-ris*); e, na 3p.pl., a vogal de ligação é o *-u-* (*sequ-u-ntur*). Na 4ª conj., a única irregularidade é a presença da vogal de ligação *-u-* na 3p.pl. (*ori-u-ntur*).

O infinitivo presente dos depoentes é marcado pela desinência *-ri* nas conjugações de tema vocálico (e.g., *cona-ri*, *mere-ri*, *ori-ri*) e *-i* na conjugação de tema consonantal (e.g., *sequ-i*).

Já o imperativo dessa classe de verbos leva as desinências *-re* no singular e *-mini* no plural. Assim temos: *conare* (‘tenta tu, tente você’) e *conamini* (‘tentem vocês’); *merere tu* (‘merece tu, mereça você’) e *meremini* (‘mereçam vocês’); *sequere* (‘segue tu, siga você’) e *sequimini* (‘sigam vocês’); *orire* (‘surge tu, surja você’) e *orimini* (‘surjam vocês’).

Dois cuidados são recomendáveis em relação ao imperativo dos depoentes: primeiro, não confundir a desinência *-re* com um infinitivo da voz ativa; segundo, prestar atenção ao contexto sintático para não confundir o imperativo plural com o pres. do ind. na 2p.pl., pois ambos levam a desinência *-mini*.

D9 *Noli* + infinitivo (imperativo negativo)

Em C4 e D8, já conhecemos o imperativo com sentido positivo. Conheçamos agora o imperativo negativo.

O latim construía ordens negativas com o imperativo do verbo auxiliar *nolo* – cujas formas imperativas são *noli* (‘não queiras tu, não queira você’) e *nolite* (‘não queiram vocês’) – seguido do infinitivo do verbo principal. Por exemplo:

Noli pugnare = lit. ‘Não queira lutar = ‘Não lute’

Nolite curare = lit. ‘Não queiram se preocupar’ = ‘Não se preocupem’

D10 Substantivos de 5ª declinação: *res*

Em A2, A8, B1 e D5, já vimos em detalhe as quatro primeiras declinações nominais. Conheçamos agora a quinta e última declinação, tomando o substantivo *res, rei* como paradigma:

<i>res, rei</i> 5f. coisa, assunto, situação			
Singular		Plural	
Nom.	r-es ⁴¹	Nom.	r-es
Gen.	r-ei	Gen.	r-erum
Dat.	r-ei	Dat.	r-ebus
Ac.	r-em	Ac.	r-es
Abl.	r-e	Abl.	r-ebus
Voc.	r-es	Voc.	r-es

Em geral, as desinências da quinta declinação se assemelham muito às da terceira, exceto pelo genitivo plural em *-erum*, que a aproxima das primeiras declinações.

A maioria dos vocábulos dessa declinação é do gênero feminino. Uma exceção a essa tendência é *dies, diei* (‘dia’), que é normalmente é masculino, mas é feminino quando significa ‘uma data’ particular.

⁴¹ Assim como procedemos em relação à 4ª. declinação, ao considerar a vogal como parte da desinência, não estamos afirmando, contudo, que o radical seja consonantal. Julgamos apenas que se trata de uma forma de apresentação mais conveniente do ponto de vista didático.

D11 *Nullus, alter*

Os pronomes indefinidos *nullus* ('nenhum') e *alter* ('outro') seguem a chamada declinação pronominal (Cf. C1 e D4):

	s.			pl.		
	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	null-us	null-a	null-um	null-i	null-ae	null-a
ac.	null-um	null-am	null-um	null-os	null-as	null-a
gen.		null-ius		null-orum	null-arum	null-orum
dat.		null-i			null-is	
abl.	null-o	null-a	null-o		null-is	
nom.	alter	alter-a	alter-um	alter-i	alter-ae	alter-a
ac.	alter-um	alter-am	alter-um	alter-os	alter-as	alter-a
gen.		alter-ius		alter- orum	alter-arum	alter- orum
dat.		alter-i			alter-is	
abl.	alter-o	alter-a	alter-o		alter-is	

Como observamos, *nullus* e *alter* se declinam como os adjetivos de primeira classe (*bonus, a um*), exceto pelo genitivo e dativo singulares, que, como todos os pronomes, apresentam as desinências *-ius* e *-i* para todos os gêneros no singular.

Algumas considerações semânticas se fazem necessárias. Em relação a *nullus*, observamos que este pronome era usado em sentenças negativas como:

Nullum auxilium uenit ('Nenhuma ajuda vem')

Nullum lumen lucet ('Nenhuma luz brilha')

Nulla puella flores legit ('Nenhuma menina colhe flores')

Nullum periculum uidemus ('Não vemos nenhum perigo')

Est nullus homo sine culpa ('Não há nenhum homem sem culpa')

Repare que, quando *nullus* está na posição de sujeito, como é o caso nas três primeiras sentenças, não há nada de anormal em relação ao seu uso em português. No entanto, quando está na posição de objeto ou complementa um verbo existencial, perceba que, em português, temos que fazer uma dupla negação gramatical ('não ... nenhum'). Isso ocorre porque a dupla negação é gramaticalizada em português, ao passo que em latim a dupla negação era lógica, ou seja, ao se negar duas vezes alguma coisa, afirmava-se essa coisa (*non ... nullus = ullus* 'algum').

Em relação ao pronome *alter*, ele significa 'outro', porém sempre presumindo a existência de um primeiro, isto é, 'um e outro'. Vejamos:

Alter alterum amat ('Um ama ao outro')

Alteri alteris dona dant ('Uns dão presentes aos outros')

Alteri cum alteris ambulant ('Uns caminham com os outros')

Isso não significa, porém, que ele não possa ocorrer isolado:

Uidimus alteras feminas ('Vimos as outras mulheres', presumindo a existência de outras mulheres em primeiro lugar)

Alterius puellae domus est ('A casa é da outra menina', presumindo a existência de outra menina em primeiro lugar)

Exercícios - Pontos de língua da Seção D

Considere o texto a seguir para realizar os exercícios:

Aeneas, filius Anchisae, post bellum Troianum per multa pericula Italiam ueniet. Nullus hostis eum prohibere poterit. Troia domus suorum est, sed nunc Romam domum suorum faciet. In itinere, Aeneas et socii sui multis laboribus resistent. Ubi domum ueniunt, Aeneas sociis loquitur: 'Nolite timere: iam domi sumus.' Hodie dies uictoriae est. Omnes gaudent. Tunc magna ciuitas oritur.

Vocabulário:

Aeneas, Aeneae 1m. Eneias

Anchisa, Anchisae 1m. Anquises

bellum, i 2n. guerra

ciuitas, ciuitatis 3f. cidade, civilização

dies, diei 5m/f. dia

domus, us 4f. casa

et conj. e

eum acus. de *is* 'ele'

facio, facere, feci, factus 3 fazer

filius, i 2m. filho

gaudeo, gaudere, gauisus sum 2 semidep. alegrar-se

hodie adv. hoje

hostis, hostis 3m. inimigo

iam adv. já

in prep. (+ abl.) em

labor, laboris 3m. dificuldade

loquor, loqui, locutus sum 3 falar

magnus, a, um adj. grande

multus, a, um adj. muito

nolo, nolle, nolui, - não querer

nullus, a, um pron. nenhum

nunc adv. agora
omnis, e adj. todo
orior, ori, oritus sum 4 surgir
per prep. (+ acus.) através de, por (*per multa pericula* = ‘passando por muitos perigos’)
periculum, i 2n. perigo
possum, posse, potui, - poder
post prep. (+ acus.) depois de
prohibeo, prohibere, prohibui, prohibitus 2 impedir
resisto, resistere, restiti, - 3 resistir a (+ dat)
Roma, ae 1f. Roma
sed conj. mas
socius, i 2m. companheiro, aliado
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
suus, a, um adj. seu (pron. poss.)
timeo, timere, timui, - 2 temer, ter medo
Troia, ae 1f. Troia
Troianus, a, um adj. troiano, de Troia
tunc adv. então
ubi conj. quando
uenio, uenire, ueni, uentus 4 chegar
victoria, ae 1f. vitória

1. Na frase ‘*Aeneas, filius Anchisae, post bellum Troianum per multa pericula Italiam ueniet*’, identifique um verbo no futuro e um locativo de destino.

2. Na frase do exercício anterior, substitua verbo existente por *habeo* e o locativo pelo substantivo *urbs*, atentando-se para a conjugação do verbo e para a declinação do locativo.

3. Ainda na mesma frase, substitua *Aeneas* por *Bellatores* (nom. pl. de *bellator, is* 3m. ‘guerreiro’) e faça os ajustes de concordância necessários.

4. No trecho ‘*Ubi domum ueniunt, Aeneas sociis loquitur: Nolite timere: iam domi sumus. Hodie dies uictoriae est. Omnes gaudent. Tunc magna ciuitas oritur*’, identifique:

a) os verbos conjugados no futuro;

b) os verbos depoentes;

c) o imperativo negativo;

d) o locativo estático;

e) um substantivo de 5ª decl.

5. Considerando o mesmo trecho do exercício anterior, inverta o número: passe o que estiver no plural para o singular e o que estiver no singular para o plural.

6. Agora proponha uma tradução para o texto completo.

Prática de leitura e tradução da Seção D

Texto 1 - Aurea aetas litterarum Latinarum

Primo saeculo ante Christo, Romani auream aetatem litterarum suarum noscent. Cicero, cum sermonibus et tractatibus suis, artem oratoriam Latinam eleuabit. Caesar et Liuius, cum commentariis historicis suis, orationem in alterum gradum sument. Lucretius philosophiam Epicuream in versibus conuertet. Catulo, cum carmina erotica sua, poesin lyricam Latinam nouabit. Similiter, Horatius, cum carminibus et satyris suis, elegantiam et uim uersus Graeci Romanis monstrabit. Sed forsan, Uergilius et Ouidius maxima opera progenerabunt. Primus historiam Romanam continuationem historiae Troianae facit et creabit Aeneida: carmen epicum de gestibus Aeneae, conditoris Romae. Secundus historiam mundi, ex principio ad tempora sua, in magno carmine, narrabit. Carmen suum simile carminis epici erit, sed amor, non bellum, omnium ratio erit. Opus Ouidii litteras uehementer nouabit.

Vocabulário:

ad prep. (+ acus.) a, para, até

Aeneas, Aeneae 1m. Eneias

Aeneis, Aenedos 3f. Eneida (acus. *Aeneida*)

aetas, aetatis 3f. idade

alter, altera, alterum pron. outro

amor, amoris 3m. amor

ante prep. (+ acus.)

ars, artis 3f. arte

aureus, a, um adj. áureo, de ouro

bellum, i 2n. guerra

Caesar, Caesaris 3m. César

carmen, carminis 3n. poema, ode

Catulus, i 2m. Catulo

Christus, i 2m. Cristo

Cicero, Ciceronis 3m. Cícero

commentarium, i 2n. comentário

conditor, conditoris 3m. fundador

continuatio, continuationis 3f. continuação

conuerto, conuertere, conuersi, conuersus 3 converter, transformar

creo, creare, creauit, creatus 1 criar

cum prep. (+ abl.) com

de prep. (+ abl.) sobre

elegantia, ae 1f. elegância

eleuo, eleuare, eleuauit, eleuatus 1 elevar

Epicureus, a, um adj. epicurista

epicus, a, um adj. épico

eroticus, a, um adj. erótico, amoroso

et conj. e
ex prep. (+ abl.) de, desde
facio, facere, feci, factus 3 fazer
forsan adv. talvez
gestus, us 4m. feito
gradus, us 4m. nível, patamar
Graecus, a, um adj. grego
historia, ae 1f. história
historicus, a, um adj. histórico
Horatius, i 2m. Horácio
in prep. (+ acus.) para; (+ abl.) em
Latinus, a, um adj. latino
litterae, litterarum 1f. letras, literatura
Liuius, i 2m. Lívio
Lucretius, i 2m. Lucrecio
lyricus, a, um adj. lírico
magnus, a, um adj. grande
maximus, a, um adj. maior
monstro, monstrare, monstraui, monstratus 1 mostrar
mundus, i 2m. mundo
narro, narrare, narraui, narratus 1 narrar, contar
non adv. não
nosco, noscere, noui, notus 3 conhecer
nouo, nouare, nouaui, nouatus 1 renovar, revolucionar
omnis, e adj. todo
opus, operis 3n. obra
oratio, orationis 3f. prosa
oratorius, a, um adj. oratório
Ouidius, i 2m. Ovídio
philosophia, ae 1f. filosofia
poesis, poesis 3f. poesia (acus. *poesin*)
primus, a, um adj. primeiro
principium, i 2n. princípio
progenero, prognerare, progeneraui, progeneratus 1 produzir
ratio, rationis 3f. razão, motivo
Roma, ae 1f. Roma
Romanus, a, um adj. romano
saeculum, i 2n. século
satyra, ae 1f. sátira
secundus, a, um adj. segundo
sed conj. mas
sermo, sermonis 3m. discurso
similis, e adj. semelhante a (+ gen.)
similiter adv. da mesma forma, igualmente
sumo, sumere, sumpsit, sumptos 3 colocar, elevar
suus, a, um adj. seu (pron. poss.)
tempus, temporis 3n. tempo

tractatus, us 4m. tratado
Troianus, a, um adj. troiano, de Troia
uehementer adv. profundamente
Uergilius, i 2m. Virgílio
uersus, us 4m. verso
uis, uis 3f. força

Texto 2 - Excertos da Vulgata de Jerônimo

ingredere ad Pharaonem, et loquere ad eum 'haec dicit dominus deus Hebraeorum: dimitte populum meum'.
(Exodo 9.1)

'sinite pueros uenire ad me et nolite uetare eos; talium enim est regnum dei.' (Lucas 18.16)

Vocabulário:

ad prep. (+ acus.) a, até, para
deus, dei 2m. deus
dimitto, dimittere, dimisi, dimissus 3 libertar
dominus, i 2m. senhor
enim conj. pois
eos acus. pl. de *is* 'ele'
et conj. e
eum acus. sg. de *is* 'ele'
haec acus. pl. de *hoc* 'isto, estas coisas'
Hebraeus, a, um adj. hebreu
ingredior, ingredi, ingressus sum 3 ir até
loquor, loqui, locutus sum 3 falar
me pron. acus. de *ego* 'me'
meus, a, um adj. meu (pron. poss.)
nolo, nolle, nolui, - não querer
Pharao, Pharaonis 3m. Faraó
populus, i 2m. povo
puer, pueri 2m. criança
regnum, i 2n. reino
sino, sinere, sinui, situs 3 permitir
sum, esse, fui, futurus ser
talis, e adj. tal
uenio, uenire, ueni, uentus 4 vir
ueto, uetare, uetaui, uetatus 1 impedir

Texto 3 - Notícias em latim

De ui in mulieres

Res Italica de feminis hornis temporibus pessime habetur: cotidie enim mulieres LXXXIX (octoginta novem) uariis scelestis modis offendi comperiuntur, quarum pars dimidia in familia uituperatur. EPHEMERIS - Nuntii Latini uniuersi, 23/11/2021 14h01

Arma expetita

Administer Ucrainus negotiis exteris praepositus plura auxilia poscit a sociis Europaeis, curam et sollicitudinem ostendens de Russicarum copiarum motibus secundum fines. EPHEMERIS - Nuntii Latini uniuersi, 18/11/2021 18h55

Vocabulário:

a/ab prep. (+abl.) de, a partir de
administer, administri 2m. ministro
armum, i 2n. arma
auxilium, i 2n. auxílio
comperior, comperiri, compertus sum 4 descobrir-se, encontrar-se
copia, ae 1f. tropa
cotidie adv. cotidianamente, todo dia
cura, ae 1f. preocupação
de prep. (+abl.) a respeito de, sobre
dimidius, dimidia, dimidium adj. meio (*pars dimidia* = meia parte, metade)
enim conj. pois
et conj. e
europaicus, a, um adj. europeu
expetitus, a, um adj. solicitado, pedido
exterus, a, um adj. externo
familia, ae 1f. família
femina, ae 1f. mulher
finis, is 3m. fim, intenção
habeo, habere, habui, habitum 2 ter, considerar
honus, a, um adj. atual
in (+acus.) contra; (+abl.) em
italicus, a, um adj. italiano, relativo à Itália
LXXXIX octoginta nouem 89
modus, i 2m. modo
motus, us 4m. movimento, movimentação
mulier, mulieris 3f. mulher
negotium, i 2n. negócio
offendo, offendere, offendi, offensus 3 ofender, atacar
ostendens (part. pres. de *ostendo*) demonstrando
pars, partis 3f. parte

pessime adv. pessimamente, de modo péssimo
plus, pluris adj. muito
posco, poscere, poposci, - 3 pedir, solicitar
praepositus, a, um adj. posto à frente de, à frente de
quarum (gen. pl. de *quae*) das quais
res, rei 5f coisa, situação
russicus, a, um adj. russo
scelestus, a, um adj. criminoso
secundum prep. (+acus.) em relação a
socius, i 2m. aliado, sócio
sollicitudo, sollicitudinis 3f. preocupação, apreensão
tempus, temporis 3n. tempo
varius, a, um adj. vários
ucrainus, a, um adj. ucraniano
uis, uis 3f. violência
uituperatur, uituperare, uituperavi, uituperatus 1 reprimir, censurar, vituperar

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: negação repetitiva

Um aspecto sintático considerado como uma permanência do português brasileiro (PB) por Noll⁴² é a negação repetitiva da fala coloquial brasileira (*não quero não*). Segundo o autor, esse fenômeno não ocorre mais no português europeu (PE), embora fosse frequente no português arcaico (PA). Tal processo tem paralelos em outras línguas românicas, como o francês, por exemplo, e fenômenos equiparáveis a ele, como o redobro, estão na base do latim vernacular que serviu de substrato ao PA.

A visão de Noll corrobora a de Said Ali,⁴³ segundo o qual “[d]iferentemente de nós, e de acordo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restrições a negação dupla, e até tríplice, com efeito reforçativo.” Um exemplo desse emprego mencionado na literatura quinhentista se encontra em Gil Vicente (*Barca do Purgatório*, 1518, p. 104): “E este serão glorioso | *Não he* de justiça, *não*”.

No entendimento de Noll,⁴⁴ essa construção exercia originalmente uma ênfase, por meio da repetição pós-verbal, atuante como no francês antigo: “Cf. lat. *non* + verbo > fr. ant. (uso acentuado) *ne* + verbo + *pas* (*point, gote, mie*). No *français familier*, a negação preponderantemente se deslocou para a posição à direita do verbo.”

Esse fenômeno também é correspondente ao princípio da dupla negação do português que destaca um pronome indefinido negativo, por meio da anteposição do advérbio *não* (*não sei*

⁴² Noll, Volker. *O Português Brasileiro*. Trad. de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008. p. 252 e 278.

⁴³ Said Ali, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965. p. 199.

⁴⁴ *Op. cit.*, p. 252.

nada, não vi ninguém). Além disso, não apenas a repetição da negação, mas também outras repetições enfáticas são observáveis no PB, como “*já vem já*.”⁴⁵

A negação repetitiva e o latim

O latim é tradicionalmente classificado como uma língua V-NI, na qual, quando um pronome indefinido negativo e uma negação verbal se encontram juntos na mesma sentença (“dupla negação”), a sentença deixa de ser negada mas adquire um sentido positivo.⁴⁶ Isso corresponde à norma prescrita em manuais de latim segundo a qual duas partículas negativas na mesma cláusula cancelam uma à outra, gerando um sentido positivo. A ordem da negação e do pronome indefinido negativo, contudo, não é irrelevante: por meio de diferenças de ordem, leituras semânticas diferentes podem ser expressas. Conforme Hoffmann,⁴⁷ quando a negação precede o indefinido (*non nemo*), o resultado é uma afirmação parcial (“alguém”); quando a negação sucede (*nemo non*), o resultado é uma afirmação total, equivalente a um quantificador universal positivo (*omnes*).⁴⁸ Bertocchi *et al.*⁴⁹ fornecem os seguintes exemplos:

- a. Cic. *Catil.* 4, 10: *uideo de istis, qui se popularis haberi uolunt, abesse non neminem*
‘Vejo que destes, que querem ser considerados populares, *alguns* estão ausentes’
- b. Sen. *epist.* 120,21: *nemo non cotidie et consilium mutat et uotum*
‘*todo mundo* muda seus planos e preces diariamente’

Os mesmos resultados são obtidos com advérbios quantificacionais. No primeiro dos exemplos a seguir, *nonnunquam* é equivalente a ‘às vezes’, enquanto que, no segundo, onde a negação tem escopo não sobre o advérbio mas sobre a cláusula toda, o significado é o oposto, equivalente a ‘sempre’:

- a. Cic. *nat. de or.* 3,89: *at nonnunquam bonos exitus habent boni*
‘mas às vezes os bons têm bons êxitos’
- b. Sen. *epist.* 11,4: (*Pompeius*) *numquam non coram pluribus erubuit*
‘Pompeu sempre fica corado diante de uma multidão’

Mas a regra da dupla negação que leva a um significado positivo parece ter sido uma norma imposta pelo latim padrão literário, em vez de ser um uso natural da língua. Essa é a posição de Bertocchi *et al.*,⁵⁰ que apresentam casos de dupla negação não-elidida especialmente no registro coloquial e na língua vernacular:

- a. Plaut. *Mil.* 1411: *iura te non nociturum esse homini de hac re nemini*
‘jure que você não machucará ninguém por causa disso’
- b. *Bell. Afr.* 8: *necne locum excusatio nullum haberet nec moram tergiversatio*
‘não haverá nenhuma desculpa nem tergiversação para atrasos’
- c. Cic. *Verr.* II 2,60: *debebat Epicrates nummum nullum nemini*

⁴⁵ Marroquim, Mario. *A língua do nordeste*. Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Cia Nacional, 1934. p. 202.

⁴⁶ Werle, Adam. A typology of negative indefinites. *Chicago Linguistic Society*, v. 38, n. 2, p. 127-43, 2002.

⁴⁷ Hoffmann, Maria E. Litotes expressions in Latin. In: *Colloquium on Latin Linguistics*, 3., 1985, Bologna. *Anais...* Bologna: Gualtiero Calboli, 1985. p. 599.

⁴⁸ Cf. Capelletti, Matteo. *Negation and negative quantifiers*. 2003. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Utrecht, Utrecht, 2003.

⁴⁹ Bertocchi, Alessandra; Maraldi, Mirka; Orlandini, Anna. Double negation: different interpretations. In: Baldi, Philip; Cuzzolin, Pierluigi (eds.). *Constituent Syntax: Quantification, Numerals, Possession, Anaphora*. New York: De Gruyter, 2011. p. 75-76.

⁵⁰ *Op. cit.*, p. 75.

‘Epicrates não devia nenhum centavo a ninguém’

d. Cl. Terentianus *epist.* 39-41 (Pighi 1964: 43): *neque epistole commandaticiae nihil ualunt nesi si qui sibi aiutaueret*

‘e as cartas de recomendação não valem nada se você não se ajuda’

Esses exemplos têm sido geralmente interpretados como casos de negação enfática, como uma redundância típica do latim vernacular, ou como uma influência grega.⁵¹ Contudo, Bertocchi *et al.*⁵² observam que muitos tentaram limpar esses aparentes desvios de norma na tradição de gramáticas latinas. O filólogo Othon Riemann, por exemplo, num tratado de sintaxe latina de 1935, omitiu *nullum* da citação de Cícero acima, justificando-se numa glosa e removendo, assim, o único exemplo ciceroniano de negação enfática.

Conforme Molinelli,⁵³ a dupla negação se torna mais produtiva no latim tardio, conforme se depreende dos seguintes exemplos:

a. Arnob. *nat.* 1,65: *qui non modo nullum intulerit malum nulli*

‘quem de nenhum modo não fez mal nenhum a ninguém’

b. *Itin. Eger.* 19,12: *nam postea numquam nec qualiscumque humor ibi apparuit*

‘desde então nunca houve nenhuma água correndo nele’

c. Chiron 451: *quam numquam nemo scripsit*

‘que ninguém nunca escreveu’

d. Vet. Lat. *Marv.* 14,60: *non respondes nihil*

‘você não responde ninguém’

Conforme Molinelli⁵⁴ enfatizou, o que gramáticos como Diomedes afirmaram sobre o uso da dupla negação é muito significativo:

Diom. *gramm.* I, 455: *modus soloecismi fit per geminationem abnuendi, ut si dicas “numquam nihil peccauit” cum debeat dici “numquam peccauit”, quoniam duae abnutiuae unam confirmationem faciunt*

‘um tipo de solecismo resulta da dupla negação, em que se diz ‘eu nunca cometi nenhum pecado’, quando você deveria dizer ‘eu nunca cometi um pecado’, porque duas negações fazem uma afirmação’

Se um gramático sentiu necessidade de mencionar esse tópico, é bem provável que a dupla negação tivesse se tornado um fenômeno mais frequente do se pode supor com base nos textos conhecidos até aquele período. Além disso, como bem observam Bertocchi *et al.*,⁵⁵ isso também sugere que o lapso entre a língua literária e o latim vernacular tinha se tornado tão grande que eles poderiam representar dois subtipos diferentes de língua: o latim literário era um exemplo do tipo V-NI (isto é, aquele em que indefinidos negativos nunca co-ocorrem com negação verbal), enquanto que o latim vernacular estava mais próximo do tipo NV-NI (isto é, o tipo vem representado pelo protorromance, onde indefinidos negativos sempre coocorrem com negação verbal).

Portanto, com base nos estudos mencionados, parece plausível admitir que a dupla negação de sentido positivo variava no latim com a dupla negação de sentido negativo-enfático. Isto posto, é possível afirmar que a negação repetitiva da fala coloquial brasileira (*não quero não*) não é apenas uma permanência do PA (conforme demonstrado antes), nem apenas um

⁵¹ Ernout, Alfred; Thomas, François. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1951. p. 134.

⁵² *Op. cit.*, p. 75.

⁵³ Molinelli, Piera. *Fenomeni della negazione dal latino all’italiano*. Firenze: La Nuova Italia, 1988. p. 36.

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Op. cit.*, p. 76.

fenômeno correspondente ao princípio geral da dupla negação do português (*não sei nada, não vi ninguém*), mas é sobretudo uma permanência latina.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção D

1. Explique, em seus próprios termos, o que é dupla negação lógica, dupla negação enfática e dupla negação gramatical.
2. Como o latim clássico se comportava em relação a esses três tipos de negação?
3. O latim permanece apresentando o mesmo padrão de negação indefinidamente, ou há mudanças? Como ele muda? Qual a relação dessas mudanças com o português brasileiro?

Litterae Latinae: a épica latina

A poesia épica latina ocupa um lugar de destaque na literatura latina clássica, representando não apenas a grandeza e as aspirações de Roma, mas também suas tradições culturais e históricas. Este gênero literário, caracterizado por narrativas longas e heroicas, encontra em autores como Virgílio e Ovídio seus expoentes máximos.

Virgílio e a Eneida

Públio Virgílio Maro, mais conhecido como Virgílio, é um dos maiores poetas da literatura latina. Nascido em 70 a.C., na região de Mântua, Virgílio foi contemporâneo de figuras importantes da Roma antiga, como Horácio e Ovídio. Sua obra prima, a "Eneida" (em latim, "*Aeneis*"), é um épico que narra as aventuras de Eneias, um herói troiano que, segundo a mitologia, escapou da destruição de Troia e viajou até a Itália, onde se tornou o ancestral dos romanos.

A "Eneida" está dividida em doze livros e é composta em hexâmetros datílicos, um metro poético característico da poesia épica. Virgílio começou a trabalhar nesta obra a pedido de Augusto, o primeiro imperador de Roma, com o objetivo de glorificar a história e os valores romanos. O poema é uma combinação magistral de mito, história e profecia, que não só celebra o destino manifesto de Roma, mas também explora temas de dever, sacrifício e identidade.

O caráter heroico de Eneias é central na "Eneida". Diferente de heróis gregos como Aquiles e Ulisses, que são frequentemente movidos por ambição pessoal ou curiosidade, Eneias é guiado por um senso profundo de "*pietas*", um termo que em latim denota não apenas piedade religiosa, mas também dever para com a família e a pátria. Este conceito é fundamental para a compreensão da missão de Eneias e do papel que ele desempenha como fundador da futura glória de Roma.

Uma das passagens mais famosas da "Eneida" é o início, onde Virgílio invoca as Musas e apresenta o tema do poema:

Arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris / Italiam, fato profugus, Laviniaque venit / litora, multum ille et terris iactatus et alto / vi superum saevae memorem Iunonis ob iram (Eneida, Livro 1, versos 1-4)

‘Canto as armas e o homem que, fugindo do destino, / chegou primeiro das praias de Troia à Itália / e às praias de Lavínio, muito lançado à terra e ao mar / pelo poder dos deuses, pela lembrança irada de Juno.’

A viagem de Eneias é repleta de desafios e provações, desde a fuga da cidade ardente de Troia até a chegada às costas italianas. No entanto, não é apenas uma viagem física; é também uma jornada espiritual e moral. Eneias deve superar não só obstáculos externos, como tempestades e inimigos, mas também dilemas internos, como o conflito entre seu amor por Dido, rainha de Cartago, e seu dever de fundar uma nova pátria.

A relação de Eneias com Dido é um dos episódios mais emocionantes e trágicos da "Eneida". Após se apaixonar por Dido durante sua estadia em Cartago, Eneias é lembrado por Júpiter de seu destino maior e forçado a abandonar a rainha. A despedida de Dido e Eneias é carregada de tensão e *pathos*, culminando no suicídio de Dido:

Dulces exuviae, dum fata deusque sinebat, / accipite hanc animam meque his exsolvite curis. / Vixi et quem dederat cursum fortuna peregi, / et nunc magna mei sub terras ibit imago. (Eneida, Livro 4, versos 651-654)

‘Doces lembranças, enquanto o destino e o deus permitiam, / aceitai esta minha alma e livrai-me destas dores. / Vivi e cumpri o curso que a sorte me dera, / e agora a grande sombra minha irá para o submundo.’

Ao final da "Eneida", Eneias cumpre seu destino ao derrotar Turno, líder dos Rútulos, e se preparar para fundar a futura cidade de Roma. A obra termina com uma nota de ambiguidade e reflexão sobre a violência e o sacrifício inerentes ao destino de Roma, demonstrando a profundidade e a complexidade do épico de Virgílio.

Ovídio e as Metamorfoses

Outro pilar da poesia épica latina é Públio Ovídio Nasão, mais conhecido como Ovídio. Nascido em 43 a.C., Ovídio foi um poeta prolífico e inovador, cuja obra "Metamorfoses" (em latim, "*Metamorphoses*") representa uma inovação significativa dentro do gênero épico. Enquanto a "Eneida" de Virgílio se concentra em um único herói e suas aventuras, as "Metamorfoses" são uma coleção de mitos que abrangem desde a criação do mundo até a deificação de Júlio César.

Dividida em quinze livros, a obra de Ovídio é composta por cerca de 250 histórias de transformações (daí o nome "Metamorfoses"), narradas em um estilo fluido e envolvente. Ovídio utiliza a forma épica tradicional, mas subverte suas expectativas ao focar em múltiplos personagens e narrativas, muitas vezes com um tom irônico e lúdico.

Um exemplo notável da abordagem de Ovídio pode ser encontrado no início da obra:

*In nova fert animus mutatas dicere formas / corpora; di, coeptis (nam vos mutastis et illa) / aspirate meis
primaque ab origine mundi / ad mea perpetuum deducite tempora carmen.* (Metamorfoses, Livro 1,
versos 1-4)

‘Pretendo cantar as formas mudadas em novos corpos. / Ó deuses, (pois vós também mudastes aquelas), / inspirai-me e guiai meu poema contínuo / desde a origem do mundo até meus próprios tempos.’

As "Metamorfoses" de Ovídio promovem uma mudança na tradição da poesia épica de várias maneiras. Primeiramente, a estrutura da obra, que não se limita a uma única narrativa, mas tece uma rede complexa de histórias interconectadas, desafia as convenções épicas tradicionais. Além disso, Ovídio frequentemente adota um tom mais leve e satírico, contrastando com a seriedade e solenidade que caracterizam a "Eneida".

Ovídio também explora temas como o amor, a transformação e a natureza mutável da identidade humana, oferecendo uma perspectiva mais multifacetada e psicológica dos personagens. Em vez de glorificar os feitos heroicos e a grandiosidade de Roma, como faz Virgílio, Ovídio se concentra nas fraquezas e nas paixões dos deuses e dos mortais.

Por exemplo, na história de Apolo e Dafne, Ovídio mistura humor e tragédia ao descrever a fuga desesperada de Dafne e sua transformação em uma árvore para escapar do amor possessivo de Apolo:

*Vix prece finita torpor gravis occupat artus: / mollia cinguntur tenui praecordia libro, / in frondem crines,
in ramos bracchia crescunt, / pes modo tam velox pigris radicibus haeret, / ora cacumen habet; remanet nitor
unus in illa.* (Metamorfoses, Livro 1, versos 548-552)

‘Mal terminou a prece, um torpor pesado invade seus membros: / seu peito delicado é envolto por uma fina casca, / seu cabelo se transforma em folhas, seus braços em ramos que crescem, / os pés, outrora tão ágeis, agora se prendem com raízes imóveis, / o rosto se transforma numa copa; apenas o brilho permanece nela.’

Enquanto Virgílio, com a "Eneida", solidificou a tradição épica romana, exaltando os valores e a grandiosidade de Roma, Ovídio, com as "Metamorfoses", expandiu e transformou o gênero, oferecendo uma visão mais diversificada e humanizada da mitologia e da condição humana. Ambos os poetas, contudo, através de suas obras monumentais, deixaram um legado duradouro que continua a influenciar a literatura ocidental.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Que mudanças a Eneida de Virgílio promove na poesia épica, em comparação a seu êmulo, Homero, autor da Ilíada e da Odisseia?
2. Sobre o que falam as obras primas de Virgílio e Ovídio? Apresente brevemente, em seus próprios termos, ambas as obras.

3. Que inovações Ovídio trouxe à épica com sua obra *Metamorfoses*? Cite exemplos.

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente ler e traduzir o seguinte trecho das "*Metamorfoses*" de Ovídio, que conta história de Narciso e Eco (Livro 3, versos 373-389). Essa parte descreve o sofrimento de Eco, uma ninfa que se apaixona por Narciso, mas é incapaz de expressar seu amor por ele devido a uma maldição. A história é famosa por explorar temas de amor não correspondido e obsessão.

O quotiens uoluit blandis accedere dictis / et molles adhibere preces: natura repugnat / nec sinit incipiat. Sed – quod sinit – illa parata est / exspectare sonos, ad quos sua uerba remittat. / Forte puer comitum seductus ab agmine fido, dixerat / "ecquis adest?" et "adest!" responderat Echo. / Hic stupet, utque aciem partes dimittit in omnes, / uoce "ueni!" magna clamat: uocat illa uocantem. / Respicit et rursus nullo ueniente "quid" inquit / "me fugis?" et totidem, quot dixit, uerba recepit. / Perstat et, alternae deceptus imagine uocis, / "huc coeamus!" ait: nullique libentius umquam / responsura sono "coeamus" rettulit Echo, / et uerbis favet ipsa suis egressaque silva ibat, / ut iniceret sperato bracchia collo. / Ille fugit fugiensque "manus complexibus aufer: / ante" ait "emoriar, quam sit tibi copia nostri."

Vocabulário:

ab prep. (+ abl.) de
accedo, accedere, accessi, accessus 3 aproximar-se
acies, aciei 5f. o olhar
ad prep. (+ acus.) a
adsum, adesse, adfui, adfuturus estar aqui, estar presente
adhibeo, adhibere, adhibui, adhibitus 3 empregar, fazer
agmen, agminis 3f. grupo
ait verbo defect. 'diz'
alternus, a, um adj. alternado
ante adv. antes
*aufero, auferre, abstuli, ablatu*s tirar
blandis, e adj. brando, terno
bracchium, i 2n. braço
clamo, clamare, clamavi, clamatus 1 gritar
coeo, coire, coii, coitus unir-se, juntar-se
collum, i 2n. pescoço
comes, comitis 2m. companheiro
complexus, complexus 4m. abraço
copia, ae 1f. desfrute, fruição, proveito
deceptus, a, um adj. enganado
dictus, a, um adj. dito
dimitto, dimittere, dimisi, dimissus 3 lançar
dixerat m-q-perf. de *dico* 'dissera'
dixit perf. de *dico* 'disse'
Echo, Echus 4f. Eco

ecquis pron. ‘alguém’
egressaque = *et egressa* ‘e saída; e tendo saído’
emoriar subjuntivo pres. de *emoriar* ‘que eu morra’
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
et conj. e
exspecto, exspectare, exspectavi, exspectatus 1 esperar
faveo, favere, favi, fautus 2 guardar silêncio, guardar
fidus, a, um adj. fiel, leal
forte adv. por acaso
fugiensque = *et fugiens* ‘e fugindo’
fugio, fugere, fugi, fugitus 3 fugir
hic pron. ‘ele’
huc adv. aqui
ibat imperf. de *eo* ‘começou a caminhar’; *ibat ut iniceret sperato bracchia collo* ‘começou a caminhar para lançar os braços sobre o pescoço desejado’
illa pron. ‘ela’; *illa parata est exspectare sonos* ‘ela está a postos, à espera de sons’
illa pron. ‘ela’
ille pron. ‘ele’
imago, imaginis 3f. impressão, imagem
in prep. (+ acus.) em direção a, para
incipiat em ‘*nec sinit incipiat*’ = ‘e não permite que comece’, ‘e não lhe permite começar’
iniceret em ‘*ut iniceret sperato bracchia collo*’ = ‘para lançar os braços sobre o pescoço desejado’
inquit verbo defect. ‘diz’
ipsa pron. ‘ela’
libentius adv. com maior prazer
magnus, a, um adj. grande
manus, us 4f. mão
me abl. de *ego* ‘de mim’
mollis, e adj. suave, comovente
natura, ae 1f. natureza
nec conj. e não, nem
noster, nostra, nostrum adj. nosso
nullique = *et nulli*; em ‘*nullique libentius umquam responsura sono "coeamus" rettulit Echo*’ = “e propensa como nunca a responder a algum som com maior prazer, Eco responde ‘vamos nos unir!’”
nullus, a, um adj. nenhum
o marca de vocativo ‘ó’
omnis, e adj. todo
paratus, a, um adj. a postos, preparado
pars, partis 3f. parte
persto, perstare, perstiti, perstatus 1 insistir
prex, precis 3f. prece
puer, i 2m. jovem, rapaz
quam conj. *que, do que*; em ‘*ante ... emoriar quam sit tibi copia nostri*’, *quam* complementa o sentido de *ante*, introduzindo uma oração consecutiva: ‘antes eu morra do que haja para ti proveito sobre nós’, ou seja, ‘prefiro morrer do que te ver te aproveitando de mim’
quid pron. interr. por que

quod pron. ‘o que’; em ‘*quod sinit*’ = ‘o que [a natureza] permite’
quos pron. rel. ‘que, os quais’; em ‘*sonos ad quos sua uerba remittat*’ = lit. ‘sons aos quais ela possa remeter suas palavras’, ou seja, ‘sons que ela possa ecoar’
quot quantas; em ‘*totidem, quot dixit, uerba recepit*’ = ‘tantas palavras quantas disse recebeu de volta’
quotiens adv. quantas vezes
recepit perf. de *recipio* ‘recebeu’
remittat subjunt. pres. de *remitto* ‘possa remeter’
repugno, repugnare, repugnavi, repugnatus 1 resistir
respicio, respicere, respexi, respectus 3 olhar
responderat m-q-perf. de *respondo* ‘respondera’, ‘tinha respondido’
responsura ‘propensa a responder’, ‘prestes a responder’
rettulit perf. de *refero* ‘respondeu’
rursus adv. novamente
sed conj. mas
seductus, a, um adj. separado, apartado
silva, ae 1f. floresta
sino, sinere, sivi, situs 3 permitir
sit ‘haja’
sonus, i 2m. som
speratus, a, um adj. esperado, desejado
stupeo, stupere, stupui, - 2 espantar-se, assustar-se
suus, a, um adj. seu
tibi dat. de *tu* ‘para ti’
totidem tantas
venio, venire, veni, ventus 4 vir
ueniente em ‘*nullo ueniente*’ = ‘como ninguém vinha’
uerbum, i 2n. palavra
umquam adv. jamais
uocantem ‘aquele que chamava’
voco, vocare, vocavi, vocatus 1 chamar
uox, uocis 3f. voz
uoluit perf. de *uolo* ‘quis’
ut conj. que

Seção E

Pontos de língua

- *hic* e *ille*; *idem* e *nemo*;
- perfeito do indicativo ativo;
- depoentes: futuro e perfeito do indicativo;
- semidepoentes: *soleo*, *audeo*, *fit*;
- ablativos: expressões de tempo, instrumento e meio;
- genitivo de valor;
- acusativo de tempo;
- adjetivos comparativos e superlativos;
- advérbios;
- participios perfeitos e futuros;
- partículas interrogativas: *nonne* e *num*;
- dativos: aprofundamento;

E1 *Hic, is* e *ille; idem* e *nemo*

Em termos morfológicos, os pronomes demonstrativos *hic* (“este”), *is* (esse) e *ille* (“aquele”) seguem a chamada declinação pronominal.⁵⁶ Assim, apresentam genitivo e dativo singular em *-ius* e *-i* para todos os gêneros, e no plural declinam como um adjetivo de primeira classe:

	s.			pl.		
	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	hic	haec	hoc	h-i	h-ae	haec
ac.	hunc	hanc	hoc	h-os	h-as	haec
gen.		hu-ius		h-orum	h-arum	h-orum
dat.		huic			h-is	
abl.	hoc	hac	hoc		h-is	
	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	is	e-a	id	e-i	e-ae	e-a
ac.	e-um	e-am	id	e-os	e-as	e-a
gen.		e-ius		e-orum	e-arum	e-orum
dat.		e-i			e-is	
abl.	e-o	e-a	e-o		e-is	
	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	ill-e	ill-a	ill-ud	ill-i	ill-ae	ill-a
ac.	ill-um	ill-am	ill-ud	ill-os	ill-as	null-a
gen.		ill-ius		ill-orum	ill-arum	ill-orum

⁵⁶ Cf. C1, D4, D11

dat.		ill-i		ill-is
abl.	ill-o	ill-a	ill-o	ill-is

Quando funcionam como adjetivo, qualificando um substantivo, significam ‘este’ (*hic*), ‘esse’ (*is*), ‘aquele’ (*ille*). Porém, quando ocorrem sozinhos numa sentença, podem significar ‘este homem,’ ‘esta mulher,’ ‘esta coisa,’ ‘isto,’ dependendo do gênero textual e do contexto.

Como explicamos em A5, parte das funções assumidas pelos artigos, como especificação e determinação, generalização e indeterminação, eram supridas ou pelo contexto ou por pronomes, que frequentemente funcionavam como pseudoartigos. Além disso, como anunciamos em B9, o latim não dispunha de pronomes pessoais de terceira pessoa no caso nominativo. Quando havia necessidade de realizar a terceira pessoa pronominalmente, era comum usar pronomes demonstrativos (como *hic*, *is* e *ille*, mas também *ipse*, *iste*, *idem* etc.) para ocupar a função de sujeito pronominal. Por isso, com frequência, pode-se traduzir *hic*, *is*, *ille* como ‘ele’ e ‘ela.’

Da raiz de *hic*, derivam os advérbios de lugar *hinc* ‘daqui,’ *hic* ‘aqui,’ *huc* ‘(para) cá.’ Da raiz de *ille*, também derivam *illinc* ‘daqui,’ *illic* ‘ali, lá,’ *illuc* ‘(para) lá.’

Em se tratando de formas derivadas, cabe observar que *ille* derivou várias formas pronominais nas línguas românicas modernas, como, em francês, *le*, *la*; em italiano, *il*, *la*; e, em português, *ele*, *ela*, *lhe*, *o*, *a*.

Agora que já conhecemos o pronome *is*, convém conhecermos também seu correlato *idem*:

	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	i-dem	ea-dem	i-dem	ei-dem	eae-dem	ea-dem
ac.	eun-dem	ean-dem	i-dem	eos-dem	eas-dem	ea-dem
gen.		eius-dem		eorun-dem	earun-dem	eorun-dem
dat.		ei-dem			eis-dem	
abl.	eo-dem	ea-dem	eo-dem		eis-dem	

Morfologicamente falando, temos aqui exatamente as mesmas formas de *is*, *ea*, *id* que vimos acima, com o acréscimo do sufixo *-dem*.

Em geral, trata-se de um demonstrativo que reitera algo que acabou de ser mencionado. Por exemplo:

Hostes urbem oppugnaverunt. Eidem vicerunt. ‘Os inimigos atacaram a cidade. Eles venceram.’

Vir fortis laboravit. Idem praemium accepit. ‘O homem corajoso trabalhou. Ele recebeu uma recompensa.’

Eventualmente, porém, da mesma forma que os demais demonstrativos, *idem* poderá assumir o estatuto de um simples pronome pessoal: ‘ele’, ‘ela.’

Por fim, observamos que o pronome *nemo*, *neminis* 3m/f ‘ninguém’ funciona como um substantivo típico de terceira declinação. Uma vez que se trata de um pronome negativo,

convém aqui relembrar as considerações já feitas sobre a ausência de dupla negação gramatical no latim clássico. Portanto, uma frase como ‘não há ninguém aqui’ seria vertida para o latim por *est nemo hic*, e nunca *non est nemo hic*.

E2 Perfeito do indicativo ativo

Em D1, quando conhecemos o futuro do indicativo ativo das quatro conjugações regulares, tratamos do conceito de aspecto verbal e vimos que o latim marcava os aspectos imperfectivo (*infectum*) e perfectivo (*perfectum*) no radical. Relembre, portanto, a partir dos tempos primitivos oferecidos pelo dicionário, quais são esses radicais:

	radical do <i>infectum</i>	radical do <i>perfectum</i>	
<i>amo</i>	ama-re	amau-i	<i>amatus</i>
<i>habeo</i>	habe-re	habu-i	<i>habitus</i>
<i>dico</i>	dic-e-re	dix-i	<i>dictus</i>
<i>audio</i>	audi-re	audiu-i	<i>auditus</i>

Relembre também que eles se mantêm nos tempos imperfectivos (presente, futuro e imperfeito) e perfectivos (perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito):

aspecto <i>infectum</i>					aspecto <i>perfectum</i>				
pres.	ama-ø-t ⁵⁷ 'ama'	habe-ø-t 'tem'	dic-i-ø-t 'diz'	audi-ø-t 'ouve'	pret. perf.	amau-ø-it 'amou'	habu-ø-it 'teve'	dix-ø-it 'disse'	audiu-ø-it 'ouviu'
futuro imperf.	ama-bi-t 'amará'	habe-bi-t 'terá'	dic-e-t 'dirá'	audi-e-t 'ouvirá'	m-q. perf.	amau-era-t 'amara'	habu-era-t 'tivera'	dix-era-t 'dissera'	audiu-era-t 'ouvirá'
pret. imperf.	ama-ba-t 'amava'	habe-ba-t 'tinha'	dic-e-ba-t 'dizia'	audi-e-ba-t 'ouvia'	fut. perf.	amau-eri-t 'terá amado'	habu-eri-t 'terá tido'	dix-eri-t 'terá dito'	audiu-eri-t 'terá ouvido'

Agora, portanto, cientes disso, vamos conhecer o pretérito perfeito ou simplesmente ‘perfeito’ do indicativo ativo. Já sabemos que ele leva o radical do *infectum*. Preste atenção, então, às desinências pessoais:

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	amaui	eu amei	habui	eu tive	dixi	eu disse	audiui	eu ouvi
<i>tu</i>	amauisti	tu amaste / você amou	habuisti	tu tiveste / você teve	dixisti	tu disseste / você disse	audiuisti	tu ouviste / você ouviu
-	amauit	ele amou	habuit	ele teve	dixit	ele disse	audiuit	ele ouviu
<i>nos</i>	amauimus	nós amamos	habuimus	nós tivemos	diximus	nós dissemos	audiuimus	nós ouvimos
<i>vos</i>	amauistis	vocês amaram	habuistis	vocês tiveram	dixistis	vocês disseram	audiuistis	vocês ouviram
-	amauerunt	eles amaram	habuerunt	eles tiveram	dixerunt	eles disseram	audiuerunt	eles ouviram

Em termos morfológicos, a novidade do perfeito é que este é o único tempo que apresenta desinências pessoais exclusivas: *-it*, *-istis*, *-it*, *-imus*, *-istis* e *-erunt*.⁵⁸ Podemos, inclusive, considerar que essas desinências acumulam a função de marcar a pessoa e o tempo. A boa notícia é que não há nenhuma irregularidade: em todas as flexões, temos basicamente o

⁵⁷ O sinal ø representa um ‘zero morfológico’, isto é, não existe nenhuma marca realizada ali, mas essa ausência é significativa (no caso, ali, é desinência de tempo presente).

⁵⁸ Eventualmente a desinência da terceira do plural se contrai de *-erunt* para *-ere*. Nesse caso, cuidado para não confundir com um infinitivo.

radical e as desinências, sem qualquer alomorfa. Além disso, repare que as formas do perfeito latino são muitíssimo semelhantes às formas do perfeito em português.

Em termos semânticos, em geral, o perfeito latino expressa o mesmo sentido que seu tempo análogo em português: uma ação completa no passado (*amaui* ‘amei’, *habui* ‘tive’, *dixi* ‘disse’, *audiui* ‘ouvi’). Entretanto, eventualmente pode também expressar um estado presente derivado de uma ação passada. Por exemplo:

Perii ‘estou perdido’; lit. ‘eu me perdi’ e por isso ‘estou (agora) perdido’

Eum noui ‘eu o conheço’; lit. ‘eu o conheci’ e por isso ‘eu (agora) o conheço’

E3 Depoentes: futuro e perfeito do indicativo

Em D8 conhecemos os verbos depoentes, mas ainda não vimos como eles se conjugam no futuro e agora também convém que saibamos que como eles se conjugam no perfeito.

O futuro dos depoentes se compõe de maneira idêntica aos verbos regulares ativos: radical do *inflectum* + desinência de futuro (*bi* ou *e*) + desinências pessoais. Vejamos:

	<i>conari</i> ‘tentar’ (1ª conj.)	<i>mereri</i> ‘merecer’ (2ª conj.)	<i>sequi</i> ‘seguir’ (3ª conj.)	<i>oriri</i> ‘surgir’ (4ª conj.)
ego	<i>conabor</i> eu tentarei	<i>merebor</i> eu merecerei	<i>sequar</i> eu seguirei	<i>oriar</i> eu surgirei
tu	<i>conaberis</i> tu tentará / você tentará	<i>merberis</i> tu merecerás / você merecerá	<i>sequeris</i> tu seguirás / você seguirá	<i>orieris</i> tu surgirás / você surgirá
-	<i>conabitur</i> ele tentará	<i>merebitur</i> ele merecerá	<i>sequetur</i> ele seguirá	<i>orietur</i> ele surgirá
nos	<i>conabimur</i> nós tentaremos	<i>merebimur</i> nós mereceremos	<i>sequemur</i> nós seguiremos	<i>oriemur</i> nós surgiremos
uos	<i>conabimini</i> vocês tentarão	<i>merebimini</i> vocês merecerão	<i>sequemini</i> vocês seguirão	<i>oriemini</i> vocês surgirão
-	<i>conabuntur</i> eles tentarão	<i>merebuntur</i> eles merecerão	<i>sequentur</i> eles seguirão	<i>orientur</i> eles surgirão

Perceba que, exatamente como no futuro ativo dos verbos regulares, *bi* e *e* se mantêm presentes em quase todas as flexões das suas conjugações. As únicas alomorfas são: na 1ª e 2ª conj., *-bo* (1sg.), *be* (2sg.) e *-bu* (3pl.); na 3ª e 4ª conj., apenas *-a* (1sg.).

O perfeito dos depoentes, porém, apresenta diferenças mais substanciais. Nos tempos perfectivos (perfeito, m-q-perf. e fut. perf.), os depoentes – assim como a passiva dos verbos regulares – apresentam formas compostas. Esses tempos compostos são formados pelo particípio perfeito dos verbos principais + verbo *sum* (ou no presente, ou no imperfeito, ou no futuro). O tempo que nos interessa aqui, o perfeito dos depoentes é formado pelo particípio perfeito e o presente de *sum*. Vejamos:

	<i>conari</i> ‘tentar’ (1ª conj.)	<i>mereri</i> ‘merecer’ (2ª conj.)	<i>sequi</i> ‘seguir’ (3ª conj.)	<i>oriri</i> ‘surgir’ (4ª conj.)
ego	<i>conatus sum</i> eu tentei	<i>meritus sum</i> eu mereci	<i>secutus sum</i> eu segui	<i>oritus sum</i> eu surgi
tu	<i>conatus es</i> tu tentaste / você tentou	<i>meritus es</i> tu mereceste / você mereceu	<i>secutus es</i> tu seguiste / você seguiu	<i>oritus es</i> tu surgiste / você surgiu
-	<i>conatus est</i> ele tentou	<i>meritus est</i> ele mereceu	<i>secutus est</i> ele seguiu	<i>oritus est</i> ele surgiu
nos	<i>conati sumus</i> nós tentamos	<i>mereti sumus</i> nós merecemos	<i>secuti sumus</i> nós seguimos	<i>oriti sumus</i> nós surgimos
uos	<i>conati estis</i> vocês tentaram	<i>mereti estis</i> vocês mereceram	<i>secuti estis</i> vocês seguiram	<i>oriti estis</i> vocês surgiram
-	<i>conati sunt</i> eles tentaram	<i>mereti sunt</i> eles mereceram	<i>secuti sunt</i> eles seguiram	<i>oriti sunt</i> eles surgiram

A questão importante aqui é: onde encontrar o particípio do verbo? Observe como um depoente é apresentado no dicionário:

	radical do <i>inflectum</i>	perfeito (e particípio perf.)
<i>conor</i>	<i>cona-ri</i>	<i>conatus sum</i>
<i>mereor</i>	<i>mere-ri</i>	<i>meritus sum</i>
<i>sequor</i>	<i>sequ-i</i>	<i>secutus sum</i>
<i>orior</i>	<i>ori-ri</i>	<i>oritus sum</i>

Assim, o último tempo primitivo de um verbo depoente é exatamente a 1p.sg. do perfeito, que já nos fornece também seu particípio perfeito.

Outra observação importante é o fato de que o particípio funciona como um adjetivo de primeira classe (*bonus, a, um*), e quando compõe o perfeito dos depoentes concorda com o sujeito em número e gênero. Assim podemos ter *ego conatus sum* ‘eu (masc.) tentei’, mas também *ego conata sum* ‘eu (fem.) tentei’. Podemos ter *femina conata est* ‘a mulher tentou’, mas também *corpus conatum est* ‘o corpo tentou’, *corpora conata sunt* ‘os corpos tentaram’ etc.

E4 Semidepoentes: *soleo, fio, audeo*

Talvez você tenha reparado, ao consultar o vocabulário do tópico ‘Para se desafiar’ da Seção C, no vocábulo ‘*soleo, solere, solitus sum* 2 (semidep.) costumar, ter o costume de.’ Como se informa logo após o número da conjugação, este é um verbo semidepoente, o que significa dizer que ele se comporta como um verbo regular ativo nos tempos imperfectivos (presente, futuro e imperfeito) e como um verbo depoente nos tempos perfectivos (perfeito, m-q-perf. e fut. perf.). Eis por que o dicionário apresenta ‘*soleo, solere,*’ como se fosse um verbo regular ativo, mas depois ‘*solitus sum*’, tal como um depoente.

Além de *soleo*, também são semidepoentes muito frequentes os verbos *fio* (‘tornar-se’), *audeo* (‘ousar’), *gaudeo* (‘alegrar-se’) e *confido* (‘confiar’).

E5 Ablativos: expressões de tempo, instrumento e meio

Em A1, vimos que o caso ablativo exerce função adverbial, e essa é a principal informação a respeito desse caso que devemos manter em mente. Em A9, vimos também que um certo conjunto de preposições regem caso ablativo, em geral construindo locuções adverbiais de lugar, como *in foro* ‘no fórum’, *ex foro* ‘para fora do fórum’ etc. Em C8, vimos ainda um uso predicativo do ablativo, chamado ablativo de descrição, como em *vir magna sapientia* ‘homem de grande sabedoria’, *equus celeribus pedibus* ‘cavalo de pés velozes’, *femina pulchra* ‘mulher de bela voz.’

Agora, porém, vamos voltar nossa atenção a certos usos que reforçam a função típica do ablativo: a função adverbial.

O primeiro desses usos é o ablativo de tempo, usado quando se quer mostrar o tempo em que uma ação ocorre ou o período dentro do qual ela acontece. Por exemplo, *illo tempore* ‘naquele tempo,’ *prima hora* ‘na primeira hora,’ *decem annis* ‘no espaço de dez anos.’

O segundo desses usos é o chamado ablativo instrumental, que apresenta o instrumento com o qual ou por meio do qual uma ação é realizada. Por exemplo: *pugnis me uerberat* ‘ele está me batendo com os punhos,’ ou *pedibus huc venit* ‘ele vem aqui com os próprios pés.’

E6 Genitivo de valor

Em C9, já vimos um uso particular do genitivo, o genitivo partitivo. Agora veremos outro uso excepcional desse caso, o genitivo de valor, usado de maneira predicativa, para expressar o valor atribuído a uma pessoa ou coisa. Por exemplo: *homo nihili* ‘um homem de nada,’ isto é, ‘um homem de nenhum valor;’ *tanti erat quanti fur* ‘ele era de tanto (valor) quanto um criminoso.’

E7 Acusativo de tempo

Assim como o ablativo pode expressar ‘um lugar’ no tempo em que uma ação aconteceu – por ex., *illo die* ‘naquele dia,’ presumindo (*in*) *illo die* –, o acusativo também pode exercer função de advérbio de tempo para expressar duração no tempo, por ex., *duas horas* ‘por duas horas,’ ‘durante duas horas,’ presumindo (*per*) *duas horas*.

E8 Adjetivos comparativos e superlativos

Em português, quando queremos expressar o grau comparativo de superioridade, usamos uma forma analítica com o advérbio ‘mais.’ Por exemplo: ‘ele é mais velho que ela,’ ‘ela é mais alta que ele.’ Em latim, porém, o comparativo de superioridade era expresso de forma sintética, derivando um novo adjetivo com o acréscimo do sufixo derivacional *-ior* (que permanece em nossa língua em palavras como ‘júnior’ ou ‘senhor’). Assim, os dois exemplos acima poderiam ser vertidos para *ille senior quam illa est* e *illa altior quam ille est*.

Tomando esses dois adjetivos como paradigmas, perceba que, para derivar o adjetivo comparativo, basta acrescentarmos o sufixo *-ior*, e ele invariavelmente ele declinará como um adjetivo de terceira declinação. Vejamos:

<i>altus, a, um > altior, altius, altioris</i>							
Singular	Masc.	Fem.	Neut.	Plural	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	altior	altior	altius	Nom.	altior-es	altior-es	altior-a
Gen.	altior-is	altior-is	altior-is	Gen.	altior-um	altior-um	altior-um
Dat.	altior-i	altior-i	altior-i	Dat.	altior-ibus	altior-ibus	altior-ibus

Ac.	altior-em	altior-em	altior-em	Ac.	altior-es	altior-es	altior-a
Abl.	altior-i	altior-i	altior-i	Abl.	altior-ibus	altior-ibus	altior-ibus
Voc.	altior	altior	altius	Voc.	altior-es	altior-es	altior-a

senex, senis > senior, senius, senioris

Singular	Masc.	Fem.	Neut.	Plural	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	senior	senior	senius	Nom.	senior-es	senior-es	senior-a
Gen.	senior-is	senior-is	senior-is	Gen.	senior-um	senior-um	senior-um
Dat.	senior-i	senior-i	senior-i	Dat.	senior-ibus	senior-ibus	senior-ibus
Ac.	senior-em	senior-em	senior-em	Ac.	senior-es	senior-es	senior-a
Abl.	senior-i	senior-i	senior-i	Abl.	senior-ibus	senior-ibus	senior-ibus
Voc.	senior	senior	senius	Voc.	senior-es	senior-es	senior-a

A única particularidade digna de nota aqui, em relação ao que já sabemos sobre os adjetivos de terceira declinação, refere-se ao nominativo singular neutro em *-ius*. Afora esse caso específico, o radical se mantém o mesmo para todas as flexões, e as desinências são as mesmas de um adjetivo de segunda classe com tema consonantal.

Se, no grau comparativo, os adjetivos invariavelmente se tornam adjetivos de segunda classe pelo acréscimo de *-ior*, por outro lado, no grau superlativo, todos os adjetivos invariavelmente se tornam adjetivos de primeira classe pelo acréscimo do afixo *-issimus*. Assim, um adjetivo como *altus, a, um* deriva *altissimus, a, um*; e um adjetivo como *senex, senis* deriva *senissimus, a, um*.

O superlativo latino pode ser empregado simplesmente como adjetivo pontual, expressando uma dada qualidade no grau máximo (e.g. *ille homo ingeniosissimus est* ‘aquele homem é inteligentíssimo’) ou ainda pode expressar esse grau máximo diante de um conjunto, e neste caso ele geralmente vem acompanhado de um genitivo partitivo (e.g. *ille ingeniosissimus hominum est* ‘ele é o mais inteligente dos homens’). Repare que, neste segundo uso, em português, temos que usar a forma analítica do superlativo (‘o mais inteligente’).

Alguns adjetivos derivam comparativos e superlativos irregulares que, não por acaso, permaneceram no português. São eles:

<i>bonus, a, um</i>	<i>melior, melius, melioris</i>	<i>optimus, a, um</i>	‘bom, melhor, ótimo’
<i>malus, a, um</i>	<i>peior, peioris, peius</i>	<i>pessimus, a, um</i>	‘mau, pior, péssimo’
<i>multus, a, um</i>	<i>plus, pluris, plurius</i>	<i>plurimus, a, um</i>	‘muito, mais, muitíssimo’
<i>magnus, a, um</i>	<i>maior, maioris, maius</i>	<i>maximus, a, um</i>	‘grande, maior, máximo’
<i>parvus, a, um</i>	<i>minor, minoris, maius</i>	<i>minimus, a, um</i>	‘pequeno, menor, mínimo’

E9 Advérbios

Assim como em português dispomos do sufixo *-mente* para derivar advérbios a partir de adjetivos, o latim também dispunha de sufixos para derivar advérbios. Em se tratando de adjetivos de primeira classe, o sufixo era *-e*; em se tratando de adjetivos de segunda classe, o

sufixo era *-ter*. Assim, um adjetivo como *clarus, a, um* ‘claro’ derivaria o advérbio *clare* ‘claramente,’ ao passo que um adjetivo como *facilis, e* ‘fácil’ derivaria um advérbio como *faciliter* ‘facilmente.’

Também era possível derivar um advérbio a partir do adjetivo comparativo, e nesse caso sua forma adverbial seria idêntica ao nominativo singular neutro dos comparativos, terminado em *-ius*. Assim, temos: *clarius* ‘mais claramente,’ *facilius* ‘mais facilmente’ etc.

No caso do superlativo, sendo ele a rigor um adjetivo de primeira classe, era possível derivar um advérbio pelo simples acréscimo de *-e*. Assim, temos: *clarissime* ‘clarissimamente,’ *facilissime* ‘facilissimamente’ etc.

E10 Participípios perfeitos e futuros

Em E3, quando conhecemos o perfeito dos depoentes, já fomos apresentados ao participípio perfeito latino, que compõe aquela forma perifrástica do verbo. Conheçamos agora propriamente tanto o participípio perfeito como o participípio futuro.

Em primeiro lugar, cabe observar que, assim como o infinitivo, o participípio é uma forma nominal do verbo. Seu próprio nome remete a isso, pois ele assim é chamado porque ‘participa’ ao mesmo tempo da classe dos verbos e da classe dos nomes. Porém, se, por um lado, como forma nominal, o infinitivo é um substantivo, por outro, o participípio é um adjetivo verbal. Contudo, mesmo se comportando como adjetivo na frase, ele, ainda assim, guarda sua força verbal, isto é, suas propriedades de verbo, podendo por exemplo introduzir complementos.

Primeiro, porém, antes de falar sobre os usos dos participípios, vamos entender sua morfologia.

O participípio perfeito, principalmente nos verbos de 1ª e 4ª conjugações, formava-se com o acréscimo do sufixo *-t-* ao radical do *infectum* acrescido das desinências típicas de um adjetivo de primeira classe. Assim, temos *ama-re* > *ama-t-us, a, um*; *audi-re* > *audi-t-us, a, um*. Já, no caso dos verbos de 2ª conjugação, o participípio também podia derivar do tema do *infectum* (*dele-re* > *dele-t-us, a, um*), mas também era comum que a vogal temática caísse; neste caso, o participípio ou se formaria com um radical consonantal (como *tene-re* > *ten-t-us, a, um*) ou seria acrescida uma vogal de ligação (*habe-re* > *hab-i-t-us, a, um*; *exercere* > *exerc-i-t-us, a, um*). Também era possível que o participípio dos verbos de 2ª conj. derivasse do radical do *perfectum*, como *iubere, iussi* (perf.) > *iussus, a, um*. No caso dos verbos de 3ª conjugação, por sua vez, era comum que o participípio se formasse a partir do radical consonantal, como em *fac-e-re* > *factus, a, um*; *dic-e-re* > *dictus, a, um*, mas também havia casos em que derivava do radical do perfeito, como em *mittere, misi* (perf.) > *missus, a, um*. De todo modo, é sempre recomendável consultar o dicionário, pois há casos anômalos como o do verbo *fero*, que possui três radicais completamente diferentes um do outro: *ferre, tuli, latus*.

O participípio futuro, por sua vez, derivava a partir do radical do participípio perfeito pelo acréscimo do afixo *-ur-* e desinências de adjetivos de primeira classe. Assim, se o participípio

perfeito era *amatus*, por exemplo, seu particípio futuro seria *amat-ur-us, a, um*, e assim por diante: *auditus > auditurus; habitus > habiturus; exercitus > exerciturus; tentus > tenturus* etc.

Tratemos agora do uso dessas formas. O particípio perfeito indica que o termo com o qual ele concorda sofreu a ação expressa pelo seu verbo. Por exemplo:

Claudia amata felix morta est ‘Cláudia **tendo sido amada/que foi amada** morreu feliz’

Litterae missae non redeunt ‘A carta **tendo sido enviada/que foi enviada** não volta mais’

Além disso, cabe notar que o particípio perfeito pertence às formas da voz passiva, *Claudia amata* sempre será ‘Cláudia que *foi amada*’, e nunca ‘Cláudia que *amou*’. Essa situação, porém, muda quando tratamos dos particípios dos verbos depoentes, pois estes invariavelmente sempre terão sentido ativo. Por exemplo:

Ille locutus abiit ‘Ele **tendo falado/que falou** foi embora’

Illa conata destitit ‘Ela **tendo tentado/que tentou** desistiu’

Repare, ainda, que, como o particípio tem força verbal, isto é, pode introduzir complementos, essas sentenças poderiam conter os objetos desses particípios:

Ille multa locutus abiit ‘Ele **tendo falado muitas coisas** foi embora’

Illa pactum conata destitit ‘Ela **tendo tentado um acordo** desistiu’

Já o particípio futuro denota que termo com o qual ele concorda está prestes a realizar aquela ação. Assim temos por exemplo:

Claudia amatura felix morietur ‘Cláudia **prestes a amar/que amaria** morreu feliz’

Ille multa locuturus abiit ‘Ele **prestes a falar/estando para falar muitas coisas** foi embora’

Illa pactum conatura destitit ‘Ela **prestes a tentar/estando para tentar um acordo** desistiu’

Repare, a título de curiosidade, que a própria palavra *futurus* é o particípio futuro do verbo *sum*, significando algo que ‘está para ser,’ ‘prestes a ser,’ que ainda será.

E11 Partículas interrogativas: *nonne* e *num*

Em C5, conhecemos a partícula interrogativa *-ne*, uma partícula enclítica, que vinha ao final da primeira palavra de uma sentença interrogativa, indicando ao interlocutor, de maneira neutra, que se tratava de uma pergunta. Por exemplo:

Esne bene? ‘Estás bem?’ – e deste modo não se induz nenhuma resposta necessariamente, podendo o interlocutor responder ‘sim’ ou ‘não’ a seu juízo.

Entretanto, o latim também dispunha de partículas interrogativas que, de maneira retórica, podiam induzir a uma resposta positiva ou negativa: *nonne* e *num*. Assim, poderíamos fazer uma pergunta como:

Nonne uiuus es? ‘Por acaso não estás vivo?’ – e a resposta esperada é ‘Sim, estou.’

De outro modo, também poderíamos perguntar:

Num moriri uis? ‘Por acaso queres morrer?’ – e a resposta esperada é ‘Não, não quero.’

E12 Dativos: aprofundamento

Em C7, diferenciamos alguns usos do dativo, como o dativo de benefício (*mater filiis amorem dat* ‘a mãe dá amor **aos filhos**’), o dativo de prejuízo (*fur homini honesto pecuniam auferit* ‘o ladrão está roubando dinheiro **do homem honesto**’) e o dativo de posse (*est homini pecunia* ‘o homem tem dinheiro’, lit. ‘há dinheiro **para o homem**’). Agora, porém, vamos aprofundar nosso entendimento sobre esse caso, examinando outros usos dele.

Dativo de posse

Conforme o exemplo que acabamos de relembrar, na construção de dativo de posse, o termo declinado no dativo é o possuidor, sendo que aquilo que se possui vai para o nominativo, como complemento do verbo *sum* existencial: *est homini [dat.] pecunia [nom.]* lit. ‘há dinheiro **para o homem**’ = ‘o homem tem dinheiro.’

Também é muito comum encontrarmos essa construção para indicar nome de alguém. Por exemplo:

Nomen Ludouico est mihi lit. ‘Há para mim, Luiz, um nome’ = Meu nome é Luiz

Repare que nesse uso o nome anunciado funciona como um aposto do dativo de posse: *Nomen Ludouico [dat.] est mihi [dat.]*.

Dativo simpatético

O dativo simpatético pressupõe que a mesma pessoa expressa pelo dativo é aquela que sofre a ação e é usado, portanto, para enfatizar seu envolvimento. É semelhante ao dativo de posse, porém, diferente desse, não se constrói com verbo *sum* e denota uma emoção ou sofrimento, e não posse. Por exemplo: *crura mihi dolent* lit. ‘as pernas estão doendo para mim’ ou ‘me doem as pernas’, significando ‘minhas pernas estão doendo’.

Esse uso, embora não tão frequente, existe em português, a exemplo dos famosos versos de Fernando Pessoa: ‘ardem-me os olhos, de ter pensado em chorar; dói-me a vida aos poucos, a goles, por interstícios.’

Dativo de opinião

O dativo de opinião, como o próprio nome indica, expressa o ponto de vista da pessoa expressa pelo caso dativo e normalmente é construído com o depoente *uideor* ou mesmo com o verbo *sum*:

hic liber optimus mihi uidetur ‘este livro **me** parece ótimo’

illa formosissima feminarum multis est ‘ela é, **para muitos**, a mais bela das mulheres’

Dativo de interesse

O dativo de interesse indica que a pessoa expressa no dativo está ou deveria estar interessada na ação expressa naquele enunciado. Por exemplo:

quid Iohannes hac hora mihi faciens erit? ‘o que o João **me** estará fazendo a esta hora?’

Perceba que *mibi* nesta frase não desempenha nenhum papel ativo no cenário da ação verbal, mas apenas indica que ela é de interesse da pessoa no caso dativo.

Este próximo exemplo é menos intuitivo, mas ainda assim se encaixa na mesma categoria:

at tibi repente uenit ad me Caninus lit. ‘mas **para ti** de repente Canino vem até mim’, que poderíamos melhor traduzir por ‘mas **imagina tu** que de repente Canino vem até mim.’

Verbos que regem dativo

Cientes dessas possibilidades, é importante também prevermos que há verbos que regem dativo e que nem sempre a regência deles será correspondente à de seus verbos análogos em português. Vejamos alguns deles:

praesum: *ille officio praeest* ‘ele está à frente da tarefa,’ ‘ele está encarregado da tarefa’

obsto: *illa nobis obstat* ‘ela impõe obstáculo a nós,’ ‘ela nos atrapalha’

licet: *nobis licet libenter ridere* ‘a nós é lícito rir à vontade,’ ‘podemos rir à vontade’

placet: *sibi placet linguas docere* ‘a ele lhe agrada aprender línguas,’ ‘ele gosta de aprender línguas’

minor: *mibi punitionem minatus est* lit. ‘ele ameaçou uma punição a mim,’ ‘ele ameaçou me punir;’ *illi sibi mortem minati sunt* lit. ‘eles ameaçaram a morte para ele,’ ‘eles o ameaçaram de morte’

Usos impessoais: dativo de fim e dativo predicativo

Eventualmente o dativo é usado para indicar alguma finalidade, por exemplo:

mibi auxilio uenit ‘ele vem para o auxílio para mim,’ ‘ele vem em meu auxílio,’ ‘ele vem para me ajudar’

pecuniam emptioni dat ‘ele dá dinheiro para a compra,’ ‘ele dá dinheiro para comprar’

Eventualmente, quando complementa o verbo *sum*, o dativo tem função predicativa, e nestes casos seu sentido se assemelha ao dativo de fim. Por exemplo:

magistri educationi sunt studentibus ‘os professores existem para a educação para os estudantes,’ ‘os professores existem para educar os estudantes’

Repare especialmente nestes usos:

Uenus Anchisae uoluptati est ‘Vênus é fonte/motivo de prazer para Anquises’

Paris Iunonis odio est ‘Páris é fonte/motivo de ódio para Juno’

Exercícios - Pontos de língua da Seção E

1. Preencha as lacunas com os termos requeridos entre parênteses:

Marcus Tullius Cicero, uir eloquentiae et sapientiae _____ (superl. nom. mas. sg. de *notus*), *clarus orator, philosophus et politicus* _____ (perf. de *sum*). _____ (nom. sg. m. de *is*) *orationes, tractatus et epistolas* _____ (perf. de *scribeo*).

Orationes _____ (gen. sg. m. de *is*) *plena sapientiae et subtilitatis argumentatiuae* _____ (perf. de *sum*). *Cicero* _____ (acus. fem. pl. de *is*) *in senatu et foro* _____ (dat. sg. de *libertas*) et _____ (dat. sg. de *iustitia*) _____ (perf. de *profero*).

In principio cursus honorum _____ (gen. sg. m. de *ille*), *ob orationem ‘In Uerrem,’ clarus* _____ (perf. de *fiō*). _____ (adv. compar. de *tardus*), *ob orationem ‘In Catilinam,’* _____ (comp. nom. sing. masc. de *clarus*) _____ (fut. de *fiō*).

Cicero de legibus et ciuitate multos annos ualde _____ (part. perf. de *reor*) *tractatus ‘De Officiis’ et ‘De Re Publica’* _____ (perf. de *edo*). *Etiam epistolae* _____ (gen. sg. m. de *is*) _____ (superl. nom. fem. pl. de *notus*) _____ (fut. de *fiō*). _____ (nom. fem. pl. de *hic*) de _____ (superl. abl. pl. de *multus*) *rebus* _____ (perf. *loquor*). *Nomen ‘Ad Familiares’ est* _____ (superl. dat. masc. sg. de *clarus*) *libro* _____ (gen. masc. sg. de *ille*).

Vocabulário:

ad (prep. + acus.) a, para

annus, i 2m. ano

argumentatiuus, a, um adj. argumentativo

Catilina, ae 1m. Catilina

Cicero, Ciceronis 3m. Cícero

ciuitas, ciuitatis 3f. cidade

clarus, a, um adj. famoso
de (prep. + abl.) sobre
edo, edare, edidi, editus 1 publicar
eloquentia, ae 1f. eloquência
epistola, ae 1f. carta
et conj. e
etiam adv. também
familiaris, e adj. familiar
fiō, fieri, factus sum 3 (semidep.) tornar-se, ficar
forum, i 2n. fórum
hic, haec, hoc pron. este, ele
honor, honoris 3m. cargo público
ille, illa, illud pron. aquele, ele
in prep. (+ abl.) em; (+ acus.) contra, para
is, ea, id pron. esse, ele
iustitia, ae 3f. justiça
lex, legis 3f. lei
liber, i 2m. livro
libertas, libertatis 3f. liberdade
loquor, loqui, locutus sum 3 falar
Marcus, i 2m. Marco
multus, a, um adj. muito (superl. *plus, pluris*)
nomen, nominis 3n. nome
notus, a, um adj. conhecido
ob prep. (+ acus.) por caus de
officium, i 2n. dever
oratio, orationis 3f. discurso
orator, oratoris 3m. orador
philosophus, i 2m. filósofo
plenus, a, um adj. cheio
politicus, a, um adj. político
principim, i 2n. princípio
profero, proferre, protuli, prolatus proferir, apresentar
publicus, a, um adj. público
reor, veri, ratus sum 3 pensar, raciocinar
res, rei 5f. coisa, assunto
sapientia, ae 1f. sabedoria
scribo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
senatus, us 4m. senado
subtilitas, subtilitatis 3f. sutileza
sum, esse, fui, futurus ser
tardus, a, um adj. tardio
tractatus, us 4m. tratado
Tullius, i 2m. Túlio
ualde adv. muito
Uerres, Uerris 3m. Verres
uir, uiri 2m. homem

2. Proponha uma tradução para o texto.
3. Classifique os tipos de dativo ocorridos no texto.

Prática de leitura e tradução da Seção E

Texto 1 - Cicero in Catilinam

Multis Cicero maior orator et philosophus latinus est. Ubi consul Romae fuit, Cicero magnam difficultatem passus est. Catilina, nobilissimus sed stultissimus uir, Romam delere conatus est. Hic multos socios obtinuit et, famae et potestati, in patriam coniurationem fecit. Sed Cicero splendidam orationem in senatu fecit et calamitatem uitauit. In oratione eius, maximum supplicium in coniuratos defendit. Ei coniuratos seuerè non punire crudele in patriam uisum est.

Vocabulário:

calamitas, calamitatis 3f. calamidade
Catilina, ae 1m. Catilina
Cicero, Ciceronis 3m. Cícero
coniuratio, coniurationis 3f. conjuração, conspiração
coniurator, coniuratoris 3m. conspirador
conor, conari, conatus sum 1 tentar
consul, consulis 3m. cônsul
crudelis, crudele adj. cruel
defendo, defendere, defendi, defensus 3 defender
deleo, delere, deleni, deletus 2 destruir
difficultas, difficultatis 3f. dificuldade
et conj. e
facio, facere, feci, factus 3 fazer
fama, ae 1f. fama
hic, haec, hoc pron. este, ele
in prep. (+ abl.) em; (+ acus.) contra, para
latinus, a, um adj. latino
magnus, a, um adj. grande (comp. *maior, maioris*; superl. *maximus, a, um*)
multus, a, um adj. muito
nobilis, e adj. nobre
non adv. não
obtineo, obtinere, obtinui, obtentus 2 obter
oratio, orationis 3f. discurso
orator, oratoris 3m. orador
patior, pati, passus sum 3 suportar, enfrentar
patria, ae 1f. pátria
philosophus, i 2m. filósofo
potestas, potestatis 3f. poder

punio, punire, puniui, punitus 4 punir
Roma, ae 3f. Roma
sed conj. mas
senatus, us 4m. senado
seuerus, a, um adj. severo
socius, i 2m. aliado
splendidus, a, um adj. esplêndido
stultus, a, um adj. estúpido
supplicium, i 2n. pena, suplício
ubi conj. quando
uideor, uideri, uisus sum 2 parecer
uir, uiri 2m. homem
uita, uitare, uitauit, uitatus 1 evitar

Texto 2 - Epigramas de Marcial

*laudat amat cantat nostros mea Roma libellos,
 meque sinus omnes me manus omnis habet.
 ecce rubet quidam, pallet, stupet, oscitat, odit.
 hoc uolo: nunc nobis carmina nostra placent.* (6.60)

*praedia solus habes, et solus, Candide, nummos,
 aurea solus habes, murrina solus habes,
 Massica solus habes et Opimi Caecuba solus,
 et cor solus habes, solus et ingenium.
 omnia solus habes – nec me puta uelle negare!
 uxorem sed habes, Candide, cum populo.* (3.26)

*difficilis facilis, incundus acerbus es idem.
 nec tecum possum uiuere, nec sine te.* (12.46)

*Iliaco similem puerum, Faustine, ministro
 lusca Lycoris amat. quam bene lusca uidet!* (3.39)

*omnia promittis, cum tota nocte bibisti.
 mane nihil praestas. Pollio, mane bibe.* (12.12)

Vocabulário:

acerbus, a, um adj. amargo
bibo, bibere, bibi, bibitus beber
Caecubum, i 2n. vinho céculo
Candidus, i 2m. Cándido
canto, cartare, cataui, cantus 1 cantar
carmen, carminis 3n. poema

cor, cordis 3n. coração
cum conj. quando
ecce eis que
Faustinus, i 2m. Faustino
hic, haec, hoc pron. este
nunc adv. agora
idem, eadem, idem pron. o mesmo
iliacus, a, um troiano; o ‘escravo troiano’ é Ganímedes, escravo de Júpiter, conhecido pela beleza
ingenium, i 2n. intelecto
iucundus, a, um adj. doce
laudo, laudare, laudani, laudatus 1 louvar
libellus, i 2m. livro
luscus, a, um de um olho só, caolho
Lycoris, Lycoridis 3f. Licóride
mane adv. pela manhã
Massicum, i 2n. vinho fino
murrinum, i 2n. vaso caro de ágata
nec me puta ‘nem penses que eu’
nego, negare, negavi, negatus 1 negar
nobis dat. de *nos*; pode significar ‘para mim’ quando se faz uso do nós majestático
odeo, odire, odii, - 4 odiar
oscito, oscitare, -, - 1 bocejar
palleo, pallere, pallui, - 2 empalidecer
placeo, placere, placui, placitus 2 agradar
Pollio, Pollionis 3 Polião
populus, i 2m. povo
praedium, i 2n. propriedade
praesto, praestare, praestavi, praestatus 1 providenciar, cumprir
quidam, quaedam, quiddam pron. alguém
rubeo, rubere, -, - 2 enrubescer, ficar vermelho (de vergonha)
sinus, us 4m. bolso (uma dobra na toga, na altura dos seios, onde se guardavam os livros)
solus, a, um adj. sozinho, só
stupeo, stupere, stupui, - 2 ficar estupefato
uiuo, uiuere, uixi, uictus 3 viver

Texto 3 - Excertos da Vulgata de Jerônimo

in principio creavit Deus coelum et terram. (Gênesis I.I)

formavit igitur dominus Deus hominem de limo terrae et inspiravit in faciem eius spiraculum uitae. (Gênesis 2.7)

septimo autem die sabbatum domini Dei tui est; non facies omne opus in eo, tu et filius tuus et filia tua, seruus tuus et ancilla tua, iumentum tuum... sex enim diebus fecit dominus coelum et terram et mare. (Êxodo 20.10-1)

sex diebus operaberis, et facies omnia opera tua... non moechaberis... non loqueris contra proximum tuum falsum testimonium. (Êxodo 20.9 55.)

(No ultimo dia) de Sion egredietur lex, et uerbum Domini de Hierusalem, et indicabit inter populos multos, et corripiet gentes fortes usque in longinquum; et concident gladios suos in uomeres et hastas suas in ligones; non sumet gens aduersus gentem gladium; et non discent ultra belligerare... quia omnes populi ambulabunt unusquisque in nomine Dei sui; nos autem ambulabimus in nomine Domini Dei nostri in aeternum et ultra. (Miqueias 4.2-5)

Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonae uoluntatis. (Lucas 2.14)

Vocabulário:

aduersus prep. (+ acus.) contra

altus, a, um adj. alto

ancilla, ae 1f. criada

belligero, belligerare, belligeravi, belligeratus 1 fazer guerra

coelum, i 2n. paraíso, céu

concido, concidere, concidi, concisus 3 desfazer (i.e. mudar X em Y)

contra (+ ac.) contra

corripio, corripere, corripui, correptus 3 reunir

creo, creare, creavi, creatus 1 criar

disco, discere, didici, discitus 3 aprender

facies, faciei 5f. face

falsus, a, um adj. falso

formo, formare, formavi, formatus 1 moldar, compor

gens, gentis 3f. nação, povo

gladius, i 2m. espada

hasta, ae 1 f. lança

Hierusalem (indecl.) Jerusalém

in aeternum para sempre

inspiro, inspirare, inspiravi, inspiratus 1 soprar

is, ea, id pron. esse, ele

iudica 1 julgo

iumentum, i 2n. burro, jumento

lex, legis 3f. lei

ligo, ligonis 3m. enxada

limus, i 2m. lama, barro

mar, maris 3n. mar

moechor, moechari, moechatus sum 1 cometer adultério

omnis, e adj. todo

operor, operari, operatus sum 1 trabalhar

populus, i 2m. povo

principium, *i* 2n. começo
proximus, *i* 2m. próximo
sabbatum, *i* 2n. sabá (descanso), sábado
septimus, *a, um* adj. sétimo
sex num. seis
Sion, *Sionis* 3m. Sião
spiraculum, *i* 2n. sopro
sumo, *sumere*, *sumpsi*, *sumptus* 3 tomar, pegar
terra, *ae* 1f. terra
testimonium, *i* 2n. testemunho
uita, *ae* 1f. vida
ultra prep. (+ acus.) para além
unusquisque pron. cada um, cada qual
uoluntas, *uoluntatis* 3f. vontade
uomer, *uomeris* 3m. arado
usque in longinquum até os confins

Texto 4 - Notícias em latim

De mulieribus Bactrianis

Talebani Bactriae rectores, ut iam amplius notum est, mulierum iura seuerè infandèque negligere conculcareque solent. Quod consilium insuper acceptum est: mulieribus enim minime peregrinandum est, nisi uiro quodam comitante. Quam contra legem mulieres uillae Bactrianae ad capitis fora descenderunt, ut pro iuribus suis demonstrationes publicas ostenderent. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 28/12/2021 15h10

Foedus de siluis

Multarum nationum rectores ad planetam tuendum pactum nouum obsignauerunt: nationes C (centum) in toto orbe se siluarum caedem quam maxime impedituras esse iuratae uouerunt. Foedus illud ad hoc maxime uertit, ut siluarum caedis anno MMXXX (duo milia triginta) omnino absit. Inter obsignatores praeses Brasiliensis Sinensisque sunt, qui planetam antea minime curabant. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 28/12/2021 15h10, 02/11/2021 12h02

Arcticus aestus

Calor maximus superiore anno in terris Arcticis, id est in altissimis orbis regionibus Russicis, comperitur: ibi enim gradum octauum atque trigesimum more Celsio aether attigit ideoque incendia multa euenerunt, quod igitur ad mutationis aeris calamitatem omnes conuertere debet. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 14/12/2021 11h42

Displosiones diei festi

Dum pompae ad Libertatis diem celebrandum in Boreoamerica habentur, displosiones nonnullae contra astantes perpetrantur: in ciuitate enim Sicago interfector quidam, qui Robertus Crimo adhuc esse creditur, homines VI (sex) interfecit ac XXXI (viginti unum) offendit. Interim Philadelphiae quoque scelus simile propagatur, cuius auctor latet. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 05/07/2022 17b01

Vocabulário:

ac conj. e

acceptum est (perf. da passiva de *accipio*) foi aceito

ad ... celebrandum para celebrar (construção gerundial)

ad prep. (+ acus.) para, em direção a

ad planetam tuendum = para proteger o planeta (construção gerundial)

adhuc adv. até aqui, até agora

aer, aeris 3n. ar, clima

aestus, us 4m. calor, ardor

aether, aetheris 3m. éter, ar, temperatura

altissimus, a, um adj. altíssimo, o mais alto

amplius adv. amplamente

annus, i 2m. ano

antea antes, anteriormente

arcticus, a, um ártico

astans, astantis 3m. expectador

atque e

attigo, attingere, attingi, attactus 3 attingir

autor, autoris 3m. autor

Bactria, ae 1f. Irã

Boreoamerica, ae 1f. Estados Unidos

brasiliensis, brasiliense adj. brasileiro

C (centum) cem

caedis, caedis 3f. destruição, morte

calamitas, calamitatis 3f. calamidade, desastre

calor, caloris 3m. calor

caput, capitis 3n. principal

Celsius, i Celsius (escala de temperatura)

ciuitas, ciuitatis 3f. cidade

comitans, comitantis 3m. acompanhante, acompanhando

compereo, comperire, comperii, comperitus 4 verificar, registrar

conculco, conculcare, conculcavi, conculcatus 1 oprimir

consilium, i 2n. proposta, plano, conselho

contra prep. (+acus.) contra

converto, convertere, converti, conversus 3 converter algo (acus.) em alguma coisa (ad + acus.) (em ‘*ad mutationis aeris calamitatem omnes conuertere*’ = resultar [lit. ‘converter todos’] em uma calamidade de mudança do clima)

credo, credere, credidi, creditus 3 acreditar

Crimo (indecl.) Crimo

qui, quae, quod pron. que, o qual

curo, curare, curavi, curatus 1 cuidar de, preocupar-se com
de prep. (+ abl.) de, a respeito de, sobre
debeo, debere, debui, debitus 2 dever
demonstratio, demonstrationis 3f. demonstraçã, manifestaçaõ
descendo, descendere, descendi, descensus 3 sair, descer
dies, diei 5m/f. dia
displasio, displosionis 3f. explosã
dum conj. enquanto
enim conj. pois
evenio, evenire, eveni, eventus 4 acontecer, advir
festum, i 2n. festa
foedus, foederis 3n. acordo
forum, i praça pública, fórum
gradus, us 4m. grau
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
hic, haec, hoc pron. este, ele
homo, hominis 3m. homem, pessoa
iam adv. já
ibi adv. ali, lá
id est adv. isto é, mais precisamente
ideoque adv. e isto porque
igitur conj. portanto
ille, illa, illud pron. aquele, ele, o
in (+ abl.) em
incendium, i 2n. incêndio
infande adv. abominavelmente
insuper adv. abaixo
inter (+ acus.) entre
interfector, interfectoris 3m. assassino
interficio, interficere, interfeci, interfectus 3 matar
interim conj. enquanto isso
ius, iuris 3n. direito
lateo, latere, latui, - estar escondido
lex, legis 3f. lei
libertas, libertatis 3f. liberdade
maxime adv. principalmente
maximus, a, um adj. máximo, o maior de
minime adv. minimamente, não
MMXXX (duo mille triginta) dois mil e trinta
mos, moris 3m. costume; em ‘*more Celsio*’ = na escala Celsius [lit. no costume célsio]
mulier, mulieris 3f. mulher
mulieribus enim minime peregrinandum est (construçã gerundiva com sentido de dever) as
mulheres não devem sair de casa (lit. ‘às mulheres, pois, minimamente deve-se sair de casa)
multus, a, um adj. muito
mutatio, mutationis 3f. mudançã
natio, nationis 3f. naçã
negligo, negligere, neglixī, neglictus 3 negligenciar

nisi conj. senão, a não ser
nonnullus, a, um adj. algum
notus, a, um adj. sabido, conhecido
nouus, a, um adj. novo
obsignator, obsignatoris 3m. signatário
obsigno, obsignare, obsignavi, obsignatus 1 assino
octauum atque trigesimum trigésimo oitavo, 38º
offendo, offendere, offendi, offensus 3 ferir
omnino adv. totalmente
omnis, e adj. todo
orbis, orbis 3m. orbe, mundo, globo
pactum, i 2n. pacto
perpetro, perpetrare, perpetravi, perpetratus 1 perpetrar
Philadelphia, ae 1f. Filadélfia
planeta, ae 1m. planeta
pompa, ae 1f. celebração, pompa, solenidade pública
praeses, praesidis 3m. presidente
pro (+ acus.) a favor de, em prol de
propago, propagare, propagavi, propagatus 1 propagar
publicus, a, um adj. público
quam maxime adv. ao máximo
qui, quae, quod pron. que, o qual
quidam, quaedam, quiddam pron. um certo, algum
quod adv. em relação a isso, a respeito disso
quoque adv. também
rector, rectoris 3m. líder
regio, regionis 3f. região
Robertus, i 2m. Robert
Russicus, a, um adj. russo
scelus, sceleris 3n. crime
se siluarum caedem quam maxime impedituras esse iuratae uouerunt = votaram, sob juramento, que elas impedirão ao máximo a destruição das florestas (lit. ‘votaram elas (*se*) estarem juradas para impedir ao máximo a destruição das florestas’)
seuere adv. severamente
Sicagus, i 2f. Chicago
silua, ae 1f. floresta
similis, e adj. semelhante
sinensis, sinense adj. chinês
soleo, solere, solitus sum semidep. costumar, ter o costume de
sum, esse, fui, futurus ser, estar; existir, haver
superior, superius, superioris adj. anterior, passado
suus, a, um adj. seu, sua
talebannus, i 2m. talibã
terra, ae 1f. terra
totus, a, um adj. todo
uerto, uertere, uerti, uersus 3 volto-me para
uir, i 2m. homem

ut ... absit para que ... cesse
ut ... ostenderent para promover (lit. ‘para que promovessem’)
ut conj. como; que, para que
VI (sex) seis
XXXI (viginti unum) trinta e um

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: participípios bonitos e feios, e o latim

Podemos admitir que falar “eu tinha feito” é bonito e “eu tinha fazido” é feio por causa do latim ou, mais precisamente, por causa de uns portugueses que achavam o latim bonito.

Provavelmente você deve achar – ainda hoje, ou já achou quando era criança – contraintuitivo falar “eu tinha aberto” em vez de “eu tinha abrido”, “eu tinha feito” em vez de “eu tinha fazido”. Afinal, com a imensa maioria dos verbos a regra é muito simples: eu acrescento um *-do* no fim do radical e pronto. Temos, então: *amar, amado; correr, corrido; ouvir, ouvido*; e assim por diante.

Pois bem. A questão é que no latim o processo era o mesmo: *amare, amatus; delere, deletus; audire, auditus*. Acontece que, na língua latina, os participípios de alguns verbos, principalmente os da terceira conjugação, apresentavam uma irregularidade: eles ‘se torciam’ e ficavam mais curtos – aliás, é por isso que a forma deles era chamada de ‘supino,’ porque metaforicamente ele se torcia (como você torce o braço pra ficar na posição de supino na academia).

Durante a formação do português, no período antigo da nossa língua, os falantes tinham generalizado a regra do *-ado, -ido*, e falavam *fazido* e *abrido* sem problemas. Porém, no período do português clássico, no século dezesseis, em especial durante o governo de Dom João Terceiro, da Dinastia de Avis, o rei queria deixar o português à altura das línguas clássicas e incentivou muitos intelectuais a intervir sobre a língua para deixá-la tão nobre quanto o grego e o latim clássicos.

Foi justamente nesse período em que começou a ser mais valorizado dizer: *aberto* em vez de *abrido*, porque em latim a forma era *apertus*; *feito* em vez de *fazido*, porque em latim a forma era *factus*; *eleito* em vez de *elegido*, porque em latim a forma era *electus*; *aceito* em vez de *aceitado*, porque em latim a forma era *acceptus*; *impresso* em vez de *imprimido*, porque em latim a forma era *impessus*; *extinto* em vez de *extinguido*, porque em latim a forma era *extintus*; e por aí vai.

Os ‘almofadinhas’ daquela época que amavam o latim e achavam o português da rua feio criaram essa regra que até hoje paira sobre a gente, de que o participípio curto é o mais bonito e o comprido é feio. Então, sempre que tiver um curto disponível, melhor usar esse aí.

E é justamente aí que acontece um *plot twist* interessante nessa história. Ocorre que muitos brasileiros, com a vontade legítima de querer falar bonito em determinadas situações, desenvolveram e generalizaram uma nova regra para formar participípios curtos (porque

afinal eles são os mais bonitos há 500 anos) que não tem nada a ver com o latim. Muitas vezes, um falante busca a forma curtinha no seu estoque mental, mas não encontra e então ele vai em busca de um padrão para encontrar essa forma.

Ele se pergunta: existe algum um padrão para derivar formas como *feito* (*fazer*), *revolto* (*revolver*), *aceso* (*acender*), *submerso* (*submergir*)? Provavelmente ele concluirá que não há sufixos como *-to* e *-so* disponíveis.

Mas então nosso falante se perguntará inconscientemente: ué, para *aceito* (*aceitar*), *atento* (*atentar*), *descalço* (*descalçar*), *expulso* (*expulsar*), *fixo* (*fixar*), *junto* (*juntar*), *salvo* (*salvar*), *solto* (*soltar*), *pago* (*pagar*), existe sim um padrão bem claro: *eu aceito* > *eu tinha aceito*; *eu expulso* > *eu tinha expulso*; *eu salvo* > *eu tinha salvo* etc.

Então, na dúvida, por medo de errar, em vez de usar a forma regular (já que “é feio falar *abrido*”), ele acaba criando um novo particípio rizotônico espelhado na forma da primeira pessoa, por exemplo, “Tinha *abro* essa exceção”. Isso mesmo! Esse é um exemplo real extraído de um corpus de fala.

Exemplos como “eu tinha *chego*, eu tinha *trago*, eu tinha *perco*” já são bem normais e ninguém percebe, mas nós também encontramos ocorrências abundantes de coisas como “eu tinha *falo*, eu tinha *compro*, eu tinha *escrevo*, eu tinha *faço*.”

E esse rebuliço todo, meus amigos, por causa de meia dúzia de portugueses que enfiaram à força latim antigo no português sem necessidade, só para deixar a língua mais chique.

Se quiser conferir os detalhes das mudanças que tentamos descrever aqui de forma simples e bem humorada, confira o artigo:

Queriquelli, L. H. M. (2018). Os particípios rizotônicos emergentes no português brasileiro e sua gênese histórica. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 20(1), 47-59.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção E

1. O que são particípios rizotônicos e arrizotônicos?
2. Qual particípio é mais bem avaliados pelos falantes de português, isto é, qual é considerado mais bonito: o rizotônico ou o arrizotônico?
3. Porque corre essa avaliação e qual a relação dela com o latim?
4. De que forma a avaliação positiva sobre os particípios clássicos acabou resultando em um novo processo de derivação no português brasileiro vernacular?

Litterae Latinae: a prosa de Cícero

Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), orador e filósofo romano, é frequentemente referido como o maior expoente da prosa latina. Seu prestígio alcançou tamanha grandeza que Quintiliano, em Instituição Oratória (95 d.C.), chegou a propor ‘que Cícero já não fosse mais considerado o nome de um homem, mas sim o da própria eloquência’: *ut Cicero iam non hominis nomen, sed eloquentiae habeatur* (Quint. Inst. 10.1.112).

Cícero deixou um legado vasto às letras latinas, que inclui discursos, tratados de retórica e filosofia, e cartas. Entre os discursos, destacam-se as famosas Catilinárias. Entre os tratados, são famosos *De Oratore*, *Brutus*, *De Re Publica* e *De Officiis*. Suas cartas mais conhecidas, por sua vez, são aquelas intituladas *Ad Familiares*.

Embora menos conhecidos, seus discursos de acusação contra Verres, um político corrupto que tinha cometido uma série de crimes hediondos durante seu governo na Sicília, são uma bela amostra das virtudes literárias de Cícero e do modo como ele se aproveitou de seu talento nas letras para ascender na sociedade romana. Na Roma antiga, era quase impossível, para alguém que não fosse nascido numa família com tradição na política, ingressar e chegar ao topo do *cursus honorum*, tornando-se senador e ocupando o cargo executivo de cônsul. Cícero, porém, mesmo sendo um *homo nouus* na cena política, em 70 a.C., aproveita a oportunidade de defender a causa dos sicilianos contra Verres para alçar-se ao topo da sociedade romana às custas de seu talento literário.

As Verrinas e o caso da crucificação de Gávio

Para efeitos ilustrativos, vamos expor aqui um trecho da quarta ‘Verrina,’ onde Cícero aborda o caso de Gávio, um cidadão romano que, injustamente, foi brutalmente torturado e crucificado por ordem de Verres. O status de cidadão romano conferia certos direitos e proteções, inclusive o direito a um julgamento justo e a proteção contra punições cruéis e injustas. A crucificação de um cidadão romano era vista como uma violação extrema desses direitos e era particularmente ofensiva ao senso romano de justiça:

[169] *Sed quid ego plura de Gavio? quasi tu Gavio tum fueris infestus ac non nomini generi iuri civium hostis. Non illi, inquam, homini sed causae communi libertatis inimicus fuisti. Quid enim attinuit, cum Mamertini more atque instituto suo crucem fixissent post urbem in via Pompeia, te iubere in ea parte figere quae ad fretum spectaret, et hoc addere,—quod negare nullo modo potes, quod omnibus audientibus dixisti palam,—te idcirco illum locum deligere, ut ille, quoniam se civem Romanum esse diceret, ex cruce Italiam cernere ac domum suam prospicere posset? Itaque illa crux sola, indices, post conditam Messanam illo in loco fixa est. Italiae conspectus ad eam rem ab isto delectus est, ut ille in dolore cruciatuque moriens perangusto fretu divisa servitutis ac libertatis iura cognosceret, Italia autem alumnum suum servitutis extremo summoque supplicio adfixum videret.*

[170] *Facinus est vincire civem Romanum, scelus verberare, prope parricidium necare: quid dicam in crucem tollere? Verbo satis digno tam nefaria res appellari nullo modo potest. Non fuit his omnibus iste contentus; 'spectet,' inquit, 'patriam; in conspectu legum libertatisque moriatur.' Non tu hoc loco Gavium, non unum hominem nescio quem, sed communem libertatis et civitatis causam in illum cruciatum et crucem egisti. Iam vero videte hominis audaciam! Nonne eum graviter tulisse arbitramini quod illam civibus Romanis crucem non posset in foro, non in comitio, non in rostris defigere? Quod enim his locis in provincia sua celebritate simillimum, regione proximum potuit, elegit; monumentum sceleris audaciaeque suae voluit esse in conspectu Italiae, vestibulo Siciliae, praetervectione omnium qui ultro citroque navigarent.*

[171] *Si haec non ad civis Romanos, non ad aliquos amicos nostrae civitatis, non ad eos qui populi Romani nomen audissent, denique si non ad homines verum ad bestias, aut etiam, ut longius progrediar, si in aliqua desertissima solitudine ad saxa et ad scopulos haec conqueri ac deplorare vellem, tamen omnia muta atque inanima tanta et tam indigna rerum acerbitate commoverentur. Nunc vero cum loquar apud senatores populi Romani, legum et iudiciorum et iuris auctores, timere non debeo ne non unus iste civis Romanus illa cruce dignus, ceteri omnes simili periculo indignissimi inducentur.*

[169] Mas o que mais devo dizer sobre Gávio? – como se tu fosses inimigo apenas de Gávio, e não de todo o nome, raça e direito dos cidadãos. Tu foste inimigo, não daquele homem, mas da causa comum da liberdade. Afinal, o que significou – depois que os Mamertinos fixaram a cruz, segundo o costume local, atrás da cidade, na via Pompeia – tu ordenares que fosse fixada na parte virada para o estreito, e acrescentares – o que de modo algum podes negar, pois disseste abertamente diante de todos – que escolhias aquele lugar para que ele, já que dizia ser cidadão romano, pudesse ver a Itália da cruz e vislumbrar sua casa? Assim, aquela cruz, senhores juízes, foi a única fixada naquele lugar desde a fundação de Messina. A visão da Itália foi escolhida para aquele ato pelo acusado, para que Gávio, morrendo em dor e tortura, pudesse enxergar os direitos da servidão e da liberdade separados por um canal muito estreito, e a Itália pudesse ver seu filho preso na punição extrema da servidão.

[170] É um crime amarrar um cidadão romano, é uma maldade espancá-lo, é quase um parricídio matá-lo; o que eu diria de erguê-lo na cruz? De modo algum se pode chamar com uma palavra suficientemente digna uma coisa tão nefasta. Ele não estava satisfeito com tudo isso; ‘Que ele veja,’ disse, ‘a pátria; que morra à vista das leis e da liberdade.’ Não fizeste isso simplesmente com Gávio, com um homem qualquer, mas com a causa comum da liberdade e da cidadania que conduziste àquela tortura e àquela cruz. Agora vejam a audácia desse homem! Não pensam que ele ficou profundamente incomodado por não poder fixar aquela cruz no fórum, no comício, ou nos púlpitos para os cidadãos romanos? Pois ele escolheu o lugar mais semelhante em celebridade, o mais próximo em localização que pôde na sua província; ele quis que o monumento de seu crime e audácia fosse à vista da Itália, na entrada da Sicília, para todos que navegassem de um lado para o outro.

[171] Se eu não estivesse me queixando disso a cidadãos romanos, a amigos de nossa cidade, àqueles que ouviram o nome do povo romano, mas a animais, ou até mesmo, para ir mais longe, se estivesse me queixando disso em alguma solidão deserta para rochas e penhascos, mesmo assim todas as coisas mudas e inanimadas se comoveriam por tal amargura e indignidade dos acontecimentos. Agora, contudo, quando falo perante senadores do povo romano, autores de leis e julgamentos e direitos, não devo temer que apenas este cidadão romano seja julgado digno daquela cruz, enquanto todos os outros são julgados totalmente indignos de um perigo semelhante.

O estilo da prosa de Cícero nas Verrinas é marcado por uma combinação de veemência retórica, estrutura lógica e uso expressivo da linguagem, características que emergem claramente neste trecho. Façamos uma pequena análise desses recursos combinados:

- **Amplificação retórica:** Cícero utiliza uma retórica poderosa para condenar os atos de Verres. Ele não apenas acusa Verres de crimes específicos contra Gávio, mas também amplia a acusação para englobar uma ofensa contra a liberdade e a cidadania romanas. Este recurso de *amplificação retórica* é característico de Cícero, que frequentemente utiliza exemplos individuais para ilustrar um problema maior e mais generalizado.
- **Concatenação:** a argumentação de Cícero é estruturada de maneira lógica e sequencial, num discurso repleto de subordinâncias e intercalações meticulosamente calculadas. Ele começa detalhando o crime específico, depois amplia a discussão para a implicação mais ampla do ato, e finalmente apela aos valores e princípios romanos. Essa *concatenação* ajuda a conduzir o interlocutor de um ponto a outro de maneira clara e persuasiva.
- **Uso de contrastes:** Cícero faz uso eficaz de contrastes para enfatizar sua mensagem. Ele contrasta a condição de Gávio na cruz com a visão da Itália livre, e mais adiante, contrasta a dignidade das leis e da liberdade romanas com a indignidade do ato de Verres. Este uso

de *contraste* não apenas destaca a gravidade do crime, mas também apela emocionalmente ao público.

- Resposta emocional: o texto está repleto de apelos emocionais, uma técnica que Cícero usa para engajar seu público e incitar uma *resposta emocional*. Ele descreve vividamente a dor e o sofrimento de Gávio, a injustiça do ato, e a afronta à dignidade romana. Essas descrições são destinadas a provocar indignação e compaixão no leitor.
- Referências culturais e legais: Cícero reforça seu argumento fazendo *referência a costumes e leis* romanas. Ao afirmar que é um crime amarrar, espancar e crucificar um cidadão romano, ele não está apenas declarando sua opinião, mas apelando para uma norma legal e cultural aceita por seu público. Esta estratégia confere autoridade ao seu discurso e fortalece seu apelo à justiça.
- Utilização de perguntas retóricas: as perguntas retóricas são usadas para sublinhar a incredulidade e a condenação de Cícero perante os atos de Verres. Elas envolvem o interlocutor, convidando-o a compartilhar da indignação e a considerar a gravidade dos crimes descritos.

Este trecho das Verrinas é um excelente exemplo do estilo de prosa de Cícero, que combina técnica retórica, lógica argumentativa, sofisticação sintática, visão aguda da natureza humana e apelo emocional.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Como a literatura contribuiu para a ascensão política de Cícero?
2. Explique, em seus próprios termos, os recursos de amplificação retórica, concatenação, contrastes e resposta emocional utilizados por Cícero nas Verrinas.

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente ler e traduzir a seguinte passagem de uma das cartas de Cícero ao seu amigo Tito Pompônio Ático. Nela, ele demonstra surpresa e tristeza por causa da morte de seu amigo Alexião, um médico, refletindo sobre a falta que sentirá da personalidade e das qualidades humanas de Alexião, mais do que de suas habilidades médicas, e expressa preocupação com a fragilidade humana. Cícero conclui que, apesar da dor, devemos aceitar as condições da vida humana, incluindo a inevitabilidade da morte.

O texto tem uma estrutura bem simples: Cícero começa lamentando a morte de Alexião (*O factum male de Alexione!*) e diz que isso lhe causou sofrimento (*molestia adfecerit*) não por certos motivos (*nec ... ex ea parte*), mas por outros (*erga me*) e acrescenta uma preocupação adicional (*etiam illud*); conclui, por fim, dizendo que contudo há um consolo (*sed ad haec omnia una consolatio est*). Bom trabalho e boa leitura!

O factum male de Alexione! incredibile est quanta me molestia adfecerit, nec — mehercule — ex ea parte maxime quod plerique mecum, 'ad quem igitur te medicum conferes?' quid mihi iam medico? aut si opus est, tanta inopia est? amorem erga me, humanitatem suavitatemque desidero; etiam illud: quid est quod non pertimescendum sit cum hominem temperantem, summum medicum tantus improviso morbus oppresserit? sed ad haec omnia una consolatio est, quod ea condicione nati sumus: ut nihil quod homini accidere possit recusare debeamus. (Cicero, *Ad Atticum* 15.1.1)

Vocabulário:

accido, accidere, accidi, accisus 3 acontecer
ad prep. (+ acus.) a, para
adficio, adficere, adfeci, adfectus 3 causar
Alexio, Alexionis 3 Alexião
amor, amoris 3 amor
aut conj. ou
condicio, condicionis 3f. condição
confero, conferre, contuli, collatus 3 designar, escolher
consolatio, consolationis 3f. consolo
cum conj. quando; em *cum ... tantus improviso morbus oppresserit* ‘quando uma doença tão grande repentinamente ataca’
de prep. (+ abl.) de, sobre
debeamus subj. pres. de *debeo*; cf. *ut*
desidero, desiderare, desideravi, desideratus 1 desejar
is, ea, id pron. esse, ele
erga prep. (+ acus.) no que diz respeito a, quanto a
etiam conj. ainda, também
ex prep. (+ abl.) por causa de
factum, i 2n. acontecimento, fato
hic, haec, hoc pron. este, ele
homo, hominis 3m. homem
humanitas, humanitatis 3f. humanidade, gentileza
iam adv. já, agora
igitur conj. portanto
ille, illa, illud pron. aquele, ele
improviso adv. de repente
incredibilis, e adj. incrível
inopia, ae 1f. falta, escassez, carência
male adv. mal
maxime adv. principalmente, tanto; em *nec ... ex ea parte maxime* ‘e não tanto pela questão’
me acus. de *ego* ‘me’
mecum abl. de *ego* ‘comigo’
medicus, i 2m. médico
mehercule interj. por Hércules!
mihi dativo de *ego*
molestia, ae 1f. sofrimento
morbus, i 2m. doença
nascor, nasci, natus sum 3 nascer
nec conj. nem, e não

nihil (indeclinável) nada
non adv. não
o interj. oh
omnis, e adj. todo
oppresserit subj. perf. de *opprimo* lit. ‘tenha atacado’; cf. *cum*
opus est loc. verbal ‘é necessário’
pars, partis 3f. parte
pertimescendum gerundivo de *pertimesco*; cf. *quid*
plerusque, -aque, umque adj. maioria
possit subj. pres. de *possum* lit. ‘possa’; em *nihil quod homini accidere possit recusare* ‘recusar nada que possa acontecer a um ser humano’
quantus, a, um adj. quanto
qui, quae, quod pron. interr. adj. que, qual
quid pron. interr. o que, por que; em *quid mihi iam medico?* ‘por que um médico para mim agora?’; em *quid est quod non pertimescendum sit cum* ‘o que há que não deva ser temido quando’.
quod pron. rel. que
recuso, recusare, recusavi, recusatus 1 recusar
sed conj. mas
si conj. se
sit subj. pres. de *sum*; cf. *quid*
suavitatemque = et suavitatem; suavitas, suavitatis 3f. suavidade
summus, a, um adj. grande, excelente
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tantus, a, um adj. tanto, tão grande
te acus. de *ego*
temperantis, e adj. moderado
unus, a, um num. um
ut conj. que, de que; em *condicione nati sumus ut nihil ... debeamus* ‘nascemos com a condição de que não devemos’

Seção F

Pontos de língua

- imperfeito do indicativo ativo (regulares e depoentes);
- *quidam*;
- infinitivos (pres., perf. e futuro) e orações infinitivas (ACIs);
- discurso indireto (ou reportado);
- *nego*;
- ablativo: revisão e aprofundamento;
- genitivo de descrição;
- *alius, aliquis* e *ipse*;
- mais-que-perfeito do indicativo ativo (regulares e depoentes);
- pronome relativo: *qui, quae, quod*;
- relativo de ligação.

F1 Imperfeito do indicativo ativo (regulares e depoentes)

Já conhecemos dois dos tempos verbais que levam o radical do aspecto *infectum*: o presente e o futuro. Agora finalmente conheceremos o terceiro e último tempo verbal que se forma a partir desse radical: o pretérito imperfeito.

Imperfeito dos verbos regulares - voz ativa:

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	<i>amabam</i>	eu amava	<i>habebam</i>	eu tinha	<i>dicebam</i>	eu dizia	<i>audiebam</i>	eu ouvia
<i>tu</i>	<i>amabas</i>	tu amavas / você amava	<i>habebas</i>	tu tinhas / você tinha	<i>dicebas</i>	tu dizias / você dizia	<i>audiebas</i>	tu ouvias / você ouvia
-	<i>amabat</i>	ele amava	<i>habebat</i>	ele tinha	<i>dicebat</i>	ele dizia	<i>audiebat</i>	ele ouvia
<i>nos</i>	<i>amabamus</i>	nós amávamos	<i>habebamus</i>	nós tínhamos	<i>dicebamus</i>	nós dizíamos	<i>audiebamus</i>	nós ouvíamos
<i>uos</i>	<i>amabatis</i>	vocês amavam	<i>habebatis</i>	vocês tinham	<i>dicebatis</i>	vocês diziam	<i>audiebatis</i>	vocês ouviam
-	<i>amabant</i>	eles amavam	<i>habebant</i>	eles tinham	<i>dicebant</i>	eles diziam	<i>audiebant</i>	eles ouviam

Imperfeito dos depoentes:

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	<i>conabar</i>	eu tentarei	<i>merebar</i>	eu merecerei	<i>sequebar</i>	eu seguirei	<i>oriebar</i>	eu surgirei
<i>tu</i>	<i>conabaris</i>	tu tentará / você tentará	<i>merbaris</i>	tu merecerás / você merecerá	<i>sequebaris</i>	tu seguirás / você seguirá	<i>oriebaris</i>	tu surgirá / você surgirá
-	<i>conabatur</i>	ele tentará	<i>merebatur</i>	ele merecerá	<i>sequebatur</i>	ele seguirá	<i>oriebatur</i>	ele surgirá
<i>nos</i>	<i>conabamur</i>	nós tentaremos	<i>merebamur</i>	nós mereceremos	<i>sequebamur</i>	nós seguiremos	<i>oriebamur</i>	nós surgiremos
<i>uos</i>	<i>conabamini</i>	vocês tentarão	<i>merebamini</i>	vocês merecerão	<i>sequebamini</i>	vocês seguirão	<i>oriebamini</i>	vocês surgirão
-	<i>conabantur</i>	eles tentarão	<i>merebantur</i>	eles merecerão	<i>sequebantur</i>	eles seguirão	<i>oriebantur</i>	eles surgirão

Imperfeito dos irregulares:

	<i>sum</i>		<i>eo</i>		<i>possum</i>	
<i>ego</i>	<i>era</i>	eu era	<i>ibam</i>	eu ia	<i>poteram</i>	eu podia
<i>tu</i>	<i>eras</i>	tu eras / você era	<i>ibas</i>	tu ias / você ia	<i>poteras</i>	tu podias / você podia
-	<i>erat</i>	ele era	<i>ibat</i>	ele ia	<i>poterat</i>	ele podia

<i>nos</i>	<i>eramus</i>	nós éramos	<i>ibamus</i>	nós íamos	<i>poteramus</i>	nós podíamos
<i>uos</i>	<i>eratis</i>	vocês eram	<i>ibatis</i>	vocês iam	<i>poteratis</i>	vocês podiam
-	<i>erant</i>	eles eram	<i>ibant</i>	eles iam	<i>poterant</i>	ele podiam

Perceba, primeiramente, que a formação desse tempo verbal é extremamente regular: temos o radical do *infectum* + *ba*⁵⁹ (des. imperf.) + des. pessoal para todas as conjugações, tanto dos verbos regulares quanto dos depoentes.

A única diferença digna de nota é o fato de que, na 1ª e 2ª conj., não temos nada entre o radical e a desinência, ao passo que, na 3ª e 4ª conj., temos a vogal de ligação *-e-* entre radical e desinência.

Em termos de sentido, o imperfeito latino, assim como sua forma análoga em português, refere-se a uma ação anterior ao momento da fala e que, no passado, não foi finalizada, podendo ter sido, por exemplo, interrompida por outro acontecimento:

Cenabam ubi ille aduenit ‘Eu jantava quando ele chegou’

Além disso, o imperfeito latino, assim como o português, também pode marcar aspecto continuativo ou aspecto habitual:

Illo tempore dormiebam ‘Eu estava dormindo naquela hora’

Illo tempore multum litigabamus ‘Naquela época brigávamos muito’

Contudo, há sentidos expressos pelo imperfeito latino que não encontram correspondência no imperfeito português. O imperfeito latino, por exemplo, podia marcar *aspecto incoativo* (uma ação que se começa a realizar) ou *aspecto conativo* (uma ação que se tenta realizar), sentidos para cuja expressão o português recorre a outras formas:

Loquebar, sed ille me interpellauit ‘Eu comecei a falar, mas ele me interrompeu’

Ianuam caedebat, sed non potuit ‘Ele tentou derrubar a porta, mas não conseguiu’

F2 *Quidam*

Já conhecemos pronomes possessivos, pessoais e demonstrativos, estes últimos capazes de atribuir definitude a um substantivo, funcionando de maneira análoga a um artigo definido muitas vezes. O pronome indefinido *quidam*, que iremos conhecer agora, atribui indefinitude ao substantivo com que concorda, funcionando de maneira análoga a um artigo indefinido. Começemos, como de costume, pela sua morfologia:

⁵⁹ A desinência do imperfeito latino (*-ba-*) derivou a desinência do imperfeito português (*-va-*), com a mera alternância entre *b* e *v*, existente ainda em latim, por causa de um fenômeno chamado ‘betacismo,’ o mesmo que causa variações hoje em dia, como *bergamota* vs. *vergamota*, *travesseiro* vs. *trabesseiro*, *bravo* vs. *brabo* etc.

Casos	Singular			Plural		
	Masc.	Femin.	Neutro	Masc.	Femin.	Neutro
nom.	<i>quidam</i>	<i>quaedam</i>	<i>quiddam</i>	<i>quidam</i>	<i>quaedam</i>	<i>quaedam</i>
gen.	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>quorundam</i>
acus.	<i>quendam</i>	<i>quandam</i>	<i>quiddam</i>	<i>quendam</i>	<i>quandam</i>	<i>quaedam</i>
dat.	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>quibusdam</i>
abl.	<i>quodam</i>	<i>quadam</i>	<i>quodam</i>	<i>quodam</i>	<i>quadam</i>	<i>quibusdam</i>

Como se pode observar, temos aqui basicamente o pronome adjetivo *qui, quae, quod*, que já conhecemos, acrescido do sufixo *-dam*.

O sentido é o de ‘certo,’ como em ‘certa pessoa,’ ‘certo homem’ etc. Por exemplo:

Quaedam personae sui iuris sunt, quaedam alieno iuri subiectae sunt. ‘Certas pessoas são donas de si, outras estão sujeitas a terceiros’

Eventualmente *quidam* também pode ter o sentido de ‘algum,’ como neste epigrama de Marcial:

Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura quae legis hic ‘Das coisas que lêis aqui, algumas são boas, algumas são médias, muitas são más’ (Marcial, *Ep.* 16.16)

Outras vezes, funciona como um simples artigo indefinido, como neste aforisma de Publílio Siro:

Quidam inimici graves, amici sunt leves ‘Uns são temíveis como inimigos, mas desprezíveis como amigos’

F3 Infinitivos (pres., perf. e futuro) e orações infinitivas (ACIs)

Até aqui já conhecemos o infinitivo presente ativo dos verbos regulares, marcados pela desinência *-re* (como *amare, habere, dicere, audire*) e o infinitivo presente dos verbos depoentes, marcados por *-ri* ou *-i* (como *conari, mereri, sequi, oriri*). Agora veremos que o latim também dispunha de infinitivos que marcam tempo passado (perfeito) e futuro. Vejamos:

ativos								
pres.	<i>amare</i>	amar	<i>habere</i>	ter	<i>dicere</i>	dizer	<i>audire</i>	ouvir
perf.	<i>amavisse</i>	ter amado	<i>habuisse</i>	ter tido	<i>dixisse</i>	ter dito	<i>audivisse</i>	ter ouvido
fut.	<i>amaturus esse</i>	estar para amar	<i>habiturus esse</i>	estar para ter	<i>dicturus esse</i>	estar para dizer	<i>auditurus esse</i>	estar para ouvir
depoentes								
pres.	<i>conari</i>	tentar	<i>mereri</i>	merecer	<i>sequi</i>	seguir	<i>oriri</i>	surgir
perf.	<i>conatus esse</i>	ter tentado	<i>meritus esse</i>	ter merecido	<i>secutus esse</i>	ter seguido	<i>oritus esse</i>	ter surgido
fut.	<i>conaturus esse</i>	estar para tentar	<i>meriturus esse</i>	estar para merecer	<i>secuturus esse</i>	estar para seguir	<i>oriturus esse</i>	estar para surgir

O infinitivo perfeito dos verbos ativos regulares é formado pelo radical do *perfectum* (cf. E2) e a desinência *-isse*. Já o infinitivo perfeito dos depoentes é uma forma composta, formada pelo particípio perfeito (cf. E3 e E10) e *esse*, sendo que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito do infinitivo, como veremos nos exemplos adiante.

O infinitivo futuro, tanto dos verbos ativos regulares quanto dos depoentes, é uma forma composta, formada pelo particípio futuro (cf. E10) e *esse*. Veremos adiante que o infinitivo futuro passivo também é uma forma composta, porém formada por outras formas.

O infinitivo, como já sabemos, é uma forma nominal do verbo, que funciona como um substantivo, ocupando as funções de sujeito ou objeto direto. É comum encontrarmos exemplos de infinitivos subjetivos em orações com verbo de ligação, como: *amare bonum est* ‘amar é bom;’ *habere necesse est* ‘ter é necessário;’ *dicere laus est* ‘dizer é louvável;’ *audire diuum est* ‘ouvir é divino.’ Os mesmos exemplos, aliás, poderiam ser construídos com os outros tempos do infinitivo: *amauisse bonum est* ‘ter amado é bom;’ *auditurum esse diuum est* ‘estar para ouvir é divino.’

É também comum encontrarmos o infinitivo na posição de objeto, por exemplo: *amare uolo* ‘quero amar;’ *habere iubeo* ‘ordeno ter;’ *dicere nolo* ‘não quero dizer;’ *audire malo* ‘prefiro ouvir.’ Contudo perceba que, embora muitas vezes não nos demos conta, esses infinitivos objetivos têm um sujeito presumido, e nesses exemplos dados tal sujeito é o mesmo da oração principal. Assim temos: ‘eu quero [eu] amar,’ ‘eu ordeno [eu] ter,’ ‘eu não quero [eu] dizer,’ ‘eu prefiro [eu] ouvir.’ Apenas não nos damos conta disso porque não precisamos explicitar seu sujeito já que, por ser o mesmo da principal, sua inferência é automática.

No entanto, tanto em latim como em português, pode ocorrer que o sujeito do infinitivo na posição de objeto não seja o mesmo do verbo principal. Repare, por exemplo, nestes usos: ‘eu *te* ordeno ler o livro;’ ‘ela *o* viu abrir a porta.’ Na primeira sentença, ‘te’ é tanto o objeto de ‘ordeno’ quanto o sujeito de ‘ler.’ O mesmo ocorre, na segunda, com o pronome ‘o.’ Essa era uma estrutura muitíssimo frequente em latim, conhecida como ACI (acusativo com infinitivo), na qual o acusativo regido por um dado verbo é também sujeito do infinitivo na oração subordinada. Os exemplos formulados, a propósito, poderiam ser vertidos ao latim por: *ego te librum legere iubeo* e *illam eum ianuam aprire uidit*.

Ocorre que, se toda ACI pode ser vertida literalmente do português ao latim, por outro lado, a maioria das ACIs em latim não pode ser traduzida literalmente para o português, por conta de certas restrições gramaticais da nossa língua. Voltemos aos exemplos formulados antes, acrescentando mais termos às orações:

te me amare uolo lit. ‘quero tu* me amar’ = ‘quero que tu me ames’

eam curam habere iubeo lit. ‘ordeno ela* ter cuidado’ = ‘ordeno que ela tenha cuidado’

uos unum uerbum dicere nolo lit. ‘não quero vocês* dizer uma palavra’ = ‘não quero que vocês digam uma palavra’

nos musicam bonam audire malo lit. ‘prefiro nós* escutar música boa’ = ‘prefiro que nós escutemos música boa’

Perceba que, intencionalmente, na primeira tradução literal, optamos pela forma nominativa dos pronomes que acumulam as funções de objeto e sujeito (tu, ela, vocês, nós) para que a agramaticalidade da sentença ficasse evidente e para que assim conseguíssemos entender melhor a estrutura. O mais importante, contudo, é entender que, não podendo reproduzir a estrutura de ACI em português, nossa opção mais apropriada é converter a oração infinitiva em uma oração subjuntiva introduzida pela conjunção integrante *que* ('que tu me ames,' 'que ela tenha cuidado,' 'que vocês digam uma palavra,' 'que nós escutemos música boa').

Repare também que, seguindo a ordem natural da frase latina, normalmente o primeiro acusativo de uma ACI é o sujeito do infinitivo e os demais, se houver, será objeto daquele infinitivo que casualmente rege acusativo. Por exemplo, em *te me amare uolo*, *te* é o primeiro acus. (portanto, suj. do inf.) e *me* é o segundo acus. (portanto, objeto de *amare*).

Como você já deve ter imaginado, podemos substituir qualquer um daqueles infinitivos presentes por suas formas perfeitas ou futuras, e nesse caso teremos de fazer ajustes na tradução. Vejamos:

te me amauisse uolo lit. 'quero tu* me ter amado = 'quero que tu me tenhas amado'

eam curam habituram esse iubeo lit. 'ordeno ela* estar para ter cuidado' = 'ordeno que ela venha a ter cuidado'

uos unum uerbum dixisse nolo lit. 'não quero vocês* ter dito uma palavra' = 'não quero que vocês tenham dito uma palavra'

nos musicam bonam audituros esse malo lit. 'prefiro nós* estarmos para escutar música boa' = 'prefiro que nós venhamos a escutar música boa'

Os mesmos ajustes valem para sentenças com verbos depoentes:

te lectionem facere conari rogo lit. 'peço tu* tentar fazer a lição' = 'peço que tu tentes fazer a lição'

te lectionem facere conaturum esse rogo lit. 'peço tu* estar para tentar fazer a lição' = 'peço que tu venhas a tentar fazer a lição'

me bona exempla sequi malebat lit. 'ele preferia eu* seguir bons exemplos' = 'ele preferia que eu seguisse bons exemplos'

me bona exempla secuturum esse malebat lit. 'ele preferia eu* estar para seguir bons exemplos' = 'ele preferia que eu viesse a seguir bons exemplos'

F4 Discurso indireto (ou reportado)

Agora que já conhecemos as ACIs, podemos conhecer alguns recursos típicos que se apoiam nesse tipo de construção. Um deles consiste no chamado discurso indireto, ou discurso reportado.

Em português, como em latim, quando anunciamos a fala de alguém, podemos fazer de maneira direta ou indireta. Por exemplo:

Discurso direto: Pedro disse: ‘Estou cansado.’

Discurso indireto: Pedro disse que estava cansado.

Em latim, o discurso direto se constrói do mesmo modo que em português, porém o discurso indireto normalmente se serve de uma ACI. Exemplo:

Discurso direto: *Petrus dixit: ‘lassus sum.’*

Discurso indireto: *Petrus lassus esse dixit.*

Quando a ação reportada estiver no passado ou no futuro, o infinitivo da ACI também muda de tempo, por exemplo:

Pedro disse que trabalhou muito > *Petrus multum laborauisse* (inf. perf.) *dixit*

Pedro disse que vai trabalhar muito amanhã > *Petrus cras multum laboraturus esse* (inf. fut.) *dixit*

Atenção: eventualmente, alguns autores, por razões estilísticas, omitem o *esse* das formas compostas de infinitivo. Nesses casos, devemos deduzir sua elipse ali.

F5 *Nego*

Além do verbo *dico* que usamos nos exemplos acima, todos os outros verbos *dicendi* (= ‘verbos de dizer’) em latim podem ser usados para introduzir discurso indireto. Um desses verbos é o verbo *nego*, que contém na própria raiz a negação da oração reportada. Por exemplo:

Petrus lassus esse negauit > Pedro negou estar cansado > Pedro disse que não estava cansado

Illi cras uenturi esse negauerunt > Eles negaram que viriam (lit. ‘estar para vir’) amanhã > Eles disseram que não viriam amanhã

Flauia illum uirum uisa esse negat > Flávia nega ter visto aquele homem > Flávia diz que não viu aquele homem

Repare que, em português, é mais usual que empreguemos um advérbio negativo junto ao verbo da oração reportada, em vez de usar o verbo *negar*, que para nós soa como mais formal ou erudito. Em latim, porém, tratava-se de uma construção muito comum.

F6 Ablativo: revisão e aprofundamento

Até aqui, já passamos por pelo menos quatro empregos do caso ablativo:

1. como complemento de preposições (*ab foro, in urbe, cum celeritate*);
2. em descrições (*uir magna sapientia, equus celeribus pedibus, femina pulchra voce*);
3. em construções temporais (*prima hora, decem annis*);
4. como advérbio de meio ou modo (*pedibus huc venit*).

Diante dessas ocorrências, podemos concluir que o ablativo tem genericamente três funções primordiais:

1. o ablativo de origem, ou ablativo propriamente dito, que indica o ponto a partir do qual a ação acontece (*actio ablata est*);
2. o ablativo locativo, que indica o local onde se está (*mari aegaeo navigare* ‘navegar no mar egeu’), uso do qual também deriva o ablativo temporal;
3. o ablativo instrumental, que indica o meio pelo qual a ação é executada.

Da primeira função primordial (origem), deriva o ablativo de comparação, que complementa adjetivos no grau comparativo: *clarior omnibus est* ‘ele mais famoso do que todos’, em variação livre com *clarior quam omnes*).

Da terceira função primordial (instrumento), derivam pelo menos outros quatro usos: os ablativos de circunstância, modo, usufruto e intensidade:

1. circunstância: *peruenit (cum) magna calamitate civitatis* lit. ‘veio com grande calamidade para a cidade,’ isto é, ‘veio trazendo grande calamidade para a cidade;’
2. os depoentes *utor* e *fruor* obrigatoriamente regem ablativo para indicar o que se usa: *ui usus est* ‘utilizou-se da força;’ *toro frutus est* ‘usufruiu da cama;’
3. modo: *summa celeritate peruenit* ‘chegou com a maior rapidez;’
4. intensidade: *multo expertior quam alii* lit. ‘em muito/com muita intensidade mais experiente do que os outros’ = ‘muito mais experiente do que os outros’

Perceba que todos esses usos derivados do ablativo instrumental de algum modo podem ser traduzidos por uma locução prepositiva introduzida por ‘com.’

Da segunda função primordial (locativo), também deriva um dos usos mais famosos do ablativo, o chamado *ablativo absoluto*, uso que denota uma circunstância:

te conductore, tranquillus sum ‘contigo como motorista/sendo tu motorista, estou tranquilo’

me amico, omnia habes ‘comigo como amigo/sendo eu amigo, tens tudo’

Esse uso era particularmente comum com participios. Por exemplo:

his dictis, abiit ‘essas coisas tendo sido ditas, foi embora’

hoc libro lecto, probationi promptus es ‘este livro tendo sido lido, estás pronto para o teste’

Perceba que há muitas alternativas para a tradução de um ablativo absoluto formado com participípio. Por exemplo: ‘uma vez ditas essas coisas,’ ‘dizendo essas coisas,’ ‘depois de dizer essas coisas’ etc.

F7 Genitivo de descrição

Assim como o ablativo pode ser usado para descrições nominais, também o genitivo tinha esse emprego. Perceba:

uir magna sapientia vs. *uir magnae sapientiae*: ‘homem com grande sabedoria’ vs. ‘homem de grande sabedoria;’

equus celeribus pedibus vs. *equus celerium pedium*: ‘cavalo com pés rápidos’ vs. ‘cavalo de pés rápidos;’

femina pulbra voce vs. *femina pulchrae uocis*: ‘mulher com voz bela’ vs. ‘mulher de voz bela.’

Em tese, ambos os casos podem ser usados em livre variação. No entanto, há uma tendência de que se prefira o ablativo quando a característica é temporária ou atribuída subjetivamente (como o adjetivo qualificativo) e de que se prefira o genitivo de descrição quando a característica é permanente ou inerente (como o adjetivo discriminativo; cf. A5).

F8 *Alius, aliquis; ipse e iste*

Já conhecemos pronomes indefinidos *nemo*, *nullus*, *alter* e *quidam*, e os pronomes demonstrativos *hic*, *is*, *ille* e *idem*. Agora, portanto, conheceremos outros dois indefinidos – *alius* e *aliquis* – e outros dois demonstrativos – *ipse* e *iste*.

Uma vez que já discutimos que o é um demonstrativo e um indefinido em E1 e F2, agora, portanto, prescindimos dessa explicação e podemos avançar na apresentação dos novos pronomes simplesmente:

alius, alia, aliud – outro, outra, outro

casos	singular			plural		
	masc.	femin.	neutro	masc.	femin.	neutro
nom.	<i>alius</i>	<i>alia</i>	<i>aliud</i>	<i>alii</i>	<i>aliae</i>	<i>alia</i>
gen.	<i>alius</i>	<i>alius</i>	<i>alius</i>	<i>aliorum</i>	<i>aliarum</i>	<i>aliorum</i>
acus.	<i>alium</i>	<i>aliam</i>	<i>alid</i>	<i>alios</i>	<i>alias</i>	<i>alia</i>
dat.	<i>alii</i>	<i>alii</i>	<i>alii</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>
abl.	<i>alio</i>	<i>alia</i>	<i>alio</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>

Em latim, *alter* e *alius* são pronomes que significam ‘outro,’ mas são usados em contextos ligeiramente diferentes.

Alter, como vimos (cf. D11), significa ‘o outro’ de dois. É usado quando se refere a um de dois itens, pessoas ou grupos: *alter ego* significa ‘outro eu;’ *alter alteri inimicus est* significa ‘um é inimigo do outro.’ Já, *alius* significa ‘outro’ de muitos. É usado quando há mais de dois itens, pessoas ou grupos em consideração, por exemplo: *alius aliud dicit* significa ‘um diz uma coisa, outro diz outra;’ *alius uir* significa ‘outro homem’ (implicando que há mais de dois homens).

aliquis, aliqua, aliquid (substantivo) – algum, alguma, alguém, algo, alguma coisa; *aliqui, aliqua, aliquod* (adjetivo) – algum, alguma, algo

		singular			plural		
		masc.	fem.	neutro	masc.	fem.	neutro
nom.	subst..	<i>aliquis</i>	<i>aliquis</i>	<i>aliquid</i>	<i>aliqui</i>	<i>aliquae</i>	<i>aliquae</i>
	adj.	<i>aliqui</i>	<i>aliquae</i>	<i>aliquod</i>			
ac.	subst..	<i>aliquem</i>	<i>aliquam</i>	<i>aliquid</i>	<i>aliquos</i>	<i>aliquas</i>	<i>aliquae</i>
	adj.			<i>aliquod</i>			
gen.			<i>alicuius</i>		<i>aliquorum</i>	<i>aliquarum</i>	<i>aliquorum</i>
dat.			<i>alicui</i>			<i>aliquibus (aliquis)</i>	
ab.		<i>aliquo</i>	<i>aliqua</i>	<i>aliquo</i>		<i>aliquibus (aliquis)</i>	

Já o pronome *aliquis* – de cuja forma acusativa, *aliquem*, deriva o nosso ‘alguém’ – é resultado da contração de *alius+quis*, portanto sua morfologia é a mesma do pronome *quis*. Além disso, tem um sentido semelhante a *quidam*, referindo-se a coisas ou pessoas de forma vaga ou indefinida. Dele também é derivado o advérbio de tempo *aliquando* ‘alguma vez.’ Observe esses exemplos:

Est aliquis aptus ad haec, non ad illa. ‘Uma pessoa tem capacidade para determinada coisa, mas não para outra.’

Est homini semper diligenti aliquid super. ‘À pessoa diligente, sempre há algo a fazer.’ (Publílio Siro)

Saepe homo rem aliquam vehementer agitat quam desiderat, sed, cum ad eam pervenerit, aliter sentire incipit. ‘Muitas vezes, o homem busca com ímpeto alguma coisa que deseja, mas, quando a consegue, começa a sentir de modo diferente.’ (Tomás de Kempis, *De Imitatione Christi* 4.39.5)

ipse – o mesmo, o próprio

	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>ipse</i>	<i>ipsa</i>	<i>ipsum</i>	<i>ipsi</i>	<i>ipsae</i>	<i>ipsa</i>
ac.	<i>ipsum</i>	<i>ipsam</i>	<i>ipsum</i>	<i>ipsos</i>	<i>ipsas</i>	<i>ipsa</i>
gen.		<i>ipsius</i>		<i>ipsorum</i>	<i>ipsarum</i>	<i>ipsorum</i>
dat.		<i>ipsi</i>			<i>ipsis</i>	
abl.	<i>ipso</i>	<i>ipsa</i>	<i>ipso</i>		<i>ipsis</i>	

iste – esse, este

	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>iste</i>	<i>ista</i>	<i>istud</i>	<i>isti</i>	<i>istae</i>	<i>ista</i>

ac.	<i>istum</i>	<i>istam</i>	<i>istud</i>	<i>istos</i>	<i>istas</i>	<i>ista</i>
gen.		<i>istius</i>		<i>istorum</i>	<i>istarum</i>	<i>istorum</i>
dat.		<i>isti</i>			<i>istis</i>	
abl.	<i>isto</i>	<i>ista</i>	<i>isso</i>		<i>istis</i>	

Em latim, *ipse* e *iste* são pronomes demonstrativos que servem para indicar ou enfatizar pessoas ou coisas, mas possuem usos e conotações diferentes.

Ipse é usado para dar ênfase à identidade da pessoa ou coisa mencionada, muitas vezes com uma conotação de autoidentificação ou de destacar que algo é feito pela própria pessoa ou coisa. Exemplos: *Caesar ipse venit* ‘O próprio César veio;’ *Magistra ipsa librum scripsit* ‘A própria professora escreveu o livro.’

Iste é usado para indicar algo ou alguém próximo ao interlocutor, ou para se referir a algo mencionado anteriormente na conversa. Pode ter uma conotação neutra ou, dependendo do contexto, pode ser usado de forma pejorativa: *Iste liber tuus est* ‘Esse livro é seu;’ *Quis est iste?* ‘Quem é esse?’

Diferenciando um do outro, podemos dizer que *ipse* é um pronome enfático que destaca a própria identidade de uma pessoa ou coisa, enquanto *iste* é um pronome demonstrativo que indica algo próximo ao interlocutor ou mencionado anteriormente, com possíveis conotações contextuais.

F9 Mais-que-perfeito do indicativo ativo (regulares e depoentes)

Em E2, quando estudamos o perfeito do indicativo, vimos que seu radical é o mesmo do mais-que-perfeito, comum aos tempos perfectivos (perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito):

aspecto <i>infectum</i>					aspecto <i>perfectum</i>				
pres.	ama-o-t⁶⁰ ‘ama’	habe-o-t ‘tem’	dic-i-o-t ‘diz’	audi-o-t ‘ouve’	pret. perf.	amau-o-it ‘amou’	habu-o-it ‘teve’	dix-o-it ‘disse’	audiu-o-it ‘ouviu’
futuro imperf.	ama-bi-t ‘amará’	habe-bi-t ‘terá’	dic-e-t ‘dirá’	audi-e-t ‘ouvirá’	m-q- perf.	amau-era-t ‘amará’	habu-era-t ‘tivera’	dix-era-t ‘dissera’	audiu-era-t ‘ouvirá’
pret. imperf.	ama-ba-t ‘amava’	habe-ba-t ‘tinha’	dic-e-ba-t ‘dizia’	audi-e-ba-t ‘ouvia’	fut. perf.	amau-eri-t ‘terá amado’	habu-eri-t ‘terá tido’	dix-eri-t ‘terá dito’	audiu-eri-t ‘terá ouvido’

Agora, portanto, cientes disso, vamos conhecer o pretérito mais-que-perfeito ou simplesmente mais-que-perfeito do indicativo, dos verbos ativos e depoentes:

Verbos ativos regulares:

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	<i>amaeram</i>	eu amara	<i>habueram</i>	eu tivera	<i>dixeram</i>	eu dissera	<i>audiueram</i>	eu ouvira
<i>tu</i>	<i>amaeras</i>	tu amaras / você amara	<i>habueras</i>	tu tiveras / você tivera	<i>dixeras</i>	tu dissera / você dissera	<i>audiueras</i>	tu ouviras / você ouvira
-	<i>amaerat</i>	ele amara	<i>habuerat</i>	ele tivera	<i>dixerat</i>	ele dissera	<i>audiuerat</i>	ele ouvira
<i>nos</i>	<i>amaeramus</i>	nós amáramos	<i>habueramus</i>	nós tivéramos	<i>dixeramus</i>	nós disséramos	<i>audiueramus</i>	nós ouvíramos

⁶⁰ O sinal *o* representa um ‘zero morfológico’, isto é, não existe nenhuma marca realizada ali, mas essa ausência é significativa (no caso, ali, é desinência de tempo presente).

<i>uos</i>	<i>amaueratis</i>	vocês amaram	<i>habueratis</i>	vocês tiveram	<i>dixeratis</i>	vocês disseram	<i>audiueratis</i>	vocês ouviram
-	<i>amauerant</i>	eles amaram	<i>habuerant</i>	eles tiveram	<i>dixerant</i>	eles disseram	<i>audiuerant</i>	eles ouviram

Depoentes:

	<i>conari</i> 'tentar' (1ª conj.)	<i>mereri</i> 'merecer' (2ª conj.)	<i>sequi</i> 'seguir' (3ª conj.)	<i>oriri</i> 'surgir' (4ª conj.)
<i>ego</i>	<i>conatus eram</i>	<i>meritus eram</i>	<i>secutus eram</i>	<i>oritus eram</i>
<i>tu</i>	<i>conatus eras</i>	<i>meritus eras</i>	<i>secutus eras</i>	<i>oritus eras</i>
-	<i>conatus erat</i>	<i>meritus erat</i>	<i>secutus erat</i>	<i>oritus erat</i>
<i>nos</i>	<i>conati eramus</i>	<i>meriti eramus</i>	<i>secuti eramus</i>	<i>oriti eramus</i>
<i>uos</i>	<i>conati eratis</i>	<i>meriti eratis</i>	<i>secuti eratis</i>	<i>oriti eratis</i>
-	<i>conati erant</i>	<i>meriti erant</i>	<i>secuti erant</i>	<i>oriti erant</i>

Perceba que, em termos morfológicos, o m-q-perf. é extremamente regular: é formado pelo radical do *perfectum* + desinência *-era-* + desinências pessoais (*-m, -s, -t, -mus, -tis, -nt*), sem alomorfas.

Já, no caso dos depoentes, se o perfeito é era formado pelo participio perf. + presente de *sum*, agora o m-q-perf. será participio perf. + imperfeito de *sum*.

Os verbos *sum* (perf. *fuī*), *eo* (perf. *ii*), *fero* (perf. *tulī*) e *uolo* (perf. *uolui*) comportam-se regularmente na formação do m-q-perf.: *fueram, ieram, tuleram, uolueram* etc.

Na tabela acima, sugerimos como tradução a forma sintética do m-q-perf. em português apenas por conveniência e para que possamos enxergar a proximidade das desinências *-era-* no latim e *-ra-* no português. No entanto, como sabemos, o m-q-perf. sintético em português se tornou uma forma quase que exclusivamente literária. De fato, para um romano, *amaueram* provavelmente soaria como para nós soa *eu tinha amado* ou *eu havia amado* (mais formal).

O sentido em latim é o mesmo que o do seu tempo análogo em português: uma ação anterior a outra no passado. Por exemplo: *ubi lux facta est, iam surrexeram* 'quando amanheceu, eu já tinha me levantado;' *ubi ille peruenit, abieram* 'quando ele chegou, eu já tinha ido embora.'

F10 Pronome relativo: *qui, quae, quod*

Já conhecemos o pronome interrogativo adjetivo *qui, quae, quod*, certo? Ora, o pronome relativo latino, com o qual construímos sentenças subordinadas adjetivas, é exatamente igual a ele. Vejamos:

casos	singular			plural		
	masc.	femin.	neutro	masc.	femin.	neutro
nom.	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quod</i>	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quae</i>
gen.	<i>cuius</i>	<i>cuius</i>	<i>cuius</i>	<i>quorum</i>	<i>quarum</i>	<i>quorum</i>
acus.	<i>quem</i>	<i>quam</i>	<i>quod</i>	<i>quos</i>	<i>quas</i>	<i>quae</i>
dat.	<i>cui</i>	<i>cui</i>	<i>cui</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>
abl.	<i>quo</i>	<i>qua</i>	<i>quo</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>

As mesmas observações sintáticas que fizemos em C1, sobre o comportamento do pronome de acordo com sua função na sentença a que pertence, valem aqui. Vejamos um pequeno exemplo:

‘A mulher, que eu comentei, é aquela’ > *Femina, quam commentatus sum, illa est.*

Perceba que o relativo *quam* está no caso acusativo, pois na sentença relativa ele é objeto do depoente *commentator*, porém seu antecedente, *femina*, está no caso nominativo, pois é sujeito da sentença principal. Além disso, perceba que, embora o relativo decline conforme sua função na sentença relativa, ele concorda em gênero e número com o antecedente (fem. sg.). Veja mais um exemplo:

‘As mulheres cujos nomes mencionei chegaram’ > *Feminae quarum nominum mentionem feci peruenerunt* (lit. ‘As mulheres de cujos nomes fiz menção chegaram’)

Observe que o relativo *quarum* assume caso exigido por sua função na sentença relativa (genitivo, i.e., ‘fiz menção dos nomes *das mulheres*’), mas concorda em gênero e número com o antecedente *feminae* (fem. pl.). Repare, porém, que o relativo genitivo português em particular não concorda em gênero e número com o antecedente, mas sim com o termo subsequente (‘as mulheres *cujos* nomes’ e não ‘as mulheres *cujas** nomes’).

Esse, porém, é um caso anômalo de mudança regra de concordância na nossa língua em relação ao latim. Em todos os demais casos, a regra de concordância para os pronomes relativos segue sempre a mesma: o relativo concorda em gênero e número com o antecedente e em caso com o subsequente.

F11 Relativo de ligação

Há um uso particular do pronome relativo em latim que não encontra correspondência em português: é o chamado relativo de ligação. Compare os seguintes exemplos:

Heri amicos meos inueni, qui, ubi me uiderunt, gauisi sunt. > Ontem encontrei meus amigos, que, quando me viram, ficaram felizes.

Heri amicos meos inueni. Qui, ubi me uiderunt, gauisi sunt. > Ontem encontrei meus amigos. Estes, quando me viram, ficaram muito felizes.

Perceba que o latim podia usar um relativo na sentença principal de uma frase, abrindo um novo período sintático, algo que o português não permite. Neste tipo de uso, o português exige um pronome demonstrativo ou um pronome pessoal anafórico apto a assumir a função na sentença principal.

Disso podemos concluir, portanto, que o relativo de ligação latino nada mais do que um pronome anafórico capaz de figurar na sentença principal, abrindo um novo período sintático. Além disso, ele também cumpre uma função textual, como marcador discursivo, impulsionando o texto adiante e marcando um novo tópico conversacional.

Exercícios - Pontos de língua da Seção F

1. Observe os seguintes usos do imperfeito do indicativo:

- i. *Ubi carnifex domum adeptus est, Seneca cenabat.*
- ii. *In pueritia, alius domum alii ut amicus uisitabat.*
- iii. *Illa hora Nero sermonem faciebat.*
- iv. *Ambulabamus, sed pluebat, tunc domum rediimus.*
- v. *Ingrediebamur, sed lictores non siuerunt.*

Vocabulário:

adipiscor, adipisci, adeptus sum 3 chegar
alius, alia, aliud pron. outro; um e outro
ambulo, ambulare, ambulavi, ambulatus 1 caminhar
amicus, i 2m. amigo
carnifex, carnificis 3m. carrasco
ceno, cenare, cenavi, cenatus 1 jantar
domus, us 4f. casa
facio, facere, feci, factus 3 fazer
hora, ae 1f. hora
ille, illa, illud pron. aquele
in prep. (+ abl.) em
ingredior, ingredi, ingressus 3 entrar
ipse, ipsa, ipsum pron. o mesmo, o próprio
lictor, lictoris 3m. guarda
Nero, Neronis 3m. Nero
non adv. não
pluo, pluere, plui, - 3 chover
pueritia, ae 1f. infância
redeo, redire, redii, reditus voltar
sed conj. mas
Seneca, ae 1m. Sêneca
sermo, sermonis 3m. discurso
sino, sinere, sivi, situs 3 permitir
tunc adv. então
ubi conj. quando
uisito, uisitare, uisitavi, uisitatus 1 visitar
ut conj. como

a) Diferencie, entre os usos ocorridos nos exemplos, o imperfeito que simplesmente marca aspecto imperfectivo, o imperfeito que marca aspecto continuativo, o imperfeito que marca aspecto habitual, o imperfeito que marca aspecto incoativo e o imperfeito que marca aspecto conativo.

b) Proponha uma tradução para as sentenças.

2. Considerare as sentenças a seguir:

- i. *Quidam amici Senecam moriri uiderunt.*
- ii. *Ille scriptor magnae famae se mortem non timere affirmauit.*
- iii. *Ubi carnifex rogauit, Seneca ipsum se occidere uelle dixit.*
- iv. *Alter alterum intellexit.*
- v. *Tunc, cultro in morte usus est.*
- vi. *Ultimis uerbis dictis, uitam reliquit.*

Vocabulário:

affirm, affirmare, affirmauit, affirmatus 1 afirmar
alter, a, um adj. outro
amicus, i 2m. amigo
carnifex, carnificis 3m. carrasco
culter, cultri 2m. faca
dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer
fama, ae 1f. fama
ille, illa, illud pron. aquele
in prep. (abl.) em
intellego, intellegere, intellexi, intellectus 3 entender
ipse, ipsa, ipsum pron. o mesmo, ele mesmo
magnus, a, um adj. grande
morior, moriri, mortus sum 4 morrer
mors, mortis 3f. morte
non adv. não
occido, occidere, occidi, occisus 3 matar
quidam, quaedam, quoddam pron. um certo, algum
rogo, rogare, rogauit, rogatus 1 perguntar
scriptor, scriptoris 3m. escritor
se acus. de 3p.sg.
Seneca, ae 1m. Sêneca
timeo, timere, timui, - 2 temer
tunc adv. então
ubi conj. quando
uerbum, i 2n. palavra
uita, ae 1f. vida
ultimus, a, um adj. último
relinquo, relinquere, reliqui, relictus 3 deixar, abandonar
uolo, uelle, uolui, - querer
uideo, uidere, uidi, uisus 2 ver
utor, uti, usus sum 3 usar (+ abl.)

a) Nas ACIs existentes nas sentenças acima, substitua o infinitivo presente pelo infinitivo futuro, depois traduza a sentença.

b) Nas ACIs existentes nas sentenças acima, substitua o infinitivo presente pelo infinitivo perfeito, depois traduza a sentença.

c) Identifique um emprego de genitivo de descrição.

d) Identifique um ablativo locativo, um ablativo de usufruto e um ablativo absoluto.

3. Considere este texto para as próximas questões:

Ubi Seneca natus est, Roma imperium facta erat. Augustus Romae multa meliora promouerat, sed successores sui ipsas uirtutes non habuerunt. Alii mediocres, alii pessimi fuerunt. Seneca, cuius opera ipsos irritabat, uictima furoris eorum fuit. Caligula et Claudius quasi ad mortem Senecam condemnauit, sed desistiterunt. Tandem, Nero, cuius praeceptor Seneca fuerat, ad mortem Senecam adduxit. Cuius dramata de tyranis satyram facebant et cuius philosophica opera mortem gerere docebant.

Vocabulário:

ad prep. (+ abl.) a, para

adduco, adducere, adduxi, adductus 3 levar

alius, alia, aliud pron. outro; uns e outros

Augustus, i 2m. Augusto

Caligula, ae 1m. Calígula

Claudius, i 2m. Cláudio

condemno, condemnare, condemnauit, condemnatus 1 condenar

de prep. (+ abl.) sobre

desisto, desistere, desistiti, desistitus 3 desistir

doceo, docere, docui, doctus 2 ensinar

drama, dramatis 3n. drama, peça

is, ea, id pron. esse, ele

et conj. e

facio, facere, feci, factus 3 fazer

fiō, fiere, factus sum 3 (semidep.) tornar-se

furor, furoris 3m. fúria, furor

gero, gerere, gessi, gestus 3 lidar com

habeo, habere, habui, habitus 2 ter

imperium, i 2n. império

ipse, ipsa, ipsum pron. o mesmo, o próprio,

irrito, irritare, irritauit, irritatus 1 irritar

mediocris, e adj. mediano

melior, melius, melioris adj. melhor

mors, mortis 3f. morte

multus, a, um adj. muito

nascor, nasci, natus sum 3 nascer

Nero, Neronis 3m. Nero

non adv. não

opus, operis 3n. obra

pessimus, a, um péssimo
philosophicus, a, um adj. filosófico
praeceptor, is 3m. preceptor, professor
promoveo, promovere, promovi, promotus 3 promover
quasi adv. quase
qui, quae, quod pron. que, o qual, o que
Roma, ae 1f. Roma
satyra, ae 1f. sátira
sed conj. mas
Seneca, ae 1m. Sêneca
successor, is 3m. sucessor
suus, a, um adj. seu
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tandem adv. finalmente
tyranus, i 2m. tirano
ubi conj. quando
victima, ae 1f. vítima
uirtus, uirtutis 3f. virtude

- a) Identifique no texto um pronome relativo que ocorre em sentença subordinada adjetiva e um pronome relativo de ligação.
- b) Identifique no texto um m-q-perf. de verbo deponente e um m-q-perf. de verbo ativo.
- c) Proponha uma tradução para o texto todo.

Prática de leitura e tradução da Seção F

Texto 1 - Opera Senecana

Praeter multa dramata, Seneca etiam uastum opus philosophicum habet. Princeps auctor scholae stoicae apud romanos, Seneca pluras res tractabat: providentiam, constantiam, otium, temporem, tranquillitatem et infirmitatem animi, beatitudinem, clementiam et caetera. Dum in philosophicis operibus ipsas res disserebat, in dramatibus personas archetypicas componebat, quae uitii uirtutisque exempla in philosophicis operibus tractata erant. Sic, ipse in dramatum tyrannicis personis irae infirmitatisque uittia, quae in philosophicis operibus disseruerat, demonstrabat. Eae personae saepe potentium satyricae imagines erant, quam ob causam ipsi eum persecuti sunt.

Vocabulário:

animus, i 2m. alma, mente
apud prep. (+acus.) entre, junto a
archetypicus, a, um adj. arquetípico
auctor, auctoris 2m. autor

beatitudo, beatitudinis 3f. felicidade
caeterus, a, um adj. restante; pl. ‘e outros’
causa, ae 1f. causa
clementia, ae 1f. clemência
compono, componere, composui, compositus 3 compor
constantia, ae 1f. constância
demonstro, demonstrare, demonstraui, demonstratus 1 demonstrar
dissero, disserere, disserui, dissertus 3 discutir, dissertar
drama, dramatis 3n. drama, peça
dum conj. enquanto
et conj. e
etiam conj. também
exemplum, i 2n. exemplo; *exempli gratia* ‘por exemplo’
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
imago, imagines 3f. imagem
in prep. (+ abl.) em
infirmitas, infirmitatis 3f. fraqueza, inconstância; *infirmitatisque = et infirmitas*
ipse, ipsa, ipsum pron. o mesmo, ele
ira, ae 1f. ira
is, ea, id pron. esse, ele
multus, a, um adj. muito
ob prep. (+ acus.) por causa de
opus, operis 3n. obra
otium, i 2n. ócio
persequor, persequi, persecutus sum 3 perseguir
persona, ae 1f. personagem
philosophicus, a, um adj. filosófico
pluris, e adj. muito
potens, potentes 3m. poderoso
praeter prep. (+ acus.) além de
princeps, principis adj. principal, primeiro
providentia, ae 1f. providência
qui, quae, quod pron. que, o qual
res, rei 5f. coisa, assunto
romanus, a, um adj. romano
saepe adv. com frequência
satyricus, a, um adj. satírico
schola, ae 1f. escola (de pensamento)
Seneca, ae 1m. Sêneca
Senecanus, a, um adj. senecano (rel. a Sêneca)
sic adv. assim
stoicus, a, um adj. estoico
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tempus, temporis 3n. tempo
tracto, tractare, tractaui, tractatus 1 tratar de (+ acus.)
tranquillitas, tranquillitatis 3f. tranquilidade
tyrannicus, a, um adj. tirânico

nastus, a, um adj. vasto
uirtus, uirtutis 3f. virtude; *uirtutisque* = *et uirtutis*
uicium, uicium 2n. vício

Texto 2 - Carmen 70 de Catulo

*nulli se dicit mulier mea nubere malle
quam mihi, non si se Iuppiter ipse petat.
dicit: sed mulier cupido quod dicit amanti*

in uento et rapida scribere oportet aqua.

Vocabulário:

amans, amantis 3m. amante
cupidus, a, um apaixonado
ipse o próprio
nubo 3 (+dat.) caso-me
oportet convém, deve-se
petat peça (subj. pres. de pedir)
quod o que
rapidus, a, um rápido, corrente
uentus, i 2m. vento

Texto 3 - Provérbios de Publílio Siro

Publílio Siro (c. 44) foi o primeiro escritor de mimos representados num palco, repletos de argúcia, sátira e ditos proverbiais.

- (a) *amans iratus multa mentitur sibi.*
- (b) *auarus ipse causa miseriae suae.*
- (c) *amare iuueni fructus est, crimen seni.*
- (d) *amare et sapere nix deo conceditur.*
- (e) *amoris uulnus idem sanat qui facit.*
- (f) *amori finem tempus, non animus, facit.*

Vocabulário:

amans, amantis 3m. amante
auarus, i 2m. miserável, avarento
concedo 3 concedo, garanto
crimen, criminis 3n. vergonha, crime
finis, finis 3m. fim
fructus, fructus 4m. deleite

idem o mesmo (é antecedente de *qui*)

sano 1 curo

sapere ‘ter bom senso’

uix raramente

uulnus, uulneris 3n. ferida

Texto 4 - *De rerum natura*, de Lucrecio

Lucrecio (c. 95-c. 50) foi um poeta-filósofo, autor do *De rerum natura* (‘Sobre a natureza das coisas’), um poema didático destinado a difundir a filosofia epicurista entre os romanos. O excerto a seguir é extraído de sua *magnum opus*, ‘Sobre a natureza das coisas:’

*semota ab nostris rebus seiunctaque longe;
nam priuata dolore omni, priuata periclis,
ipsa suis pollens opibus, nil indiga nostri,
nec bene promeritis capitur neque tangitur ira.*

(*De rerum natura* 2.648 ss.)

Vocabulário:

semota removida, afastada [é f., referindo-se a *diuum natura* ‘a natureza dos deuses’, linhas antes]

seiuncta separada

priuatus, a, um (+ abl.) privado de

dolor, doloris 3m. dor, sofrimento

periclis = *periculis*

pollens, pollentis poderoso

suis ... *opibus* ‘por seus próprios recursos’

nil ‘em nada’, ‘de forma alguma’

indigus, a, um necessitada de (+ gen.)

bene promerita (*orum* 2n. pl.) boas ações

capio (aqui) seduzo, venço

tango 3 toco, movo, afeto

ira, ae 1f. ira

Texto 5 - Notícias em latim

De molestia teniludica

*Sinensis congregatio teniludica certamina omnia in finibus suis propter turpe factum retinere consuluit.
Nam ipsa tenilusrix Peng Shuai ab illo praeside uicario Sinensi uiolari existimatur, qua de causa ad*

athletarum uirtutem seruandam certamina ipsa constiterunt. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 02/12/2021

Abdicavit

Minister primarius Britannicus Bernardus Johnson, cum ministrorum suorum multi recenter abiurare coeperint, ob flagitiorum maximam molem demum et ipse abdicare constituit nec se factionem conseruatiuam diutius rectorum studet. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 07/07/2022 15h56

Vocabulário:

ab (+ abl.) por (introduzindo agente da passiva)
abdo, abdicare, abdicavi, abdicatus abdicar, renunciar
abiuro, abiurare, abiuravi, abiuratus renegar, repudiar, abjurar
ad ... uirtutem seruandam para preservar a virtude (construção gerundiva)
athleta, ae 1f. atleta
Bernardus nome latino para Boris
britannicus, a, um britânico
causa, ae causa
certamen, certaminis 3n. competição
coeperint cf. *cum ... coeperint*
coepio, coepere, coepi, coeptus começar
congregatio, congregationis 3f. associação
conseruatiuus, a, um conservador
constituo, constituere, constitui, constitutus decidir
consto, constare, constiti, constatus concordar
consulo, consulere, consului, consultus decidir
cum ... coeperint uma vez que ... tenham começado (*cum* + perf. subj. de *coepio*)
de (+ abl.) sobre, a respeito de
demum finalmente
diutius por mais tempo, mais
et e
existimo, existimare, existimavi, existimatus supor, suspeitar, estimar
factio, factionis 3f. partido
factum, i 2n. fato
finis, finis 3m. fim
flagitium, i 2n. escândalo
ille, illa, illud aquele, aquela, aquilo
in (+ abl.) em
ipsa (nom.) com valor de artigo definido
ipse, ipsa, ipsum o mesmo
Johnson Johnson
maximus, a, um grande, muito grande
minister, ministri 2m. ministro
moles, molis 3f. grande volume
molestia, ae 1f. escândalo
multus, a, um muito

nam pois
nec não, nem
ob (+ acus.) diante de, por causa de
omnis, e todo
Peng Shuai Peng Shuai (nome de um tenista chinesa)
praeses, praesidis 3m. presidente (em ‘*ab illo praeside uicario*’, entenda-se ‘por um ex-ministro’)
primarius, a, um primeiro
propter (+ acus.) por causa de
qui, quae, quod que, o qual, a qual, o que
recenter recentemente
recturum pressupõe-se *recturum esse*, inf. futuro ativo de *rego* ‘haver de reger, haver de liderar’
rego, regere, rexi, rectus reger, liderar
retineo, retinere, retinui, retentus reter, suspender
se se (acus. de *ille*)
seruandam cf. *ad ... uirtutem seruandam*
sinensis, sinense chinês
studeo, studere, studui, - desejar
suus, sua, suum seu
suus, sua, suum seu
teniludica
teniludicus
tenilusrix, tenilusicis 3f. tenista
turpis, e torpe, imoral
uicario cf. *praeses*
uiolo, uiolare, uiolani, uiolatus violar, assediar, abusar
uirtus, uirtutis 3f. virtude

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: o demonstrativo definido

Atualmente, em certos contextos no português brasileiro, pronomes demonstrativos estão variação com artigos definidos. Um desses contextos são casos de nominalizações anafóricas, como podemos observar no texto a seguir, no sintagma *esse corte*:

Cestas básicas

Será que enfim resolveram acabar com a síndrome ‘vítima-coitado’ que assola a mentalidade deste país? Essa maneira de pensar é uma das principais causas da indigência social em que vivemos. Acabar com a entrega de cestas básicas gratuitas demonstra que estamos começando a tomar consciência de que para resolver os problemas sociais, temos de iniciar pela promoção humana, recuperando a autoestima e a autovalorização de cada cidadão.

Claro que há que se buscar alternativas a *esse corte*, mas que sejam alternativas inteligentes, que proporcionem a essas pessoas a possibilidade de participar efetivamente das relações de consumo inerentes a qualquer sociedade. (Santiago Torrente Perez, Folha de S. Paulo, 29/11/00 – A-3, grifo meu).

Como analisa Zamponi,⁶¹ “a informação-suporte [do sintagma *esse corte*] é ‘acabar com a entrega de cestas básicas gratuitas’, processo que não exige do leitor uma estratégia inferencial mais complexa”. Contudo, a autora observa que podemos perfeitamente substituir *esse corte* por *o corte*, o que nos leva a reconhecer que “em alguns contextos as duas formas de determinante se encontram em variação”.

Para Apothéloz e Chanet,⁶² o emprego de *o corte*, no contexto em questão, constituiria o que se pode chamar de definido demonstrativo. Segundo os autores, “de modo geral, os SN [sintagmas nominais] utilizados nas nominalizações manifestam uma clara propensão a uma determinação demonstrativa”, e acrescentam que “praticamente é possível sempre substituir uma nominalização definida por um demonstrativo.”⁶³ Portanto, nessa perspectiva, tanto em *esse corte* quanto num hipotético *o corte* teríamos determinantes demonstrativos, e não artigos definidos. Isso contradiz a sugestão do título desta seção, que anuncia um caso de “demonstrativo definido”. Tratarei disso logo adiante.

Outro contexto em que ocorre variação entre formas demonstrativas e formas articulares definidas é a chamada dêixis *in absentia* ou dêixis memorial, muito frequente em gêneros poéticos, por exemplo. Como explica Zamponi,⁶⁴ nesse tipo de contexto, não há nem a presença do *denotatum* no campo perceptivo dos interlocutores (emprego dêitico *in praesentia*), nem uma menção do referente no contexto verbal (emprego dito anafórico). Ocorre então uma imposição cognitiva, psicológica ou memorial do referente nas representações mentais do locutor. No poema “Retrato” de Cecília Meireles podemos ver claramente tal variação nesse tipo particular de dêixis:

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro
Nem estes olhos tão vazios
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força
Tão paradas e frias e mortas
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança
Tão simples, tão certa, tão fácil.
Em que espelho ficou perdida
A minha face?

Logo na primeira estrofe, a locutora se refere a objetos (*este rosto, estes olhos, o lábio*) que não podem ser recuperados pelo interlocutor (o leitor) nem no texto e muito menos no campo perceptivo dele (já que não há dêixis *in praesentia* na literatura). Como entende Zamponi,⁶⁵ esses empregos “não exigem uma busca da referência no contexto linguístico ou na situação

⁶¹ Zamponi, Graziela. O determinante demonstrativo em sintagmas nominais. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, v. 41, n. 1, p. 141-147, jul./dez. 2001. p. 142.

⁶² Apothéloz, D.; Chanet, C. Défini et démonstratif dans les nominalisations. In: De Mulder, Walter; Vetter, Carl (eds.). *Relations anaphoriques et (in)cobérence*. Amsterdam: Rodopi, 1997. p. 159-86.

⁶³ *Idem*, p. 165.

⁶⁴ Zamponi, *op. cit.*, p. 143.

⁶⁵ *Id.*, p. 143.

extralinguística.” O mais relevante, contudo, é que nessa situação tanto as formas típicas de demonstrativo quanto as formas típicas de artigo definido podem ser usadas como determinantes no sintagma nominal. Isso traz à tona mais uma vez a contradição levantada na análise das nominalizações anafóricas: serão *este rosto* e *estes olhos* “demonstrativos definidos” – como sugere o título desta seção – ou será *o lábio* um “definido demonstrativo” – como sugerem Apothéloz e Chanet?

Antes de propor qualquer solução para essa contradição, é importante esclarecer que o definido e o demonstrativo, enquanto categorias distintas, pertencem a domínios diferentes. Isso ocorre porque um e outro pressupõem a existência de um ser em condições diferentes:

[...] a pressuposição de existência do definido e do demonstrativo não é da mesma ordem. No primeiro caso, o emprego referencial resulta do sentido pressuposicional de unicidade de existência veiculado pelo artigo; no segundo, a pressuposição de existência do referente não é senão consequência: o emprego do demonstrativo veicula por si mesmo uma pressuposição existencial. O ato de mostrar engaja a pessoa que realiza esse ato crendo na existência daquilo que ela mostra.⁶⁶

Entretanto, ambos compartilham uma mesma característica essencial: “O demonstrativo, assim como o definido, constitui um caso de designação, pois remete a um objeto; daí a eles estar associada uma pressuposição existencial referencial.”⁶⁷ Em outras palavras, os artigos definidos são, em essência, dêiticos assim como os demonstrativos – não precisam necessariamente de uma referência concreta no texto ou na situação comunicativa, mas sempre indicam um referente inferível no discurso. Esse entendimento coincide com a seguinte observação de Said Ali:⁶⁸

Essa função demonstrativa [do artigo] pode perceber-se ainda em dizeres nos quais, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou um costume o antepor, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocábulo *o*, *a*, tornando-se seu companheiro quase inseparável. Desde então passou o demonstrativo a ser artigo.

Compreensão semelhante tem Mattoso Câmara Jr.,⁶⁹ para quem o artigo definido é uma partícula pronominal demonstrativa, pois “assinala o caráter definido de uma posição num campo mostrativo ideal, de que participam o falante e o ouvinte”.

Portanto, considerando os casos supracitados, das nominalizações anafóricas e da dêixis *in absentia*, como podemos compreender os empregos levantados? Serão *esse corte*, *este rosto* e *estes olhos* demonstrativos definidos ou serão *o corte* e *o lábio* definidos demonstrativos? Trabalho com hipótese de que estamos diante do início de um processo recorrente, no qual a forma de um demonstrativo assume o caráter de artigo definido, e nesse caso faria sentido falar em “demonstrativos definidos”. Entretanto, assumindo que os artigos definidos são essencialmente dêiticos, não seria contraditório falar em “definidos demonstrativos”, sobretudo nessas situações em que há uma clara ação de referência, mesmo que essa referência seja a algo inferido no texto ou a algo virtual como a memória do locutor.

⁶⁶ *Id.*, p. 144.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 144.

⁶⁸ *Op. cit.*, p. 123.

⁶⁹ *Id.* p. 104.

Independente da orientação dada no tratamento desse problema, o fato é que essa variação abre espaço para que surjam novas formas de artigo definido na língua. Um fato histórico que sustenta a possibilidade dessa mudança é o surgimento dos artigos definidos românicos a partir das formas demonstrativas latinas: o latim não possuía artigos definidos, mas as línguas dele derivadas desenvolveram definidos a partir de formas demonstrativas latinas. Além disso, como tentarei mostrar a seguir, alguns dos principais contextos que participaram da gênese dos artigos definidos românicos foram justamente casos de nominalização anafórica e dêixis *in absentia*; exatamente como ocorre hoje no PB.

A gênese do artigo definido românico a partir dos demonstrativos latinos

Das formas demonstrativas existentes no sistema pronominal latino do período clássico (*is, hic, iste, ille, ipse, idem* e suas respectivas flexões), apenas *iste, ipse* e *ille* sobreviveram na deriva românica.⁷⁰ Essas três formas deslizaram por diferentes caminhos, mas se mantiveram na atual morfologia dos demonstrativos: *iste* (> *este*), *ipse* (> *esse*), *ille* (> *ecce ille* > *aquêle*).

Contudo, numa de suas derivas alternativas, *ille* sofreu um esvaziamento do sentido demonstrativo e passou a ser usado com sentido de definitude, passando a funcionar como artigo definido – esse é o entendimento, por exemplo, de Maurer Jr.⁷¹ (1959, p. 112). Lausberg⁷² corrobora essa compreensão ao constatar que o artigo definido românico tem, em sua origem, a função de se referir a um indivíduo ausente, mas conhecido pelo ouvinte, por já ter sido mencionado anteriormente – exatamente como na dêixis *in absentia* no PB. Tais autores reconhecem que o pronome *ipse* também tinha potencial para ser empregado como artigo definido, e de fato o foi em certas regiões da România: conforme Adams,⁷³ *ipse* (mais precisamente sua forma acusativa, *ipsum*) é a origem dos artigos definidos em sardo e catalão balear modernos, e catalão arcaico. No entanto, a função de dêitico remoto desempenhada por *ille* – e também sua frequência de uso – propiciou que essa forma fosse empregada como artigo. Esse também é o entendimento de Jordan e Manoliu,⁷⁴ segundo os quais “o artigo definido resguarda uma semelhança com o demonstrativo *ille* ao se referir a um indivíduo conhecido, pelo menos, pelo falante” – qualquer semelhança com o caso de dêixis *in absentia* analisado há pouco no poema de Cecília Meirelles não é mera coincidência.

⁷⁰ Conforme Clackson e Horrocks (2007, p. 278), *is, hic* e *idem* já eram formas “moribundas” no período pré-romance, remanescentes apenas em sintagmas fixos como *id ipsum* ou *hoc anno*. Lausberg (1973, p. 202-204) entende que ocorreu sincretismo entre as formas *is* e *hic* devido à proximidade fonética entre elas; isso ocasionava flutuações constantes no uso desses itens, e, já na fase românica, nenhum deles perdurou como formas pronominais vivas, provavelmente pelo mútuo enfraquecimento semântico. Posteriormente, *iste* passou a exercer a função de *hic* na 1ª pessoa, que – reiterando – permaneceu apenas em expressões cristalizadas, como *hoc anno* ou *hac hora*. Silva Neto (1976, p. 212) tenta explicar essa cristalização argumentando que *hic* primeiro se especializou na função adverbial e depois se fixou nessas construções. Silva Neto também observa que *idem* foi substituído por expressões enfáticas com base em *ipse*, tais quais *metipse* e *metipsimus* (que derivou a forma *mesmo*).

⁷¹ Maurer Jr., T. H. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959. p. 112.

⁷² Lausberg, H. *Lingüística românica – morfología*. Madrid: Gredos, 1973. p. 208-209.

⁷³ *Op. cit.*, p. 482.

⁷⁴ Jordan, I; Manoliu, M. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1972. p. 246.

Quando as formas acusativas de *ille* (e eventualmente *ipse*) estavam começando a desempenhar o papel de artigo definido, as fronteiras não estavam claras, tal qual nos casos de nominalização anafórica e dêixis *in absentia* discutidos antes no PB. Muitos romanistas se referem à *Peregrinatio Aetheriae* como um dos textos – às vezes sugerindo ser o único deles – em que enxergamos a emergência dos artigos definidos no latim vernacular, devido ao comportamento sintático das formas demonstrativas no texto e pela alta frequência de uso delas. Embora alguns afirmem já existir ali um artigo definido pleno, Adams⁷⁵ defende que a *Peregrinatio* reflita um momento de transição, em que o definido ainda não tinha emergido plenamente, embora já tivéssemos formas demonstrativas propendendo a essa função. Outros textos, porém, também podem nos oferecer uma visão mais ampla e precisa desse processo, entre eles tratados veterinários do século quarto escritos por Chiron, Pelagonius, Vegetius e Anthimus, as *Compositiones Lucenses* (um tratado do norte da Itália sobre o artesanato do século oitavo) e uma tábua de ardósia visigótica do século sétimo. A esse respeito, Adams⁷⁶ faz os seguintes comentários, na intenção de oferecer uma espécie de estado da arte sobre a questão:

Essas questões nem sempre foram abordadas na literatura sobre a história do latim. Aebischer (1948), por exemplo, escreve como se o uso de um artigo fosse imediatamente reconhecível, sem necessidade de discussão. Mas como podemos ter a certeza de que os usos de um termo tão complexo na sua semântica como *ipse* são de fato próximos dos de um artigo num texto tardio? É simples descartar um dos significados clássicos de *ipse*? Pouca atenção foi dada ao contexto e ao significado por aqueles interessados em observar apenas os contornos da transição do latim para o romance. Definir a diferença entre funções demonstrativas e de artigo em qualquer língua é problemático, como revela o livro de C. Lyons (1999) (ver também as observações de Bauer 2007: 118). Uma dificuldade adicional é que nas línguas que têm um artigo definido “pode ser demonstrado que é um fenômeno recente, como tendo surgido no decurso do desenvolvimento da língua em questão” (Wackernagel 1926-8: 11.127, *apud* Langslow 2009 : 558). No latim tardio, digamos, dos séculos IV a VI, distinguir as antigas funções de *ipse* e *ille* de possíveis novas funções é mais difícil do que pode parecer. Tem havido disputa sobre a interpretação dos dados latinos, mesmo dentro de um único texto. A *Peregrinatio Aetheriae* tem sido muito discutida por causa da frequência do *ipse* (e em menor grau do *ille*), mas nenhum acordo foi alcançado entre os estudiosos sobre o papel dos demonstrativos no texto. Por um lado, há aqueles que veem características de distribuição e utilização que representam uma fase no desenvolvimento do artigo Romance (Renzi 1976, Nocentini 1990, Vincent 1997a). Por outro lado, Fruyt (2003: 102) afirma que na *Peregrinatio ipse* não é um artigo ou um 'articloide' (para este termo ver Aebischer 1948: 186, '*de ille comme article ou mieux comme articloide*'; foi tomado por outros), nem é uma pura anafórica (ver abaixo, 7). A atenção que tem sido dedicada à *Peregrinatio* artigo após artigo é lamentável, porque muitos outros textos contêm dados relevantes, e a *Peregrinatio* é uma composição curiosa que reflete as idiossincrasias de sua autora e um estilo pelo qual ela foi influenciada (sobre o qual ver mais adiante). Os textos a serem considerados aqui incluem a *Mulomedicina Chironis*, *Pelagonius*, *Vegetius Mulomedicina*, *Anthimus*, as *Compositiones Lucenses* e uma tabuinha de ardósia visigótica.

Por algum tempo, acreditou-se que usos “articulares” das formas demonstrativas foram introduzidas no latim via influência helênica: tais usos teriam sido modelados no artigo grego. Coleman,⁷⁷ por exemplo, afirma que “[é] altamente provável que o artigo grego tenha sido um fator importante, se não o determinante, [...] nos desenvolvimentos latinos”. Lausberg,⁷⁸ sustenta que o emprego articular de *ipse* e *ille* surgiu pelo influxo do adstrato grego, e Jordan

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ *Op. cit.*, p. 282-283.

⁷⁷ Coleman, R. G. G. Greek influence on Latin syntax. *TPbS* [no vol. no.] 1975. p. 117.

⁷⁸ *Op. cit.*, p. 210.

e Manoliu⁷⁹ também fazem alusão ao possível surgimento do artigo no latim pela influência das traduções do grego para o latim.

Tentativas de decalcar o artigo grego em textos latinos usando formas demonstrativas de fato existiram, entretanto, segundo Adams,⁸⁰ elas tiveram uma significância limitada para a posterior emergência do artigo românico. O autor defende que a tese do adstrato grego seja fraca por dois motivos: primeiro, os usos das formas demonstrativas baseadas no modelo grego são encontrados na alta literatura do fim da república e começo do império, e uma imitação sintática desse tipo era uma prática literária artificial sem influência a longo prazo na língua como um todo; segundo, não houve qualquer demonstrativo que emergiu como um equivalente do artigo nesse período; em vez disso, todas as formas demonstrativas eram usadas “à força” para cumprir necessidades tradutórias pontuais, mas ainda preservavam sua dêixis tradicional (e logo continuavam a ser demonstrativos plenos). Para Adams,⁸¹ a emergência do artigo românico está ligada de modo mais decisivo a nominalizações anafóricas e a contextos de dêixis *in absentia*, por ele chamados de usos associativos dos demonstrativos.

Ao analisar os tratados sobre veterinária e artesanato e a tábua visigótica mencionados acima – que vão do século quarto ao século sétimo – Adams⁸² considera uma infinidade de usos de *ipse* e *ille* anafóricos e associativos, concluindo que processos semânticos de inferência, implicação, contraste e foco, aliados a mudanças fonéticas, propiciaram o surgimento do artigo a partir das formas demonstrativas. Não caberia transcrever todos esses usos e suas análises aqui, mas comentarei alguns deles para fins de ilustração. Apresento a seguir dois exemplos, retirados do tratado de Anthimus, com o propósito de contrastá-los:

Anthimus p. 12.1: *nam posteriora ipsorum non praesumatur, quia grauat stomachum, quia non est illa sagina naturalis, sed adiecta*

Anthimus p. 31.2: *mela bene matura in arbore, qui dulcia sunt, bona sunt; nam illa acida non sunt congrua*

O primeiro exemplo, retirado de um contexto em que se fala de aves confinadas para engorda, poderia ser traduzido como “sua parte posterior não deve ser comida, porque pesa no estômago, porque não é a engorda natural, mas artificial”. O segundo exemplo trata de maçãs: “as maçãs bem maduras na árvore, que estão doces, são boas; mas as ácidas não são adequadas”. Neste segundo exemplo, *illa* é aplicado a um adjetivo, que está em contraste por oposição (doce/ácido). As maçãs ácidas não tinham sido mencionadas antes, mas estão presentes por implicação num contexto que trata de maçãs numa árvore que podem estar em diferentes estágios de maturação, e *illa* está ligado ao segundo membro da oposição. Esta ocorrência pode ser contrastada com *illa sagina* no primeiro exemplo. Em *illa sagina* temos o demonstrativo puramente contrastivo, ligado a um substantivo (*sagina*), mas no segundo exemplo *illa* se liga a um adjetivo nominalizado (*acida*). Ainda seria possível traduzir *illa* no segundo exemplo como um demonstrativo (“aquelas maçãs bem maduras na árvore, que estão doces, são boas; mas aquelas ácidas não são adequadas”), porém, se a ênfase está em *acida* e não em *illa*, isso significa que estamos diante do tipo de contexto no qual o

⁷⁹ *Id.* p. 245.

⁸⁰ *Id.* p. 483.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² *Id.*, p. 486-492.

esvaziamento semântico do demonstrativo, de que falei há pouco, é muito provável. O que vemos aí são dois exemplos que retratam dois estágios da gramaticalização da forma demonstrativa *ille* em direção ao artigo definido: um primeiro estágio cuja dêixis ainda é relativamente forte e um segundo estágio cuja dêixis é muito fraca, indicando um ente genérico; algo típico de artigo definido. Neste segundo estágio, Adams (2013) já admite que estamos diante de um articloide; apenas não estamos diante de um artigo de fato porque, para isso, essa forma ainda teria que sofrer algumas mudanças fonéticas. Comentarei isso adiante.

E. Löfstedt⁸³ traz outros exemplos como esse, em que vemos um esvaziamento semântico do demonstrativo, propendendo mais à função articular. E. Löfstedt⁸⁴ fala em “artigo de contraste”, enquanto que Pinkster⁸⁵ se refere a um “uso exofórico de determinantes demonstrativos”. Esse uso, a propósito, já vinha ocorrendo no latim vernacular muito antes do romance. Tanto Löfstedt quanto Pinkster citam, por exemplo, uma passagem de *Trinummus* (c. 190 a.C.) de Plauto: *aequo mendicis atque ille opulentissimus censetur censu ad Acberuntem mortuos* (“o mendigo e o riquíssimo são julgados igualmente pelo juízo no submundo quando mortos”). Nos termos de Pinkster:⁸⁶

Ille can be used to indicate that the reader or hearer is expected to be able to identify a certain entity that neither is present in the communicative situation nor has been mentioned earlier in the preceding discourse; this is referred to as its *exophoric use* [...]. When used this way it is often translated with some sort of exaggeration, with expressions like ‘the well-know’.

Lindsay⁸⁷ também cita essa passagem como exemplo de um uso “semelhante” ao artigo definido das línguas românicas. E. Löfstedt⁸⁸ afirma que *ille opulentissimus* se refere a um personagem *qui in fabulis est* (“que está na história”), isto é, um referente identificável pelo leitor ou interlocutor embora não esteja presente na situação comunicativa ou não tenha sido mencionado antes no discurso precedente. É evidentemente um caso semelhante à dêixis *in absentia* que ocorre hoje no PB.

Outros exemplos interessantes são encontrados nas tábuas de ardósia visigóticas que mencionei antes, particularmente porque são registros não literários e porque são representativas do romance ibérico. O texto é conhecido desde 1940, mas hoje está mais acessível graças à edição Velázquez Soriano.⁸⁹ Segundo Soriano, tais tábuas datam do final do século sexto ou começo do século sétimo:

[Domno] Paulo Faustinus saluto tuam
[...]em et rogo te domne ut comodo consu-
[etum] facere est p(er) te ipsut *oliba illa* quollige.
[cur?]a ut *ipsos mancipios* in iura {re} mento
[coger]e debeas ut tibi fraudem non fa-

⁸³ Löfstedt, E. *Syntactica*. Studien und Beiträge zur historischen Syntax des Lateins. vols. 1 (2. ed.) e 2. Lund: Lund University Press, 1956. p. 1368-9.

⁸⁴ *Id.* p. 1376.

⁸⁵ Pinkster, Harm. *Oxford Latin syntax, volume 1: the simple clause*. Oxford: OUP Oxford, 2015. p. 1099.

⁸⁶ *Ibid.*

⁸⁷ Lindsay, W. M. *Syntax of Plautus*. Oxford: Oxford University Press, 1907. p. 46.

⁸⁸ *Op. cit.*, p. 1376.

⁸⁹ Velázquez Soriano, I. *Las pizarras visigodas (entre el latín y su disgregación: la lengua hablada en Hispania, siglos VI-VII)*. Madrid: Real Academia Española, Instituto de la lengua castellano y leonés, 2004.

[cian]t. *illas cupas collige*, calas
[d]e cortices et sigilla de tuo anulo et uide
[i]llas tegolas cas astritas sunt de fibola quo
[m]odo ego ipsas demisi; illum Meriacium manda
[d]e Tiliata uenire ut aiute tibi . . .

O autor considera tais exemplos de *ille* (e também de *ipsos*) como usos típicos de artigo. Para Adams,⁹⁰ isso não é necessariamente verdade quanto às ocorrências da oitava linha, onde *illas tegolas cas astritas sunt de fibola* pode ser transcrito como *illas tegulas quae sunt astrictae de fibula* (“aquelas telhas que estão presas com um grampo”). O uso demonstrativo de *ille* pode ocorrer normalmente em uma cláusula relativa em latim padrão.

Na terceira linha (*oliba illa quollige*), o *m* final foi omitido, sendo que *oliva* é um singular coletivo, como é frequentemente o caso de nomes de plantas ou frutos. As linhas 2 e 3 podem ser traduzidas por: “peço-te, senhor, como tem sido de costume, para tu mesmo colheres as azeitonas”. A tábua se trata de uma correspondência de um servo (Faustino) para seu senhor (Paulo). As oliveiras de Paulo são obviamente conhecidas por Faustino, e Paulo não é simplesmente instruído a colher qualquer azeitona, mas as azeitonas cujo conhecimento é compartilhado pelo escritor e pelo destinatário. *Illa* dificilmente pode ser entendido como um contrastivo pleno nesse caso (“aquelas azeitonas, distintas das outras de origem diferente”), mas sim uma mera marca de definitude. O mesmo pode ser dito sobre *illas cupas* na sexta linha.

Num texto curto como este, temos portanto dois ou três casos de *ille* que não são dêiticos plenos. *Ipsos mancipios* podem ter um referente (contrastivo): os próprios escravos, que supostamente farão esse serviço, não são confiáveis. Com relação a *oliba illa*, cabe aqui citar Ledgeway:⁹¹

In early Romance the definite article displays considerable attenuation of its original deictic force, in that reflexes of *ille* and *ipse* in their article function no longer situate a referent negatively with regard to the deictic sphere of the speech act participants (*ille*) or positively with regard to the deictic sphere of the addressee(s) (*ipse*), but increasingly come to mark shared cognition between speaker(s) and addressee(s).

Como reconhece Adams⁹² com prudência, o problema de um texto como esse é que o contexto mais amplo poderia compreender o restante da correspondência que os dois trocaram entre si, e não podemos julgar plenamente a significância ou não de vários casos de *ille*. Tampouco podemos ter certeza de que Faustino não tinha essa idiosincrasia estilística que o fazia repetidamente especificar nomes com um demonstrativo desnecessário. Tal idiosincrasia poderia ser, entretanto, um fator relevante no esvaziamento semântico do demonstrativo. O fato é que *illa*, em *illa oliba*, se parece muito com um artigo.

Portanto, como afirmei antes, vemos que essas formas demonstrativas, especialmente nesses exemplos de romance ibérico do sétimo século, estavam oscilando entre dois estágios da gramaticalização em direção ao artigo definido: um primeiro estágio cuja dêixis ainda é

⁹⁰ *Op. cit.*, p. 509.

⁹¹ Ledgeway, A. Syntactic and morphosyntactic typology and change. In: Maiden, M.; Smith, J. C.; Ledgeway, A. (eds.). *The Cambridge history of the Romance languages: structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. 1 v. p. 412.

⁹² *Op. cit.*, p. 510.

relativamente forte e um segundo estágio cuja dêixis é muito fraca, indicando um ente genérico; algo típico de artigo definido. Reiterando o que já foi dito, Adams já admite que, nesse segundo estágio, estamos diante de um “articloide”. Contudo, não podemos cravar que estamos diante de um artigo de fato porque, para isso, essa forma ainda teria que sofrer algumas mudanças fonéticas.

De acordo com Lyons,⁹³ artigos são foneticamente fracos, isto é, é um universal linguístico o fato de que artigos têm pouco material fônico (geralmente, uma sílaba apenas). Artigos definidos são considerados semanticamente vazios e foneticamente fracos. Como vimos acima, no segundo estágio, *ille* já tinha se esvaziado semanticamente; faltava apenas perder material fônico para que se consolidasse como artigo. E isso não tardou a acontecer em todas as línguas românicas.

Nesse segundo estágio, o demonstrativo *ille* passou a ser empregado principalmente nas formas acusativas, como vimos nos exemplos acima, da tábua visigótica. Assim, conforme a explicação de Tarallo,⁹⁴ tais formas acusativas passaram pelas seguintes mudanças: o /i/ passou para /e/; as consoantes duplas foram simplificadas (*illu* > *elo*; *illa* > *ela*; *illos* > *elos*; *illas* > *elas*); o /e/ inicial caiu logo depois em função de o artigo estar em posição proclítica: *elos campos* > *los campos*; o /l/, agora inicial, quando em posição intervocálica (*de los campos*), caiu desta posição, assim como ocorreu em diversos outros contextos (ex.: *sol* > *soles* > *sóis*; *anzol* > *anzoles* > *anzóis*). Assim se chegou às formas *o*, *a*, *os*, *as* – monossilábicas, com pouco material fônico e semanticamente vazias: artigos definidos plenos.

Processo recorrente no PB

Não é possível prever com certeza que a forma demonstrativa *esse* no PB (e suas flexões) percorrerá o mesmo caminho percorrido por *ille* e constituirá um novo artigo definido, mas o fato é que sua força dêitica vem diminuindo em certos contextos a ponto de variar com o artigo definido (como nos casos de nominalização anafórica e dêixis *in absentia*). Ou seja, o processo que resultou no esvaziamento semântico de *ille* vem recidindo sobre *esse*. Para caracterizar completamente essa recidência, só faltaria ocorrer o enfraquecimento fonético.⁹⁵

⁹³ Lyons, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 47.

⁹⁴ Tarallo, F. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990. p. 137.

⁹⁵ Em alguns dialetos do PB, temos registros da forma [si] (redução de [essi]), como em “si menino”. Em um dicionário informal do dialeto campista (Campos dos Goitacazes/RJ), Martins (2009) registra, por exemplo, os seguintes verbetes: “*si menino* = alguém que não sei ou esqueci o nome (masculino); *si menina* = alguém que não sei ou esqueci o nome (feminino)”.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção F

1. Explique o que é o demonstrativo definido e qual sua relação com a gênese dos artigos românicos.
2. Cite exemplos, a partir do texto, de usos tardios do demonstrativo definido em latim que já funcionavam como 'articloides'.
3. De que forma o mesmo processo que gerou os artigos românicos parece estar reincidindo sobre o português brasileiro atualmente?

Litterae Latinae: a prosa de Sêneca

Lúcio Aneu Sêneca, conhecido como Sêneca, o Jovem, foi uma figura multifacetada da Roma Antiga. Nascido em Córdoba, Espanha, em 4 a.C., e falecido em Roma, em 65 d.C., Sêneca foi filósofo, estadista, dramaturgo e conselheiro do imperador Nero. Sua produção literária abrange um vasto campo de interesses, incluindo a tragédia, a filosofia moral e política, bem como a ciência natural. Entre seus escritos, a prosa filosófica se destaca pela profundidade e pela influência que exerceu sobre o pensamento ocidental.

Sêneca é frequentemente lembrado como um dos mais proeminentes representantes do estoicismo, uma escola de filosofia que enfatiza a racionalidade, a virtude e a autossuficiência como os caminhos para a *eudaimonia* (felicidade ou bem-estar). A filosofia estoica, com suas raízes em Zenão de Cítio, encontrou em Sêneca um divulgador ardoroso e talentoso.

Cartas a Lucílio (Epistulae Morales ad Lucilium)

Entre as obras em prosa de Sêneca, as "*Epistulae Morales ad Lucilium*" (Cartas a Lucílio) ocupam um lugar de destaque. Compostas por 124 cartas, escritas em latim elegante e com uma profundidade filosófica notável, estas missivas dirigidas a Lucílio Júnior, um oficial romano e amigo íntimo de Sêneca, são um tratado sobre a moral e a ética do ponto de vista estoico.

Nestas cartas, Sêneca aborda uma ampla gama de tópicos, desde a natureza da morte e da riqueza até a importância da sabedoria e da amizade. Ele enfatiza a necessidade de viver de acordo com a natureza e de cultivar a virtude.

Por exemplo, na Carta 1, Sêneca adverte Lucílio sobre a brevidade da vida e a importância de aproveitar o tempo com sabedoria: "*Tempus tantum nostrum est*" (O tempo é a única coisa que realmente possuímos) (Ep. 1, 3). Ele continua a explorar como a maioria das pessoas desperdiça seu tempo com trivialidades, afirmando na Carta 49: "*Nemo alius est tempus nostrum*" (Ninguém exceto nós próprios tem o nosso tempo) (Ep. 49, 3).

***De Brevitate Vitae* (Sobre a Brevidade da Vida)**

Outra obra notável de Sêneca é "*De Brevitate Vitae*" (Sobre a Brevidade da Vida). Neste ensaio, Sêneca explora a ironia de como as pessoas se queixam da curta duração da vida, mas desperdiçam grande parte dela em trivialidades. Ele argumenta que a vida é suficientemente longa se for bem utilizada: "*Vitam longam esse, si uti scias*" (A vida é longa, se souberes utilizá-la) (*De Brev. Vit.* 1, 3).

Ele critica aqueles que vivem como se fossem imortais, apenas para perceberem, tarde demais, que desperdiçaram suas vidas. "*Multum temporis perdidimus, multum non egimus, male egimus, satis egimus*" (Muito tempo perdemos, muito não fizemos, fizemos mal, pouco fizemos) (*De Brev. Vit.* 1, 1). Sêneca conclui com uma reflexão poderosa sobre o uso do tempo: "*Non exiguum temporis habemus, sed multum perdidimus*" (Não temos pouco tempo, mas perdemos muito) (*De Brev. Vit.* 1, 3).

***De Clementia* (Sobre a Clemência)**

Sêneca também é autor de vários tratados filosóficos e diálogos, nos quais ele explora temas como a clemência, a ira, a consolação, entre outros. Em "*De Clementia*" (Sobre a Clemência), Sêneca oferece conselhos ao jovem imperador Nero sobre a importância da misericórdia e da moderação no exercício do poder. Sêneca define a clemência como "*temperantia animi in potestate ulciscendi vel lenitas superioris adversus inferiorem in constituendis poenis*" (a moderação da mente no poder de punir ou a gentileza do superior para com o inferior na determinação das penas) (*De Clem.* 2, 3).

Ele argumenta que a verdadeira grandeza de um governante reside na capacidade de mostrar misericórdia e perdoar, em vez de buscar vingança: "*Magna res est de inimico amicum facere*" (É uma grande coisa fazer de um inimigo um amigo) (*De Clem.* 1, 12, 3).

***De Ira* (Sobre a Ira)**

No tratado "*De Ira*" (Sobre a Ira), Sêneca examina os perigos da ira e como controlá-la. Ele descreve a ira como uma emoção destrutiva que pode levar à violência e à irracionalidade. Para Sêneca, a ira deve ser domada pela razão: "*Ira furor brevis est*" (A ira é uma loucura breve) (*De Ira* 1, 1, 3). Ele continua a explorar as consequências devastadoras da ira, observando que ela transforma os homens em bestas: "*Quemadmodum flamma ventis incenditur, sic ira contumeliis excitatur*" (Assim como a chama é alimentada pelo vento, a ira é estimulada pelas ofensas) (*De Ira* 1, 1, 5).

***De Consolatione* (Sobre a Consolação)**

Sêneca escreveu três tratados de consolação, dirigidos a diferentes indivíduos que estavam passando por momentos de luto ou sofrimento. Em "*Ad Marciam*" (A Marcia), "*Ad Helviam*" (A Helvia), e "*Ad Polybium*" (A Políbio), Sêneca oferece conselhos sobre como lidar com a perda e a adversidade, enfatizando a resiliência e a aceitação estoica do destino: "*Non est astra mollis e terris via*" (Não há caminho fácil da terra às estrelas) (*Ad Marciam* 16, 3).

Em "Ad Marciam", ele escreve: "*Nemo dolorem summum potest pati diu*" (Ninguém pode suportar a dor extrema por muito tempo) (*Ad Marciam* 10, 4), destacando a ideia de que o sofrimento é temporário e pode ser superado com a força interior.

Impacto e Legado

A prosa filosófica de Sêneca teve um impacto duradouro na filosofia ocidental. Suas ideias sobre ética, moralidade e o bom uso do tempo continuam a ressoar através dos séculos. Sêneca influenciou não apenas seus contemporâneos, mas também pensadores de eras subsequentes, incluindo filósofos do Renascimento e figuras importantes da filosofia moderna. Sua obra permanece um testemunho atemporal da sabedoria estoica. Suas cartas, ensaios e tratados oferecem um guia para uma vida virtuosa e racional, ensinando-nos a valorizar o tempo, a controlar nossas emoções e a viver em harmonia com a natureza. Como ele mesmo afirmou: "Vive cada dia como se fosse o último" (*Vive diem tamquam supremum*) (Ep. 101, 10).

Estilo e linguagem em Sêneca⁹⁶

O estilo empregado por Sêneca em toda a sua obra filosófica não ficava confinado aos principais preceitos retóricos para a escrita em prosa de sua época, razão pela qual foi alvo de duro julgamento daquele que então era um dos bastiões da dita retórica, Quintiliano, conforme a citação acima: "sua linguagem [in eloquendo] é corrupta e muito pernicioso pelo fato de apresentar muitos vícios capciosos" (*Inst.* 10.1.129). Embora Quintiliano abrande sua opinião sobre Sêneca e reconheça qualidades suas, como o combate aos vícios morais, o fato é que a censura do rétor põe em evidência o caráter moderno da eloquentia senecana e, assim, ajuda-nos a situá-la em relação à tradição oratória que lhe precedia. Por que Sêneca é criticado nesses termos? Ou, o que neste caso é pergunta equivalente, qual é o estilo da prosa desse filósofo? Para Segurado e Campos,⁹⁷

Não espanta, por conseguinte, que a prosa senequiana, com o seu ritmo desigual, as suas frases nervosas e curtas, as suas sentenças abundantes, a sua composição irregular (desenvolvimentos prometidos que não ocorrem, programas anunciados e não cumpridos, reiteração de temas já anteriormente tratados, recurso excessivo a neologismos ou a vocábulos arcaicos e vulgares, etc.), tão nos antípodas do classicismo ciceroniano, incorressem como incorreram no fundo desagradado de um Quintiliano [...].

Essa descrição da forma de expressão usada por Sêneca dá a entender, com uma espécie de discurso indireto livre, o retrato que dela teria feito Quintiliano. Vejamos com mais detalhe e imparcialidade o estilo de Sêneca. Com efeito, a linguagem de seus textos filosóficos é repleta de parataxe e frases curtas e sentenciosas de tom epigramático e privilegia o ideal estoico da *brevitas*. De modo sumário, o que se pode dizer do estilo de Sêneca é que ele procura escrever como se estivesse falando com o seu interlocutor. Isto explica a concisão e as demais características de sua prosa que se aproximam da coloquialidade. Assim ele se dirige a Lucílio: "Como a minha conversa [*sermo*], espontânea e simples, caso estivéssemos sentados ou caminhando juntos, tal é como eu gostaria que fossem as minhas cartas, que nada têm de

⁹⁶ Esta seção foi escrita em colaboração com Miguel Mangini, Pedro Heise e Thaís Fernandes.

⁹⁷ Campos, J. A. S. e. "Introdução". In: Sêneca, L. A. *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. XX.

forçado e fingido. Se fosse possível, eu preferiria mostrar o que sinto a dizê-lo” (*Ep.* 75.1-2). Alhures Sêneca defende que não seria adequado aconselhar tal como se estivesse lecionando uma aula preparada previamente, pois não haveria aí intimidade, razão pela qual prefere usar “palavras mais humildes” [*submissiora verba*] (*Ep.* 38.1) em sua filosofia, isto é, ser informal. Lembremo-nos de que *Sobre a tranquilidade da alma* é endereçado a Sereno e é geralmente incluído no gênero diálogo. A influência da diatribe helenística sobre a obra de Sêneca, principalmente os diálogos, é um tema abordado pela crítica.⁹⁸

Contudo, não será cabível dizer que Sêneca busca ativamente se despojar dos ensinamentos da retórica e que, por conseguinte, a sua linguagem seja como que a transcrição de uma fala descuidada e assistemática. O propósito frequentemente declarado de seu projeto filosófico, ser uma medicina para as aflições de seu interlocutor,⁹⁹ não poderia concretizar-se à revelia das técnicas de persuasão e de correção do comportamento, isto é, ignorando as regras que regem as disputas públicas [*disputationes*], o discurso [*oratio*] e a admoestação [*admonitio*], todas pensadas em oposição à fala cotidiana [*sermo*]. Como aponta Setaioli,¹⁰⁰ procurando o equilíbrio entre a função psicagógica e o caráter conversacional da obra filosófica de Sêneca, este estabelece uma distinção clara entre filosofia e oratória, mas não deixa de fazer “concessões” a esta última. A filosofia deve recorrer aos artifícios estilísticos necessários, desde que permaneçam como meios e não se confundam com a finalidade do discurso filosófico, a saber, curar a alma.

Em Sêneca, o aspecto simples e desadornado coexiste com uma composição frásica assentada no ritmo, e a estrutura da sua argumentação dispõe de recursos como a repetição lexical. Em outras palavras, Sêneca seguia uma certa retórica, ainda que não a ciceroniana. Segundo Albrecht,¹⁰¹ “no período augustano, os professores de retórica cultivaram uma dicção rica em frases curtas e rítmicas, com um ‘desfecho’ epigramático tanto no conteúdo quanto na forma” Mas nem por isso se poderá dizer que Sêneca seja um anti-Cícero, ao menos não se desejarmos ser precisos com essa designação. Geralmente, atribuem-se a um o caráter sentencioso, rápido, epigramático, desadornado e, ao outro, a retórica perfeita¹⁰² e o período longo e hipotático. Contudo, a crítica moderna, ainda conforme Albrecht, tem mostrado que a proximidade entre Cícero e Sêneca é maior do que se poderia supor em uma

⁹⁸ Segundo Williams (2015, p. 139), algumas das características da diatribe são “uma elocução filosófica modulada com elementos da arenga de rua, coloquialismo, imaginário colorido, perguntas retóricas e exclamações, intervenções interlocutórias e réplicas afiadas, imperativos disparados e denúncias afiadas de vícios”. O mesmo Williams, no entanto, afirma a seguir que a possibilidade da influência diatríblica em Sêneca deve ser tomada com cautela, sem que “diatribe” ou “diatribe cínico-estoica”, pela abrangência dos termos, possam designar um gênero preciso ou mesmo de importância grande e verificável para a linguagem filosófica senecana.

⁹⁹ É frequente nos escritos filosóficos de Sêneca a associação do filósofo com o médico. Em *De tranq.* 1.2, Sereno fala a Sêneca, revelando as suas mazelas: *quare enim non verum ut medico fatear?* [“por que não confessaria a verdade como a um médico?”]. Reproduzimos a especulação de Segurado e Campos (2004, p. XLIV), pois é de interesse aos leitores contemporâneos de Sêneca: “o filósofo interessa-se pelos mecanismos que ditam o comportamento, por exemplo de Lucílio, para pela sua análise ser capaz de detectar a ‘doença’ e propor a aplicação de um ‘tratamento’. Será arriscado ver assim em Sêneca um precursor da psicanálise?”

¹⁰⁰ Setaioli, A. “Seneca e lo stile”. In: Haase, W. *Sprache und Literatur* (Literatur der julisch-claudischen und der flavischen Zeit). Berlin; Boston: De Gruyter, 2016. p. 779.

¹⁰¹ Albrecht, Michael von. “Seneca’s language and style”. In: Damschen, G.; Heil, A. (org.). *Brill’s Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 701.

¹⁰² No sentido de ser o principal modelo para a prescrição retórica em latim, como diz Quintiliano sobre ele (*Inst.* 6.3.1): “príncipe da língua latina” [*Latinae eloquentiae princeps*].

leitura rápida, desde a correção gramatical (em que, na verdade, Sêneca é em momentos superior) até o fato de que ele o tem como um modelo,¹⁰³ além de que o chamado “estilo periódico” deste é reservado a apenas alguns textos e contextos; em suas cartas, por exemplo, não o encontramos em abundância. Ressaltamos, com essa comparação entre os dois autores, o fato de que Sêneca, sendo sem dúvidas moderno e um antípoda de Cícero em muitos sentidos, funda sua filosofia em uma concepção retórica que não é puro *sermo* desprovido de retórica, que é moderna e que não deixa de ser, eventualmente, até mesmo próxima daquela de seu predecessor. Estudos recentes não nos permitem confirmar o juízo de Quintiliano; além disso, a famosa crítica de Calígula, para quem a linguagem senecana seria “areia sem cal” [*harenam sine calce*] (Suetônio, *Cal.* 53.3), é, para Albrecht, “impreciso”.¹⁰⁴

Pelas características aparentemente discordantes do estilo de Sêneca (aquelas do *sermo* e as outras da *admonitio*, *disputatio* e *oratio*), alguns estudiosos consideram sua linguagem ambivalente. Nas últimas décadas, para compreender essa dualidade, foi seminal o ensaio de Traina.¹⁰⁵ Nele o autor define dois lados da linguagem do Sêneca filósofo, em uma tentativa de explicar o equilíbrio que há entre eles e como servem adequadamente ao seu propósito filosófico: “linguagem da interioridade” e “linguagem da pregação”.

Devemos remeter ao período histórico em que Sêneca viveu para falar sobre a “interioridade”. A relação conturbada do filósofo com os imperadores sob os quais viveu, não obstante sua posição de privilégio durante a maior parte da vida, traduz um princípio da doutrina estoica do seu tempo, isto é, de um tempo de tirania: a liberdade é encontrada ou no suicídio ou na interiorização, porque o mundo exterior à alma é inóspito e porque, enfim, nada é de si a não ser o próprio eu. Além disso, o sábio não tem interesse em qualquer coisa que esteja fora de si, porque as coisas, além de não lhe pertencerem, ameaçam apossar-se daquele que deveria ser o seu dono. Sêneca escreve sobre o mestre do estoicismo: “Com a notícia do naufrágio, nosso Zenão, ao saber que todos os seus pertences estavam submersos, disse: ‘Ordena-me a fortuna a filosofar mais desimpedido!’” (*De tranq.* 14.3). A única coisa que o sábio estima é a razão, através da qual é capaz de atingir o cosmos e assim agir como deve, fazendo jus à sua participação no todo cósmico.

Segundo Traina, Sêneca populariza uma linguagem do eu entre os romanos, talvez desacostumados à introspecção por conta das contingências políticas de seu tempo. Esse é um aspecto concreto de seu estilo. Podemos destacar dele, com Traina, o amplo uso de reflexivos, por exemplo. Estão presentes em construções com verbos e acusativo reflexivo, como *sequitur se ipse et urget gravissimus comes*¹⁰⁶ (*De tranq.* 2.14); com verbos de sentido concreto e que assim assumem carga metafórica: *excute te et varie scrutare et observa*¹⁰⁷ (*Ep.* 16.2); com verbos de movimento acompanhados de *in* + reflexivo, em expressões que indicam a ação

¹⁰³ “Lê Cícero: a prosa dele é una, caminha com calma e é delicada sem desonra” (*Ep.* 100.7).

¹⁰⁴ De resto, a oposição entre filosofia e oratória advogada por Sêneca não poderia mesmo ser absoluta, porque não é verdade que filosofia seja um tipo de discurso desprovido de retórica, por ter propósitos diferentes da oratória e por possuir um outro trinômio obra-autor-público. E também não era esse o argumento de Quintiliano, que, segundo Hansen (2013, p. 13), afirma que “a filosofia também se expressa como discurso e, portanto, também se ordena retoricamente, mesmo que seja numa retórica latente que não diz, não sabe, não pode, não quer ou não ousa dizer o próprio nome.”

¹⁰⁵ Traina, A. *Lo stile “drammatico” del filosofo Seneca*. 4. ed. Bologna: Pàtron Editore, 2011.

¹⁰⁶ “Persegue a si mesmo e se acossa como uma companhia muito insuportável”.

¹⁰⁷ “Agita-te para fora [ou seja, em sentido metafórico, põe-te como objeto de análise] e de vários modos escruta e observa”.

de interiorização: *Utique animus ab omnibus externis in se revocandus est*¹⁰⁸ (*De tranq.* 14.2) e *Multum et in se recedendum est; conversatio enim dissimilium bene composita disturbat*¹⁰⁹ (*De tranq.* 17.3); entre outras formulações. Considerando que esses usos específicos do reflexivo constituem uma particularidade do estilo senecano, Traina¹¹⁰ conclui que “a linguagem da interioridade [...] seja talvez a maior contribuição de Sêneca à terminologia filosófica do ocidente”.

Do outro lado, temos o Sêneca “médico” ou, como o compreende Traina, “pregador”, o qual, já observamos, não pode atuar sem as ferramentas retóricas que lhe permitam aconselhar e corrigir. Se a linguagem do eu é a aquela com que o estoico pode praticar filosofia em tempos em que só mesmo o eu é posse de si, a “linguagem da pregação” é aquela orientada para o exterior e com a qual o filósofo deve instruir seus leitores. Em oposição à estrutura arquitetônica e ordenada de Júlio César e Cícero, Sêneca surge com uma outra, sintomática do seu tempo:

O advento do império indica uma fratura nessa ordem [a de César e Cícero]. A realidade política fica em segundo plano, e indivíduo e cosmos se encontram de frente. O problema não é mais a inserção da pessoa na sociedade e no Estado, mas o seu significado no cosmos. Reafloram a solidão existencial e a urgência de soluções individuais. O contragolpe estilístico dessa mudança de valores é uma prosa exasperada e desconexa que tem tantos centros e tantas pausas quantas são as frases. A trama lógica do discurso se desmalha em um tumultuado clarão de *sententiae*, cada uma como um fim em si mesma.¹¹¹

Falar o mais possível com o menos possível de palavras,¹¹² este é o ideal da *brevitas* perseguido por Sêneca. Tomando o “paciente” como o destinatário da sua filosofia, Sêneca procura fazer parte do seu dia a dia e permanecer na sua memória por meio da retórica da *brevitas*. De todos os desdobramentos estilísticos dessa “linguagem da pregação” recolhidos por Traina, fiquemos apenas com a noção mais ampla de que seus argumentos são desenvolvidos por meio de *sententiae*, se chamarmos *sententiae* àquelas frases curtas com tom epigramático que concluem o parágrafo. Acreditamos que isso possa ser verificado na estrutura argumentativa que Albrecht¹¹³ chama de “desenvolvimentos longos precedendo um final curto”, que ocorre numerosas vezes em *Sobre a tranquilidade*. Vejamos este exemplo, com as frases de desenvolvimento e a conclusão sentenciosa:

In hoc itaque flectendi sumus, ut omnia vulgi vitia non invisita nobis sed ridicula videantur et Democritum potius imitemur quam Heraclitum. Hic enim, quotiens in publicum processerat, flebat, ille ridebat, huic omnia quae agimus miseriae, illi ineptiae videbantur. Elevanda ergo omnia et facili animo ferenda: *humanius est deridere vitam quam deplorare*¹¹⁴ (*De tranq.* 15.2, grifo nosso).

¹⁰⁸ “Em todo caso, a alma deve se chamar de volta a si, retirando-se de tudo o que está fora dela”.

¹⁰⁹ “Também é realmente preciso retirar-se em si mesmo, pois a convivência com pessoas diferentes perturba a calma interior”.

¹¹⁰ *Id.*, p. 21-22.

¹¹¹ *Id.*, p. 26.

¹¹² Cf. *Ep.* 59.5.

¹¹³ *Op. cit.*, p. 717-718.

¹¹⁴ “Assim, devemos nos predispor de modo que vejamos todos os vícios do povo não como detestáveis, mas ridículos, e imitemos antes Demócrito do que Heráclito. Pois este, de fato, toda vez que aparecia em público, chorava, e aquele ria; a este, tudo que fazemos lhe parecia desgraça, àquele, bobagem. Devemos, portanto, deixar as coisas mais leves e conduzi-las com alma flexível: *é mais humano rir da vida do que a deplorar.*”

Esta última frase é a *sententia* deste subcapítulo. O leitor desse diálogo se deparará com muitos desses casos em que, ao fim de um parágrafo, Sêneca resume seu argumento com máxima concisão.¹¹⁵

Percebemos, por fim, como um entendimento adequado da linguagem senecana deve estar vinculado ao entendimento do seu projeto filosófico. Para Traina (2011, p. 23), é este o estilo de Sêneca: na alteração entre o movimento “centrípeto” de sua linguagem (interioridade) e o “centrífugo” (pregação), Sêneca demonstra o equilíbrio, necessário ao filósofo estoico romano, entre a investigação sobre a sabedoria e a sua divulgação. Assim entendido, seu estilo está a serviço do melhoramento da alma de quem lê sua obra. Considerando que Sêneca é um membro do triunvirato estoico em Roma,¹¹⁶ pode-se dizer que sua proposta de linguagem é elucidativa das preocupações do próprio estoicismo romano. Chauí aponta que o tripé estoico reduziu-se em Roma quase que absolutamente à ética, estando-lhe subordinadas a física e a lógica, a ponto de, segundo a autora, Marco Aurélio afirmar que “O bem viver não depende de silogismos” (Chauí, 2010, p. 290). De fato, a preocupação de Sêneca não é apresentar e resolver silogismos; a essa altura, podemos asseverar que isto está claro: para Sêneca, a persuasão lógica não terá efeito sobre um paciente afligido pelas doenças da alma. Repetimos, portanto, a definição do estilo senecano por Traina (2011, p. 39), capaz de explicar a prioridade do filósofo de que nos ocupamos: “a sua palavra não busca a verdade, divulga-a”. Em outras palavras, não procura a demonstração irretorquível, mas espalha os ensinamentos sobre a *sapientia*.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Quais são os principais gêneros e temas explorados por Sêneca em sua obra em prosa?
2. Reflita sobre esta passagem do texto:

[...] “no período augustano, os professores de retórica cultivaram uma dicção rica em frases curtas e rítmicas, com um ‘desfecho’ epigramático tanto no conteúdo quanto na forma” Mas nem por isso se poderá dizer que Sêneca seja um anti-Cícero, ao menos não se desejarmos ser precisos com essa designação. Geralmente, atribuem-se a um o caráter sentencioso, rápido, epigramático, desadornado e, ao outro, a retórica perfeita¹¹⁷ e o período longo e hipotático. Contudo, a crítica moderna, ainda conforme Albrecht, tem mostrado que a proximidade entre Cícero e Sêneca é maior do que se poderia supor em uma leitura rápida, desde a correção gramatical (em que, na verdade, Sêneca é em momentos superior) até o fato de que ele o tem como um modelo, além de que o chamado “estilo periódico” deste

¹¹⁵ Alguns outros exemplos são 5.4: *non est enim servare se obruere* [“pois enterrar-se não é proteger-se”]; 7.2: *reluctante natura inritus labor est* [“quando a natureza é relutante, o esforço é inútil”]; 10.3: *omnis vita servitium est* [“toda vida é escravidão”]; notáveis ainda os exemplos de 17.2, *multum interest, simpliciter vivas an negligenter* [“há muita coisa entre viver com naturalidade e viver com negligência”], e 17.6, *Multum interest, remittas aliquid an solvas* [“Há grande diferença entre afrouxares e soltares algo”], nos quais, além das *sententiae* finais, verificamos outro recurso do estilo senecano, a repetição – neste caso, tanto lexical quanto sintática. De acordo com Albrecht (2014, p. 708), “Repetição verbal (como a anáfora, por exemplo), é um meio importante para dar ligação à prosa de Sêneca: até mesmo a conexão de frases é estabelecida por repetição”.

¹¹⁶ Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Cf. Chauí (2010, p. 297 ss.).

¹¹⁷ No sentido de ser o principal modelo para a prescrição retórica em latim, como diz Quintiliano sobre ele (*Inst.* 6.3.1): “príncipe da língua latina” [*Latinae eloquentiae princeps*].

é reservado a apenas alguns textos e contextos; em suas cartas, por exemplo, não o encontramos em abundância.

O que significa dizer que geralmente se atribuem a Sêneca o caráter sentencioso, rápido, e epigramático? A que característica estilísticas se está referindo aqui?

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente ler e traduzir este trecho da primeira carta de Sêneca a Lucílio, na qual ele aborda o valor do tempo:

Ita fac, mi Lucili: vindica te tibi et tempus, quod adhuc aut auferebatur aut subripiiebatur aut excidebat, collige et serva. Persuade tibi hoc sic esse, ut scribo: quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt. Turpissima tamen est iactura, quae per negligentiam fit. Et si volueris attendere, magna pars vitae elabatur male agentibus, maxima nihil agentibus, tota vita aliud agentibus. Quem mihi dabis, qui aliquod pretium tempori ponat, qui diem aestimet, qui intellegat se cotidie mori? In hoc enim fallimur, quod mortem prospicimus: magna pars eius iam praeterit. Quidquid aetatis retro est, mors tenet.

Vocabulário:

adhuc adv. até agora

aestimet subj. pres. de *aestimo*; *qui diem aestimet* ‘que valorize o dia’

aetas, aetatis 3f. tempo

agens, agentis 3m. ‘aquele que faz’; e.g. *nihil agentibus* ‘àqueles que não fazem nada’

aliquis, aliquae, aliquod pron. algum, algo

alius, alia, aliud pron. outro

attendo, attendere, attendi, attentus 3 prestar atenção

auferebatur imperf. da passiva de *aufero*; ‘era roubado’

aut conj. ou

colligo, colligere, collegi, collectus 3 recolher

cotidie adv. todo dia

dies, diei 5m. dia

do, dare, dedi, datus 1 dar

effluo, effluere, effluxi, - 3 esvair-se

elabor, elabi, elapsus sum 3 escapar

enim conj. pois

eripiuntur pres. da passiva de *eripio*; ‘são arrancados’

et conj. e

excido, excidere, excidi, excisus 3 tirar, cortar

facio, facere, feci, factus 3 fazer

fallimur pres. da passiva de *fallo*; ‘somos enganados,’ ‘nos enganamos’

fiō, fiere, factus sum 3 semidep. acontecer

hic, haec, hoc pron. este, ele

iactura, ae 1f. perda, desperdício

iam adj. já

in prep. (+ abl.) em

intellegat pres. do subjunt. de *intellego*; ‘entenda’
is, ea, id pron. esse, ele
ita adv. assim
Lucilius, i 2m. Lucílio
magnus, a, um adj. grande
male adv. mal
maximus, a, um adj. máximo, o maior
meus, a, um adj. meu
mibi dat. de *ego*
morior, mori, mortuus sum 3 morrer
mors, mortis 3f. morte
negligentia, ae 1f. negligência
nihil nada
nobis dat. de *nos*
pars, partis 3f. parte
per prep. (+ acus.) por, por causa de
persuadeo, persuadere, persuasi, persuasus 2 convencer
ponat pres. do subjunt. de *pono*; ‘ponha,’ ‘atribua’
praetereo, praeterire, praeterii, praeteritus 4 passar, ficar para trás
pretium, i 2n. preço
prospicio, prospicere, prospexi, prospectus 3 enxergar
qui, quae, quod pron. que, o que, o qual
quidam, quaedam, quoddam pron. um certo, algum
quidquid pron. ‘o que quer que,’ ‘tudo’
retro adv. para trás
scribo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
se acus. de 3p.
seruo, seruare, seruaui, seruatus 1 conservar, guardar
si conj. se
sic adv. assim
subducuntur pres. da passiva de *subduco*; ‘são subtraídos’
subripiebatur imperf. da passiva de *subripio*; ‘era roubado’
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tamen conj. porém
te acus. de *tu*
tempus, temporis 3n. tempo
teneo, tenere, tenui, tentus 2 segurar, guardar, reter
tibi dat. de *tu*
totus, a, um adj. todo
turpissimus, a, um adj. o mais vergonhoso
uindico, uindicare, uindicaui, uindicatus 1 reivindicar
uita, ae 1f. vida
uolueris perf. do subjuntiv. de *uolo*; ‘quiseres’
ut conj. como

Seção G

Pontos de língua

- voz passiva;
- participios presentes;
- mais-que-perfeito do subjuntivo (ativo, depoente e passivo)
- *cum* + subjuntivo;
- presente e imperfeito do subjuntivo (ativo, depoente e passivo);
- ordens indiretas (i.e. reportadas): *ut/ne* + subjuntivo;
- *accido/perficio ut* + subjuntivo;
- subjuntivo: usos especiais;
- condicionais com verbos no subjuntivo;
- subjuntivo nas orações relativas;
- *cum, quamvis* + subjuntivo;
- subjuntivo no discurso indireto.

G1 Voz passiva

Já vimos em E10 que o participio perfeito pertence à voz passiva (e.g. *amatus* ‘tendo sido amado’) e já vimos, em E3, E4 e F1, que os verbos depoentes têm morfologia de voz passiva, mas sentido ativo. Agora, portanto, simplesmente passaremos a usar efetivamente os verbos regulares ativos, tanto na voz ativa quando na voz passiva:

Voz passiva dos verbos ativos regulares:

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.
Presente							
<i>ego</i>	<i>amor</i>	sou amado	<i>habeor</i>	sou tido	<i>dicor</i>	sou dito	<i>audior</i> sou ouvido
<i>tu</i>	<i>amaris</i>	...	<i>haberis</i>	...	<i>diceris</i>	...	<i>audiris</i> ...
-	<i>amatur</i>		<i>habetur</i>		<i>dicitur</i>		<i>auditur</i>
<i>nos</i>	<i>amamur</i>		<i>habemur</i>		<i>dicimur</i>		<i>audimur</i>
<i>uos</i>	<i>amamini</i>		<i>habemini</i>		<i>dicimini</i>		<i>audimini</i>
-	<i>amantur</i>		<i>habentur</i>		<i>dicuntur</i>		<i>audiuntur</i>
Imperfeito							
<i>ego</i>	<i>amabar</i>	era amado	<i>habebat</i>	era tido	<i>dicebat</i>	era dito	<i>audiebat</i> era ouvido
<i>tu</i>	<i>amabaris</i>	...	<i>habebatis</i>	...	<i>dicebatis</i>	...	<i>audiebatis</i> ...
-	<i>amabatur</i>		<i>habebatur</i>		<i>dicebatur</i>		<i>audiebatur</i>
<i>nos</i>	<i>amabamur</i>		<i>habebamur</i>		<i>dicebamur</i>		<i>audiebamur</i>
<i>uos</i>	<i>amabamini</i>		<i>habebamini</i>		<i>dicebamini</i>		<i>audiebamini</i>
-	<i>amabantur</i>		<i>habebantur</i>		<i>dicebantur</i>		<i>audiebantur</i>
Futuro							
<i>ego</i>	<i>amabor</i>	serei amado	<i>habebor</i>	serei tido	<i>dicar</i>	serei dito	<i>audiar</i> serei ouvido
<i>tu</i>	<i>amaberis</i>	...	<i>habeberis</i>	...	<i>diceris</i>	...	<i>audieris</i> ...

-	<i>amabitur</i>	<i>habebitur</i>	<i>dicetur</i>	<i>audietur</i>
<i>nos</i>	<i>amabimur</i>	<i>habebimur</i>	<i>dicemur</i>	<i>audiemur</i>
<i>uos</i>	<i>amabimini</i>	<i>habebimini</i>	<i>dicemini</i>	<i>audiemini</i>
-	<i>amabuntur</i>	<i>habebuntur</i>	<i>dicentur</i>	<i>audientur</i>

Perfeito

<i>ego</i>	<i>amatus sum</i>	fui amado	<i>habitus sum</i>	fui tido	<i>dictus sum</i>	fui dito	<i>auditus sum</i>	fui ouvido
<i>tu</i>	<i>amatus es</i>	foste amado	<i>habitus es</i>	foste dito	<i>dictus es</i>	foste dito	<i>auditus es</i>	foste ouvido
-	<i>amatus est</i>	...	<i>habitus est</i>	...	<i>dictus est</i>	...	<i>auditus est</i>	...
<i>nos</i>	<i>amati sumus</i>		<i>habiti sumus</i>		<i>dicti sumus</i>		<i>auditi sumus</i>	
<i>uos</i>	<i>amati estis</i>		<i>habiti estis</i>		<i>dicti estis</i>		<i>auditi estis</i>	
-	<i>amati sunt</i>		<i>habiti sunt</i>		<i>dicti sunt</i>		<i>auditi sunt</i>	

M-q-perf.

<i>ego</i>	<i>amatus eram</i>	tinha sido amado	<i>habitus eram</i>	tinha sido tido	<i>dictus eram</i>	tinha sido dito	<i>auditus eram</i>	tinha sido ouvido
<i>tu</i>	<i>amatus eras</i>	tinhas sido amado	<i>habitus eras</i>	tinhas sido tido	<i>dictus eras</i>	tinhas sido dito	<i>auditus eras</i>	tinhas sido ouvido
-	<i>amatus erat</i>	...	<i>habitus erat</i>	...	<i>dictus erat</i>	...	<i>auditus erat</i>	...
<i>nos</i>	<i>amati eramus</i>		<i>habiti eramus</i>		<i>dicti eramus</i>		<i>auditi eramus</i>	
<i>uos</i>	<i>amati eratis</i>		<i>habiti eratis</i>		<i>dicti eratis</i>		<i>auditi eratis</i>	
-	<i>amati erant</i>		<i>habiti erant</i>		<i>dicti erant</i>		<i>auditi erant</i>	

Em termos morfológicos, podemos assumir que as mesmas regras gerais para a formação desses tempos verbais já vistas em E3, E4 e F1 se aplicam aqui também. *Grosso modo*, nos tempos imperfectivos (pres., imperf. e fut.), temos o radical ou tema do *inflectum* + desinências temporais (nenhuma para o pres., *bi* ou *e* para o fut. e *ba* para o imperf.) + desinências pessoais (*-or, -ris, -tur, -mur, -mini, -ntur*). Nos tempos perfectivos, temos a forma composta com o particípio perfeito do verbo + presente de *sum* (no perfeito) ou imperfeito de *sum* (no mais-que-perfeito).

Em termos semânticos, a voz passiva transforma em sujeito sintático aquele que sofre a ação (o termo *passivo* deriva de *passus*, part. perf. de *patior* ‘sofrer’). Assim, uma sentença ativa como *ego hunc librum lego* ‘eu estou lendo este livro’ na voz passiva se tornaria *hic liber a me legitur* ‘este livro está sendo lido por mim.’

Como se pode observar nesse exemplo, o termo que era sujeito na voz ativa se torna o agente da passiva na voz passiva, e esse termo, quando se trata de uma pessoa, normalmente é introduzido pela preposição *ab/a*.¹¹⁸ Contudo, especialmente se esse agente for uma coisa, será expresso simplesmente por um ablativo instrumental. Por exemplo, *languor me uictus est* ‘o cansaço me venceu’ > *ego languore uictus sum* ‘eu fui vencido pelo cansaço.’

Entretanto, o agente da passiva não é necessariamente um complemento obrigatório e, de fato, ele muitas vezes é omitido, especialmente quando se quer depositar o foco sobre o resultado da ação, omitindo seu agente ou causa, seja porque assim se quer ou porque isso é desconhecido. Por exemplo, *Caesar in senatu interfectus est* ‘César foi assassinado no senado.’

¹¹⁸ Geralmente, a preposição *ab*, que já conhecemos, torna-se *a* antes de consoantes, como em *a me*. O mesmo acontece com *ex/e*.

quem assassinou César não é mencionado aqui, e isso pode ter ocorrido porque não se conhecem os assassinos ou eles não importam, ou porque não se sabe quem são.

Cabe observar que os verbos *sum*, *eo* e *uolo* não possuem voz passiva. Além disso, resta explicar a formação do imperativo e infinitivo da voz passiva.

O imperativo passivo é formado, no singular, pela desinência *-re* e, no plural, pela desinência *-mini*. Assim, teríamos: *amare* ‘sê/ seja amado,’ *amamini* ‘sejam amados;’ *habere* ‘sê/ seja tido,’ *habemini* ‘sejam tidos;’ *dicere* ‘sê/ seja dito,’ *dicimini* ‘sejam ditos;’ *audire* ‘sê/ seja ouvido,’ *audimini* ‘sejam ouvidos.’

Os infinitivos passivos seguem, analogamente, a mesma regra de formação dos infinitivos dos depoentes, com exceção do infinitivo futuro passivo. Observe:

infinitivo passivo								
pres.	<i>amari</i>	ser amado	<i>haberi</i>	ser tido	<i>dici</i>	ser dito	<i>audiri</i>	ser ouvido
perf.	<i>amatus esse</i>	ter sido amado	<i>habitus esse</i>	ter sido tido	<i>dictus esse</i>	ter sido dito	<i>auditus esse</i>	ter sido ouvido
fut.	<i>amatum iri</i>	estar para ser amado	<i>habitum iri</i>	estar para ser tido	<i>dictum iri</i>	estar para ser dito	<i>auditum iri</i>	estar para ser ouvido

Portanto, o inf. presente é formado pelo tema do *infectum* acrescido das desinências *-ri* ou *-i* (3ª conj.), e o inf. perfeito, pelo particípio perfeito e o auxiliar *esse*. Por sua vez, infinitivo futuro passivo, nossa grande novidade aqui, é formado pelo supino (*conatum*, *meritum*, *secutum*, *oritum* etc.)¹¹⁹ e *iri*, o virtual infinitivo presente passivo do verbo *eo*. Como exposto na tabela, se *amaturus esse* significa ‘estar para amar’, *amatum iri* significa ‘estar para ser amado.’

G2 Particípios presentes

Já conhecemos em E10 os particípios perfeito (passado) e futuro. Agora, por fim, conheceremos o particípio presente, forma muito prolífica em latim. Sua morfologia é muito simples: basicamente, é formado pelo tema do *infectum* e recebe as desinências *-ns* no nom. sing. e *-nt-* nos demais casos, funcionando como um adjetivo uniforme de terceira declinação: *ama-re: amans, amantis; habe-re: habens, habentis; dic-e-re: dicens, dicentis; ama-re: amans, amantis.*

O particípio presente marca aspecto continuativo e, portanto, como forma nominal, expressa aquele que está realizando determinada ação. Por exemplo: *Paulus amans maiore laetitia laborat* ‘Paulo que está amando está trabalhando com mais alegria.’

¹¹⁹ O supino é uma forma com radical idêntico ao do particípio perfeito, porém é inflexível e sempre termina em *-um*, como *conatum*, *meritum*, *secutum*, *oritum*. Seu sentido se assemelha ao de uma oração final infinitiva (‘para tentar,’ ‘para merecer,’ ‘para seguir,’ ‘para surgir’). Seu emprego mais frequente é no infinitivo futuro, junto de *iri*. No entanto, o supino também pode aparecer sozinho na sentença, em empregos como: *Polynices Thebas oppugnatum venit* ‘Polinice veio a Tebas para atacá-la’ (Hygino, *Fab.* LXVIII.1); [*Agamemnon et Menelaus*] *Delphos petierunt sciscitatum* ‘Agamenon e Menelau se dirigiram a Delfos para consultar o oráculo’ (Hygino, *Fab.* LXXXVIII.8)

Além disso, sendo um particípio, essa forma tem força verbal e por isso pode introduzir complementos. Por exemplo: *ego Paulum Anam amantem uidi* ‘eu vi Paulo amando Ana/fazendo amor com Ana.’ Perceba que, especialmente quando o particípio presente rege complemento, é muito comum que traduzamos em português por um gerúndio. De fato, na nossa língua o gerúndio assumiu muitas funções do particípio presente latino, relegando às formas em *-ante* e *-ente* o status de simples substantivos ou adjetivos.

O particípio é *a priori* um adjetivo, mas, como qualquer adjetivo, também pode funcionar como substantivo quando ocorre sozinho. Por exemplo: *amantes amantes sunt* ‘os apaixonados são uns desvairados.’

Por fim, o particípio também pode ser usado de maneira anafórica, como um pronome, para retomar algum termo que já foi mencionado antes no contexto. Por exemplo: *Petrum Europam ire non sciebam, sed hodie, in aeroporto, in aeraone euntem uidi* ‘Não sabia que Pedro ia para a Europa, mas hoje, no aeroporto, eu o vi entrando no avião’ (lit. ‘eu vi aquele que estava entrando no avião’).

G3 Mais-que-perfeito do subjuntivo (ativo, deponente e passivo)

Já conhecemos até aqui várias formas de subordinação em latim. Vimos, por exemplo, as subordinadas introduzidas por *dum*, que ocupa a posição de um *advérbio* na frase:

imaginem in somnio habuit ‘ele teve a visão em um sonho’ > *imaginem dum dormiebat habuit* ‘ele teve a visão enquanto dormia’

Já vimos subordinadas relativas, que ocupa a posição de um *adjetivo* na frase:

Claudia ingeniosa multa nobis docet ‘a inteligente Cláudia nos ensina muitas coisas’ > *Claudia quae ingenium habet multa nobis docet* ‘a Cláudia, que tem inteligência, nos ensina muitas coisas’

E também já vimos as subordinadas infinitivas, equivalentes a um *substantivo*, ocupando a posição de sujeito ou objeto na frase, tal como as ACIs:

Claudiae lectionem uidi ‘vi a aula da Cláudia’ > *Claudiam lectionem docere uidi* ‘vi a Cláudia dar a aula’

Claudiae explicationem uolebam ‘eu queria a explicação da Cláudia’ > *Claudiam mihi explicauisse uolebam* ‘eu queria que a Cláudia tivesse explicado para mim.’

Ocorre que, em latim, essa mesma subordinada objetiva – isto é, uma subordinada que assume a posição de objeto direto – poderia ser construída com um subjuntivo em vez do infinitivo. Por exemplo:

uolebam ut Claudia mihi explicauisset > ‘eu queria que a Cláudia tivesse explicado para mim.’

Aliás – embora o subjuntivo seja apresentado como o modo verbal da incerteza e da possibilidade (em oposição ao indicativo, o modo da certeza e da realidade) – seu nome diz respeito não à modalidade propriamente, mas sim ao seu comportamento sintático, pois a rigor o subjuntivo é a forma da subordinação: uma sentença subordinada é uma sentença ordenada ou unida (*juncta*) abaixo (*sub*) da sentença principal, por isso *subjuntiva*.

Começaremos a desbravar o subjuntivo latino a partir de um de seus tempos mais comuns, o m-q-perf., no seu uso mais frequente, o de circunstância temporal, introduzido pela conjunção *cum*.

Iniciemos pela sua morfologia. Como você deve ter percebido pelos exemplos acima, sua formação é idêntica à do infinitivo perfeito, tanto na voz ativa (radical do perfeito + desinência *isse*, agora com o acréscimo das desinências pessoais) quanto na voz passiva (part. perf. + *esse* + desinências pessoais afixadas ao *esse*):

	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.
voz ativa							
ego	<i>amauissem</i>	tivesse amado	<i>habuisssem</i>	tivesse tido	<i>discissem</i>	tivesse dito	<i>auduissem</i> tivesse ouvido
tu	<i>amauisses</i>	...	<i>habuisses</i>	...	<i>discisses</i>	...	<i>auduisses</i> ...
-	<i>amauisset</i>		<i>habuisset</i>		<i>discisset</i>		<i>auduisset</i>
nos	<i>amauissemus</i>		<i>habuissemus</i>		<i>discissemus</i>		<i>auduissemus</i>
uos	<i>amauissetis</i>		<i>habuissetis</i>		<i>discissetis</i>		<i>auduissetis</i>
-	<i>amauisset</i>		<i>habuisset</i>		<i>discisset</i>		<i>auduisset</i>
voz pass.							
ego	<i>amatus essem</i>	tivesse sido amado	<i>habitus essem</i>	tivesse sido tido	<i>dictus essem</i>	tivesse sido dito	<i>auditus essem</i> tivesse sido ouvido
tu	<i>amatus esses</i>	...	<i>habitus esses</i>	...	<i>dictus esses</i>	...	<i>auditus esses</i> ...
-	<i>amatus esset</i>		<i>habitus esset</i>		<i>dictus esset</i>		<i>auditus esset</i>
nos	<i>amati essemus</i>		<i>habiti essemus</i>		<i>dicti essemus</i>		<i>auditi essemus</i>
uos	<i>amati essetis</i>		<i>habiti essetis</i>		<i>dicti essetis</i>		<i>auditi essetis</i>
-	<i>amati essent</i>		<i>habiti essent</i>		<i>dicti essent</i>		<i>auditi essent</i>

No caso dos depoentes, a formação é exatamente igual à da passiva dos verbos ativos: part. perf. e *esse* + desinências pessoais (*conatus essem*, *meritus essem*, *secutus essem*, *oritus essem* etc.).

Os verbos *sum*, *eo* e *uolo*, que só possuem voz ativa, formam o m-q-perf. do subj. regularmente: *fuissem*, *iissem*, *uoluissem* etc.

Quanto ao verbo *fero*, sua formação aqui também é regular tanto na voz ativa quanto na passiva, conquanto seja importante nos atentarmos para seus radicais anômalos: *tulisssem*, *tulisses* etc., e *latus essem*, *latus esses* etc.

G4 *Cum* + subjuntivo

Como anunciamos acima, começaremos explorando o uso do mais-q-perf. do subjuntivo que ocorre em orações adverbiais circunstanciais ou temporais, introduzido pela conjunção *cum*.¹²⁰ Até aqui, temos construído esse tipo de oração com a conjunção *ubi* introduzindo um verbo no indicativo (e.g. *ubi ille peruenit, iam abieram* ‘quando ele chegou, eu já tinha ido

¹²⁰ Até agora só tínhamos visto *cum* como preposição. Perceba agora que essa mesma palavra também pode ser uma conjunção.

embora’). No entanto, em latim clássico, era mais comum que esse tipo de subordinada adverbial fosse construído usando-se a conjunção *cum* + m-q-perf. do subjuntivo:

cum ille peruenisset, iam abieram ‘uma vez que ele tivesse chegado/quando ele chegou, eu já tinha ido embora’

Aqui traduzimos primeiramente por ‘uma vez que tivesse chegado’ porque a conjunção ‘uma vez que’ em português introduz normalmente m-q-perf. do subjuntivo, e assim conseguimos manter um paralelismo morfossintático com o latim. No entanto, veremos que na maioria das vezes é mais conveniente traduzir esse tipo de construção em português por ‘quando’ + perf. do indicativo. Veja outros exemplos, agora retirados de textos clássicos:

cum haec omnia prius acta essent, ipse advenit ‘quando todas essas coisas já tinham sido feitas, ele próprio chegou’ (Cícero, *Philippicae* 2.7)

cum horum verbis rex motus esset, Tulliam prius ex urbe egredi iussit ‘quando o rei foi movido pelas palavras deles, ordenou primeiro que Tullia saísse da cidade’ (Tito Lívio, *Ab Urbe Condita* 1.26)

cum hoc animadvertisset, solum vertere statuit ‘quando percebeu isso, decidiu mudar de solo (lugar)’ (Cornélio Nepos, *Atticus* 19.1, adapt.)

Quando houver uma conjunção adversativa na oração principal (como *tamen* ou *nihilominus*), a oração adverbial de *cum* + m-q-perf. do subjuntivo será concessiva. Por exemplo:

cum ille institisset, illa tamen non accepit ‘embora ele tivesse insistido, ela porém não aceitou’

cum alius multam pecuniam obtulisset, alius nihilominus uendere noluit ‘embora um tivesse oferecido muito dinheiro, o outro mesmo assim não quis vender

Assim como é comum, em latim, que uma preposição se desloque para o meio do seu sintagma (e.g. *cum multa cupiditate* > *multa cum cupiditate* ‘com muito desejo’), também é bastante comum que a conjunção se desloque para perto do verbo numa sentença subordinada. Esse tipo de construção é chamada de ‘construção sanduíche.’ Os exemplos acima poderiam ser construídos, a propósito, da seguinte maneira:

cum ille institisset, illa tamen non accepit > *ille cum institisset, illa tamen non accepit*

alius multam pecuniam cum obtulisset, alius nihilominus uendere noluit

É importante que estejamos atentos a essas possibilidades quando nos depararmos com elas em um texto.

G5 Presente e imperfeito do subjuntivo (ativo, deponente e passivo)

Agora que já conhecemos o m-q-perf. do subjuntivo, muito útil para construir subordinadas adverbiais e assim expressar circunstâncias, conheceremos o presente e o imperfeito desse

mesmo modo verbal, muito úteis para formar subordinadas objetivas e assim expressar desejos, ordens, pensamentos etc. Por exemplo:

Titus auxiliū rogat/rogavit ‘Tito pede/pediu ajuda’ > *Titus rogat ut se adiuvemus* ‘Tito pede que o ajudemos;’ *Titus rogavit ut se adiuvarem* ‘Tito pediu que o ajudássemos.’

Nesses exemplos, as formas *adiuvemus* e *adiuvarem* são exemplos presente e imperfeito do subjuntivo respectivamente. Iniciemos nossa análise, como de costume, pela morfologia.

Começando pelo presente, repare que o português herdou as mesmas marcas do presente do subjuntivo latino, a saber, *e* e *a*. Vejamos: amar > que eu ame; comer > que eu coma; abrir > que eu abra. Assim, se o verbo tem tema em *a*, fará o pres. do subjuntivo em *e*; se o verbo tem tema em *e* ou *i*, fará o pres. do subjuntivo em *a*. Analogicamente, o mesmo ocorre com o latim: *amare* > *ut ego amem*; *habere* > *ut ego habeam*; *dicere* > *ut ego dicam*; *audire* > *ut ego audiam*. Analisemos, portanto, o quadro geral:

1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.	4ª conj.
voz ativa			
<i>ego amem</i> (que) eu ame	<i>habeam</i> (que) eu tenha	<i>dicam</i> (que) eu diga	<i>audiam</i> (que) eu ouça
<i>tu ames</i> ...	<i>habeas</i> ...	<i>dicas</i> ...	<i>audias</i> ...
- <i>amet</i>	<i>habeat</i>	<i>dicat</i>	<i>audiat</i>
<i>nos amemus</i>	<i>habeamus</i>	<i>dicamus</i>	<i>audiamus</i>
<i>uos ametis</i>	<i>habeatis</i>	<i>dicatis</i>	<i>audiatis</i>
- <i>ament</i>	<i>habeant</i>	<i>dicant</i>	<i>audiant</i>
voz pass.			
<i>ego amer</i> (que) eu seja amado	<i>habeat</i> (que) eu seja tido	<i>dicar</i> (que) eu seja dito	<i>audiar</i> (que) eu seja ouvido
<i>tu ameris</i> ...	<i>habearis</i> ...	<i>diceris</i> ...	<i>audiaris</i> ...
- <i>ametur</i>	<i>habeatur</i>	<i>dicetur</i>	<i>audiatur</i>
<i>nos amemur</i>	<i>habeamur</i>	<i>dicemur</i>	<i>audiamur</i>
<i>uos amemini</i>	<i>habeamini</i>	<i>dicemini</i>	<i>audiamini</i>
- <i>amentur</i>	<i>habeantur</i>	<i>dicentur</i>	<i>audiantur</i>

Repare que, nos verbos da 1ª conj., a vogal temática dá lugar à desinência *e*, mas nos verbos da 2ª e 4ª conj., a vogal temática se mantém, e a desinência *a* se agrega a ela.

No caso dos depoentes, a formação é exatamente igual à da passiva dos verbos ativos: *conari* > *coner*, *coneris*...; *merear*, *merearis*...; *sequar*, *sequaris*...; *oriar*, *oriaris*...; etc.

Os verbos *sum*, *eo* e *uolo*, que só têm voz ativa, apresentam as seguintes formas no pres. do subjuntivo:

	<i>sum</i>	<i>eo</i>	<i>uolo</i>
<i>ego</i>	<i>sim</i> (que) eu seja	<i>eam</i> (que) eu vá	<i>uelim</i> (que) eu queira
<i>tu</i>	<i>sis</i>	<i>eas</i>	<i>uelis</i>
-	<i>sit</i>	<i>eat</i>	<i>uelit</i>
<i>nos</i>	<i>simus</i>	<i>eamus</i>	<i>uelimus</i>
<i>uos</i>	<i>sitis</i>	<i>eatis</i>	<i>uelitis</i>
-	<i>sint</i>	<i>eant</i>	<i>uelint</i>

O verbo *fero*, por sua vez, comporta-se como um verbo de 3ª conj. regular: *feram*, *ferus* etc. (na voz ativa); *ferar*, *feraris* etc. (na voz passiva).

Passando ao imperfeito do subjuntivo, já nos deparamos com ele há pouco, quando vimos o m-q-perf. da passiva no subjuntivo, formado pelo part. perfeito + *essem, esses, esset* etc., isto é, o imperfeito do subjuntivo de *sum*. Perceba que o que temos aqui é o próprio infinitivo como radical e as desinências pessoais: *esse* + *-m, -t, -s, -mus, -tis, -nt*. Essa é portanto a regra de formação do imperfeito do subjuntivo: o infinitivo presente funcionando como radical + desinências pessoais:

1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.	4ª conj.
voz ativa			
<i>ego amarem</i> (que) eu amasse	<i>haberem</i> (que) eu tivesse	<i>dicerem</i> (que) eu dissesse	<i>audirem</i> (que) eu ouvisse
<i>tu amares</i> ...	<i>habereres</i> ...	<i>dicereres</i> ...	<i>audires</i> ...
- <i>amaret</i>	<i>haberet</i>	<i>diceret</i>	<i>audiret</i>
<i>nos amaremus</i>	<i>haberemus</i>	<i>diceremus</i>	<i>audiremus</i>
<i>uos amaretis</i>	<i>haberetis</i>	<i>diceretis</i>	<i>audiretis</i>
- <i>amarent</i>	<i>haberent</i>	<i>dicerent</i>	<i>audirent</i>
voz pass.			
<i>ego amarer</i> (que) eu fosse amado	<i>haberer</i> (que) eu fosse tido	<i>dicerer</i> (que) eu fosse dito	<i>audirer</i> (que) eu fosse ouvido
<i>tu amareris</i> ...	<i>habereris</i> ...	<i>dicereris</i> ...	<i>audirer</i> ...
- <i>amaretur</i>	<i>haberetur</i>	<i>diceretur</i>	<i>audiretur</i>
<i>nos amaremur</i>	<i>haberemur</i>	<i>diceremur</i>	<i>audiremur</i>
<i>uos amaremini</i>	<i>haberemini</i>	<i>diceremini</i>	<i>audiremini</i>
- <i>amarentur</i>	<i>haberentur</i>	<i>dicerentur</i>	<i>audirentur</i>

Os depoentes formam o imperfeito do subjuntivo da mesma maneira: *conarer, conareris...*; *mererer, merereris...*; *sequerer, sequereris...*; *orirer, orireris...*; etc. No entanto, perceba que, embora os depoentes não tenham as formas da voz ativa, aqui o radical é um falso infinitivo ativo terminado em *-re*: *conare**, *merere**, *sequere**, *orire**.

Por sua vez, a formação de *sum, eo, uolo* e *ferre* é regular no imperfeito do subjuntivo: *essem, esses...*; *irem, ires...*; *uellem, uelles...*; *ferrem, ferres...*; etc.

Passemos agora aos usos desses tempos verbais muito prolíficos.

G6 Ordens indiretas (reportadas): *ut/ne* + subjuntivo

No início do tópico anterior, antes de apresentarmos a morfologia do presente e imperfeito do subjuntivo, introduzimos o assunto mencionando que esses tempos são muito úteis para formar subordinadas objetivas e assim expressar desejos, ordens, pensamentos etc. Naquele momento, oferecemos um exemplo com o verbo *rogo* ‘pedir’:

Titus auxiliium rogat/rogavit ‘Tito pede/pediu ajuda’ > *Titus rogat ut se adiuvemus* ‘Tito pede que o ajudemos.’ *Titus rogavit ut se adiuvarem* ‘Tito pediu que o ajudássemos.’

Repare que, diferente da ACI, que dispensava a conjunção para ser introduzida, a subordinada subjuntiva normalmente é introduzida por uma conjunção.¹²¹ Se a subordinada fosse afirmativa, como é o caso no exemplo acima, a conjunção completiva seria *ut*, se fosse negativa, seria *ne*: *Titus rogat ne se adiuvemus* ‘Tito pede que não o ajudemos.’

Perceba também, a partir do exemplo, que o tempo do verbo principal condiciona o tempo da subordinada. Assim, se o verbo principal estiver no presente ou futuro, o subjuntivo na subordinada estará no presente. Se o verbo principal estiver no passado, o subjuntivo na subordinada estará no imperfeito. Assim, *rogat/rogabit ut adiuvemus*; *rogavit/rogabat ut adiuvaremus*. Essa correlação dos tempos é chamada de *consecutio temporum*.

Como dissemos, subordinadas objetivas introduzidas por *ut/ne* são muito úteis para expressar desejos, ordens, pensamentos etc. O verbo *rogo*, usado no exemplo, é um caso de verbo volitivo (de desejo). Assim como ele, o latim dispunha de vários verbos volitivos ou jussivos (de ordem) que introduziam sentenças subjuntivas. Eis alguns exemplos:

oro (pedir, orar):

***oro ut amicus meus veniat* ‘peço que meu amigo venha’**

oravi ut amicus meus veniret ‘pedi que meu amigo viesse’

peto (pedir, solicitar):

***peto ut auxilium feras* ‘peço que você traga ajuda’**

petivi ut auxilium ferres ‘pedi que você trouxesse ajuda’

postulo (exigir, solicitar):

***postulo ut veritatem dicas* ‘exijo que você diga a verdade’**

postulaui ut veritatem diceres ‘exigi que você dissesse a verdade’

rogo (perguntar, pedir):

***rogo ut me adiuuetis* ‘peço que vocês me ajudem’**

rogavi ut me adiuuaretis ‘pedi que vocês me ajudassem’

impero (ordenar, mandar):

***impero ut taceas* ‘ordeno que você se cale’**

imperaui ut taceres ‘ordenei que você se calasse’

persuadeo (persuadir, convencer):

***persuadebo ut rem desinas* ‘eu o convencerei a parar com isso’**

persuasi ut rem desineres ‘eu o convenci a parar com isso’

hortor (exortar, encorajar):

***hortor ut fortes sitis* ‘eu os encorajo a serem fortes’**

hortatus sum ut fortes essetis ‘eu os encorajei a serem fortes’

G7 *Accido/perficio ut* + subjuntivo

Outros dois verbos, *accido* e *perficio*, embora não estejam dentro dos campos semânticos de ordem e desejo, também se empregam usualmente com subordinadas construídas com *ut* +

¹²¹ O latim também podia introduzir subordinadas subjuntivas sem conjunção, fenômeno conhecido como parataxe, muito frequente em textos literários. E.g., *sperat omnia faciam* ‘ele espera (que) eu faça tudo.’ No entanto, hipotaxe (subordinação com conjunção) era a regra geral.

subjuntivo. No caso de *accido* ('acontecer'), como esse verbo é intransitivo, a subordinada funciona como sujeito (e não objeto), embora se posicione à direita do verbo. Como ele se presta a acrescentar um fato à narrativa, normalmente ocorre na 3p.sg., no perfeito (*accidit*). Observe:

accidit ut ea res multis, quos secum habebat, mortem aferreret 'aconteceu que essa coisa trouxe a morte para muitos daqueles que estavam com ele'

accidit ut eodem anno puerum amitterem 'aconteceu que no mesmo ano perdi um filho'

accidit ut esset luna plena 'aconteceu que era lua cheia'

Já, no caso de *perficio* ('conseguir, fazer com que'), a subordinada como objeto, semelhante aos outros verbos que vimos há pouco:

perfecit ut omnes adessent 'ele conseguiu que todos estivessem presentes'

perfecit ut leges mutarentur 'ele conseguiu que as leis fossem mudadas'

perfecit ut urbs caperetur 'ele conseguiu que a cidade fosse capturada'

G8 Condicionais com verbos no subjuntivo

No começo desta na seção, no tópico G3, dissemos que, embora o subjuntivo seja apresentado como o modo verbal da incerteza e da possibilidade (em oposição ao indicativo, o modo da certeza e da realidade) – seu nome diz respeito não à modalidade propriamente, mas sim à subordinação (subjungir é o mesmo que subordinar). Contudo, o fato de essa forma ser usada sistematicamente com verbos que expressam condições irreais ou incertas (vontades, possibilidades, hipóteses etc.) fez com que ela evoluísse a ponto de marcar modalidade, permitindo a expressão de estados emocionais como dúvida, incerteza, possibilidade, probabilidade e condição.

Por esse motivo, em períodos condicionais que expressam condições irreais, o latim empregava o subjuntivo nas duas sentenças, tanto na prótase quanto na apódose. Observe:

(1) *si diues essem, non laborarem*

(2) *si diues sim, non laborem*

Ambas sentenças poderiam ser traduzidas em português por 'seu eu fosse rico, não trabalharia.' No entanto, em (1), o latim emprega o imperfeito do subjuntivo nas duas sentenças do período e, em (2), emprega o presente do subjuntivo. Isso significa que, em (1), não há possibilidade de a condição se realize, ao passo que, em (2), sim, há possibilidade de que ela venha a se realizar. Portanto, temos o seguinte esquema:

<i>prótase</i>		<i>apódose</i>		
<i>se</i>	[imperf. do subj.]	<i>então</i>	[imperf. do subj.]	condição que não se realiza (irrealizável)
<i>se</i>	[pres. do subj.]	<i>então</i>	[pres. do subj.]	cond. que pode se realizar no fut. (potencial)

Portanto, em (1), diz-se ‘se eu fosse rico,’ mas eu não sou, ao passo que, em (2), diz-se ‘se eu fosse rico’ e eu posso vir a ser. Disso concluímos que, em português, o período condicional formado com imperf. do subj. na prótase e fut. do pretérito do ind. na apódose (‘se eu *fosse* ... então *seria*’) é ambíguo, pois expressa os dois sentidos: a condição irrealizável e a condição potencial. Assim, em termos didáticos, é mais interessante traduzir períodos do segundo tipo por ‘se eu vier a ser/ ficar rico, não trabalharei.’ Veja outros exemplos:

- (1) *si fugiant, sequamur*
(2) *si fugirent, sequeremur*

De acordo com o entendimento que acabamos de estabelecer, é conveniente traduzir (1) por ‘se fugirem, seguiremos’ e (2) por ‘se fugíssemos, seguiríamos,’ presumindo que não há mais como isso acontecer.

Essas combinações são as mais regulares em latim quando se quer expressar condições irrealis. Contudo, devemos ter em vista que podemos encontrar outros tempos e combinações, expressando diferentes nuances de sentido.

G9 Subjuntivo nas orações relativas

Às vezes, o subjuntivo é empregado em orações relativas em livre variação com o indicativo, sem nenhuma alteração de sentido em particular. Há, no entanto, usos que trazem diferentes nuances de sentido, como possibilidade e causalidade. Observe estes em particular:

Possibilidade:

sunt illi qui dicant eum sapientem esse ‘há quem diga que ele é sábio’ (lit. ‘há aqueles que digam que ele é sábio’)

Cicero non est qui in bello supersit ‘Cícero não é do tipo que sobrevive na guerra’

Causalidade:

sanus tu non es qui me furem vocas (Plauto, *Aulularia*, 775) ‘são tu não és visto que me chames de ladrão’

Esse tipo de uso do relativo com subjuntivo expressando causalidade também pode ser reforçado com a locução *quippe*,¹²² como em:

solis candor inlustrior estquam ullius ignis, quippe qui immenso mundo tam longe lateque conluceat (Cícero, *De Natura Deorum*, 2, 40) ‘o brilho do sol é mais intenso do que qualquer outro fogo, visto que ele reluz tão longe e amplamente no imenso universo’

¹²² Assim como *quippe*, o latim dispunha de outras partículas de reforço, como *utpote*, realça o sentido causal de um relativo: e.g. *miser sum, utpote quem Cynthia amet* ‘sou um infeliz, como é natural para alguém a quem Cíntia ama.’

G10 *Cum, quamvis* + subjuntivo

Já vimos em G4 que a conjunção *cum* + m-q-perf. do subjuntivo significando circunstância causal ('uma vez que tenha feito isso...'), temporal ('quanto fez isso...') ou concessivo ('embora tenha feito isso...').

Agora, convém saber que *cum* também pode introduzir presente e imperfeito do subjuntivo. Quando introduz imperfeito do subjuntivo, expressa uma circunstância em curso no passado: 'quando estava fazendo isso,' 'uma vez que estivesse fazendo isso,' 'embora estivesse fazendo isso.' Quando introduz presente do subjuntivo, pode expressar causa ou concessão, mas nunca tempo: 'uma vez que esteja fazendo isso,' 'embora esteja fazendo isso.'

Contudo, na maior parte das vezes, *cum* + subjuntivo expressa circunstância temporal, ao passo que a concessão é reservada para *quamvis* + subjuntivo (ou *quamquam* + indicativo). Exemplos:

quamvis sit vir bonus, tamen errat 'embora ele seja um homem bom, ele ainda assim erra'

quamvis lassus esset, continuavit 'embora estivesse cansado, continuou'

G11 Subjuntivo no discurso indireto

Em F4, vimos que o latim constrói discurso indireto com ACIs: *se tranquillus esse dixit* 'ele que era tranquilo.' No entanto, em latim, se dentro do discurso direto houver uma subordinada explicativa introduzida por *quod* ou *quia* ('porque'), no discurso indireto ela será construída com subjuntivo. Observe:

Discurso direto:

ille dixit: tranquillus sum quod cum aliquo nunquam oppugno 'ele disse: sou tranquilo, porque nunca brigo com ninguém'

Discurso indireto:

ille ese, quod cum aliquo nunquam oppugnaret, tranquillus esse dixit 'ele disse que era tranquilo, porque nunca brigava com ninguém'

Discurso direto:

illa dixit: deformem me habeo, quod nemo me uult 'ela disse: acho que sou feia, porque ninguém me quer'

Discurso indireto:

illa se, quod nemo se uellet, deformem habere dixit ‘ela disse que se achava feia, porque ninguém a queria’

Exercícios - Pontos de língua da Seção G

1. Converta as seguintes frases para a voz passiva e depois as traduza:

- a) *In principio regni, Nero ad cohortem suam Petronium inuitat.*
- b) *Petronius praecepta de elegantia Neroni dabat.*
- c) *Cum Nero insaniuisset, Petronius cohortem relinquit.*
- d) *Tunc, Petronius longam satyricam fabulam de Romae imperialis uitii moralibus scripsit.*
- e) *Ea fabula Nero vexat.*
- f) *Ob eam, Nero ad mortem Petronium condemnat.*

Vocabulário:

ad prep. (+ acus.) a, para
cobors, cohortis 3f. corte
condemn, condemnare, condemnaui, condemnatus 1 condenar
cum conj. quando, uma vez que
da, dare, dedi, datus 1 dar
de prep. (+ abl.) sobre
elegantia, ae 1f. elegância
fabula, ae 1f. história
imperialis, e adj. imperial
in prep. (+ abl.) em
insanio, insanire, insaniui, insanitus 4 ficar louco
inuito, inuitare, inuitaui, inuitatus 1 convidar
is, ea, id pron. esse, ele
longus, a, um adj. longo
moralis, e adj. moral
mors, mortis 3f. morte
Nero, Neronis 3m. Nero
ob prep. (+ acus.) por causa de
Petronius, i 2m. Petrônio
praeceptum, i 2n. preceito, instrução, lição
principium, i 2n. princípio, começo
regnum, i 2n. reinado, governo
relinquo, relinquere, reliqui, relictus 3 deixar, abandonar
Roma, ae 1f. Roma
satyricus, a, um adj. satírico
scribo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
suus, a, um adj. seu
tunc adv. então
uexo, uexare, uexaui, uexatus 1 irritar, incomodar
uitium, i 2n. vício

2. Converta o discurso direto em discurso indireto conforme o modelo:

Nero clamans imperauit: ferte Petronium hic!
Nero clamans imperauit ut Petronium hic ferrent!

- a) *Petronius ridens clamanti dicit: nihil mali tibi facio.*
- b) *Lictores ridenti imperauerunt: tacete!*
- c) *Nero eis admonuit: nolite eum interficere!*
- d) *Nero Petronio rogat: scurra tibi uideor?*
- e) *Petronius respondit: omnes deorum scurrae sumus.*

Vocabulário:

admoneo, admonere, admonui, admonitus 3 avisar

clamo, clamare, clamavi, clamatus 1 gritar

deus, dei 2n. deus

dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer

facio, facere, feci, factus 3 fazer

fero, ferre, tuli, latus trazer, levar

hic adv. aqui

impero, imperare, imperavi, imperatus 1 ordenar

interficio, interficere, interfeci, interfectus 3 matar

is, ea, id pron. esse, ela

lictor, lictoris 3m. guarda

malus, a, um adj. mau

Nero, Neronis 3m. Nero

nihil indecl. nada

nolo, nolle, nolui, - não quere; obs.: *noli/nolite* + infinit.: imperativo negativo ('não faça isso')

omnis, e adj. todo

Petronius, i 2m. Petrônio

respondeo, respondere, respondi, responsus 3 responder

rideo, ridere, risi, risus 3

rogo, rogare, rogaui, rogatus 1 pedir

scurra, ae 1m. palhaço, bufão

sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir

taceo, tacere, tacui, tacitus 2 calar-se, ficar quieto

tibi dat. de *tu*

uideor, uideri, uisus sum 2 parecer

ut conj. que

3. Complete o texto a seguir com a forma apropriada do verbo entre parênteses no subjuntivo:

Quamuis Petronius innocens _____ (verbo sum), a Nerone interfectus est. Nero non erat qui inimicos uiuere _____ (verbo sino). Si Petronius _____ (verbo taceo, cond. irrealizável), non _____

(verbo *morior*, cond. irrealizável). *Si nos Petronium* _____ (verbo *lego*, cond. potencial), *eum uiuum* _____ (verbo *habeo*, cond. potencial).

Vocabulário:

a/ab prep. (+ abl.) por
habeo, habere, habui, habitus 2 manter
inimicus, i 2m. inimigo
inocens, inocentis 3m. inocente
interficio, interficere, interfeci, interfectus 3 matar
lego, legere, legi, lectus 3 ler
morior, mori, mortuus sum 3 morrer
Nero, Neronis 3m. Nero
non adv. não
nos pron. pess. nós
Petronius, i 2m. Petrônio
quamuis conj. embora
qui, quae, quod pron. que, o qual, o que
si conj. se
sino, sinere, siui, situs 3 permitir
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
taceo, tacere, tacui, tacitus 2 calar-se, ficar quieto
uiuo, uiuere, uixi, uictus 3 viver
uiuus, a, um adj. vivo

Prática de leitura e tradução da Seção G

Texto 1 - Satyricon Petronii

Petronius in primo saeculo post Christum magnus opus suum scripsit, quod est una ex praecipuis fabulis Romanis antiquis nobis traditis. Hoc opus, quamuis fragmentarium sit, mirabilem imaginem societatis Romanae temporibus Neronis imperatoris praebet.

Satyricon fabula picaresca est, quae Encolpium, narratorem, ac eius comites Ascyltum et Gitonem sequitur. Hae personae, ostendentes luxuriosam, corruptam, et interdum ridiculam uitam Romanam, per uarias peripetias comicas et satiricas uagantur. Fabula multa themata tractat, inter quae sunt amor, adulatio, fraus et auaritia, omnia per salsum et urbanum stilum Petronii depicta.

Una ex clarissimis partibus huius operis est 'Cena Trimalchionis,' in qua Trimalchio, libertus diues et arrogans, conuiuium extrauagantissimum praebet. Haec scaena non solum luxum ac delicias ostendit, sed etiam uanitatem et inscientiam noui diuitis ridet.

Quamuis partes magnae huius operis perditae sint, quae reliquae sunt nobis permittunt ut intueamur ingenium et perspicacem Petronii in descriptione morum et uitiorum humanorum. Satyricon igitur non solum

fabula iucunda est, sed etiam documentum pretiosum de uita et cultura Romana, quod sinit ut historiam antiquitatis profunde intellegamus.

Vocabulário:

ac conj. e
adulatio, adulationis 3f. adulação
amor, amoris 3m. amor
antiquus, a, um adj. antigo
antiquitas, antiquitatis 3f. antiguidade
arrogans, arrogantis adj. arrogante
Ascyllus, i 2m. Ascilto
auaritia, ae 1f. avareza
cena, ae 1f. jantar
Christus, i 2m. Cristo
clarus, a, um adj. famoso
comicus, a, um cômico
comes, comitis 3m. companheiro
conuiuuium, i 2n. banquete
corruptus, a, um adj. corrupto
cultura, ae 1f. cultura
de prep. (+ abl.) sobre
delicia, ae 1f. delícia
depingo, depingere, depinxi, depictus 3 pintar, descrever
descriptio, descriptionis 3f. descrição
diues, diuitis adj. rico
documentum, i 2n. documento
Encolpius, i 2m. Encolpio
et conj. e
etiam adv. ainda
ex prep. (+ abl.) de
extrauagantis, e adj. extravagante
fabula, ae 1f. história, romance
fragmentarius, a, um adj. fragmentário
fraus, fraudis 3f. fraude
Gito, Gitonis 3m. Gitão
hic, haec, hoc pron. este, ele
humanus, a, um adj. humano
igitur conj. portanto
imago, imaginis 3f. imagem
imperator, imperatoris 3m. imperador
in prep. (+ abl.) em
ingenium, i 2n. genialidade
inscientia, ae 1f. ignorância
intellego, intellegere, intellexi, intellectus 3 entender
inter prep. (+ acus.) entre
interdum adv. por vezes
intueor, intueri, intuitus sum 2 apreciar

iucundus, a, um adj. divertido
libertus, a, um adj. liberto
luxus, us 4m. luxo
luxuriosus, a, um adj. luxurioso
magnus, a, um adj. grande
mirabilis, e adj. admirável
mos, moris 3n. costume
narrator, narratoris 3m. narrador
Nero, Neronis 3m. Nero
nobis dat. de *nos*
non adv. não
nouus, a, um adj.
omnis, e adj. todo
opus, operis 3n. obra
ostendo, ostendere, ostendi, ostensus 3 mostrar
pars, partis 3f. parte
per prep. (acus.) por
perditus, a, um adj. perdido
peripetia, ae 1f. peripécia
permīto, permittere, permisi, permisos 3 permitir
persona, ae 1f. personagem
perspicax, perspicacis adj. perspicaz
Petronius, i 2m. Petrônio
picarescus, a, um adj. picaresco
post prep. (acus.) depois de
praebeo, praebere, praebui, praebitus 2 oferecer
praecipuus, a, um adj. principal
pretiosus, a, um adj. precioso
primus, a, um adj. primeiro
profunde adv. profundamente
quamuis conj. embora
qui, quae, quod pron. que, o qual
quod conj. porque
reliquus, a, um adj. restante
rideo, ridere, risi, risus 2 rir de, zombar, ridicularizar
ridiculus, a, um adj. ridículo
Romanus, a, um adj. romano
saeculum, i 2n. século
salsuus, a, um adj. salgado, picante
satiricus, a, um adj. satírico
Satyricon, i 2n. Satíricon
scaena, ae 1f. cena
scribeo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
sed conj. mas
sequor, sequi, secutus sum 3 seguir
sino, sinere, sini, situs 3 permitir
societas, societatis 3f. sociedade

solum adv. apenas
stilus, i 2m. estilo
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
suus, a, um adj. seu
tempus, temporis 3n. tempo
thema, thematis 3n. tema
tracto, tractare, tractavi, tractatus 1 tratar
trado, tradere, tradidi, traditus 3 legar, trazer
Trimalchio, Trimalchionis 3m. Trimalquião
vagor, vagari, vagatus sum 1 vagar
vanitas, vanitatis 3f. vaidade
varius, a, um adj. vários
vita, ae 1f. vida
vitiium, i 2n. vício
unus, a, um num. um
urbanus, a, um adj. urbano, elegante
ut conj. que

Texto 2 - Epigrama I.63 de Marcial

*ut recitem tibi nostra rogas epigrammata. nolo.
non audire, Celer, sed recitare cupis.*

Vocabulário:

Celer, Celeris 3m. Céler
cupio, cupere, cupivi, cupitus 3 desejar
epigramma, epigrammatis 3n. epigrama
nolo, nolle, nolui, - não querer
non adv. não
noster, nostra, nostrum adj. nosso
recito, recitare, recitavi, recitatus 1 declamar, recitar
sed conj. mas
ut conj. que

Texto 3 - Narcissus, de Elio Giulio Crotti (c. 1564)

*amor est? hicne est furor? aut insania mentis?
atque iterum nolo, iterumque uolo.
hicne gelu est? hicne est ignis? nam spiritus aequae
mi ignescit, gelido et torpet in ore anima.
uerum non amor aut furor est, ignisue geluue:
ipse ego sum, qui me mi eripui ac rapui.*

Vocabulário:

-ue conj. ou
aeque igualmente
amor, amoris 3m. amor
anima, ae 1f respiração, sopro, alma
eripio, eripere, eripui, ereptus 3 arrebatat
gelidus, a, um adj. frio
gelus, us 4n. gelo
ignesco, ignescere, -, - 3 pegar fogo, incendiar-se
insania, ae 1f. insânia, loucura
mens, mentis 3f. mente
mi = mihi (dat. de benefício/prejuízo)
rapio, rapere, rapui, raptus 3 agarrar, apoderar-se de
spiritus, us 4m. espírito
torpeo, torpere, -, - 2 estar entorpecido, estar extasiado

Texto 4 - Notícias em latim

Crimen americanum

Apud ciuitatem Boreoamericanam Akron, quae in regione Ohio est, Jayland Walker Afroamericanus XXV (viginti quinque) annos natus die quarto ante Kalendas Iulias post insectationem per uigilias VIII (octo) peractam LX (sexaginta) iaculis iniectis interfectus est. Necis pellicula hodie publicatur atque milites se ob sclopeti metum iaculis respondisse praedicunt: ille enim Jayland ex autoraeda post uigiliarum comprehensionem personatus effugere uidetur, dein iaculatio euenit; eius Jayland familiares se iustitiam obtinere uelle indicant, dum militiae ciuilis inuestigatio de homicidio incipit. EPHEMERIS - Nuntii Latini uniuersi, 04/07/2022 19h12

Pueri reperti

Cum Kalendis Maiis aeronauicula pueros IV (quattuor) eorumque matrem, uirum quendam gubernatoremque continens in siluam austrocolumbianam Caquetensem decidisset, Columbianorum militum, canum quoque ope, alacris scrutatio incepit, ut, liberorum matre uirisque duo mortuis, pueruli saltem conservari possent. Mense uero peracto atque diebus decem, apud iungalam Guuariensem pueruli ipsi fauente sorte reperti sunt: liberi reuera illi cognomine Mucutuy, qui annos uero XIII (tredecim), IX (nouem), IV (quattuor) et I (unus) nati sunt, dies XL (quadraginta) asperitatibus superesse necnon pericula ut superarent adepti sunt; nunc uero ipsi, a militibus indigenisque esurientes omnibusque rebus egentes inventi, Bogotam denique deducti sunt. EPHEMERIS - Nuntii Latini uniuersi, 12/06/2023 19h44.

Vocabulário:

a (prep. + abl.) por
adipiscor, adipisci, adeptus sum conseguir
aeronauicula, ae 1f. pequena aeronave
afroamericanus, a, um afroamericano

Akron Akron
alacris, alacris, alacre intenso
americanus, a, um americano
annus, i 2m. ano
ante antes de; cf. *die quarto ante Kalendas Iulias*
apud prep. (+ acus.) em, junto a, no lugar de
asperitas, asperitatis 3f. dificuldade
atque conj. e
austrocolumbianus, a, um austrocolombiano, referente ao sul da Colômbia
autoraeda, ae 1f. carro
Bogota, ae 1f. Bogotá
boreoamericanus, a, um norte-americana
canis, canis 3n. cão
Caquetensis, e caquetense, referente à região de Caquetá na Colômbia
civilis, e civil
ciuitas, ciuitatis 3f. cidade
cognomen, cognominis 3n. sobrenome
Columbianus, a, um colombiano
comprehensio, comprehensionis 3f. abordagem
conseruo, conseruare, conseruauī, conseruatus salvar
continens, continentis contendo, que continha
crimen, criminis 3n. crime
cum conj. quando, uma vez que, depois que
de sobre, a respeito de
decem num. dez
decido, decidere, decidi, decisus cair
deduco, deducere, deduxi, deductus levar
dein e então
denique finalmente
die quarto ante Kalendas Iulias no dia 26 de junho (lit. ‘no quarto dia antes das calendas júlias’)
dies, diei 5f. dia; cf. *die quarto ante Kalendas Iulias*
dum enquanto
duo dois
effugio, effugere, effugi, effugitus fugir
egens, egentis carente
eius Jayland de Jayland (gen. de *is*)
enim pois
esuriens, esurientis desnutrido
et e
evenio, evenire, eveni, eventus acontecer
ex de
familiaris, familiaris 3m. familiar
favens, faventis favorecendo, que favorece
Guaviariensis, e relativo ao rio Guaviare, na Colômbia
gubernator, is 3m. piloto
hodie hoje
homicidium, homicidii 2n. homicídio

iaculatio, iaculationis 3f. disparo
iaculum, i 2n. tiro, disparo
ille, illa, illud aquele (eventualmente funciona como artigo definido)
in prep. (+ abl.) em
incipio, incipere, incepi, inceptus começar,
indico, indicare, indicavi, indicatus indicar
indigenis, is 3m. indígena
iniectus, a, um disparado
insectatio, insectationis 3f. perseguição
interficio, interficere, interfeci, interfectus matar
inuestigatio, inuestigationis 3f. investigação
invenio, invenire, inveni, inventus encontrar
ipse, ipsa, ipsum o mesmo (eventualmente funciona como artigo definido)
is, ea, id esse, essa, isso
iulius, a, um júlio (adj.); cf. *die quarto ante Kalendas Iulias*
iungala, ae 1f. selva, floresta
iustitia, ae 1f. justiça
Jayland Jayland
Kalenda, ae mês
Kalendas calendas; cf. *die quarto ante Kalendas Iulias*
liber, i 2m. criança
LX (sexaginta) sessenta
Maius, Maia, Maium ref. ao mês de maio
mater, matris 3f. mãe
mensis, is 3m. mês
metus, us 4m. medo
miles, militis 3m. policial, soldado
militia, ae 1f. polícia
mortuus, mortua, mortuum morto
Mucutuy Mucutuy
nascor, nasceri, natus sum nascer
natus, a, um nascido
necnon e
nex, necis 3f. morte, assassinato
novem nove
nunc agora
ob (+ acus.) por, por causa de
obtineo, obtinere, obtinui, obtentus obter
Ohio Ohio
omnis, e todo
ops, opis 3f. ajuda
pellicula, ae 1f. vídeo, filme
per (+ acus.) por
peractus, a, um realizado
perago, peragere, peregi, peractus completar
periculum, i 2n. perigo
personatus, a, um encapuzado, mascarado

possum, posse, potui, - poder
post prep. (+ acus.) depois de
praedico, praedicare, praedicaui, praedicatus alegar, declarar
publico, publicare, publicani, publicatus publicar
puer, i 2m. criança
puerulus, i 2m. criança
quadraginta quarenta
quartus, a, um quarto; cf. *die quarto ante Kalendas Iulias*
quattuor quatro
qui, quae, quod pron. que, o qual
quidam, quaedam, quoddam um certo, algum
quoque também
regio, regionis 3f. estado
reperio, reperire, repperi, repertus 4 encontrar
res, rei 5f. coisa
respondeo, respondere, respondi, responsus reagir, responder
revera (adv.) de fato
saltem (adv.) pelo menos
sclopetum, i 2n. escopeta, rifle
scrutatio, scrutationis 3f. busca
se acus. de *ille*
silva, ae 1f. selva
sors, sortis 3f. sorte
sum, esse, fui, futurus ser, estar, existir, haver
supero, superare, superavi, superatus superar
supersom, superesse, superfui, superfuturus sobreviver
tredecim treze
uideor, uideri, uisus sum parecer
uigilia, ae 1f. guarda
unus um
uolo, uelle, uolui, - querer
ut conj. que, para que
vero de fato, na verdade
VIII (octo) oito
vir, viri 2m. homem
Walker Walker
XXV (uiginti quinque) vinte e cinco

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: o modo condicional, do latim ao português brasileiro¹²³

A condicionalidade pertence, segundo Hengeveld,¹²⁴ à categoria verbal do *modo* e serve para exprimir a realidade ou a irrealidade absoluta, sendo o último estágio do desenvolvimento diacrônico no campo da expressão – numa progressão que parte da categoria do *aspecto*, passando pelo *tempo* e pela *evidencialidade*, e culminando no *modo*. Converge para o *modo* igualmente a evolução das camadas semânticas que definem os escopos de incidência da expressão linguística, fixando-se no *episódio* (deslocando-se da *propriedade*, do *conceito situacional* e do *estado de coisas*), o qual é definido como “uma combinação coerente de estados de coisas que são caracterizados pela unidade ou continuidade de tempo, lugar ou participantes.”¹²⁵

No português brasileiro, três formas verbais são capazes de expressar condicionalidade, a saber: (1) o futuro do pretérito, também chamado de condicional; (2) a perífrase formada pelo imperfeito do indicativo do verbo *ir* mais infinitivo; e (3) o imperfeito do indicativo. Uma análise genealógica da primeira forma, dada como legítima expressão de condicionalidade pela tradição gramatical luso-brasileira, e que ilustrarei com a oração *se fosse preciso, eu **falaria** com a presidente*, mostra que na origem das suas desinências está o imperfeito do verbo latino *habere*. A segunda forma consiste no uso do imperfeito do indicativo do verbo *ir* + infinitivo (*ia falar com a presidente*), o qual é empregado como auxiliar informal de futuro quando é conjugado no presente do indicativo. Esta forma está em variação com o futuro do pretérito tanto para a expressão da função que lhe dá o nome, quanto em contextos de condicionalidade. Assim, na função temporal, ocorre a seguinte variação:

eu falarei
ele disse que falaria
versus
eu vou falar
ele disse que ia falar

E, exprimindo condicionalidade, observa-se esta variação:

ele falaria, se você não o interrompesse
versus
ele ia falar, se você não o interrompesse

Finalmente, a terceira forma (seção 3) é, ela própria, um imperfeito, em orações como *eu falava todos os dias com a presidente*, mas se observa o emprego frequente na língua portuguesa, e em línguas ocidentais que analisarei, com valor de condicional em frases como esta: *se eu pudesse, **viajava** para o Japão*.

Nas três formas de condicionalidade apresentadas, verifica-se a intervenção de uma forma de imperfeito, o que permite construir a hipótese de que, pelo menos nas línguas neolatinas, mas não somente nelas, a imperfectividade fornece material linguístico para a expressão da

¹²³ Esta seção foi escrita em colaboração com Fernando Coelho.

¹²⁴ Hengeveld, K. Cap. 47. In: Narrog; Heine (eds.). *The Grammaticalization of Tense and Aspect*. Oxford: Oxf. Press, 2011. p. 580-594.

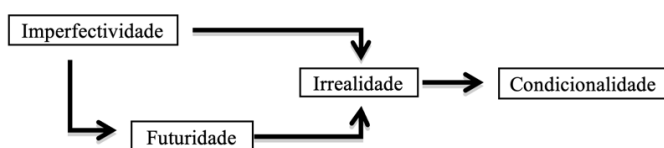
¹²⁵ *Id.*, p. 582.

condicionalidade, em concordância com o modelo de Hengeveld,¹²⁶ seja pelo uso de formas do imperfeito do indicativo, seja pelo emprego da perífrase formada pelo imperfeito do auxiliar de futuro mais infinitivo, seja ainda pela criação de formas verbais próprias para a expressão da condicionalidade, forjadas a partir de um imperfeito verbal. A seguir, buscarei indícios para a confirmação desta hipótese, por meio do seguinte encaminhamento: (1) traçando o histórico da formação do futuro do pretérito a partir do latim vernacular nas principais línguas neolatinas; (2) reconstruindo o mecanismo de expressão da condicionalidade por meio do imperfeito de verbos auxiliares de futuro mais infinitivo; e (3) constatando o uso do imperfeito do indicativo em contextos de condicionalidade.

O condicional sintético e os primeiros estágios da gramaticalização: o aspecto

A formação e evolução do condicional sintético românico parece ser um caso ilustrativo para sustentar minha hipótese. Em primeiro lugar, porque apresenta todas as etapas de gramaticalização bem definidas e, em segundo lugar, pela abundância de exemplos em várias línguas latinas. Nesta seção, tentarei explicar o caminho da gramaticalização que resultou nesta forma sintética, com o foco na língua portuguesa, porém trazendo exemplos de outras línguas latinas quando convenientes.

Quando afirmei que este caso apresenta todas as etapas de gramaticalização bem definidas, estava me referindo especialmente ao *cline*¹²⁷ que suponho existir para a formação de condicionais, conforme o esquema da figura abaixo. Pretendo mostrar a evolução desse processo, passando por estas categorias.



No latim, as sentenças condicionais eram formadas com o indicativo ou com o subjuntivo, presente ou perfeito, tanto na prótase quanto na apódose.¹²⁸ Eis alguns exemplos de construções condicionais com o subjuntivo reunidos por Bennet:¹²⁹

si hoc dicas, erres [se dissesses isto, estarias errado]
 2p. subj. pres. 2p. subj. pres.

si hoc dixeris, erraueris [se dissesses isto, estarias errado]
 2p. subj. perf. 2p. subj. perf.

si uelim Hannibalis proelia omnia describere, dies me deficiat
 1p. subj. pres. 3p. subj. pres.

¹²⁶ *Op. cit.*

¹²⁷ Um *continuum* com um número infinito de gradações de um extremo para o outro.

¹²⁸ Designa-se pelo nome de *apódose* a oração principal que, colocada depois duma subordinada condicional (chamada *prótase*), indica a consequência ou a conclusão desta. Assim, na frase – *Se Pedro se esquecesse novamente da hora do encontro, eu ficaria zangado* –, a principal – *eu ficaria zangado* – é a apódose, e *Se Pedro se esquecesse novamente da hora do encontro* é a prótase. (Dubois et al., 1973).

¹²⁹ Bennet, Charles. *A Latin Grammar*. 2. ed. Boston and Chicago: Allyn and Bacon, 1908 [1895]. p. 199.

[se eu quisesse descrever todas as batalhas de Aníbal, me faltaria¹³⁰ tempo]

mentiar, si negem [eu mentiria, se negasse]
1p. subj. pres. 1p. subj. pres.

haec si tecum pátria loquatur, nonne impetrare debeat
3p. subj. pres. 3p. subj. pres.
[então, se a pátria falasse contigo, ela não conseguiria nada]

Eventualmente, encontra-se o indicativo na apódose, quando o falante quer indicar a realização de um resultado como algo provável:

aliter si faciat, nullam habet auctoritatem
3p. subj. pres. 3p. ind. pres.
[caso contrário, se assim fizesse, não teria autoridade nenhuma]

É importante observar, contudo, que o condicional sintético, chamado de futuro do pretérito conforme a nomenclatura gramatical brasileira (NGB), não possuía nenhum correspondente no paradigma verbal do latim padrão; trata-se de uma invenção genuinamente românica que se iniciou, como mostrei, no latim vernacular, desenvolveu-se paralelamente nos romances e consolidou-se na maioria das atuais línguas latinas.

A origem da forma em questão está na perífrase verbal formada com o auxiliar *habere* que emergiu no latim vernacular. Conforme Herman,¹³¹ esta perífrase surgiu primeiro com o aspecto resultativo (perfectividade ou imperfectividade) e depois passou a expressar obrigação ou necessidade, o que, segundo Hengeveld,¹³² é típico no processo de gramaticalização de tempo futuro. No primeiro momento, o verbo *habere* no presente do indicativo combinava-se com outros verbos específicos no infinitivo, como *dicere* (dizer), *scribere* (escrever) e *quaerere* (perguntar). Tal combinação significava “tenho algo para dizer”, “tenho algo para escrever”, “tenho algo para perguntar”. Assim, encontramos em *Noctes Atticae* (séc. II a.C.), de Aulo Gélcio, “*si qui [...] quaerere habes, quaeras licet*”, com o sentido de “se tens algo para perguntar, podes perguntar”. No segundo momento, depois do período clássico (séc. I a.C. a II d.C.), quando a combinação passou a expressar obrigação ou necessidade, eram comuns construções como *facere habeo* (tenho que fazer).

Expressão de futuridade

Herman¹³³ afirma que essa perífrase ganha relativa normalidade nos escritos dos chamados Pais da Igreja. Por exemplo, numa passagem do Evangelho de São João (8.22), enquanto a Vulgata de São Jerônimo diz “*Numquid interficiet semetipsum* (Ele matará a si mesmo?)”, uma tradução anterior da Bíblia conhecida como Vetus Latina¹³⁴ dizia “*occidere se habet*” (ele tem

¹³⁰ Nesta e em outras traduções, optamos pela próclise do pronome átono, mesmo nos contextos em que a mesóclise seria exigida na norma europeia (fut. do pretérito e fut. simples). A mesóclise no português europeu, aliás, é um arcaísmo (em relação às demais línguas latinas) que ilustra um antigo estágio intermediário da afixação do auxiliar *habere* ao infinitivo, com ainda discutiremos.

¹³¹ Herman, József. *Vulgar latin*. Philadelphia, Penn State Press, 2000.

¹³² *Op. cit.*

¹³³ *Op. cit.*

¹³⁴ São Jerônimo baseou-se nesse conjunto de traduções anônimas, atribuída aos Pais da Igreja, para compor a sua Vulgata. É curioso observar, tal como neste exemplo, que muitas das diferenças existentes entre a Vetus

que se matar/ele vai se matar?). Aqui, a perífrase claramente já deixa de expressar apenas o aspecto resultativo e passa a expressar tempo futuro. A mesma construção é encontrada, porém com *habere* no imperfeito, em um dos manuscritos do Evangelho de São Lucas da Vetus Latina: onde o texto antigo dizia *habebat transire* (ele passaria por ali), São Jerônimo mudou depois, na Vulgata, para *erat transiturus*.

Adams¹³⁵ corrobora Herman, ao observar que “As instâncias dessa construção (do séc. III d.C. em diante), aproximando-se do sentido de futuridade, são encontradas principalmente em escritores cristãos e também em alguns gramáticos, e sobretudo na África.” Em textos dos séculos IV e V, por exemplo, vemo-la bastante disseminada. Em *Peregrinatio ad loca sancta* (séc. IV d.C.), relato de uma viajante conhecida como Monja Etérea, notória fonte de latim vernacular, é possível observar, entre outros exemplos, o seguinte:

Ipsam ergo uallem nos trauersare habebamus, ut possimus montem ingredi. (cap. II, 1).
infin. verb. princ. aux. 4p. ind. imperf.

[Aquele vale, portanto, atravessaríamos, para que pudéssemos chegar ao monte.]

Em *Conflictus Arnobii catholici cum Serapione Ægyptio* (séc. V d.C.), texto geralmente atribuído a Arnóbio, o Jovem, encontramos a seguinte passagem com várias perífrases formadas pelo auxiliar *habere* na 3ª pessoa do singular e o infinitivo presente do verbo principal, todas em uma única grande apódose:

audi: quid **habebat concipere** in utero, aut quid **habebat parere**, aut quid **habebat pannis involvere** et in praesepio **ponere**, aut quid **habebat lactare**, aut quid **habebat tollere et fugere** in Aegyptum, aut quid **habebat crescere** aetate et sapientia, aut quid octava die circumcidi, aut quid **habebat baptizari** a Iohanne, nisi esset homo perfectus, in quo esset perfectus Deus, qui ipsum sicuti hominem in utero fabricavit. (lib. II, cap. XI).

[ouve: por que ela o conceberia em seu útero, ou por que ela o pariria, ou por que ela o envolveria em panos e o poria no estábulo, ou por que ela o amamentaria, ou por que ela o pegaria e fugiria para o Egito, ou por que ele cresceria em idade e sabedoria, ou por que ele foi circuncidado no oitavo dia, ou por que seria batizado por João, se ele ainda não tinha se formado como um homem, no qual Deus tinha se formado – Deus que fabricou-se a si mesmo no útero como um homem.]

Acompanhando o raciocínio de Herman, pode-se presumir que esse modo de expressar o futuro (a perífrase com *habere*) tornou-se comum primeiro nos contextos em que era mais adequado. Ele nota que Tertuliano, um dos primeiros autores a adotar essa perífrase com grande frequência, formava-a com o imperfeito de *habere* e um infinitivo presente passivo: assim, em seu *Aduersus Marcionem* (4.8), encontramos *Nazareus uocari habebat secundum prophetiam*, “ele seria chamado o Nazareno, segundo a profecia.”

A combinação do presente de *habere* com o infinitivo ativo está por trás do tempo futuro em todas as principais línguas românicas, com exceção do romeno, que ainda usa perífrases; assim, da forma latina *cantare habeo* (eu tenho que cantar) vem a francesa *chanterai*, a espanhola *cantaré* e a italiana *canterò*, todas com o significado de “eu cantarei”. Com o imperfeito (em italiano, com o perfeito) de *habere*, essa perífrase foi a base das formas que se referem ao futuro como algo visto do passado, e esta função, além

Latina e a Vulgata dizem respeito a variações diastráticas: enquanto a Vetus Latina contém muitas formas típicas do latim vernacular, a Vulgata prefere formas mais próximas ao latim padrão.

¹³⁵ *Op. cit.*, p. 657.

disso, assim como o condicional presente, é uma categoria especificamente românica que não existiu no latim – tal como a forma espanhola *cantaría* derivada da latina *cantare habebam* [...].¹³⁶

Sintagmas e processo de afixação

Em consonância com a análise de Herman, na literatura sobre o desenvolvimento do condicional românico, as descrições das origens dos modernos paradigmas conflagram, quase que invariavelmente, a existência das duas perífrases citadas por ele (com o imperfeito e com o perfeito). Renzi e Andreose,¹³⁷ por exemplo, apontam as mesmas derivações: “*cantare habebat* > fr. *chanterait*; sp., pg., prov. e dialetti italiani *cantaria* e sim.; ou *cantare hebuit* (= *habuit* > it. tosc. *canterebbe*).” Entretanto, praticamente não há considerações sobre as diferenças de significado e de uso dos dois tempos nessas perífrases. Disso se infere que elas eram vistas como equivalentes ou que as nuances de significado envolvidas eram muito sutis para merecer algum aprofundamento. Rohlf¹³⁸ foi um dos poucos que notaram uma diferença semântica significativa, sugerindo que “no latim vernacular *cantare habui* parece ter expressado originalmente o grau passado do condicional, em contraposição ao grau presente expresso por *cantare habebam*.”

Um recente trabalho de Bourova,¹³⁹ entretanto, veio a mudar este panorama. No exemplo de Arnóbio, o jovem, o verbo *habere* aparece preposto ao verbo principal. No entanto, a tendência geral para a construção com o auxiliar no imperfeito (tal como no exemplo da Monja Etérea) parece ter sido a posposição – o que certamente contribuiu para que ele viesse a se tornar uma desinência sufixada séculos mais tarde. Bourova¹⁴⁰ analisou 671 registros da construção *habere* + infinitivo e verificou que as diferenças no uso dos dois tempos do indicativo passado não estavam limitados à referência temporal notada por Rohlf,¹⁴¹ mas que as duas formas diferiam, ainda, em suas funções sintáticas e semânticas. Ambas as perífrases apresentam as duas ordens possíveis: com o auxiliar preposto e posposto. *Cantare habebam* teve uma leve tendência à ordem *habere* + infinitivo, e estava mais propenso a permitir elementos intercalados (como na mesóclise). Com base nisso, Bourova conclui que *cantare habebam* estava mais próximo da ordem fixa infinitivo + *habere* encontrada no romance e mostrava um potencial maior para a síntese do que *cantare habui*.

Uma explicação que muitos estudiosos de linguística românica sugeriram para o sucesso das perífrases com *habere* – incluindo não só aquela com *habere* no imperfeito, que me interessa aqui, mas também aquelas com *habere* no presente e no perfeito – baseia-se em seu valor modal original, na ideia de que a futuridade está essencialmente ligada, no subconsciente do falante, a atitudes emocionais expressadas por *habere*; isto é, o futuro é tipicamente objeto de

¹³⁶ Herman, *op. cit.*, p. 73-74.

¹³⁷ Renzi e Andreose (2006, p. 215) *apud* Parkinson, Jennie. *A Diachronic Study into the Distributions of Two Italo-Romance Synthetic Conditional Forms*. St. Andrews (Scotland): University of St. Andrews, 2009. p. 8.

¹³⁸ Rohlf, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*: Morfologia. Turin: Einaudi, 1968. p. 342.

¹³⁹ Bourova, Viara. Les constructions latines Infinitif + habebam vs. Infinitif + habui et le développement du conditionnel roman. In: Trotter, David (ed.). *Actes du XXIV^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Aberystwyth, 2004). Tübingen: Niemeyer, 2007. p. 461-474.

¹⁴⁰ *Op. cit.*, p. 304.

¹⁴¹ *Op. cit.*

intenções, desejos e medos.¹⁴² Intenções, desejos e medos estão ligados, por sua vez, a irrealidades prospectadas pelos falantes, o que, pensando no futuro visto como algo do passado, leva-o a conjecturar condições de realização: daí surgiria a função condicional.

Herman¹⁴³ defende, porém, uma outra explicação. Para ele, de todas as perífrases disponíveis formadas com um infinitivo e um auxiliar, aquela que envolve *habere* era a mais propensa a assumir uma forma sintética:

Além disso, a combinação do infinitivo com *habere* tinha a vantagem de apresentar uma maior flexibilidade do que a perífrase com *-turus sum*, uma vez que *-turus* não poderia ser usado na voz passiva; ela também tinha uma fonética mais simples, uma vez que *habere* começa com uma vogal (o *b-* não era pronunciado na época em questão), e várias formas eram monossilábicas, tais como as [as] (escrita ainda como *habes*, é claro, e nunca como **-as*), ou simplesmente dissilábicas, tal como [ajo] (ainda escrita *habeo*). Isto quer dizer que o destino óbvio dessas formas era tornarem-se inflexões de um novo paradigma sintético.

A primeira forma escrita que reflete esse novo sistema inflexional do futuro surge em uma compilação histórica do séc. VII que tradicionalmente leva o nome de um autor fictício, chamado Fredegarius ou Fredegar. Na segunda crônica dessa compilação, o autor explica o nome da cidade de Daras através de um jogo de palavras: o imperador Justiniano, ao negociar com o derrotado rei da Pérsia, teria respondido *daras* (exatamente como seria em português, “darás”, derivado de *dare habes*) quando o rei se recusou a conceder o território conquistado. Embora o exemplo traga a forma do futuro do presente, é razoável admitir que, naquele momento, a forma sintética derivada do imperfeito de *habere* também já existia, uma vez que, como bem observa Herman, todo o novo sistema inflexional do futuro (incluindo o futuro do pretérito) estava em vigor, e não apenas o futuro do presente.

O exato momento da afixação é algo difícil de precisar, mas parece apropriado considerar os metaplasmos provavelmente ocorridos nesse processo de afixação. Segundo Hernandez,¹⁴⁴ o imperfeito de *habere* sofreu uma crescente transformação. As formas originais *habebam*, *habebas*, *habebat* etc. tornaram-se **abeam*, **abeas*, **abeat*: *o /b/ da desinência do imperfeito latino (-ba-) foi sincopado, provavelmente por não se encontrar em posição tônica*. Nessas, posteriormente, o grupo *ab* sofreu a aférese, do mesmo modo que já vinha acontecendo com as formas do presente de *habere* na formação do futuro do presente. As formas do imperfeito reduziram-se, então, a **ea*, **eas*, **eat*, **eamus*, **eatís*, **eant*, que, por sua vez, transformaram-se em *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*, terminações que ainda subsistem. Estas mudanças fonéticas são análogas à que ocorreu com *mea* > *mia* (atual *minha*) e *indaea* > *indea* > *judia*: /e/ tônico em hiato seguido de /a/ passa geralmente a /i/.

Huber¹⁴⁵ vê essas transformações fonético-fonológicas de maneira parecida, entretanto se depreende da sua descrição que, já no romance ibérico, as plosivas bilabiais de *habebam*

¹⁴² Cf. Bybee, J.; Pagliuca, W.; Perkins, R. Back to the future. In: Traugott, E. C.; Heine, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991. 2 v. p. 17-58.

¹⁴³ *Op. cit.*, p. 74

¹⁴⁴ Hernandez, Paulo. Você sabia... qual é a origem do futuro do pretérito português? *Você sabia?*, Brasília, n. 91, 26 nov. 2004. Disp. em: <paulohernandes.pro.br/.../vcsabia091.html>. Acess. em 3 jul. 2013.

¹⁴⁵ Huber, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Trad. port. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Gulbenkian, 1986 [1933]. p. 234.

tenham se transformado em fricativas lábio-dentais, provavelmente devido ao fenômeno do betacismo:

Tal como no futuro as formas trissilábicas do presente *avemos*, *avedes* foram substituídas pelas formas abreviadas *-emos*, *-edes*, assim também no condicional as formas de imperfeito tri- e tetrassilábicas (*avia*, *avias*, *aviámos*, *aviades*, *aviam*) foram substituídas por formas abreviadas di- e trissilábicas. Todas as formas abreviadas perderam o radical *av-*, tornando-se simples terminações. Conservam-se vestígios da forma *avia*, intacta, apenas no galego antigo: *guardar avia* (CM. 28), *sayr avia* (CM. 237), *portar avia* (CM. 267).

Huber acrescenta que, no português arcaico (séc. XII a XIV), ainda era bastante frouxa a ligação do infinitivo com o verbo auxiliar no condicional, tal como no futuro do presente. Isto significa que, embora manifestações da forma sintética tenham sido observadas desde o séc. VII, mesmo cinco ou sete séculos mais tarde a afixação ainda não estava plenamente consolidada. A mesóclise, aliás, é resquício dessa época em que a perífrase ainda era consciente por parte dos falantes, isto é, da época em que os falantes sabiam que estavam unindo o infinitivo ao verbo haver flexionado e, por isso, intercalavam o pronome. No Cancioneiro da Ajuda (séc. XIII), encontra-se “*entende-la-ia*” (810) e “*maravilhar-s-ian*” (4185); e, no Fabulário Livro de Esopo (séc. XIV), “*prazer-m-ia*” (32).

A hipótese da especialização funcional

Outra observação curiosa de Huber¹⁴⁶ diz respeito a algumas alomorfias nas raízes de certos infinitivos:

Os mesmos verbos que no futuro apresentam determinadas alterações no infinitivo mostram essas mesmas alterações no condicional (cf. § 388):

1. *terria* a par de *tēria*, *tenria*, *tinria* (Gaal [séc. XIV]); *verria* a par de *vūria*, *marria*, *poria* a par de *pōria*. Cf. § 240.
2. *querria*, *guarria*, *morria* a par de *morreria* (CA. [séc. XIII] 4691), *salria* a par de *sairia*, *valria* (CD. [séc. XIII e XIV] 2145, 2380; no manuscrito contudo *valiria* a par de *valeria*).
3. *faria*, *diria*, *aduria*, mas só *prazeria* (CA. 7392, CD. 1105).

Tais observações vão ao encontro da proposta de Esher (2012). Esta autora estudou diferentes variedades do occitano (uma língua românica falada no sul da França) e do italiano, e, entre outras coisas, observou que – a despeito de quem defende que infinitivo, futuro e condicional românicos compartilham a mesma raiz – essas três formas seguiram caminhos de gramaticalização distintos e não mais compartilham a mesma raiz, o que seria reflexo de uma especialização funcional de cada forma. Portanto, mais cedo ou mais tarde, cada uma das três raízes será notavelmente distinta uma da outra. Esher¹⁴⁷ admite que, atualmente, na maioria das línguas românicas, a tendência é uma diferenciação dupla: uma raiz emergente para o infinitivo e outra compartilhada pelo futuro e pelo condicional. Enquanto que, em português, ainda existe uma aparente raiz comum para *ver*, *verei* e *veria*, em francês, por exemplo, existem *voir*, *verrai* e *verrais* – raízes evidentemente distintas entre infinitivo, de um lado, e futuro e condicional, de outro. Contudo, a autora chama a atenção para o fato de que, em algumas variedades estudadas por ela, o condicional simplesmente *não pode* ser usado para

¹⁴⁶ *Op. cit.*, p. 235.

¹⁴⁷ Esher, Louise. The morphological evolution of infinitive, future and conditional forms in Occitan. In: Kemenade, Ans van; Haas, Nynke de (orgs.). *Historical Linguistics 2009: Selected Papers from the 19th International Conference on Historical Linguistics*, Nijmegen. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2012.

expressar futuro do pretérito, o que significa que esta forma já não compartilha qualquer identidade funcional com o futuro (e, logo, está propensa a ter a sua raiz diferenciada também). Ela menciona exemplos em que as raízes do futuro e do condicional são iguais apenas na ortografia, já que, na fala, apresentam salientes diferenças fonéticas.

Semelhante ao exemplo do francês dado por Esher, há, em espanhol, *poder, podrá e podría*. No português, entre outros exemplos, existem *fazer, farei e faria*. Também é curioso o fato de a forma *quereria* ser raramente empregada e ser preterida em favor da forma *queria*. Mais curioso ainda é que, conforme os últimos exemplos dados por Huber, isso acontece, pelo menos, desde o séc. XIII (*querria*, CA. 4691). A propósito, no espanhol há a diferença entre *queria* (imp.) e *querria* (condicional). Talvez seja apenas um caso isolado sujeito à ação de regras fonético-fonológicas que motivam essa mudança sem grandes prejuízos para o sistema, mas talvez estejamos diante de um caso relevante de especialização funcional, como sugere Esher, isto é, talvez estejamos diante de um caso que ilustra o quão avançado está a gramaticalização do condicional sintético no português vernáculo brasileiro.

Além disso, é muito significativo que duas outras formas concorrentes com o condicional sintético tenham surgido no português: a perífrase do auxiliar “ir” com o infinitivo (também usada para o futuro) e o próprio imperfeito. Ou seja, se outras duas formas concorrentes puderam surgir, talvez isso seja um indício de que o condicional sintético esteja perdendo certas funções e dando espaço para estas outras formas, fechando um ciclo de gramaticalização. Este fato vai ao encontro do princípio da estratificação, de Hopper,¹⁴⁸ segundo o qual uma forma verbal pode acumular camadas de expressão funcional em seu processo de gramaticalização, ou mesmo perdê-las em decorrência de uma especialização funcional. Não se pode ignorar, a propósito, o fato de que a atual perífrase com o auxiliar “ir” reitera processos muito semelhantes àqueles apresentados pela perífrase com *habere* no latim vernacular (trata-se de um aparente processo reincidente). Tratarei deste tema na próxima seção.

Voltando à questão do uso de *queria* no lugar de *quereria*, não me parece forçado dizer que outros verbos (especialmente alguns terminados em *-er* e *-ir*) favorecem o mesmo fenômeno. Pensemos, por exemplo, em *sorria* e *sorriria* (a síncope deste /i/ pretônico é muito comum), *corria* e *correria*, *abria* e *abriria*, *ia* e *iria*, entre outros. Este talvez seria o contexto inicial, e por analogia a mudança se espalharia para qualquer contexto fonológico. Diante disto, alguém poderia aventar a hipótese de que, pela especialização de função, a raiz do condicional teria perdido a identidade com a raiz do infinitivo e seguido seu próprio caminho de gramaticalização – tal como Esher provou ser comum. Porém, como pela mudança fonética em questão a forma resultante seria exatamente a mesma forma do imperfeito, o sistema da língua teria generalizado a possibilidade de usar o imperfeito com o valor de condicional. Contudo, ainda que seja uma hipótese sedutora, mostrarei que esse uso do imperfeito com valor de condicional é muito mais antigo na história das línguas românicas e provavelmente deve-se a outros motivos.

¹⁴⁸ Hopper, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: Traugott, Elizabeth Closs; Heine, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1. pp. 17-36.

Por fim, para fechar esta seção sobre a gramaticalização do condicional sintético românico, proponho o seguinte quadro como forma de reiterar os pontos-chave levantados e ilustrar o processo ocorrido:

Época	Estágio	Categorias verbais/funções
Séc. II a.C.	O verbo <i>habere</i> no presente do indicativo combinava-se com outros verbos específicos no infinitivo, como <i>dicere</i> (dizer), <i>scribere</i> (escrever) e <i>quaerere</i> (perguntar). Tal combinação significava “tenho algo para dizer”, “tenho algo para escrever”, “tenho algo para perguntar”.	Aspecto resultativo (perfectividade/imperfectividade)
Meados do séc. II d. C.	No segundo momento, depois do período clássico, quando a combinação passou a expressar obrigação ou necessidade, eram comuns construções como <i>facere habeo</i> (tenho que fazer).	Modalidades orientadas ao participante (intenção, volição, obrigação)
Séc. III a VI	Essa perífrase ganha relativa normalidade, deixa de expressar apenas o aspecto resultativo e passa a expressar tempo futuro. A mesma construção é encontrada com <i>habere</i> no imperfeito. Para as perífrases com <i>habere</i> no imperfeito e no presente, a posição infinitivo + auxiliar torna-se a tendência predominante, o que viabiliza o processo de afixação.	Futuridade (futuro do presente e futuro do pretérito)
Séc. VII a séc. XI	Surtem as primeiras formas sintéticas na escrita, o que mostra que o novo sistema inflexional do futuro estava em consolidação.	Futuridade e condicionalidade
Séc. XII a meados do séc. XV	Ainda é bastante frouxa a ligação do infinitivo com o verbo auxiliar no condicional, tal como no futuro do presente. Mesmo cinco ou sete séculos depois das primeiras formas sintéticas na escrita, a afixação ainda não estava plenamente consolidada. A mesóclise, aliás, é resquício dessa época em que a perífrase ainda era consciente por parte dos falantes.	Futuridade e condicionalidade
Meados do séc. XV a séc. XIX (?)	O sistema inflexional do futuro sintético está plenamente consolidado, embora a mesóclise ainda persista possível, especialmente no português europeu.	Futuridade e condicionalidade
Meados do séc. XIX (?) a séc. XXI	A forma chamada de futuro do pretérito parece se especializar cada vez mais apenas como condicional e não mais expressar um futuro sentido como algo passado. Além disso, em particular no português brasileiro, a mesóclise torna-se uma forma estranha e estigmatizada, o que mostra que a afixação está completa. Certas raízes diferenciam-se da raiz do infinitivo, e outras formas concorrem para expressar condicionalidade e futuridade.	Apenas condicionalidade (?)

A perífrase *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo

Consideremos agora a perífrase formada pelo imperfeito do indicativo do auxiliar de futuro informal ou próximo (*ir*) mais infinitivo, na função de exprimir condicionalidade. Consiste ela na conjugação no pretérito imperfeito do indicativo, em todas as pessoas do discurso, do verbo *ir*, seguido do infinitivo de qualquer verbo principal (excetuado o infinitivo do próprio verbo *ir* em algumas regiões do Brasil), como em *ele ia viajar, mas desistiu*. Esta perífrase compartilha com o futuro do pretérito duas funções claramente distintas: (1) o futuro do pretérito propriamente dito, que se podem definir como um tempo verbal que exprime um estado de coisas que é futuro relativamente ao seu ato de fala passado, e (2) a expressão da condicionalidade. A variação, para os dois casos, é uma função do registro: o futuro do pretérito se emprega em contextos formais, enquanto a perífrase se observa na fala coloquial. Isto se explica pelo fato de que o futuro do pretérito é a forma tradicionalmente atribuída à expressão de um futuro mencionado no passado e mediante a forma sintética do futuro. Assim, no discurso indireto posterior ao ato de fala, por ex., *eu falarei com a presidente*, a forma verbal empregada, coerentemente, será o futuro do pretérito: *ele disse que falaria com a*

presidente. Uma vez que a forma perifrástica concorrente consiste na conjugação no imperfeito do indicativo do verbo usado como auxiliar de futuro informal (*ir* no presente do indicativo + infinitivo), ela também é sentida como informal e portanto relegada a contextos coloquiais, na seguinte correlação: *eu vou falar com ela – ele disse que ia falar com ela*.

Como expus na seção 1, igual paralelismo se encontra na origem do futuro do pretérito em português e nas principais línguas neolatinas (excetuado o italiano *standard*). De fato, o verbo *habere*, conjugado no indicativo – que passou a ser empregado na composição da perífrase que exprimiria futuro quando conjugado no presente, dentre as alternativas à disposição (além de *habere*, empregava-se *debere* e *velle* no presente do indicativo mais o infinitivo, que podia preceder ou suceder o verbo principal) – prestava-se também à expressão da condicionalidade quando conjugado no imperfeito, e podemos atestar este fato na existência de resquícios observados nas perífrases literárias *haber de* + infinitivo e *havia de* + infinitivo.

Este paralelismo não se limita ao latim vernacular e às línguas neolatinas que se valem do auxiliar *ir* para exprimir futuro (como o português, o espanhol e o francês), mas também se verifica, por exemplo, no inglês e no alemão. Naquele, o verbo auxiliar *will*, empregado na perífrase de futuro + infinitivo sem *to*, possui uma forma de passado (*would*) que pode funcionar tanto como imperfeito, em frases como *every day we would go for walks*, quanto como condicional, como em *if I were you, I would not do that*. No alemão, o verbo auxiliar de futuro, *werden*, possui uma forma de pretérito, *würden*, a qual abrange os aspectos perfeito e imperfeito e é empregada na expressão de condicionalidade, como em *ich würde das nicht tun*.

Depreendi dos fatos linguísticos aduzidos nesta seção que verbos auxiliares que entram na expressão do futuro transformam-se em auxiliares condicionais quando conjugados no imperfeito. Isto se verifica pelo menos nas línguas por nós analisadas: latim vernacular, português, francês, espanhol, inglês e alemão.

O imperfeito condicional

Como dissemos na abertura desta seção sobre o condicional, no português vernáculo brasileiro, o pretérito imperfeito é uma das formas que, ao lado da perífrase com o verbo *ir*, concorrem com o condicional sintético (futuro do pretérito) para expressar condicionalidade. No fim da seção 1, ao discutir o estágio atual da gramaticalização do condicional sintético, chamei a atenção para o fato de a forma *quereria* ser raramente empregada e ser preterida em favor da forma *queria*. Seguindo a proposta de Esher, sugeri que a emergência do imperfeito com valor condicional poderia ser um fenômeno de ordem semântica (especialização de função) que desencadeia um processo morfofonêmico: a contração do condicional sintético, algo que de fato acontece desde o séc. XIII (*querria*), conforme notado por Huber. Entretanto, como veremos, é mais provável que este seja um fenômeno periférico, não determinante para ocorrência do imperfeito condicional, o qual, na verdade, parece ser um fato muito mais antigo na língua.

Huber,¹⁴⁹ recorrendo a um texto português do séc. XIV (A demanda do Santo Graal), mostra que, já naquele momento, o imperfeito era empregado na apódose de períodos condicionais, exatamente como ocorre hoje no português vernáculo brasileiro:

Na oração principal, o imperfeito do indicativo — na oração condicional, o imperfeito do conjuntivo: *Se m'ora Deus gran bem fazer quisesse, non m'avria mais de tant'a* (CA. 5242). ‘Se Deus agora me quisesse fazer um grande bem, não me tinha de fazer mais do que isto (só tanto como isto)’.

Além disso, há outro fato que desmonta a hipótese anterior. Esta hipótese recorre à semelhança fônica entre as formas do imperfeito e do condicional sintético (*queria/quereria*), a fim de alegar que, por contração, a segunda poderia coincidir com a mesma forma da primeira. Entretanto, no italiano, por exemplo, não há tal semelhança fônica (*cantava/canterebbe*) e, ainda assim, também ocorre o mesmo uso do imperfeito na apódose de períodos condicionais. Castiglione,¹⁵⁰ em pesquisa sociolinguística feita com falantes do dialeto da Campânia, encontrou as seguintes possibilidades de construir um período condicional:

- a) *se tu me lo dicevi te lo mandavo*
- b) *me le l'avevi detto te lo mandavo*
- c) *se tu me l'avresti detto te l'avrei mandato*
- d) *se tu me l'avresti detto te lo mandavo*
- e) *se tu me l'avessi detto te lo mandavo*
- f) *oltre allo standard atteso:*
- g) *se tu me l'avessi detto te l'avrei mandato.*

Em quatro das seis possibilidades, o imperfeito condicional é empregado. A forma correspondente ao italiano *standard* – a perífrase com o condicional sintético de *avere* (*avrei mandato*) – aparece em apenas duas. Entre as várias conclusões às quais chegou, Castiglione notou que as pessoas mais velhas de baixa instrução parecem conhecer unicamente a opção “e”: *se tu me l'avessi detto te lo mandavo* (se tu me tivesses dito, eu te mandava). Ou seja, as construções que usam a perífrase com o condicional sintético de *avere* são relativamente recentes naquela região, tendo ali ingressado provavelmente por conta da estandardização do dialeto toscano. Esse fato, ao lado do exemplo do português arcaico, parece confirmar a antiguidade do imperfeito condicional nas línguas românicas, como no francês:

Un pas de plus, elle était dans la rue. (Hugo, Misér., I, V, 13).
[Mais um passo e ele estaria na rua.]

Sans moi, vous laissez éteindre le feu! (Martin du G., Jean Barois, p. 35)
[Sem mim, você deixaria/teria deixado apagar o fogo.]

Portanto, parece-me razoável propor outra explicação pela qual o imperfeito sirva a este propósito. Minha proposta é que o imperfeito, em razão do seu aspecto de imperfectividade, indicando uma ação não completa, e portanto aberta à irrealidade, esteja na origem da expressão da condicionalidade nos romances analisados.

¹⁴⁹ *Op. cit.*, p. 313.

¹⁵⁰ Castiglione, Marina. Le sorti del periodo ipotetico presso un campione siciliano. Primi risultati di un test traduttivo. *Bollettino linguistico campano*, Napoli, v. 5-6, p. 59-83, dez. 2004. p. 78.

O modo condicional no PB e a formação do condicional românico

A análise diacrônica da formação do futuro do pretérito (condicional) a partir do latim vernacular revelou que na origem das desinências deste tempo e modo verbal do português e de outros romances está o imperfeito do indicativo do verbo *habere* (com a mencionada exceção do italiano *standard*), funcionando primeiramente como verbo auxiliar, para finalmente juntar-se ao verbo formando um novo paradigma verbal, inexistente no latim. Notei, outrossim, que este antigo auxiliar, quando conjugado no presente do indicativo, futurizava os verbos que com ele formassem sintagma, vindo posteriormente a metamorfosear-se em desinências de futuro na maior parte das línguas românicas.

Ademais, um estudo comparativo mostrou um paralelo observável na formação de um futuro e de um condicional alternativos às formações advindas do latim vernacular, em línguas que se valem de novos auxiliares para a expressão do futuro, em novo ciclo de gramaticalização. No português, no espanhol e no francês com o auxiliar do verbo de movimento *ir* (e fr. *aller*), e no inglês e no alemão com os verbos auxiliares *will* e *werden* respectivamente, percebemos que o emprego dessas formas no imperfeito do indicativo exprime a condicionalidade, do mesmo modo que fazia o imperfeito do verbo *habere* do latim vernacular em etapa anterior à sua fixação em desinências.

Além desses casos, que permitem traçar um padrão em que a condicionalidade se associa ao elemento de formação do futuro, examinei o emprego do simples imperfeito do indicativo na expressão da condicionalidade nas línguas neolatinas estudadas, o que tampouco é um fenômeno recente.

Esse quadro me permite levantar a hipótese de que a imperfectividade (pelo menos enquanto aspecto verbal), dado o caráter inconcluso que ela imprime na ação verbal, pode originar condicionais pelo menos de duas maneiras: (1) por derivação semântica, sendo usado em contextos em que é clara a expressão da condicionalidade, sem alterações morfossintáticas de qualquer ordem; e (2) aplicando-se a auxiliares de futuro, produzindo primeiramente auxiliares especializados, mas podendo eventualmente evolver em desinências de um novo paradigma conjugacional.

Segundo tais conclusões, parece razoável admitir que a gênese de formas verbais condicionais respeita um ciclo que necessariamente se inicia no *aspecto* de imperfectividade e termina no *modo* condicional, podendo passar pela categoria de tempo (*futuridade*). Dessa forma, posso afirmar que o atual condicional analítico no PB é um processo reincidente, enquanto que o imperfeito parece ser uma permanência do PA.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção G

1. As formas de futuro românicas têm algum paralelo no latim clássico? Justifique.
2. De onde surgem as formas de futuro românicas? Explique os detalhes desse processo.

3. Como o aspecto imperfeito, o tempo futuro e o modo condicional se interrelacionam na língua portuguesa?

Litterae Latinae: o Satíricon de Petrónio

O Satíricon, obra-prima da literatura latina atribuída a Petrónio, é um dos mais fascinantes e enigmáticos textos da antiguidade clássica. Composta no século I d.C., durante o reinado do imperador Nero, essa obra, por muitos considerada o primeiro romance da história, oferece um retrato vívido e satírico da sociedade romana através das aventuras do protagonista Encólpio e seus companheiros. A obra, repleta de humor, erotismo e crítica social, mistura prosa e poesia de forma inovadora, refletindo a decadência e o hedonismo da época.

A narrativa, fragmentada e episódica, gira em torno das peripécias de Encólpio, um jovem de moral dúbia, e seus amigos Ascilto e Gitão. A trama é um caleidoscópio de eventos inesperados e encontros coloridos, destacando-se pela riqueza de detalhes e pelo uso magistral da linguagem. Um dos trechos mais conhecidos é a descrição do banquete de Trimalquião, um liberto extremamente rico e vulgar que encarna a extravagância e o mau gosto dos novos ricos romanos.

Vida e obra de Petrónio

Segundo Tácito, nos *Annales* (XVI, 17-19), Petrónio era um homem de refinada sofisticação e bom gosto, conhecido como o *arbiter elegantiae* (árbitro da elegância) na corte do imperador Nero. Isso significa que ele era um conselheiro de Nero em assuntos de estilo e refinamento.

Petrônio alcançou posições de destaque na administração romana, servindo como cônsul e posteriormente como governador da Bitínia. Ele era conhecido por seu estilo de vida hedonista, vivendo com luxo e indulgência, mas mantendo um comportamento digno e uma aparência de esforço mínimo. Essa combinação de indulgência e eficiência fez com que ele se destacasse na corte de Nero.

Tácito relata que a queda de Petrónio foi precipitada por intrigas na corte de Nero. Um rival, Tigelino, que era chefe da guarda pretoriana, acusou Petrónio de conspiração contra o imperador. Diante da iminente execução, Petrónio optou por tirar sua própria vida de uma maneira que refletisse seu caráter: ele organizou uma festa, distribuiu presentes aos seus servos, tomou um banho e, finalmente, abriu suas veias, morrendo de uma forma que demonstrava seu desprezo pelo destino que lhe fora imposto.

O Satíricon como sátira menipeia

O Satíricon, principal legado de Petrónio, enquadra-se num gênero literário chamado sátira menipeia, um tipo específico de sátira que mistura prosa e verso, combinando de maneira grotesca vários gêneros literários, de modo a causar o riso tanto pela sátira de costumes quanto pela salada (*satura*) de gêneros ridiculamente mesclados.

A prosa predomina na obra, e é composta por uma variedade de registros, cultos e vulgares, que se superpõem de maneira inesperada, e é justamente isso que provoca o riso no leitor. Quando a narrativa em prosa é interrompida por versos, estes seguem dois padrões: ou (1) são citações breves de obras canônicas, impulsionando a narrativa adiante; ou (2) são versos originais, frequentemente medíocres e muitas vezes descabidos, que geram descon continuidades na narrativa.

Quando a prosa se interrompe com versos citados ou parodiados de obras canônicas, como a Eneida por exemplo, essas citações distorcem o cânone ao deslocar os excertos de seus contextos originais, atribuindo novos e risíveis sentidos. Adiante veremos, por exemplo, veremos alguns versos da Eneida parodiados no Satíricon. No contexto original, os versos faziam menção à tripla tentativa de Eneias de abraçar o fantasma da esposa morta, mas no contexto da sátira ilustram a tripla tentativa de Encólpio de abraçar seu membro desfalecido.

A entrada do dançarino no episódio de Quartila

Embora o fio narrativo do Satíricon seja difícil de recuperar, a trama pode ser resumida da seguinte maneira: Encólpio, em dado momento de suas aventuras, acaba profanando acidentalmente um ritual secreto a Príapo, deus da fertilidade, e por isso passa a sofrer de impotência sexual. Para expiar seu pecado e recuperar a virilidade, ele embarca numa jornada em direção a um templo dedicado a Príapo, onde tentará se redimir com o deus e retomar a normalidade de sua vida sexual.

O episódio da suposta profanação parece ser aquele em que Encólpio e seus amigos interrompem sem querer uma cerimônia conduzida pela sacerdotisa Quartila. Uma sequência caótica de eventos se desenrola a partir de então e, por fim, Quartila se reconcilia com os profanadores. Há um momento curioso, após essa reconciliação, em que um dançarino tenta assediar Encólpio, e nesse momento ocorre uma interpolação da prosa por versos originais:

[XXIII] Refectum igitur est convivium et rursus Quartilla ad bibendum revocavit. Adiuvit hilaritatem comissantis cymbalistris. Intra cinædus, homo omnium insulsissimus et plane illa domo dignus, qui ut infractis manibus congemuît, eiusmodi carmina effudit:

Huc huc convenite nunc, spatalocinaedi, / pede tendite, cursum addite, convolate planta, / femore facili, clune agili et manu procaces, / molles, veteres, Deliaci manu recisi.

Consumptis versibus suis immundissimo me basio conspuît. Mox et super lectum venit atque omni vi detexit recusantem. Super inguina mea diu multumque frustra moluit. Profluebant per frontem sudantis acaciae rivi, et inter rugas malarum tantum erat cretae, ut putares detectum parietem nimbo laborare.

[XXIII] A festa recomeça, e Quartila chama todo mundo para recomeçar a beber, ao alegre som da cymbalítria. Entra um dançarino completamente bicha, como, aliás, tudo naquela casa, e, batendo as mãos para marcar o ritmo, largou um poema que dizia assim:

Vem comigo, vem comigo, / Vocês que gozam pelos cinco sentidos, / Pezinho pra frente, bundinha pra trás, / Delírios e delícias orientais.

Terminados os versos, me conspurca com o mais imundo dos beijos, deita-se do meu lado e começa a me bolinar, apesar da minha resistência. Durante muito tempo, ficou massageando meu pau, sem resultado. Pelo rosto dele, corriam rios de suor sujo de maquilagem, e entre as rugas das bochechas tantas eram as rugas, que dirias uma parede onde a chuva lavava todo o reboco. (Trad. de Paulo Leminski)

Virgílio distorcido

Bem mais adiante na narrativa, Encólpio, depois de falhar numa tentativa de fazer sexo com a personagem Circe, ele volta para casa e começa a conversar com o próprio membro, repreendendo-o. Nesse momento, a prosa é mais uma vez interrompida por versos, numa citação paródica da Eneida:

[CXXXII] Ipsa corporis pulchritudine me ad se vocante traherebat ad venerem. Iam pluribus oculis labra crepitabant, iam implicitae manus omne genus amoris invenerant, iam alligata mutuo ambitu corpora animarum quoque mixturam fecerant. Manifestis matrona contumeliis verberata tandem ad ultionem decurrit, vocatque cubicularios et me iubet cato rigari. [...] languorem simulavi, conditusque lectulo totum ignem furoris in eam converti, quae mihi omnium malorum causa fuerat:

Ter corripui terribilem manu bipennem, / ter languidior coliculi repente thyrsos / ferrum timui, quod trepido male dabat usum. / Nec iam poteram, quod modo conficere libebat; / namque illa metu frigidior rigente bruma / confugerat in viscera mille aperta rugis. / Ita non potui supplicio caput aperire, / sed furciferæ mortifero timore lusus / ad verba, magis quae poterant nocere, fugi.

Erectus igitur in cubitum hac fere oratione contumacem vexavi: "Quid dicis, inquam, omnium hominum deorumque pudor? Nam ne nominare quidem te inter res serias fas est.

[CXXXII] Aquele corpo lindo que eu abraçava já me dispunha para os ofícios de Vênus. De nossos lábios, se entrechocando, saíam os sons de beijos. Nossas mãos ávidas exploravam nossas partes mais íntimas. Nossos corpos, já unidos, iam realizar a fusão das nossas almas, quando, de novo, as forças me abandonam, meu pau amolece, e pau mole não entra. Exasperada pela raiva de se ver de novo decepcionada, Circe chama seus servos, manda que me levem e me açoitem. [...] Voltei para casa [...]. Simulei uma indisposição, e fui me deitar, desviando todo o fogo da minha raiva contra a única causa dos meus males.

Três vezes levei a mão à espada, / Três vezes a espada murchou como uma planta. / E agora aí está, esse pau fracassado, / A cabeça voltada para o chão, / Esse caralho que sempre me deixa na mão.

Apoiado no cotovelo, eu insultava com gosto aquele pau criminoso: - Você aí! Tem coragem de se dizer um caralho? Pelo amor dos deuses! Tenho até vergonha de falar de você no meio de coisas sérias. (Trad. de Paulo Leminski)

Como indicamos antes, esse trecho é extremamente típico de uma sátira menipeia: ele começa ele começa com elementos líricos típicos da elegia erótica (ou talvez do romance erótico grego), passa bruscamente para um tom vulgar (talvez pertinente ao mimo ou à

comédia nova), em seguida recorre a um poema que formalmente remete à poesia épica e bucólica (gêneros nobres e solenes), mas no conteúdo é ordinário e ridículo (refere-se a ter brochado no sexo), e finaliza interpelando o próprio membro como se fosse um rival típico de alguma tragédia (dessa forma aludindo ao gênero dramático). Ou seja faz uma salada de gêneros a partir da qual extrai o riso, justamente pela alternância ridícula e inesperada.

Além disso, temos aí a citação de versos parodiados, que não acrescenta nada novo e não impulsiona a narrativa adiante, mas gera uma quebra estranha e por isso cômica. Ainda, como explicamos antes, a citação é descontextualizada, o que também causava riso (imagine por exemplo citar uma passagem famosa e sagrada da Bíblia como uma fala de alguém num filme pornô). Na literatura latina, quando se usava esse procedimento de citação ou paródia de versos, um expediente típico era o chamado centão (de *cento*, *centonis* ‘colcha de retalhos’). O centão é uma técnica de composição poética através da colagem: o centonista utiliza-se de versos amplamente conhecidos pelo público para compor uma nova obra, de conteúdo totalmente diverso da obra original. Ausônio é o primeiro a definir a técnica na introdução do seu *Cento Nuptialis* (composto sobre versos de Virgílio), mas como se vê Petrônio usou largamente da técnica no *Satíricon*.

No poema dessa cena especificamente, os primeiros versos parodiam duas cenas célebres da Eneida de Virgílio: a cena do Canto II em que Eneias tenta em vão abraçar três vezes o fantasma da esposa morta (*Aen.* 2.791), e a cena do Canto IV em que Eneias também tenta em vão abraçar três vezes o fantasma de seu pai morto quando ele desce ao inferno (*Aen.* 6.700):

sic memorans largo fletu simul ora rigabat. / ter conatus ibi collo dare brachia circum; / ter frustra compressa manus effugit imago, / par levibus ventis volucrique simillima somno.

Assim falando, de lágrimas ternas o rosto banhava. / Três vezes tenta cingi-lo nos braços; / três vezes a sombra inanemente apertada das mãos se lhe escapa, / tal como aura ligeira ao passar ou o roçar ao de leve de um sonho. (Trad. de Carlos A. Nunes)

No *Satíricon*, porém, não é o vulto de um ente querido já morto que o herói tenta abraçar, mas é seu membro sexual desfalecido que ele tentar animar, mas não consegue:

Ter corripui terribilem manu bipennem, / ter languidior coliculi repente thyrsos / ferrum timui, quod trepido male dabat usum.

Três vezes tive nas mãos a terrível bipene;/ três vezes eu, mais lânguido que o caule de uma planta sem raiz, / temi repentinamente o ferro que, em razão de meu tremor, mal servia ao uso./

Esses dois episódios brevemente apresentados são uma amostra bastante representativa da obra de Petrônio, que influenciou de maneira imensurável não só a literatura, mas toda arte moderna, de Dante a Oscar Wilde e Fitzgerald, de Fellini a Baz Luhrmann. Trata-se de leitura indispensável não só para entender o desenvolvimento do romance e do gênero picaresco, mas também para entender a situação linguística da Roma no primeiro século e os estágios iniciais da sua decadência.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Quais são as fontes do efeito cômico causado pela sátira menipeia? Explique em detalhes e com exemplos.
2. De que formas a prosa numa sátira menipeia, como é o *Satíricon* de Petrônio, pode ser interrompida por versos? Quais são os padrões existentes?
3. Faça uma pesquisa sobre releituras do *Satíricon* de Petrônio na arte moderna e exponha, comparativamente, pelo menos duas dessas releituras.

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente ler e traduzir o seguinte trecho do capítulo 127 do *Satíricon*, no qual Encólpio, depois de tentar seduzir uma escrava, é desprezado por ela com elegância e requintes de crueldade:

Itaque oratione blandissima plenus: "Rogo, inquam, numquid illa, quae me amat, tu es?" Multum risit ancilla post tam frigidum schema et: "Nolo, inquit, tibi tam valde placeas. Ego adhuc servo nunquam succubui, nec hoc dii sinant ut amplexus meos in crucem mittam. Viderint matronae, quae flagellorum vestigia osculantur; ego etiam si ancilla sum, nunquam tamen nisi in equestribus sedeo." Mirari equidem tam discordem libidinem coepi atque inter monstra numerare, quod ancilla haberet matronae superbiam et matrona ancillae humilitatem.

Vocabulário:

adhuc adv. até hoje
amo, amare, amaui, amatus 1 amar,
amplexos, us 4m. abraço
ancilla, ae criada, serva
atque conj. e
blandus, a, um adj. meigo, carinhoso
coepio, coepere, coepi, coeptus 3 começar
crux, crucis 3f. cruz
deus, dei 2m. deus (pl. *dii*)
discors, discordis adj. desconcertante
ego pron. eu
equestris, e adj. cavalheiro
equidem adv. da minha parte
et conj. e
etiam si conj. ainda que
flagellum, i 2n. flagelo
frigidus, a, um fútil, barato
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
hic, haec, hoc pron. este, ele
humilitas, humilitatis 3f. humildade

ille, illa, illud pron. aquele, ele
in prep. (+ acus.) para; (+ abl.) em
inquam, inquit verbo defect. eu disse, ele(a) disse
inter prep. (+ acus.) entre
itaque conj. e assim
libido, libidinis 3f. desejo, paixão
matrona, ae 1f. dama da sociedade, matrona
me acus. de *ego*
meus, a, um adj. meu
miror, mirari, miratus sum 1 ficar admirado, admirar-se
mitto, mittere, misi, missus 3 mandar, enviar
monstrum, i 2n. coisa espantosa
multus, a, um adj. muito
nec conj. e não, nem
nisi conj. a não ser, senão
nolo, nolle, nolui, - não querer; em *nolo ... tibi tam valde placas* lit. ‘não quero que tu te agrades a ti mesmo tanto assim’ = ‘não penses que és tão especial assim’
numero, numerare, numeravi, numeratus 1 enumerar, colocar na lista
numquid part. interrog. acaso, acaso não?
nunquam adv. nunca
oratio, orationis 3f. discurso
osculor, osculari, osculatus sum 1 beijar
placeo, placere, placui, placitus 3 agradar
plenus, a, um adj. satisfeito
post prep. (+ acus.) depois de
qui, quae, quod pron. que, o que
rideo, ridere, risi, risus 2 rir de
rogo, rogare, rogavi, rogatus 1 perguntar
schema, schematis 3n. esquema, subterfúgio, truque
sedeo, sedere, sedi, sessus 2 sentar-se
servus, i 2m. escravo
si conj. se
sino, sinere, sivi, situs 3 permitir
succumbo, succumbere, succubui, succubitus 3 deitar-se
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
superbia, ae 1f. soberba
tam adv. tão, tanto
tamen conj. contudo
tibi dat. de *tu*
tu pron. tu
ualde adv. muito
vestigium, i 2n. vestígio, cicatriz
viderint perf. do subj. de *video*; *viderint matronae* ‘que as matronas se encontrem [com os escravos]’
ut conj. que

Seção H

Pontos de língua

- orações consecutivas;
- orações finais;
- orações finais (*quo* + comparativo + subjuntivo);
- *fore ut* + subjuntivo;
- subjuntivos jussivos, volitivos e potenciais;
- o infinitivo histórico;
- ablativo de relação;
- verbos impessoais;
- futuro perfeito do indicativo (ativo, deponente e passivo).

H1 Orações consecutivas

Alguns advérbios e adjetivos que expressam intensidade induzem orações subordinadas que trazem uma consequência dessa intensidade. Veja estes exemplos:

Theseus ab Ariadne est adamatus adeo ut fratrem proderet et hospitem servaret (Higino, *Fab.*, XLII)

‘Teseu provocou uma paixão **tão grande** em Ariadne **a tal ponto que** ela traiu seu irmão e salvou o forasteiro’

Iouis eos cum uidisset tantam audaciam habere ut se ipsi ad periculum offerrent, eis imperavit ut ... (Higino, *Fab.*, LXXIX)

‘como Júpiter viu que eles tinham **tanta** audácia **a ponto de** se exporem eles mesmos ao perigo, ordenou-lhes que ...’

Nesses exemplos o advérbio *adeo* e o adjetivo *tanta* introduzem suas respectivas orações subordinadas consecutivas. A subordinada será sempre introduzida por *ut* ou *ut non*, e o verbo estará no subjuntivo respeitando a *consecutio temporum*. Nos exemplos acima, como o verbo principal está no passado, o verbo da subordinada está no imperfeito do subjuntivo. Se o primeiro estivesse no presente ou futuro, o segundo estaria no presente do subjuntivo.

Assim, temos o seguinte esquema para subordinadas consecutivas:

‘de tal forma’	que (não)
<i>tam</i> ‘tão’	
<i>adeo</i> ‘a tal ponto’	
<i>sic</i> ‘de tal forma’	<i>ut (non)</i> ‘que (não)’ + subjuntivo
<i>ita</i> ‘de tal forma’	
<i>tantus</i> ‘tão grande’	

tot ‘tantos’
talis ‘tal’

H2 Orações finais

Assim como subjuntivo se emprega em orações adverbiais introduzidas por *cum* (cf. G4 e G10), ele também é empregado em adverbiais que expressam finalidade, introduzidas por *ut* ou *ne*. Observe:

hoc fecit ut amaretur ‘fez isso para que fosse amado’

hoc facit ne odiatur ‘faz isso para que não seja odiado’

illuc adiimus ut illum spectaculum uideremus ‘fomos lá para ver aquele espetáculo/para que vissemos aquele espetáculo’

illa ridet ut me irritet ‘ela ri para me irritar’

Mais uma vez, as mesmas regras de *consecutio temporum* mencionadas em G6 e H1 se aplicam aqui.

H3 Orações finais (*quo* + comparativo + subjuntivo)

Uma exceção à regra geral de H2 ocorre quando a oração final contém um adjetivo ou advérbio comparativo. Nesse caso, a conjunção *ut* dá lugar a *quo*. Por exemplo:

hoc fecit quo maius [adv. comp.] *amaretur* ‘fez isso para que fosse mais amado’

hoc fecit quo pulchrior [adj. comp.] *uideretur* ‘fez isso para que parecesse mais bonito’

sic agimus quo meliores [adj. comp.] *uideremur* ‘agimos assim para que pareçamos melhores’

H4 *Fore ut* + subjuntivo

Em F3, vimos que o infinitivo futuro de *sum* é *futurus esse* ‘estar para ser.’ Havia, porém, uma forma contraída desse infinitivo futuro: *fore*. Assim, uma sentença como ‘o garoto disse que será professor’, tanto poderia ser vertida para o latim por ‘*puer se magistrum futurum esse dixit*’ quanto por ‘*puer se magistrum fore dixit*’ simplesmente.

Esse infinitivo futuro contraído de *sum* também podia reger orações subordinadas do tipo *ut* + subjuntivo, especialmente com verbos na voz passiva. Por exemplo:

Gaius dixit fore ut Ana condecoraretur ‘Caio disse que Ana seria condecorada’ (lit. ‘estar para ser que Ana fosse condecorada’)

Iulia putabat fore ut ille admitteretur ‘Júlia pensava que ele seria admitido’ (lit. ‘estar para ser que ele fosse admitido’)

Essa construção (*fore ut + subjuntivo passivo*) estava em livre variação com ACIs compostas por infinitivo futuro passivo. Assim, os mesmos exemplos acima poderiam ser expressos por:

Gaius dixit Anam condecoraturam iri ‘Caio disse que Ana seria condecorada’ (lit. ‘disse Ana estar para ser condecorada’)

Iulia putabat illum admisurum iri ‘Júlia pensava que ele seria admitido’ (lit. ‘pensava ele* estar para ser admitido’)

H5 Subjuntivos jussivos, volitivos e potenciais

Em G6, vimos que verbos ligados a ordens e desejos introduzem tipicamente subjuntivos e, em G8, quando examinamos os usos do subjuntivo em períodos condicionais, vimos o uso do subjuntivo presente com sentido potencial. Por exemplo:

impero ut hoc faciant ‘ordeno que façam isso’ (ordem)

peto ut dii me adiuvant ‘peço que os deuses me ajudem’ (desejo)

si me adiuare possint, uelim ‘se me pudessem ajudar, eu gostaria’ (possibilidade)

Ocorre que, provavelmente, em dado momento no processo de gramaticalização do subjuntivo, esses usos passaram a ocorrer independentemente, sem a presença de um verbo principal jussivo (de ordem) ou volitivo (de desejo), ou uma prótase condicional, como se eles estivessem presumidos. Assim, surgiram usos independentes do subjuntivo funcionando como verbo principal. Exemplos:

Subjuntivo jussivo:

hoc faciant ‘façam isso’¹⁵¹ (lit. ‘que eles façam isso’)

moriantur ‘que eles morram’

res bene succedant ‘que as coisas saiam bem’

Subjuntivo volitivo:

¹⁵¹ Perceba que a forma do imperativo de *vocē* e *vocēs* em português deriva justamente desse uso jussivo do subjuntivo.

dii me adiuvant ‘que os deuses me ajudem!’

ualeant amici mei ‘que os meus amigos estejam bem!’

ne hoc scripsissem ‘quem dera eu não tivesse escrito isso!’

Subjuntivo potencial:

hoc facere uelim ‘eu gostaria de fazer isso’

uelim adsis ‘gostaria que estivesse aqui’

ne hoc dicere ausim ‘eu não ousaria dizer isso’

H6 O infinitivo histórico

Da mesma forma que o subjuntivo desenvolveu usos autônomos como verbo principal, o infinitivo também o fez. Eventualmente, em contextos narrativos, o infinitivo, de maneira anômala, funciona como verbo principal da frase, indicando ações habituais que eram feitas em dado momento da diegese. Por exemplo:

tunc Medea insaniebat. capillos trahere, pectora pulsare, iniurias uociferare. ‘então Medeia começou a enlouquecer. arrancava os cabelos, batia nos peitos, vociferava insultos’

ire praecipites, certare cum iniquitate loci (Tácio, *Annales*, 1, 61) ‘corriam precipitadamente, lutavam contra as desvantagens do terreno’

desilire, subsequi, adoriri (César, *De Bello Gallico*, 4, 24) ‘desciam, seguiam, atacavam’

interea Romae multa simul moliri: consulibus insidias tendere, parare incendia, opportuna loca armatis hominibus obsidere, ipse cum telo esse (Salústio, *Bellum Catilinae*, 26) ‘enquanto isso, Catilina fazia muitas coisas ao mesmo tempo em Roma; armava emboscadas para os cônsules, preparava incêndios, colocava homens armados em locais estratégicos, ele próprio andava armado’

Dado o aspecto habitual que se depreende desse uso anômalo do infinitivo latino, normalmente o traduzimos em português por um imperfeito do indicativo, como fizemos no exemplo acima. No entanto, o mais importante é identificarmos esse uso, cientes de que ele normalmente acontece em contextos históricos ou narrativos.

H7 Ablativo de relação

Considerando aquelas três funções primordiais do ablativo que vimos em F6, há um uso específico que deriva do ablativo locativo. Trata-se do ‘ablativo de relação,’ um ablativo que funciona como marcador discursivo, informando o tópico do texto ou da conversa. Ele leva

esse nome porque podemos interpretado com uma locução do tipo: ‘em relação a esse assunto,’ ‘com relação a isso’ etc. Observe estes exemplos:

ui Hercules nunquam uictus est ‘no que diz respeito à força, Hércules nunca foi vencido’

genere nobilis, sed urbanitate stultus erat ‘com relação à família era nobre, mas com relação à educação, era um estúpido’

H8 Verbos impessoais

Alguns verbos, ditos impessoais ocorrem quase sempre na terceira pessoa, pois têm como sujeito sintático uma sentença infinitiva. É o caso, por exemplo, dos verbos *licet* (‘ser lícito’), *placet* (‘agradar’) e *oportet* (‘convir, ser oportuno’), construídos com um infinitivo como sujeito sintático e um dativo:

mibi licuit abire > lit. ‘a mim foi permitido ir embora’ (‘eu pude ir embora’)

omnibus licet somnare > lit. ‘a todos é permitido sonhar’ (‘todos podem sonhar’)

nobis placet bene edere > lit. ‘nos agrada comer bem’ (‘gostamos de comer bem’)

tibi placet peregrinari > lit. ‘te agrada viajar’ (‘tu gostas de viajar’)

vobis oportet domi manere > lit. ‘a vocês convém ficar em casa’ (‘é bom que vocês fiquem em casa’)

omnibus oportet legem sequi > lit. ‘a todos convém seguir a lei’ (‘é bom que todos sigam a lei’)

Há, ainda, outros verbos impessoais cujas regências podem soar estranhas para um nativo em português. É o caso de *deceat*, *paenitet*, *miseret*, *puget*, *libet*. A sintaxe deles obedece o seguinte esquema proposto por Jones e Sidwell:¹⁵²

deceat: ‘é adequado para X (ac.) fazer Y (infinitivo)’

paenitet: ‘X (ac.) se arrepende de Y (gen.)’ ou ‘X (ac.) se arrepende de Y (infinitivo),’ ou ‘Y (gen. ou infinitivo) causa arrependimento em X (ac.)’

miseret: ‘Y (gen.) provoca compaixão em X(ac.), X (ac.) tem dó de Y (gen.)’

puget: ‘Y (gen.) causa vergonha em X(ac.),’ ‘X (ac.) se envergonha de Y(gen.)’

libet: ‘agrada a X (dat.) fazer Y (infinitivo),’ ‘X tem vontade de/escolhe Y.’

Vejamos alguns exemplos formulados pelos autores:¹⁵³

uos decebit nihil dicere ‘será conveniente para vocês não dizer nada’

te deceat audire ‘convém que você ouça’

eos paenituit illius uerbi ‘aquela palavra causou arrependimento neles,’ ‘eles se arrependeram daquela palavra’

te paenitebit hoc facere ‘causará arrependimento em você fazer isto,’ ‘você se arrependerá de fazer isto’

¹⁵² *Op. cit.*, p. 392.

¹⁵³ *Ibid.*

homines miseruit poenae ‘o castigo provocou compaixão nas pessoas,’ ‘as pessoas foram levadas à compaixão/tiveram dó por causa do castigo’

me eius miseret ‘a compaixão por ele me afeta,’ ‘tenho dó dele’

miseret te aliorum, tui te nec miseret nec pudet ‘tens dó dos outros, mas de ti mesmo não tens dó nem vergonha’ (Plauto)

libet mihi te accusare ‘é agradável para mim acusar você,’ ‘eu quero acusar você,’ ‘eu escolho acusar você’

H10 Futuro perfeito do indicativo (ativo, deponente e passivo);

Quando comparamos os radicais do *infectum* e do *perfectum* em vários momentos (e.g. D1 e E2), já mostramos de passagem o futuro perfeito entre os tempos perfectivos. Observemos a tabela para relembrar:

aspecto <i>infectum</i>					aspecto <i>perfectum</i>				
pres.	ama -o-t 'ama'	habe -o-t 'tem'	dic -i-o-t 'diz'	audi -o-t 'ouve'	pret. perf.	amau -o-it 'amou'	habu -o-it 'teve'	dix -o-it 'disse'	audiu -o-it 'ouviu'
futuro imperf.	ama -bi-t 'amará'	habe -bi-t 'terá'	dic -e-t 'dirá'	audi -e-t 'ouvirá'	m-q- perf.	amau -era-t 'amara'	habu -era-t 'tivera'	dix -era-t 'dissera'	audiu -era-t 'ouvirá'
pret. imperf.	ama -ba-t 'amava'	habe -ba-t 'tinha'	dic -e-ba-t 'dizia'	audi -e-ba-t 'ouvia'	fut. perf.	amau -eri-t 'terá amado'	habu -eri-t 'terá tido'	dix -eri-t 'terá dito'	audiu -eri-t 'terá ouvido'

Como você pode perceber, na voz ativa, o futuro perfeito é formado a partir do radical do *perfectum* e tem como desinência o futuro de *sum* (*eri*), acrescido das desinências pessoais; já na voz passiva, segue a mesma lógica dos tempos perfectivos, sendo formado com o participio perfeito e, agora, o futuro de *sum*.

v. ativa	1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.	4ª conj.
<i>ego</i>	<i>amauro</i> terei amado	<i>haburo</i> terei tido	<i>dixero</i> terei dito	<i>audiuro</i> terei ouvido
<i>tu</i>	<i>amaueris</i> ...	<i>habueris</i> ...	<i>dixeris</i> ...	<i>audiueris</i> ...
-	<i>amauerit</i>	<i>habuerit</i>	<i>dixerit</i>	<i>audiuerit</i>
<i>nos</i>	<i>amauerimus</i>	<i>habuerimus</i>	<i>dixerimus</i>	<i>audiuerimus</i>
<i>uos</i>	<i>amaueritis</i>	<i>habueritis</i>	<i>dixeritis</i>	<i>audiueritis</i>
-	<i>amauerint</i>	<i>habuerint</i>	<i>dixerint</i>	<i>audiuerint</i>
v. pass.	1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.	4ª conj.
<i>ego</i>	<i>amatus ero</i> terei sido amado	<i>habitus ero</i> terei sido tido	<i>dictus ero</i> terei sido dito	<i>auditus ero</i> terei sido ouvido
<i>tu</i>	<i>amatus eris</i> ...	<i>habitus eris</i> ...	<i>dictus eris</i> ...	<i>auditus eris</i> ...
-	<i>amatus erit</i>	<i>habitus erit</i>	<i>dictus erit</i>	<i>auditus erit</i>
<i>nos</i>	<i>amati erimus</i>	<i>habiti erimus</i>	<i>dicti erimus</i>	<i>auditi erimus</i>
<i>uos</i>	<i>amati eritis</i>	<i>habiti eritis</i>	<i>dicti eritis</i>	<i>auditi eritis</i>
-	<i>amati erunt</i>	<i>habiti erunt</i>	<i>dicti erunt</i>	<i>auditi erunt</i>

Os deponentes seguem o mesmo padrão de formação da passiva dos verbos ativos regulares: *conatus ero, meritus ero, secutus ero, oritus ero* etc.

Os verbos *sum, eo* e *uolo* também formam o fut. perf. regularmente: *fuero, iero, uoluero* etc.

Assim como o m-q-perf. expressa uma ação anterior a outra no passado, o futuro perfeito expressa uma ação anterior a outra no futuro. Portanto, da mesma forma que podemos construir uma sentença como *cum illi peruenissent, ego abieram* ‘quando eles chegaram, eu já tinha ido embora,’ em tese também poderíamos construir uma sentença como *cum illi perueniant, ego abiero* ‘quando eles chegarem, eu já terei ido embora.’ No entanto, é muito mais frequente

que encontremos o futuro perfeito em períodos condicionais ou circunstanciais construídos com o indicativo, como nos seguintes exemplos:

ubi peruenero, uos amplexabo ‘quando eu chegar (lit. terei chegado), abraçarei vocês’

si etiam hic fueritis, pariter cenare poterimus ‘se vocês estiverem (lit. terão estado) aqui, poderemos jantar juntos’

Perceba que o português constrói esse tipo de período com o futuro do subjuntivo, perdendo a nuance de futuro anterior expressa com exatidão pelo latim.

Exercícios - Pontos de língua da Seção H

1. Complete as lacunas a seguir com a forma apropriada do verbo e depois traduza as sentenças:

a) *Plinius tam obiectiuus in descriptionibus suis fuit ut primus physicus Romanus* _____ (verbo *censeo* na voz passiva)

b) *Plinii observationes de natura accuratae sunt adeo ut hominem modernum* _____ (verbo *stupeo*)

c) *Tanta prudentia in Operibus Plinianis erat ut ea imperatores non* _____ (verbo *uexo*)

Vocabulário:

accuratus, a, um adj. preciso

adeo adv. a tal ponto

censeo, censere, censui, census 3 considerar

de prep. (+ abl.) sobre

descriptio, descriptionis 3f. descrição

homo, hominis 3m. homem

imperator, imperatoris 3m. imperador

in prep. (+ abl.) em

is, ea, id pron. esse, ele

modernus, a, um adj. moderno

natura, ae 1f. natureza

non adv. não

obiectiuus, a, um adj. objetivo

observatio, observationis 3f. observação

opus, operis 3n. obra

physicus, i 2m. cientista

Plinianus, a, um adj. pliniano (rel. a Plínio)

Plinius, i 2m. Plínio

primus, a, um adj. primeiro

prudētia, *ae* 1f. prudência
Romanus, *a, um* adj. romano
stupeo, *stupere*, *stupui*, - 2 espantar
suus, *a, um* adj. seu
sum, *esse*, *fui*, *futurus* ser, estar; haver, existir
tam adv. tão, tanto
tantus, *a, um* adj. tanto
uexo, *uexare*, *uexavi*, *uexatus* 1 incomodar
ut conj. que

2. Construa sentenças com orações finais conforme o modelo:

edere uolebam, ideo in popinam inii ‘eu queria comer, por isso entrei no restaurante’
in popinam inii ut ederem ‘eu entrei no restaurante para comer’

- a) *mundum scire uoluit, ideo domo exiit*
- b) *animalia intellegere uolumus, ideo quo uiuunt adimus*
- c) *historicus historiam intellegere uolebat, ideo plures fontes colligebat*

Vocabulário:

adeo, *adire*, *adii*, *aditus* ir até
animal, *animalis* 3n. animal
colligo, *colligere*, *collegi*, *collectus* 3 coletar
domus, *us* 4f. casa
exeo, *exire*, *exii*, *exitus* sair
fons, *fontis* 3f. fonte
historia, *ae* 1f história
historicus, *i* 2m. historiador
ideo adv. por isso
intellego, *intellegere*, *intellexi*, *intellectus* 3 entender
mundus, *i* 2m. mundo
plus, *pluris* adj. muito
quo adv. onde, para onde
scio, *scire*, *scii*, *scitus* 4 saber
uiuo, *uiuere*, *uixi*, *uictus* 3 viver
uolo, *uolle*, *uolui*, - querer

3. Considere o texto a seguir para as próximas questões:

Plinius, ubi magnum opus suum scripsit, dicebat fore ut id exemplare esset. ‘Omnes me recordentur!’ putabat ille, dum eam scribebat. ‘Potentes me laborare sinant! Uelim perficere antequam morerer.’ Nunquam sistebat:

indicia petere, fontes audire, notitias collegere. Labore, Plinius implacabilis erat. Nullis adiutoribus licebat requiescere. Eorum miserebat omnes. 'Ubi perfectus erit, omnis labor ualebit,' semper dicebat.

Vocabulário:

adiutor, adiutoris 3m. ajudante
antequam conj. antes que
audio, audire, audiui, auditus 4 ouvir
colligo, colligere, collegi, collectus 3 coletar
dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer
dum conj. enquanto
exemplaris, e adj. exemplar
fons, fontis 3f. fonte
fore contração de *futurus esse*
ille, illa, illud pron. aquele, ele
implacabilis, e adj. implacável, incansável
indicium, i 2n. indício, dado
is, ea, id pron. esse, ele
labor, laboris 3m. trabalho
laboro, laborare, laboravi, laboratus 1 trabalhar
licet, licere, licui, licitus 3 ser lícito
magnus, a, um adj. grande
me acus. de *ego*
miseret, miserere, miseruit, - ter pena de; fazer X (acus.) ter pena de Y (gen.)
morior, mori, mortuus sum 3 morrer
notitia, ae 1f. notícia
nullus, a, um adj. nenhum
nunquam adv. nunca
omnis, e adj. todo
opus, operis 3n. obra
perficio, perficere, perfeci, perfectus 3 terminar
peto, petere, petiui, petitus 3 buscar
Plinius, i 2m. Plínio
potens, potentes 3m. poderoso
puto, putare, putavi, putatus 1 pensar
recordor, recordari, recordatus sum 1 lembrar
requiesco, requiescere, requievi, requietus 3 descansar
scribo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
semper adv. sempre
sino, sinere, sivi, situs 3 permitir
sisto, sistere, stiti, status 3 parar
suus, sua, suum adj. seu
ualeo, ualere, ualui, ualitus 2 valer a pena
ubi adv. quando
nolo, uelle, uolui, - querer
ut conj. que

Plinius, ubi magnum opus suum scripsit, dicebat fore ut id exemplare esset. 'Omnes me recordentur!' putabat ille, dum eam scribebat. 'Potentes me laborare sinant! Uelim perficere antequam morerer.' Nunquam sistebat: indicia petere, fontes audire, notitias collegere. Labore, Plinius implacabilis erat. Nullis adiutoribus licebat requiescere. Eorum miserebat omnes. *'Ubi perfectus erit, omnis labor ualebit,' semper dicebat.*

- a) Em '*Plinius dicebat fore ut magnum opus suum exemplare esset*' substitua a subordinada por uma ACI com o infinitivo futuro passivo.
- b) Identifique no texto um subjuntivo jussivo, um subjuntivo volitivo e um subjuntivo potencial.
- c) Identifique no texto usos do infinitivo histórico.
- d) Identifique no texto um ablativo de relação.
- e) Proponha uma tradução para o texto, atentando-se para a regência dos verbos impessoais existentes no texto e também para a ocorrência do futuro perfeito.

Prática de leitura e tradução da Seção H

Texto 1 – Plinii Naturalis Historia

Gaius Plinius Secundus, notus ut Plinius Maior, fuit praeclarus scriptor et naturalis philosophus Romanus. Natus anno viginti tres post Christum, multum vitae suae dedicavit ad rerum naturalium inuestigationem et descriptionem.

Equidem, ille intellectum mundi innouavit. Eius magnus opus, Naturalis Historia, tantam scientiam congerit ut primam encyclopaediam historiae habetur. Per eam, nobis licet scire de anticis scientiis naturalibus, medicina, geographia et artibus. Plinius illius magnitudinem consciens erat dixitque fore ut illum thesarus humanitatis fieret.

Vocabulário:

ad prep. (+ acus.) a, para
annus, i 2m. ano
anticus, a, um adj. antigo
ars, artis 3f. arte
Christus, i 2m. Cristo
congero, congerere, congressi, congestus 3 reunir
consciens, conscientis adj. consciente
de prep. (+ abl.) sobre
dedico, dedicare, dedicavi, dedicatus 1 dedicar
descriptio, descriptionis 3f. descrição
dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer

dixitque = *et dixit*
encyclopaedia, ae 1f. enciclopédia
equidem adv. de fato
et conj. e
fiō, fiere, factus sum 3 (semidep.) tornar-se
fore contração de *futurus esse*
Gaius, i 2m. Caio
geographia, ae 1f. geografia
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
historia, ae 1f. história
humanitas, humanitatis 3f. humanidade
ille, illa, illud pron. aquele, ele
innouo, innouare, innouavi, innouatus 1 inovar, revolucionar
intellectus, us 4m. compreensão
inuestigatio, inuestigationis 3f. investigação
licet, licere, licui, licitus 3 ser lícito
magnitudo, magnitudinis 3f. grandeza
magnus, a, um adj. grande
medicina, ae 1f. medicina
multus, a, um adj. muito
mundus, i 2m. mundo
naturalis, e adj. adjetivo
nascor, nasci, natus, sum 3 nascer
nobis dat. de *nos*
nosco, noscere, noui, notus 3 conhecer
opus, operis 3n. obra
per prep. (+ acus.) por
philosophus, i 2m. filósofo
Plinius, i 2m. Plínio
post prep. (+ acus.) depois de
praeclarus, a, um adj. famoso
primus, a, um adj. primeiro
res, rei 5f. coisa, assunto
Romanus, a, um adj. romano
scientia, ae 1f. ciência
scio, scire, sciui, scitus 4 saber
scriptor, scriptoris 3m. escritor
secundus, a, um adj. segundo
suus, a, um adj. seu
tantus, a, um adj. tanto
thesarus, i 2m. tesouro
tres, tria num. três
ut conj. que, como
viginti num. vinte
vita, ae 1f. vida

Texto 2 - Mors Cleopatrae

Octavianus Cleopatram captam summa diligentia custodiebat veritus ne se occideret. illa tamen viam mortis invenit. senex quidam carcerem ingressus custodes rogavit ut se ad reginam admitterent; dixit se donum aliquod Cleopatrae dare velle; eis ostendit calathum ficis plenum iussitque eos ficos gustare. illi, nihil suspicati, senem ad reginam admiserunt. Cleopatra dono accepto senem dimisit. cum sola esset, calathum diligenter inspexit; sub ficis latebant duo parvi serpentes. omnibus praeter duas ancillas fideles dimissis, vestimenta pulcherrima induit omniaque insignia regalia. deinde serpentes e calatho sublatis ad pectora applicuit. venenum in corpus celeriter imbibit. sic mortua est ultima regina Aegypti, mulier et forma pulcherrima et animo superbo.

Vocabulário:

accepto, acceptare, acceptavi, acceptatus 1 aceitar, receber
ad (prep. + acus.) para
admitto, admittere, admisi, admissus 3 levar até
Aegyptus, i 2m Egito
aliqui, aliqua, aliquod (pron.) um, algum
ancilla, ae 1f criada
animus, i 2m. alma, espírito, mente
aplico, applicare, applicui, applicitus 1 colocar próximo a
calathum, i 2n cesto
capio, capere, cepi, captus 3/4 captar, prender
carcer, carceris 3m cárcere, prisão
celeriter (adv.) rapidamente
Cleopatra, ae 1f Cleópatra
corpus, corporis 3n corpo
cum (conj.) uma vez que, quando
custodio, custodire, custodivi, custoditus 4 manter, guardar
custos, custodis 3m guarda
deinde (adv.) então, em seguida
dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer
diligenter (adv.) atentamente, cuidadosamente
diligentia, ae 1f atenção, cuidado
dimitto, dimittere, dimisi, dimissus 3 dispensar, mandar embora
do, dare, dedi, datus 1 dar
donum, i 2n presente
duo -ae o (num.) dois
e/ex (prep. + abl.) de, para fora de
et (conj.) e
ficus, i 2m figo
fidelis, e (adj.) fiel
forma, ae 1f beleza
gusto, gustare, gustavi, gustatus 1 provar, degustar
ille, illa, illud (pron.) ele, aquele
imbibo, imbibere, imbibit, imbitus 3 absorver
in (+ acus.) para, até; (+ abl.) em
induo, induere, indui, indutus 3 vestir

ingredior, ingredi, ingressus sum 3 entrar
insigne, insignis 3n insígnia, adereço, joia
inspicio, inspicere, inspexi, inspectus olhar, observar
invenio, invenire, inveni, inventus 4 encontrar
is, ea, id (pron.) esse
iubeo, iubere, iussi, iussus 2 mandar, ordenar
lateo, latere, latui, - 2 estar escondido
mors, mortis 3f morte
morior, mori, mortuus sum 3 dep. morrer
mulier, mulieris 3f mulher
ne (conj.) que, que não; para que, para que não
nihil, nibili 2n nada
occido, occidere, occidi, occisus 3 matar
Octavianus, i 2m Otaviano
omnis, e (adj.) todo
ostendo, ostendere, ostendi, ostensus 3 mostrar
parvus, a, um (adj.) pequeno
pectus, pectoris 3n peito, seio
plenus, a, um (adj.) cheio
praeter (prep. + acus.) além de
pulcherrimus, a, um (adj. superl.) belíssimo, o mais belo
quidam, quaedam, quoddam (pron.) algum, um certo
regalis, e (adj.) real
regina, ae 1f rainha
rogo, rogare, rogavit, rogatus 1 pedir
se (acus. ou abl. de 3ª p.)
senex, senis 3m velho
serpens, serpentis 3m serpente
sic (adv.) assim
solus, a, um (adj.) sozinho, só
sub (prep. + abl.) debaixo de
sublatus (part. de *tollo*)
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
summus, a, um (adj.) grande, elevado
superbus, a, um (adj.) alto, elevado
suspīcor, suspīcari, suspīcatus sum 1 suspeitar
tamen (conj.) porém
tollo, tollere, sustuli, sublatus retirar
ultimus, a, um (adj.) último
ut (conj.) que, para que
venenum, i 2n veneno
vereor, vereri, veritus sum 2 (+ ne) recear, ter medo
veritus (part. de *vereor*)
vestimentum, i 2n vestimenta
via, ae 1f caminho; express. ‘viam mortis’, ‘um jeito de morrer’
volo, velle, volui, - querer

Texto 3 - Notícias em latim: De Ucraina

Ucrainorum militare responsum aestivum inceptum esse videtur: milites enim Ucraini pagum orientalem Blagodatnoye in provincia Donetsk liberaverunt, ut internorum dicasterii consultor Antonius Gerashenko per rete sociale 'Telegramma' divulgavit. Quattuor praeterea in regionibus Ucrainorum arma cum Russicis valde dimicare coeperunt. EPHEMERIS - Nuntii Latini universi, 11/06/2023 10h49.

Vocabulário:

aestivus, a, um estival, relativo ao verão
Antonius, i 2m. Antonius (nome próprio)
armum, i 2n. exército, força
Blagodatnoye Blagodatnoye (indecl.)
coepio, coepere, coepi, coeptus começar
consultor, consultoris 3m. conselheiro
cum (prep.) com, contra
dicasterium, i 2n. ministério, agência
dimico, dimicare, dimicavi, dimicatus guerrear
divulgo, divulgare, divulgavi, divulgatus divulgar
Donetsk Donetsk (indecl.)
enim (conj.) pois
Gerashenko Gerashenko (indecl.)
in (prep. + abl.) em
incipio, incipere, incepti, inceptus começar
internus, a, um interno
libero, liberare, liberavi, liberatus libertar
miles, milites 3m. soldado
militaris, e (adj.) militar
orientalis, e (adj.) oriental, do leste
pagus, i 2m. região, distrito
per (prep. + acus.) por, por meio de
praeterea (adv.) além disso
provincia, ae 1f. província
quattuor quatro
regio, regionis 3f. região
responsum, i 2n. resposta
rete, retis 3f. rede
russicus, a, um russo
socialis, e (adj.) social
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
telegramma, ae 1m. telegrama, post, mensagem
Ucraina, ae 1f. Ucrânia
ucrainus, a, um ucraniano
ut (conj.) conforme
valde (adv.) intensamente
videor, videri, visus sum parecer

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: construções reflexivas na história do latim¹⁵⁴

O clítico *se* é uma forma que atravessa a cronologia das línguas portuguesa e latina, e é protagonista de alguns casos paradigmáticos de mudança linguística que envolvem os planos sintático e semântico, numa contínua flutuação dos papéis temáticos. Sintetizando algumas das principais etapas dessa história, cabe lembrar que o que hoje se convencionou chamar de “*se* indeterminador” (e.g. “aluga-se casas”) surgiu de uma ambiguidade do “*se* apassivador” (e.g. “alugam-se casas”), o qual teria surgido já no protorromance, derivado do “*se* medial” (ou reflexivo); este, por sua vez, teria nascido ocupando o uso medial da extinta passiva sintética latina¹⁵⁵ (as formas com -r, como *delectatur* vs. *se delectat*).¹⁵⁶

Esta última etapa – isto é, o desaparecimento do médio-passivo em favor do reflexivo – é uma mudança frequentemente apenas presumida, sobre a qual há evidências esparsas e muitas referências indiretas. Uma dessas referências indiretas mais interessantes aparece num estudo de Alfonso Traina sobre a invenção de verbos reflexivos feita por Sêneca em sua obra filosófica, invenção a qual ele chama de “linguagem da interioridade”. Traina¹⁵⁷ remete a isso nos seguintes termos:

O uso do reflexivo, tanto direto quanto indireto, talvez seja o meio sintático senecano mais frequente pelo qual se expressa esse contínuo curvar-se do sujeito sobre si mesmo. O quadro linguístico, dentro do qual isso opera, é a tendência do latim de substituir o médio-passivo, *ornari*, pelo reflexivo, *se ornare*. Mas a oposição entre as duas diáteses ainda é clara e sensível: diante da mecânica e passividade da voz média, cuja ação é mais sofrida do que desejada pelo sujeito – e se recorde sobretudo o doloroso e espantado *nescio, sed fieri sentio, et excrucior* de Catulo (85, 2) – o reflexivo afirma a consciência e a responsabilidade do agente que se toma como objeto da própria ação. Sêneca explora essa possibilidade do sistema linguístico expandindo o uso do reflexivo em uma gama de *instructurae* sem precedentes no latim.

Traina levanta uma série de verbos agenciados por Sêneca para se referir a diferentes nuances de como o indivíduo pode interferir ativamente em sua própria consciência. Alguns desses verbos já eram usados de maneira reflexiva em sentidos concretos, outros, nem mesmo em sentidos concretos; entretanto, Sêneca os habilita a serem usados num contexto filosófico, para expressar os diferentes modos pelos quais alguém pode intervir sobre si mesmo, sobre seus hábitos, sobre sua consciência. Entre eles, há reflexivos diretos: *uindicare se* (reivindicar-se), *effugere se* (evadir-se), *deprehendere se* (apanhar-se), *excutere se* (sacudir-se, para fins de escrutínio); reflexivos indiretos: *secum morari* (habitar consigo mesmo); *sibi adquiescere* (aquietar-se em si mesmo); *in se recondi* (recolher-se em si mesmo); *secum essere* (estar consigo mesmo); *sibi relinquere* (abandonar-se em si mesmo); *sibi inniti* (apoiar-se em si mesmo); *sibi propitiare* (favorecer a si mesmo); *sibi clamare* (clamar a si mesmo); duplos reflexivos: *se sibi propitiare* (favorecer-se a si mesmo), *se sibi praesesse* (auxiliar-se a si mesmo), *se sibi conuenire* (reunir-se consigo mesmo), *cum sibi ex se nasci* (nascer de si e consigo mesmo), *ex se sibi inuenire*

¹⁵⁴ Esta parte corresponde ao artigo: Queriquelli, L. Construções reflexivas na história do latim: uma revisão. *Philologus*, v. 29, n. 87, set./dez.2023.

¹⁵⁵ A passiva sintética propriamente dita deu lugar à forma perifrástica com o verbo *sum* (e.g. *amatus fui*) por conta de ambiguidades estruturais. Como ela pouco a pouco caiu em desuso, dando lugar à alternativa perifrástica, seu uso medial também se extinguiu aos poucos, dando lugar à forma reflexiva.

¹⁵⁶ Queriquelli, *op. cit.*, p. 159-166.

¹⁵⁷ Traina, *op. cit.* p. 14.

(encontrar-se a partir de si); e reflexivos estáticos: *in se reuocare* (chamar-se de volta para si), *sibi confidere* (confiar em si mesmo), *se gaudere* (alegrar-se), *sibi adplicare* (conectar-se consigo mesmo), *in se colligi* (recolher-se em si), *in se conuerti* (voltar-se para si), *in se reuerti* (voltar-se para si), *in se recondi* (recolher-se em si), *ad se recurrere* (recorrer a si), *in se recedere* (retirar-se para si).

Todos esses empregos idiossincráticos de Sêneca não entraram para o uso comum da língua, mas supostamente refletiram em outros filósofos ao longo dos tempos: segundo Traina, a linguagem da interioridade senecana reverbera em Marco Aurélio (séc. II), Agostinho (séc. IV), Gregório Magno (séc. V), Montaigne (séc. XVI), Giovanni Pascoli (séc. XIX). Entre estes, o filósofo de Hipona seria o principal responsável consolidar e difundir essa inovação linguística de Sêneca: “a linguagem da interioridade, que é talvez a maior contribuição de Sêneca à terminologia filosófica do Ocidente, flui sobretudo através de Agostinho para a experiência cristã.”¹⁵⁸

O caso de Sêneca é interessante porque, se ele pôde explorar exaustivamente essa tendência na linguagem filosófica, tendemos a supor que o fenômeno já estava amplamente disseminado no vernáculo. Nesse sentido, nosso interesse neste trabalho é nos determos sobre o pressuposto de Traina (1974, p. 14) segundo o qual “O quadro linguístico, dentro do qual isso opera, é a tendência do latim de substituir o médio-passivo [...] pelo reflexivo”. Isto é, pretendemos vislumbrar esse “quadro linguístico”, a fim de entender, a partir de exemplos concretos, o que estava acontecendo na língua latina naquele momento. Queremos recuperar a etapa inicial daquele longo processo que dará ensejo aos outros usos e sentidos do clítico *se* e suas formas análogas.

Esperamos reconhecer padrões que tenham favorecido o uso de reflexivos em detrimento de formas passivas a fim de não só melhor compreender essa mudança na história do latim, mas também a fim de iluminar a compreensão de fenômenos análogos no português brasileiro e, se possível, aventar subsídios para previsões de mudança. Para tanto, procederemos a revisão bibliográfica e reexame de dados levantados principalmente por Adams,¹⁵⁹ Cennamo¹⁶⁰ e Kemmer,¹⁶¹ extraídos de fontes literárias e não literárias, relativas aos períodos arcaico, clássico e tardio da língua latina.

O quadro linguístico favorável ao reflexivo

Um primeiro elemento importante a ser destacado na tentativa de compor o quadro linguístico que aqui nos interessa é a baixíssima frequência da passiva sintética em textos não literários do fim da República e começo do Império. Como observa Adams,¹⁶² a raridade das

¹⁵⁸ Traina, *op. cit.*, p. 22-23.

¹⁵⁹ *Op. cit.*

¹⁶⁰ Cennamo, M. The loss of the voice dimension between late Latin and early Romance. In: Schmid, M. S.; Austin, J. R.; Stein, D. (eds.). *Historical Linguistics 1997: Selected Papers from the I3th International Conference on Historical Linguistics*, Düsseldorf, 10-17 August 1997. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 77-100.

¹⁶¹ Kemmer, S. *The Middle Voice*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

¹⁶² *Op. cit.* p. 674.

formas passivas flexionadas em textos não literários compõe um pano de fundo para seu eventual desaparecimento. Ele oferece evidências dessa raridade:

Por exemplo, nas cartas do [soldado] Terentiano e em uma amostra de cartas de Vindolanda, a ativa supera em muito a passiva, e, das formas passivas, poucas são sintéticas, em oposição às perifrásticas, isto é, formadas com o auxiliar *esse*. Nas cartas, as formas ativas superam as passivas em 127:8, e das oito passivas apenas três são sintéticas. No arquivo de Cerialis, nas placas de Vindolanda, há setenta e três formas ativas e seis passivas, das quais três são sintéticas. O aprendiz grego de latim que tentou traduzir duas fábulas de Babrius para o latim (*P. Amb.* II.26) era capaz de acertar formas verbais ativas finitas, mas, fora isso, estava perdido no sistema verbal. De suas vinte e oito formas verbais corretas, apenas uma é passiva. Nos óstracos de Bu Njem há noventa e cinco formas ativas e seis passivas (deixando de lado os participios sem auxiliar), quatro delas sintéticas e duas perifrásticas.

Ou seja, aparentemente a passiva sintética já estava em declínio no latim vernacular do primeiro século, e isso pode ter exercido alguma influência sobre o latim literário. Além disso, outro fato relevante é que, possivelmente, esse declínio já vinha acontecendo desde muito antes do primeiro século. Ernout,¹⁶³ por exemplo, tendo em vista obras de apelo coloquial, não encontrou mais que duas ocorrências da chamada passiva completa (quando o agente está expresso) nas peças de Plauto (séc. III aC) e, em *De agricultura* de Catão (séc. III a.C.), não encontrou nenhuma sequer. Siewierska,¹⁶⁴ a propósito, mostra que a passiva, ainda em latim, tornou-se marca de registro culto, algo que foi herdado pelas línguas românicas: em todas as línguas românicas e na maioria das línguas, a passiva aparece como uma construção “planejada”, não produzida espontaneamente.

Contudo, a despeito do que muitos parecem acreditar, Adams,¹⁶⁵ analisando larga base empírica de textos do latim arcaico, clássico e tardio, tanto de caráter literário quanto de apelo coloquial, afirma que a norma latina para a voz média ainda era a passiva sintética. Em suas palavras:

[...] a passiva sintética é a norma em todos os textos aqui considerados. [...] Não há motivos para sugerir que o reflexivo, conforme ilustrado aqui (ou seja, o uso medial ou anticausativo; o uso passivo pode ter sido diferente) pertencia a variedades sociais inferiores da língua, ou que aumentou no latim tardio existente. As construções românicas, mediais ou passivas, foram o resultado do uso do latim em geral, não do uso do latim localizado exclusivamente abaixo da escala social. O reflexivo era uma construção antiga convivendo com a forma sintética (em -r), determinada por fatores difíceis de deslindar.

Portanto, sabemos de antemão que, embora houvesse uma tendência ao desaparecimento da passiva sintética em textos não literários, esta forma se manteve como a norma para expressão da voz média até o século IV pelo menos, relegando a construções reflexivas um papel menor. Tentaremos aqui entender, portanto, que contextos propiciavam o uso de construções reflexivas.

¹⁶³ *Op. cit.*

¹⁶⁴ Siewierska, A. *The Passive: A Comparative Linguistic Analysis*. London, Sydney and Wolfeboro, New Hampshire: Croom Helm, 1984. p. 3.

¹⁶⁵ *Op. cit.*, p. 717-18.

Reflexivo medial, anticausativo e passivo

Antes de prosseguir, cabe caracterizar brevemente a voz passiva e a voz média. Siewierska¹⁶⁶ afirma que, de acordo com a definição mais amplamente aceita, “construções passivas têm as seguintes características: (a) o sujeito da cláusula passiva é um objeto direto da cláusula ativa correspondente; (b) o sujeito da cláusula ativa é expresso na passiva na forma de um adjunto agentivo ou não é expresso; (c) o verbo está marcado como passivo.” A maioria das passivas em latim não tem um agente expresso, e é frequente que o agente ou a causa não possam ser recuperados do contexto.

A voz média não é tão fácil de caracterizar. Kemmer,¹⁶⁷ a partir de critérios semânticos, define a voz média da seguinte maneira:

Embora sem limites precisos, a área da semântica medial pode ser delimitada com referência a duas propriedades semânticas. Essas duas propriedades, que são características de todo sistema medial onde há um marcador medial funcional, são (i) o iniciador como entidade afetada (ponto final) e (ii) o baixo grau de elaboração de eventos. A primeira propriedade [...] é subsumida pela segunda, uma vez que a equiparação de iniciador e ponto final efetivamente faz com que um evento seja menos elaborado do que um evento totalmente transitivo, no qual as duas entidades são completamente distintas.

A autora analisa diversas línguas com marcadores de voz média e identifica alguns padrões. As classes de verbos que apresentam marcação medial são aquelas que expressam movimento não translacional, cuidados com o corpo e higiene, mudança na postura corporal, movimento translacional, emoção, atos de fala emotivos, outros atos de fala, cognição e “eventos espontâneos”, classe que inclui verbos de crescer, apodrecer, secar, desmoronar, evaporar e afins.

Como observa Adams,¹⁶⁸ em latim, os verbos pertencentes a essas classes podem receber marcação de voz média de duas maneiras principais, seja por flexões passivas (*uertor*) ou pela construção reflexiva (*me uerto*). Um típico reflexivo medial está em *Mulomedicina Chironis* (Medicina para Mulas, de Quirão):

(1) *donec cicatrix oculo se confirmet* (*Mul. Chir.* 76) ‘até que uma cicatriz se forme no olho’.

Várias características desta frase podem ser observadas. O sujeito do verbo é a ‘entidade afetada’. O evento é espontâneo, sem nenhum agente óbvio sequer dedutível do contexto: a formação da crosta é algo que ocorre naturalmente. O sujeito é inanimado, ou talvez impessoal (considerando que a cicatriz tenha um grau de vitalidade). Há uma mudança de estado corporal, que é frequente em tais construções. Finalmente, a construção reflexiva é substituível por uma ‘passiva’, ou seja, um meio sintético (*confirmetur*). Segundo Cennamo,¹⁶⁹ as duas construções nem sempre são equivalentes, mas muitas vezes são. Às vezes, é possível extrair uma causa ou agente vagamente do contexto, mas mesmo assim pode ser sentida uma diferença de um passivo genuíno, pois o sujeito ainda pode parecer ser o iniciador, bem como a entidade afetada.

¹⁶⁶ *Op. cit.*, p. 2.

¹⁶⁷ Kemmer, *op. cit.*, p. 238.

¹⁶⁸ Adams, *op. cit.*, p. 678.

¹⁶⁹ Cennamo, *op. cit.* p. 83-7.

O fato de muitos reflexivos mediais poderem ser substituídos, sem grandes prejuízos de sentido, por uma passiva faz com que Adams¹⁷⁰ questione se, já no latim, ao menos em socioletos mais baixos, já poderíamos admitir a existência do “*se* apassivador”, que mais tarde se tornará comum a todas as línguas românicas. Nesse sentido, o autor sugere que o reflexivo passivo nas línguas românicas teria surgido do reflexivo latino com sujeito inanimado, ou personificado, como no seguinte exemplo de Cícero:

(2) *valvae se ipsae aperuerunt* (Cic. *Div.* 1, 74) ‘as portas se abriram’.

Aproveitando este último exemplo, cabe introduzir aqui mais uma categoria de verbos lembrada tanto por Siewierska quanto por Cennamo: os anticausativos. Por exemplo, em português brasileiro, é comum encontrarmos tanto sentenças como *João abriu a porta* quanto sentenças como *A porta abriu*. No segundo caso, temos um verbo anticausativo: “quando um verbo intransitivo é derivado de um verbo basicamente transitivo com o P[aciente] do verbo transitivo correspondendo ao S[ujeito] do intransitivo” (Cennamo, 1998, p. 80). Ocorre que Cennamo estende o termo “anticausativo” para cobrir certos tipos de estruturas reflexivas no latim: “o padrão reflexivo já era usado com sujeitos inanimados no latim arcaico, quando nenhuma personificação estava implícita, para marcar os anticausativos.”¹⁷¹ Ela cita um exemplo de Plauto:

(3) *caepsae se patinae fervefaciunt ilico* (Pl. *Pseud.* 831-33) ‘as panelas esquentam na mesma hora’ – considerando, na tradução, “esquentar” como verbo anticausativo.

Então, até aqui, temos os seguintes elementos: (1) a frequência da passiva sintética, tanto no período arcaico quanto nos períodos clássico e tardio, era quase nula em textos não literários e até mesmo em textos literários de caráter coloquial; (2) verbos de voz média podiam ser expressos em latim tanto pela passiva quanto por construções reflexivas, mas, dado o virtual desaparecimento da passiva sintética, as construções reflexivas ocuparam essa função; (3) eventualmente os reflexivos, ainda em latim, podiam ser substituídos por construções passivas, o que sugere que, já em latim, existia o *se* apassivador; (4) outra função assumida pelos reflexivos em latim é a função anticausativa, quando a causa da ação não é óbvia, e o paciente que sofre a ação figura como sujeito sintático.

Assim, teríamos – virtualmente – três funções ocupadas pelo reflexivo em latim, que se expande em variação com a passiva sintética: as funções média, passiva e anticausativa. A fim de confirmar a ocorrência dessas funções e tentar entender o que condicionava os usos da construção reflexiva, vamos analisar a tese que Cennamo propõe, à luz dos dados trazidos por Adams e outros autores.

A tese de Michela Cennamo

Cennamo sugere que a evolução do reflexivo em latim se deu na seguinte direção: em um primeiro momento, exerce apenas a função de voz média; posteriormente, passa a assumir também a função anticausativa, quando o sujeito é inanimado e não há personificação (já que a personificação de uma entidade inanimada abre a possibilidade para a interpretação de voz

¹⁷⁰ Adams, *op. cit.*, p. 678-9.

¹⁷¹ Cennamo, *op. cit.*, p. 83.

média); por fim, os usos anticausativos dão ensejo para surgimento do *se* apassivador. Em suas palavras, esta última etapa ocorre pelos seguintes motivos:

A função passiva do padrão reflexivo pode ser considerada como resultante da propagação do padrão *se* + ativo para verbos que denotam situações que não podem ocorrer espontaneamente, mas que necessariamente implicam um Causador humano, e que, portanto, não ocorria no padrão anticausativo no latim arcaico e clássico [...]. Essas formas, entretanto, devem ter sido sentidas como vulgares.¹⁷²

Para ilustrar a tese de Cennamo, cabe retomar o exemplo 3 apresentado anteriormente. Em seu entendimento, num momento remoto, uma construção como *se patinae fervefaciunt* só podia ser entendida como voz média, presumindo a personificação do sujeito: ‘as panelas [entendidas como pessoas] se fervem a si mesmas’; em um segundo momento, por volta da época de Plauto, já não há necessidade de que o sujeito seja personificado para uma construção como essa fazer sentido, pois então a função anticausativa já está em vigor: ‘as panelas fervem’ [e não há uma causa óbvia]; num terceiro momento, presume-se um causador humano para aquele evento que não tinha causa óbvia, e então o *se* é reanalisado como índice de voz passiva: ‘a panelas se fervem/são fervidas [por alguém]’.

Ela entende que o *se* anticausativo surge no latim vulgar, mas só entra no latim literário tardiamente. Seu argumento para isso são os seguintes fatos: no latim antigo, a exemplo de textos coloquiais como os de Plauto, já era possível observar o reflexivo anticausativo, mas no latim literário do período clássico só se observavam construções com personificação do sujeito (presumivelmente de voz média); no latim imperial e no latim tardio, o uso do padrão reflexivo para marcar os anticausativos aumenta, de modo que, no final do século IV, “praticamente todos os verbos podem marcar os anticausativos por meio do padrão reflexivo.”¹⁷³ Adicionalmente, nesse momento, a construção reflexiva também assume funções passivas.

Adams¹⁷⁴ admite que a ideia de que o reflexivo passivo surge de uma reanálise do anticausativo seja plausível e possa captar a natureza do seu desenvolvimento, mas entende que a tese geral de Cennamo carece de evidências e não se sustenta. Sua crítica se apoia no fato de que os exemplos de Cennamo são enviesados a fim de favorecer suas interpretações. Por exemplo, uma das ocorrências citadas por Cennamo para provar que no século IV a construção reflexiva assume função passiva vem da *Mulomedicina Chironis*:

(4) *stercora si se ... provocaverint (Mul. Chir. 230)* ‘o excremento, se for expulso...’ – conforme a interpretação de Cennamo.

A passagem completa, porém, é a seguinte:

(5) *stercora si se post ex aggrauatione stercoris provocauerint, scias eum cito refrigeraturum (Mul. Chir. 230)* ‘se, depois, o excremento se expelir/for expulso pelo peso das fezes, saiba que [o animal] se recuperará rapidamente’.

¹⁷² Cennamo, *op. cit.*, p. 81.

¹⁷³ Cennamo, *op. cit.*, p. 88.

¹⁷⁴ Adams, *op. cit.*, p. 684.

Ao analisar o contexto, Adams, discordando de Cennamo, defende que, ali, a expulsão do excremento ocorre espontaneamente, sendo induzida apenas pelo acúmulo de fezes. Segundo ele, este exemplo não difere de muitos outros, tanto no latim clássico quanto no tardio, em que uma entidade inanimada se coloca como sujeito de uma construção reflexiva expressando um processo espontâneo, que pode ter uma causa natural, mas não um agente típico de voz passiva.

Outra citação supostamente enviesada de Cennamo é o exemplo 3, de Plauto, que apresentamos anteriormente. Cennamo o apresenta como sendo um uso anticausativo do reflexivo, “quando nenhuma personificação estava implícita”. Adams, porém, discorda, argumentando que, naquele momento da peça, não só as panelas, mas vários elementos culinários são personificados para gerar humor. Por exemplo, em dado momento o cozinheiro diz que “o cheiro voa com os pés pendurados”: *odor uolat ... dimissis pedibus* (Pl. *Pseud.* 841-44). Mais cedo na mesma cena (Pl. *Pseud.* 817), a personagem personifica um ingrediente, a mostarda, chamando-a de bandida, tal como ele mesmo era chamado.

Plauto era muito dado à personificação, como mostra Stockert.¹⁷⁵ Além disso, assim como ele personifica uma panela no exemplo em questão, há outros casos de personificação de implementos, como a de uma espada em *Miles Gloriosus* (5-8) ou a de uma faca, na mesma peça (*Mil.* 1398). Em outra peça de Plauto, ferrolhos são personificados, admitindo o uso do reflexivo medial:

(6) *hoc vide ut dormiunt pessuli pessumi | nec mea gratia commouent se ocius* (Pl. *Curc.* 153-4) ‘veja como aqueles ferrolhos malditos dormem, e não se movem mais rápido por minha causa’.

A personificação dos ferrolhos é óbvia em *dormiunt*. Da mesma forma, na seguinte passagem da *Aulularia*, diversos males se aglutinam em torno à desgraça do protagonista, tal como pessoas que se “grudam” em alguém.

(7) *ita mihi ad malum malae res plurimae se adglutinant* (Pl. *Aul.* 801) ‘assim, inúmeros males se aglutinam em torno à minha desgraça’.

Ao que parece, portanto, não é possível afirmar que o reflexivo medial com coisas personificadas já estivesse evoluindo de maneira sistemática para usos anticausativos ou passivos. No entanto, claramente o reflexivo medial estava em uso, e aparentemente esse uso era favorecido quando envolvia a personificação de coisas. Vejamos, então, mais de perto como esse uso ocorria e quais eram suas nuances.

O reflexivo medial com coisas personificadas no período clássico

Se, por um lado, essas generalizações de Cennamo – de que no latim arcaico o reflexivo já era anticausativo em textos coloquiais e de que no latim tardio sua reanálise como voz passiva já estava em vigor – parecem ser inválidas, por outro lado, a afirmação de que no latim literário do período clássico é frequente o uso de reflexivo medial com coisas personificadas

¹⁷⁵ Stockert, W. *T. Maccius Plantus: Aulularia*. Stuttgart: Teubner Verlag, 1983. p. 200.

parece se confirmar. Um exemplo muito comum, que ocorre em Virgílio, César, Sêneca, Plínio, Vitrúvio, entre outros, é a personificação de rios e mares:

(8) *et caput unde altus primum se erumpit Enipeus, unde pater Tiberinus* (Verg. *Georg.* 4.368) ‘e aquela fonte de onde primeiro o profundo Enipeu se lançou para a luz, de onde [se lançou] o pai Tiber’.

(9) *gemerentque repleti amnes, nec reperire viam atque evolvere posset in mare se Xanthus* (Verg. *Aen.* 5.807-8) ‘até que as correntes fossem sufocadas [com os mortos], e Xanthus mal pudesse encontrar seu caminho e se lançar para o mar’.

(10) *cum ex alto se aestus incitauisset* (Caes. *Gall.* 3.12.1) ‘quando a maré se erguia do oceano principal’.

(11) *quo maior uis aquae se incitauisset* (Caes. *Gall.* 4.17.7) ‘à medida que a maior massa de água se chocava [contra a ponte]’.

(12) *olim ad hoc maria se exercent* (Sen. *Nat.* 3.30.1) ‘uma vez que o mar se esforça para chegar lá’.

(13) *ubi Nilus praecipitans se fragore auditum accolis aufert* (Plin. *Nat.* 6.181) ‘onde o Nilo, precipitando-se com fragor, tira a audição dos habitantes’.

(14) *ab hisque paludibus se circumagens per flumina Astansobam et Astoboam et alia plura pervenit per montes ad cataractam ab eoque se praecipitans per septentrionalem pervenit* (Vitr. 8.2.6) ‘e dos terrenos pantanosos de lá, ele se bifurca contornando os rios Astansoba e Astoboa e muitos outros, passa pelas montanhas até a Catarata, e de lá se precipita e passa para o norte’.

Outras duas entidades frequentemente personificadas, favorecendo assim o reflexivo medial, são a lua e o vento, o que é bastante natural, já que, assim como os rios, estes seres eram considerados deuses:

(15) *qua se plena... fundebat luna* (Verg. *Aen.* 3.151-2) ‘na qual a lua cheia se derramava’.

(16) *neque se luna quoquam mutat* (Pl. *Amph.* 274) ‘nem a Lua se move para qualquer lugar’.

(17) *centesima reuolvente se luna* (Plin. *Nat.* 18.217) ‘quando a lua se vira pela centésima vez’.

(18) *quemadmodum soli luna se opponat* (Sen. *Nat.* 1.12.1) ‘de forma que a lua se oponha ao sol’.

(19) *Auster... in Africum se vertit* (Caes. *Civ.* 3.26.5) ‘o [vento] Austero se volta para a África’.

Um exemplo menos intuitivo se encontra também na Eneida, quando Virgílio faz referência ao caminho para o submundo:

(20) *partis ubi se uia findit in ambas* (Verg. *Aen.* 6.540) ‘onde o caminho se divide em dois’.

De certa forma, este último exemplo pertence à categoria de descrições geográficas. Como observa Adams (2013, p. 688)

A construção reflexiva é comum nas descrições de paisagem natural, assim como é usada para eventos ou processos naturais. Montanhas se erguem sozinhas, baías se contorcem e assim por diante. Se o vapor ‘se eleva’ ou um litoral ‘se curva’ não há nenhum agente óbvio que cause os fenômenos, que são ‘naturais’. O reflexivo dá ao traço/evento específico um poder ou característica conferida vagamente pela natureza.

Tendo isso em mente, vejamos os seguintes exemplos:

(21) *hinc [silva Hercynia] se flectit sinistrorsus* (Caes. Gall. 6.25.3) ‘ali [a floresta Hercínia] se curva para a esquerda’.

(22) *paulatim deinde laxare semet sinus montium ... coeperant* (Curtius 3.9.12) ‘então, aos poucos os seios dos montes tinham começado a se abrir’.

(23) *attollente se contra medios visus terrarum globo* (Plin. Nat. 2.177) ‘o globo se erguendo contra as vistas centrais das terras’.

(24) *est ergo folio maxime querno adsimulata, multo proceritate amplior quam latitudine, in laevam se flectens cacumine et Amazonicae figura desinens parmae* (Plin. Nat. 3.43) ‘é, portanto, acima de tudo em comparação com uma folha de carvalho, muito mais larga em comprimento do que em largura, dobrando-se para a esquerda no topo e terminando em forma de escudo de amazona’.

Em Virgílio, também encontramos reflexivos com sujeitos inanimados em referência a transformações forjadas por magia:

(25) *uix ea fatus erat cum circumfusa repente scindit se nubes* (Verg. *Aen.* 1.586) ‘mal ele tinha falado aquelas coisas, e de repente aquela nuvem circundante se fendeu’.

(26) *fusaque in obscenum se vertere vina cruorem* (Verg. *Aen.* 4.455) ‘o vinho derramado se converteu em sangue pútrido’.

Até aqui, nesses exemplos literários apresentados, temos típicos casos de reflexivo medial com o sujeito personificado. O sujeito é assumido como iniciador e ponto final da ação, e ela tem pouca elaboração de eventos. O próximo exemplo, porém, não é tão obviamente medial quanto os anteriores:

(27) *hic undique clamor dissensu uario magnus se tollit in auras* (Verg. *Aen.* 11.455) ‘por toda parte, um grande clamor se ergue no ar, numa dissonância variada’.

Normalmente encontramos expressões como *clamores tollunt*, com *clamores* no acusativo, presumindo um agente humano aí como sujeito, como no seguinte exemplo de Cícero:

(28) *intuentem te, admirantem, clamores tollentem cum uideo* (Cic. *Parad.* 37) ‘te olhando, admirando, erguendo clamores quando te vejo’.

Também é possível encontrar esse tipo de expressão numa construção passiva, com um agente humano implicado, como nessas passagens de Ênio e Títo Lívio:

(29) *tollitur in caelum clamor exortus utrimque* (Enn. Ann. 428) ‘é erguido no céu um clamor emanado de ambos os lados’.

(30) *signa canunt et tollitur clamor* (Liv. 25.39.3) ‘os sinos cantam e é erguido um clamor’.

Virgílio, portanto, efetuou uma ousada personificação do clamor, poeticamente conveniente, mas Adams observa que há ambiguidade na construção do poeta. Como ele defende,

[...] em teoria, a frase poderia ter sido interpretada como um reflexivo passivo, com agente humano implícito (o clamor se ergue/é erguido do/pelo agente humano). A ambiguidade não surge enquanto a personificação é sentida, e a personificação seria sentida por um leitor de poesia épica. O potencial para ambiguidade é, no entanto, significativo. Foi através do esmaecimento da personificação ou metáfora que a interpretação passiva do reflexivo tornou-se possível.¹⁷⁶

Em Catão, Varro, Cícero e outros há casos que se referem a eventos espontâneos que manifestam as forças da natureza. Os seguintes exemplos referem-se a mudanças naturais sofridas pelas plantas:

(31) *brassica [...] omnia ad salutem temperat commutatque sese sempre* (Cato Agr. 157.1) ‘o repolho tem todas as virtudes necessárias para a saúde e se transforma constantemente’.

(32) *alia enim, quae manere non possunt, antequam se commutent, ut celeriter promas ac vendas* (Varro Rust. 1.69.1) ‘outras, que não podem perdurar, deves colher e vender rapidamente antes que passem do ponto [lit. que se mudem]’.

As mudanças espontâneas sofridas pela vida vegetal ensejam constantemente o uso da construção reflexiva, e não é necessário recorrer ao latim tardio para obter paralelos. Catulo usa um reflexivo para se referir ao crescimento de uma videira:

(33) *ut uidua in nudo uitis quae nascitur aruo, | numquam se extollit* (Cat. 62,50) ‘como uma videira solteira que cresce em um campo nu, nunca se eleva’.

Em Plínio, também abundam exemplos de reflexivos expressando mudanças naturais. Eis alguns deles:

(34) *densante se frondium germine* (Pl. Nat. 10.81) ‘com o germe das folhas se adensando’.

(35) *nemorosa uertice et se uastis protegens ramis arborum instar* (Pl. Nat. 12.9) ‘seu topo parece um bosque e se envolve de ramos do tamanho das árvores’.

(36) *cacumina in aristas se spargunt* (Pl. Nat. 12.42) ‘as pontas [da folha de nardo] se dividem em espigas’.

¹⁷⁶ Adams, *op. cit.*, p. 688.

O seguinte exemplo ciceroniano refere-se a um evento espontâneo expressando novamente as forças da natureza, porém não mais relacionado ao mundo vegetal:

(37) *paulum requiescet, dum se calor frangat* (Cic. *De orat.* I.265) ‘descansa um pouco, enquanto o calor se dispersa’.

A mesma expressão está em Varro:

(38) *neque antequam calores aut frigora se fregerunt* (Var. *Rust.* 2.2.18) ‘não até que o calor ou o frio se disperse’.

Ainda no campo dos eventos naturais, encontramos também passagens nas quais há referências a condições que afetam o corpo espontaneamente, como esta de Cícero:

(39) *strumae denique ab ore improbo demigrarunt et aliis iam se locis conlocarunt* (Cic. *Vat.* 39) ‘afinal, as escrófulas migraram de sua face maligna e se alocaram em outros lugares’.

Em textos médicos ou veterinários, encontramos passagens semelhantes em referência ao suor:

(40) *etiam cum sudor se remisit* (Cel. 1.3.6) ‘mesmo quando o suor se dispersa’.

(41) *hic humor sudoris in uentrem se desidet inter intestina et uentris compaginem* (Mul. Quir. 220) ‘o líquido do suor que escorre para o ventre se assenta entre o intestino e a junção do ventre’.

Todas essas nuances do uso do reflexivo medial no latim clássico parecem endossar a tese de Kemmer,¹⁷⁷ segundo a qual os contextos favoráveis à voz média estão ligados a: movimento não translacional (e.g. a lua que se vira), processos ocorridos no corpo (e.g. o suor que se dispersa), mudança na postura corporal (e.g. a maré personificada que se ergue), movimento translacional (e.g. o rio que se lança para o mar), emoção (e.g. o clamor que se ergue) e eventos espontâneos (e.g. o frio ou o calor que se dispersam, mas de certa forma incluem todos os eventos naturais descritos).

Aparentemente, se o reflexivo medial não ameaçou a passiva sintética medial na concorrência para a expressão da voz média, ao menos ele ganhou terreno no campo das coisas personificadas e ali ocupou todos os contextos semânticos possíveis.

Conclusões

Após revisão bibliográfica e exame dos dados levantados, organizamos nossas conclusões em cinco pontos.

Em primeiro lugar, considerando em especial a pesquisa de Adams,¹⁷⁸ apoiada em ampla base empírica, não é possível afirmar categoricamente que existia no tempo de Sêneca uma tendência de substituir o médio-passivo pelo reflexivo medial, pois Adams conclui que antes

¹⁷⁷ Kemmer, *op. cit.*, p. 19.

¹⁷⁸ Adams, *op. cit.*, p. 674-724.

do período arcaico as duas construções já existiam e continuam existindo no tempo de Sêneca, sendo a primeira a normal geral, e não há dados concretos que permitam afirmar a existência dessa tendência naquele momento, senão que as duas possibilidades já existiam havia muito tempo no latim e a primeira era a norma geral. Considerando que posteriormente, a passiva sintética medial vai desaparecer e o reflexivo medial vai se expandir, supomos que essa substituição estava em curso por séculos e estava avançada no primeiro século, mas a tentação de afirmar essa suposição como um fato não pode ser endossada diante das evidências disponíveis.

Em segundo lugar, apesar de não haver dados para confirmar a tendência em questão, é possível afirmar que a baixa frequência da passiva sintética e a restrição de seu uso a um registro culto, típico de uma fala “planejada”, podem ter contribuído para sua extinção, e nesse caso o reflexivo passivo (ou *se* apassivador) teria emergido como uma alternativa.

Em terceiro lugar, vale destacar a existência de três funções distintas do reflexivo em latim: o reflexivo medial, o reflexivo anticausativo e o reflexivo passivo.

O quarto ponto digno de destaque é que a tese de Cennamo¹⁷⁹ – de que houve uma evolução *se* medial > anticausativo > passivo não se sustenta a partir da base empírica disponível, embora seja plausível em termos lógicos.

Por fim, o quinto ponto – que julgo particularmente importante para se entender o surgimento e comportamento da voz média de forma geral, em quaisquer línguas – é que os contextos semânticos tipicamente favoráveis ao reflexivo medial identificados por Kemmer¹⁸⁰ parecem se aplicar ao latim: movimento não translacional, processos no corpo, mudança na postura corporal, movimento translacional, emoção e eventos espontâneos.

Como dissemos antes, se aparentemente o reflexivo medial não ameaçou a passiva sintética medial na concorrência para a expressão da voz média, ao menos ele ganhou terreno no campo das coisas personificadas e ali ocupou todos os contextos semânticos possíveis. Isso faz sentido, a propósito, se pensamos no caso de Sêneca, que tomou o “eu” como um objeto. Sendo assim, se o latim já naquele tempo favorecia o reflexivo medial para coisas, faz sentido que Sêneca tenha usado essa possibilidade para tratar da agência dessa coisa chamada “eu” sobre si mesma.

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção H

1. Explique, a partir do texto, o que é voz média. Dê uma definição e cite características.
2. Explique, a partir do texto, o que um verbo anticausativo. Dê uma definição e cite características.

¹⁷⁹ Cennamo, *op. cit.*, p. 88.

¹⁸⁰ Kemmer, *op. cit.*, p. 19.

3. Dê exemplos de reflexivo medial, anticausativo e passivo.
4. Em resumo, qual é a tese de Cennamo sobre o surgimento do *se* passivador em latim?
5. Por que Adams contesta a tese de Cennamo?
6. Quais são os contextos semânticos tipicamente favoráveis ao reflexivo medial identificados por Kemmer e em que campo o reflexivo medial latino passou a ser largamente usado? Cite exemplos.

Litterae Latinae: Plínio e a invenção do latim científico

Caio Plínio Segundo (23-79 d.C.), conhecido como Plínio, o Velho, foi um autor romano, naturalista e historiador, conhecido por instituir uma prosa técnica, favorável à transmissão do conhecimento científico. Ele escreveu a enciclopédia *Naturalis Historia* ('História Natural'), uma obra abrangente de trinta e sete volumes, cobrindo uma vasta gama de tópicos sobre o conhecimento humano e o mundo natural, que se tornou um modelo editorial para enciclopédias modernas. Como forma de driblar a ira dos tiranos de seu tempo contra os intelectuais, Plínio passou a maior parte da vida estudando, escrevendo e investigando fenômenos naturais e geográficos no campo. Sua morte ocorreu em 79 d.C., em Estábias, enquanto tentava resgatar uma amiga e sua família da erupção do Monte Vesúvio.

Durante o reinado de terror de Nero, Plínio evitou trabalhar em qualquer escrito que atraísse atenção para si. Seus trabalhos sobre oratória nos últimos anos da tirania neroniana se concentraram em questões mais formais, e ele só voltou a trabalhar sobre temas mais controversos novamente sob o governo de Vespasiano, que era seu simpatizante. Vespasiano suprimiu os filósofos em Roma, mas Plínio foi poupado porque representava algo novo: um enciclopedista ou, talvez, um cientista.¹⁸¹

A última obra de Plínio, segundo seu sobrinho, foi a *Naturalis Historia*, uma enciclopédia na qual ele coletou muito do conhecimento de sua época. Alguns historiadores consideram esta a primeira enciclopédia escrita.¹⁸² Ela continha 37 livros, e suas fontes vinham de experiências pessoais, dos próprios trabalhos anteriores (como o trabalho sobre a Germânia) e de excertos de outras obras. Segundo Plínio, o Jovem, esses excertos eram coletados por uma equipe de copistas: um servo lia em voz alta, e outro escrevia os excertos ditado por Plínio. Diz-se que ele ditava os excertos enquanto tomava banho e, no inverno, fornecia ao copiadador luvas e mangas compridas para que sua mão de escrita não endurecesse com o frio.

A obra, concluída em 77 d.C., consiste em uma das obras latinas mais extensas que sobreviveram e foi planejada para cobrir todo o campo do conhecimento antigo, com base nas melhores autoridades disponíveis. Plínio acreditava ter sido o primeiro a empreender tal

¹⁸¹ Sandys, John Edwin. Plínio, o Velho. In: Chisholm, Hugh (ed.). *Enciclopédia Britânica*. Cambridge University Press. p. 841-844.

¹⁸² Dennis, J. Pliny's World: All the Facts-and then Some. *Smithsonian*, 26 (8): p. 152, 1995.

trabalho, abrangendo os campos da botânica, zoologia, astronomia, geologia e mineralogia, bem como a exploração desses recursos.

O estilo técnico empregado pelo autor passou a ser um padrão para trabalhos científicos até a alta Idade Média.¹⁸³ Suas discussões sobre alguns avanços técnicos, como o silenciamento na tecnologia de mineração ou o uso de moinhos de água para esmagar ou moer grãos, são as únicas fontes para essas invenções. Muito do que ele escreveu foi confirmado pela arqueologia. Segundo Stannard,¹⁸⁴ a *Naturalis Historia* é virtualmente o único trabalho que descreve o trabalho de artistas da época e é uma obra de referência para a história da arte, tendo inspirado mais tarde as obras de Lorenzo Ghiberti e Giorgio Vasari.

Observe, a título de ilustração, a seguinte passagem em que, com impressionante antecipação, Plínio reflete sobre a tendência destrutiva e ingrata do homem perante a natureza:

verum fateamur: terra nobis malorum remedium genuit, nos illud vitae facimus venenum. non enim et ferro, quo carere non possumus, simili modo utimur? nec tamen quereremur merito, etiamsi maleficii causa tulisset. adversus unam quippe naturae partem ingrati sumus. quas non ad delicias quasque non ad contumelias servit homini? in maria iacitur aut, ut freta admittamus, eroditur. aquis, ferro, igni, ligno, lapide, fruge omnibus cruciatur horis multoque plus, ut deliciis quam ut alimentis famuletur nostris. (Pl., Nat. Hist., II, 67)

Mas confessemos a verdade: a terra nos gerou um remédio para os males, e nós o transformamos em veneno para a vida. Não usamos o ferro, do qual não podemos prescindir, da mesma maneira? E, no entanto, não nos queixaríamos com razão, mesmo que ela o tivesse dado para o mal. Somos ingratos para com uma única parte da natureza. Para quais luxúrias e quais insultos ela não serve ao homem? É jogada ao mar ou, para aceitarmos os estreitos, é corroída. Pela água, ferro, fogo, madeira, pedra, e colheita, ela é torturada a cada hora, e muito mais para servir nossas luxúrias do que nossas necessidades alimentares.

Plínio, como poucos intelectuais de seu tempo, soube fazer um movimento em direção a uma observação factual da realidade, desvencilhando-se de crenças e amarras impostas pela cultura e pela tradição. Como observou Marchetti a seu respeito:

O mundo da natureza existe concretamente ao nosso redor, permitindo-se ser percebido pela observação direta. A observação do cientista é diferente daquela empregada pelos que observam ocasionalmente. Mas o observador ainda pode perceber características significativas. A observação, a intuição e a imaginação revelam afinidades e semelhanças. Afinidade e semelhanças dos animais com os humanos, e com características e condições humanas específicas; afinidades e semelhanças dos produtos da natureza com os objetos (os objetos belos, preciosos e procurados) do artifício humano. A linguagem humana habitual (que é sempre afetada, em algum nível, pela influência de uma tradição) já é capaz de expressar essas afinidades. A retórica ajuda a dizê-los. Mas também ajuda vê-los. Um autor como Plínio, que com muitas cautelas e limitações pode se autodenominar um ‘cientista,’ mas que chega às ciências naturais como parte de sua vasta e variada experiência como estudioso e intelectual romano, reúne a própria ciência, junto com elementos que ele toma dos autores da tradição científica mais rigorosa e reconhecida, incluindo a sua observação direta: que no entanto está unida, a ponto de ser muito difícil de distinguir, com a sua cultura literária e com a sua cultura retórica. Para Plínio, o mundo da natureza está na realidade, está nos livros de ciência, está nas histórias. A retórica colabora decisivamente nesta copresença. E colabora na penetração no mundo da natureza (naquele mundo da natureza que é

¹⁸³ Stannard, J. Pliny the Elder – Roman scholar. *The New Encyclopædia Britannica*, v. 14 (15 ed.), 1977, p. 572a.

¹⁸⁴ *Op. cit.*

coletado como tema do novo livro) de uma ideologia, tanto humanitária quanto política, que pode ser reconhecida como fundamentalmente coerente.¹⁸⁵

Assim, Plínio emerge não apenas como um estudioso das ciências naturais, mas também como um intelectual romano profundamente enraizado em sua vasta empírica e doutrinária. Sua obra não se limita à mera observação científica, mas integra-se harmoniosamente à sua cultura literária e à retórica, formando um todo indistinguível. Para Plínio, o mundo natural transcende as páginas dos tratados científicos; ele vive e respira tanto na observação direta quanto nas narrativas literárias. A retórica desempenha um papel essencial ao facilitar essa coexistência, permitindo uma penetração mais profunda e uma exploração ideológica que é ao mesmo tempo humanitária e política, revelando-se como um tema fundamental e coerente em suas obras.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Por que se pode atribuir a Plínio a invenção, entre os latinos, de uma linguagem científica?
2. Que postura assumida por Plínio em *Naturalis Historia* diferencia-o da tradição literária latina precedente?
3. Reflita sobre a seguinte afirmação extraída da obra de Sandra Marchetti: “Um autor como Plínio, que [...] pode se autodenominar um ‘cientista,’ [...] reúne a própria ciência junto com elementos que ele toma dos autores da tradição científica mais rigorosa e reconhecida, incluindo a sua observação direta: que no entanto está unida, a ponto de ser muito difícil de distinguir, com a sua cultura literária.” O que difere a postura de Plínio da dita ‘ciência pura’ atual?

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente ler e traduzir seguinte passagem extraída da *Naturalis História* de Plínio o Velho, que celebra a Terra como uma entidade maternal que nos acolhe, sustenta, e protege ao longo de nossas vidas:

sequitur terra, cui uni rerum naturae partium eximia propter merita cognomen indidimus maternae. nascentes excipit, natos alit semelque editos et sustinet semper. novissime complexa gremio iam a reliqua natura abdicatos, tum maxime ut mater operiens. nullo magis sacra merito quam quo nos quoque sacros facit. etiam monimenta ac titulos gerens nomenque prorogans nostrum et memoriam extendens contra brevitatem aevi. cuius numen ultimum iam nullis precamur irati grave, tamquam nesciamus hanc esse solam quae numquam irascatur homini. (Plínio, Nat. Hist., 2.63)

¹⁸⁵ Marchetti, Sandra Citroni, *La scienza della natura per un intellettuale romano*. Studi su Plinio il Vecchio. Roma: Fabrizio Serra editore, 2011. p. 275.

Vocabulário:

a prep. (+ abl.) por
abdicō, abdicare, abdicavi, abdicatus 1 abandonar
ac conj. e
aevum, aevi 2n. tempo, vida
alo, alere, alui, alitus 3 alimentar
brevitas, brevitatis 3f. brevidade
cognomen, cognominis 3n. nome, cognome
conplector, conplecti, complexus sum 3 abraçar, envolver
contra prep. (+ acus.) contra
edo, edare, edidi, editus 1 lançar, por no mundo, dar ao mundo
et conj.
etiam adv. ainda
excipio, excipere, excepi, exceptus 3 acolher
eximius, eximia, eximium adj. excepcional
extendo, extendere, extendi, extensus 3 estender
facio, facere, feci, factus 3 fazer
gero, gerere, gessi, gestus 3 preservar, carregar
gravis, grave adj. grave
gremium, i 2n. colo, abraço
hic, haec, hoc pron. este, ele
homo, hominis 3m. homem
iam adv. já
indido, indidere, indidi, indiditus 3 dar
irascor, irasci, iratus sum 3 ficar irado
magis adv. mais
mater, matris 3f. mãe
maternus, a, um adj. materno
maxime adv. principalmente, mais do que nunca
memoria, ae 1f. memória
meritum, i 2n. mérito
monimentum, i 2n. monumento
nascor, nasci, natus sum 3 nascer
natura, ae 1f. natureza
nescio, nescire, nescivi, nescitus 4 não saber, ignorar
nomenque = et nomen
nomen, nominis 3n. nome
nos acus. de *nos*
noster, nostra, nostrum adj. nosso
novissime adv. finalmente
nullus, a, um adj. nenhum
numen, numinis 3n. poder divino
numquam adv. nunca
operio, operire, operui, opertus 4 cobrir, proteger
pars, partis 3f. parte
precor, precari, precatus sum 1 implorar

propter prep. (+ acus.) por, por causa de
prorogo, prorogare, prorogavi, prorogatus 1 prolongar
qui, quae, quod pron. que, o qual, o que
quoque adv. também
reliquus, a, um adj. restante
res, rei 5f. coisa
sacer, sacra, sacrum adj. sagrado
semelque = et semel
semel adv. uma vez
semper adv. sempre
sequor, sequi, secutus sum 3 seguir
solus, a, um adj. único
sustineo, sustinere, sustinui, sustentus 2 sustentar
tamquam conj. como se
terra, ae 1f. terra
titulus, i 2m. título
tum adv. então
ultimus, a, um adj. supremo
unus, una, unum adj. singular
ut conj. que

Seção I

Pontos de língua

- gerúndios e gerundivos;
- gerúndio convertido em gerundivo;
- construções jussivas ou admoestativas com gerundivo + dativo;
- verbos de temor (*ne* + subjuntivo);
- *dum, antequam/priusquam*;
- pretérito perfeito do subjuntivo (ativo, deponente e passivo);
- interrogativas indiretas (reportadas);
- orações condicionais com mais-que-perfeito do subjuntivo;
- *quominus, quin* + subjuntivo;
- *quisque, quisquam, uterque*;
- orações comparativas, correlativas, comparações irrealis.

I1 Gerúndios e gerundivos

Até aqui já conhecemos várias formas nominais dos verbos, isto é, formas pelas quais o verbo funciona como um substantivo ou adjetivo na frase. Entre as que já conhecemos, estão o infinitivo (um substantivo verbal, com 3 formas ativas e 3 passivas), o particípio perfeito (um adjetivo verbal que pertence à v. passiva), o particípio futuro e o particípio presente (adjetivos verbais que pertencem à v. ativa). Agora, portanto, para encerrar nossa lista, conheceremos o gerúndio e o gerundivo, respectivamente um substantivo e um adjetivo verbal. Como veremos, o gerúndio pode ser considerado uma forma oblíqua do infinitivo, e o gerundivo, um particípio futuro passivo. No entanto, suspendamos essa informação por ora e comecemos pela morfologia, que é idêntica tanto para o gerúndio quanto para o gerundivo.

Ambos são formados pelo radical do *infectum*, sucedido da desinência *-nd-* e flexões dos adjetivos de primeira classe (*-us, -a, -um*). Assim, temos: *amandus, a, um; habendus, a, um, dicendus, a, um; audiendus, a, um*. Perceba que verbos de 4ª conj. e verbos de tema vocálico da 3ª conj. apresentam uma vogal de ligação entre radical e a desinência (como *audi-e-ndus* e *faci-e-ndus*).

Passando ao uso dessas formas e começando pelo gerúndio, convém recordar o comportamento do infinitivo. Lembremos que o infinitivo, como substantivo verbal, geralmente ocupa a função de sujeito ou objetivo direto da frase. Por exemplo:

amare [suj.] *bonum est* ‘amar é bom’

omnes amare [obj. dir.] *uolumus* ‘todos queremos amar’

No entanto, e se quiséssemos formular um a frase, como ‘a sensação *de amar* é boa’ ou ‘todos ficam contentes *ao amar*’? É justamente aí que o gerúndio entra em ação. Para expressar

funções como essas, de adjunto adnominal e adverbial por exemplo, o infinitivo dá lugar ao gerúndio, flexionando conforme um neutro de 2ª decl.:

sensus amandi [gen.] bonus est ‘a sensação de amar é boa’

omnes amando [abl.] gaudent ‘todos ficam felizes ao amar’ ou ‘todos ficam felizes amando’

Repare na flexão de *amandi*, a mesma de expressões como *modus operandi* (‘modo de operar’), e na flexão de *amando*, exatamente a mesma forma do gerúndio em português. A propósito, o gerúndio no ablativo foi a única forma gerundial que se manteve intacta do latim ao português, ampliando seu campo de ação e ocupando funções antes expressas por outras formas ou locuções latinas, como veremos no próximo tópico sobre permanências e reincidências latinas.

O gerúndio também podia ocorrer no caso dativo ou no acusativo como complemento preposicional (nunca como objeto direto). Observe:

quandam linguam discendo liberum tempus meum dedicare malo ‘prefiro dedicar meu tempo livre a aprender uma língua’

redimus ad requiescendum ‘voltamos para descansar’

Eventualmente, porém, essa mesma forma verbal, marcada pela desinência *-nd-*, funcionava como um adjetivo, concordando com um substantivo. Nesse caso, não estamos mais diante do gerúndio, um substantivo verbal, mas sim diante do gerundivo, um adjetivo verbal com o sentido de um particípio futuro passivo (e.g., *res facienda* ‘a coisa a ser feita/a coisa que está para ser feita/a coisa que deve ser feita’). Por exemplo:

hic liber legendus est ‘este é o livro a ser lido’

sugesit ut illam viam sumendam esset ‘ele sugeriu que aquele era o caminho a ser seguido’

Assim, a fim de organizarmos esquematicamente o gerúndio e o gerundivo, reproduzimos o seguinte quadro comparativo proposto por Almeida:¹⁸⁶

Gerundivo	Gerúndio
1. É da voz passiva .	1. É da voz ativa .
2. É adjetivo verbal, de declinação completa; concorda com o nome a que se refere: <i>amandus, a, um</i>	2. É substantivo verbal, que se declina pela 2.ª declinação; possui os casos genitivo, dativo, ablativo e acusativo: Gen.: <i>amandi</i> = de amar Dat.: <i>amando</i> = a amar Abl.: <i>amando</i> = por, com amar Ac.: (<i>ad</i>) <i>amandum</i> = para amar
3. É forma participial (particípio futuro passivo).	3. É variação do infinitivo ; o infinitivo pode ser considerado o nominativo do gerúndio.
4. Indica qualidade , uma vez que é adjetivo.	4. Indica coisa , uma vez que é substantivo; quem diz “É hora do almoço” indica que é hora de alguma coisa; quem diz “É hora de almoçar” emprega um verbo em lugar de substantivo, e de almoçar se

¹⁸⁶ Almeida, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 205-206.

traduz pelo genitivo do gerúndio, como se fosse um substantivo perfeito: *Hora est prandendi*. “Lemos para aprender” (= lemos para um fim, para uma coisa) = *Legimus ad discendum*.

I2 Gerúndio convertido em gerundivo

Em tese, um gerúndio, sendo ele uma forma oblíqua do infinitivo, poderia reger complemento, como no seguinte exemplo:

ars erudiendi homines nobilis est ‘a arte de educar pessoas é nobre’

Perceba que, nesse exemplo, *erudiendi* é um gerúndio no genitivo regendo como objeto *homines* no acusativo. Entretanto, porque aparentemente o gerúndio tinha perdido sua força verbal em latim, isto é, sua capacidade de reger complementos entre outras propriedades verbais, na grande maioria dos casos um sintagma como esse sofria uma reanálise sintática que transformava o genitivo em núcleo do sintagma, convertendo o gerúndio em gerundivo (adjetivo), fazendo-o concordar com o esse novo núcleo. Por exemplo:

ars hominum erudiendorum nobilis est ‘a arte de educar pessoas é nobre’ (lit. ‘a arte das pessoas a serem educadas é nobre’)

Por conta desse fenômeno,

- em vez de *ipse princeps exercitum faciendi fuit* (‘ele foi o primeiro a formar um exército’), encontramos *ipse princeps exercitus faciendi fuit* (Cic. *Phil.* 5,16) (lit. ‘ele foi o primeiro de um exército a ser formado’);
- em vez de *diligentior in faciendo furtos* (‘mais diligente em fazer furtos’), encontramos *diligentior in faciendis furtis* (Cic. *Ver.* 2,3,107) (lit. ‘mais diligente em furtos a serem feitos’);
- em vez de *totius gentis in testimoniis dicendo levitatem* (‘a leviandade de toda a nação em prestar testemunhos’), encontramos *totius gentis in testimoniis dicendis levitatem* (Cic. *Flac.* 6) (lit. ‘a leviandade de toda a nação em testemunhos a serem prestados’);
- em vez de *locum sententias dicendi* (‘um lugar de/para emitir julgamentos’), encontramos *locum sententiae dicendae* (Aug. *Anc.* 1) (lit. ‘um lugar de/para julgamentos a serem emitidos’);
- em vez de *vindicias dicendi causa* (‘por causa de/para resolver reivindicações’), encontramos *vindiciarum dicendarum causa* (Gel. 20,10) (lit. ‘por causa de/para reivindicações a serem resolvidas’);
- em vez de *neque consilium habendi spatium dato* (‘e não tendo sido dado tempo de/para considerar um plano’), encontramos *neque consilii habendi spatium dato* (Caes. *Gal.* 4,14) (lit. ‘e não tendo sido dado tempo de/para um plano a ser considerado’);

- em vez de *comitios habendi munus* ‘a função de presidir as eleições’, encontramos *comitiorum habendorum munus* (Liv. 3,35) (lit. ‘a função das eleições a serem presididas’).

Por esse motivo, sempre que encontrarmos um sintagma nominal formado por um gerúndio, se a tradução literal soar estranha, convém invertermos a voz verbal, recuperando o sentido ativo do gerúndio que supostamente estaria na origem daquela construção.

I3 Construções jussivas ou admoestativas com gerúndio + dativo

Como podemos perceber ao observar as ocorrências típicas do gerúndio, por indicar ‘algo a ser feito’ (fut.) era normal essa forma fosse interpretada como ‘algo que deve ser feito’ (dever). Por isso, em latim, sempre que se queria indicar que uma coisa era obrigatória (jussiva) ou se queria sugerir que ela fosse feita (admoestar), era muito comum recorrer a uma construção com gerúndio combinado com dativo. Por exemplo:

est tibi videndum ‘tu deves ver’ (lit. ‘para ti, isso é para ser visto’)

est nobis cauendum ‘nós devemos tomar cuidado’ (lit. ‘para nós, isso é para ser observado’)

Esse tipo de ocorrência, em que o gerúndio flexionava no gen. neutro, concordando com um virtual *id*, acontecia especialmente quando o verbo era intransitivo. Por exemplo:

est Cyzicum nobis eundum (Cic. Att. 3,13) ‘devemos ir para Cízico’ (lit. ‘é para nós irmos para Cízico’)

quid parcis tibi, Rufo? dormiendum est (Mar. Ep. 106) ‘por que te poupas, Rufo? deves dormir (lit. ‘é para tu domires’)

De fato, expressões como *eundum est* e *dormiendum est* eram muito comuns e poderiam ser traduzidas por ‘é hora de ir’ ou ‘é hora de dormir.’ Também poderíamos perfeitamente acrescentar um dativo aí, por exemplo, *infanti dormiendum est* ‘é hora de o bebê dormir.’

No entanto, nesse tipo de construção também podia haver concordância com o sujeito, especialmente quando o verbo era transitivo. Por exemplo:

denticulus est faciendus tam altus quam epistylū media fascia ‘o denticulo deve ser feito na altura da cinta média do epistílio’ (Vitr. 3,5) (lit. ‘o denticulo é para ser feito’)

I4 Verbos de temor (*ne* + subjuntivo)

Em G6, vimos que, para introduzir uma subordinada com subjuntivo, usamos a conjunção *ut* se queremos afirmar essa subordinada (e.g. *rogo ut uenias* ‘peço que venhas’) ou a conjunção *ne* se queremos negá-la (e.g. *rogo ne uenias* ‘peço que não venhas’). Essa, de fato, é a regra geral.

No entanto, especificamente no caso dos verbos de temor (como *timeo*, *metuo* e *uereor*) – como esses verbos contêm a negação presumida na raiz e como o latim fazia dupla negação lógica – seus complementos são introduzidos por *ne* caso se afirme o medo e por *ut* caso se negue o medo. Exemplos:

uereor ne fur redeat ‘receio que o ladrão volte’

timemus ut perueniamus in tempore ‘tememos que não cheguemos a tempo’

metuebat ne satis pecuniae haberem ‘ele tinha medo de que eu não tivesse dinheiro suficiente’

I5 *Dum*, *antequam*/*priusquam*

Até aqui, temos visto a conjunção *dum* sempre introduzindo indicativo, como advérbio de concomitância (e.g. *dum hoc fiebat, abiit* ‘enquanto isso acontecia, fui embora’).

Entretanto, *dum* também pode significar *até* ou *até que* quando introduz um verbo no futuro do indicativo ou no presente do subjuntivo. Por exemplo:

manete dum rediero ‘esperem até eu voltar’

manete dum redeam ‘esperem até que eu volte’

Da mesma forma, as conjunções *antequam* e *priusquam* funcionam como *dum*: “o indicativo expressa meramente tempo; o subjuntivo, antecipação ou intenção.”¹⁸⁷ Exemplos:

antequam abit, epistolam scripsit ‘antes de sair, escreveu uma carta’

abiit antequam illi peruenirent ‘foi embora antes que eles chegassem’

I6 Pretérito perfeito do subjuntivo (ativo, depoente e passivo)

Em H10, conhecemos o futuro perfeito do indicativo. Agora, portanto, conheceremos o perfeito do subjuntivo. Você pode estar se perguntado, qual a relação entre o fut. perf. do ind. e o pretérito perf. do subj.? A relação é que, na voz ativa, ambos os tempos são idênticos em termos morfológicos, exceto pela 1p.sg. Já, na passiva, a formação segue a mesma lógica do perfeito do ind., porém aqui com o verbo *sum* no presente do subj.:

v. ativa	1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	<i>amauerim</i>	(que) eu tenha amado	<i>habuerim</i>	(que) eu tenha tido	<i>dixerim</i>	(que) eu tenha dito	<i>audiuerim</i>	(que) eu tenha ouvido
<i>tu</i>	<i>amaueris</i>	...	<i>habueris</i>	...	<i>dixeris</i>	...	<i>audiueris</i>	...
-	<i>amauerit</i>		<i>habuerit</i>		<i>dixerit</i>		<i>audiuerit</i>	
<i>nos</i>	<i>amauerimus</i>		<i>habuerimus</i>		<i>dixerimus</i>		<i>audiuerimus</i>	
<i>uos</i>	<i>amaueritis</i>		<i>habueritis</i>		<i>dixeritis</i>		<i>audiueritis</i>	

¹⁸⁷ Jones & Sidwell, *op. cit.*, p. 426.

-	<i>amauerint</i>		<i>habuerint</i>		<i>dixerint</i>		<i>audiuerint</i>
v. pass. 1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.		4ª conj.	
<i>ego</i>	<i>amatus sim</i>	(que) eu tenha sido amado	<i>habitus sim</i>	(que) eu tenha sido tido	<i>dictus sim</i>	(que) eu tenha sido dito	<i>auditus sim</i> (que) eu tenha sido ouvido
<i>tu</i>	<i>amatus sis</i>	...	<i>habitus sis</i>	...	<i>dictus sis</i>	...	<i>auditus sis</i> ...
-	<i>amatus sit</i>		<i>habitus sit</i>		<i>dictus sit</i>		<i>auditus sit</i>
<i>nos</i>	<i>amati simus</i>		<i>habiti simus</i>		<i>dicti simus</i>		<i>auditi simus</i>
<i>uos</i>	<i>amati sitis</i>		<i>habiti sitis</i>		<i>dicti sitis</i>		<i>auditi sitis</i>
-	<i>amati sint</i>		<i>habiti sint</i>		<i>dicti sint</i>		<i>auditi sint</i>

Como não é novidade diante do que já sabemos sobre os usos do subjuntivo, o pretérito perfeito desse modo é frequentemente encontrado em subordinadas introduzidas por conjunções como *cum*, *si*, *ut*, e *ne*. Exemplos:

cum haec dixerim, me audiatís ‘uma vez que eu tenha dito estas coisas, ouçam-me’

legatos misit ut pacem petierint ‘ele enviou emissários para que pedissem paz’

cibum celavit ne hostes invenerint ‘ele escondeu a comida para que os inimigos não a encontrassem’

si hoc feceris, te laudaverint ‘se você tiver feito isso, eles o terão elogiado’

cum venire voluerint, non potuerunt ‘embora tenham querido vir, não puderam’

felix sum quod amicos talem invenerim ‘sou feliz porque encontrei amigos assim’

Observe que nem sempre conseguimos manter um paralelismo em português, mantendo o mesmo tempo e modo verbal.

I7 Interrogativas indiretas (reportadas)

Já tratamos de discurso indireto em F4, G6 e G11. Portanto, já sabemos que o discurso indireto ocorre quando citamos outra fala, embutindo-a como objeto de um verbo *dicendi*. Agora, então, veremos que também podemos reportar perguntas de forma indireta. Normalmente elas são introduzidas por verbos ligados a dúvida. Exemplos:

rogavit quid facerem ‘ele perguntou o que eu estava fazendo’

nescio cur veniat ‘não sei por que ele está vindo’

quaeret quo ituri sint ‘ele quer saber para onde eles irão’

Observe que aqui também devemos observar a *consecutio temporum*, isto é, a correlação dos tempos da principal e da subordinada, conforme já vimos em G6, H1 e H2.

18 Orações condicionais com mais-que-perfeito do subjuntivo

Em G8, vimos que um período condicional latino era construído na maior parte das vezes com ambas as cláusulas no imperfeito do subj. ou com ambas no presente do subj., seguinte o seguinte esquema:

- (1) *si diues essem, non laborarem* ‘se eu fosse rico, não trabalharia’ (condição irrealizável no presente)
- (2) *si diues sim, non laborem* ‘se eu vier a ser rico, não trabalharei’ (condição potencial no futuro)

Ou seja, em (1), ‘ser rico’ é uma condição irrealizável no presente e, em (2), ‘ser rico’ é uma condição possível no futuro. Entretanto, se ‘ser rico’ tiver sido uma condição irrealizável no passado, nesse caso, poderíamos usar o mais-que-perfeito do subjuntivo. Por exemplo:

- (3) *si diues fuisset, non laborauissem* ‘se eu tivesse sido rico, não teria trabalhado’

19 Quominus, quin + subjuntivo

Alguns verbos, pela sua natureza semântica, introduzem subordinadas com conjunções específicas. Esse é o caso dos chamados verbos de impedimento, como *prohibeo, impedo, obsto* e *teneo*, que normalmente introduzem suas subordinadas com a conjunção *quominus* (‘de tal forma que não’). Observe:

Caesar prohibuit Sequanos quominus oppidum oppugnarent ‘César impediu os Sequanos de tal forma que não atacassem a cidade’ (‘impediu de atacarem a cidade’)

me impedit quominus eam ‘ele me impede de tal forma que não saia’ (‘me impede sair’)

eis obstitit quominus irent ‘impôs obstáculo a eles de tal forma que não saíssem’ (‘os impediu de sair’)

naues uento tenebantur quominus inportum uenire possent ‘os navios eram retidos pelo vento de forma que não pudessem chegar ao porto’

Esse mesmo tipo de verbo também introduzir subordinadas com a conjunção *quin*, contração *qui + non* que também pode significar ‘de forma que não.’ Exemplo:

nil me impedit quin abeam ‘nada me impede de forma que eu não vá embora’ (‘nada me impede de ir embora’)

Na maioria dos casos, porém, a conjunção *quin* pode ser entendida simplesmente como ‘que não,’ como nos seguintes exemplos:

nemo tam sapiens est quin erret ‘ninguém é tão inteligente que não erre’

nunquam eum inuenio quin ebrius sit ‘nunca o encontro que não esteja bêbado’ (‘sem que esteja bêbado’)

Eventualmente, de maneira semelhante aos verbos de temor que vimos há pouco, o *quin* simplesmente reforça a negação do verbo principal, sem com isso negar duas vezes. Observe:

non dubium est quin quadrigae nostrae uicant ‘não há dúvida de que nossa quadriga vencerá’

I10 *Quisque, quisquam, uterque*

Em D11, já vimos os pronomes indefinidos *nullus* (nenhum) e *alter* (o outro), em F2, vimos *quidam* (um certo) e, em F8, vimos *alius* (outro) e *aliquis* (algum). Agora, para encerrar nossa lista de indefinidos, convém conhecermos *quisque*, *quisquam* e *uterque*.

Quisque significa ‘cada um’ ou ‘cada qual.’ Ele é usado para se referir a cada indivíduo de um grupo, enfatizando a individualidade dentro do coletivo. Exemplos:

- *quisque suam habet culpam* ‘cada um tem a sua culpa’
- *quisque dies aliam fortunam affert* ‘cada dia traz uma sorte diferente’
- *quisque sibi consulat* ‘cada um cuide de si mesmo’

Quisquam é usado principalmente em contextos negativos ou interrogativos, significando ‘algum’ ou ‘alguém.’ Ele é frequentemente usado para indicar a ausência ou a presença mínima de algo. Exemplos:

- *si quisquam te amat, ego sum ille* ‘se alguém te ama, esse alguém sou eu’
- *nihil quisquam audivit* ‘ninguém ouviu nada’
- *ne quisquam hoc sciat* ‘que ninguém saiba disso’
- *quisquam vidit hoc?* ‘alguém viu isso?’
- *num quisquam hoc credidit?* ‘será que alguém acreditou nisso?’

Uterque, por sua vez, significa ‘cada um dos dois’ ou ‘ambos.’ É usado para referir-se a dois elementos de um par, enfatizando que ambos são incluídos. Exemplos:

- *uterque vir fortis erat* ‘ambos os homens eram corajosos’
- *uterque nostrum veritatem amat* ‘cada um de nós ama a verdade’

Esses pronomes são utilizados para expressar nuances específicas em relação à quantidade e à individualidade em frases latinas. Todos eles seguem a chama *declinação pronominal*, com o acréscimo das partículas enclíticas *-que* ou *-quam*.

I11 Orações comparativas, correlativas, comparações irreais

Atque ou *ac*, que normalmente são simples conjunções aditivas, quando são utilizados após adjetivos ou advérbios, podem expressar ‘semelhança’ ou ‘diferença.’ Exemplos:

- *iusserunt simulacrum Iovis, contra atque antea fuerat, ad orientem convertere* ‘eles ordenaram que a estátua de Júpiter fosse virada para o Oriente, diferentemente do que era antes;’
- *perinde egit ac dixit* ‘ele agiu exatamente como disse.’

Como já vimos, a combinação da conjunção *ut* com os advérbios *sic* ou *ita* num período expressa uma correlação (e.g., *ut tu imperas, sic/ita ego facio* ‘como você ordena, assim eu faço’). Da mesma forma, temos outras combinações possíveis para expressar correlações:

- *tam* (tão, tanto) é retomado por *quam* (quanto): *tam beatus erat ille quam miser ego* ‘ele era tão feliz quanto eu infeliz;’
- *tot* (tantos, tantas) é retomado por *quot* (quantos, quantas): *tot viri sunt quot feminae* ‘tantos são os homens quantas são as mulheres;’
- *tantus* (tão grande) é retomado por *quantus* (quão grande, quanto): *tanta sapientia ei inest quanta vis* ‘a sabedoria nele é tão grande quanto a força;’
- *talis* (tal, de tal tipo) é retomado por *qualis* (qual, de qual tipo): *talem uirtutem praebebat qualem Horatius* ‘ele mostrava uma bravura tal qual a de Horácio.’

Por fim, se *ut* é a conjunção tipicamente usada para construir comparações (e.g. *fortis ut taurus est* ‘ele é forte como um touro’), quando se faz uma comparação irreal, *ut* dá lugar às conjunções *quasi*, *uelut* e *tamquam* que significam ‘como se,’ podendo ou não serem acrescidas de *si*. Por exemplo:

- *ita se gerit quasi stultus sit* ‘ele está se comportando como se fosse um tolo’ (mas não é);
- *perinde agit ac si hostis sit* ‘age como se fosse um inimigo’ (mas não é).

Exercícios - Pontos de língua da Seção I

1. Transforme as sentenças a seguir conforme o modelo:

credere debemus ut intellegamus > nobis credendum est ad intellegendum

- experiri debes ut scias*
- legere debes ut bona scripta producas*
- homines peregrinari debent ut se melius cognoscant*
- dormire debeo ut requiescam*

Vocabulário:

ad (prep.) para
bonus, a, um adj. bom
cognosco, cognoscere, cognovi, cognitus 3 conhecer
credo, credere, credidi, creditus 3 acreditar
debeo, debere, debui, debitus 2 dever
dormio, dormire, dormivi, dormitus 4 dormir
experior, experiri, expertus sum 4 experimentar
homo, hominis 3m. pessoa
intellego, intellegere, intellexi, intellectus 3 entender
lego, legere, legi, lectus 3 ler
nobis dat. de *nos*
peregrinor, peregrinari, peregrinatus sum 1 viajar
produco, producere, produxi, productus 3 produzir
requiesco, requiescere, requievi, requietus 3 descansar
scio, scire, scivi, scitus 4 saber
scriptum, i 2n. texto, escrito
se acus. de 3p.
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver existir
ut conj. que

2. Nas frases obtidas no exercício 1, diferencie os gerundivos dos gerúndios, e diga em que caso estão.

3. Converta as seguintes interrogativas diretas em interrogativas indiretas conforme o modelo:

Titus quaesivit: "ubi est Marcus?" > Titus quaesivit ubi esset Marcus

a) *rogo: "quid facis?"*

b) *illa quaerit: "cur hic es?"*

c) *quaeris: "quomodo te habes?"*

d) *Maria interrogat: "quis veniet ad cenam?"*

e) *senex rogavit: "estne verum?"*

f) *puer quaerit: "quando eris domi?"*

g) *Socrates dicit: "num hoc scire putas?"*

Vocabulário:

ad prep. (+ acus.) para

cena, ae 1f. jantar
cur pron. interr. por que
dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer
domus, us 4f. casa
facio, facere, feci, factus 3 fazer
habeo, habere, habui, habitus 2 ter
hic adv. aqui
ille, illa, illud pron. aquele, ele
interrogo, interrogare, interrogavi, interrogatus 1 perguntar
Marcus, i 2m. Marco
Maria, ae 1f. Maria
-ne part. interr. acaso?
num part. interr. acaso?
puer, pueri 2m. garoto
puto, putare, putavi, putatus 1 pensar
quaero, quaerere, quaesivi, quaesitus 3 perguntar
quando pron. interr. quando
quid pron. interr. o que
quis pron. interr. quem
quomodo pron. interr. como
rogo, rogare, rogavi, rogatus 1 perguntar
scio, scire, sciui, scitus 4 saber
senex, senis 3m. velho
Socrates, Socratis 3m. Sócrates
te acus. de *tu*
Titus, i 2m. Tito
ubi adv. onde
venio, venire, veni, ventus 4 vir
verum, i 2n. verdade

4. A partir do vocabulário que você já consolidou em latim, formule períodos correlativos com os pares *tam ... quam*, *tot ... quot*, *tantus ... quantus*, *talis ... qualis*.

Prática de leitura e tradução da Seção H

Texto 1 - De Augustini pessimismo

Aurelius Augustinus Hipponensis, episcopus, philosophus Latinus atque theologus ex Africa Romana ortus, plurima scripta conscripsit, quae non solum magna ex parte extant, sed etiam in progressu Christianitatis Occidentalis fundamentalia habentur. Fides Christiana, quae Augustino est basis intellectus, expressa est in hac sententia: "crede, ut intelligas." Id est, hominibus credendum est ad intellegere. Modus cogitandi suus se singularis reuelavit. Inter eius scripta, Confessiones, opus autobiographicum maximi momenti per saecula celebratum, eminent. Augustinus elementa ex philosophia Platonica mutuatus, sensum Christianum interpretatus est. Ipse autem pessimistam de natura humana se ostendit, dicens: Nemo habet de suo, nisi

mendacium et peccatum. Hic pessimismus, tamen, non universim ad regulam fidei Ecclesiae Catholicae accommodatur.

Vocabulário:

accommodor, accommodari, accommodatus sum 1 ajustar-se

ad prep. (+ acul.) a, para

Africa, ae 1f. África

atque conj. e

Augustinus, i 2m. Agostinho

Aurelius, i 2m. Aurélio

autem conj. porém

autobiographicus, a, um adj. autobiográfico

basis, is 3f. base

Catholicus, a, um adj. católico

celebro, celebrare, celebravi, celebratus 1 celebrar

Christianus, a, um adj. cristão

Christianitas, Christianitatis 3f. cristandade

cogito, cogitare, cogitavi, cogitates 1 pensar

confessio, confessionais 3f. confissão

conscribo, conscribere, conscripsi, conscriptus 3 escrever

credo, credere, credidi, creditus 3 acreditar

de prep. (+ abl.) sobre

dico, dicere, dixi, dictus 3 dizer

ecclesia, ae 1f. igreja

elementum, i 2n. elemento

emineo, eminere, eminui, - 2 destacar-se

episcopus, i 2m. bispo

et conj. e

etiam adv. ainda

ex prep. (+ abl.) de, em

exprimo, exprimere, expressi, expressus 3 exprimir

exto, extare, extiti, - 1 sobreviver

fides, fidei 5f. fé

fundamentalis, e adj. fundamental

habeo, habere, habui, habitus 2 ter, considerar

hic, haec, hoc pron. este, esse

Hipponensis, e adj. de Hipona

homo, hominis 3m. homem, pessoa

humanus, a, um adj. humano

is, ea, id pron. esse, ele

in prep. (+ abl.) em

intellectus, us 4m. pensamento, entendimento

intellego, intellegere, intellexi, intellectus 3 entender

inter prep. (+ acus.)

interpretor, interpretari, interpretatus sum 1 interpretar

ipse, ipsa, ipsum pron. o mesmo, o próprio

Latinus, a, um adj. latino

magnus, a, um adj. grande
mendacium, i 2n. mentira
modus, i 2m. modo
momentum, i 2n. importância
mutuor, mutuari, mutuatus sum 1 emprestar
natura, ae 1f. natureza
nemo, neminis pron. ninguém
nisi conj. senão
non adv. não
Occidentalis, e adj. ocidental
opus, operis 2n. obra
ortus, a, um adj. proveniente
ostendo, ostendere, ostendi, ostensus 3 mostrar
pars, partis 3f. parte
peccatum, i 2n. pecado
per prep. (+ acus.) por
pessimismus, i 2m. pessimismo
pessimista, ae 1m. pessimista
philosophia, ae 1f. filosofia
philosophus, i 2m. filósofo
Platonicus, a, um adj. platônico
plurimus, a, um adj. muito
progressus, us 4m. progresso
qui, quae, quod pron. rel. que, o qual, o que
regula, ae 1f. regra
reuelo, reuelare, reuelauit, reuelauit 1 revelar
Romanus, a, um adj. romano
saeculum, i 2n. século
scriptum, i 2n. texto, escrito
se acus. de 3p.
sed conj. mas
sensus, us 4m. sentido
sententia, ae 1f. afirmação
singularis, e adj. singular
solum adj. apenas
suus, a, um adj. seu
tamen conj. porém
theologus, i 2m. teólogo
universim adv. universalmente
ut conj. que

Texto 2 - Cícero defende o suplício dos conjuradores em prol da liberdade

Ciceronem ingens cura occupauit. sic igitur secum locutus est: 'te sentias rem publicam a periculo seruauisse, ne cuncteris summum supplicium a coniuratoribus postulare. si a te eis parsum erit, rei publicae nocebitur. si

ciues Romani iussu consulis interfecti erunt, hoc supplicium oneri tibi erit. nihilominus te oportet audacem esse. puto fore ut te huius audaciae non paeniteat. nam rem publicam seruaueris.

uobis prouidendum est, o patres conscripti, ne populo Romano desitis. ego ad salutem rei publicae defendendam consul paratus sum. omnes ordines consentiunt. seruus est nemo qui ad rem publicam defendendam paratus non sit. patria ipsa manus supplices uobis tendit. patria uobis defendenda est. omnes timent ne coniuratores alii libertatem nostram deleant. uobis prouidendum est ne hoc umquam posthac fieri possit.

Vocabulário:

a (prep. + abl.) de, por

ad (prep. + acus.) para

alius, alia, aliud outro

audacia, ae 1f. ousadia, audácia

audax, audacis (adj.) ousado, audacioso

Cicero, Ciceronis 3m. Cícero

ciuis, ciuis 3m. cidadão

coniurator, is 3m. conspirador, conjurador

conscriptus, a, um conscrito

consentio, consentire, consensi, consensus consentir, concordar, estar de acordo

consul, consulis 3m. cônsul

cunctor, cunctari, cunctatus sum hesitar

cura, ae 1f. preocupação, inquietação

defendo, defendere, defendi, defensus defender

deleo, delere, deleni, deletus destruir

desum, deesse, defui, defuturus faltar a algo/alguém, estar em falta com algo/alguém

ego eu

fore forma contraída *futurus esse* (inf. fut. de *sum* > estar para ser); *fore ut* + subj. > que haveria de acontecer que...

hic, haec, hoc este, esta, isto

igitur (conj.) portanto

ingens, ingentes (adj.) grande, enorme

interficio, interficere, interfeci, interfectus matar

ipse, ipsa, ipsum o mesmo, o próprio

is, ea, id esse, essa, isso

iussus, iussus 4m. ordem, comando

libertas, libertatis 3f. liberdade

loquor, loqui, locutus sum falar

manus, manus 4f. mão

nam (conj.) pois

ne (conj. integr.) que não, para que não

nemo, neminis 3m. ninguém

nihilominus (adv.) mesmo assim, ainda assim

noceo, nocere, nocui, nocitus prejudicar

non não

noster, nostra, nostrum nosso

o ó (voc.)

occupo, occupare, occupavi, occupatus tomar conta de, ocupar

omnis, e todo
onus, oneris 3n. fardo, peso
oporteo, oportere, oportui, oportuitus ser necessário, convir
ordo, ordinis 3f. classe, ordem
paeniteo, paenitere, paenitui, - arrepender
paro, parare, paravi, paratus preparar
pater, patris 3m. pai
patria, ae 1f. pátria
periculum, i 2n. perigo
populus, i 2m. povo
possum, posse, potui, - poder
posthac (adv.) depois disso
postulo, postulare, postulavi, postulatus pedir
provideo, providere, providi, provisuus providenciar, cuidar para que algo aconteça
publicus, a, um público
puto, putare, putavi, putatus pensar
qui, quae, quod (pron. rel.) que, o qual
res, rei 5f. coisa
Romanus, a, um romano
salus, salutis 5f. salvação
secum consigo, para si
sentio, sentire, sensi, sensus perceber
seruo, servare, servavi, servatus salvar
servus, i 2m. escravo
si (conj.) se
sic (adv.) assim
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
summus, a, um grande, o maior
supplex, supplicis (adj.) suplicante
supplicium, i 2n. suplício (*summum supplicium* = pena de morte)
te (acus. de *tu*) te
tendo, tendere, tetendi, tensus estender
tibi (dat. de *tu*) a ti
timeo, timere, timui, - temer, ter medo
umquam (adv.) jamais
uobis (dat. de *uos*) a vós, a vocês
ut (conj. integr.) que, para que

Texto 3 - Notícias em latim: De Sudanensium fuga

Cum bellum Sudanense diutius gestum pugnatumque minime consistere videretur, illius civitatis incolae, ac praesertim qui provinciam Darfur habitant, ad viciniorem terram Tzadiam maxima frequentia confugere iam coeperunt. Quod Nationum Societatis spectatores praesertim rettulerunt, a mense atque dimidio milium hominum praeter centum ex finibus Sudanensibus crebrius evadere inceperunt nec destituri videntur: intra vero menses futuros trium milium bis centum moles profugorum attacturorum existimatur, quam ob rem

Vocabulário:

a (+ abl.) desde
ac e
ad (+ acus.) para
atque e
attigo, attingere, attingi, attactus chegar
bellum, i 2n. guerra
bis duas vezes
centum cem, uma centena
civitas, civitatis 3f. país
coepio, coepere, coepi, coeptus começar
confugio, confugere, confugi, confugitus fugir
consisto, consistere, constitui, constitus parar
copia, ae 1f. quantidade
crebrius em massa, massivamente
cum uma vez que
Darfur Darfur (indeclinável)
de (+ abl.) sobre, a respeito de
desisto, desistere, destiti, destitus desistir
dimidium, i 2n. metade, meio
diutius há muito tempo
evado, evadere, evasi, evasus fugir, escapar
ex (+ abl.) de, a partir de
existimo, existimare, existimaui, existimatus estimar
finis, finis 3f. fronteira, território
frequentia, ae 1f. frequência
fuga, ae 1f. fuga
futurus, a, um futuro, que está por vir
gero, gerere, gessi, gestus iniciar, executar, pôr em prática
habito, habitare, habitavi, habitatus habitar
homo, hominis 3m. homem, pessoa
iam já
ille, illa, illud aquele
incipio, incipere, incepi, inceptus começar
incola, ae 1m. habitante
ingens, ingentes (adj.) enorme, grande
intra (+ acus.) dentro de
maior, maioris maior
maximus, a, um grande, o maior
mens, mensis 3m. mês
milium, milii 2n. milhares
minime minimamente, dificilmente
moles, molis 3f. quantidade
natio, nationis 3f. nação

nec e não, nem
ob (+ acus.) por causa de
pecunia, ae 1f. dinheiro, recurso
posco, poscere, poposci, - pedir
praefectura, ae 1f. agência
praesertim (adv.) especialmente, em particular
praeter e, além de
pro para, em prol de
profugus, i 2m. refugiado
provincia, ae 1f. província
pugno, pugnare, pugnavi, pugnavit travar, lutar
qui, quae, quod que, o qual
refero, referre, rettuli, relatus reportar, relatar
res, rei 5f. coisa
societas, societatis 5f. sociedade, organização
spectator, spectatoris 3m. observador
sudanensis, e (adj.) sudanês, relativo ao Sudão
terra, ae 1f. terra, país
tres (gen. *trium*) três
tzadius, a, um chade, relativo ao país Chade
vero na verdade
vicinior, vicinioris mais próximo
videor, videri, visus sum parecer

Permanências e reincidências latinas no português brasileiro: do gerúndio e gerundivo latinos ao gerúndio português¹⁸⁸

O uso aparentemente categórico do gerúndio para marcação do aspecto verbal continuativo é uma marca da identidade gramatical do português brasileiro (PB) em contraposição a outras variedades lusófonas (OVL), que preferem o infinitivo gerundivo para a expressão desse aspecto.¹⁸⁹ Esse uso ocorre, com diferentes nuances semânticas, tanto em perífrases no verbo principal da sentença quanto em orações adverbiais ou adnominais:

Ocorrência em perífrase no verbo principal:

- (1) Eu estou *escrevendo* um texto. (PB)
- (2) Eu estou *a escrever* um texto. (OVL)

Ocorrência em oração adverbial:

- (3) Entrarei agora na grande questão, *esforçando-me* por defender meu ponto de vista. (PB)
- (4) Entrarei agora na grande questão, *a esforçar-me* por defender meu ponto de vista. (OVL)

Ocorrência em oração adnominal:

- (5) A publicação *descrevendo* o Poeta do Brejo foi muito apreciada. (PB)

¹⁸⁸ Este tópico corresponde ao artigo: Queriquelli, L. Do gerúndio e gerundivo latinos ao gerúndio português: Consensos revisados e descobertas incidentais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 24, n. 1, 2022, p. 29-42.

¹⁸⁹ Queriquelli, *op. cit.*, p. 109-113.

(6) A publicação *a descrever* o Poeta do Brejo foi muito apreciada. (OVL)

Há fortes indícios de que tal uso seja uma permanência do português arcaico no português brasileiro, considerando que o gerúndio continuativo prevalecia em larga escala no português arcaico em relação ao infinitivo gerundivo.¹⁹⁰ Além disso, é possível estender o alcance dessa permanência ao latim, que apresentava a mesma forma, o mesmo sentido e uso na função adverbial: especificamente, o gerúndio latino no caso ablativo:

Ocorrências do gerúndio continuativo em latim em orações adverbiais (gerúndio no caso ablativo):

(7) Cato nihil *largiundo* gloriam adeptus est.

trad.: Catão alcançou a glória nada deixando impune. (Sal. Cat. 54,3)

(8) *Docendo* discimus.

trad.: Aprendemos ensinando. (Sen. Ep. 7,8)

A tradição, a exemplo de Skerlj,¹⁹¹ Williams,¹⁹² Ernout e Thomas¹⁹³ e Souza,¹⁹⁴ afirma que esse uso no caso ablativo, com função adverbial, foi o único uso do gerúndio latino que permaneceu nas línguas românicas, sendo que o português foi uma das línguas que expandiu suas possibilidades, tanto para outras funções sintáticas (como vimos), quanto para outras nuances semânticas. A seguinte afirmação de Souza¹⁹⁵ ilustra esse consenso estabelecido pela tradição:

[...] do antigo gerúndio latino, a única forma preservada em português foi a do ablativo sem preposição. Porém, cumpre lembrar que não ficou o gerúndio português, em sua feição latina, restrito às antigas circunstâncias de modo e de meio, visto que passou a exprimir outras funções adverbiais não expressas pelo gerúndio latino em ablativo. Muito mais amplo que sua matriz latina, o gerúndio português pode expressar, dependendo do contexto, ideia de causa, concessão, condição, consequência, finalidade e tempo, sem contar os outros valores que absorveu do participio presente latino.

Ao repassar as obras clássicas de filologia românica, porém, não encontramos nenhum trabalho que – ao apresentar o consenso do gerúndio no ablativo como único sobrevivente das formas verbais terminadas em *-ndo* – fornecesse evidências empíricas fartas para justificar tal consenso, nem tampouco explicações mais aprofundadas sobre as razões dessa deriva histórica. Ou seja, parece ser o tipo de conclusão intuitiva e aparentemente óbvia que é assumida e repassada de um gramático para outro, de um linguista descritivo para outro, sem verificação mais pormenorizada e metódica.

Por isso, entendemos que a simples inexistência de abundância empírica para confirmar essa informação já justificaria uma pesquisa com tal pretensão. No entanto, a falta de explicações sobre as razões dessa deriva histórica nos parece ser um agravante importante, pois não é

¹⁹⁰ *Id.*, p. 110.

¹⁹¹ Skerlj S. *Syntaxe du participe présent et du gérondif en vieil italien*. Paris: É. Champion; 1926.

¹⁹² Williams, *op. cit.*

¹⁹³ Ernout A, Thomas F. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck; 1951.

¹⁹⁴ Souza, MM. Formas verbo-nominais latinas ressonâncias em português. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia 7. 2003; Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. *Anais*, 2003.

¹⁹⁵ Souza, *Op. cit.*, p. 4-5.

completamente óbvio que as formas verbais terminadas em *-ndo* sejam exclusivamente derivadas do gerúndio latino no ablativo, já que tanto o gerúndio quanto o gerundivo latinos eram marcados por essa desinência. Para fins didáticos, reproduzimos um quadro comparativo que explica a diferença entre gerúndio e gerundivo:

Quadro 1 – Comparativo entre o gerundivo e o gerúndio latinos¹⁹⁶

Gerundivo	Gerúndio
1. É da voz passiva .	1. É da voz ativa .
2. É adjetivo verbal, de declinação completa; concorda com o nome a que se refere: <i>amandus, a, um</i>	2. É substantivo verbal, que se declina pela 2. ^a declinação; possui os casos genitivo, dativo, ablativo e acusativo: Gen.: <i>amandi</i> = de amar Dat.: <i>amando</i> = a amar Abl.: <i>amando</i> = por, com amar Ac.: (<i>ad</i>) <i>amandum</i> = para amar
3. É forma participial (particípio futuro passivo).	3. É variação do infinitivo ; o infinitivo pode ser considerado o nominativo do gerúndio.
4. Indica qualidade , uma vez que é adjetivo.	4. Indica coisa , uma vez que é substantivo; quem diz “É hora do almoço” indica que é hora de alguma coisa; quem diz “É hora de almoçar” emprega um verbo em lugar de substantivo, e de almoçar se traduz pelo genitivo do gerúndio, como se fosse um substantivo perfeito: <i>Hora est prandendi</i> . “Lemos para aprender” (= lemos para um fim, para uma coisa) = <i>Legimus ad discendum</i> .

Retomando a linha de raciocínio, se não é completamente óbvio que as formas verbais terminadas em *-ndo* sejam exclusivamente derivadas do gerúndio latino no ablativo, por que não considerar, mesmo que como uma hipótese remota, que as formas românicas em *-ndo* possam ter derivado, em alguma medida, de usos tardios do gerundivo?

Diante dessas questões, decidimos empreender esta pesquisa a fim de revisar, à luz de larga base empírica e estudos recentes, o consenso de que o gerúndio português deriva do gerúndio ablativo latino, levando em consideração a hipótese remota de que o gerundivo latino (idêntico ao primeiro em termos morfológicos) possa ter tido alguma participação na deriva da forma portuguesa. Para tanto, foram analisados dados de dois *corpora*, um de latim, outro de português arcaico, a fim de verificar a extensão e o emprego das formas com a desinência *-nd-* nessas línguas.

Os dados em latim foram retirados do Corpus Perseus (perseus.tufts.edu), mantido pelo Departamento de Estudos Clássicos da Tufts University, que inclui textos latinos tanto do período clássico quanto do período tardio. Para restringir o volume de dados a um número ao mesmo tempo suficiente para se extrair conclusões seguras e enxuto, consideramos os cinco verbos mais frequentes na língua latina de acordo com Hudson¹⁹⁷ – que são *esse*, *ire*, *facere*, *dicere* e *habere* – e, para cada uma das onze possíveis formas de gerúndio ou gerundivo (aquelas terminadas em *-ndus*, *-ndi*, *-ndum*, *-ndo*, *-ndorum*, *-ndos*, *-ndis*, *-nda*, *-ndae*, *-ndam* ou *-ndarum*), consideramos até a décima ocorrência dada pelo Corpus Perseus, o que nos

¹⁹⁶ Almeida, *op. cit.*, p. 205-206.

¹⁹⁷ Hudson, *op. cit.*

rendeu cerca de 500 excertos, todos traduzidos e analisados em termos qualitativos e quantitativos.

Os dados em português arcaico foram extraídos do CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval, mantido pelo Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, que inclui textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI. Para manter correlação, analisamos, em português arcaico, as mesmas cinco raízes analisadas em latim (*ser, ir, fazer, dizer e haver*). Buscamos, para cada verbo, formas que apresentassem a desinência -nd-, considerando até a vigésima ocorrência para cada alternativa, o que nos rendeu cerca de 100 excertos, todos analisados em qualidade e quantidade.

Extensão e emprego do gerúndio e do gerundivo em latim

Uma primeira surpresa que os dados revelam é que o gerundivo era proporcionalmente muito mais frequente que o gerúndio em latim. Em termos absolutos – sem considerar um fenômeno curioso de que ainda trataremos, que convertia o gerúndio em gerundivo – a proporção era próxima de quatro para um, respectivamente do gerundivo em relação ao gerúndio, como ilustra a seguinte tabela:

Tabela 1 – Distribuição das formas em -nd- levantadas em termos de gerúndio e gerundivo

	esse	ire	facere	dicere	habere	total
Gerúndio	0	33	27	33	0	93
Gerundivo	0	15	132	108	150	405
						498

É curioso que o gerundivo fosse muito mais frequente que o gerúndio no latim, pois, como veremos adiante, ele não sobreviverá no português arcaico, exceto em usos excepcionais com força verbal duvidosa (como o pseudo-gerundivo “fazenda” significando “coisas a fazer”). Por outro lado, o gerúndio, que era muito mais raro em latim do que o gerundivo, sobreviveu plenamente, ao menos na forma do ablativo, e expandiu suas possibilidades na língua.

Considerando que esse fato parece contraditório, convém desde já oferecer aqui algumas considerações para atenuar essa suposta incongruência. É possível esboçar uma hipótese explicativa nos seguintes termos: com exceção do gerúndio no ablativo, as demais formas em -nd-, tanto do gerundivo quanto do gerúndio, devem ter desaparecido como consequência do colapso do sistema de casos, que pôs fim a quase todas as formas verbo-nominais.¹⁹⁸ O gerúndio no ablativo sobreviveu simplesmente porque teria sido reanalisado com função adverbial, o que garantiu sua produtividade na língua. Além disso, ao sobreviver com função adverbial, capaz inclusive de expressar concomitância temporal, ele tomou para si funções que pertenciam a outras formas verbais ou a outros recursos da língua, como: o particípio presente (*illud faciens id fecit* = fez isso fazendo aquilo) tal qual já observaram Skerlj e Souza; o presente do indicativo com aspecto de continuidade (*id facio* = estou fazendo isso);

¹⁹⁸ Souza, *op. cit.*, p. 2.

e orações adverbiais formadas por *cum* + *subjuntivo* (*cum illuc aduenisset, amicos salutavit* = chegando lá, saudou os amigos).

Feitas estas considerações, vejamos alguns empregos observados, começando por algumas ocorrências típicas de gerundivo. No caso do verbo *ire*, por não ter objeto, a ocorrência de gerúndio ficou restrita a construções impessoais com a ideia de dever, geralmente acompanhadas de um dativo de interesse (como *tibi* e *nobis*):

Ocorrências do verbo *ire* no gerundivo:

(9) quod si statueris in Asiam tibi *eundum* [gerúndio], nulla erit ad comitia nostros accersendi facultas. (Cic. ad Brut. 1,5)

trad.: porque se tiveres decidido *ir* para a Ásia, nenhuma oportunidade haverá de convidá-lo para nossos comícios.

(10) nunc quoniam est Cyzicum nobis *eundum* [gerundivo], quo rarius ad me litterae perferentur, hoc velim diligentius omnia quae putaris me scire opus esse perscribas. (Cic. Att. 3,13)

trad.: Agora, como *devemos ir* para Cízico, onde receberei cartas mais raramente, gostaria que me escrevesse com ainda mais zelo sobre tudo que pensares que eu devo saber.

No caso de verbos como *facere*, *dicere* e *habere*, há uma diversidade maior de empregos do gerundivo, embora o uso com sentido de dever seja preponderante, como já esperado:

Ocorrências dos verbos *facere*, *dicere* e *habere* no gerundivo:

(11) Supra zophorum denticulus est *faciendus* [gerundivo] tam altus quam epistylī media fascia; proiectura eius quantum altitudo. (Vitr. 3,5)

trad.: Sobre o friso, o denticulo *deve ser feito* na altura da cinta média do epistílio, e sua projeção deve ser igual a sua altura.

(12) At idem Gaius omnia contumelias putabat, ut sunt ferendarum impatientes *faciendarum* [gerundivo] cupidissimi. (Sen. De Const. 2,18)

trad.: E o próprio Caio, todavia, considerava tudo contumélia, assim como os que não toleram sofrê-la são os que mais desejam *fazê-la* [lit. são os mais desejosos das contumélias a serem feitas].

(13) ego autem quae *dicenda* [gerundivo] fuerunt de te non praeterii. (Cic. Att. 1,5)

trad.: eu porém não preteri as coisas que havia a serem ditas sobre você.

(14) reliquae civitates in achaia *dicendae* [gerundivo] alipheraei, abeatae [...]. (Plin. Nat. 4,10)

trad.: outras cidades *dignas de menção* na Achaia eram a dos Alipherae, dos Abeatae [...].

(15) forsitan meliores illi accusatores *habendi* [gerundivo] sint, qui haec omnia fecerunt. (Cic. Ver. 2,1,98)

trad.: Talvez eles *devam ser considerados* melhores acusadores do que eu, eles que fizeram todas essas coisas.

(16) Neque hos *habendos* [gerundivo] civium loco neque ad concilium adhibendos censeo. (Caes. Gal. 7,77)

trad.: Nem acho que eles *devem ser considerados* cidadãos, ou convocados para o conselho.

Inversamente ao que ocorre com o gerundivo, o gerúndio é mais frequente com o verbo *ire*, que não rege acusativo, do que com o *facere*, *dicere* e *habere*, que raramente são empregados com o objeto omissivo. Eis alguns exemplos:

Ocorrências dos verbos *ire*, *facere*, *dicere* e *habere* no gerúndio:

(17) Tempus non est intro *eundi* [gerúndio]. (Pl. Mer. 5,2)

trad.: Ainda não é a hora *de entrar*.

(18) Quoniam uero manere non potuit, infinitum temporis iter arripuit eoque modo factum est ut continuaret *eundo* [gerúndio] uitam cuius plenitudinem complecti non ualuit permanendo. (Boe. Cons. 5,6)

trad.: Mas, porque não pôde ficar, empreendeu uma viagem infinita no tempo, e assim aconteceu que continuou aquela vida *indo*, cuja plenitude não poderia compreender permanecendo.

(19) Cluentio nisi nunc satis fecero, postea mihi *satis faciendi* [gerúndio] potestas non erit. (Cic. Clu. 10)

trad.: Se eu não satisfizer agora a Cluêncio, depois não haverá a mim o poder *de satisfazer*.

(20) [...] obstantia fata removi / altaque posse capi *faciendo* [gerúndio] Pergama cepi. Per spes nunc socias casuraque moenia. (Ov. Met. 13,373)

trad.: Os fados obstantes eu os demovi e, pudesse a alta Pérgamo ser capturada *fazendo* isso, eu a capturei.

(21) vellem aliquis ex vobis robustioribus hunc male *dicendi* [gerúndio] locum suscepisset; aliquanto liberius et fortius et magis more nostro refutarem istam male *dicendi* [gerúndio] licentiam. (Cic. Cael. 3)

trad.: Eu teria preferido que um de vocês, mais robusto, assumisse esse posto *de falar* mal; e refutaríamos um tanto mais livremente, mais fortemente e mais de acordo com nosso costume esta licença *de falar* mal. (Cic. Cael. 3)

(22) In quorum subiere locum fraudesque dolique insidiaeque et vis et amor sceleratus *habendi* [gerúndio]. (Ov. Met. 1.130-131)

trad.: em cujo lugar apareceram as fraudes e os enganos e as insídias e a força e o amor criminal *de possuir*.

(23) [...] sic placida populos in pace regebat, deterior donec paulatim ac decolor aetas et belli rabies et amor successit *habendi* [gerúndio]. (Verg. Aen. 8.325-327)

trad.: Mas, após o lento declínio, chegou uma idade degenerada e de um tom mais escuro, propensa à guerra insensata e à ganância *de possuir*.

Algumas tendências são observáveis nos dados. Primeiro, como já dissemos, o gerúndio é muito mais frequente em verbos que não regem acusativo, como *ire*. Segundo, o ablativo é o caso em que há mais ocorrência de gerúndio em comparação a outros casos, o que ajuda em partes a explicar porque sua forma sobreviveu nas línguas românicas.

O fenômeno do gerúndio convertido em gerundivo

Talvez a tendência mais relevante, no entanto, seja o fato de que, mesmo que o verbo seja acusativo, o complemento acusativo nunca é expresso quando esse verbo está no gerúndio.

Em contextos em que normalmente se usaria um gerúndio nos quais o escritor quis, porém, realizar seu objeto, invariavelmente (ao menos nos dados analisados) ocorreu um fenômeno de reanálise morfossintática em que o gerúndio era convertido em gerundivo com alguns ajustes nas relações de concordância. Tal fato – que nomeei fenômeno do gerúndio convertido em gerundivo (FGCG) – não é comentado nas gramáticas latinas ou obras teóricas consultadas nesta pesquisa. Encontramos, a propósito, apenas uma gramática que previa e detalhava tal construção:

O gerúndio rege o caso do seu verbo, portanto a frase: a arte de ensinar meninos é nobre, traduz-se: *ars erudiendi pueros nobilis est*. É esta a construção com o gerúndio. Se o verbo, porém, que se construir no gerúndio é transitivo e tem o seu objeto direto expresso, o gerúndio pode-se transformar em gerundivo pondo-se o objeto direto (o acusativo da construção com o gerúndio) no caso do gerúndio e fazendo por sua vez concordar o gerúndio em gênero e número com este substantivo; assim a proposição: *ars erudiendi pueros nobilis est* na construção com o gerundivo é: *ars erudiendorum puerorum nobilis est*.¹⁹⁹

Embora Ravizza afirme que essa transformação do gerúndio em gerundivo é uma possibilidade, o que vimos, porém, nos dados levantados é que essa possibilidade se apresentou como categórica. Expomos aqui, para ilustrar a questão, alguns exemplos com os verbos *facere*, *dicere* e *habere*.

(24) Caesar se ad neminem adiunxit, ipse princeps *exercitus faciendi* [gerundivo FGCG] et praesidi comparandi fuit. (Cic. Phil. 5,16)

trad.: César não se juntou a ninguém, foi ele mesmo o primeiro a *fazer um exército* e a preparar uma defesa.

(25) [...] ut intellegas non te diligentiore[m] *in faciendis* [gerundivo FGCG] *furtis* fuisse quam me in deprehendis. (Cic. Ver. 2,3,107)

trad.: [...] para que entendas que não foste mais diligente *em executar roubos* do que eu fui em detectá-los.

(26) [...] etenim potest esse infinita, si mihi libeat totius gentis *in testimoniis dicendis* [gerundivo FGCG] explicare levitatem. (Cic. Flac. 6)

trad.: Na verdade, meu discurso seria interminável se me agradasse explicar a leviandade de toda a nação *em dar testemunhos*.

(27) Eo nomine senatus decretis honorificis in ordinem suum me adlegit, C. Pansa et A. Hirtio consulibus, consularem locum *sententiae dicendae* [gerundivo FGCG] tribuens, et imperium mihi dedit. (Aug. Anc. 1)

trad.: Por conta disso, o senado aprovou decretos em minha honra inscrevendo-me em sua ordem no consulado de Caio Pansa e Aulo Hirtio, conferindo-me o direito *de opinar* entre os consulares e dando-me império.

(28) Sed postquam praetores, propagatis Italiae finibus, satis iurisdictionis negotiis occupati, proficisci *vindicarum dicendarum* [gerundivo FGCG] causa ad longinquas res gravabantur [...].(Gel. 20,10)

Mas quando as fronteiras da Itália foram ampliadas e os pretores ficaram muito ocupados com negócios jurídicos, eles acharam difícil ir a lugares distantes para *resolver reivindicações*.

(29) Qui omnibus rebus subito perterriti et celeritate adventus nostri et discessu suorum, neque *consilii habendi* [gerundivo FGCG] neque arma capiendi spatio dato perturbantur, copiasne adversus hostem ducere an castra defendere an fuga salutem petere praestaret. (Caes. Gal. 4,14)

¹⁹⁹ Ravizza J. *Gramática latina*. Rio de Janeiro: Editora CDB, 2020. p. 365.

trad.: Eles, repentinamente alarmados por todas as circunstâncias, tanto pela rapidez de nossa chegada quanto pela ausência de seus próprios oficiais, já que não houve tempo *de fazer planos* nem de empunhar suas armas, ficam confusos, se não seria melhor liderar suas forças contra o inimigo, ou defender seu acampamento, ou buscar sua segurança pela fuga.

(30) *Comitiorum illi habendorum* [gerundivo FGCG], quando minimus natu sit, munus consensu iniungunt. (Liv. 3,35)

trad.: Uma vez que fosse o mais jovem, conferiram-lhe por unanimidade a função *de presidir as eleições*.

No exemplo 24, em vez de optar pela construção “*ipse princeps exercitum faciendi fuit*”²⁰⁰ (gerúndio no genitivo regendo acusativo), Cícero parece ter optado por “*ipse princeps exercitus faciendi fuit*”²⁰¹ (dois genitivos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto). Analogamente: em 25, em vez de “*diligentiorum in faciendo furtos*”²⁰² (gerúndio no ablativo regendo acusativo), o autor optou por “*diligentiorum in faciendis furtis*”²⁰³ (dois ablativos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto); em 26, em vez de “*totius gentis in testimoniis dicendo levitatem*”²⁰⁴ (gerúndio no ablativo regendo acusativo), optou-se por “*totius gentis in testimoniis dicendis levitatem*”²⁰⁵ (dois ablativos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto); em 27, em vez de “*locum sententias dicendi*”²⁰⁶ (gerúndio no genitivo regendo acusativo), Augusto optou por “*locum sententiae dicendae*”²⁰⁷ (dois genitivos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto); em 28, em vez de “*vindicias dicendi causa*”²⁰⁸ (gerúndio no genitivo regendo acusativo), Aulo Gêlio optou por “*vindiciarum dicendarum causa*”²⁰⁹ (dois genitivos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto); em 29, em vez de “*neque consilium habendi spatio dato*”²¹⁰ (gerúndio no genitivo regendo acusativo), Júlio César optou por “*neque consilii habendi spatio dato*”²¹¹ (dois genitivos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto); em 30, em vez de “*comitios habendi munus*”²¹² (gerúndio no genitivo regendo acusativo), Tito Lívio optou por “*comitiorum habendorum munus*”²¹³ (dois genitivos concordando entre si, estando o verbo no gerundivo, conforme o número e gênero do objeto).

Embora Ravizza²¹⁴ afirme que essa conversão (ou “transformação” em seus termos) seja uma possibilidade, e não uma variante categórica, o fato de ela se apresentar categoricamente em

²⁰⁰ “ele foi o primeiro a formar um exército”

²⁰¹ lit. “ele foi o primeiro de um exército a ser formado”

²⁰² “mais diligente em fazer furtos”

²⁰³ lit. “mais diligente em furtos a serem feitos”

²⁰⁴ “a leviandade de toda a nação em prestar testemunhos”

²⁰⁵ lit. “a leviandade de toda a nação em testemunhos a serem prestados”

²⁰⁶ “um lugar de/para emitir julgamentos”

²⁰⁷ lit. “um lugar de/para julgamentos a serem emitidos”

²⁰⁸ “por causa de/para resolver reivindicações”

²⁰⁹ lit. “por causa de/para reivindicações a serem resolvidas”

²¹⁰ “e não tendo sido dado tempo de/para considerar um plano”

²¹¹ lit. e não tendo sido dado tempo de/para um plano a ser considerado”

²¹² “a função de presidir as eleições”

²¹³ lit. “a função das eleições a serem presididas”

²¹⁴ Ravizza, *op. cit.*, p. 365

nossos dados nos leva a refletir sobre as razões para tanto, ainda que isso não coincida diretamente com os objetivos iniciais da nossa pesquisa. Não tendo encontrado estudos que se propuseram a explicar o fenômeno, arriscamos aventar algumas.

O primeiro motivo que consideramos razoável é o fato de o gerúndio, por se tratar de uma forma nominal, ter menos força verbal que uma forma finita do verbo e, por isso, tender a não reger um objeto. Isso forçaria a língua a rearranjar esse sintagma gerundial em um sintagma gerundivo onde não há relação de regência. Nesse sintagma rearranjado, o antigo objeto se torna agora o núcleo (assumindo a função de objeto do verbo principal que antes regia o gerúndio), e o gerúndio se torna adjetivo desse novo núcleo. Um contra-argumento a essa hipótese pode ser o fato de que outras formas nominais do verbo, como o particípio por exemplo, embora fossem nominais, tinham força verbal suficiente para reger objetos e não ensejavam reanálises sintáticas como esta de que estamos tratando. A esse contra-argumento poderíamos redarguir simplesmente supondo que a força verbal de certas formas nominais do verbo, como o gerúndio, estavam em decadência, ao passo que a força do particípio ainda era plena.

Adicionalmente e de maneira complementar ao primeiro, um segundo motivo pode ser aventado: o objeto do gerúndio, talvez justamente pela fraca força verbal deste último, pode ser interpretado como sendo ele o objeto do verbo principal, e isso leva tanto à atribuição, a este objeto, do caso demandado pelo verbo principal quanto, por consequência, à concordância do gerúndio com ele, que agora – sendo adjetivo – passa a se comportar como gerundivo. Assim, o alçamento do objeto do gerúndio ao posto de objeto do verbo principal força a nova concordância do gerúndio, fazendo-o mudar de classe. Isso é, de certa forma, semelhante às causas que levam, no vernáculo brasileiro, o advérbio *menos* ser eventualmente reanalisado como adjetivo e concordar no feminino plural (*menas*).

Considerando esses empregos do gerundivo que supostamente seriam gerúndios convertidos, aquela distribuição de 4 gerundivos para 1 gerúndio reduz a uma relação de 3 para 2, tornando a ocorrência de gerúndio e gerundivo mais equilibrada. Em números exatos teríamos o seguinte quadro:

Tabela 2 – Distribuição das formas em -nd- levantadas em termos de gerúndio e gerundivo, incluindo o gerundivo FGCG

	esse	ire	facere	dicere	habere	total
gerúndio	0	33	27	33	0	93
gerundivo	0	15	102	72	123	312
FGCG	0	0	30	36	27	93

Isso, de certo modo, torna menos estranho o fato de o gerúndio ter sido a única forma sobrevivente em português embora fosse a mais rara em latim. Virtualmente não sendo assim tão rara, conforme esse novo entendimento, torna-se mais compreensível que ela tenha sobrevivido, e o gerundivo não.

Extensão e emprego do gerúndio e do gerundivo em português arcaico

Em português arcaico, considerando os cinco verbos eleitos, encontramos, entre os dados levantados, apenas palavras terminadas em -ndo e -nda. Aquelas terminadas em -ndo são todas gerúndios. Aquelas terminadas em -nda limitam-se ao vocábulo *fazenda*, que, em todas as ocorrências encontradas, tinha o sentido compatível com “coisas a fazer”, sentido este dicionarizado em glossários de português medieval como o de Lopes, Ferreira et al.²¹⁵ Embora seja apresentado no dicionário como um substantivo – e de fato se comporte como um – seu sentido é exatamente o mesmo que teria o gerundivo neutro plural de *facere* no acusativo, *facienda*: “coisas a fazer, coisas a serem feitas, coisas que devem ser feitas”. Por este motivo, consideramo-lo aqui, para os propósitos desta pesquisa, um pseudo-gerundivo. As tabelas a seguir detalham a distribuição dos dados encontrados.

Tabela 3 – Distribuição das formas em -nd- levantadas em português arcaico conforme os verbos

	ser	ir	fazer	dizer	haver	total
gerúndio	20	20	15	20	20	95
gerundivo*	0	0	5	0	0	5

Tabela 4 – Distribuição das formas em -nd- levantadas em português arcaico conforme a função sintática

Função	ser	ir	fazer	dizer	haver	total
Adverbial	20	20	10	15	20	85
Verbo princ. em perífrases com ser	0	0	5	5	0	10
Objeto	0	0	5	0	0	5

Tabela 5 – Distribuição das formas em -nd- levantadas em português arcaico conforme sua construção equivalente em latim e função sintática

Constr. latina equiv.	Função adv.	Função de obj. direto	Função de verbo princ. em perífrases com ser
CUM + SUBJ.	37	0	0
PART. PRES.	37	0	0
GERÚNDIO	11	0	0
GERUNDIVO*	0	5	0
PRES. DO IND. COM ASPEC. CONT.	0	0	10
Total	85	5	10

A Tabela 3 nos revela ao menos duas informações: primeiro, o fato de que, dentre os cinco verbos, apenas *fazer* possuía a referida forma pseudo-gerundiva; segundo, o fato de que, diferente do latim, o português desenvolveu uma forma gerundial para o verbo *ser*. A Tabela 4, porém, mostra-nos que parte das ocorrências de gerúndio em português arcaico corresponde à função de verbo principal em perífrases com *ser*, função que em latim o gerúndio não assumia (em latim, tínhamos o particípio perfeito nas formas perifrásticas da

²¹⁵ Lopes G. V. et al. Glossário. In: _____. *Cantigas medievais galego-portuguesas*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, Fcsh/Nova; 2011.

voz passiva, como *amatus sum*, e o gerúndio nas perífrases de aspecto deôntico, como *amandus est*, mas o gerúndio não compunha nenhuma forma perifrástica).

Por sua vez, a Tabela 5 mostra que a grande maioria dos empregos do gerúndio em português arcaico não era compatível com os usos do gerúndio latino no ablativo: apenas 10% das ocorrências são perfeitamente compatíveis com o gerúndio latino no ablativo. A grande maioria ou correspondia a usos equivalentes ao do participípio presente latino ou a construções adverbiais formadas por *cum* + *subjuntivo*. Vejamos alguns desses empregos para fins ilustrativos:

Ocorrências de gerúndio com função adverbial semelhante ao *cum* + *subjuntivo* latino:

(32) Depois, a cabo de tempo, *indo* [~ CUM ISSET] em mandado d'el rei dom Sancho, o ifante dom Joham, saio de Çamora e foi a Peleas e nom levava consigo ataa sesseenta home~es de cavallo. (Narrativa de livro de linhagens, 14)

(33) ca, *havendo*-mi [~ CUM HABUISSETIS] vós desamor, [e]u vos amei sempr'a servir des que vos vi, e des entom m'houvest'a mal no coração. (Cantigas de Escárnio e Maldizer, 13)

Ocorrências de gerúndio com função adverbial semelhante ao *participípio presente* latino:

(34) Vi-a cavalgar *indo* [~ EUNTEM] pela rua, mui bem vistida em cima da mua. (Cantigas de Escárnio e Maldizer, 13)

(35) Quen lhi visse andar *fazendo* [~ FACIENTEM] queixumes d' amor d' amigo [...]. (Cantigas de Amigo 2,13)

Ocorrências de gerúndio com função adverbial semelhante ao *gerúndio* latino:

(36) Pequey nom *indo* [~ NON EUNDO] a egreia os domingos e as festas asy como deuera. (Tratado de Confissom 15,1489)

(37) Já lhi querrá deante citolar, *fazendo*-lhi [~ FACIENDO] seus cantares provar. (Cantigas de Escárnio e Maldizer, 13)

Ocorrências de gerúndio com função de objeto semelhante ao *gerúndio* latino:

(38) ca mia *fazenda* [~ MEA FACIENDA] vos dig'eu sem falha. (As mias jornadas vedes quaes som, Afonso Anes do Cotom, 12)

(39) quitar de vos mia *fazenda* [~ MEA FACIENDA] dizer. (Des hojemais me quer'eu, mia senhor, Anónimo 4, 2)

Ocorrências de gerúndio com função de objeto semelhante ao *presente do indicativo latino com aspecto continuativo*:

(40) E pois vejo que me nom conhocedes, de mi atanto vos *irri dizendo* [~ DICO OU DICAM]: se u~a vez assanhar me fazedes, saberedes quaes pêras eu vendo. (Cantigas de Escárnio e Maldizer, 13)

(41) *Ando-lbes fazendo* [~ FACIO] cobras e sões quanto mais poss', e and'escarnecendo daquestes putos que s'andam fodendo. (Cantigas de Escárnio e Maldizer, 13)

O fato de os usos equivalentes ao gerúndio latino no ablativo serem minoritários perante a totalidade dos usos sugere que o gerúndio português deve ter, ainda no período românico, expandido seus usos para suprir o desaparecimento ou o enfraquecimento de formas cujos sentidos antes eram expressos, por exemplo, por *cum* + *subjuntivo*, pelo presente simples e

principalmente participio presente. Como apontou Skerlj, mesmo no latim, o participio presente e o gerúndio estavam em variação. Ambas as formas exprimiam concomitância temporal, ideia adjetiva e expressão adverbial através de proposições circunstanciais de modo, simultaneidade, tempo, causa, condição e concessão. “A razão mais forte do sucesso do gerúndio foi, porém, o fato de que o participio presente perdeu a sua força verbal, a faculdade de exprimir ações verbais.”²¹⁶

Considerações finais

Ao cabo desse exercício de análise, podemos resumir nossos achados ao afirmar que os resultados em geral confirmam o entendimento consensual de que o gerúndio português deriva do gerúndio latino ablativo, embora apresentem algumas descobertas incidentais, como a vasta ocorrência, em latim, de um fenômeno que convertia o gerúndio em gerundivo, a variedade de usos do gerúndio já no português arcaico não coincidentes com os usos do gerúndio latino, além de empregos isolados de formas pseudo-gerundivas no português arcaico.

Uma mudança que essas descobertas podem suscitar na maneira como se trata o problema em questão é restringir a permanência do gerúndio latino no português não ao gerúndio ablativo de forma geral, mas ao *gerúndio ablativo cujo objeto direto não era expresso*, já que, como vimos, quando era expresso, tendia a converter-se em gerundivo. Como dissemos no início deste trabalho, as obras clássicas de filologia românica apenas mencionam de passagem que o gerúndio português deriva do gerúndio latino no ablativo sem fornecer evidências empíricas ou explicações detalhadas. Conforme observamos, embora tal assunção seja essencialmente verdadeira, as questões implicadas estão longe de ser fáceis e óbvias.

Outra mudança desejável seria, a exemplo de Ravizza,²¹⁷ a previsão, em gramáticas, métodos e materiais didáticos de ensino de latim em geral, do referido fenômeno que convertia o gerúndio em gerundivo. Tal consciência cremos ser importante, por exemplo, tanto para um tradutor quanto para um linguista histórico. Além disso, cremos que muitas construções gerundivas fariam mais sentido ao estudante se ele pudesse revertê-las a uma construção gerundial.

Por fim, a observação de uma variedade de usos do gerúndio já no português arcaico não coincidentes com os usos do gerúndio latino, exprimindo concomitância temporal, ideia adjetiva e expressão adverbial através de proposições circunstanciais de modo, simultaneidade, tempo, causa, condição e concessão, sugere um novo olhar à história do gerúndio no português, seja por vincular esses usos variados à substituição de outras formas latinas, seja por mostrar que essa riqueza semântica do gerúndio é mais antiga do que se pensava.

²¹⁶ Skerlj, *op. cit.*, p. 70.

²¹⁷ *Op. cit.*

Exercícios - Permanências e reincidências da Seção I

1. Em que sentido podemos afirmar que o gerúndio português deriva do gerúndio latino ablativo?
2. Que forma era mais frequente no latim, o gerúndio ou o gerundivo? Cite exemplos.
3. O que era o fenômeno do gerúndio convertido em gerundivo? Por que ele ocorria? Cite exemplos.
4. Que usos, antes expressos por outras formas em latim, foram ocupados pelo gerúndio em português? Cite exemplos.

Litterae Latinae: as contribuições de Agostinho

Santo Agostinho, uma das figuras mais proeminentes da Igreja Cristã primitiva, é amplamente reconhecido por suas contribuições teológicas e filosóficas. No entanto, seu impacto transcende esses campos, estendendo-se também ao desenvolvimento da língua e da literatura latina. Nascido em 354 d.C. em Tagaste, na atual Argélia, Agostinho deixou um legado que perdura até os dias de hoje, influenciando não apenas o pensamento religioso, mas também a forma e o conteúdo da prosa latina.

Agostinho é frequentemente aclamado por seu estilo claro e eloquente. Em uma época onde o latim estava evoluindo rapidamente, ele conseguiu manter uma clareza de expressão que tornou suas obras acessíveis a uma ampla audiência. Seu latim, embora impregnado de complexidade teológica e filosófica, permanecia acessível, o que facilitou a disseminação de suas ideias. A habilidade de Agostinho de articular pensamentos profundos em uma linguagem compreensível ajudou a definir o padrão para a escrita teológica e filosófica em latim. Sua influência pode ser vista em escritores subsequentes que adotaram seu estilo de clareza e precisão.

Uma das contribuições mais significativas de Agostinho para a língua latina foi o desenvolvimento de um vocabulário teológico específico. Ele traduziu e adaptou conceitos filosóficos gregos para o latim, criando novos termos e definindo com precisão conceitos cristãos complexos. Por exemplo, a palavra "trindade" (*trinitas*) passou a ter um significado específico no contexto cristão através de seus escritos. Da mesma forma, conceitos como "graça" (*gratia*) e "confissão" (*confessio*) foram profundamente moldados por seu pensamento. Agostinho não apenas adaptou termos existentes, mas também criou novas palavras e expressões para descrever a teologia cristã, enriquecendo assim o latim como língua teológica.

A prosa de Agostinho teve um impacto duradouro na literatura latina. Ele estabeleceu um modelo para a escrita cristã subsequente, caracterizado por uma combinação de narrativa pessoal e argumentação filosófica. Sua capacidade de argumentação lógica, aliada a uma retórica refinada, influenciou muitos escritores cristãos posteriores. A prosa de Agostinho é notável por sua fluidez e profundidade, características que se tornaram um padrão para a

literatura teológica e filosófica. Sua habilidade de tecer narrativas pessoais com reflexões filosóficas e teológicas criou um estilo literário único que continua a ser estudado e admirado.

Confissões

"Confissões" (*Confessiones*), uma de suas obras mais famosas, é amplamente considerada uma das primeiras autobiografias da literatura ocidental. Neste trabalho, Agostinho narra sua jornada espiritual com uma franqueza e introspecção sem precedentes. A obra é um marco na literatura latina não apenas por seu conteúdo espiritual, mas também por seu estilo literário inovador. "Confissões" combina narrativa pessoal, análise filosófica e exegese bíblica de uma maneira que nunca havia sido feita antes. A introspecção profunda e a honestidade emocional presentes na obra oferecem uma visão íntima da vida e do pensamento de Agostinho, tornando-se uma referência para a literatura autobiográfica.

Uma das passagens mais famosas de Agostinho, na qual ele reflete sobre a natureza do tempo, vem justamente dessa obra. Acompanhe:

Quid est ergo tempus? Si nemo ex me quaerat, scio quaerenti explicare uelim, nescio; fidenter tamen dico, scire me. Quod si nihil praeteriret, non esset praeteritum tempus; et si nihil adueniret, non esset futurum tempus; et si nihil esset, non praesens tempus. Duo ergo illa tempora, praeteritum et futurum, quo modo sunt, quando et praeteritum iam non est, et futurum nondum est? Praesens autem si semper esset praesens, nec in praeteritum transiret, iam non esset tempus, sed aeternitas. Si ergo praesens ut tempus sit, ideo fit, quia in praeteritum transit, quo modo et hoc esse dicimus, cui causa, ut sit, illa est, qui non erit, ut scilicet non uere dicamus tempus esse, nisi quia tendit non esse? (Aug. Conf. IX)

Que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixa de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser? (Trad. de J. Oliveira Santos e A. de Pina)

A Cidade de Deus

Outra obra monumental de Agostinho é "A Cidade de Deus" (*De Civitate Dei*). Escrita em resposta à queda de Roma, a obra reflete sobre a relação entre a cidade terrena e a cidade celestial. "A Cidade de Deus" não só teve um impacto teológico significativo, mas também literário, ao fornecer uma visão abrangente da história humana e do destino final da humanidade. Agostinho argumenta que a verdadeira cidadania está na cidade celestial, e não na terrena, oferecendo uma perspectiva inovadora sobre a história e a espiritualidade. A obra é rica em referências históricas, filosóficas e teológicas, e seu estilo literário complexo e eloquente continua a ser estudado como um exemplo de prosa latina sofisticada.

Eis aqui um breve excerto de *De Civitate Dei*, em que Agostinho reflete sobre como a devassidão normalmente atrai mais atenção que a castidade:

Foris itaque populis celeberrimo strepitu impietas impura circumsonat, et intus paucis castitas simulata vix sonat: praebentur propatula pudendis, et secreta laudandis: decus latet, et dedecus patet: quod malum geritur, omnes convocat spectatores; quod bonum dicitur, vix aliquos invenit auditores: tanquam honesta erubescenda sint, et inhonesta glorianda. Sed ubi hoc, nisi in daemonum templis? ubi, nisi in fallaciae diversoriis? Illud enim fit, ut honestiores, qui pauci sunt, capiuntur; hoc autem, ne plures, qui sunt turpissimi, corrigantur. (Aug. De Civ., V)

Pois para os povos, a impureza impiedosa ressoa com um estrondo célebre, e dentro, a castidade simulada mal se ouve para poucos: as coisas vergonhosas são exibidas abertamente, e as dignas de louvor em segredo: a virtude fica oculta, e a desonra é evidente: o mal praticado convoca todos os espectadores; o bem dito mal encontra ouvintes: como se as coisas honradas fossem vergonhosas e as desonradas motivo de glória. Mas onde isso ocorre, se não nos templos dos demônios? Onde, se não nas moradas do engano? Pois o resultado é que os mais honestos, que são poucos, são enganados; e isso acontece para que os muitos que são os mais depravados não sejam corrigidos.

Sermões e cartas

Além de suas obras mais conhecidas, Agostinho escreveu uma vasta quantidade de sermões e cartas. Esses escritos oferecem uma perspectiva sobre a vida cotidiana e as preocupações teológicas de seu tempo. Seus sermões são notáveis por sua eloquência e capacidade de comunicar ideias complexas de maneira acessível ao público comum. As cartas de Agostinho, por sua vez, são uma fonte valiosa de informações sobre suas interações pessoais e seus pensamentos sobre questões teológicas e práticas. Esses escritos são valiosos para a literatura latina, pois oferecem um vislumbre do pensamento e da linguagem cotidiana da época. Eles mostram a habilidade de Agostinho de se comunicar de maneira eficaz e persuasiva, tanto em contextos públicos quanto privados.

De seus sermões, é famosa sua reflexão, a partir de um provérbio fenício, sobre saber aceitar perdas na vida:

Proverbium notum est punicum, quod quidem latine vobis dicam; quia punice non omnes nostis. Punicum est proverbium antiquum, Ut enim babeas quietem, perde aliquid. Audi proverbium antiquum, utile et necessarium. Pestilentia ante ostium venit et nummum quaerit: duos illi da, et ducat se. Pestilentia est homo malus, qui te vult per calumniam exspoliare: pestilentia est homo malus, calumniator, proditor. Iste talis sic est, quomodo pustula mala in corpore. Sicut enim quando pustulam incurrit homo, desiderat ut cito spondylum faciat, et optat ut sine aliqua mora, ipsa mala pustula aliquam particulam tollat de corpore, et cum ipsa discedat; ne venenum ipsius totum corpus occupet, et animam petat: ita et quando iniquus et malus homo, qui non vult nisi litibus vacare, aliquam tibi calumniam facit; puta illum esse pustulam malam, et acquiesce ut qualemcumque particulam de substantia tua perdas; ne dum te nimium litigando occupas, quietum cor habere, et Deo vacare non possis. (Aug. Serm., CXI)

O provérbio fenício é conhecido e, de fato, vou traduzi-lo para o latim, pois nem todos vocês conhecem o fenício. É um provérbio antigo: "Para que você tenha paz, perca algo." Ouça este provérbio antigo, útil e necessário. A peste vem até a porta e pede dinheiro: dê-lhe dois e ela se vá. A peste é um homem mau que deseja te despojar por meio de calúnias; a peste é um homem mau, caluniador, traidor. Esse tal é como uma úlcera ruim no corpo. Pois, assim como quando um homem contrai uma úlcera, ele deseja que a úlcera se cure rapidamente e espera que, sem demora, a má úlcera remova alguma parte do corpo e vá embora, para que o veneno não tome conta de todo o corpo e ataque a alma, assim também, quando um homem injusto e mau, que não deseja outra coisa senão envolvê-lo em litígios, te faz alguma calúnia, considere-o como uma úlcera ruim e aceite perder alguma parte da sua substância, para que, não ficando você excessivamente ocupado com as contendas, possa ter um coração tranquilo e dedicar-se a Deus.

A influência de Agostinho na língua e na literatura latina é profunda e duradoura. Suas obras não apenas enriqueceram o latim com novos vocabulários e estilos, mas também moldaram a maneira como a literatura cristã e filosófica seria escrita nos séculos seguintes. A clareza, a profundidade e a beleza de sua escrita continuam a ser estudadas e admiradas, mantendo seu legado vivo na tradição literária ocidental. Agostinho é um exemplo singular de como um pensador pode transcender seu tempo e lugar, deixando um impacto duradouro na língua, na literatura e na cultura. Sua capacidade de combinar reflexão teológica aguda com uma expressão literária autoral garante que suas obras continuem a ser uma fonte de inspiração e estudo para gerações futuras.

Exercícios - *Litterae Latinae*

1. Em que medida poderíamos dizer que Agostinho é o primeiro pensador do mundo romano a desenvolver um pensamento filosófico original e amplamente relevante?
2. De acordo com o texto, quais seriam as razões da popularidade de Agostinho?
3. Como Agostinho define o ‘tempo’ em suas confissões? Explique em seus próprios termos.
4. Que características propriamente linguísticas trazem personalidade e coloquialidade ao estilo de Agostinho?

Para se desafiar

Se quiser se desafiar, tente ler e traduzir seguinte passagem extraída do tratado *De Anima* de Agostinho, na qual o pensador reflete sobre a memória. Disfrute:

Saepe nos praesumimus aliquid memoria retenturos, et cum id putamus, non scribimus; nec nobis postea cum volumus venit in mentem, nosque poenitet credidisse venturum, vel litteris non illigasse ne fugeret; et subito rursus, cum id non quaeramus, occurrit. Numquid nos non eramus, quando id cogitabamus? nec tamen hoc sumus quod fuimus, quando id cogitare non possumus. Quid est ergo, quod nescio quomodo subtrahimur negamurque nobis; itemque nescio quomodo proferimur ad nos, reddimurque nobis? quasi alii simus, et alibi simus, quando quaerimus, nec invenimus quod in memoria nostra posuimus; neque nos ipsi ad nos ipsos veluti alibi positos pervenire possimus, et tunc perveniamus quando invenimus. Ubi enim quaerimus nisi apud nos? et quid quaerimus nisi nos? quasi non simus in nobis, et aliquo recesserimus a nobis. Nonne attendis, et exhorrescis tantam profunditatem? Et quid est hoc aliud quam nostra natura, nec qualis fuit, sed qualis nunc est? Et ecce magis quaeritur, quam comprehenditur. Saepe mihi propositam quaestionem putavi me intellecturum, si inde cogitarem; cogitavi, nec potui: saepe non putavi, et tamen potui. Vires itaque intelligentiae meae non sunt mihi utique cognitae, et credo quia nec tibi. (Aug. De Anim. VI, 10)

Vocabulário:

alibi adv. em outro lugar
alius, a, um pron. outro

aliquis, aliqua, aliquid pron. algum, algo
aliunde adv. de outro lugar
attendo, attendere, attendi, attentus 3 notar
cogito, cogitare, cogitavi, cogitatus 1 pensar
credo, credere, credidi, creditus 3 acreditar
cum conj. quando, ao mesmo tempo que
exhorresco, exhorrescere, exhorruí, - 3 assustar-se
fugio, fugere, fugi, fugitus 3 fugir
hic, hae, hoc pron. este
illigo, illigare, illigavi, illigatus 1 atar
in prep. (+ abl.) em
inde adv. dali
intellego, intellegere, intellexi, intellectus 3 entender
invenio, invenire, inveni, inventus 4 encontrar
ipse, ipsa, ipsum pron. o mesmo
is, ea, id pron. esse
itemque adv. da mesma forma
littera, ae 1f. letra
memoria, ae 1f. memória
mens, mentis 3f. mente
natura, ae 1f. natureza
ne conj. para que não
nec conj. e não
nego, negare, negavi, negatus 1 negar
nescio, nescire, nescivi, nescitus 4 não saber
nobis dat. de *nos*
non adv. não
nos acus. de nós
noster, nostra, nostrum adj. nosso
numquid part. interrog. será que
occurro, occurrere, occurri, occursus 3 aparecer
pervenio, pervenire, perveni, perventus 4 chegar
poeniteo, poenitere, poenitui, - 2 arrepender-se
possum, posse, potui, - poder
postea adv. depois
pono, ponere, posui, positus 2 colocar
praesumo praesumo, praesumere, praesumpsi, praesumptus 3 presumir
profero, proferre, protuli, prolatus apresentar
profunditas, profunditatis 3f. profundidade
puto, putare, putavi, putatus 1 pensar
quaero, quaerere, quaesivi, quaesitus 3 buscar, procurar
qualis, quale adj. qual
quasi adv. como se
quid pron. interrog. o que
qui, quae, quod pron. rel. que, o que
reddo, reddere, reddidi, redditus 3 devolver
retineo, retinere, retinui, retentus 2 reter

rursus adv. novamente
saepe adv. frequentemente
scientia, ae 1f. conhecimento
scribo, scribere, scripsi, scriptus 3 escrever
si conj. se
sine prep. (+ abl.) sem
subito adv. repentinamente
subtraho, subtrahere, subtraxi, subtractus 3 subtrair
sum, esse, fui, futurus ser, estar; haver, existir
tamen adv. no entanto
tunc adv. então
ubi adv. onde
vel conj. ou
veluti adv. como se
venio, venire, veni, ventus 4 vir
volo, velle, volui, - querer

Apêndice

Como o latim se transformou nas línguas românicas

Patrick Wyman²¹⁸ – Tradução e adaptação²¹⁹ de Luiz Queriquelli

Introdução

Nas ladeiras dos morros cariocas, crianças jogam futebol. Elas riem e falam alto em português. Velhos parisienses sentados em cafés sobre a calçada batem papo em francês. Universitários em Bucareste assistem a palestras na sua língua nativa: o romeno. Na Cidade do México, âncoras de telejornais apresentam as notícias do dia em espanhol. Nas arquibancadas do Estádio de San Siro em Milão, os torcedores dos clubes locais cantam em italiano.

800 milhões de pessoas ao redor do globo carregam hoje o legado de Roma sempre que falam. A língua latina e suas descendentes, as línguas românicas, são um dos maiores legados do Império Romano para o mundo. Algumas das línguas românicas, como o espanhol e o português, têm centenas de milhões de falantes. Outras, como o romanche e o galurês, têm apenas algumas dezenas ou centenas de milhares.

Seja um banhista na praia de Ipanema, um plantador de arroz nas Filipinas, ou um pastor na Cordilheira dos Apeninos na Itália, sua língua em última instância remete às línguas faladas na região italiana do Lácio, e todos esses caminhos levam a Roma. Mas essas estradas percorrem um trajeto longo e sinuoso por centenas ou milhares de anos atrás. A mudança linguística é um fenômeno glacialmente lento. Temos que retroceder para antes dos trabalhos de Voltaire, Cervantes e Dante. Temos que voltar aos anos correntes e posteriores à queda do Império Romano no Ocidente.

O que aconteceu? Como o latim se fragmentou em uma vasta gama de tons diferentes e por quê? Isso é o que vamos descobrir.

A difusão do latim com o império

Fora do Vaticano, não há muita gente falando latim hoje em dia. Ainda assim, o latim está entre nós, dia após dia. Nós o ouvimos na terminologia legal, em termos como *habeas corpus*; nós o ouvimos em inglês toda vez que alguém diz algo como *abdomen* ou *exterior*: palavras emprestadas diretamente do latim. Nós o ouvimos toda vez que alguém diz *revision* ou *necessary*, termos que chegaram ao inglês pelo francês normando, mas que são em última instância derivados do latim. Por fim, nós ouvimos crianças latinas falando diretamente, na forma das línguas românicas, do espanhol ao português, do francês ao romeno, etc.

Se voltássemos para 400 aC, não haveria motivo para acreditar que o latim se tornaria o progenitor de toda essa diversidade linguística. Naquele momento, Roma era apenas uma

²¹⁸ Doutor em História pela Universidade da Carolina do Sul, autor do podcast Tides of History.

²¹⁹ Este texto originalmente é o áudio do podcast Tides of History.

cidade à margem do Tibre. O latim era apenas uma no meio de todo um aglomerado de línguas diversas na Itália. A língua, porém, acompanha o Império à medida que o poder militar, político e econômico se expande, primeiro pelo território italiano e depois por todo o mundo mediterrâneo, levando o latim na esteira.

Por volta do segundo século dC, alguns séculos depois do domínio romano, as pessoas estavam falando latim por todo o Império Romano. Você poderia crescer falando latim em Narbona, no sul da França; na Mauritània, nos limites do Deserto do Saara; em Salona, na costa do Mar Adriático, onde hoje fica a Croácia; ou na remota Eboraco, hoje a cidade de York, no norte da Inglaterra. O latim se espalhou junto com os soldados romanos, com os mercadores romanos e com as termas romanas. Acima de tudo, o latim se espalhou pelas províncias com os próprios cidadãos romanos. O Império Romano não era apenas uma unidade política; ele era um espaço, era todo um mundo de movimento interconectado. Esse é o fato fundamental da existência do Império Romano. Dentro e além dos seus limites, pessoas e ideias estavam em constante movimento. O Império direcionou esse movimento enviando soldados por todo o território e criando demanda por alguns tipos de bens. O Império também promoveu esse movimento indiretamente, provendo infraestrutura e condições que o encorajaram.

À medida que o Império Romano desaba nos séculos 5 e 6 dC, desaba também a unidade linguística do mundo romano. Nos séculos seguintes, ao longo da Idade Média, o latim falado em diferentes partes do que tinha sido o Império Ocidental se fragmenta em variedades regionais. A certa altura, alguém nascido em Nápoles não seria mais capaz de entender alguém nascido em Paris. Portanto, vamos voltar um pouco atrás e nos debruçar sobre algumas questões básicas.

Breve introdução à teoria da mudança linguística

A coisa mais importante a se ter em mente é que a língua está sempre mudando. Gramáticos e aqueles que se acham gramáticos desejariam que não fosse desse jeito. Se você já escreveu algo para ser publicado, você provavelmente recebeu uma mensagem de alguém castigando-o por algum barbarismo na sua língua. Esses guardiões da língua pura, que a defendem com vigor, estão sempre lutando uma batalha perdida. A mudança, lenta e imperceptível, é simplesmente a natureza da língua – é como ela é.

Essa mudança pode assumir muitas formas. Às vezes, há mudanças na pronúncia. Algumas pronúncias podem cair em desuso, exceto em alguns lugares bem específicos. Tomemos o caso do R não-rótico do sotaque estereotípico de Boston: a pronúncia [cah] para *car*. Ela costumava ser muito mais difundida. Esse tipo de mudança sonora sistemática é chamado de mudança fonológica. Em outros momentos, pode haver mudanças no significado de uma palavra específica. É assim que a palavra *literalmente* ganhou o seu sentido figurativo, por exemplo. Esse é um bom exemplo do se chama de mudança semântica. Há mudanças na sintaxe e em como ordenamos as sentenças e as estruturamos. Há mudanças na ortografia, em como escrevemos ou soletramos as palavras e as sentenças. Estas podem ser apenas uma mudança em como as pessoas são instruídas a escrever ou podem refletir os outros tipos de mudanças mais profundas que recém mencionamos. Esta, de modo algum, pretende ser uma

lista completa ou um conjunto completo de explicações. Porém, são suficientes para os nossos propósitos por ora.

Essas mudanças podem ocorrer entre grupos sociais específicos ou, mais comumente, em lugares particulares; por vezes, se espalham pela escala social, passando de classes sociais de aristocratas extravagantes até chegarem a trabalhadores comuns ou vice-versa. Às vezes, as palavras se espalham de pessoa para pessoa por meio de redes sociais e contato cotidiano. Isso é chamado de difusão contagiante ou efeito de vizinhança. Em outros casos, as inovações na língua saltam de um centro urbano para outro, transpondo fronteiras. Isso é chamado de difusão hierárquica ou paraquedismo.

Quando colocamos esses fenômenos juntos, o que temos é a mudança linguística acontecendo em uma multiplicidade de dimensões a um só tempo. Ela está acontecendo o tempo inteiro, na fala de qualquer simples pessoa. Você não precisa ser um falante de prestigiado para fazer parte desses tipos de mudança. Sempre que experimentamos uma nova palavra ou variamos o sotaque um pouco, estamos contribuindo para esses tipos de mudança de longo prazo em larga escala.

Se a língua está sempre mudando, isso significa que ela muda aleatoriamente? Não! A mudança fonética é regular e segue regras particulares. Quando comparamos as línguas, podemos voltar atrás e descobrir características que o ancestral comum delas compartilhava. Esse método comparativo é modo pelo qual podemos dividir as línguas em famílias. Assim, ao retroceder, podemos reconstruir os ancestrais comuns. No caso do francês e do espanhol, sabemos que o ancestral comum era o latim. Mas, e quanto ao inglês e ao alemão? Ou o irlandês e o grego? Ou o russo e o hindi? Nós não temos registros do seu ancestral comum, chamado protoindo-europeu, que era falado há milhares de anos atrás, provavelmente na estepe euroasiática ao norte do Mar Negro. Na família indo-europeia, temos subfamílias: a germânica, que inclui o inglês e o alemão, descendentes do protogermânico; a celta, que inclui o irlandês e o galês, ao lado de línguas extintas como o gaulês; a eslava, que inclui o russo, o tcheco etc.; e a itálica, com o latim e seus descendentes.

A mudança linguística é um processo glacialmente lento. Por exemplo, falantes de inglês contemporâneo podem entender facilmente a gravação de um discurso feito por Teddy Roosevelt há um século atrás, ou um discurso de Winston Churchill na época da segunda guerra, ou mesmo reconstruções da pronúncia vitoriana feita por estudiosos de Shakespeare, como o ator Ben Crystal. Se ouvirmos a pronúncia emulada por Crystal, veremos que ela soa como uma mescla de inúmeras variedades regionais inglesas, com uma pitada do inglês americano, ao mesmo tempo em que, por si só, não se parece com nada que ouviríamos hoje. Ainda assim, falantes nativos de inglês podem se reconhecer nessa reconstrução do inglês vitoriano feita por Crystal. De todo modo, esse inglês vitoriano reconstruído é facilmente compreendido hoje, séculos mais tarde.

Isso nos dá uma noção da escala temporal com a qual estamos lidando aqui. Se o inglês shakespeariano, de 400 anos atrás, ainda faz sentido para nós, então é razoável afirmar que Cícero e Santo Agostinho poderiam se entender um ao outro, e o mesmo vale para Agostinho e Carlos Magno. Quando falamos sobre a transformação do latim para o romance, estamos falando sobre uma série de processos contínuos e sobrepostos, de cima para baixo, de baixo para cima, que duraram milênios. O latim não permaneceu estático ao longo de séculos tendo

sido usado por milhões de pessoas. A mudança para o que chamamos de línguas românicas foi apenas uma continuação de mudanças que já vinham acontecendo por séculos.

A situação linguística do Império Romano

Antes de começarmos a falar sobre essas mudanças, vamos explicar rapidamente a situação linguística do Império Romano. Ela não era, nem de longe, uniforme tal como podemos imaginar.

No início da República Romana, a Itália era uma grande tapeçaria de diversidade linguística. O latim era apenas a língua da cidade de Roma e arredores na região do Lácio. Ele tinha um primo próximo, o falisco. Primos mais distantes, como o osco, o úmbrio e o volsco, podiam ser encontrados em outros lugares na Itália. Todas essas línguas pertencem à família itálica, um daqueles troncos do indoeuropeu do qual tratamos antes. Ao norte de Roma, estavam os Etruscos, que falavam uma língua totalmente não relacionada ao latim. Ela não era nem itálica nem sequer indoeuropeia. No sul da Itália e na Sicília, havia diversas colônias gregas. Como você pode imaginar, elas falavam grego.

Figura 1 - Distribuição aproximada dos idiomas falados na Itália durante a Idade do Ferro, no século VI a.C.



À medida que os romanos expandiram para fora dos limites da cidade ao longo da península, o latim os acompanhou. Há um provérbio famoso segundo o qual uma língua é um dialeto com um exército e uma marinha. A língua seguiu o império, primeiramente por toda a Itália e depois para além dela. Espanha, Norte da África e Balcãs, Gália e Bretanha: todos caíram sob o poder romano.

O latim acompanhou os soldados, os mercadores e colonizadores que seguiram a expansão do poder romano. No leste do Mediterrâneo, onde o grego era a língua dominante, o latim nunca foi realmente adotado. Nas áreas em que o latim eventualmente se tornou dominante, ele não era a única a língua. Na África, o púnico seguiu sendo falado até o século IV ou V, senão até mais tarde. Ainda havia falantes de gaulês na Gália até o fim do império. Obviamente, o latim nunca substituiu as línguas celtas da Bretanha, que se tornaram o galês e o cornualês. O albanês contemporâneo é descendente de uma língua indoeuropeia que sobreviveu paralelamente ao latim. No oriente, onde o latim nunca se estabeleceu, havia uma imensa diversidade linguística, a qual não temos necessidade de explicar em detalhes aqui.

Assim, esse foi o ambiente no qual o latim se desenvolveu como a língua do Império Romano, ao menos na sua parte ocidental. Esta foi a base a partir da qual as línguas românicas se difundiram.

Variação no latim

O latim não permaneceu estático durante a época de dominância do Império Romano. A língua está sempre mudando. Ela está sempre variando de lugar para lugar, de grupo social para grupo social. O latim não era uma exceção à regra.

Não é simples afirmar com precisão como o latim variou e mudou ao longo do tempo. Considerando que, obviamente, não há registros sonoros que nos informem como as pessoas falavam o latim de fato, temos que, em vez disso, confiar nos textos escritos. Mas os textos escritos podem ser tão obscuros quanto reveladores. Veja bem: as pessoas não escrevem como falam. Você tem que *aprender* a escrever, você tem *aprender* a soletrar. Esse processo de aprendizagem, sendo conduzido por alguém que também *aprendeu*, anula em muito as variações regionais e sociais.

Por exemplo, no inglês falado em Los Angeles, tendemos a usar uma gíria ou uma expressão popular se estamos falando sobre “a casa na esquina oposta”. Eu provavelmente diria “*kitty corner*”. Eu nunca escreveria “*kitty corner*” se eu estivesse escrevendo sobre essa mesma casa na esquina oposta. Eu preferiria “*diagonal*”.

O mesmo é verdadeiro para ortografia e pronúncia. Nativos de Londres, Sydney, Calgary ou Los Angeles pronunciam diferentemente a palavra “*car*”, mas todos a escrevem precisamente da mesma maneira. Há uma norma padrão escrita em inglês que admite apenas pequenas diferenças na ortografia. Mesmo deixando de lado diferenças regionais, ninguém vivo hoje em dia fala inglês exatamente como escreve. Há um antigo acordo ortográfico em inglês ajustado para constantemente acompanhar a pronúncia. Entretanto, nós pronunciamos a palavra, e não as letras que a compõem.

A norma padrão escrita do latim era ainda mais poderosa do que aquela do inglês atual. Ela durou por séculos, mais ou menos intacta, enquanto o sistema educacional latino sobreviveu. Aprender a escrever era aprender a escrever de um modo específico. Esse modo específico era baseado no mesmo currículo e no mesmo ideal de como o latim deveria ser. Isso não significa dizer que a língua escrita fosse sempre a mesma em todos os lugares e em todas as situações. Não era, absolutamente. Ela variava conforme o grau de instrução e conforme o gênero textual. Mas, mudanças na língua escrita eram geralmente apenas isso mesmo:

mudanças na língua escrita. Elas não estavam necessariamente conectadas com mudanças em como as pessoas estavam de fato falando.

Então, se o latim escrito é a sua própria besta, o que ele pode nos informar sobre o latim falado? Bem, temos evidências diretas de pessoas falando sobre a sua própria língua. Elas atribuem certas palavras a certas regiões. Às vezes, elas falam sobre sotaques, sobre sons, ou então sobre erros na grafia de palavras que apontam para aquelas diferenças solapadas, subjacentes à pronúncia e à escrita.

Inscrições são comuns por todo o Império Romano. Elas podem nos informar um pouco sobre a fala ordinária, mas não tanto quanto os estudiosos costumavam pensar. Há também alguns textos casuais que são menos influenciados pela norma padrão escrita e que são muito reveladores sobre a fala do dia a dia. Essa categoria inclui coisas como papiros encontrados no Egito ou as tábuas de madeira do Forte de Vindolanda na Muralha de Adriano, na Bretanha. Os estudiosos analisaram cuidadosamente todas essas evidências e, então, propuseram algumas questões-chave realmente interessantes.

Eu gostaria de mencionar em particular o trabalho de um estudioso chamado James Noel Adams, que escreveu uma série de três livros definitivos sobre o uso vernacular do latim:

- “Bilingualism in Latin language” (2003),²²⁰
- “The regional diversification of Latin” (2007),²²¹ e
- “Latin and social variation” (2013).²²²

Adams é “o cara” do campo da sociolinguística do latim, e seu trabalho paira sobre a maior parte de tudo o que estou tratando aqui neste texto. Leia toda esta seção com seu nome em mente como uma nota de rodapé.

Quando juntamos todas as informações, o que concluímos, em primeiro lugar e acima de tudo, é que o latim variou de grupo social para grupo social e de lugar para lugar. Há sotaques e palavras que os contemporâneos acreditavam serem característicos de lugares específicos. Sabemos que esses padrões de sotaque, ou como as pessoas os percebiam, mudaram ao longo do tempo.

Durante a República dos séculos II e I a.C., quando o latim ainda era restrito principalmente à Itália, as pessoas chamavam a atenção para as diferenças entre o sotaque da cidade e o sotaque do campo nas redondezas de Roma. Já no Império, à medida que o latim se espalhou pela Europa e o Norte da África, os livros mencionavam aspectos que consideravam característicos de toda a região fora da Itália, quando o latim foi levado às províncias, e mudou.

Adams²²³ lista cinco razões para isso, e vale a pena passar por elas:

²²⁰ Adams, JN. *Bilingualism in Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

²²¹ Adams, JN. *The regional diversification of Latin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

²²² Adams, JN. *Latin and social variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

²²³ *Idem* (2003, 2007, 2013).

1. Quando colocamos uma língua em um novo ambiente físico, ela tem que se adaptar às características topográficas e biológicas que não existiam na terra natal; pense em palavras em inglês como “*mesa*” (“*mesa*” esp.) ou “*cougar*” (“*puma*”). Não eram necessários termos para elas em Essex ou Yorkshire.
2. Variedades provinciais do latim entraram em contato com outras línguas vernáculas: púnico na África; gaulês na Gália; ibérico na Espanha; e assim por diante; essas contatos podem ter influenciado toda uma série de coisas, desde estrangeirismos até a pronúncia.
3. O latim na sua terra natal não parou de evoluir uma vez que a língua foi levada para a província, assim como há mudanças na Inglaterra hoje que nós não compartilhamos na América.
4. O oposto era também verdadeiro: variedades provinciais do latim podem acumular mudanças que o latim da Itália não experimentou.
5. Pode ter havido interação entre falantes de diferentes dialetos na província; múltiplas variedades de latim entraram em contato umas com as outras, e suas características se misturaram.

A variação regional no latim importa, porque sabemos como a história acaba, com o latim se dividindo em uma série de línguas românicas regionais. Se o latim já tinha variação regional nos primeiros séculos d.C., isso significa que as línguas românicas já estavam se desenvolvendo durante o Império Romano? Bem, muitos estudiosos dos romances (as línguas românicas) têm argumentado exatamente isso usando o método comparativo sobre o qual já tratamos e reconstruindo o caminho partir dos romances tardios. Eles levantaram a hipótese de que já havia protorromances escondidos por baixo da norma padrão escrita do latim. Alguns até argumentaram que esse processo começou ainda mais cedo, no primeiro século a.C., mas isso está provavelmente incorreto. Essa hipótese é baseada em uma série de hipóteses infundadas sobre uma língua evoluir por conta própria, desconectada com o seu curso em outro lugar, a partir do momento em que é introduzida numa região.

Há também algumas ideias estranhas sobre a relação entre a norma padrão escrita e a língua falada. Embora um certo lado dessa visão se aproxime da verdade, ainda é improvável que houvesse um latim falado realmente homogêneo escondido debaixo do padrão escrito. Os estudiosos que defendem esse ponto de vista chamam o latim falado de latim vulgar. Vulgar aqui não significa “baixo” ou “sujo”; significa apenas pertencente ao “vulgo”, ao povo. Nessa visão, o latim vulgar falado foi o verdadeiro ancestral dos romanos; não foi o latim escrito de Cícero ou Sêneca.

Isso faz sentido de uma forma intuitiva. A língua que a vasta maioria das pessoas fala todo dia deve ter mais do que um simples impacto na língua falada que evolui a partir dela do que um padrão escrito realmente restrito. Havia muitas palavras e significados e usos que sabemos terem existido no latim falado e que raramente aparecem na língua escrita das elites. Por exemplo, as palavras que resultaram em *hablar* no espanhol e *parler* no francês (“falar”) derivam de termos que não eram usados da mesma maneira no latim clássico escrito.

No entanto, há um problema de evidência aqui. A maior parte da base para essa hipótese do latim vulgar, para a ideia de um latim homogêneo falado por todo o Império, vem das inscrições. Temos dezenas de milhares dessas inscrições no corpo de textos do Império Romano para explorar. Dado esse volume, era esperável que houvesse diferenças regionais,

mas não há. É por isso que os estudiosos inferem que havia um latim vulgar bastante uniforme por todo o império. Todavia, é fácil esquecer que as inscrições ainda são textos escritos, e não falados. As pessoas tinham que ser instruídas a como escrevê-los. Havia convenções formulaicas e ortográficas presentes nas inscrições. Mais uma vez, o padrão escrito obscurece o fato real da fala cotidiana das pessoas.

Então, não havia um protoespanhol e um protoitaliano e um protofrancês se desenvolvendo nas redondezas das cidades da Ibéria, da Itália e da Gália durante o Império Romano. Mas, também não havia um latim vulgar homogêneo que fosse exatamente o mesmo em Roma, Vindalio, Cartago e Mérida. Havia de fato variedades regionais de latim, mas elas estavam mais para o que entendemos por sotaques do que para dialetos genuinamente divergentes. Ambos são termos imprecisos, mas dialeto implica diferenças claramente profundas na estrutura. Sotaque diz respeito mais ao som e à escolha de palavras. Esse é o consenso entre os principais estudiosos da área.

Então, o que isso significa na prática? Bem, nós mencionamos que os falantes tinham percepções sobre o que entendiam como sotaques regionais. Alguém de Roma poderia presumivelmente dizer que alguém da Espanha ou da África tinha um jeito de falar que diferia significativamente do seu. Você pronuncia as coisas diferentemente, você usa palavras diferentes. Isso não é o mesmo que antecipar os romances que eventualmente se desenvolveriam naquelas áreas. Quando um romano da Itália comparava o seu jeito de falar latim com o de alguém da Gália, não era porque ele estava entrevedo um francês que surgiria milhares de anos mais tarde. Era porque ele tinha um conceito da Gália como uma região geográfica e um conceito dos galeses como pessoas com características notáveis.

Características das variedades regionais de latim

Vamos tornar as coisas mais concretas aqui. Que tipos de diferenças nós realmente observamos? Nós vemos uma série de palavras regionalmente específicas. Temos uma pequena lista delas, mas não vamos apresentar todas. Observamos, por exemplo, *deius* em vez de *deus* na Bretanha, o que é uma influência da língua celta nativa. Observamos *verveza* em latim gálico, que é uma palavra da língua galesa celta. A palavra permaneceu até hoje em espanhol, mas foi substituída por uma de origem germânica no próprio francês.

O latim da Gália do Norte e o da Bretanha parecem ter compartilhado muitas similaridades. Eles compartilhavam uma base comum relacionada a variedades do celta que tinham sido faladas ali antes da conquista romana. Eles também eram muito próximos, mais ou menos geograficamente isolados do resto do Império, ou pelo menos da sua parte dominante do Mediterrâneo. O latim hispânico e o italiano do mesmo modo tinham algumas características distintivas.

O sotaque que chamava mais a atenção dos contemporâneos era o latim da África. Essa é uma tarefa insana: o latim africano. Consistentemente digno de nota por séculos. Os estrangeiros e os próprios africanos falavam sobre isso. Santo Agostinho, um dos teólogos cristãos mais importantes, era nativo de Hipona, atual Argélia. Ele fez a seguinte declaração num texto datado do século IV:

Se eu dissesse que você vai alcançar um domínio da língua livre de falhas de expressão e pronúncia, eu certamente estaria mentindo. Eu mesmo, que sempre tive uma grande compulsão por aprender essas coisas perfeitamente, ainda sou criticado pelos italianos em termos de uma série de sons nas palavras, e eles, por sua vez, também são criticados por mim em termos de som. Uma coisa é alguém estar seguro porque estudou, outra coisa é ser nativo.

Diferente de outras variedades, na maioria das vezes temos evidências de palavras específicas que se destacaram, pelas quais sabemos que o latim africano soava diferente. Agostinho nos informa sobre isso, tal como acabamos de verificar na sua citação. O mais legal é que nós sabemos *como* ele soava diferente.

O latim tinha vogais com duração variável: *a* longo, *a* breve; *i* longo, *i* breve; e assim por diante. Um falante de latim poderia distinguir entre *os*, com uma vogal breve, significando *osso*, e *os*, com uma vogal longa, significando *boca*. Na variedade africana do latim essas distinções entre vogais longas e breves desapareciam. Pessoas como Agostinho não conseguiam perceber essa diferença; pessoas em outras partes do Império ainda conseguiam.

Pense sobre isso: há vogais em toda palavra. Até mesmo pessoas educadas, falantes de origem africana, como Agostinho ou o Imperador Septímio Severo, não faziam essa distinção. E você teria que ouvir isso toda vez em que alguém abrisse a boca.

Então, sabemos que havia variedades regionais de latim. Falantes romanos da língua tinham sotaques ou palavras específicas que as pessoas acreditavam serem distintivas daquelas variedades regionais. Sabemos disso porque pesquisas cuidadosas revelaram evidências substanciais embora dispersas.

Variação social no latim

A variação social também desempenhou um papel aqui. Ocasionalmente, viajantes fizeram comentários sobre falas rústicas ou plebeias. Falantes instruídos do latim eram mais conscientes do padrão, de qual era o modo mais apropriado de falar. Há evidência de que eles mudavam sua fala para acomodá-la.

O mesmo é válido para falantes de praticamente todas as línguas hoje em dia. Eu conheço pessoas com doutorado cujo modo de falar muda de acordo com quem eles estão falando, se é com amigos em privado, ou publicamente com colegas acadêmicos. Certamente você poderá pensar em outros exemplos de você mesmo fazendo isso ou de outras pessoas que o fazem.

Koineização do latim

O que todas essas evidências não mostraram é a falta de mútua inteligibilidade. Tal como discutimos, alguém da Bretanha poderia estar consciente de que alguém da África falava latim diferentemente. Mas, há zero indicações de que ambos não se entendiam um ao outro. Por quê? Como, em um Império que se estendia da Bretanha ao Saara, todos podiam se entender mutuamente?

A resposta para essa questão remete a um termo chamado *koineização*. Ele vem da palavra grega *koiné*, que significa língua comum ou dialeto surgido da mescla de um conjunto de dialetos ou variedades de uma língua. O clássico exemplo desse processo é a versão da língua grega que surgiu durante o período helenístico, após a conquista de Alexandre o Grande. Foi esse o momento no qual todos os dialetos do grego clássico se fundiram em um padrão novo e amplamente inteligível.

Durante o Império Romano, nos primeiros séculos d.C., o latim estava constantemente passando por esse processo de koineização. A razão pela qual as pessoas da Bretanha, do Norte da África e da Espanha nos Balcãs podiam se entender umas às outras era porque as pessoas estavam se movendo constantemente dentro do Império Romano. Havia muito comércio entre as cidades. Os bens comerciáveis não andam com as próprias pernas. As pessoas precisavam transportá-los. Mercadores, vendedores e pastores estavam sempre viajando de porto para porto, de cidade para cidade. Soldados estavam constantemente em movimento, mudando de um posto para o próximo regimento. Oficiais e coletores de impostos estavam sempre na estrada, realizando negócios oficiais. Escravos obviamente não podiam escolher mover-se ou não, mas eles também foram pessoas com bastante mobilidade dentro do Império Romano. Outros moviam-se de província para província por razões voluntárias.

O resumo dessa história é que o Império Romano deve ser entendido como um espaço de movimento. O Império encorajava e permitia esse movimento. Isso tinha implicações claras para as variedades regionais da língua latina. Os sotaques que comentamos antes estavam constantemente entrando em contato um com o outro. Eles não estavam isolados. Por meio desse contato contínuo eles iam nivelando as maiores diferenças entre as regiões.

O latim não era o mesmo em todos os lugares. Havia diferenças perceptíveis nos sotaques e na escolha de palavras. As variedades regionais e locais estavam sempre evoluindo no Império Romano, mas, por causa desse movimento constante de pessoas, as variações nunca se tornaram muito profundas.

O fim do Império e o aprofundamento das diferenças entre as variedades

O fim do Império romano como uma unidade política eventualmente levou ao fim do mundo romano como um espaço de movimento e interação. A ação direta do Estado na movimentação de bens, como grãos e azeite de oliva, por meio do sistema de taxação, e na movimentação de pessoas por meio do exército chegou ao fim. O mesmo vale para o ambiente criado, que tornava fácil a movimentação de indivíduos particulares.

Ao longo dos séculos V, VI e VII, tornou-se cada vez mais difícil se movimentar. O comércio desacelerou e foi de uma inundação para um pequeno gotejamento. As províncias romanas se tornaram reinos bárbaros. As fronteiras se enrijeceram. Este foi, na verdade, o tema da minha tese de doutorado, então é um tópico sobre o qual eu me detive por muitos anos.

A implicação de uma mudança de um mundo de fácil circulação para um de difícil circulação é clara. O latim manteve a sua unidade essencial porque pessoas de todo o mundo romano estavam constantemente entrando em contato umas com as outras. Quando esse contato cessou, era uma questão de tempo até que o latim se fragmentasse. Mais cedo ou mais tarde,

foi o que acabamos observando em algum momento. Esse foi, no entanto, um processo lento.

Meu objeto de estudo foi o fim do Império Romano, e não o fim do latim. O declínio do Império não foi um evento pontual, mas uma série de coisas intercaladas que aconteceram ao longo de séculos. Da mesma forma, o tipo de movimento que definiu o mundo romano e manteve o latim bastante homogêneo não acabou da noite para o dia. Como já vinha acontecendo, ele continuou evoluindo.

Podemos observar essa evolução nos séculos VI, VII e VIII. O padrão escrito se manteve tal como sempre foi. Você pode ler alguns textos do início do período medieval e concluir que pouca coisa tinha mudado. Ainda havia pessoas ensinando a escrever em latim de maneiras não muito diferentes daquelas ensinadas alguns séculos antes. A Bíblia se tornou mais influente. Talvez menos pessoas podiam ler Cícero, mas por outro lado nada mudou significativamente.

Meu texto favorito desse período é um texto do Bispo Gregório de Tours, escrito por volta do fim do século VI. Logo de cara, Gregório se desculpa por sua linguagem rude e deselegante, muito embora fosse perfeitamente inteligível. Ele não era um Cícero ou um Tácito, mas também não era um analfabeto, e Gregório sabia disso.

O poder contínuo do padrão escrito continuou agindo implacavelmente para obscurecer os desenvolvimentos da língua falada, que ficaram escondidos por baixo de toda essa aparente continuidade. Mas, havia coisas acontecendo por baixo do padrão escrito.

As tábuas visigodas e o colapso do sistema de casos

Podemos entrever um pouco dessas coisas em alguns textos fascinantes da Espanha do século VII. Eles são chamados de ardósias visigodas, ou “pizarras visigodas”. São uma coleção de algumas dezenas de textos informais talhados em tábuas de ardósia. Algumas delas são notas de venda e contratos. Outras são declarações legais, e há até mesmo uma carta entre elas. Por serem textos informais, que tratam de coisas do dia a dia, são menos influenciados pelo padrão escrito.

A essa altura, nós vemos características que sabemos que apareceram nas línguas românicas mais tarde. Sem ir muito a fundo na parafernália técnica, há coisas como o uso de *ille* e *ipse* como artigos definidos, significando *o*, e um monte de preposições. Porém, o latim não precisava delas, porque ele tinha um sistema de casos. Você muda a terminação de uma palavra para indicar que função ela desempenhava em uma sentença. Em inglês, ainda temos algumas reminiscências disso: *who* como sujeito de uma sentença versus *whom* como objeto, e *I* versus *me*. Estes são bons exemplos.

Tomemos o termo *dominus* (“senhor”), como um exemplo em latim. Se *dominus* for o sujeito da sentença, ele assume a forma nominativa; você simplesmente diria *dominus*. Se ele for o objeto direto da sentença, ele assume a forma acusativa; você diria *dominum*. Se estamos falando sobre algo que pertence ao senhor, por exemplo, “o cavalo do senhor”, ele assume o caso genitivo; nós diríamos *domini*. Com relação ao objeto indireto, se queremos dar algo ao senhor, então ele assumiria o caso dativo; diríamos *domino*.

Quando esse sistema começou a cair em desuso, de repente você precisava de artigos definidos e mais preposições. Não bastava mais apenas mudar a terminação da palavra para determinar o seu significado; você precisava de palavras auxiliares. Isso não é algum tipo de degeneração, não importa o que os puristas da língua venham a dizer. O inglês passou pelo mesmo processo há muito tempo atrás. Praticamente todas as línguas perderam o sistema de casos ou, pelo menos, simplificaram-no. É muito mais simples usar preposições.

É essencial saber que esses tipos de uso existiram no latim também. O que mudou foi a frequência do seu uso. Não havia uma linha divisória muito clara entre o latim e os romances. Não houve um ponto de virada definitivo. O que houve foi apenas uma mudança gradual durante um longo período de tempo.

As pessoas que escreveram naquelas ardósias visigodas não estavam conscientes de que elas estavam escrevendo em uma língua que estava a caminho de se tornar uma língua românica. Até onde elas sabiam, elas estavam escrevendo em latim. Isso é essencial observar. Por muito tempo, os estudiosos dos romances argumentaram em favor de uma situação de diglossia, o que significa que duas línguas estavam em uso pelo mesmo grupo social ao mesmo tempo. De acordo com essa visão, os mais instruídos ainda estavam falando e escrevendo em latim, mas todos os demais já estavam falando romance.

Na versão branda dessa hipótese, isso significa que as pessoas estavam conscientes da diferença entre sua língua escrita e sua língua falada. Porém, não há motivo para acreditar que esse fosse o caso. Não importa o quanto a língua falada mudasse, a escrita ainda era notoriamente latim. Nós não dispomos de evidências que sugiram que elas viam algum tipo de distorção conceitual entre as duas coisas.

A falta de consciência da diferença entre o romance falado e o latim escrito

Isso, no entanto, ainda vai um pouco além. Um estudioso francês muito sagaz, chamado Michel Banniard, escreveu um trabalho excelente sobre esse assunto nos anos 90, intitulado “Viva Voce”. Banniard (1992) provou que não havia distinção conceitual entre romance e latim. Como? Ele provou isso mostrando que as pessoas que estavam escrevendo textos a essa altura esperavam que fossem compreendidas quando lessem em voz alta (em *viva voce*). Isso soa muito básico, mas é um ponto crucial.

Digamos que você é um Bispo na Gália no século VII. Você conhece uma pessoa sagrada; um santo. Você quer compor uma biografia desse santo, uma *vita*: uma obra para instruir os fiéis sobre o que significa ser um bom cristão. Porém, se você está escrevendo em latim para pessoas que não falam latim, como isso pode funcionar? A resposta é: isso pode funcionar. Inúmeras pessoas seguiam escrevendo em uma língua que era obviamente latim, e elas pretendiam ser lidas em voz alta para uma audiência analfabeta. Essas pessoas não estavam desperdiçando seu tempo escrevendo algo que ninguém conseguiria entender, em uma língua que era acessível apenas à elite instruída.

Ainda assim, sabemos que a língua falada estava mudando o tempo todo. Como isso podia funcionar? A solução a que Banniard e outros estudiosos chegaram é simples. Quando alguém lia latim em voz alta, ele simplesmente pronunciava a palavra do modo que normalmente falaria aquela palavra. Nós fazemos isso toda vez em que lemos inglês em voz

alta. Nós pronunciamos a palavra, não as letras que compõe a palavra, como sons individuais. Esse tipo de pronúncia criativa, pode ir muito longe no sentido de manter o latim escrito e o latim falado como uma só língua.

A reforma de Alcuíno de Iorque na renascença carolíngia: a separação definitiva entre o latim e os romances

Apesar disso tudo, a língua escrita também estava de fato mudando durante esse tempo todo. Nós sabemos disso porque reiterados erros ortográficos começaram a proliferar nos textos ao longo desse processo. Começou a haver ainda mais confusão sobre o sistema de casos que mencionamos antes. Algumas palavras e construções em particular caíram em desuso. Outras palavras mudaram de significado.

Por volta do começo do século IX, de acordo com um estudioso realmente perspicaz chamado Roger Wright, houve um momento de virada efetivo, em termos de como as pessoas concebiam a relação entre o latim e o que elas estavam falando. Curiosamente, essa mudança não veio de falantes nativos de latim ou romances no continente. Ela veio de monges anglo-saxões nativos da Bretanha que tinham aprendido o latim como língua estrangeira no monastério.

O Imperador do Sacro Império Romano, Carlos Magno, governou do fim do século VIII até o início do século IX. Carlos Magno era um homem muito ocupado. Além de conquistar enormes extensões de território, da Ibéria à atual Alemanha, ele empreendeu uma reforma educacional. Ela foi parte do florescimento cultural que os estudiosos chamam de Renascença Carolíngia. Não precisamos ir muito a fundo nisso, mas, para os nossos propósitos, eis aqui a parte que importa: para prover suas novas instalações educacionais e padronizar tudo, Carlos Magno importou monges instruídos da Bretanha, em especial um sujeito chamado Alcuíno.

Alcuíno era anglo-saxão. Ele cresceu falando inglês arcaico e só veio a aprender o latim como segunda língua. Quando aprendeu a falar latim, Alcuíno aprendeu a pronunciar cada som individual. Seria como falar a palavra *individual* na sentença anterior como *i-n-d-i-v-i-d-u-a-l*, com cada letra tendo exatamente o mesmo valor fonético, ao invés de pronunciar a forma da palavra como um todo, tal como fazemos quando lemos. Pois é assim que ele pronunciava. Alcuíno não mudava a sua pronúncia da maneira como um falante nativo e leitor da língua faria, tal como comentamos anteriormente.

Vamos tornar isso mais concreto. Tomemos a palavra *corpus* (“corpo”). O plural de *corpus* é *corpora*. Porém, em vez disso, um falante nativo no século IX provavelmente diria algo como *corpa* ou *cuerpa*, talvez até *corpas*. Compare isso a *corpora*. Essa diferença deve ter enlouquecido Alcuíno. Para ele, o que os nativos da Gália, da Ibéria e da Itália estavam falando não era latim. O que ele tinha aprendido no monastério, em que cada letra na página era um som individual; aquilo sim era latim.

Segundo Wright (2016), esse foi o momento transformacional que separou o latim do romance. Se você fosse educado segundo a fórmula de Alcuíno, você não poderia ler os textos de acordo com a antiga pronúncia palavra por palavra, você teria que ler cada letra.

De repente, o que você estava lendo nas páginas não era mais inteligível às massas. Esse foi o ponto de separação entre o latim medieval, o latim da igreja e as línguas românicas.

O primeiro texto completo que encontramos, que se parece a uma língua românica e não a um latim com uma “pronúncia atualizada”, são os chamados Juramentos de Estrasburgo. Este é um texto trilingue notável, datado de 842. Parte dele está em latim, parte em alto alemão antigo, e parte está obviamente em romance. Dois reis da Dinastia Carolíngia, Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo, juntaram-se para fazer uma aliança contra outro de seus irmãos, Lotário. A seguir, encontra-se um excerto do texto, para que você possa ter uma ideia de como era esse romance emergente. Provavelmente, você será capaz de perceber algumas palavras que soam familiares, mas ainda assim parecerá um pouco estranho:

Pro deo amur et pro christian poblo et nostro commun salvament, d'ist di in avant, in quant deus savir et podir me dunat, si salvarai eo cist meon fradre Karlo et in aindha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra salvar dist, in o quid il mi altresi fazet, et ab Ludber nul plaid nunquam prindrai, qui meon vol cist meon fradre Karle in damno sit.

Pelo amor de Deus e pelo bem do povo cristão e nosso bem a todos os dois, a partir deste dia, enquanto Deus me dará sabedoria e poder, eu darei socorro a meu irmão Carlos com minha ajuda e toda outra coisa, como se deve acudir seu irmão por igualdade, à condição que ele faça o mesmo por mim, e não passarei nenhum acordo com Lotário que, de minha vontade, possa ser prejudicial a meu irmão Carlos.

Isso, obviamente, não é o que imaginávamos ser o latim. Durante todo o tempo em que o Império Romano existiu, o latim estava evoluindo em direção ao romance. As línguas românicas que emergiram não tinham a mesma aparência em todos os lugares. Considerando que havia diferenças crescentes entre como as pessoas falavam no sul da Itália e como elas falavam no norte da França, eventualmente chegaria o momento em que elas não seriam mais capazes de se entender umas às outras.

Esse momento provavelmente ainda não aconteceu no século IX. Por que não? Em grande parte, trata-se apenas de uma consequência natural do tempo, à medida que essas variedades deixam de estar em contato umas com as outras. As línguas sempre têm inúmeras maneiras diferentes de dizer as mesmas coisas. Em espanhol, por exemplo, se diz *su* para denotar um adjetivo possessivo. Em francês, é *leur*. Uma forma vem do latim *suus*, e a outra, do latim *illorum*. Ambas funcionavam igualmente em latim, mas, com o tempo, as pessoas em lugares diferentes tendem a favorecer um uso em detrimento de outro, e o outro cai em desuso. O mesmo vale para mudanças fonéticas, para mudanças na sintaxe e no vocabulário.

O continuum dialetal do romance ocidental e a emergência das línguas nacionais

Se você for acumulando um monte dessas mudanças, uma em cima da outra, eventualmente, você terá grandes diferenças. Porém, até antes do século IX, com Alcuíno e sua reforma educacional, isso não significava que a distinção entre o latim e o romance podia ser cravada. Naquela altura, definitivamente, também não havia grandes distinções entre as variedades de romance.

A separação final não aconteceria até o século XII ou XIII. Isso representa 800 anos após o Império Romano deixar de ser relevante. O século XII ou XIII foi quando os reinos emergentes da alta idade média criaram as suas próprias chancelarias e passaram a usar um vernáculo específico, variedade do romance. O fato de a chancelaria passar a usar o vernáculo ajudou a desenvolver um padrão escrito, com suas próprias regras.

Ainda assim, mesmo com o divórcio das línguas, elas não divergiram muito umas das outras, ou não o fizeram de uma vez só. Vamos supor que você começa seu trajeto ao norte da Romênia (a área de fala românica), na costa norte, e então chega ao sul por volta de 1200. Você passou pelo que agora é a Bélgica, pelo norte da França e depois pelo sul da França e Itália ou Espanha. À medida que você avança de um vilarejo a outro, de uma cidade a outra, a língua poderia mudar um pouco. A certa altura, se você comparasse o dialeto do sul da Espanha ou do sul da Itália com aquele no norte da França, você perceberia diferenças substanciais. Mas, se você comparasse um vilarejo com o próximo, eles seriam muito parecidos.

Os sotaques do romance ocidental formavam um continuum dialetal. Alguns dizem que isso continuou até a padronização dos sistemas educacionais nacionais nos séculos XIX e XX. Se prestarmos bastante atenção e fizermos aquela longa caminhada hoje em dia, a antiga unidade do latim ainda poderá ser percebida por nós, mesmo nos dias atuais.

Conclusão

O latim irrompeu para fora da Itália junto com o poder do Império Romano e com os próprios romanos, e se estabeleceu por todas as províncias ocidentais, das margens do Saara aos pântanos da Escócia e nas florestas da Alemanha. À medida que o Império Romano se fragmentou, também se fragmentou a unidade essencial do latim.

Da mesma forma que pessoas como você e eu fazemos escolhas todos os dias a respeito de que palavras usar, as pessoas desse período faziam o mesmo. Milhões dessas escolhas ao longo de centenas de anos transformaram o latim em espanhol, português, occitano, francês, valão, italiano, sardo, romeno e muitas outras línguas. Essas línguas não foram descendentes diretas de variedades regionais de latim, senão de algo diferente, que aconteceu depois do fim do Império romano, e a grande diversidade das línguas românicas é um reflexo disso.

Espero que você tenha gostado deste texto tanto quanto eu gostei de pesquisar sobre o assunto. É algo pelo que eu me interessava há muito tempo, e foi um prazer reunir tudo isso aqui.

Tabelas

Adjetivos

Adjetivos de 1ª classe

<i>bonus, a, um adj. bom</i>							
Singular	Masc.	Fem.	Neut.	Plural	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	bon-us	bon-a	bon-um	Nom.	bon-i	bon-ae	bon-a
Gen.	bon-i	bon-ae	bon-i	Gen.	bon-orum	bon-arum	bon-orum
Dat.	bon-o	bon-ae	bon-o	Dat.	bon-is	bon-is	bon-is
Ac.	bon-um	bon-am	bon-um	Ac.	bon-os	bon-as	bon-a
Abl.	bon-o	bon-a	bon-o	Abl.	bon-is	bon-is	bon-is
Voc.	bon-e	bon-a	bon-um	Voc.	bon-i	bon-ae	bon-a

Adjetivos de 2ª classe

<i>omnis, e adj. todo</i>							
Singular	Masc.	Fem.	Neut.	Plural	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	omn-is	omn-is	omn-e	Nom.	omn-es	omn-es	omn-ia
Gen.	omn-is	omn-is	omn-is	Gen.	omn-ium	omn-ium	omn-ium
Dat.	omn-i	omn-i	omn-i	Dat.	omn-ibus	omn-ibus	omn-ibus
Ac.	omn-em	omn-em	omn-e	Ac.	omn-is	omn-is	omn-ia
Abl.	omn-i	omn-i	omn-i	Abl.	omn-ibus	omn-ibus	omn-ibus
Voc.	omn-is	omn-is	omn-e	Voc.	omn-es	omn-es	omn-ia

Graus do adjetivo

Comparativo

Casos	Singular	Plural
nom.	clarior/clarius	clariores/clariora
gen.	clarioris	clariorum
acus.	clariorem/clarius	clariores/clariora
dat.	clariori	clarioribus
abl.	clariore	clarioribus

Superlativo

Positivo	Comparativo	Superlativo
clarus, clar-i	clarior, ius	clarissimus, a, um
fortis, fort-is	fortior, ius	fortissimus, a, um
sapiens, sapient-is	sapientior, ius	sapientissimus, a, um

audax, audac-is	audacior, ius	audacissimus, a, um
pulcher, pulchr-i	pulchr-ior, ius	pulcher-rimus, a, um
miser, miser-i	miser-ior, ius	miser-rimus, a, um
acer, acr-is	acr-ior, ius	acer-rimus, a, um
celer, celer-is	celer-ior, ius	celer-rimus, a, um

Advérbios

A formação de advérbios dá-se a partir dos três níveis dos adjetivos:

Ao radical dos adjetivos da 1a. classe acrescenta-se o sufixo -e: *clarus, a, um*; (advérbio) *clar-e*.

Aos adjetivos do grupo vocálico (-i-) da 2a. classe acrescenta-se o sufixo -iter: *gravis, e*; (Advérbio) *grau-iter*.

Aos adjetivos que têm o radical terminado em -nt, acrescenta-se o sufixo -er: *diligens, diligentis*; (Advérbio) *diligent-er*.

Pronomes

Pronomes possessivos

1a. Pessoa	2a. Pessoa	3a. Pessoa
<i>meus, mea, meum</i>	<i>tuus, tua, tuum</i>	<i>suus, sua, suum</i>
...
<i>noster, nostra, nostrum</i>	<i>uester, uestra, uestrum</i>	<i>sui, suae, sua</i>

Pronomes pessoais

Casos	1a. Pessoa	2a. Pessoa	3a. Pessoa	Casos	1a. Pessoa	2a. Pessoa
nom.	<i>ego</i>	Eu	<i>tu</i>	nom.	<i>ego</i>	Eu
gen.	<i>mei</i>	de mim	<i>tui</i>	gen.	<i>mei</i>	de mim
acus.	<i>me</i>	me	<i>te</i>	acus.	<i>me</i>	me
dat.	<i>mibi</i>	a mim	<i>tibi</i>	dat.	<i>mibi</i>	a mim
abl.	<i>a me/ mecum</i>	por mim/ comigo	<i>a te tecum</i>	abl.	<i>a me/ mecum</i>	por mim/ comigo
nom.	<i>nos</i>	nós	<i>uos</i>	nom.	<i>nos</i>	nós
gen.	<i>nostrum</i>	de nós/ dentre nós	<i>uestri/ uestrum</i>	gen.	<i>nostrum</i>	de nós/ dentre nós
acus.	<i>nos</i>	nos	<i>uos</i>	acus.	<i>nos</i>	nos

dat.	<i>nobis</i>	a nós	<i>uobis</i>	dat.	<i>nobis</i>	a nós
abl.	<i>a nobis/ nobiscum</i>	por nós/ conosco	<i>a uobis/ uobiscum</i>	abl.	<i>a nobis/ nobiscum</i>	por nós/ conosco

Pronomes relativos

casos	singular			plural		
	masc.	femin.	neutro	masc.	femin.	neutro
nom.	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quod</i>	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quae</i>
gen.	<i>cuius</i>	<i>cuius</i>	<i>cuius</i>	<i>quorum</i>	<i>quarum</i>	<i>quorum</i>
acus.	<i>quem</i>	<i>quam</i>	<i>quod</i>	<i>quos</i>	<i>quas</i>	<i>quae</i>
dat.	<i>cui</i>	<i>cui</i>	<i>cui</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>
abl.	<i>quo</i>	<i>qua</i>	<i>quo</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>

Pronomes interrogativos

a) *quis? quid?* (substantivo) - quem? o quê?; *qui? quae? quod?* (adjetivo) - qual? que?

		singular			plural		
		masc.	fem.	neutro	masc.	fem.	neutro
nom.	subst..	<i>quis</i>	<i>quis</i>	<i>quid</i>	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quae</i>
	adj.	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quod</i>			
ac.	subst..	<i>quem</i>	<i>quam</i>	<i>quid</i>	<i>quos</i>	<i>quas</i>	<i>quae</i>
	adj.			<i>quod</i>			
gen.			<i>cuius</i>		<i>quorum</i>	<i>quarum</i>	<i>quorum</i>
dat.			<i>cui</i>		<i>quibus (quis)</i>		
ab.		<i>quo</i>	<i>qua</i>	<i>quo</i>	<i>quibus (quis)</i>		

b) *uter* – quem, qual (dentre dois)?

nom.	<i>uter</i>	<i>utra</i>	<i>utrum</i>
gen.	<i>utrius</i>	<i>utrius</i>	<i>utrius</i>
acus.	<i>utrum</i>	<i>utram</i>	<i>utrum</i>
dat.	<i>utri</i>	<i>utri</i>	<i>utri</i>
abl.	<i>utro</i>	<i>utra</i>	<i>utro</i>

Pronomes demonstrativos

a) *hic, is e ille* – este, esse, aquele

	s.			pl.		
	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>hic</i>	<i>haec</i>	<i>hoc</i>	<i>h-i</i>	<i>h-ae</i>	<i>haec</i>
ac.	<i>hunc</i>	<i>hanc</i>	<i>hoc</i>	<i>h-os</i>	<i>h-as</i>	<i>haec</i>
gen.		<i>hu-ius</i>		<i>h-orum</i>	<i>h-arum</i>	<i>h-orum</i>

dat.	<i>huic</i>			<i>h-is</i>		
abl.	<i>hoc</i>	<i>hac</i>	<i>hoc</i>	<i>h-is</i>		
	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>is</i>	<i>e-a</i>	<i>id</i>	<i>e-i</i>	<i>e-ae</i>	<i>e-a</i>
ac.	<i>e-um</i>	<i>e-am</i>	<i>id</i>	<i>e-os</i>	<i>e-as</i>	<i>e-a</i>
gen.	<i>e-ius</i>			<i>e-orum</i>	<i>e-arum</i>	<i>e-orum</i>
dat.	<i>e-i</i>			<i>e-is</i>		
abl.	<i>e-o</i>	<i>e-a</i>	<i>e-o</i>	<i>e-is</i>		
nom.	<i>ill-e</i>	<i>ill-a</i>	<i>ill-ud</i>	<i>ill-i</i>	<i>ill-ae</i>	<i>ill-a</i>
ac.	<i>ill-um</i>	<i>ill-am</i>	<i>ill-ud</i>	<i>ill-os</i>	<i>ill-as</i>	<i>null-a</i>
gen.	<i>ill-ius</i>			<i>ill-orum</i>	<i>ill-arum</i>	<i>ill-orum</i>
dat.	<i>ill-i</i>			<i>ill-is</i>		
abl.	<i>ill-o</i>	<i>ill-a</i>	<i>ill-o</i>	<i>ill-is</i>		

b) *idem* – o mesmo

	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>i-dem</i>	<i>ea-dem</i>	<i>i-dem</i>	<i>ei-dem</i>	<i>eae-dem</i>	<i>ea-dem</i>
ac.	<i>eun-dem</i>	<i>ean-dem</i>	<i>i-dem</i>	<i>eos-dem</i>	<i>eas-dem</i>	<i>ea-dem</i>
gen.	<i>eius-dem</i>			<i>eorun-dem</i>	<i>earun-dem</i>	<i>eorun-dem</i>
dat.	<i>ei-dem</i>			<i>eis-dem</i>		
abl.	<i>eo-dem</i>	<i>ea-dem</i>	<i>eo-dem</i>	<i>eis-dem</i>		

c) *ipse* – o mesmo, o próprio

	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>ipse</i>	<i>ipsa</i>	<i>ipsum</i>	<i>ipsi</i>	<i>ipsae</i>	<i>ipsa</i>
ac.	<i>ipsum</i>	<i>ipsam</i>	<i>ipsum</i>	<i>ipsos</i>	<i>ipsas</i>	<i>ipsa</i>
gen.	<i>ipsius</i>			<i>ipsorum</i>	<i>ipsarum</i>	<i>ipsorum</i>
dat.	<i>ipsi</i>			<i>ipsis</i>		
abl.	<i>ipso</i>	<i>ipsa</i>	<i>ipso</i>	<i>ipsis</i>		

d) *iste* – esse, este

	m.	f.	n.	m.	f.	n.
nom.	<i>iste</i>	<i>ista</i>	<i>istud</i>	<i>isti</i>	<i>istae</i>	<i>ista</i>
ac.	<i>istum</i>	<i>istam</i>	<i>istud</i>	<i>istos</i>	<i>istas</i>	<i>ista</i>
gen.	<i>istius</i>			<i>istorum</i>	<i>istarum</i>	<i>istorum</i>
dat.	<i>isti</i>			<i>istis</i>		
abl.	<i>isto</i>	<i>ista</i>	<i>isso</i>	<i>istis</i>		

Pronomes indefinidos

a) *quidam, quaedam, quiddam (quodam)* – certo, um, algum

casos	singular			plural		
	masc.	femin.	neutro	masc.	femin.	neutro
nom.	<i>quidam</i>	<i>quaedam</i>	<i>quiddam</i>	<i>quidam</i>	<i>quaedam</i>	<i>quaedam</i>
gen.	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>cuiusdam</i>	<i>quorundam</i>
acus.	<i>quendam</i>	<i>quandam</i>	<i>quiddam</i>	<i>quendam</i>	<i>quandam</i>	<i>quaedam</i>
dat.	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>cuidam</i>	<i>quibusdam</i>
abl.	<i>quodam</i>	<i>quadam</i>	<i>quodam</i>	<i>quodam</i>	<i>quadam</i>	<i>quibusdam</i>

b) *alius, alia, aliud* – outro, outra, outro

casos	singular			plural		
	masc.	femin.	neutro	masc.	femin.	neutro
nom.	<i>alius</i>	<i>alia</i>	<i>aliud</i>	<i>alii</i>	<i>aliae</i>	<i>alia</i>
gen.	<i>alius</i>	<i>alius</i>	<i>alius</i>	<i>aliorum</i>	<i>aliarum</i>	<i>aliorum</i>
acus.	<i>alium</i>	<i>aliam</i>	<i>alid</i>	<i>alios</i>	<i>alias</i>	<i>alia</i>
dat.	<i>alii</i>	<i>alii</i>	<i>alii</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>
abl.	<i>alio</i>	<i>alia</i>	<i>alio</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>	<i>aliis</i>

aliquis, aliqua, aliquid (substantivo) – algum, alguma, alguém, algo, alguma coisa; *aliqui, aliqua, aliquod* (adjetivo) – algum, alguma, algo

		singular			plural		
		masc.	fem.	neutro	masc.	fem.	neutro
nom.	subst..	<i>aliquis</i>	<i>aliquis</i>	<i>aliquid</i>	<i>aliqui</i>	<i>aliquae</i>	<i>aliquae</i>
	adj.	<i>aliqui</i>	<i>aliquae</i>	<i>aliquod</i>			
ac.	subst..	<i>aliquem</i>	<i>aliquam</i>	<i>aliquid</i>	<i>aliquos</i>	<i>aliquas</i>	<i>aliquae</i>
	adj.			<i>aliquod</i>			
gen.			<i>alicuius</i>		<i>aliquorum</i>	<i>aliquarum</i>	<i>aliquorum</i>
dat.			<i>alicui</i>		<i>aliquibus (aliquis)</i>		
ab.		<i>aliquo</i>	<i>aliqua</i>	<i>aliquo</i>	<i>aliquibus (aliquis)</i>		

d) *Nemo* ninguém, nenhuma pessoa. *Nihil* nada, nenhuma coisa

nom.	<i>nemo</i>	ninguém	<i>nihil</i>	nada
gen.	<i>neminis</i>	de ninguém	<i>nibili (nullius rei)</i>	de nada
acus.	<i>neminem</i>	ninguém	<i>nihil</i>	nada
dat.	<i>nemini</i>	a ninguém	<i>nulli rei</i>	ao nada
abl.	<i>nullo (nemine)</i>	com ninguém	<i>nibilo (nulla re)</i>	por nada
voc.	<i>nemo</i>	ninguém	<i>nihil</i>	nada

Preposições

Preposições que só e sempre exigem o **acusativo**:

1. Ad	a, para, até, junto de, ao pé de, conforme, a respeito de
2. Adversus	contra, em frente de, para com

3. Ante	antes (de), diante de, em frente de, perante, mais que, de preferência a
4. Apud	junto de, em, em casa de, entre, diante de; (refere-se geralmente a pessoas)
5. Cis	aquém de, do lado de cá, para o lado de cá; (geralmente não há contato imediato entre os objetos); igual a circa.
6. Circum	em volta de, cerca de, ao redor de; igual a circa.
7. Contra	contra, defronte a, em frente de; (empregado em sentido hostil)
8. Erga	para com; (exprime sentimento benévolo)
9. Extra	fora de, para fora de, exceto, sem
10. Infra	abaixo de, debaixo de, posterior, depois de
11. Inter	entre, por entre, durante, dentre, no meio de
12. Intra	dentro de, para dentro de, em, durante, em menos de
13. Iuxta	junto de, ao lado de, conforme, bem perto de
14. Ob	diante de, por causa de, de encontro a
15. Penes	em posse de, em poder de, junto de, nas mãos de
16. Per	através de, durante, por, por causa de, por meio de, à força
17. Post	atrás de, depois de, após
18. Praeter	ao longo de, junto a, além de, exceto, diante de, ao lado de, contra
19. Prope	perto de, junto a
20. Propter	perto de, por causa de
21. Secundum	ao longo de, conforme, segundo, depois de, imediatamente depois
22. Supra	acima de, sobre, por cima de, além de, antes, mais de
23. Trans	para lá de, do outro lado de, para além de; (há contato imediato entre os objetos)
24. Ultra	para lá de, para além de, mais de; (não há contato imediato entre os objetos)
25. Super	sobre, por cima de; (há contato imediato entre os objetos; raramente a preposição super é encontrada com o ablativo, significando: sobre, acerca de, em cima de, durante)
26. Versus	para, em direção a; (empregado em combinação com a preposição in ou ad, as quais precedem ao substantivo, enquanto versus se lhe pospõe)

Preposições que só e sempre exigem o **ablativo**:

1. A, Ab, Abs	distante de, de, desde, por ao lado de, a favor de, da proximidade de, da parte de, dentre, contra
2. Coram	perante, em presença de
3. Cum	com, em companhia de, em união com, contra, para, ao mesmo tempo que
4. De	do alto de, durante, de, acerca de, sobre, por causa de, a respeito de, segundo, conforme
5. E, Ex	acerca de, de, de dentro de, para fora de, de cima de, da parte de, segundo, desde, conforme, dentre, em consequência de, a bem de, em virtude de
6. Prae	diante de, por causa de, em comparação de; (antes de verbos que exprimem movimento)
7. Pro	diante de, a favor de, em frente a, em lugar de, por, conforme, em vez de, em proporção a

8. Sine	sem
9. Tenus	até; (algumas poucas vezes é encontrada com o genitivo)

Preposições que ora pedem o **acusativo** (com movimento e destino de chegada) ora, o **ablativo** (sem movimento):

	Ablativo	Acusativo
1. In	em, dentro, sob, sobre, durante	para, para com, a, contra, segundo
2. Sub	sob, debaixo de, ao pé de, por, pelo tempo de	sob, debaixo de, por, imediatamente ante de/depois de

Conjugações verbais

Verbo *sum*

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	sum <i>sou</i> es est sumus estis sunt	sim <i>seja</i> sis sit simus sitis sint
Pretérito Imperfeito	eram <i>era</i> eras erat eramus eratis erant	essem <i>fosse, seria</i> esses esset essemus essetis essent
Futuro do Presente	ero <i>serei (for)</i> eris erit erimus eritis erunt	
Pretérito Perfeito	fui <i>fui, tenbo sido</i> fuisti fuit fuimus fuistis fuerunt	fuerim <i>tenha sido</i> fueris fuerit fuerimus fueristis fuerint
Pretérito Mais-que-Perfeito	fueram <i>fôra, tinba</i> fueras <i>sido</i> fuerat fueraimus fueratis fuerant	fuissem <i>tivesse sido,</i> fuissets <i>teria sido</i> fuisset fuissemus fuissetis fuisissent
Futuro do pretérito	fuero <i>tereí sido (tiver</i> fueris <i>sido)</i> fuerit fuerimus fueritis fuerint	

Imperativo	Presente	Futuro
	es <i>sê</i> este <i>sede</i>	esto <i>sê, seja ele</i> estote <i>sede</i> sunto <i>sejam eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio
Presente Pretérito Futuro	esse <i>ser</i> fuisse <i>ter sido</i> futurum, am, um esse futuros, as, a esse <i>haver de ser</i>	futurus, a, um <i>que será, futuro</i>

Verbos ativos regulares: 1ª conjugação (tema em a)

Ativa

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	laud-o <i>louvo</i> lauda-s lauda-t lauda-mus lauda-tis lauda-nt	laud-e-m <i>louve</i> laud-e-s laud-e-s laud-e-mus laud-e-tis laud-e-nt
Pretérito Imperfeito	lauda-ba-m <i>louvava</i> lauda-ba-s lauda-ba-t lauda-ba-mus lauda-ba-tis lauda-ba-nt	lauda-re-m <i>louvasse,</i> lauda-re-s <i>louvaria</i> lauda-re-t lauda-re-mus lauda-re-tis lauda-re-nt
Futuro do Presente	lauda-b-o <i>louvarei</i> lauda-bi-s lauda-bi-t lauda-bi-mus lauda-bi-tis lauda-bu-nt	
Pretérito Perfeito	laudau-i <i>louvei, tenbo</i> laudau-isti <i>louvado</i> laudau-i-t laudau-i-mus laudau-is-tis laudau-eru-nt	laudau-eri-m <i>tenba</i> laudau-eri-s <i>louvado</i> laudau-eri-t laudau-eri-mus laudau-eri-tis laudau-eri-nt
Pretérito Mais-que-Perfeito	laudau-era-m <i>louvava,</i> laudau-era-s <i>tinha</i> laudau-era-t <i>louvado</i> laudau-era-mus laudau-era-tis laudau-era-nt	laudau-isse-m <i>tivesse</i> laudau-isse-s <i>(teria)</i> laudau-isse-t <i>louvado</i> laudau-isse-mus laudau-isse-tis laudau-isse-nt
Futuro do pretérito	laudau-er-o <i>tereí (tiver)</i> laudau-eri-s <i>louvado</i> laudau-eri-t laudau-eri-mus laudau-eri-tis laudau-eri-nt	
Imperativo	Presente lauda <i>louva</i> lauda-te <i>louvai</i>	Futuro lauda-to <i>louva, louve ele</i> lauda-tote <i>louvai</i> lauda-nto <i>louvem eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	<i>Infinitivo</i>	<i>Particípio</i>
Presente Prétérito Futuro	laudau-re <i>louvar</i> laudau-isse <i>ter louvado</i> laudau-tur-um, am, um; os, as, a esse <i>haver de louvar</i>	laudau-ns, ntis <i>louvando</i> ----- laudau-tur-us, a, um <i>que louvará, que vai louvar, que está para louvar</i>
	Gerúndio ----- gen. lauda-nd-i <i>do louvar</i> dat. lauda-nd-o <i>ao louvar</i> ac. ad lauda-nd-um <i>para o louvar</i> abl. lauda-nd-o <i>pelo louvar</i>	Supino 1. lauda-tum <i>para louvar</i> 2. lauda-tu <i>para louvar</i>

Passiva

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	laud-o-r <i>son louvado</i> lauda-ris lauda-tur lauda-mur lauda-mini lauda-ntur	laud-e-r <i>seja louvado</i> laud-e-ris laud-e-tur laud-e-mur laud-e-mini laud-e-ntur
Pretérito Imperfeito	lauda-ba-r <i>era louvado</i> lauda-ba-ris lauda-ba-tur lauda-ba-mur lauda-ba-mini lauda-ba-ntur	lauda-re-r <i>fosse (seria)</i> laud-re-ris <i>louvado</i> laud-re-tur laud-re-mur laud-re-mini laud-re-ntur
Futuro do Presente	lauda-bo-r <i>serei (for)</i> laud-be-ris <i>louvado</i> laud-bi-tur laud-bi-mur laud-bi-mini laud-bu-ntur	
Pretérito Perfeito	<i>fui louvado, tenbo sido louvado</i> laudat-us, {sum a, um es est laudat-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba sido louvado</i> laudat-us, {sim a, um sis sit laudat-i, {simus ae, a sitis sint
Pretérito Mais-que-Perfeito	<i>fora louvado, tinba sido louvado</i> laudat-us, {eram a, um eras erat laudat-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) sido louvado</i> laudat-us, {essem a, um esses esset laudat-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do pretérito	<i>terei sido louvado</i> laudat-us, {ero a, um eris erit laudat-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo (pouco usado)	lauda-re <i>sê louvado</i> lauda-mini <i>sede louvados</i>	lauda-tor <i>sê louvado, seja ele louvado</i> lauda-ntor <i>sejam eles louvado</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	lauda-ri <i>ser louvado</i>		laud-nd-us, a, um <i>que deve ser louvado</i>
Pretérito	laudat-um, am, um; os, as, a <i>esse ter</i> <i>sido louvado</i>	laudat-us, a, um <i>louvado</i>	
Futuro	laudat-um iri <i>haver de ser louvado</i>		

Verbos ativos regulares: 2ª conjugação (tema em e)

Ativa

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	dele-o <i>destruo</i> dele-s dele-t dele-mus dele-tis dele-nt	dele-a-m <i>destrua</i> dele-a-s dele-a-t dele-a-mus dele-a-tis dele-a-nt
Pretérito Imperfeito	dele-ba-m <i>destruía</i> dele-ba-s dele-ba-t dele-ba-mus dele-ba-tis dele-ba-nt	dele-re-m <i>destruísse,</i> dele-re-s <i>destruísse</i> dele-re-t dele-re-mus dele-re-tis dele-re-nt
Futuro do Presente	dele-b-o <i>destruirei</i> dele-bi-s dele-bi-t dele-bi-mus dele-bi-tis dele-bu-nt	
Pretérito Perfeito	deleu-i <i>destruí, tenbo</i> deleu-isti <i>destruído</i> deleu-it deleu-imus deleu-istis deleu-erunt	deleu-eri-m <i>tenba</i> deleu-eri-s <i>destruído</i> deleu-eri-t deleu-eri-mus deleu-eri-tis deleu-eri-nt
Pretérito Mais-que-Perfeito	deleu-era-m <i>destruía,</i> deleu-era-s <i>tinba</i> deleu-era-t <i>destruído</i> deleu-era-mus deleu-era-tis deleu-era-nt	deleu-isse-m <i>tivesse</i> deleu-isse-s <i>(teria)</i> deleu-isse-t <i>destruído</i> deleu-isse-mus deleu-isse-tis deleu-isse-nt
Futuro do pretérito	deleu-er-o <i>tereí (tiver)</i> deleu-eri-s <i>destruído</i> deleu-eri-t deleu-eri-mus deleu-eri-tis deleu-eri-nt	
Imperativo	Presente dele <i>destrói</i> dele-te <i>destruí</i>	Futuro dele-to <i>destrói,</i> <i>destrua ele</i> dele-tote <i>destruí</i> dele-nto <i>destruam eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	<i>Infinitivo</i>	<i>Particípio</i>
Presente Pretérito Futuro	dele-re <i>destruír</i> deleu-isse <i>ter destruído</i> dele-tur-um, am, um; os, as, a esse <i>haver de destruír</i> Gerúndio ----- gen. dele-nd-i <i>do destruír</i> dat. dele-nd-o <i>ao destruír</i> ac. ad dele-nd-um <i>para o destruír</i> abl. dele-nd-o <i>pelo destruír</i>	dele-ns, ntis <i>destruindo</i> ----- dele-tur-us, a, um <i>que destruírá, que vai destruír, que está para destruír</i> Supino 1. dele-tum <i>para destruír</i> 2. dele-tu <i>para destruír</i>

Passiva

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	dele-o-r <i>sou destruído</i> dele-ris dele-tur dele-mur dele-mini dele-ntur	dele-a-r <i>seja destruído</i> dele-a-ris dele-a-tur dele-a-mur dele-a-mini dele-a-ntur
Pretérito Imperfeito	dele-ba-r <i>era destruído</i> dele-ba-ris dele-ba-tur dele-ba-mur dele-ba-mini dele-ba-ntur	dele-re-r <i>fosse (seria)</i> dele-re-ris <i>destruído</i> dele-re-tur dele-re-mur dele-re-mini dele-re-ntur
Futuro do Presente	dele-bo-r <i>serei (for)</i> dele-be-ris <i>destruído</i> dele-bi-tur dele-bi-mur dele-bi-mini dele-bu-ntur	
Pretérito Perfeito	<i>fui destruído, tenbo sido destruído</i> delet-us, {sum a, um es est delet-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba sido destruído</i> delet-us, {sim a, um sis sit delet-i, {simus ae, a sitis sint
Pretérito Mais-que -Perfeito	<i>fora destruído, tinba sido destruído</i> delet-us, {eram a, um eras erat delet-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) sido destruído</i> delet-us, {essem a, um esses esset delet-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do pretérito	<i>tereí sido destruído</i> delet-us, {ero a, um eris erit delet-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo (pouco usado)	dele-re <i>sê destruído</i> dele-mini <i>sede destruídos</i>	dele-tor <i>sê destruído, seja ele destruído</i> dele-ntor <i>sejam eles destruídos</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	dele-ri <i>ser destruído</i>		dele-nd-us, a, um <i>que deve ser destruído</i>
Pretérito	delet-um, am, um; os, as, a <i>esse ter</i> <i>sido destruído</i>	delet-us, a, um <i>destruído</i>	
Futuro	delet-um iri <i>haver de ser destruído</i>		

Verbos ativos regulares: 3ª conjugação (tema consonantal)

Ativa

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	leg-o <i>leio</i> leg-i-s leg-i-t leg-i-mus leg-i-tis leg-u-nt	leg-a-m <i>leia</i> leg-a-s leg-a-t leg-a-mus leg-a-tis leg-a-nt
Pretérito Imperfeito	leg-e-ba-m <i>lia</i> leg-e-ba-s leg-e-ba-t leg-e-ba-mus leg-e-ba-tis leg-e-ba-nt	leg-e-re-m <i>lesse, leria</i> leg-e-re-s leg-e-re-t leg-e-re-mus leg-e-re-tis leg-e-re-nt
Futuro do Presente	leg-a-m <i>lerei (eu ler)</i> leg-e-s leg-e-t leg-e-mus leg-e-tis leg-e-nt	
Pretérito Perfeito	leg-i <i>li, tenbo lido</i> leg-isti leg-it leg-imus leg-istis leg-erunt	leg-eri-m <i>tenba lido</i> leg-eri-s leg-eri-t leg-eri-mus legeritis legerint
Pretérito Mais-que-Perfeito	leg-er-a-m <i>lera, tinba lido</i> leg-er-a-s leg-er-a-t leg-er-a-mus leg-er-a-tis leg-er-a-nt	leg-isse-m <i>tivesse (teria)</i> leg-isse-s <i>lido</i> leg-isse-t leg-isse-mus leg-isse-tis leg-isse-nt
Futuro do pretérito	leg-er-o <i>tereí (tiver) lido</i> leg-er-i-s leg-er-i-t leg-er-i-mus leg-er-i-tis leg-er-i-nt	
Imperativo	Presente leg-e <i>lê</i> leg-i-te <i>lede</i>	Futuro leg-i-to <i>lê, leia ele</i> leg-i-tote <i>lede</i> leg-u-nto <i>leiam eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	<i>Infinitivo</i>	<i>Particípio</i>
Presente	leg-ere <i>ler</i>	leg-e-ns, ntis <i>lendo</i>
Pretérito	leg-isse <i>ter lido</i>	-----
Futuro	lec-tur-um, am, um; os, as, a esse <i>haver de ler</i>	lec-tur-us, a, um <i>que lerá, que vai ler, que está para ler</i>
Gerúndio	-----	Supino
	gen. leg-e-nd-i <i>do ler</i> dat. leg-e-nd-o <i>ao ler</i> ac. ad leg-e-nd-um <i>para o ler</i> abl. leg-e-nd-o <i>pelo ler</i>	1. lec-tum <i>para ler</i> 2. lec-tu <i>para ler</i>

Passiva

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	leg-o-r <i>sou lido</i> leg-e-ris leg-i-tur leg-i-mur leg-i-mini leg-u-ntur	leg-a-r <i>seja lido</i> leg-a-ris leg-a-tur leg-a-mur leg-a-mini leg-a-ntur
Pretérito Imperfeito	leg-e-ba-r <i>era lido</i> leg-e-ba-ris leg-e-ba-tur leg-e-ba-mur leg-e-ba-mini leg-e-ba-ntur	leg-e-re-r <i>fosse (seria) lido</i> leg-e-re-ris leg-e-re-tur leg-e-re-mur leg-e-re-mini leg-e-re-ntur
Futuro do Presente	leg-a-r <i>serei (for) lido</i> leg-e-ris leg-e-tur leg-e-mur leg-e-mini leg-e-ntur	
Pretérito Perfeito	<i>fui lido, tenbo sido lido</i> lect-us, {sum a, um es est lect-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba sido lido</i> lect-us, {sim a, um sis sit lect-i, {simus ae, a sitis sint
Pretérito Mais-que-Perfeito	<i>fora lido, tinba sido lido</i> lect-us, {eram a, um eras erat lect-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) sido lido</i> lect-us, {essem a, um esses esset lect-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do pretérito	<i>terei sido lido</i> lect-us, {ero a, um eris erit lect-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo (pouco usado)	leg-e-re <i>sê lido</i> leg-imini <i>sede lidos</i>	leg-i-tor <i>sê lido, seja ele lido</i> leg-u-ntor <i>sejam eles lidos</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	leg-i <i>ser lido</i>		leg-e-nd-us, a, um <i>que deve ser lido</i>
Pretérito	lect-um, am, um; os, as, a esse <i>ter sido lido</i>	lect-us, a, um <i>lido</i>	
Futuro	lectum iri <i>baver de ser lido</i>		

Verbos ativos regulares: 4ª conjugação (tema em i)

Ativa

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	audi-o <i>ouço</i> audi-s audi-t audi-mus audi-tis audi-u-nt	audi-a-m <i>ouça</i> audi-a-s audi-a-t audi-a-mus audi-a-tis audi-a-nt
Preterito Imperfeito	audi-e-ba-m <i>ouvia</i> audi-e-ba-s audi-e-ba-t audi-e-ba-mus audi-e-ba-tis audi-e-ba-nt	audi-re-m <i>ouvisse,</i> audi-re-s <i>(ouviria)</i> audi-re-t audi-re-mus audi-re-tis audi-re-nt
Futuro do Presente	audi-a-m <i>ouverei</i> audi-e-s audi-e-t audi-e-mus audi-e-tis audi-e-nt	
Preterito Perfeito	audiu-i <i>ouvi, tenbo</i> audiu-isti <i>ouvido</i> audiu-it audiu-imus audiu-istis audiu-erunt	audiu-eri-m <i>tenba ouvido</i> audiu-eri-s audiu-eri-t audiu-eri-mus audiu-eri-tis audiu-eri-nt
Preterito Mais-que-Perfeito	audiu-era-m <i>ouvia, tinba</i> audiu-era-s <i>ouvido</i> audiu-era-t audiu-era-mus audiu-era-tis audiu-era-nt	audiu-isse-m <i>tivesse</i> audiu-isse-s <i>(teria)</i> audiu-isse-t <i>ouvido</i> audiu-isse-mus audiu-isse-tis audiu-isse-nt
Futuro do preterito	audiu-er-o <i>tereí (tiver)</i> audiu-eri-s <i>ouvido</i> audiu-eri-t audiu-eri-mus audiu-eri-tis audiu-eri-nt	
	Presente	Futuro
Imperativo	audi <i>ouve</i> audi-te <i>ouvi</i>	audi-to <i>ouve, ouça ele</i> audi-tote <i>ouvi</i> audi-u-nto <i>ouçam eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	<i>Infinitivo</i>	<i>Particípio</i>
Presente	audi-re <i>lowir</i>	audi-e-ns, ntis <i>ouvindo</i>
Preterito	audiu-isse <i>ter ouvido</i>	-----
Futuro	audi-tur-um, am, um; os, as, a esse <i>haver de ouvir</i>	audi-tur-us, a, um <i>que ouvirá, que vai</i> <i>ouvir, que está para ouvir</i>
	Gerúndio	Supino

	gen. audi-e-nd-i <i>do ouvir</i>	1. audi-tum <i>para ouvir</i>
	dat. audi-e-nd-o <i>ao ouvir</i>	2. audi-tu <i>para ouvir</i>
	ac. ad audi-e-nd-um <i>para o ouvir</i>	
	abl. audi-e-nd-o <i>pelo ouvir</i>	

Passiva

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	audi-o-r <i>sou ouvido</i> audi-ris audi-tur audi-mur audi-mini audi-u-ntur	audi-a-r <i>seja ouvido</i> audi-a-ris audi-a-tur audi-a-mur audi-a-mini audi-a-ntur
Pretérito Imperfeito	audi-e-ba-r <i>era ouvido</i> audi-e-ba-ris audi-e-ba-tur audi-e-ba-mur audi-e-ba-mini audi-e-ba-ntur	audi-re-r <i>fosse (seria)</i> audi-re-ris <i>ouvido</i> audi-re-tur audi-re-mur audi-re-mini audi-re-ntur
Futuro do Presente	audi-a-r <i>serei (for)</i> audi-e-ris <i>ouvido</i> audi-e-tur audi-e-mur audi-e-mini audi-e-ntur	
Pretérito Perfeito	<i>fui ouvido, tenbo sido ouvido</i> audit-us, {sum a, um es est audit-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba sido ouvido</i> audit-us, {sim a, um sis sit audit-i, {simus ae, a sitis sint
Pretérito Mais-que-Perfeito	<i>fora lido, tinba sido ouvido</i> audit-us, {eram a, um eras erat audit-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) sido ouvido</i> audit-us, {essem a, um esses esset audit-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do pretérito	<i>tereí sido ouvido</i> audit-us, {ero a, um eris erit audit-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo (pouco usado)	audi-re <i>sê ouvido</i> audi-mini <i>sede ouvidos</i>	audi-tor <i>sê ouvido, seja ele ouvido</i> audi-u-ntor <i>sejam eles ouvidos</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	audi-ri <i>ser ouvido</i>		audi-e-nd-us, a, um <i>que deve ser ouvido</i>
Pretérito	audit-um, am, um; os, as, a <i>esse ter</i> <i>sido ouvido</i>	audit-us, a, um <i>ouvido</i>	
Futuro	auditum iri <i>haver de ser ouvido</i>		

Depoentes: 1ª conjugação (tema em a)

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	min-o-r <i>ameaço</i> mina-ris mina-tur mina-mur mina-mini mina-ntur	min-e-r <i>que eu ameace</i> min-e-ris min-e-tur min-e-mur min-e-mini min-e-ntur
Preterito Imperfeito	mina-ba-r <i>ameaçava</i> mina-ba-ris mina-ba-tur mina-ba-mur mina-ba-mini mina-ba-ntur	mina-re-r <i>se eu ameaçasse</i> mina-re-ris mina-re-tur mina-re-mur mina-re-mini mina-re-ntur
Futuro do Presente	mina-bo-r <i>ameaçarei</i> mina-be-ris mina-bi-tur mina-bi-mur mina-bi-mini mina-bu-ntur	
Preterito Perfeito	<i>ameacei, tenho ameaçado</i> minat-us, {sum a, um es est minat-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba ameaçado</i> minat-us, {sim a, um sis sit minat-i, {simus ae, a sitis sint
Preterito Mais-que-Perfeito	<i>ameaçara, tinha ameaçado</i> minat-us, {eram a, um eras erat minat-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) ameaçado</i> minat-us, {essem a, um esses esset minat-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do preterito	<i>tiver (terei) ameaçado</i> minat-us, {ero a, um eris erit minat-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo	mina-re <i>ameaçá!</i> mina-mini <i>ameaçai!</i>	mina-tor <i>ameaçá!</i> mina-ntor <i>ameaçem!</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	mina-ri <i>ameaçar</i>	mina-ns, mina-ntis <i>que</i>	mina-nd-us, a, um <i>que deve ser</i>
Preterito	minat-us, a, um esse <i>ter ameaçado</i>	<i>ameaçá</i> minat-us, a, um <i>ameaçado</i>	<i>ameaçado</i>
Futuro	minat-urus, a, um esse <i>haver de ameaçar</i>		

Depoentes: 2ª conjugação (tema em e)

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	pollice-o-r <i>prometo</i> pollice-ris pollice-tur pollice-mur pollice-mini pollice-ntur	pollice-a-r <i>que eu prometa</i> pollice-a-ris pollice-a-tur pollice-a-mur pollice-a-mini pollice-a-ntur
Prétérito Imperfeito	pollice-ba-r <i>prometia</i> pollice-ba-ris pollice-ba-tur pollice-ba-mur pollice-ba-mini pollice-ba-ntur	pollice-re-r <i>se eu promettesse</i> pollice-re-ris pollice-re-tur pollice-re-mur pollice-re-mini pollice-re-ntur
Futuro do Presente	pollice-bo-r <i>prometerei</i> pollice-be-ris pollice-bi-tur pollice-bi-mur pollice-bi-mini pollice-bu-ntur	
Prétérito Perfeito	<i>prometi, tenho prometido</i> pollicit-us, {sum a, um es est pollicit-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba prometido</i> pollicit-us, {sim a, um sis sit pollicit-i, {simus ae, a sitis sint
Prétérito Mais-que –Perfeito	<i>prometera, tinha prometido</i> pollicit-us, {eram a, um eras erat pollicit-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) prometido</i> pollicit-us, {essem a, um esses esset pollicit-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do pretérito	<i>tereí prometido</i> pollicit-us, {ero a, um eris erit pollicit-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo	pollice-re <i>promete!</i> pollice-mini <i>prometei!</i>	pollice-tor <i>promete!</i> pollice-ntor <i>prometam!</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	pollice-ri <i>prometer</i>	pollice-ns, pollice-ntis	pollice-nd-us, a, um <i>que deve ser prometido</i>
Prétérito	pollicit-us, a, um esse <i>ter prometido</i>	<i>que promete</i> pollicit-us, a, um <i>prometido</i>	
Futuro	pollicit-urus, a, um esse <i>haber de prometer</i>		

Depoentes: 3ª conjugação (tema consonantal)

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	loqu-o-r <i>falo</i> loqu-e-ris loqu-i-tur loqu-i-mur loqu-i-mini loqu-u-ntur	loqu-a-r <i>que eu fale</i> loqu-a-ris loqu-a-tur loqu-a-mur loqu-a-mini loqu-a-ntur
Pretérito Imperfeito	loqu-e-ba-r <i>falava</i> loqu-e-ba-ris loqu-e-ba-tur loqu-e-ba-mur loqu-e-ba-mini loqu-e-ba-ntur	loqu-e-re-r <i>se eu falasse</i> loqu-e-re-ris loqu-e-re-tur loqu-e-re-mur loqu-e-re-mini loqu-e-re-ntur
Futuro do Presente	loqu-a-r <i>falarei</i> loqu-e-ris loqu-e-tur loqu-e-mur loqu-e-mini loqu-e-ntur	
Pretérito Perfeito	<i>falei, tenbo falado</i> locut-us, {sum a, um es est locut-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba falado</i> locut-us, {sim a, um sis sit locut-i, {simus ae, a sitis sint
Pretérito Mais-que-Perfeito	<i>falarao, tinba falado</i> locut-us, {eram a, um eras erat locut-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) falado</i> locut-us, {essem a, um esses esset locut-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do pretérito	<i>tereí (tiver) falado</i> locut-us, {ero a, um eris erit locut-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo (pouco usado)	loqu-e-re <i>fala!</i> loqu-i-mini <i>falai!</i>	loqu-i-tor <i>sê lido, seja ele lido</i> loqu-u-ntor <i>sejam eles lidos</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	loqu-i <i>falar</i>	loqu-e-ns, loqu-e-ntis <i>que fala</i>	loqu-e-nd-us, a, um <i>que deve ser falado</i>
Pretérito	locut-us, a, um esse <i>ter falado</i>	locut-us, a, um <i>falado</i>	
Futuro	locut-urus, a, um esse <i>haver de falar</i>		

Depoentes: 4ª conjugação (tema em i)

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	menti-o-r <i>mento</i> menti-ris menti-tur menti-mur menti-mini menti-u-ntur	menti-a-r <i>eu minta</i> menti-a-ris menti-a-tur menti-a-mur menti-a-mini menti-a-ntur
Preterito Imperfeito	menti-e-ba-r <i>mentia</i> menti-e-ba-ris menti-e-ba-tur menti-e-ba-mur menti-e-ba-mini menti-e-ba-ntur	menti-re-r <i>eu mentisse</i> menti-re-ris menti-re-tur menti-re-mur menti-re-mini menti-re-ntur
Futuro do Presente	menti-a-r <i>mentirei</i> menti-e-ris menti-e-tur menti-e-mur menti-e-mini menti-e-ntur	
Preterito Perfeito	<i>menti, tenbo mentido</i> mentit-us, {sum a, um es est mentit-i, {sumus ae, a estis sunt	<i>tenba mentido</i> mentit-us, {sim a, um sis sit mentit-i, {simus ae, a sitis sint
Preterito Mais-que-Perfeito	<i>mentira, tinba mentido</i> mentit-us, {eram a, um eras erat mentit-i, {eramus ae, a eratis erant	<i>tivesse (teria) mentido</i> mentit-us, {essem a, um esses esset mentit-i, {essemus ae, a essetis essent
Futuro do preterito	<i>terei mentido</i> mentit-us, {ero a, um eris erit mentit-i, {erimus ae, a eritis erunt	
	Presente	Futuro
Imperativo	menti-re <i>mente!</i> menti-mini <i>menti!</i>	menti-tor <i>mente! minta!</i> menti-u-ntor <i>mintam!</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Participio	Gerundivo
Presente	menti-ri <i>mentir</i>		menti-e-nd-us, a, um <i>que deve ser mentido</i>
Preterito	mentit-us, a, um esse <i>ter mentido</i> mentit-urus, a, um esse <i>haver de mentir</i>	mentit-us, a, um <i>mentido</i>	
Futuro			

Verbos irregulares

Verbo possum

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	pos-sum <i>eu posso</i> pot-es pot-est pos-sumus pot-estis pos-sunt	pos-sim <i>ei possa</i> pos-sis pos-sit pos-simus pos-sitis pos-sint
Pretérito Imperfeito	pot-era-m <i>eu podia</i> pot-era-s pot-era-t pot-era-mus pot-era-tis pot-era-nt	pos-sem <i>eu pudesse, poderia</i> pos-ses pos-set pos-semus pos-setis pos-sent
Futuro do Presente	pot-er-o <i>eu poderei</i> pot-eri-s pot-eri-t pot-eri-mus pot-eri-tis pot-eru-nt	
Pretérito Perfeito	potu-i <i>pude, tenho podido</i> potu-isti potu-it potu-imus potu-istis potu-erunt	potu-eri-m <i>tenha podido</i> potu-eri-s potu-eri-t potu-eri-mus potu-eri-stis potu-eri-nt
Pretérito Mais-que-Perfeito	potu-era-m <i>pudera, tinha</i> potu-era-s <i>podido</i> potu-era-t potu-era-mus potu-era-tis potu-era-nt	potu-isse-m <i>tivesse podido,</i> potu-isse-s <i>teria podido</i> potu-isse-t potu-isse-mus potu-isse-tis potu-isse-nt
Futuro do pretérito	potu-er-o <i>terei podido (tiver</i> potu-eri-s <i>podido)</i> potu-eri-t potu-eri-mus potu-eri-tis potu-eri-nt	
Imperativo	Presente es <i>sê</i> este <i>sede</i>	Futuro esto <i>sê, seja ele</i> estote <i>sede</i> sunto <i>sejam eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo
Presente Pretérito	posse <i>ser</i> potu-isse <i>ter sido</i>

Verbo fero

Ativa

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	fer-o <i>levo</i> fer-s fert-t fer-i-mus fer-tis fer-u-nt	fer-a-m <i>leve</i> fer-a-s fer-a-t fer-a-mus fer-a-tis fer-a-nt
Pretérito Imperfeito	fer-e-ba-m <i>levava</i> fer-e-ba-s fer-e-ba-t fer-e-ba-mus fer-e-ba-tis fer-e-ba-nt	fer-re-m <i>levasse, levaria</i> fer-re-s fer-re-t fer-re-mus fer-re-tis fer-re-nt
Futuro do Presente	fer-a-m <i>levarei</i> fer-e-s fer-e-t fer-e-mus fer-e-tis fer-e-nt	
Pretérito Perfeito	tul-i <i>leveí, tenbo levado</i> tul-isti tul-it tul-imus tul-istis tul-erunt	tul-eri-m <i>tenba levado</i> tul-eri-s tul-eri-t tul-eri-mus tul-eri-tis tul-eri-nt
Pretérito Mais-que-Perfeito	tul-era-m <i>levava, tinha</i> tul-era-s <i>levado</i> tul-era-t tul-era-mus tul-era-tis tul-era-nt	tul-isse-m <i>tivesse (teria)</i> tul-isse-s <i>levado</i> tul-isse-t tul-isse-mus tul-isse-tis tul-isse-nt
Futuro do pretérito	tul-er-o <i>tereí (tiver)</i> tul-eri-s <i>levado</i> tul-eri-t tul-eri-mus tul-eri-tis tul-eri-nt	
	Presente	Futuro
Imperativo	fer <i>leva</i> fer-te <i>levai</i>	fer-to <i>leva</i> fer-tote <i>levai</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio
Presente	fer-re <i>levar, trazer</i>	fer-e-ns, ntis <i>que leva</i>
Pretérito	tul-isse <i>ter levado</i>	-----
Futuro	latur-um, am, um; os, as, a esse <i>haver de levar, ir levar</i>	latur-us, a, um <i>que levará, que vai levar, que está para levar</i>
Gerúndio	-----	Supino
	gen. fer-e-nd-i <i>de levar</i>	1. la-tum <i>para ler</i>
	dat. fer-e-nd-o <i>ao levar</i>	2. la-tu <i>para ler</i>
	ac. ad fer-e-nd-um <i>para o levar</i>	
	abl. fer-e-nd-o <i>pelo levar</i>	

Passiva

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	fer-or <i>sou levado</i> fer-ris fer-tur fer-i-mur fer-i-mini fer-u-ntur	fer-a-r <i>seja levado</i> fer-a-ris fer-a-tur fer-a-mur fer-a-mini fer-a-ntur
Preterito Imperfeito	fer-e-ba-r <i>era levado</i> fer-e-ba-ris fer-e-ba-tur fer-e-ba-mur fer-e-ba-mini fer-e-ba-ntur	fer-re-r <i>fosse (seria)</i> fer-re-ris <i>levado</i> fer-re-tur fer-re-mur fer-re-mini fer-re-ntur
Futuro do Presente	fer-a-r <i>serei (for) levado</i> fer-e-ris fer-e-tur fer-e-mur fer-e-mini fer-e-ntur	
Preterito Perfeito	<i>fui levado, tenbo sido levado</i> lat-us, a, um sum, es, est lat-i, ae, a sumus, estis, sunt	<i>tenba sido levado</i> lat-us, a, um sim, sis, sit lat-i, ae, a simus, sitis, sint
Preterito Mais-que-Perfeito	<i>fora levado, tinba sido levado</i> lat-us, a, um eram, eras, erat lat-i, ae, a eramus, eratis, erant	<i>tivesse (teria) sido levado</i> lat-us, a, um essem, esses, esset lat-i, ae, a essemus, essetis, essent
Futuro do preterito	<i>tereí sido levado</i> lat-us, a, um ero, eris, erit lat-i, ae, a erimus, eritis, erunt	
Imperativo (pouco usado)	Presente fer-re <i>sê levado</i> fer-i-mini <i>sede levados</i>	

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio	Gerundivo
Presente	fer-ri <i>ser levado</i>		fer-e-nd-us, a, um <i>que deve ser levado</i>
Preterito	lat-um, am, um; os, as, a esse <i>ter sido levado</i>	lat-us, a, um <i>levado</i>	
Futuro	lat-um iri <i>haver de ser lido</i>		

Verbos compostos de fero:

ad + fero = affero, affers, attuli, allatum, afferre - trazer
ab + fero = aufero, aufers, abstuli, ablatum, auferre - tirar
con + fero = confero, confers, contuli, collatum, conferre - reunir
dis + fero = differo, differs, distuli, dilatatum, differre - diferir
ex + fero = effero, effers, extuli, elatum, efferre - levar, arrebatat
in + fero = infero, infers, intuli, illatum, inferre - levar a
ob + fero = offero, offers, obtuli, oblatum, offerre - oferecer
per + fero = perfero, perfers, pertuli, perlatum, perferre - levar até o final, trazer, narrar
prae + fero = praefero, praefers, prae-tuli, praelatum, praeferre - fornecer, mostrar, preferir
pro + fero = profero, profers, protuli, prolatum, proferre - estender, mostrar
re + fero = refero, refers, retuli (rettuli), relatum, referre - trazer de novo
referre, retulit (impess.) - importa
trans + fero = transfero, transfers, transtuli, translatum, transferre - transferir

tollo, tollis, sustuli, sublatum, tollere – levantar, criar, matar

Verbos uolo, nolo e malo

	<i>Indicativo</i>			<i>Subjuntivo</i>		
Presente	uol-o ui-s uul-t uol-u-mus uul-tis uol-u-nt	nol-o non ui-s non uul-t nol-u-mus non uul-tis nol-u-nt	mal-o maui-s mauul-t mal-u-mus mauul-tis mal-u-nt	uel-i-m uel-i-s uel-i-t uel-i-mus uel-i-tis uel-i-nt	nol-i-m nol-i-s nol-i-t nol-i-mus nol-i-tis nol-i-nt	mal-i-m mal-i-s mal-i-t mal-i-mus mal-i-tis mal-i-nt
Imperfeito	uol-e-ba-m uol-e-ba-s uol-e-ba-t uol-e-ba-mus uol-e-ba-tis uol-e-ba-nt	nol-e-ba-m nol-e-ba-s nol-e-ba-t nol-e-ba-mus nol-e-ba-tis nol-e-ba-nt	mal-e-bam mal-e-ba-s mal-e-ba-t mal-e-ba-mus mal-e-ba-tis mal-e-ba-nt	uel-le-m uel-le-s uel-le-t uel-le-mus uel-le-tis uel-le-nt	nol-le-m nol-le-s nol-le-t nol-le-mus nol-le-tis nol-le-nt	mal-le-m mal-le-s mal-le-t mal-le-mus mal-le-tis mal-le-nt
Futuro	uol-a-m uol-e-s uol-e-t uol-e-mus uol-e-tis uol-e-nt	nol-a-m nol-e-s nol-e-t nol-e-mus nol-e-tis nol-e-nt	mal-a-m mal-e-s mal-e-t mal-e-mus mal-e-tis mal-e-nt			
Perfeito	uolu-i uolu-isti uolu-it uolu-imus uolu-istis uolu-erunt	nolu-i nolu-isti nolu-it nolu-imus nolu-istis nolu-erunt	malu-i malu-isti malu-it malu-imus malu-istis malu-erunt	uolu-eri-m uolu-eri-s uolu-eri-t uolu-eri-mus uolu-eri-tis uolu-eri-nt	nolu-eri-m nolu-eri-s nolu-eri-t nolu-eri-mus nolu-eri-tis nolu-eri-nt	malu-eri-m malu-eri-s malu-eri-t malu-eri-mus malu-eri-tis malu-eri-nt
Mais-que-Perfeito	uolu-era-m uolu-era-s uolu-era-t uolu-era-mus uolu-era-tis uolu-era-nt	nolu-era-m nolu-era-s nolu-era-t nolu-era-mus nolu-era-tis nolu-era-nt	malu-era-m malu-era-s malu-era-t malu-era-mus malu-era-tis malu-era-nt	uolu-isse-m uolu-isse-s uolu-isse-t uolu-isse-mus uolu-isse-tis uolu-isse-nt	nolu-isse-m nolu-isse-s nolu-isse-t nolu-isse-mus nolu-isse-tis nolu-isse-nt	malu-isse-m malu-isse-s malu-isse-t malu-isse-mus malu-isse-tis malu-isse-nt
Futuro do pretérito	uolu-er-o uolu-eri-s uolu-eri-t uolu-eri-mus uolu-eri-tis uolu-eri-nt	nolu-er-o nolu-eri-s nolu-eri-t nolu-eri-mus nolu-eri-tis nolu-eri-nt	malu-er-o malu-eri-s malu-eri-t malu-eri-mus malu-eri-tis malu-eri-nt			

	Presente	Futuro
Imperativo	nol-i <i>não queiras</i> nol-i-te <i>não queirais</i>	nol-i-to <i>não queiras</i> nol-i-tote <i>não queirais</i>

Formas Nominais do Verbo

	Infinitivo	Particípio
Presente	uel-le, nol-le, mal-le <i>querer, não querer, preferir</i>	uol-ens, uol-entis, <i>que quer</i> nol-ens, nol-entis, <i>que não quer</i>
Perfeito	uolu-isse, nolu-isse, malu-isse <i>ter querido, não ter querido, ter preferido</i>	

Verbo eo

	<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
Presente	e-o <i>vou</i> i-s i-t i-mus i-tis e-u-nt	e-a-m <i>vá</i> e-a-s e-a-t e-a-mus e-a-tis e-a-nt
Pretérito Imperfeito	i-ba-m <i>ia</i> i-ba-s i-ba-t i-ba-mus i-ba-tis i-ba-nt	i-re-m <i>fosse</i> i-re-s i-re-t i-re-mus i-re-tis i-re-nt
Futuro do Presente	i-b-o <i>irei</i> i-b-is i-b-it i-b-imus i-b-itis i-b-unt	
Pretérito Perfeito	i-i <i>fui</i> isti i-it i-imus istis i-erunt	i-eri-m <i>tenha ido</i> i-eri-s i-eri-t i-eri-mus i-eri-tis i-eri-nt
Pretérito Mais-que-Perfeito	i-era-m <i>fora, tinha ido</i> i-era-s i-era-t i-era-mus i-era-tis i-era-nt	isse-m <i>tivesse (teria) ido</i> isse-s isse-t isse-mus isse-tis isse-nt
Futuro do pretérito	i-er-o <i>terei ido</i> i-eri-s i-eri-t i-eri-mus i-eri-tis i-eri-nt	
	Presente	Futuro
Imperativo	i <i>vai</i> i-te <i>ide</i>	i-to <i>vai</i> i-tote <i>ide</i> eu-nto <i>não eles</i>

Formas Nominais do Verbo

	<i>Infinitivo</i>	<i>Particípio</i>
Presente Perfeito Futuro	i-re <i>ir</i> isse <i>ter ido</i> i-tur-um, am, um esse <i>haver de ir</i>	ie-ns, eu-ntis <i>que vai</i> ----- i-tur-us, a, um <i>que irá</i>
	<i>Gerúndio</i> ----- gen. eu-nd-i <i>de ir</i> dat. eu-nd-o <i>ao ir</i> ac. ad eu-nd-um <i>para ir</i> abl. eu-nd-o <i>pelo ir</i>	

Tabela de declinações

	1ª declinação		2ª declinação	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	<i>-a</i>	<i>-ae</i>	<i>-us, -er, -ir/ -um</i>	<i>-i/-a</i>
Gen.	<i>-ae</i>	<i>-arum</i>	<i>-i</i>	<i>-orum</i>
Acus.	<i>-am</i>	<i>-as</i>	<i>-um</i>	<i>-os/-a</i>
Dat.	<i>-ae</i>	<i>-is</i>	<i>-o</i>	<i>-is</i>
Abl.	<i>-a</i>	<i>-is</i>	<i>-o</i>	<i>-is</i>
Voc.	<i>-a</i>	<i>-ae</i>	<i>-e, -er, -ir/ -um</i>	<i>-i/-a</i>

	3ª declinação		4ª declinação	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	<i>variável</i>	<i>-es/ -a/ -ia</i>	<i>-us/ -u</i>	<i>-us/ -ua</i>
Gen.	<i>-is</i>	<i>-um/ -ium</i>	<i>-us</i>	<i>-uum</i>
Acus.	<i>-em/ -im</i>	<i>-es/ -is/ -a/ -ia</i>	<i>-um/ -u</i>	<i>-us/ -ua</i>
Dat.	<i>-i</i>	<i>-ibus</i>	<i>-ui/ -u</i>	<i>-ibus</i>
Abl.	<i>-e/ -i</i>	<i>-ibus</i>	<i>-u</i>	<i>-ibus</i>
Voc.	<i>variável</i>	<i>-es/ -is/ -a/ -ia</i>	<i>-us/ -u</i>	<i>-us/ -ua</i>

	5ª declinação	
	Singular	Plural
Nominativo	<i>-es</i>	<i>-es</i>
Genitivo	<i>-ei</i>	<i>-erum</i>
Acusativo	<i>-em</i>	<i>-es</i>
Dativo	<i>-ei</i>	<i>-ebus</i>
Ablativo	<i>-e</i>	<i>-ebus</i>
Vocativo	<i>-es</i>	<i>-es</i>